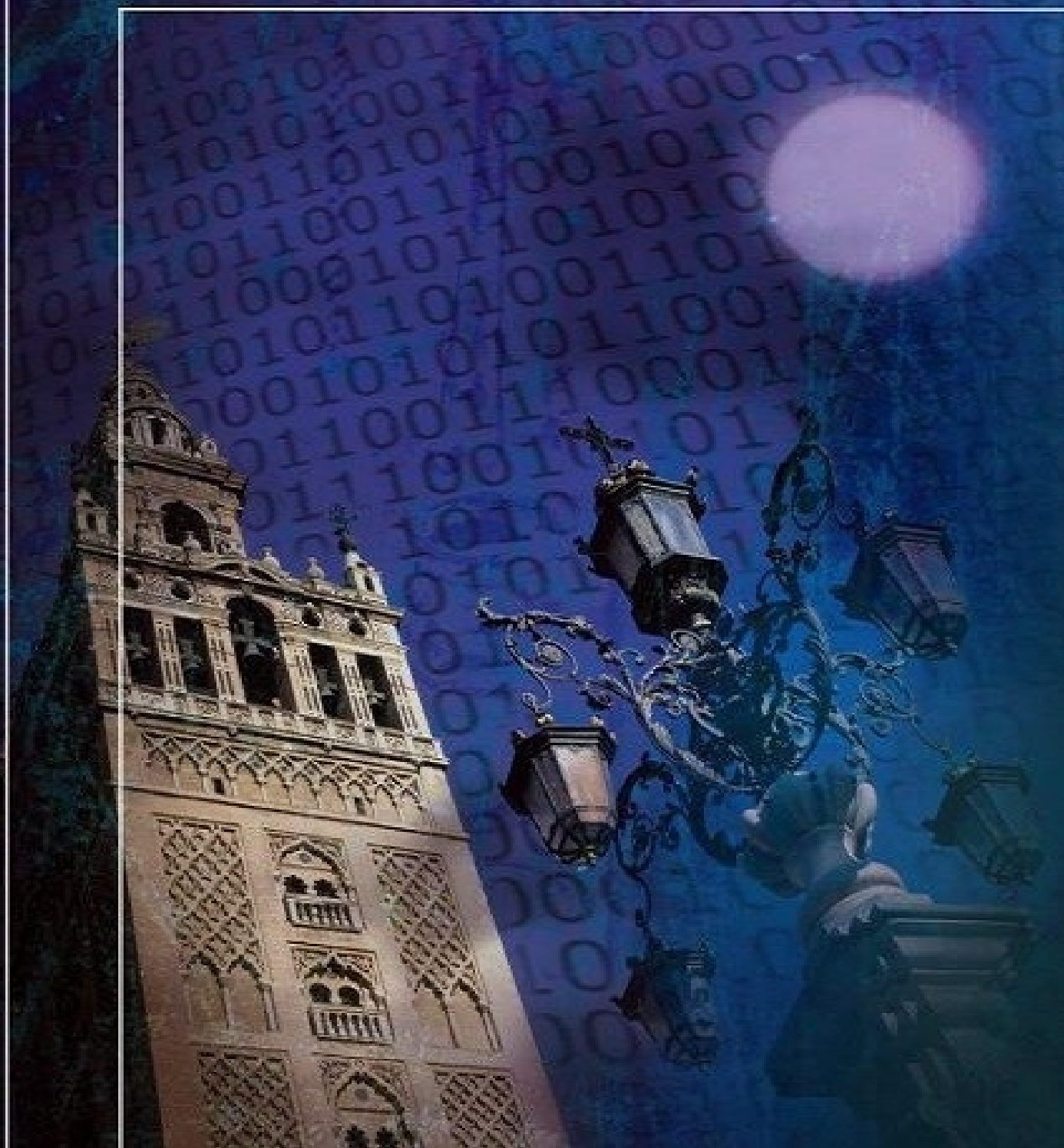


ALFAGUARA

A Pele do Tambor

Arturo Pérez-Reverte



A PELE DO TAMBOR

Arturo Pérez—Reverte

Martins Fontes
São Paulo
1997

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O pirata informático infiltrou—se no sistema central do Vaticano onze minutos antes da meia—noite. Trinta e cinco segundos depois, um dos computadores conectados a rede principal deu o alarma. Foi apenas uma piscada na tela do monitor, anunciando a colocação automática em funcionamento do controle de segurança ante uma intromissão externa. Depois as letras HK apareceram num canto da tela, e o funcionário de guarda, um jesuíta que naquele momento trabalhava na introdução de dados relativos ao último censo do Estado Pontifício, pegou o telefone para avisar o chefe de serviço.

— Temos um hacker — anunciou.

Abotoando a batina, o padre Ignacio Arregui, outro jesuíta saiu para o corredor a fim de percorrer os cinquenta metros até a sala dos computadores. Era ossudo e magro, com sapatos que rangiam sob os afrescos na penumbra. Enquanto caminhava lançou um olhar através das janelas, para a deserta Via da Tipografia e para a fachada escura do palácio Belvedere, e resmungou discretamente, entre os dentes. Seu mau humor provinha muito mais de ter sido despertado enquanto dava um cochilo do que do aparecimento do intruso. As incursões de intrusos eram freqüentes, mas inofensivas. Costumavam limitar—se ao perímetro de segurança externo, deixando leves marcas de sua passagem: mensagens ou pequenos vírus. Os piratas informáticos — hackers no jargão técnico — gostavam que os outros soubessem que tinham passado por ali. Em geral eram garotos muito jovens, que adoravam viajar através das linhas telefônicas explorando os sistemas alheios em busca do ainda mais difícil. Para os fanáticos do chip, adeptos da alta tecnologia, arriscar a sorte no Chase Manhattan Bank, no Pentágono ou no Vaticano, sempre era uma aventura excitante.

O funcionário de guarda era o padre Coeey, outro jesuíta irlandês, jovem e gordo, que usava óculos. Franziu o cenho com preocupação, inclinado sobre as teclas de seu computador atrás do rasto informático do pirata. Quando chegou ao lado dele, o padre Arregui viu que erguia os olhos com expressão de alívio. A luz de seu abajur de trabalho clareava—lhe a parte inferior do rosto.

— Não imagina quanto me alegra vê—lo, padre.

O superior postou—se de um lado, apoiando as mãos sob a luz na mesa, atento à tela, onde piscavam ícones em azul e vermelho. O sistema de busca automática mantinha contato permanente com o sinal do intruso.

— É grave?

— Pode ser.

Só uma vez nos dois últimos anos tinha sido grave, quando um pirata conseguiu infiltrar um vírus informático na rede vaticana. Os vírus eram arquivos destinados a se multiplicar no espaço do sistema até travá—lo, e naquele caso limpar a rede e reparar os danos foi história de meio milhão de dólares. Identificado após uma longa e complexa busca, descobriu—se que o pirata era um rapazola de dezesseis anos, residente num pequeno povoado da costa holandesa. Outras tentativas sérias de infiltrar vírus ou programas assassinos haviam sido abortadas logo em seu início: um jovem mórmon de Salt Lake City, uma sociedade integrista islâmica com sede em Istambul, um padre maluco, inimigo do celibato, que de noite utilizava o computador do manicômio. O padre, um francês, manteve—os em xeque um mês e meio, e só conseguiram neutralizá—lo quando tinha infectado quarenta e dois arquivos com um vírus que travava as telas mediante insultos em latim.

O padre Arregui pôs um dedo no cursor que piscava em vermelho:

— É o nosso racker? —É.

— Que nome lhe deu?

Sempre davam um nome a cada um, para efeito de identificação e acompanhamento; muitos eram

velhos conhecidos. O padre Cooley apontou para uma linha no canto inferior direito da tela:

— Vésperas, por ora. Foi o primeiro que me ocorreu.

No monitor apagaram—se uns arquivos e acenderam-se outros. Cooley fitou—os com atenção, depois levou o cursor do mouse até um deles e clicou duas vezes. Agora que tinha por perto um superior em quem podia descarregar a responsabilidade, sua atitude era diferente: mais relaxada e de expectativa. Para um veterano da informática, e aquele jovem o era, a atuação de um pirata sempre supunha um desafio profissional.

— Faz dez minutos que está aí — disse, e o padre Arregui acreditou perceber um eco de admiração contida.

— A princípio, limitou—se a percorrer as diversas entradas, explorando. De repente, entrou. Já conhecia o caminho; sem dúvida nos visitou antes.

— Quais as intenções dele? Cooley encolheu os ombros.

— Não sei. Mas trabalha bem e rápido, com um sistema triplo para iludir nossas defesas: começa experimentando permutações simples de nomes de usuário conhecidos, depois nomes de nosso próprio dicionário e uma lista de 432 contra—senhas. — Ao chegar a esse ponto, o jesuíta torceu levemente a boca, como para reprimir um sorriso inoportuno. — Agora está explorando as entradas para o INMAVAT.

Inquieto, o padre Arregui tamborilou com as unhas sobre um dos manuais técnicos que cobriam a mesa. O INMAVAT era uma lista reservada de altos cargos da Cúria vaticana.

Só se entrava nela mediante uma chave pessoal e secreta.

— Scanner de seguimento? — sugeriu.

Cooley apontava com o queixo a tela de outro monitor ligado na mesa contígua. Já pensei nessa hipótese, dizia o gesto. Conectado com a polícia e com a rede telefônica vaticana, aquele sistema registrava todos os dados relativos ao sinal do infiltrado; dispunha até de uma armadilha para hackers, uma série de percursos chamarizes em cujos meandros os intrusos se demoravam, deixando pistas que permitiam sua localização e identificação.

— Não conseguimos grande coisa — opinou Cooley ao cabo de alguns instantes. — Vésperas disfarçou seu ponto de entrada no sistema pulando por diversas redes telefônicas.

Cada vez que faz um laço através de uma delas, é preciso rastreá—la até o comutador de entrada... Teria de ficar muito tempo para conseguirmos algo. E, apesar disso, se o que pretende é causar algum estrago, vai causar.

— Que outra coisa pode querer?

Não sei. — A careta entre curiosa e divertida voltou a se insinuar na boca do jovem, desvanecendo—se mal ergueu a cabeça. — Às vezes contentam—se com xeretar, ou deixam uma mensagem. Sabe, O capitão Zap passou por aqui, ou coisa do gênero. — Fez uma pausa, observando o monitor. — Mas este se dá muito trabalho para um simples passeio.

O padre Arregui assentiu duas vezes, enquanto seguia, absorto, as incidências do sinal na tela. Depois pareceu voltar a si, olhou para o telefone iluminado no cone de luz do abajur e fez o gesto de estender a mão para o fone; mas deteve—se no meio do caminho.

— Acha que vai entrar no INMAVAT?

Cooley apontou para a tela de seu computador.

— Acaba de entrar — disse.

— Deus do céu!

Agora o cursor vermelho piscava a toda velocidade, percorrendo rapidamente uma longa série de arquivos que desfilavam pela tela.

— É dos bons — disse Cooley, já sem dissimular sua admiração — Deus me perdoe, mas este hacker

é muito bom — Fez uma pausa e sorriu. — Danado de bom.

Tinha esquecido o teclado e, de cotovelos sobre a mesa, observava. A lista de acesso restrito estava diante de seus olhos, a descoberto. Oitenta e quatro cardeais e altos funcionários, cada um representado por seu respectivo código. O cursor percorreu a lista de alto a baixo, duas vezes, depois parou com uma piscada na linha marcada V01A.

— Ah! Maldito! — murmurou o padre Arregui.

O registro de transferência indicava um aumento progressivo na memória interna; isso indicava que o intruso tinha arrombado a chave de segurança e infiltrava um arquivo pirata no sistema.

— Quem é V01A — perguntou Cooley.

Não obteve resposta imediata Desabotoando o colarinho redondo da batina, o padre Arregui passou a mão pela nuca e olhou de novo, incrédulo, para a tela do monitor. Depois pegou o telefone bem devagar e, após hesitar ainda um instante, compôs o número de urgência da secretaria do Palácio Apostólico. A campainha soou sete vezes antes que uma voz respondesse em italiano. Então o padre Arregui limpou a garganta e informou que um intruso entrara no computador pessoal do Santo Padre.

I. O homem de Roma

Por alguma razão leva a espada É o agente de Deus
(Bernardo de Clairvaux - Elogio da milícia templãna)

Foi no começo de maio que Lorenzo Quart recebeu a ordem que iria levá-lo a Sevilha. Uma borrasca se deslocava para o Mediterrâneo oriental e a frente de chuvas desabava sobre a Praça de São Pedro em Roma, de modo que Quart teve de caminhar em semicírculo, protegendo-se da água sob a colunata de Bernini. Quando se aproximava da Porta de Bronze, verificou que a sentinela, recortada com sua alabarda na penumbra do corredor de mármore e granito, dispunha-se a identificá-lo. O guarda era um suíço grande e forte, de crânio raspado sob a boina preta do uniforme renascentista de listras vermelhas, amarelas e azuis, e Quart viu que ele observava com curiosidade o impecável corte de seu terno escuro, combinando com a camisa de seda preta de gola romana e os sapatos de pele fina e também preta, costurados à mão. Nada a ver, dizia aquele olhar, com os cinzentos bagarozzi, os funcionários da complexa burocracia vaticana que passavam por ali todos os dias. Mas também não era, como se podia ler nos desconcertados olhos claros do suíço, um aristocrata da Cúria: um daqueles prelados e monsenhores que, no mais discreto dos casos, ostentavam uma cruz, um galão de púrpura ou um anel. Estes não chegavam a pé sob a chuva, mas entravam no Palácio Apostólico por outra porta, a de Sant'Anna, a bordo de confortáveis automóveis com motorista. Além do mais, o homem que se detinha cortês diante da sentinela e tirava do bolso uma carteira de pelica, procurando sua identificação entre diversos cartões de crédito, era jovem demais para a mitra, apesar do cabelo povoado de fios grisalhos, que trazia curto, como o de um militar.

Muito alto, magro, tranqüilo, seguro de si, observou o suíço com olho de profissional. Mãos de unhas cuidadas, relógio de mostrador branco, abotoaduras de prata de desenho simples. Deu-lhe no máximo quarenta anos.

— Guten Morgen. Wie ist der Dienst gewesen?

Não foi o cumprimento, formulado em perfeito alemão, que fez a sentinela aprumar-se e endireitar a alabarda, mas as siglas IOE junto da tiara e das chaves de São Pedro no canto superior direito do documento de identidade que o recém-chegado lhe mostrava. O Instituto para as Obras Exteriores

figurava no grosso volume vermelho do Anuário Pontifício como uma dependência da Secretaria de Estado; mas até o mais bisonho recruta da Guarda Suíça sabia que, durante séculos, o Instituto funcionara como o braço executor do Santo Ofício, e agora coordenava todas as atividades secretas dos Serviços de Informação do Vaticano. Os membros da Cúria, mestres na arte do eufemismo, costumavam referir—se a ele como A Mão Esquerda de Deus. Outros limitavam—se a chamá—lo — nunca em voz alta — Departamento de Assuntos Sujos.

— Kommen Sie herein.

— Danke.

Deixando para trás a sentinela, Quart atravessou a velha Porta de Bronze para se dirigir à direita, passou diante das amplas escadarias da Scala Regia e, depois de parar na mesa de credenciais, subiu de dois em dois os degraus de uma ressoante escada de mármore, em cujo fim, atrás da vidraça vigiada por outra sentinela, se abria o pátio de São Damásio Caizou em diagonal em meio à chuva, observado por mais guardas que, envergando capas azuis, vigiavam cada porta do Palácio Apostólico.

Subindo por outra curta escada, deteve—se no penúltimo degrau, ante uma porta, junto da qual estava aparafusada uma discreta placa metálica Istitutoper le Opere Estenori Tirou então um lenço de papel do bolso para secar as gotas d'água do rosto Depois, inclinando—se sobre os sapatos, utilizou—o para eliminar os restos de chuva, fez com ele uma pequena bola e jogou—o num cinzeiro de latão que havia junto da porta, antes de verificar o estado dos punhos negros da sua camisa, esticar o paletó e tocar a campainha Ao contrário de outros sacerdotes, Lorenzo Quart tinha perfeita consciência de sua fraqueza no que concernia a virtudes mais ou menos teológicas: a caridade ou a compaixão, por exemplo, não eram seu forte. Tampouco a humildade, apesar de sua natureza disciplinada. Carecia de tudo isso, mas não de minúcia, ou rigor; e isso o tornava valioso para seus superiores Como sabiam os que o aguardavam atrás daquela porta, o padre Quart era preciso e confiável como um canivete suíço.

Faltava luz no edifício, e a única que entrava no escritório era a claridade acinzentada de uma janela aberta para os jardins do Belvedere. Enquanto o secretário fechava a porta às suas costas, Quart deu cinco passos depois de cruzar o umbral e parou no centro exato da sala, entre o ambiente familiar das paredes, onde estantes com livros e arquivos de madeira ocultavam parte dos

mapas pintados em afresco por Antônio Danti. sob o pontificado de Gregório XIII: o mar Adriático, o Tirreno e o Jônico. Depois, ignorando a silhueta que se recortava contra a luz da janela, dirigiu uma breve inclinação de cabeça para o homem sentado atrás de uma grande mesa coberta de pastas com documentos.

— Monsenhor — disse. O arcebispo Paolo Spada, diretor do Instituto para as Obras Exteriores, devolveu—lhe um silencioso e cúmplice sorriso. Era um lombardo forte, maciço, quase quadrado, com ombros poderosos sob o traje negro de três peças, que usava sem distintivo algum de sua hierarquia eclesiástica. A cabeça pesada e o pescoço largo faziam—no " parecer um caminhoneiro, um lutador ou — talvez fosse mais apropriado em Roma — um gladiador veterano que tivesse trocado a espada curta e o capacete de mirmilão pelo hábito escuro da Igreja. Reforçavam esse aspecto os cabelos ainda pretos e duros como cerdas ásperas, e as mãos enormes, quase desproporcionais, sem anel arquiépiscopal, que nesse momento brincavam com um corta—papel de bronze em forma de adaga. Com ele apontou para a silhueta da janela:

— Conhece o cardeal Iwaszkiewicz, suponho.

Só então Quart olhou para a sua direita e cumprimentou a silhueta imóvel. É claro que conhecia Sua Eminência Jerzy Iwaszkiewicz, bispo de Cracóvia, promovido à púrpura cardinalícia por seu compatriota, o papa Wbjtila, e prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, conhecida até 1965 sob o nome de Santo Ofício, ou Inquisição.

Inclusive como silhueta magra e escura em contraluz, Iwaszkiewicz e o que representava eram inconfundíveis.

— Laudeatur Jesus Christus, Eminência.

O diretor do Santo Ofício não respondeu à saudação, permanecendo quieto e em silêncio. Foi a voz rouca de monsenhor Spada que interveio:

— Sente—se, se quiser, padre Quart. Esta é uma reunião oficiosa e Sua Eminência prefere ficar de pé.

Utilizara o termo italiano *ufficiosa*, e Quart captou a nuance. Em linguagem vaticana, a diferença entre o *ufficiale* e o *ufficioso* era importante. Este último tinha o caráter especial do que se pensava diante do que se dizia, inclusive do que se chegava a dizer, embora nunca se admitisse tê—lo dito. Mesmo assim, Quart olhou para a cadeira que, com outro movimento do corta—papel, o arcebispo lhe oferecia, e recusou suavemente com a cabeça antes de cruzar as mãos nas costas, enquanto aguardava de pé no centro da sala, com ar relaxado e tranqüilo, como um soldado atento a qualquer ordem.

Monsenhor Spada fitou—o com aprovação, semicerrados seus olhos astutos, cujo branco era sulcado por estrias marrons semelhantes às de um cachorro velho. Aqueles olhos, aliados à aparência maciça e ao cabelo de fios duros como cerdas, tinham lhe valido um apelido — Mastim —, que só ousavam empregar, em voz adequadamente baixa, os mais destacados e seguros membros da Cúria.

— É um prazer vê—lo novamente, padre Quart. Já faz algum tempo.

Dois meses, recordava—se Quart. E, naquela ocasião, também foram três os presentes no escritório: eles dois e um conhecido banqueiro, Renzo Lupara, presidente do Banco Continental da Itália, uma das entidades vinculadas ao aparelho financeiro do Vaticano. Lupara, apurado, bem—apessoado, de imaculada moral pública e feliz pai de família, abençoado pelo céu com uma bela esposa e quatro filhos, fizera fortuna utilizando a cobertura bancária vaticana para realizar a evasão de dinheiro de empresários e políticos membros da loja Aurora 7, à qual pertencia com grau 33. Aquele era exatamente o tipo de assuntos mundanos que requeriam a especialização de Lorenzo Quart, de modo que, por seis meses, ele OCUPOU—SE de seguir as marcas que Lupara havia deixado no carpete de certos escritórios de Zurique, Gibraltar e Saint—Barthélemy, nas Antilhas. O fruto dessas viagens foi um dossiê completo, que, aberto em cima da mesa do diretor do IOE, colocou o banqueiro diante da alternativa do xadrez ou um discreto exitus, que deixasse a salvo o bom nome do Banco Continental, do Vaticano e, se possível, da mulher e dos quatro rebentos de Lupara. Ali, no escritório do arcebispo, com os olhos perdidos no afresco que representava o mar Tirreno, o banqueiro tinha captado a essência da mensagem — que monsenhor Spada colocou com muito tato, apoiando—se na parábola do mau servo e dos talentos. Depois, apesar da saudável advertência técnica de que um maçom não arrependido sempre morre em pecado mortal, Lupara fora diretamente para uma bela vitta que possuía em Capri, em frente ao mar, para cair, ao que parece inconfesso, pela balastrada de um terraço que dava para o despenhadeiro; no mesmo lugar em que, conforme rezava a correspondente placa comemorativa, certa vez Curzio Malaparte tomara um vermute.

— Há um assunto adequado para o senhor.

Quart continuou aguardando imóvel no centro da sala, atento às palavras de seu superior, enquanto sentia o invisível olhar de Iwaszkiewicz, da sombria contraluz da janela. Nos dez últimos anos, o arcebispo sempre tivera um assunto adequado para o sacerdote Lorenzo Quart; e todos eles estavam assinalados com nomes e datas Europa Central, América hispânica, ex—Iugoslávia — na agenda de couro com capa preta que era seu livro de viagem: uma espécie de diário de bordo em que registrava, dia a dia, o longo caminho percorrido desde a adoção da nacionalidade vaticana e de seu ingresso na seção operacional do Instituto para as Obras Exteriores.

— Olhe isto.

O diretor do IOE segurava no alto, entre o polegar e o indicador, uma folha de papel impressa em computador. Quart estendeu a mão e, nesse momento, a silhueta do cardeal Iwaszkiewicz moveu—se, inquieta, na janela. Ainda com a folha na mão, monsenhor Spada esboçou um meio sorriso.

— Sua Eminência considera que é um tema delicado — disse, sem afastar os olhos de Quart, conquanto fosse evidente que suas palavras eram destinadas ao cardeal. E não está convencido de que seja prudente ampliar o número de iniciados.

Quart retirou a mão sem pegar o documento que monsenhor Spada continuava lhe oferecendo, e fitou

o superior com ar tranqüilo, aguardando.

— Naturalmente — acrescentou Spada, cujo sorriso se refugiava agora em seus olhos —, Sua Eminência está longe de conhecer o senhor como eu conheço.

Quart fez um leve gesto de assentimento e esperou sem formular perguntas nem mostrar impaciência. Então monsenhor Spada voltou—se para o cardeal Iwaszkiewicz:

—Já lhe disse que era um bom soldado.

Sobreveio um silêncio, enquanto a silhueta permanecia imóvel, recortada contra o céu nublado e a chuva que caía sobre o jardim do Belvedere. Depois o cardeal se afastou da janela e a claridade cinzenta, diagonal, deslizou sobre seu ombro para revelar uma mandíbula ossuda, a gola púrpura da batina, o reflexo de uma caiz de ouro sobre o peito, o anel pastoral na mão que, dirigida para monsenhor Spada, colhia o documento e o entregava, ela mesma, a Lorenzo Quart.

— Leia.

Quart obedeceu à ordem, formulada num italiano gutural com ressonâncias polonesas. A folha de papel contínuo trazia um memorando em poucas linhas:

Santo Padre:

Este atrevimento se justifica pela gravidade da matéria. Às vezes o trono de Pedro está longe demais e as vozes humildes não chegam até ele. Há um lugar na Espanha, em Sevilha, onde os mercadores ameaçam a casa de Deus e onde uma pequena igreja do século XVII, desamparada tanto pelo poder eclesiástico como pelo poder secular, mata para se defender. Rogo a Vossa Santidade, como pastore como padre, que volte os olhos para as mais humildes ovelhas de seu rebanho e peça contas a quem as abandona à sua sorte.

Suplicando vossa bênção, em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor.

— Apareceu no computador pessoal do Papa — esclareceu monsenhor Spada, quando seu subordinado concluiu a leitura. — Sem assinatura.

— Sem assinatura — repetiu Quart, mecanicamente. Costumava repetir em voz alta algumas palavras, do mesmo modo que os timoneiros e suboficiais repetem as ordens dos superiores; como se, ao fazê—lo, concedesse a si próprio e aos demais uma oportunidade para refletir sobre elas. Em seu mundo, algumas palavras equivaliam a ordens. E certas ordens, às vezes apenas uma inflexão, um matiz, um sorriso, podiam ser irreparáveis.

O intruso — estava dizendo o arcebispo — utilizou truques para dissimular o ponto exato de origem. Mas a investigação confirma que a mensagem foi escrita em Sevilha, com um computador ligado à rede telefônica.

Quart leu pela segunda vez o papel, dando—se tempo.

— Fala de uma igreja... — interrompeu—se, à espera de que alguém completasse a frase por ele. Soava tolo demais dito em voz alta.

— Sim — confirmou monsenhor Spada —, uma igreja que mata para se defender.

— Uma atrocidade — comentou Iwaszkiewicz, sem á precisar se se referia ao conceito ou ao objeto.

— Como quer que seja — acrescentou o arcebispo —, confirmamos sua existência. Refiro—me à igreja. — Dirigiu um olhar fugaz ao cardeal antes de passar um dedo pelo fio do corta—papel. — E comprovamos também uns tantos acontecimentos irregulares e desagradáveis.

Quart pôs o documento em cima da mesa do arcebispo, mas este não o tocou, limitando—se a fitá—lo como se tal ato pudesse acarretar duvidosas conseqüências.

Então o cardeal Iwaszkiewicz se aproximou para pegar o papel e, depois de dobrá—lo em quatro,

enfiou—o num bolso. Em seguida, encarou Quart:

— Queremos que viaje a Sevilha e identifique o autor. Estava muito próximo, e aquela proximidade desagradou a Quart, que quase podia sentir seu hálito. Sustentou seu olhar alguns segundos e, depois, fazendo um esforço de vontade para não dar um passo atrás, fitou monsenhor Spada por cima do ombro do cardeal, para ver que ele sorria breve e ligeiramente, agradecendo—lhe por aquele modo de estabelecer sua lealdade ao escalão hierárquico.

— Quando Sua Eminência fala no plural — esclareceu o arcebispo de sua cadeira —, refere—se, é claro, a ele e a mim. E, acima de nós, à vontade do Santo Padre.

— Que é a vontade de Deus — matizou Iwaszkiewicz, ♦ ' ' quase provocador, mantendo a curta distância e as pupilas negras, duras, fixas em Quart. "

— Que é, de fato, a vontade de Deus — confirmou monsenhor Spada, sem que fosse possível detectar em seu tom qualquer indício de ironia. Apesar de seu poder, o diretor do IOE conhecia perfeitamente os limites, e seu olhar era uma advertência ao subordinado: ambos se moviam em águas perigosas.

— Compreendo — disse Quart e, encarando de novo os olhos do cardeal, fez uma breve e disciplinada inclinação. Iwaszkiewicz pareceu relaxar um pouco, enquanto às suas costas monsenhor Spada movia a cabeça, aprovador:

— Já lhe disse que o padre Quart...

O polonês levantou, para interromper o arcebispo, a mão em que luzia o anel cardinalício.

— Sim, eu sei. — Fitou pela última vez o sacerdote e deixou de interpor—se entre ambos, indo de novo para a janela. — Já disse e repetiu. Disse que era um bom soldado.

Falara com irônico fastio, e pôs—se a olhar a chuva como se se desinteressasse pelo assunto. Monsenhor Spada deixou o corta—papel em cima da mesa para abrir uma caixa, da qual tirou uma grossa pasta de cartolina azul.

— Identificar o autor da carta é apenas parte do trabalho — disse enquanto punha a pasta diante de si. ...Que deduziu de sua leitura?

— Que pode ter sido escrita por um eclesiástico respondeu Quart, sem hesitar. Depois fez uma pausa, antes de acrescentar: — E que talvez esteja louco varrido.

— É possível. — Monsenhor Spada abriu a pasta, folheando um dossiê que continha recortes de jornal. Mas é um especialista em informática e os fatos que cita são autênticos. Essa igreja tem problemas. E também os causa. As mortes são reais: duas nos últimos três meses. Tudo isso cheira a escândalo.

— Cheira a algo pior — disse o cardeal, sem se voltar, de novo a silhueta recortada na contraluz cinzenta.

— Sua Eminência — esclareceu o diretor do IOE — é partidário de que o Santo Ofício se encarregue do assunto. — Fez uma pausa significativa. — No velho estilo.

— No velho estilo — repetiu Quart. No que concerne à Congregação para a Doutrina da Fé, não lhe agradava nem o velho nem o novo estilo, e isso também por conta de suas próprias recordações. Por um instante entreviu, num canto de sua memória, o rosto de um sacerdote brasileiro, Nelson Corona: um padre das favelas, um daqueles homens da Igreja da Libertação, para cujo caixão ele fornecera a madeira.

— Nosso problema — prosseguia monsenhor Spada — é que o Santo Padre deseja um inquérito em regra. Mas meter o Santo Ofício nisso lhe parece excessivo. Matar moscas com canhão. — Fez uma pausa calculada, olhando fixamente Iwaszkiewicz — Ou com lança—chamas.

— Já não queimamos ninguém — ouviram o cardeal dizer como se falasse com a chuva. Parecia lamentar que assim fosse.

— De qualquer modo — continuou o arcebispo —, ficou decidido que, por enquanto — acentuou o por enquanto de forma significativa —, o Instituto para as Obras exteriores é que realizará a

investigação, ou seja, o senhor. E só em caso de haver indícios de gravidade é que o problema será transferido para o braço oficial da Inquisição.

— Recordo—lhe, irmão em Cristo — o cardeal continuava de costas para eles, voltado para o Belvedere —, que a Inquisição deixou de existir faz trinta anos.

— É verdade, que Vossa Paternidade me desculpe. Eu quis dizer: transferir o problema para o braço oficial da congregação para a Doutrina da Fé.

— Já não queimamos ninguém — repetiu Iwaszkiewicz, obstinado. Agora havia em sua voz um eco obscuro, um presságio de ameaça.

Monsenhor Spada guardou silêncio por uns segundos, sem afastar os olhos de Quart. Já não queimam ninguém, mas soltam os cães negros, dizia o olhar. Acossam, desprestigiam e matam em vida. Já não queimam ninguém, mas cuidado com ele. Esse polonês é perigoso para você e para mim; e dos dois você é o mais vulnerável.

— O senhor, padre Quart — desta vez, ao falar de novo, o diretor do IOE adotou um tom cuidadoso e formal —, irá se estabelecer por alguns dias em Sevilha... Fará o possível para identificar o autor da carta. Manterá prudente contato com a autoridade eclesiástica local. E, sobretudo, conduzirá o caso por canais discretos e razoáveis. — Colocou outro dossiê sobre o anterior. — Aqui está toda a informação de que dispomos. Alguma pergunta?

— Uma só, monsenhor.

— Pois faça.

— O mundo está cheio de igrejas com problemas e escândalos em potencial. O que esta tem de especial?

O arcebispo dirigiu um olhar para as costas do cardeal Iwaszkiewicz, mas o inquisidor se mantinha em silêncio. Depois se inclinou um pouco sobre as pastas da mesa, como se buscasse nelas uma revelação de última hora.

— Suponho — disse por fim — que o pirata informático se deu muito trabalho, e o Santo Padre soube apreciá—lo.

— Apreciá—lo soa excessivo — observou Iwaszkiewicz, distante.

Monsenhor Spada deu de ombros:

— Digamos, então, que Sua Santidade decidiu distingui—lo com uma atenção pessoal

— Apesar de sua insolência e de sua ousadia — tornou a comentar o polonês.

— Apesar disso tudo — concluiu o arcebispo. — Por alguma razão, essa mensagem em seu computador privado espicaça sua curiosidade. Quer manter—se informado.

— Manter—se informado — repetiu Quart.

— Pontualmente.

— Uma vez em Sevilha, devo consultar também a autoridade eclesiástica local?

O cardeal Iwaszkiewicz voltou—se para ele:

— Sua única autoridade nesse assunto é monsenhor Spada.

Nesse momento a força voltou e o grande lustre do teto iluminou a sala, arrancando reflexos da cruz de diamantes e do anel na mão que apontava para o diretor do IOE:

— O senhor deverá informar a ele E somente a ele. A luz elétrica suavizava um pouco os ângulos de seu rosto, matizando a linha fina e obstinada dos lábios estreitos, duros. Uma dessas bocas que em toda a vida não beijaram mais que paramentos, pedra e metal. Quart fez um gesto afirmativo:

— Somente a ele, Eminência. Mas a diocese de Sevilha tem seu ordinário, que é um arcebispo. Quais são minhas instruções a esse respeito?

Iwaszkiewicz enlaçou as mãos sob a cruz de ouro, olhando para as unhas dos polegares:

— Todos somos irmãos em Cristo Nosso Senhor. De modo que são desejáveis relações fluidas, e até cooperarão. Mas o senhor gozará lá de dispensa no que toca à obediência A Nunciatura de Madri e o arcebispado local receberam instruções.

Quart voltou—se para monsenhor Spada antes de responder ao cardeal:

— Talvez Sua Paternidade ignore que não gozo das simpatias do arcebispo de Sevilha ..

Era verdade. Dois anos antes, uma questão de competência sobre a segurança da viagem papal à capital andaluza provocara um áspero choque entre Quart e Sua Ilustríssima dom Aquilino Corvo, titular da sé sevilhana. Apesar do tempo transcorrido, as ondas daquela ressaca ainda rebentavam ..

Conhecemos seus problemas com monsenhor Corvo disse Iwaszkiewicz. — Mas o arcebispo é homem de igreja e saberá colocar o bem superior acima de suas antipatias pessoais

— Todos estamos na nave de Pedro — permitiu—se dizer monsenhor Spada, e Quart compreendeu que, apesar do perigo implícito em jogar à mesma mesa de Iwaszkiewicz, o IOE tinha boas cartas naquela história. Ajude—me a jogá—las, diziam os olhos do superior.

— O arcebispo de Sevilha foi posto a par, por cortesia — comentou o polonês. — Mas o senhor tem plena independência para obter todas as informações necessárias, utilizando quaisquer recursos.

— Legítimos, claro — observou de novo monsenhor Spada.

Quart esforçou—se para não deixar escapar um sorriso. Iwaszkiewicz fitava—os alternadamente.

— Isso mesmo — disse ao cabo de um instante. — Legítimos, claro.

Havia erguido a mão do anel para tocar uma sobrancelha e o gesto, em aparência inocente, parecia conter uma advertência. Tenham cuidado com suas brincadeiras de clube escolar, insinuava. Ri melhor quem ri por último, e eu não tenho pressa. Uma só escorregadela e estarão em minhas mãos.

— O senhor, padre Quart — prosseguiu o cardeal —, deve ter presente que sua missão é apenas informativa. De modo que manterá uma neutralidade impecável. Mais tarde, conforme o material que nos apresentar, disporemos ações concretas. Por enquanto, não obstante o que vier a encontrar lá, evite qualquer publicidade, qualquer escândalo.

Com a ajuda de Deus, naturalmente. — Fez uma pausa para observar o afresco do mar Tirreno e mexeu a cabeça, como se lesse nele uma mensagem oculta. ... Lembre—se de que nos tempos que correm nem sempre a verdade nos liberta. Refiro—me à verdade que vem a público.

Estendeu a mão do anel com gesto imperioso, brusco, a linha dos lábios cerrada e os olhos escuros e ameaçadores fixos em Quart. Mas este era um bom soldado que escolhia seus amos, de modo que aguardou justo um segundo mais que o necessário, e só então se inclinou para levar um joelho ao chão e beijar o rubi vermelho do anel. O cardeal ergueu dois dedos da mesma mão e fez sobre a cabeça do sacerdote um lento sinal da cruz, que podia ser interpretado tanto como bênção quanto como ameaça Depois saiu do escritório.

Quart exalou o ar contido nos pulmões e pôs—se de pé, limpando a calça sobre o joelho posto no chão. Tinha os olhos cheios de perguntas ao voltar—se para monsenhor Spada.

— O que acha dele? — inquiriu o diretor do IOE. Tinha apanhado outra vez o corta—papel e mostrava um sorriso preocupado ao apontar com ele a porta por onde I waszkiewicz tinha se ido.

— Ufficioso ou ufficiale, monsenhor?

— Ufficioso

— Não gostaria nada de cair em suas mãos uns duzentos ou trezentos anos atrás — respondeu Quart.

Seu superior acentuou o sorriso:

— Por quê?

— Bem, parece ser um homem muito duro.

— Duro? — o arcebispo olhou de novo para a porta e Quart viu que o sorriso sumia devagar em sua boca. — Se não fosse pecar contra a caridade para com um irmão sem risco, eu diria que Sua Eminência é um perfeito filho da puta.

Desceram juntos pelas escadas de pedra que davam para a Via de Belvedere, onde aguardava o carro oficial de monsenhor Spada. O arcebispo tinha um encontro perto da casa de Quart, na Cavalleggen e Filhos. CavalIfKHcii era, fazia uns dois séculos, o alfaiate que vestia toda a aristocracia da Cúria, inclusive o Papa. Sua

loja ficava na Via Sistina, junto da Piazza di Spagna, e o arcebispo ofereceu a Quart deixá-lo nas proximidades. Saíram pela porta de Sant'Anna, e através dos vidros embaçados viram perfilar-se os guardas suíços à passagem do automóvel. Quart sorriu divertido, pois monsenhor Spada não era popular entre os suíços do Vaticano; uma investigação do IOE sobre supostos casos de homossexualismo na Guarda tinha terminado com meia dúzia de demissões forçadas. Além do mais, de vez em quando e para matar o tempo, o arcebispo ideava perversos simulacros a fim de testar a segurança interna, como a infiltração no Palácio Apostólico de um de seus agentes, à paisana e munido de um frasco de suposto ácido sulfúrico para o afresco da Crucificação de São Pedro, na capela Paulina. O intruso tirou uma foto com uma Polaroid de cima de um banco diante da pintura e com um sorriso de orelha a orelha, e monsenhor Spada a enviou, junto com uma nota interna bastante zombeteira, ao coronel da Guarda Suíça. Seis semanas haviam se passado desde isso, e as cabeças ainda rolavam.

— Chama—se Vésperas— disse monsenhor Spada.

O automóvel virava à direita e depois à esquerda, após passar sob os arcos da porta Angélica. Quart fixou as costas do motorista, separado por uma placa de metacrilato, que insonorizava os assentos traseiros do automóvel.

— É só o que sabem dele?

— Sabemos que pode ser clérigo, e pode não ser. E que tem acesso a um computador conectado à rede telefônica.

— Idade?

— Imprecisa.

— Vossa Reverência me conta pouca coisa.

Não me aborreça, homem. Conto o que se sabe.

O Fiat abria caminho entre o trânsito da Via delia.

Conciliazione. Estava parando de chover e o céu se limpava um pouco a leste, sobre as alturas do Pincio. Quart ajustou o vinco da calça e consultou seu relógio, embora não estivesse preocupado com a hora.

— O que está acontecendo em Sevilha? Monsenhor Spada observava com ar distraído.

Levou alguns instantes para responder, o que fez sem mudar de postura:

— Há uma igreja barroca... Velha, pequena, em mau estado. Chama—se Nossa Senhora das Lágrimas. Estava sendo restaurada, mas o dinheiro acabou e a obra ficou pela metade... Ao que parece, está localizada numa zona importante, histórica: Santa Cruz.

— Conheço Santa Cruz. É o antigo bairro judeu, reconstruído em princípios do século. Bem perto da catedral e do Arcebispado. — Quart dedicou uma careta à lembrança de monsenhor Corvo. — Bonito bairro.

— Deve ser, porque a ameaça de ruína na igreja e a paralisação das obras desperta paixões de todo o tipo: a prefeitura quer expropriar, e uma família da aristocracia andaluza, de comum acordo com um banco, também agita não sei que direitos seculares.

Acabavam de passar à esquerda do castelo de Sant' Angelo e o Fiat avançava pelo Lungotevere em direção à Ponte Umberto I. Quart lançou um olhar à parda muralha circular que, para ele, simbolizava o aspecto temporal da Igreja a que servia: Clemente VII correndo, com a batina levantada, para refugiar—se ali, enquanto os lansquinetes de Carlos V saqueavam Roma. Memento mori. lembra—te de que és

mortal.

— E o arcebispo de Sevilha?... Estranha—me que não se preocupe com ele.

O diretor do IOE fitava a corrente cinzenta do Tibre através da janela salpicada de gotas de chuva.

— É parte interessada, e aqui não confiam nele. Nosso bom monsenhor Corvo também pretende especular. Em seu caso, naturalmente, trata—se dos interesses terrenos da Santa Madre Igreja... Com tudo isso, Nossa Senhora das Lágrimas está caindo aos pedaços e ninguém se interessa em arrumá—la. Parece mais valiosa destruída do que de pé.

— Tem pároco?

A pergunta arrancou um lento suspiro do arcebispo.

— Assombrosamente, sim. Um sacerdote de certa idade cuida dela. Creio que é um indivíduo conflituoso, e as suspeitas da identidade de Vésperas recaem sobre ele ou seu vigário: um jovem a ponto de ser transferido para outra diocese. Conforme averiguamos, todos os seus apelos foram desdenhados por nosso amigo Corvo. — Monsenhor Spada simulou sorrir um pouco, sem vontade. — Não é absurdo pensar que um dos dois, se não ambos, concebeu esse modo singular de apelar diretamente ao Santo Padre.

— Devem ser eles.

O diretor do IOE ergueu um pouco uma mão duvidosa:

— Talvez. Mas é preciso prová—lo.

— E se eu obtiver essas provas?

— Nesse caso — o arcebispo anuviou o rosto e seu tom se fez mais baixo e mais grave — lamentarão amargamente seu importuno gosto pela informática.

— E o que há sobre as duas mortes?

— É justamente aí que está o problema. Sem elas, o conflito não teria sido mais que um dentre tantos: um terreno, especuladores e muito dinheiro metido no meio.

Em tempo de crise, se o pretexto é bom, derruba—se a igreja e destina—se o dinheiro da venda à maior glória de Deus. Mas as mortes complicam tudo. — Os olhos estriados de marrom de monsenhor Spada distraíram—se do outro lado da janela; o Fiat se immobilizava nos engarrafamentos próximos do Corso Vittorio Emmanuele. — ... Em pouco tempo morreram duas pessoas relacionadas com Nossa Senhora das Lágrimas: um arquiteto municipal que estudava o edifício com a intenção de declará—lo em ruína e ordenar sua evacuação, e um clérigo, o secretário do arcebispo Corvo, o qual, ao que parece, andava pressionando o pároco em nome de Sua Ilustríssima.

— Não posso acreditar.

Os olhos de mastim se detiveram em Quart.

— Pois trate de ir acreditando. Desde hoje é o senhor que cuida do caso.

Continuavam bloqueados num imenso engarrafamento, entre ruídos de motor e de buzinas. O arcebispo reclinou—se para a janela do carro, a fim de espiar o céu.

— Podemos continuar a pé. Temos tempo. Convido—o para um aperitivo naquele café de que o senhor gosta tanto.

— O Greco? Acho ótimo, monsenhor. Mas seu alfaiate i espera. E seu alfaiate é Cavalleggeri, não um qualquer. Nem o Santo Padre se atreve a fazê—lo esperar.

Soou o riso rouco do prelado, que já saía do automóvel:

— Este é um de meus raros privilégios, padre Quart. Afinal de contas, nem mesmo o Santo Padre sabe sobre (avalleggeri as coisas que eu sei).

Lorenzo Quart trazia no sangue o hábito dos velhos cafés. Quase doze anos atrás, recém—chegado a Roma como aluno da Universidade Gregoriana, os dois séculos e meio de antiguidade do Greco, seus impassíveis garçons e a história ligada aos grandes andarilhos dos séculos XVIII e XIX, de Byron a

Stendhal, seduziram—no desde que passou sob o arco de pedra branca pela primeira vez. Agora morava a dois passos dali, numa mansarda alugada pelo IOE no 119 da Via dei Babuino, com uma pequena varanda onde tinha vasos de plantas e uma boa vista de meia Trinità dei Monti e das azaléias em flor da escalinata, na Piazza di Spagna. O Greco era seu lugar de leitura favorito, costumava se instalar ali nas horas tranqüilas, sob o busto de Vittorio Emmanuele II: a mesa, diziam, de Giacomo Casanova e Luís da Baviera.

— Como monsenhor Corvo reagiu à morte do secretário?

Monsenhor Spada estudou a cor vermelha dos cinzanos que tinha diante de si. Havia poucos fregueses no lugar: um ou outro morador do bairro lendo o jornal nas mesas do fundo, uma senhora elegante com sacolas de compras de Armani e Valentino, que falava no celular, e uns turistas ingleses fotografando—se mutuamente junto do balcão do vestíbulo. A mulher do telefone parecia incomodar o arcebispo, pois este lhe dirigiu um olhar crítico, antes de se voltar finalmente para Quart:

— Ficou muito bravo. Francamente bravo, diria eu. Jurou não deixar pedra sobre pedra.

Quart meneou a cabeça:

— Parece—me absurdo. Um edifício não possui vontade própria. Menos ainda para fazer o mal.

— É o que espero. — Os olhos do mastim não estavam brincando. — Espero realmente. Melhor para todos que assim seja.

— Será que monsenhor Corvo não estará procurando um pretexto para demolir a igreja e encerrar o assunto?

— Sem dúvida é um pretexto. No entanto, há algo mais. O arcebispo tem uma questão pessoal com essa igreja, ou com seu pároco. Talvez com ambos.

Ficou em silêncio, olhando para um quadro da parede: uma paisagem romântica de quando Roma ainda era a cidade do papa—rei, com o arco de Vespasiano em primeiro plano e a cúpula de São Pedro no fundo, entre telhados e lances de velhas muralhas.

— Foram mortes naturais — perguntou Quart. O outro dava de ombros.

— Depende do que consideremos natural. O arquiteto caiu do telhado, e o clérigo, caiu—lhe em cima uma cornija da abobada

— Espetacular — admitiu Quart, levando o cálice aos lábios.

— E sangrento, creio. O secretario ficou em estado lastimavel — Monsenhor Spada levantou o indicador para o teto — Imagine uma melancia em cima da qual caem dez quilos de cornija. Plaf.

A onomatopéia ajudou Quart a imaginar sem dificuldade o ocorrido. Foi isso, e não o sabor do vermute, que fez torcer a boca.

— O que diz a policia espanhola?

— Acidentes. Dar o sinistro desta linha uma igreja que mata para se defender — Monsenhor Spada franziu o cenho — Inquietação que agora o Santo Padre compartilha, graças a impertinência de um pirata informático E que o IOE deve resolver.

— Por que nós?

O arcebispo deu uma breve risada entre os dentes, sem responder de imediato. Estava vestido de padre mas ih nem parecia um. Quart observou seu perfil de gladiador, Ele lhe recordava uma antiga gravura do centurião que crucificou Cristo. O pescoço largo as mãos fortes desproporcionais, que repousavam de cada lado da mesa por trás de sua aparência de camponês lombardo, o Mastim possuía todas as chaves de um Estado que incluía três mil funcionarios vaticanos três mil bispos no exterior e a liderança espiritual de bilhões de almas. Conta—se que no ultimo conclave tinha conseguido o dossiê nmédico de todos os candidatos ao trono de Pedro, a fim de estudar seus níveis de colesterol e preizer, na medida do possível, se o reinado do novo pontífice ia ser demasiado curto ou demasiado longo. Quanto a Wojtila, o diretor do IOE predissera a virada à direita quando as papeletas com seu nome ainda produziam a fumaça negra.

— Por que nós?... — falou por fim, repetindo a pergunta de Quart. — Porque, em teoria, somos os

homens de confiança do Papa. De qualquer papa. Mas o poder no Vaticano é um osso que mais de um cão rapace disputa, e ultimamente o Santo Ofício cresce à nossa custa. Antes, cooperávamos em fraternal concórdia. Polícias de Deus, irmãos em Cristo. — Fez um gesto com a mão esquerda para afastar aqueles lugares—comuns. — O senhor sabe melhor que ninguém.

De fato, Quart sabia. Até o escândalo que desmantelou todo o aparelho financeiro vaticano e a virada da equipe polonesa para a ortodoxia, as relações entre o IOE e o Santo Ofício foram cordiais. Mas o assédio ao setor liberal e sua derrocada acabaram terminando por deflagrar um implacável ajuste de contas no seio da Cúria.

— Maus tempos vivemos — suspirou o arcebispo. Concentrava o olhar no quadro da parede. Depois bebeu um pouco e jogou—se para trás na cadeira, estalando a língua.

— Olhe — acrescentou, assinalando com o queixo a cúpula de Michelangelo, pintada no fundo. — Só ali os papas têm o direito de morrer. Quarenta hectares que contêm o Estado mais poderoso da Terra, mas cuja estrutura continua fiel ao molde monárquico absolutista medieval. Um trono que hoje se sustenta graças à religião convertida em espetáculo, as viagens papais televisionadas e toda essa parafernália do Totus tuus. E, por baixo, o integrismo mais reacionário e mais obscuro: Iwaszkiewicz e companhia. Seus lobos negros.

Suspirou de novo e, quase com desdém, afastou os olhos do quadro.

— Agora a luta é mortal — continuou, sombrio —. Sem autoridade, a Igreja não funciona o truque é mantê-la indiscutida e compacta. Nessa tarefa, a Congregação para a Doutrina da Fé é uma arma tão valiosa que sua importância cresce desde os anos oitenta, quando Wotila adotou o costume de subir cada dia ao Sinai para conversar um pouco com Deus. O olhar de mastim vagou em torno, numa pausa carregada de ironia — O Santo Padre é implacável, inclusive em seus erros, e ressuscitar a Inquisição é um bom sistema para fechar a boca dos dissidentes. Quem ainda fala de Kung, Castillo, Schillebeeck ou Boff?... A nave de Pedro sempre resolve seus embates históricos silenciando os revoltosos ou jogando—os no mar. Nossas armas são as de sempre: a desqualificação intelectual, a excomunhão e a fogueira. Em que está pensando padre Quart. Esta tão calado?

— Sempre estou calado, monsenhor.

— É verdade. Lealdade e prudência, não é? Ou devo empregar a palavra profissionalismo? — Havia um jocoso mau humor na voz do prelado — Sempre essa maldita disciplina que o senhor veste como uma cota de malha bernardo de Clairvaux e seus mafiosos templários teriam se entendido as maravilhas com o senhor. Tenho a certeza de que capturado por Saladino, o senhor deixaria que lhe cortassem o gasganete mas não renegaria sua fé. Não por piedade, claro. Por orgulho.

Quart pôs—se a rir.

Estava pensando em Sua Eminência, o cardeal Iwaszkiewicz — admitiu. Já não ha fogueiras — Terminou o vermute — Nem excomunhões.

Monsenhor Spada emitiu um grunhido feroz.

Há outras formas de lançar nas trevas externas. Mesmo nós já as praticamos. Mesmo o senhor.

O arcebispo calou—se atento aos olhos de seu interlocutor, como se lamentasse ir longe demais. De qualquer maneira, era verdade. Numa primeira etapa, quando não estavam em lados opostos, o próprio Quart fornecera aos lobos negros de Iwaszkiewicz os cravos para várias crucifixões. Voltou a ver diante de si os óculos embaçados, os olhos míopes e assustados de Nelson Corona, as gotas de suor correndo pela cara do homem que uma semana depois ia deixar de ser sacerdote e outra semana depois ia estar morto. Fazia quatro anos que isso ocorrera, mas a recordação continuava nítida na memória.

— Sim — repetiu. — Eu mesmo.

Monsenhor Spada percebeu o tom de seu agente, pois os olhos estriados o estudaram, inquisitivos.

— Corona, ainda? — perguntou com suavidade. Quart modulou um sorriso.

— Com franqueza, monsenhor?

— Com franqueza.

— Não só ele. Também Ortega, o espanhol. E aquele outro, Souza.

Eram — tinham sido — três sacerdotes vinculados à chamada Teologia da Libertação, rebeldes à corrente reacionária impulsionada por Roma; e nos três casos o IOE serviu de cão negro por conta de Iwazkiewicz e de sua Congregação. Corona, Ortega e Souza eram destacados padres progressistas que exerciam seu apostolado em dioceses marginais, em bairros paupérrimos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Gente partidária de salvar o homem na terra antes de no reino dos céus. Apontados como alvos, o IOE pôs mãos à obra, descobrindo os pontos fracos deles, para depois pressioná—los. Ortega e Souza logo fraquejaram. Quanto a Corona, uma espécie de herói popular das favelas do Rio, pesadelo dos políticos e da polícia locais, foi necessário confrontá—lo com certos pormenores equívocos de seu trabalho apostólico entre jovens drogados, assunto que por várias semanas foi cuidadosamente investigado por Lorenzo Quart, sem deixar de lado nenhum dizem que, nunca se sabe, etcétera. Mesmo assim, o sacerdote brasileiro negara—se a retificar-se. Odiado pela ultradireita, sete dias depois de ser suspenso a divims e expulso de sua diocese com foto na primeira página dos jornais, Nelson Corona foi assassinado por um esquadrão da morte. Seu corpo apareceu manietado e com um tiro na nuca, num lixão próximo de sua antiga paróquia. Comunista e veado, dizia o cartaz que tinham lhe pendurado no pescoço.

— Escute, padre Quart, aquele homem se afastou do foco de obediência e das prioridades de seu ministério e foi chamado a reconsiderar seus erros. Isso é tudo. Depois, o caso escapou da alçada, não da nossa, mas de Iwazkiewicz e de sua Santa Congregação. O senhor nada mais fez que cumprir ordens. Apenas facilitou as coisas, e não é responsável.

— Com todo o respeito que devo a Vossa Ilustríssima, sim, sou responsável. Corona está morto.

— O senhor e eu conhecemos outros homens que também morreram. O financista Lupara, para não ir mais li longe. Corona era um dos nossos, monsenhor. Dos nossos, dos nossos.. Nós não somos ninguém. Estamos sós. Respondemos a Deus e ao Papa — O arcebispo fez uma pausa carregada de intenção: os pais morriam, Deus não. — Nessa ordem.

Quart olhou para a porta como se desejasse mudar de assunto. Depois baixou a cabeça.

— Tem razão Vossa Ilustríssima — disse em tom opaco. O arcebispo cerrou lentamente um punho, como se dispusesse a bater na mesa; mas manteve—o assim, enorme e imóvel. Parecia exasperado: Ouça. Às vezes detesto sua maldita disciplina.

— Como devo responder a isso, monsenhor?

— Diga—me o que pensa.

— Em situações assim, procuro não pensar.

— Não seja idiota. É uma ordem.

Quart permaneceu calado um instante, depois deu de ombros:

— Continuo achando que Corona era um dos nossos. E além do mais, um homem justo.

O arcebispo abriu o punho e ergueu um pouco a mão.

— Com fraquezas.

— Talvez. Foi exatamente este o problema dele: uma fraqueza, um erro. E todos cometemos erros.

Paolo Spada pôs—se a rir, irônico.

— Não em seu caso, padre Quart. Estou falando do senhor. Faz dez anos que estou à espreita de seu primeiro erro, e nesse dia terei o prazer de lhe recomendar um bom cilício, cinquenta chibatadas e cem ave—marias como disciplina. — Seu tom tornou—se imediatamente ácido. — Como consegue se manter tão disciplinado e tão virtuoso?

— Fez uma pausa para passar a mão nas cerdas de seu cabelo e mexeu a cabeça sem esperar resposta. — ... Mas voltando ao desgraçado assunto do Rio, o senhor sabe que o Todo—Poderoso às vezes escreve certo por linhas tortas. Este foi um caso de azar.

— Ignoro o que foi. Na realidade, não me inquieta muito, monsenhor; mas é um fato. Algo objetivo: eu o fiz. E algum dia talvez tenha de prestar contas disso.

— Nesse dia, Deus o julgará como a todos nós. Até então, e só para questões de trabalho, sabe que

tem minha absolvição geral, sub conditione.

Levantou uma de suas grandes mãos em gesto de breve bênção. Quart sorria abertamente:

— Eu precisaria de algo mais que isso. E, de resto, poderia Vossa Ilustríssima me garantir que hoje teríamos agido da mesma maneira?

— Está se referindo à Igreja?

— Estou me referindo ao Instituto para as Obras Exteriores. Será que agora entregaríamos numa bandeja, com tanta facilidade, aquelas três cabeças ao cardeal Iwaszkiewicz?

— Não sei. Francamente, não sei. Uma estratégia é composta de ações táticas. — O prelado observou seu interlocutor com brusca atenção, interrompendo—se, com ar inquieto.

— ... Espero que nada disso tenha relação com seu trabalho em Sevilha.

— Não tem. Pelo menos é o que penso. Vossa Ilustríssima me pediu que eu fosse franco...

— Escute. O senhor e eu somos sacerdotes profissionais, não somos marinheiros de primeira viagem. Iwaszkiewicz tem todo o mundo comprado ou atemorizado no Vaticano.

— Olhou à volta, como se o polonês fosse aparecer por ali de um momento para o outro. — A única coisa que lhe falta é pôr suas garras no IOE. O único que nos defende junto ao Santo Padre agora é o secretário de Prlado, Azopardi, que foi meu colega de estudos.

— O senhor, Ilustríssima, tem muitos amigos. Fez favores a muita gente.

Paolo Spada deixou ouvir seu riso incrédulo:

— Na Cúria esquecem os favores e recordam as ofensas. Vivemos numa corte de eunucos fofoqueiros, na qual ninguém ascende sem o apoio do outro. Todos se precipitam para apunhalar o caído, mas, quando as coisas não estão claras, ninguém ousa dar um passo com medo das conseqüências. Lembre—se da morte do papa Luciane: era necessário tirar sua temperatura retal para determinar a hora da morte, mas ninguém se atrevia a colocar—lhe o termômetro no cu.

Mas o cardeal secretário de Estado... O Mastim sacudiu as cerdas negras:

— Azopardi é meu amigo, mas no sentido que essa palalavra tem aqui. Também precisa velar por si mesmo, e iwaszkiewicz é poderoso.

Guardou silêncio uns instantes, como se tivesse posto o poder de Jerzy Iwaszkiewicz no prato de uma balança e o seu no outro, e esperasse com poucas esperanças o resultado.

— Mesmo a atuação desse pirata informático é assunto menor — acrescentou por fim. — Em outro momento nem teriam pensado em nos encomendar o que, a rigor, é competência do arcebispo de Sevilha e de suas relações com os párocos de sua diocese. Mas da maneira como vão as coisas, qualquer lasquinha se transforma em cunha. Basta que o Santo Padre denote interesse, e temos outro cenário para nosso ajuste de contas interno. Por isso escolhi meu melhor homem. O que preciso antes de mais nada é da informação. Ou seja: ficar bem, apresentando um relatório gordo assim. — Abriu cinco centímetros entre o polegar e o indicador. — Para que vejam que nos mexemos.

Isso deixará Sua Santidade contente e, de passagem, manterá o polonês enquadrado.

Um grupo de turistas japoneses apareceu na porta de um dos salões, admirando o interior. Alguns sorriram com inclinações cortesias à vista dos eclesiásticos. Monsenhor Spada retribuiu—lhes o sorriso, distraído.

— Aprecio muito o senhor, padre Quart — disse continuando. — Por isso eu lhe exponho os antecedentes do que estamos jogando, antes que viaje a Sevilha... Ignoro se é sempre sincero em sua pose de bom soldado; mas parece—me que sim, e nunca deu motivos para que pensasse o contrário. Desde que era simples aluno da Gregoriana eu o venho observando e, depois, cheguei a me afeiçoar ao senhor. Isso talvez lhe custe caro, pois, se um dia eu cair, é provável que caia comigo. E até antes: sabe como é, sacrifício de peão.

Quart assentiu, impassível:

— E se ganharmos?

— Nunca ganharemos totalmente. Como diria seu conterrâneo, santo Inácio, escolhemos o que sobra a Deus e os outros não querem a tormenta e o combate. Nossas vitórias não passam de adiamentos até o ataque seguinte. Porque Iwaszkiewicz continuará sendo cardeal enquanto viver, príncipe por protocolo, bispo com consagração irrevogável, cidadão do menor e, graças a homens como o senhor e como eu, menos vulnerável Estado do mundo. E talvez, por nossos pecados, um dia chegará a papa. Quanto a nós, nunca

seremos papáveis, e possivelmente nem sequer cardeais. Como se costuma dizer na Curia, temos pouco pedigree e currículo demais. Mas possuímos poder e sabemos lutar. Isso

nos faz temíveis, e esse polonês, apesar de seu fanatismo e de sua arrogância, sabe disso. Não vamos nos varrer como fizeram com os jesuítas e com os setores liberais da Curia, em benefício da Opus Dei, da máfia integrista ou do Deus do Sinai. Totus tuus, mas não mexam comigo. Há mastins que morrem matando.

O arcebispo consultou o relógio e fez um gesto para chamar a atenção do garçom. Enquanto punha a mão no braço de Quart para impedir que pagasse a conta, tirou umas notas do bolso e colocou—as na mesa. Dezoito mil luas exatas, verificou Quart. A vida do Mastim tinha sido dura demais. Nunca deixava gorjeta.

— Nosso dever é lutar, padre Quart — disse enquanto "levantavam" — Porque temos razão, e Iwaszkiewicz não. É possível ser enérgico e manter a autoridade sem por isto ressuscitar, como pretendem esse polonês e sua camarilha, os ferros e o potro da tortura. Lembro—me quando nomearam Luciani papa, e durou trinta e três dias. O senhor era vinte anos mais moço, mas eu já andava metido nesse tipo de trabalho — O arcebispo iniciou uma careta torcida, fitando Quart — Quando, recém—eleito, ouvimos dele que "Em Deus Todo—Poderoso há mais de mamãe que ile papai", Iwaszkiewicz e seus colegas da ala dura subiram pelas paredes. E eu me disse: essa equipe não vai funcionar. Luciani era brando demais para os tempos que correm, de modo que, suponho, o Espírito Santo fez um bom trabalho livrando—nos dele antes que fizesse estrago demais. Os jornalistas o chamavam de o Papa do sorriso; mas qualquer um no Vaticano sabia que seu sorriso era bem peculiar. — A careta aumentou um pouco, até descobrir um canino, com malícia. — Um sorriso nervoso.

O sol tinha saído e secava o calçamento de pedra da Piazza di Spagna. Os vendedores levantavam os toldos de suas bancas de flores e alguns turistas começavam a sentar—se nos degraus, ainda úmidos, que subiam até a Trinità dei Monti. Quart acompanhou o arcebispo escadaria acima, deslumbrado pelo reflexo da luz na praça, uma luz romana, intensa, otimista como um bom agouro. No meio do caminho, uma jovem estrangeira com mochila, jeans e camiseta de listras azuis, sentada num degrau, tirou uma foto quando os sacerdotes chegaram à sua altura: um flash e um sorriso. Monsenhor Spada virou—se um pouco, entre irritado e irônico:

— Sabe de uma coisa, padre Quart? O senhor é bonito demais para ser padre. Só um louco o nomearia pároco de um convento de freiras.

— Sinto muito, monsenhor.

— Não sinta, porque não é culpa sua. Mas reconheço que me incomoda um pouco. Como se arranja?... Refirome a enfrentar a tentação, sabe. A mulher como invenção do Maligno, e tudo o mais.

Quart pôs—se a rir:

Oração e duchas frias, Ilustríssima.

— Eu devia imaginar. Sempre fiel ao regulamento, não é?... Não lhe aborrece ser sempre, além do mais, tão comedido e tão bom rapaz?

— A pergunta é capciosa, monsenhor. Respondê—la implica aceitar a proposição maior.

Paolo Spada espiou—o um instante com o rabo do olho e, por fim, fez um gesto aprovador:

— De acordo. O senhor ganhou Sua virtude voltou a passar pelo teste, mas não perco a esperança.

Um dia eu pego.

— Naturalmente, monsenhor. Por meus inúmeros pecados.

— Feche o bico. É uma ordem.

— Como Vossa Reverência mandar.

Na altura do obelisco de Pio VI, o arcebispo voltouse para olhar escada abaixo a moça de camiseta listrada.

— E quanto à salvação eterna — disse —, lembre—se do velho provérbio: se um clérigo conseguir manter as mãos longe do dinheiro e os pés longe de uma cama de mulher até chegar aos cinquenta, tem muitas possibilidades de salvar a alma.

— Estou nessa situação, monsenhor. Mas faltam doze anos para cruzar a linha de chegada.

— Não se preocupe. Suspeito que suas tentações são outras. — Estudou—o fixamente antes de mear a cabeça e subir os últimos degraus de dois em dois. — Em todo caso, persevere nas duchas, meu filho.

Passaram ante a imponente fachada do hotel Hassler Villa Medici, antes de percorrerem a Via Sistina. A alfaiataria era indicada apenas por uma discreta placa na porta, pela qual só a elite da Cúria entrava, com exceção dos papas. Estes eram os únicos a gozar do privilégio de terem suas medidas tomadas em domicílio por Cavallegicii e Filhos, honrados desde Leão XIII com um título menor de nobreza pontifícia.

O arcebispo fitou a placa com ar absorto, pensando outra coisa. Depois ergueu o rosto para o céu e por fim seus olhos estriados pousaram no sacerdote, estudando o traje de corte impecável, as discretas abotoaduras de prata nos punhos da camisa de seda negra.

— Escute, Quart — o uso do sobrenome, sem tratamento, endurecia a palavra com o gesto —, não se trata apenas do pecado de orgulho e do poder, pecado a que não somos alheios. O senhor e eu, acima de nossas fraquezas pessoais e de nossos métodos, inclusive Iwaszkiewicz e sua sinistra confraria..., inclusive o Santo Padre com seu irritante fundamentalismo, somos responsáveis pela fé de milhões de seres humanos numa Igreja infalível e eterna. — Os olhos do arcebispo continuavam medindo seu interlocutor. — E só essa fé, sincera apesar de nosso cinismo curial, nos justifica. Nos absolve. Sem ela, o senhor, eu, Iwaszkiewicz, seríamos apenas uns hipócritas, uns canalhas... Compreende o que estou querendo dizer?

Quart suportou sem pestanejar as palavras do Mastim.

Perfeitamente, monsenhor — respondeu, sereno. Adotara quase instintivamente a posição rígida do guarda suíço diante de um oficial: os braços de lado e os polegares ao longo das costuras da calça. Monsenhor Spada ainda o observou um instante com os olhos semicerrados, depois pareceu relaxar um pouco. Chegou mesmo a esboçar um sorriso.

— Espero que assim seja. — A expressão amistosa alargou—se no rosto do prelado. — Espero de verdade. Porque, no que me diz respeito, quando me apresentar diante da porta do Céu e o velho pescador rabugento sair para me receber, eu lhe direi: Pedro, sê indulgente com este veterano centurião, soldado de Cristo, que tanto trabalhou reduzindo a água suja no porão da tua nave. Afinal de contas, até o velho Moisés teve de recorrer por baixo do pano à espada de Josué. E tu também esfaqueaste Malco para defender o Mestre.

Agora foi Quart quem se pôs a rir diante daquela imagem.

— Nesse caso, eu gostaria de precedê—lo, monsenhor. Não creio que aceitem duas vezes o mesmo álibi.

II. Três vilões

Quando chego a uma cidade, sempre pergunto: quem são as doze mulheres mais bonitas; quem são os doze homens mais ricos; quem é o homem que pode me mandar enforcar.

(Stendhal. Lucien Lewen)

Celestino Peregil, guarda—costas e assistente do banqueiro Pencho Gavira, folheava mal—humorado a revista à caminho do bar Casa Cuesta, no coração do bairro de Triana, em Sevilha. O humor de Peregil não estava no seu melhor momento, por um tríplice motivo: uma ulcera recalcitrante, a delicada missão que o levava ao outro lado do Guadalquivir e a capa da revista que tinha nas mãos. Peregil era um tipo rechonchudo, miúdo, nervoso, que dissimulava uma calvície prematura penteando Os cabelos, bem pegados ao crânio, para cima a partir de um repartido localizado na altura da orelha esquerda. Quanto ao mais, era um adepto das meias brancas e das gravatas berrantes de seda estampada, dos jaquetões de botão dourado e das putas de batom americano. Também, e sobretudo, da mágica trama de números no tapete verde de qualquer cassino em que ainda lhe permitissem entrar. Isso explicava que sua úlcera incomodasse naquele dia mais que o normal, tal como o encontro a que ia de má vontade. Quanto à Q+S, sua capa não contribuía para lhe melhorar o humor. Por mais desalmado que alguém seja — Celestino Peregil o era, e muito — não há como ficar sossegado ao ver a foto da mulher do chefe com outro. Principalmente quando foi este mesmo alguém que vendeu aos jornalistas a informação necessária para fazer a foto.

— Safada — disse em voz alta, e uns transeuntes viraram—se para fitá—lo com estranheza. Depois lembrou—se do objeto de seu encontro e, tirando o lenço de seda malva que assomava ao bolso superior do jaquetão, enxugou a testa. O 7 e o 16 dançavam diante de seus olhos como um pesadelo sobre o pano verde. Se me safar desta, disse consigo, juro que nunca mais. Juro pela Virgem Santa.

Jogou a revista numa lixeira. Depois, virando a esquina sob um anúncio da cerveja Cruzcampo, parou de má vontade diante da porta do bar. Odiava lugares como aquele, com mesas de mármore, azulejos e velhas garrafas de Centenário Terry cobertas de pó nas prateleiras; aquela Espanha de peinete e guitarra, pouco ventilada, grosseira, tacanha, da qual escapara não sem esforço. Depois dos golpes de sorte que orientaram sua vida de obscuro detetive especializado em adultérios baratos e fraudes à Seguridade Social até encontrar Pencho Gavira e a esfera da alta finança, acostumara—se aos bares da moda com música ambiente, ao uísque com muito gelo, a entrar e sair de escritórios com carpete de um palmo de espessura e o Financial Times na mesa do vestibulo, aos zumbidos de fax, ao ar condicionado, às secretárias trilingues.

Era Zurique daqui, Nova York dali, bolsa de Tóquio de lá, entre homens que recendiam a loção cara e jogavam golfe. Era estupendo viver como nos anúncios de televisão.

Bastou—lhe uma vista d'olhos para retornar aos velhos pesadelos dom Ibrahim, o Potro do Mantelete e a Nina Punales* esperavam, pontuais. Avistou—os assim que atravessou o umbral, à direita do balcão de madeira escura com flores douradas, sob a tabuleta que ali estava desde o início do século: Linha de vapores SevilhaSanlúcar—Mar.

Serviço diário entre Sevilha e a foz do Guadalquivir. Estavam sentados em torno de uma mesa de mármore, e Peregil observou que já corria o forte xerez Às onze da manhã!

— Como vão? — perguntou e sentou—se.

Não era propriamente uma pergunta, nem lhe importava de modo algum como iam. Leu a tríplice certeza nos três pares de olhos que o viam arrumar os punhos da camisa — um gesto elegante, aprendido com o chefe antes de colocar os cotovelos, com cuidado, sobre o mármore da mesa.

— Tenho uma encomenda — anunciou sem rodeios.

Viu que o Potro do Mantelete e a Nina Punales olhavam para dom Ibrahim e este assentia devagar, solene, torcendo as pontas dos bigodes entre ruivo e grisalho, espesso, eriçado, à inglesa. Dom Ibrahim era grande, muito gordo, de aspecto bonachão e aprazível, apenas desmentido pelo feroz bigode, e fazia tudo de maneira solene, inclusive depois que a Ordem dos Advogados de Sevilha descobriu, tempos atrás, que não tinha diploma valido para o exercício da profissão. Apesar disso, a toga espúria tinha impresso um ar de digna gravidade na sua maneira de usar o chapéu de palha clara e aba larga, a bengala com castão de prata, ou a ampla curva descrita ntre um bolso e outro do colete pela corrente do relógio, ganho — garantia — de dom Ernesto Hemingway durante uma partida de pôquer no bordel Chiquita Cruz na Havana pré—castrista.

— Somos todos ouvidos — disse.

Triana e Sevilha inteira sabiam que dom Ibrahim, o Cubano, era um vigarista e um sem—vergonha, mas também um perfeito cavalheiro. Recorrera ao plural, por exemplo, depois de olhar breve e cortesmente para o Potro do Mantelete e para a Nina Puhales, dando a entender que tinha a honra de representá—los naquela mesa, sobre a qual, obrigado a manter—se a distância por causa da barriga, apoiava ambas as mãos de longe, como as amarras de um pesado navio.

Há uma igreja e um padre — disparou Peregil.

— Começamos mal — rebateu dom Ibrahim. Um enorme charuto, cuja cinza ele sacudia da calça, fumegava em sua mão esquerda, junto de um anel de ouro. De sua juventude malandra e antilhana, conservava o gosto pelos ternos brancos e imaculados, os chapéus panamá e os charutos Montecristo. Porque o ex—falso advogado era um clássico.

Parecia um daqueles indianos das gravuras de costumes, que desembarcavam no começo do século no porto de Sevilha com um cartucho de moedas de ouro, febres terçãs e um criado mulato. Mas dom Ibrahim viera somente com as febres.

Peregil fitou—o confuso, perguntando—se se o começamos mal se referia à cinza do charuto ou ao fato de haver igrejas e padres no meio.

— Um velho padre — matizou para verificar, diminuindo a importância da coisa, e então lembrou—se do outro. — ... Bem, na realidade são dois: um padre velho e um padre moço.

Ozu! — interveio a Nina Pinales com seu sotaque cigano, fechado, da foz do Guadalquivir. — Dois padres.

Os braceletes de prata tilintaram sobre a pele flácida dos pulsos quando esvaziou o cálice de xerez de um único e longo trago. A seu lado, o Potro do Mantelete meneava a cabeça, distante, como se o juiz acabasse de lhe sugerir que não continuasse socando o adversário no mesmo supercílio. Parecia absorto na contemplação na espessa marca de batom na borda do cálice da Nina.

— Dois padres — repetiu dom Ibrahim, como um eco. Refletia com olhos preocupados enquanto as volutas de fumaça se enroscavam em seus bigodes.

— Na realidade, são três — precisou Peregil, honesto. O indiano estremeceu voltando a manchar as calças de cinza.

— Não eram dois?

— Três. O velho, o moço e outro que vem a caminho.

Peregil os viu trocar olhares circunspectos.

— Três padres — resumia dom Ibrahim, estudando a unha do mindinho esquerdo, comprida como uma espada

— **Pois é.**

— Um moço outro velho, e outro que esta para chegar.

— Isso mesmo. Vem de Roma.

Claro. De Roma.

As pulseiras da Nina Pinales tilintaram de novo.

Padres demais — observou lúgubre. Batia na madeira sob o mármore da mesa, tentando conjurar aquilo Com a Igreja deparamos — concluiu dom Ibrahim, em tom quixotesco e declamatório como se fruto de longa reflexão e Celestino Peregil reprimiu o impulso de se levantar para dizer até logo passar bem. Não vai dar certo, disse para si mesmo, ob servando a cinza na calça do gordo ex—falso advogado, a pinta postiça e o cacho encaracolado na testa sem viço da Niña, o nariz amassado do ex—peso gallo. Não com aquela gente logo se lembrou do 7 e do 16 em cima do tapete verde, e das fotos da revista, e lhe pareceu que naquele bar fazia um calor espantoso. Ou talvez não fossem nem o calor nem o bar. Talvez fosse o suor que molhava sua camisa, a áspera segura do medo na boca. Você dispõe de seis milhas para resolver o caso da igreja, dissera Pencho Gavira. Procure um profissional. Administre—os como achar melhor.

— É um trabalho fácil — ouviu—os dizer, e compreendeu, maldita fosse a sua estampa, que não tinha opção.

— **Uma coisa limpa. Sem complicações. Uma milha por cabeça.**

Tinha de fato administrado a grana como achava melhor: seis horas de cassino para dilapidar três dos seis milhões. Uma média de quinhentas mil pesetas por hora.

Gastara também o que obtivera em troca da dica sobre a mulher, ou ex—mulher, do chefe. Além do mais, havia aquele agiota, Rubén Molina, a ponto de soltar—lhe os cachorros em cima por quase o dobro.

— Por que nós? — perguntou dom Ibrahim.

Peregil fitou—o nos olhos e por um décimo de segundo advertiu a ansiedade que também palpitava ali, no fundo, oculta detrás das pupilas dilatadas e tristes de seu interlocutor. Engoliu a saliva antes de passar o dedo entre a pele e o colarinho da camisa, e voltou a olhar para o charuto do gordo e proscrito advogado, para o nariz quebrado do Potro, para a pinta postiça da Nina. Com o que lhe restava nos bolsos, aquilo era tudo a que podia aspirar: três encalhados em dique seco, melhores para um asilo do que para a rua. Restos do naufrágio. Verdadeiros refugos.

— Vocês são os melhores — respondeu, corando.

Naquela sua primeira manhã em Sevilha, Lorenzo Quart levou quase uma hora para encontrar a igreja.

Saiu duas vezes do bairro de Santa Cruz e voltou outras tantas a ele, comprovando a inutilidade de seu mapa turístico naquele dedalo de ruelas silenciosas, estreitas, pintadas de almagre, amareloclaro e cal, onde muito de vez em quando a passagem de um automóvel obrigava o a

refugiar—se em portais frescos, escuros, com portões que davam para pátios de azulejos, gerânios e roseiras. Achou—se por fim numa pracinha estreita de paredes brancas e ocre, com grades de ferro forjado de que pendiam vasos de plantas. Havia bancos com azulejos representando cenas do Quixote e meia dúzia de laranjeiras que difundiam um aroma intenso. A igreja era pequena: uma fachada de tijolo, com apenas vinte metros de largura, fazia esquina encostando no muro do edifício contíguo. Não parecia em bom estado: o frontão estava escorado por caibros na abertura do seu campanário, grossas vigas de madeira sustentavam o muro exterior e um andaime de tubos metálicos ocultava parcialmente um azulejo com um Cristo escoltado por enferrujados lampiões de ferro. Havia também uma betoneira junto de um monte de pedras britadas e de sacos de cimento.

Então era ela. Durante alguns minutos, de pé na metade da praça com uma mão no bolso e o mapa dobrado na outra, Quart observou o edifício. Não pôde apreciar nada de misterioso entre as laranjeiras perfumadas, sob o céu sevilhano daquela manhã luminosa, de um azul perfeito. O pórtico barroco estava emoldurado por duas retorcidas colunas salomônicas, sobre as quais um nicho continha uma imagem da Virgem. Nossa Senhora das Lágrimas, murmurou quase em voz alta. Então deu uns passos em direção à igreja e, ao se aproximar, viu que a Virgem estava decapitada.

Em algum lugar próximo sinos soaram, e um bando de pombos açou vôo dos telhados que rodeavam a praça. Observou—as afastarem—se e de novo voltou a vista para a fachada. Alguma coisa havia alterado sua visão do lugar. Agora, apesar da luz sevilhana, das laranjeiras e do aroma de suas flores, a igreja adquiria a seus olhos um aspecto diferente. De repente, as velhas vigas que escoravam os muros, o ocre da torre que parecia arrancado como lâminas de pele, o imóvel sino de bronze por cujo travessão carcomido trepavam ervas daninhas, infundiam ao conjunto um caráter inquietante, sombrio e triste. Uma igreja que mata para se defender, afirmava a misteriosa mensagem de Vésperas. Quart lançou outro olhar à Virgem decapitada enquanto dedicava uma careta zombeteira a suas próprias apreensões. À primeira vista, não havia muito o que defender.

Para Lorenzo Quart a fé era um conceito relativo, e monsenhor Spacta não errava muito ao tachá—lo, brincando apenas em parte, de bom soldado. Seu credo consistia menos na admissão de verdades reveladas do que em agir de acordo com a suposição de ter fé, sem que esta fosse imprescindível no conjunto. Considerada desse ponto de vista, a Igreja Católica tinha lhe oferecido desde o princípio o mesmo que, a outros jovens, a milícia: um lugar em que, em troca de não lhe questionar o conceito, você encontrava a maior parte dos problemas resolvidos pelo regulamento. Em seu caso, aquela disciplina fazia as vezes da fé que ele não tinha. E o paradoxo — intuído pela perspicácia do veterano arcebispo Spada — era que justamente essa falta de fé, com o orgulho e o rigor necessários para sustentá—la, transformava Quart num sacerdote extraordinariamente eficaz em seu trabalho.

Tudo tinha suas raízes, é claro. Órfão de um pescador afogado num naufrágio, protegido por um tosco cura de aldeia, que facilitou seu ingresso no seminário, disciplinado e brilhante a ponto de despertar o interesse de seus superiores pelo progresso de sua carreira, Quart contava com aquela lucidez meridional tão parecida com uma doença tranqüila que às vezes trazem consigo o vento do Levante e os vermelhos entardeceres mediterrâneos.

Certa vez, menino, permaneceu horas fustigado pelo vento e pela chuva no quebra—mar de um porto, enquanto mar adentro os desvalidos pescadores tentavam, pouco a pouco, ganhar abrigo em meio a um temporal com vagas de dez metros. Avistava—os ao longe, minúsculos, enternecedoramente frágeis entre montanhas de água e grossos salpicos de espuma, avançando a duras penas com o estertor de seus motores a pouca força. Um se perdera; e quando um pesqueiro se perdia, não se ia um homem, mas desapareciam juntos filhos, maridos, irmãos e cunhados. Por isso as mulheres vestidas de preto com os rebentos agarrados à saia e às mãos agrupavam—se junto do farol vendo—os vir e moviam os lábios ao rezar em silêncio atentas ao mar, tentando adivinhar qual faltava. E, quando os barquinhos começaram por fim a cruzar a entrada do porto, os homens que vinham a bordo olhavam para cima, para o lugar sobre o espigão onde Lorenzo Quart continuava agarrado à mão gelada da mãe, e tiravam as boinas e os gorros. E as ondas, o vento, a chuva continuavam batendo, e por fim não veio mais nenhum barco. Naquele dia Lorenzo Quart descobriu um par de coisas. A primeira, que é inútil fazer preces ao mar. A segunda foi uma resolução: ninguém nunca iria esperá—lo num quebra—mar, debaixo da chuva.

A porta de carvalho com grossos pregos estava aberta. Quart entrou na igreja e um sopro de ar frio veio ao seu encontro, como se acabasse de afastar uma lápide.

Tirou os óculos escuros antes de molhar o indicador e o polegar na pia de água benta, e ao persignar—se sentiu o frescor da água na testa. Havia meia dúzia de bancos de madeira enfileirados diante do retábulo do altar, cujos dourados reluziam ao fundo da nave, e os demais estavam postos de lado, uns sobre os outros, deixando espaço para vários andaimes. Recendia a fechado e a cera, à umidade dos séculos. Tudo estava na penumbra, menos um canto iluminado por um foco, acima, à esquerda.

E ao levantar os olhos para a luz, Quart viu uma mulher trepada no alto da estrutura metálica, fotografando o chumbo dos vitrais.

— Bom dia — cumprimentou.

Tinha cabelos grisalhos como ele; mas, em seu caso, não se tratava de cãs prematuras. Quarenta e tantos anos, calculou, vendo— a inclinar— se sobre a balaustrada que coroava a trama de tubos de aço, cinco metros acima da sua cabeça. Depois a mulher agarrou— se à estrutura e desceu com agilidade até o chão da nave. Trazia o cabelo preso sob a nuca numa pequena trança, vestia uma camisa pólo de manga comprida, jeans manchado de gesso e tênis. De costas, vendo— a descer, teria passado por uma mocinha.

— Eu me chamo Quart — disse.

A mulher limpou a mão direita na parte traseira do jeans e a estendeu, num aperto vigoroso e breve.

— Sou Gris Marsala. Trabalho aqui.

Tinha um sotaque estrangeiro, mais norte—americano do que inglês; as mãos ásperas e os olhos claros e amistosos, rodeados de rugas. Também um sorriso franco, aberto, que se manteve enquanto observava Quart de alto a baixo, com curiosidade.

— O senhor é um padre de boa aparência — concluiu por fim, desenvolta, detendo— se no cabeção da camisa preta. — Esperávamos outra coisa.

Ele estava observando o andaime e as paredes da igreja, e se deteve de repente, surpreso pelo plural:

— Esperavam?

— Sim. Todos estão sabendo do enviado de Roma. Mas imaginávamos um funcionário baixote de batina, com uma maleta preta cheia de missais, crucifixos e coisas assim.

— Quem são todos?

— Não sei. Todos. — A mulher pôs— se a contar com os dedos manchados de gesso — Dom Príamo Ferro, o pároco. E seu vigário, padre Óscar — O sorriso retraiu— se um pouco, como se outro mais profundo, paralelo e oculto, fosse substituí— lo — Também o arcebispo, o prefeito e um monte de gente mais.

Quart apertou os lábios. Ignorava que sua missão fosse de domínio público. Até onde sabia, somente a Nunciatura de Madri e o arcebispo de Sevilha tinham sido informados pelo IOE. Descartado o núncio, imaginou monsenhor Corvo semeando a cizânia. Que o inferno tragasse Sua Ilustríssima.

— Não esperava tamanha expectativa — disse com frieza.

A mulher deu de ombros, ignorando o tom.

— Não se trata de você, mas da igreja. — Ergueu a mão para indicar os andaimes contra as paredes, o teto escurecido onde a pintura se soltava entre manchas de umidade.

— . . Este lugar avivou paixões nos últimos tempos. E em Sevilha ninguém é capaz de guardar segredo.

— Inclinou um pouco a cabeça para ele e baixou a voz, parodiando um ar confidencial. — Contam que até o Papa se interessa pelo assunto.

Sangue de Deus! Quart manteve silêncio um instante, observando primeiro a ponta dos sapatos, depois os olhos da mulher. Disse então consigo mesmo que era uma ponta de meada tão boa quanto outra qualquer para começar a puxar. De modo que se aproximou um pouco até quase roçá— la com o ombro, antes de olhar ao redor, com ar exageradamente desconfiado.

— Quem diz isso? — sussurrou.

A risada dela era tranqüila como seus olhos e sua voz; mas o som se velava nos vazios da nave deserta.

— O arcebispo de Sevilha, creio. Que, por certo, não parece gostar muito do senhor.

Tenho de retribuir a Sua Ilustríssima tantas bondades na primeira ocasião, prometeu— se Quart in mente. A mulher observava— o com malícia jovial. Disposto a aceitar apenas em parte a cumplicidade que ela oferecia, ergueu as sobrancelhas com a inocência de um jesuíta veterano. De fato, tinha aprendido aquele trejeito no seminário.

Com um jesuíta.

— Pelo que estou vendo, está bem— informada. Mas não dê ouvidos a tudo o que dizem.

Gris Marsala soltou uma gargalhada.

— Não dou ouvidos — disse. — Mas é divertido. Além do mais, já lhe disse que trabalho aqui. Sou a arquiteta responsável pela restauração deste lugar. — Lançou outro olhar em torno e suspirou com ar desolado. — A aparência não fala muito em meu favor, não é?... Mas é uma longa história de verbas não aprovadas e de dinheiro que não chega.

— A senhora é americana.

— Sou. Cuido disto faz dois anos, por conta da Fundação Eurnekian, que entrou com um terço do projeto inicial de restauração. No início éramos três, dois espanhóis e eu; mas os outros se foram... Agora faz tempo que as obras se encontram quase paralisadas. — Fitou— o atenta, esperando o efeito do que ia dizer. — Além do mais, há essas duas mortes.

A expressão de Quart manteve—se imperturbável:

— Refere—se aos acidentes?

— É uma forma de chamá—los, sim. Acidentes. — Continuava espreitando a reação de seu interlocutor, e pareceu decepcionada ao ver que ele não acrescentava nenhum comentário. — Já falou com o pároco?

— Ainda não. Cheguei ontem à noite e nem sequer visitei o arcebispo. Quis dar uma olhada antes.

— Pois está vendo. — Fez um gesto com a mão, mostrando a nave e o altar—mor apenas visível ao fundo, na penumbra. — Barroco sevilhano do século XVIII, retábulo de Duque Cornejo... Uma pequena jóia caindo aos pedaços.

— E esta Virgem decapitada na porta?

— Alguns cidadãos celebraram a seu modo a proclamação da Segunda República, em 1931.

Disse aquilo com benevolência, como se no fundo desculpasse os decapitadores. Quart perguntou—se quanto tempo estaria naquela cidade. Muito, sem dúvida. Seu castelhano era impecável, e parecia bem à vontade.

— Quanto tempo faz que vive aqui?

— Quase quatro anos. Mas estive muitas vezes antes de me estabelecer. Vim com uma bolsa de estudos e nunca voltei de todo.

— Por quê?

Viu—a dar de ombros, como se ela também se fizesse a mesma pergunta.

— Não sei. Isso acontece com muitos de meus compatriotas, sobretudo os jovens. Um dia chegam e não podem mais ir embora. Ficam tocando violão, desenhando nas praças Se virando para viver. — Fitou pensativa o retângulo formado pelo sol no piso, junto da porta. — Há alguma coisa na luz, na cor das ruas, que contamina a vontade.

É como ficar doente.

Quart deu uns passos e se deteve, ouvindo sumir o último eco no fundo da nave. Havia um púlpito com escada de caracol à esquerda, meio oculto pelos andaimes, e um confessionário à direita, numa pequena cape la que servia como entrada para a sacristia. Passou a mão sobre a madeira de um banco, enegrecida pelo vuso e pelos anos.

— Que acha? — perguntou a mulher.

Quart levantou a cabeça. A abóbada, de berço com lunetas, formava vima planta retangular com uma só nave e um cruzeiro de braços curtos. Uma cúpula elíptica, rematada em lanterna cega, fora adornada com afrescos agora irreconhecíveis por causa dos estragos da fumaça das velas e dos incêndios. Podiam distinguir—se uns tantos anjos em torno de uma grande mancha preta de fuligem, e vários profetas barbudos e deteriorados, descarnados por nódoas de umidade que lhes davam um aspecto de leprosos incuráveis.

— Não sei — respondeu. — Pequena, bonita. Velha.

— Três séculos — ela precisou, e o eco voltou quando caminharam de novo entre os bancos, até o altarmor. — Em meu país, um edifício com trezentos anos de antiguidade seria uma jóia histórica inviolável. E aqui, está vendo: lugares como este caindo aos pedaços em toda a parte, sem que ninguém mexa um dedo.

— Talvez haja lugares assim demais.

— É engraçado ouvir isso de um sacerdote. Mesmo se não parece sê—lo. — De novo observou—o de alto a baixo, com irônico interesse, detendo—se desta vez no corte impecável do traje leve e escuro. — A não ser pelo cabeção e a camisa preta...

— Uso—os faz vinte anos — interrompeu—a friamente, olhando por cima do ombro da mulher. — ... A senhora estava me falando da igreja e dos lugares como este.

Ficou meio desconcertada, inclinando a cabeça para o lado, em visível esforço para catalogá—lo dentro de algumas das espécies conhecidas do sexo masculino. Apesar da desenvoltura da mulher, Quart soube que o cabeção a intimidava. Acontece com todas elas, pensou: velhas e moças, sem exceção. Até a mais decidida pode ver—se insegura quando um gesto, uma palavra recordam de imediato o sacerdote.

— A igreja — disse Gris Marsala por fim, fitando—o como se tivesse o pensamento em outro lugar. — Mas não concordo com que haja excesso de lugares assim. Afinal de contas, trata—se de nossa memória, não acha?... Franziu os lábios e o nariz, enquanto batia com um pé nas gastas lajes do chão, quase invocando—as como testemunhas.

— Estou convencida de que cada edifício, cada quadro, cada livro antigo que se destrói ou que se perde nos torna um pouco mais órfãos. Nos empobrece.

Falara com inesperado ardor, e em algum momento seu tom se crispou com uma ponta de amargura. Ao verificar que era Quart que agora se virava surpreso para ela, tornou a sorrir.

— Não tem nada a ver, eu ser americana — disse à maneira de desculpa. — Ou talvez, precisamente, sim. Isto é patrimônio da humanidade inteira. Ninguém tem o direito de deixar que se perca.

— Por isso está há tanto tempo em Sevilha? Refletiu, misteriosa.

— Talvez. Em todo o caso, por isso estou agora aqui, neste lugar. — Olhou para cima, detendo—se num dos vitrais que havia nas

lunetas à esquerda da nave, aquele em que estava trabalhando quando Quart chegou. — Sabe que é a última igreja construída na Espanha sob a casa da Áustria?... As obras do edifício terminaram oficialmente no dia primeiro de novembro de 1700, enquanto Carlos II, último de sua dinastia, agonizava sem descendência. O ofício religioso inaugural foi de finados, no dia seguinte, pela alma do rei.

Estavam diante do altar—mor. A claridade diagonal dos vitrais dava suaves reflexos aos dourados superiores do ictábulo, que seus mesmos relevos mantinham em penumbra entre os andaimes. Quart distinguiu um corpo i entrai com a Virgem sob um amplo baldaquino, em cima cio sacrário diante do qual fez uma breve inclinação de cabeça. As naves laterais, separadas do pórtico por colunas lavradas, continham nichos com imagens, querubins e santos.

— É magnífico — comentou, sincero.

— É mais que isso.

Gris Marsala tinha se aproximado do pé da obra, atrás do altar, e girou um interruptor que iluminou o retábulo. A folha de ouro e a madeira dourada adquiriram vida, e uma fonte de luz se esparramou entre colunas, medalhas e guirlandas lavradas com delicadeza de ourives. Quart admirou a uniformidade do variado conjunto, a fusão de elementos construtivos e ornamentais num só plano combinando imagens, molduras, motivos arquitetônicos e vegetais.

— Magnífico — repetiu, impressionado. E levando a mão direita à testa fez um mecânico sinal da cruz. Ao concluí—lo, notou que Gris Marsala fitava—o atenta, como se achasse aquilo incoerente. — Nunca viu um padre benzer—se? — Quart ocultava seu incômodo detrás de um gélido sorriso. — Muitos devem ter feito a mesma coisa diante deste retábulo.

— Suponho que sim. Mas eram outro tipo de padre.

— Só há um tipo de padre — respondeu ele, um pouco ligeiramente e só para dizer alguma coisa. — ... É católica?

— Mais ou menos. Meu bisavô era italiano. — Os olhos claros fitavam—no com impertinente ironia. — Tenho um senso bastante exato do pecado, se é a isso que está se referindo. Mas na minha idade...

Deixou a frase no ar, tocando os cabelos grisalhos recolhidos na curta trança. Quart considerou oportuno mudar de novo de conversa:

— Estávamos falando do retábulo — rebateu. — E eu dizia que é magnífico... — Olhou—a nos olhos, sério, cortês e distante. — Não acha que devemos voltar ao tema?

Gris Marsala inclinou de novo a cabeça para o lado. Mulher inteligente, pensava Quart. Havia alguma coisa desconcertante, porém O instinto adestrado do agente do IOE detectava uma incongruência, uma nota falsa nela. Estudou—a em busca da chave adequada, mas não havia forma de se aproximar mais sem admitir uma cumplicidade que ele não desejava levar longe demais.

— Por favor — acrescentou Quart.

Ela ainda continuou fitando—o de soslaio por uns segundos. Depois fez um gesto afirmativo e pareceu a ponto de sorrir outra vez, mas não o fez

— Está bem — disse por fim. Virara—se para o retábulo, e Quart acompanhou o movimento. — Foi realizado em 1711 pelo escultor Pedro Duque Cornejo, que recebeu por ele dois mil escudos de oito reais de prata cada um É, de fato, uma maravilha. Toda a imaginação e o atrevimento do barroco sevilhano estão aqui.

A Virgem era uma bonita estátua de madeira policromada, de quase um metro de altura. Tinha um manto azul e as mãos abertas, com as palmas para fora. Uma lua em quarto servia—lhe de pedestal e seu pé direito esmagava uma serpente.

— Muito bonita — disse Quart.

— Realizada por Juan Martínez Montanés quase um século antes do retábulo . Era propriedade dos duques de Nuevo Extremo, e, como um deles ajudou a construir esta igreja, seu filho doou a imagem As lágrimas deram nome ao lugar.

Quart estudava os detalhes. De baixo, viam—se reluzir lágrimas no rosto, na coroa e no manto.

— Um tanto exageradas, acho.

— Originalmente, eram contas de cristal menores, mas agora são pérolas. Vinte pérolas perfeitas, trazidas da América em fins do século passado: uma história que tem sua outra parte ah, na cripta.

— Há uma cripta?

Sim. A entrada está escondida deste lado, à direita do altar—mor; é uma espécie de capela privada. Várias gerações de duques do Nuevo Extremo repousam lá. Foi um deles, Gaspar Bruner de Lebrija, que cedeu em 1687 um terreno de sua propriedade para edificar a igreja, contanto que dissessem missa por sua alma uma vez por semana. — Apontou para o nicho à direita da Virgem, com a imagem de um cavaleiro ajoelhado em atitude orante. — Aí está: talhado por Duque Cornejo, que também realizou a figura da esquerda, representando a esposa...

A construção do edifício foi encomendada ao arquiteto de confiança do casal, Pedro Romero, que também era arquiteto do duque de Medina—Sidonia. Disso tudo provém o vínculo da família com esta

igreja. O filho do doador, Guzmán Bruner, foi quem custeou a conclusão do retábulo com a efígie de seus pais e trouxe a imagem em 1711...

A relação familiar ainda existe, apesar da decadência. E tem muito a ver com o conflito.

— Que conflito?

Gris Marsala continuava olhando para o retábulo como se não tivesse ouvido a pergunta. Passou a mão no pescoço, emitindo um curto suspiro.

— Bem. Chame como quiser. — Seu tom fizera—se forçadamente ligeiro. — Situação de ponto—morto, poderíamos dizer. Com Macarena Bruner, sua mãe, a velha duquesa e todos os demais.

— Ainda não conheço as senhoras Bruner. Quando Gris Marsala se virou para Quart, havia um reflexo malvado em seus olhos claros.

— Não? Pois já as conhecerá. — Fez uma pausa e inclinou a cabeça, divertida. — As duas.

Quart ouviu—a rir dissimuladamente enquanto girava o interruptor da luz. A escuridão cobriu de novo o retábulo.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

— Em Sevilha?

— Nesta igreja.

Ela demorou alguns segundos para responder.

— O senhor é quem tem de dizê—lo — observou afinal. — Para isso o enviaram.

— Mas a senhora trabalha neste lugar. Deve ter alguma idéia.

— Claro que tenho idéias. Mas guardo—as para mim. A única coisa que sei é que há mais gente interessada em que isto venha abaixo do que em mantê—lo em pé.

— Por quê?

— Ah, isso eu ignoro. — As ofertas de cumplicidade pareciam ter—se desvanecido. Agora era ela que se fechava, distante, e o frio da nave deserta parecia sentir—se de novo entre ambos. — Talvez porque, neste bairro, o metro quadrado de solo valha uma fortuna... — Meneou a cabeça, afastando pensamentos incômodos. — Logo vai encontrar quem lhe conte isso.

— Disse antes ter idéias a esse respeito.

— Eu disse?... — Sorria com o canto da boca, mas se tratava de um gesto insincero, forçado. — É possível. De qualquer modo, não é meu problema. O que me cabe é salvar o que puder do edifício enquanto houver com que pagar as obras, o que não acontece.

— Por que continua aqui sozinha, então?

— Faço horas extras. Desde que cuido desta igreja não consegui nenhuma outra coisa, de modo que disponho de muitíssimo tempo livre.

— Muito tempo livre — repetiu Quart.

— Isso. — Sua voz voltava a ter um tom amargo. — E não tenho outro lugar para ir.

Ele ia insistir, intrigado, quando uns passos às suas costas o fizeram virar—se. Emoldurada na porta havia uma silhueta negra, pequena e imóvel, e o traço escuro de sua sombra caía, compacto, sobre o retângulo de luz nas lajes do chão.

Gris Marsala, que também tinha se virado, dirigiu a Quart um estranho sorriso:

— Já é hora de conhecer o pároco. Não acha?... Estou falando de dom Príamo Ferro.

Quando Celestino Peregil saiu do bar Casa Cuesta, dom Ibrahim pôs—se a contar dissimuladamente, sob o mármore da mesa, as notas que o assistente do banqueiro Pencho Gavira tinha deixado para as primeiras despesas.

— Cem mil — disse ao cabo da operação.

O Potro do Mantelete e a Nina Punales assentiram em silêncio. Dom Ibrahim fez três maços de trinta e três mil, enfiou um no bolso interno do paletó e passou os outros a seus comparsas. A nota restante, colocou em cima da mesa.

— O que acham? — perguntou.

O Potro do Mantelete, de cenho franzido, alisou a nota e ficou olhando para a efígie de Hernán Cortês.

Parece boa — aventurou.

— Estou falando do trabalho. Da encomenda.

O Potro continuou olhando para a nota com ar taciturno e a Nina Punales deu de ombros

— É dinheiro — falou, como se aquilo resumisse tudo. — Mas se meter com padres dá azar.

Dom Ibrahim fez um gesto para reduzir a gravidade do caso. O fez com a mão esquerda, onde o charuto fumegava junto do anel de ouro, e a cinza voltou a cair na calça branca.

— Resolveremos a coisa com muito tato — observou, inclinando—se com dificuldade sobre a pança, enquanto sacudia o pó cinzento.

A Nina Punales exclamou ozn, e o Potro do Mantelete assentiu com a cabeça, ainda olhando para a nota. O Potro devia ter por volta de quarenta e cinco anos, cada um dos quais trazia impresso na cara. Uma juventude de toureiro sem sorte tinha lhe deixado nas pupilas e na goela a poeira do fracasso em praças de terceira categoria, além da cicatriz de uma chifrada sob a orelha direita. Quanto à sua breve e obscura trajetória como aspirante ao título de campeão de peso galo da Andaluzia entre dois engajamentos na Legião Estrangeira, as únicas coisas que ela lhe proporcionou foram o nariz quebrado, duas sobranceiras inchadas e interrompidas por causa das cicatrizes e certa lentidão de reflexos na hora de integrar ação, palavra e pensamento. Nas vigarices contra os turistas estrangeiros interpretava bem o papel de bobalhão: havia uma boa dose de realidade em sua maneira desvalida de fitar o vazio esperando o toque de clarim iniciando a tourada, ou o gongo de alguma improvável contagem regressiva.

— Isso do tato é importante — disse devagar.

— Ozu — corroborou a Nina.

O Potro do Mantelete ainda franzia o cenho, como toda vez que se punha a considerar alguma coisa. Do mesmo modo, com o cenho franzido e considerando minuciosamente a questão, entrara um dia em casa para encontrar seu irmão paralítico na cadeira de rodas, com as calças na altura dos joelhos e a cunhada — a mulher do Potro — sentada em cima, entre eloqüentes gemidos. Sem se apressar nem erguer a voz, assentindo docemente com a cabeça enquanto o irmão garantia que era um malentendido e que podia explicar tudo, o Potro do Mantelete pusera—se atrás da cadeira de rodas, levando—a quase com ternura até o patamar para deixá—la cair, junto com seu dono, escada abaixo, com o resultado de trinta e dois degraus fazendo cloc—clac e, necessariamente, uma fratura do crânio mortal. A mulher safou—se com uma

surra metódica, científica, consistente em dois olhos roxos e um nocaute por gancho de esquerda do qual levou meia hora para se repor, bem a tempo cie fazer a maleta e sumir para sempre. O sucedido com o irmão teve pior desfecho: enfrentando um pedido de trinta anos, apenas a habilidade do advogado conseguiu mudar no ânimo do juiz a tese de assassinato pela de homicídio acidental, com o resultado da absolvição in dúbio pro reo. Aquele advogado era dom Ibrahim, cujo diploma emitido em Havana fora considerado autêntico pela Ordem sevilhana. Mas, com diploma ou sem, o caso é que o antigo toureiro e boxeador nunca esqueceria o comovente arrazoado que ganhou palmo a palmo sua liberdade. Esse lar destruído, Excelência. Esse irmão infiel, o calor do caso, o nível intelectual do meu cliente, a ausência de animus necandi, a cadeira de rodas sem freios. Desde então, o Potro do Mantelete professava a seu benfeitor uma fidelidade cega, heróica, indestrutível; mais abnegada ainda, se tal é possível, depois da ignominiosa expulsão de dom Ibrahim da advocacia. Lealdade de lebréu silencioso e duro, disposto a tudo por uma ordem ou uma carícia de seu dono.

— Continuo vendo padres demais — insistiu a Nina.

As pulseiras de prata tilintavam de novo ao girar o copo vazio. Dom Ibrahim e o Potro se entreolharam, e o ex—falso advogado pediu três doses de La Ina e uma porção de cana de lomo* para acompanhar. Mal o garçom pôs o xerez gelado na mesa, ela liquidou seu copo de um só gole, enquanto os dois homens afastavam a vista fazendo como se não vissem seu ato.

Vinho amargo, cheio de alegria, ainda que me embebede não posso esquecer. .

Cantou lastimosa e baixinho a Nina Punales, passando a língua pelos lábios vermelhos de batom, brilhando com a umidade do vinho forte, e o Potro sussurrou olé sem olhar para ela, batucando de leve no mármore da mesa. A Nina Punales tinha os olhos escuros das coplas, grandes, trágicos, que o excesso de maquiagem e o lápis preto fazia parecerem enormes num rosto que mostrava restos de uma beleza consumada, fenecida sob o cacho de cabelo pintado e cuidadosamente penteado na testa. Quando exagerava com o xerez ou com a manzanilla costumava contar que um homem moreno de olhos verdes matou outro por ela a facadas, como em suas canções; e procurava na bolsa um recorte de jornal sem dúvida perdido muito tempo atrás. Se aquilo de fato aconteceu, deve ter sido quando a Nina aparecia nos cartazes do espetáculo com todo o seu sangue de bela cigana, bravia, jovem promessa da canção espanhola. A sucessora, diziam, de dona Concha Piquer. Agora, três décadas depois do fugaz momento de glória, arrastava sua pouca sorte, sua triste lenda e suas canções por mesas manchadas de vinho e tablaos de quinta categoria, como número fajuto para circuitos turísticos com jantar e espetáculo incluídos, Sevilha à noite, sobre tabladros imundos, de que as batidas cansadas de seus sapatos de flamenco arrancavam lascas.

— Por onde começamos? — perguntou, olhando para dom Ibrahim.

O Potro do Mantelete também ergueu a vista da mesa para fixá—la no homem que mais respeitava no mundo, depois da memória do falecido toureiro Juan Belmonte. Consciente de sua responsabilidade, o ex—falso advogado deu uma longa tragada no charuto e leu mentalmente, duas vezes, os tira—gostos anunciados na lousa em cima do balcão do bar: Croquetes. Miúdos. Sardinha frita. Ovo bechamel. Língua ao molho Língua recheada.

— Como disse, e disse bem, Caio Júlio César — expôs, quando acreditou transcorrido o tempo conveniente para dar grandiosidade às suas palavras. — Gália est omnia divisa in partibus infidelibus. Ou seja, antes de qualquer ação impõe—se um reconhecimento óptico. — Correu a vista à roda, como um general ante seu estado—maior.

Uma visualização do terreno, para que me entendam. Pestanejou, duvidando. — Entenderam?

— Ozu.

— Sim.

— Ótimo. — Dom Ibrahim passou um dedo pelo bigode, satisfeito com o moral da tropa. — O que quero dizer é que devemos dar uma olhada nessa igreja e em tudo o mais.

— Olhou para a Nina, que sabia piedosa. Dando a devida atenção, é claro, a seu caráter sagrado.

— Eu conheço — ela observou com sua voz de aguardente. — Está muito velha, sempre em obras. Algumas vezes ouço a missa lá.

Como toda a boa cantora andaluza, era muito devota. Por sua vez, embora costumasse confessar—se agnóstico, dom Ibrahim respeitava o livre culto. Inclinou—se um pouco para a mesa, interessado. A rigorosa informação prévia, lera em algum lugar — Churchill, se bem se lembrava, ou Frederico, o Grande —, era a mãe de todas as vitórias.

— Como é o sacerdote? Refiro—me ao pároco titular.

— Como os de antes. — A Nina Pufiales enrugava lábios e testa, puxando pela memória. — Velho, mal—humorado... Uma vez expulsou umas turistas que entraram na metade da missa. Desceu do altar, de casula e tudo, e lhes deu uma bronca horrorosa, porque estavam de calça curta. Isto aqui não é um balneário nem um circo, disse; de modo que fora! E botou elas no olho da rua.

Dom Ibrahim assentiu, mostrando agrado.

— Um santo homem, pelo que vejo.

— Ozu

— Um virtuoso homem de igreja.

Até o pescoço

Após uma pausa de reflexão, o indiano fez uma rodela de fumaça e ficou vendo—a se ir Agora estava com um ar preocupado.

— Ou seja, temos de nos haver com um eclesiástico de caráter — matizou, moderando sua aprovação inicial.

— De caráter, não sei — disse a Nina — O que com certeza tem é um mau humor daqueles.

— Entendo. — Dom Ibrahim fez outra rodela, mas desta vez saiu mal. — Com que então este digno pároco pode nos trazer problemas. Quero dizer, atrapalhar nossa estratégia.

— Pode estragá—la por completo.

— E o outro sacerdote, o vigário moço?

— Este, só vi uma ou outra vez ajudando a missa. Parece calmo, educadinho. Mais brando.

Dom Ibrahim olhou pela janela para o outro lado da rua, na direção das botas de Valverde dei Camino, penduradas na marquise sobre a vitrine da sapataria La Valenciana Depois, com um estremecimento de melancolia, observou os dois rostos que tinha diante de si. Em outro momento da vida, teria mandado Peregil ir plantar batatas com sua encomenda, ou, o que era provável, exigiria mais dinheiro. No entanto, como iam as coisas não tinha muito o que escolher. Observou tristemente a boca pintada da Nina, o sinal postiço, as unhas com o esmalte vermelho desbordando, os dedos descarnados em torno do cálice vazio. Depois moveu os olhos para a esquerda para encontrar o olhar fiel do Potro do Mantelete, antes de terminar em sua própria mão sobre a mesa; a mão que segurava o havana junto do anel, falso como Judas, que de vez em quando conseguia vender por cinco mil pesetas — tinha vários assim — a algum turista incauto nos bares de Triana. Aqueles dois eram sua gente, sua responsabilidade. O Potro, por sua fidelidade além do infortúnio. A Nina, porque o ex—falso advogado nunca ouvira cantar Capote de grana y oro como ela, recém—chegado a Sevilha, ao vê—la num teatro. Só a conheceu pessoalmente muito depois, alternando num tablado de quinta categoria, já arruinada pelo álcool e pelos anos, imagem viva das coplas que cantava com aquela voz rouca, sublime, de arrepiar, La loba, Romance de valentia, Falsa moneda, Tatuaje. Na noite do encontro, dom Ibrahim jurou a si mesmo resgatá—la do esquecimento sem outro objetivo que fazer justiça à Arte. Porque, apesar das calúnias da Ordem dos Advogados, apesar do publicado na imprensa local quando se empenharam em mandá—lo para o xadrez por causa de um absurdo diploma a que ninguém dava a menor bola, apesar dos bicos que tinha de fazer para ganhar a vida, ele não era um miserável. Dom Ibrahim ergueu a cabeça, ajustando maquinalmente a corrente do relógio nos bolsos do colete. Era um homem digno, só que azarado.

— Trata—se de uma simples questão de estratégia repetiu pensativo, em voz alta, mais para se convencer do que por outra coisa, e sentiu fixa nele a esperança de seus comparsas. Celestino Peregil prometera três milhões, mas talvez lhe arrancassem mais. Diziam que Peregil era o pau para toda obra de um banqueiro montado em dólares. Aquilo recendia a grana, e eles estavam precisando de liquidez para lançar as bases de um velho sonho. Dom Ibrahim era homem lido, embora um tanto por cima — caso contrário, mal teria podido exercer por algum tempo a advocacia em Sevilha antes de as coisas azedarem —, e de suas leituras entesourava citações como se ouro fossem. No que concerne aos sonhos, a melhor delas procedia de Thomas D. H. Lawrence, aquele fulano da Arábia que havia escrito Lady

Butterfly. Os homens que sonham com os olhos abertos conseguem o impossível, ou algo do gênero. Não alentava muitas ilusões sobre como o Potro e a Nina mantinham seus olhos, mas isso era o de menos. Ele os mantinha abertos por eles.

Olhou com afeto para o Potro do Mantelete, que mastigava devagar uma fatia de cana de lonur.

— E você, o que acha, campeão?

O Potro continuou mastigando em silêncio, coisa de meio minuto.

— Podemos fazer, acho — respondeu por fim, quando os outros quase tinham se esquecido da pergunta. Se Deus nos der sorte.

Dom Ibrahim deixou escapar um suspiro resignado:

— É justamente esse o problema. Com tanto padre no meio, não sei de que lado Deus vai ficar.

O Potro sorriu pela primeira vez naquela manhã, e o fez com fé. Sempre sorria com fé e como que a contagotas, como se o esforço muscular fosse excessivo em seu rosto rebentado pelos touros e pelas luvas dos adversários no ringue.

— Tudo pela Causa — disse.

A Nina Punales soltou um olé baixo e terno:

Jurou amar—me um homem sem medo da morte...

Cantou a meia voz, pondo a mão sobre a do Potro do Mantelete. Desde seu traumático divórcio, este vivia sozinho, sem família conhecida, e dom Ibrahim suspeitava que amava em silêncio a Nina, mas sem nunca o manifestar, por respeito. Ela, por sua vez, agarrada à lembrança da juventude de seus sonhos, guardava fielmente a memória do homem de olhos verdes que a continuava esperando no fundo de cada garrafa. Quanto a dom Ibrahim, em matéria de amores nunca ninguém pôde fornecer provas aceitáveis, embora ele gostasse, em noites de manzanilla e guitarra, de falar vagamente de lances românticos de sua juventude caribenha, quando era amigo de Beny More — ei Bárbaro dei Ritmo —, de Carafoca Pérez Prado e do ator mexicano Jorge Negrete, até terem um desentendimento. Na época em que Maria Félix, a divina Maria, la Dona, lhe deu a bengala de ébano com castão de prata, numa noite em que, com dom Ibrahim e uma garrafa de tequila — Herradura Reposado, um litro —, foi infiel a Augustín Lara; e o magrela elegante, arrasado, compôs uma canção imortal para aliviar os cornos. Rejuvenescia o sorriso do indiano com a suposta recordação de Acapulco, daquelas noites, daquelas praias, Maria dei alma, Maria Bonita. E a Nina Punales trauteava baixinho, entre um copo e outro de xerez e manzanilla a canção da qual que ele foi o sedutor culpado. E o Potro emprestava à cena seu perfil duro e silencioso, desprovido de sombra, porque esta vagava desorientada pela lona dos ringues e pelo chão branco das praças de touro itinerantes de quinta categoria. Desse modo ninguém correspondia e todos eram correspondidos naquele singular triângulo feito de entardeceres, fumaça de tabaco, vinho, aplausos, praias distantes e nostalgias. E desde que o acaso e a vida os foram juntando em Sevilha como rolhas à deriva, os três comparsas compartilhavam a ressaca interminável de suas vidas numa pitoresca amizade, cujo nobre objeto conseguiram descobrir numa madrugada de muita e tranqüila bebedeira, sentados diante da corrente larga e mansa do Guadalquivir: a Causa. Algum dia teriam dinheiro suficiente para montar um tablado de arrasar. Iam chamá—lo O Templo da Copla, e ali fariam por fim justiça à arte da Nina Punales, mantendo viva a canção espanhola.

Garota dizia—me louco de paixão...

Continuava cantando baixinho a Nina. Entrou na Casa Cuesta um vendedor de bilhetes de loteria apregoando um prêmio de quinze mil, e dom Ibrahim lhe comprou três décimos. Depois chamou o garçom para fechar a conta e pediu a bengala de Maria Bonita e o panamá de palha branca e ar senhorial, erguendo—se com dificuldade enquanto o Potro do Mantelete, pondo—se de pé como se acabasse de soar o gongo, puxava a cadeira da Nina e ambos a escoltavam até a porta. A nota de Hernán Cortês ficou na mesa, de gorjeta. Afinal de contas, era um dia especial. E, como disse o Potro justificando humildemente o gasto, dom Ibrahim era um cavalheiro.

O recém—chegado entrou na igreja, e a luz que deixava atrás de si, recortada na porta e sobre as lajes do umbral, cegou Lorenzo Quart. Isso o fez pestanejar um instante e, quando sua retina pôde adaptar—se de novo à penumbra interior, dom Príamo Ferro já estava junto dele. Então verificou que era pior do que tinha imaginado.

— Sou o padre Quart — disse estendendo a mão. Acabo de chegar a Sevilha.

A mão ficou imóvel no vazio, ante dois olhos negros e penetrantes que a fitavam desconfiados.

— O que está fazendo na minha igreja?

Começou mal, disse consigo enquanto retirava devagar a mão, observando o homem que tinha diante de si. Áspero como sua voz, miúdo, seco, os cabelos brancos sem pentear e cortado desigual, a batina puída e cheia de manchas sob a qual assomavam uns sapatos velhos que ninguém se dera ao trabalho de

engraxar nos últimos cinco ou seis anos.

— Achei oportuno dar uma espiada — respondeu com calma.

O mais inquietante estava no rosto, sulcado em todas as direções por marcas, rugas e pequenas cicatrizes que davam ao pároco um aspecto atormentado, duro, como essas fotos aéreas de desertos onde se reflete a erosão, as rachaduras da crosta terrestre, as marcas profundas de rios desaparecidos que o tempo foi talhando na terra e na rocha. Além disso tudo estavam os olhos escuros, selvagens, alojados no fundo de profundas órbitas onde observavam o mundo com escassíssima simpatia. Aqueles olhos mediram Quart de cima a baixo, e este percebeu que se detinham nas abotoaduras da sua camisa, no corte do traje e, por fim, em seu rosto. Pareciam pouco satisfeitos com o que estavam vendo.

— O senhor não tem o direito de estar aqui.

Não havia opção, compreendeu Quart virando—se para Gris Marsala num pedido de ajuda que de antemão sabia inútil: ela assistira ao diálogo sem dizer palavra.

— O padre Quart apareceu perguntando pelo senhor — interveio sem muita vontade.

Os olhos do pároco ignoraram a arquiteta. Continuavam fixos no visitante:

— Para quê?

O enviado de Roma ergueu um pouco a mão esquerda, conciliador, verificando que o olhar de seu interlocutor seguia, com desaprovação, o brilho do caro Hamilton que trazia ao pulso.

— Levanto informações sobre este lugar. — Já tinha a certeza de que o primeiro contato era um fracasso, mas decidiu prolongar um pouco o esforço. Afinal de contas, aquele era seu trabalho. — Seria bom que conversássemos um pouco, padre.

— Não tenho nada o que conversar com o senhor. Quart aspirou o ar e deixou—o escapar lentamente.

Era como uma penitência que confirmava seus piores temores e, além disso, ligava—o a fantasmas que não lhe agradava reviver. Tudo o que detestava parecia reencarnar—se diante dele: a velha condição miserável, a batina puída, a desconfiança do padre interiorano intransigente, bronco, bom apenas para ameaçar com as penas do inferno, para confessar beatas de cuja ignorância só o separavam alguns toscos anos de seminário e um pouco de latim. Vai ser uma missão incômoda, disse consigo. Muito incômoda. Se aquele pároco era Vésperas, com semelhante acolhida dissimulava—o às mil maravilhas.

— Desculpe — insistiu, enfiando a mão no bolso interno do paletó para tirar um envelope com a tiara e as chaves de Pedro impressas num canto —, mas creio que temos sim muito que falar. Sou enviado especial do Instituto para as Obras Exteriores, e nesta carta dirigida ao senhor pela Secretaria de Estado estão minhas credenciais.

Dom Príamo Ferro pegou a carta e, sem nem sequer olhar para ela, rasgou—a em dois. Os pedaços oscilaram até o chão.

— Estou pouco ligando para suas credenciais. Olhava para Quart de baixo, pequeno e desafiador.

Sessenta e quatro anos, dizia o relatório que estava em cima da mesa do quarto de hotel. Vinte e tantos como padre rural, dez como pároco em Sevilha. Seu físico teria feito um bom par com o Mastim na arena do Coliseu: podia imaginá—lo sem dificuldade como um pequeno e perigoso gladiador, com o tridente numa das mãos e a rede pendurada no ombro, tentando surpreender o adversário enquanto a arquibancada reclamava sangue. Em sua vida profissional, Quart aprendera a distinguir à primeira vista contra que homem, entre vários, é oportuno precaver—se. E o padre Ferro era, exatamente, o obscuro paroquiano da extremidade do bar que, enquanto os outros vociferam, bebe em silêncio até que, de repente, quebra uma garrafa e o barbeia a seco. Também não teria feito má figura vadeando a laguna de Tenochtitlán com água pela cintura e empunhando uma cruz. Ou nas Cruzadas, degolando infiéis e hereges.

— E não sei o que é essa história de obras exteriores — acrescentou o pároco sem desviar os olhos de Quart.

— Meu superior é o arcebispo de Sevilha.

O qual, saltava à vista tinha preparado conscienciosamente o terreno para o incômodo enviado de Roma. Como quer que fosse, Quart não perdeu a calma. Meteu de novo a mão dentro do paletó para

mostrar o canto de outro envelope idêntico ao que jazia a seus pés.

— Vou estar com ele, precisamente.

O pároco fez um gesto afirmativo cheio de desdém, sem que fosse possível determinar se o dirigia às intenções de Quart ou à pessoa de monsenhor Corvo.

— Pois veja — retrucou, intratável. — Devo obediência ao arcebispo e, quando ele me mandar falar com o senhor, assim farei. Enquanto isso, esqueça—me.

— Venho de Roma, enviado expressamente. Alguém reclamou nossa intervenção nesse assunto. Suponho que esteja a par.

— Eu não reclamei nada. De qualquer modo, Roma está muito longe e esta é minha igreja.

— Sua igreja.

— Isso.

Quart sentia o olhar de Gris Marsala fixo neles, na expectativa. Adiantou o queixo enquanto contava mentalmente até cinco.

— Não é sua igreja, padre Ferro, e sim nossa igreja. Viu—o ficar um instante em silêncio, fitando os dois pedaços de papel no chão e, depois, virar um pouco o rosto de lado sem apontar para nenhum lugar concreto, com uma expressão estranha, nem esgar nem sorriso, no rosto cheio de marcas e cicatrizes.

— Nisso também se engana — disse por fim, como se aquilo pusesse um ponto final no assunto, e pôs—se a andar junto dos andaimes pelo centro da nave, em direção à sacristia.

Sangue de Deus. Violentando—se a si mesmo, Quart fez a derradeira tentativa de conciliação. Desejava liberdade de consciência na hora de cobrar as faturas que correspondessem a cada um. A daquele sacerdote, disse a si mesmo reprimindo a cólera, ia ser pesada. Setenta vezes sete.

— Venho ajudá—lo, padre — disse às costas do pároco e, uma vez feito o esforço, sentiu—se em paz antes que as coisas seguissem seu rumo. Com aquilo estava quite com a humildade e a fraternidade eclesiásticas. A partir de agora, de soberba a soberba, dom Príamo Ferro não ia ser o único capaz de sentir—se partícipe da ira de Deus.

O pároco tinha se detido para fazer uma genuflexão ao passar em frente do altar—mor, e Quart ouviu um riso breve e desabrido, completamente privado de humor:

— Me ajudar?... Não sei em que alguém como o senhor pode me ajudar. — Virara—se para fitá—lo pela última vez, erguendo—se, e sua voz produzia ecos no cruzeiro da nave. — Conheço bem os de sua classe... A ajuda de que esta igreja necessita é outra, e desta o senhor não traz em seus preciosos bolsos. E agora vá embora. Tenho um batizado dentro de vinte minutos.

Gris Marsala acompanhou—o até a porta. Quart, que apelava para toda a sua disciplina e todo o seu sangüefrio para não exteriorizar seu despeito, escutou sem prestar demasiada atenção os esforços para desculpar o pároco. Está sob forte pressão, resumia a arquiteta à maneira de justificativa. Os políticos, os bancos e o Arcebispado rondavam em torno como um bando de lobos. Não fosse a obstinação do padre Ferro, a igreja estaria demolida faz tempo.

— Pode ser que acabem demolindo—a, de qualquer modo — observou Quart, deixando escoar um pouco da raiva. — Graças a ele, e com ele dentro.

— Não diga isso.

Ela tinha razão. Não devia dizer aquelas coisas. Não devia dizê—las em absoluto, recriminou—se Quart de novo senhor de si, respirando o aroma de flor de laranjeira quando saíram à Ria. Havia um pedreiro trabalhando com uma pá junto da betoneira, no canto formado pela fachada da igreja em ângulo com o edifício contíguo. Quart dirigiu—lhe um olhar distraído enquanto caminhavam entre as laranjeiras da praça.

— Não entendo essa atitude — disse. — Afinal de contas, estou do lado dele. A Igreja está do lado

dele.

Gris Marsala fitou—o irônica.

— A que Igreja se refere?... À de Roma? Ao arcebispo de Sevilha? Ao senhor mesmo?... — Meneou a cabeça, incrédula. — Não, ele tem razão, e sabe que tem. Ninguém está do lado dele.

— Não me surpreende. Parece disposto a arranjar toda a sorte de problemas.

— Já os tem. Seu choque com o arcebispo é uma guerra aberta... Quanto ao prefeito, ameaça processá-lo considera insultantes os termos com que dom Príamo se referiu a ele durante a homilia da missa dominical, faz umas duas semanas.

Quart deteve—se interessado. Aquilo não constava do relatório de monsenhor Spada.

— O que disse ele?

A arquiteta modulou um sorriso torcido:

— Chamou—o de especulador infame, prevaricador e político sem consciência. — Olhou com o rabo dos olhos, para ver a cara que o padre fazia. — Que eu me lembre.

— Costuma fazer este tipo de sermões?

— Só quando se exalta muito. — Gris Marsala deteve-se, refletindo um pouco. — Ultimamente, talvez com certa frequência. Fala dos mercadores que invadem o templo, coisas assim.

— Os mercadores — repetiu Quart.

— Sim. E que tais.

O sacerdote arqueava as sobrancelhas, avaliando a coisa:

— Nada mal — concluiu. — Estou vendo que nosso pároco é um especialista na arte de fazer amigos.

— Tem amigos — protestou ela. Depois deu um pontapé numa lata de cerveja, para ficar vendo—a rodar. Também tem seus fiéis, gente boa que vem aqui rezar e que necessita dele. E o senhor não o pode julgar pelo que acaba de acontecer.

Havia um toque de paixão em sua voz, que por alguma razão a fazia parecer mais moça. Quart negou, incomodado.

— Não vim para julgar. — Virara—se para observar a desluzida torre da igreja, mas na realidade evitava os olhos da mulher. — São outros os que o farão.

— Claro. — Ela ficou de pé diante dele, com as mãos nos bolsos do jeans e ele não gostou nem um pouco do modo como o encarava. — O senhor é dos que redigem seu relatório e lavam as mãos, não é?... Limita—se a levar as pessoas ao Pretório e tudo o mais. Os outros é que dizem ibi ad crucem.

Quart ironizou um gesto de surpresa:

— Não a imaginava tão versada nos Evangelhos.

— Há coisas demais que o senhor não imagina, ao que parece.

Incomodado, o sacerdote descarregou o peso de seu corpo numa perna, depois na outra. Em seguida passou a mão pelo cabelo grisalho cortado à escovinha. A uns vinte metros de distância, o pedreiro que trabalhava junto da betoneira parara e os fitava, apoiado na pá. Era um rapaz vestido com velhas roupas militares manchadas de cal.

— A única coisa que pretendo — disse Quart — é garantir uma investigação limpa.

Ainda diante dele Gris Marsala negou com a cabeça.

— Não. — Agora os olhos claros o dissecavam com a simpatia de um bisturi. — Dom Príamo acertou o diagnóstico: o senhor veio garantir uma execução limpa.

— Disse isso?

— Disse. Quando o arcebispo anunciou que o senhor viria.

Quart desviou o olhar por cima do ombro da mulher. Via uma janela, um vaso com gerânios e um canário imóvel em sua gaiola.

— Eu só quero ajudar — disse em tom neutro, e sua voz pareceu de repente a de um estranho. Nesse momento, soou às suas costas o sino da igreja, e o canário pôs—se a cantar, feliz por ter companhia. Ia ser um trabalho difícil.

III. Onze bares em Triana

Tens de cortar, cortar e continuar cortando, e tens de abater impiedosamente, até clarear os renques de árvores e o bosque poder ser tido por saneado.

Jean Anouilh — A cotovia

Há cachorros que definem seus donos e carros que anunciam seus proprietários. O Mercedes de Pencho Gavira era escuro, reluzente, enorme, com uma ameaçadora estrela de três pontas em cima do radiador, como o ponto de mira de uma metralhadora de proa. Ainda não havia parado totalmente e Celestino Peregil já estava de pé no meio—fio, mantendo aberta a porta para que o chefe descesse. O trânsito diante do La Campana era intenso, e a poluição maculava o colarinho salmão da camisa do capanga, entre o jaquetão azul—marinho e a gravata de seda de flores vermelhas, verdes e amarelas, que brilhava no meio do peito como um infame semáforo. A fumaça dos canos de escape fazia seus cabelos grudados e escassos ondularem, destruindo a paciente disposição de camuflagem que cada manhã construía com esmero e muito fixador, a partir da orelha esquerda.

— Perdeu mais cabelo — disse Gavira maldosamente, olhando, aopassar, para o penteado destruído. Sabia que nada mortificava mais seu guarda—costas e assistente do que esse gênero de alusões; mas o financista atribuía ao uso periódico da espora a virtude de manter despertos os animais de seu plantel. Além do mais, Gavira era um homem duro, que venceu na vida por si mesmo, e sua natureza incluía esses exercícios de caridade cristã.

Apesar do trânsito e da poluição, o dia se anunciava bonito. Gavira considerou brevemente o panorama, bem plantado na calçada, enquanto arrumava os punhos da camisa para que sobressaíssem das mangas do paletó o suficiente para mostrar o reflexo do sol de maio nas abotoaduras de vinte e quatro quilates que prendiam os punhos duplos de seda azul—clara, confeccionados pelo melhor camiseiro de Sevilha. Parecia um modelo de revista de moda para cavalheiros, à espera do fotógrafo, quando ajeitou o nó da gravata e, com a mesma mão, passou a palma pela têmpora para roçar o cabelo negro e abundante, um pouco ondulado atrás das orelhas, penteado para trás com reluzente brilhantina. Pencho Gavira era moreno, bem—apessoado, ambicioso, elegante, triunfador, tinha dinheiro e estava a ponto de conseguir muito mais.

Desses sete adjetivos ou situações, quatro ou cinco se deviam integralmente a seu próprio esforço — e este era seu orgulho, e também sua esperança. O fundamento do olhar seguro, satisfeito, que passeou em torno antes de caminhar para a esquina da Calle Sierpes, com o cabisbaixo Peregil grudado a seus calcanhares como um capanga contrito.

Dom Octávio Machuca estava sentado em sua mesa habitual da confeitaria La Campana, revisando os documentos que Cánovas, seu secretário, lhe passava. Fazia alguns anos que o presidente do Banco Cartujano trocava as manhãs em seu escritório no Arenal, decorado com madeiras nobres e quadros, por uma mesa e quatro cadeiras naquele terraço de café onde batia o coração da cidade. Ali lia o ABC e olhava passar a vida enquanto cuidava de seus afazeres, da hora do café da manhã até o aperitivo, antes de ir almoçar em seu restaurante favorito, Casa Robles. Agora, quase nunca ia ao banco antes das quatro da tarde, e seus empregados e clientes não tinham outro remédio além de ir ao La Campana para despachar os assuntos urgentes. Isso incluía o próprio Gavira, que, como vice—presidente e diretor—geral, não podia evitar tão incômodo transe quase todo dia.

Era, sem dúvida nenhuma, por causa disso que seu olhar ia se nublando à medida que se aproximava da mesa onde o homem a quem devia seu presente e seu futuro estava sentado, diante de um café com

leite e meio pão fofo — o mollete de Antequera — com manteiga. Uma sombra que se acentuou notavelmente quando Gavira teve o infeliz gesto de olhar para a esquerda e advertir, de passagem, a capa da Q+S, exibida com destaque entre as revistas e jornais de uma banca. Foi só um instante, e o financista, que sentia na nuca o olhar de Peregil, continuou seu caminho como se nada tivesse visto. Mas a nuvem negra ganhava terreno e uma fígada de cólera lhe estremeceu o estômago, robustecido por uma hora diária de ginástica e sauna. Aquela revista estava havia dois dias na mesa de seu escritório no Arenal, e Gavira conhecia, como se ele mesmo as tivesse tirado, todas as fotos que constavam da reportagem das páginas internas e da capa: uma foto, um tanto borrada pelo granulado da teleobjetiva, em que podia reconhecer sua mulher, Macarena Bruner de Lebrija, herdeira do ducado de Nuevo Extremo e descendente de uma das três famílias mais tradicionais da aristocracia espanhola — Alba e Medina— Sidonia eram as outras —, saindo do hotel Alfonso XIII às quatro da madrugada com o toureiro Curro Maestral.

— Está atrasado — objetou o velho.

Não era verdade, e Pencho Gavira o sabia sem necessidade de consultar o luxuoso relógio que trazia no pulso esquerdo. Manter a tensão com uma discreta e contínua pressão era algo que aprendera precisamente com dom Octávio Machuca: punha os subordinados numa saudável incerteza, evitando que dormissem sobre seus louros. Peregil, com o repartido na orelha e os vícios mais ou menos ocultos, era sua cobaia imediata.

— Não gosto de atrasos — insistiu Machuca em voz alta, como se contasse ao garçom de jaleco listrado que aguardava instruções junto da mesa, com a bandeja de latão na mão, atento ao menor de seus gestos. Toda manhã sempre lhe reservavam a mesma mesa, junto da porta.

Gavira assentiu lentamente, assumindo com calma o sentido daquelas palavras. Depois pediu uma cerveja ao garçom, desabotoou o o paletó e foi sentar—se na cadeira de vime que o presidente do Banco Cartujano indicava a seu lado com um gesto. Após um par de abjetas inclinações de cabeça, Peregil foi ocupar um assento em outra mesa mais distante, onde Cánovas, o secretário, se retirara para guardar os documentos numa pasta de couro preto. O secretário era um sujeito magro, ratuíno, pai de nove filhos e de moral inatacável, que servia ao banqueiro desde os tempos em que este contrabandeava cigarros americanos e perfumes de Gibraltar. Ninguém se lembrava de tê—lo visto sorrir alguma vez, talvez porque o senso de humor de Cánovas jazesse sob o copioso rol de seus dependentes. Como quer que fosse, o secretário lhe era antipático, e Gavira acalentava projetos secretos para seu futuro: uma demissão fulminante quando o velho decidisse deixar vazio o escritório do Arenal, onde mal punha os pés.

Sem dizer palavra, olhando como seu chefe e protetor em direção ao movimento de gente e de automóveis, Gavira esperou até o garçom chegar com sua cerveja. Bebeu um gole inclinado para a frente, cuidando que a espuma não pingasse no vinco perfeito da calça, depois enxugou os lábios com o guardanapo antes de se acomodar de novo no encosto.

— O prefeito está no papo — disse por fim. Octávio Machuca não moveu um músculo do rosto.

Olhava para a frente, para o emblema da Pena Bética (1935) que alviverdeava o balcão do segundo andar do outro lado da rua, junto do edifício neomourisco do Banco de Poniente. Gavira observou as mãos ossudas do velho financista, compridas como garras e sarapintadas de manchas de senilidade. Machuca era muito magro e alto, com um nariz grande detrás dos quais um par de olhos escuros, sempre rodeados de profundas olheiras como que de insônia permanente, esquadrinhava com expressão de ave de rapina acostumada a caçar sob qualquer tipo de céu, até se saciar. Os anos não haviam impresso naqueles olhos tolerância ou piedade, mas cansaço. Mergulhador e contrabandista em sua juventude, agiota em Jerez, banqueiro em Sevilha antes de fazer quarenta anos, o fundador do Banco Cartujano estava a ponto de se aposentar, e sua única aspiração conhecida era tomar café da manhã na esquina de

Sierpes, em frente da Pena Bética e a sede bancária da concorrência, que o Cartujano acabava de absorver, após trabalhar palmo a palmo sua ruína.

— Já era hora — disse Machuca.

Continuava olhando para o outro lado da rua, e Gavira não soube se ele se referia ao Banco de Poniente ou ao caso do prefeito.

— Ontem à noite jantamos juntos — comentou para confirmar, estudando de esguelha o perfil do velho. — E esta manhã mantivemos uma conversa telefônica longa e cordial.

— Você e o prefeito — murmurou Machuca, como se se esforçasse para situar um rosto vagamente conhecido. Qualquer outro podia tomar aquilo por um sintoma de senilidade, mas Pencho Gavira conhecia seu presidente bem demais para incorrer em conclusões fáceis.

— Sim — confirmou voluntarioso, alerta, atento a qualquer matiz: exatamente o tipo de atitude que lhe ajudara a ser o que era. — Aceita reclassificar o terreno e vendê—lo para nós ato contínuo.

Não havia triunfo em sua voz, mas seria legítimo se houvesse. Era uma regra não escrita no mundo que ambos compartilhavam.

— Vão fazer um escândalo — objetou o velho banqueiro.

— Dá no mesmo para ele. Dentro de um mês expira seu mandato, e ele sabe que não será reeleito.

— E a imprensa?

— A imprensa se compra, dom Octávio. — Gavira arremedou o gesto de virar páginas com as mãos. — Ou lhe damos melhores ossos para roer.

Viu que Machuca assentia, montando o quebra—cabeça. Precisamente, Cánovas acabava de guardar na pasta um explosivo dossiê conseguido por Gavira sobre irregularidades no auxílio—desemprego da Junta da Andaluzia. O plano era torná—lo público de forma simultânea, para que funcionasse como biombo.

— Sem oposição da prefeitura — acrescentou — e com o Conselho do Patrimônio Cultural no bolso, só nos falta cuidar do aspecto eclesiástico do problema. — Fez uma pausa à espera de comentários, mas o velho permaneceu em silêncio. — Quanto ao arcebispo...

Deixou a frase no ar, cauteloso, oferecendo ao outro o movimento seguinte. Precisava de indícios, de cumplicidade, de avisos aos navegantes.

— O arcebispo quer sua parte — falou Machuca, por fim. — A Deus o que é de Deus, você sabe.

Gavira assentiu com muito cuidado:

— Naturalmente.

Agora o velho banqueiro virara—se para encará—lo.

— Vá em frente e boa páscoa.

Não era tão fácil, e ambos sabiam disso. Velho sacana!

— Estamos de acordo, dom Octávio — precisou Gavira.

— Então não há mais o que falar.

Machuca mexia a colherinha em sua xícara de café com leite, voltando a mergulhar na contemplação da tabuleta da Pena Bética. Na outra mesa, alheios à conversa, o secretário e Peregil fitavam—se com hostilidade. Gavira escolheu cuidadosamente o tom e as palavras:

— Com todo o respeito, dom Octávio, há, sim, mais o que falar. Temos nas mãos o melhor golpe urbanístico que Sevilha já viu desde a Exposição Universal de 1992: três mil metros quadrados em pleno bairro de Santa Cruz. E, relacionado com isso, a compra de Puerto Targa pelos sauditas. Ou seja, de cento e oitenta a duzentos milhões de dólares. Mas permita—me economizar o máximo possível. — Bebeu um pouco de cerveja para manter o eco do verbo economizar. — ... Não quero pagar dez por uma coisa que conseguiremos por cinco. E o arcebispo pôs—se a pedir mundos e fundos.

— De alguma maneira teremos de agradecer a arcebispo Corvo pelo detalhe de lavar as mãos. — Machuca enrugava um pouco a pele das pálpebras, em algo que nem remotamente podia se relacionar com um sorriso. Ou pelas facilidades técnicas, como você diria. Não se consegue todos os dias que um arcebispo aceite secularizar um terreno como esse, desalojar o pároco e derrubar a igreja... Não acha? — Erguera uma das suas mãos ossudas para enumerar tudo, mas deixou—a cair na mesa com um gesto de cansaço. — É o que se chama rendilhado de bilro.

— Sei perfeitamente. Meu trabalho me ensinou, se me permite dizê—lo.

— É por isso que você está onde está. Agora pague ao arcebispo a compensação que ele insinuou e encerre essa parte do assunto. Afinal de contas, o dinheiro com que você trabalha é meu.

— E dos outros acionistas, dom Octávio. Essa é minha responsabilidade. Se uma coisa eu aprendi com o senhor foi honrar meus compromissos sem jogar dinheiro fora.

O banqueiro deu de ombros.

— Como você quiser. Afinal de contas, a operação é sua.

Era dele para o bem e para o mal. Aquilo significava uma advertência, mas era preciso muito mais que isso para descoroçoar Pencho Gavira.

— Está tudo sob controle — afirmou.

O velho Machuca era afiado como uma navalha. Gavira, que sabia disso de sobra, viu como os olhos rapaces iam da tabuleta da Pena Bética à fachada do Banco de Poniente.

A operação Santa Cruz e a de Puerto Targa eram mais que um bom negócio: nelas, Gavira jogava ou suceder Machuca na presidência, ou ficar inerme diante de um conselho de administração de velhas famílias do dinheiro sevilhano, pouco dispostas a aceitar os advogados jovens, ambiciosos e arrivistas. Sentiu cinco pulsações a mais sob a pulseira de ouro do Rolex.

— E o pároco? — O olhar do velho virara—se de novo para ele: um lampejo de interesse sob a aparente indiferença. — Dizem que o arcebispo continua não estando muito seguro da cooperação dele.

— Há isso. — Gavira sorria, dissolvendo suspeitas. — Mas tomamos medidas para resolver o problema. — Olhou para a outra mesa, na direção de Peregil, e fez uma pausa insegura; compreendeu então que precisava acrescentar algo, um argumento. ... Não passa cie um velho obstinado.

Foi uma distração e um erro, como compreendeu na mesma hora. Com visível prazer, Machuca se introduziu pela brecha aberta.

Impróprio de você. — Fitava—o nos olhos como uma cobra veterana que se deleitasse infundindo o medo. Gavira contabilizou em sua pulseira cie ouro um excesso de pelo menos dez pulsações. — Eu também sou velho, Pencho. E você sabe melhor do que ninguém que ainda tenho bons dentes para morder... Seria perigoso esquecer isso, não é mesmo? — As pálpebras de ave de rapina se enrugaram de novo. — Quando você está tão próximo da meta.

— Não esqueço. — É difícil engolir em seco sem que o interlocutor note, mas Gavira o fez duas vezes. — Quanto a esse pároco, entre o senhor e ele não há ponto de comparação.

O banqueiro meneava a cabeça, reprovador.

— Você anda fora de forma, Pencho. Você, recorrendo à bajulação.

— O senhor não me conhece, dom Octávio.

— Não diga besteira. Conheço você muito bem, e por isso chegou onde está. E onde está a ponto de chegar.

— Sempre uso de franqueza com o senhor. Inclusive quando não lhe agrada.

— Está enganado. Sempre aprecio sua franqueza, tão calculada quanto tudo o mais. Como sua ambição e sua paciência... — O banqueiro olhou para dentro da xícara, como se buscasse ali mais detalhes sobre o caráter de Gavira — E no que concerne ao ponto de comparação, talvez você esteja

certo e esse padre e eu não tenhamos nada a ver, salvo os anos vividos. Não sei dizer, porque não o conheço. Mas vou lhe dar um bom conselho, Pencho... Gosta dos meus conselhos, não é?

— O senhor sabe que sim, dom Octávio.

— Ainda bem, porque este é um dos melhores. Desconfie sempre de um velho que se aferra a uma idéia. É tão raro ficar velho com idéias pelas quais lutar, que os poucos afortunados não deixam que as arranquem deles facilmente. — Deteve—se como se lembrasse algo. — Além disso, parece que as coisas se complicaram, não é?... Um padre de Roma e tudo o mais.

O suspiro de Pencho Gavira soou sincero. Talvez fosse mesmo.

— O senhor está muito bem informado, dom Octávio. Machuca trocou um olhar com seu secretário, que continuava sentado à outra mesa, imóvel diante de Peregil, com a pasta de couro preto nos joelhos e a expressão de um rato jogando pôquer. Mudo e cego até segunda ordem. Já Peregil se remexia inquieto e lançava de soslaio olhadas nervosas para Gavira. A proximidade de dom Octávio Machuca, a conversa deste com seu chefe e a presença imperturbável de Cánovas o intimidavam.

— Esta é a minha cidade, Pencho — disse Machuca. Não sei do que se espanta.

Gavira tirou um maço de cigarros do bolso e acendeu um. O presidente não fumava, e ele era o único a quem permitia fazê—lo em sua presença.

— Fique tranqüilo — disse com a primeira baforada. Está tudo sob controle. — Deu uma segunda com maior lentidão. — Tudo bem amarrado.

— Não estou intranqüilo. — O banqueiro sacudia a cabeça, olhando distraído a gente que passava. — Repito que a operação é sua, Pencho. Eu me aposento em outubro; saia bem ou mal, nada disso vai mudar minha vida. Mas pode mudar a sua.

Com aquilo o velho pareceu dar por encerrado o assunto. Tomou o resto do café com leite e então virouse de novo para Gavira:

— Aliás, o que você sabe de Macarena?

Era um golpe baixo. Muito baixo. E era evidente que o estivera reservando para o final. Se alguma coisa não estava amarrada, era precisamente esta. Gavira olhou para a banca de jornais e sentiu a cólera martelar—lhe o estômago. Porque também era inoportuna a casualidade: logo quando acabava de encomendar a Peregil um seguimento discreto das andanças da mulher, aqueles jornalistas da Q+S a viam pulando a cerca com o toureiro e se fartavam de fotos. Maldita sorte e maldita Sevilha.

Havia exatamente onze bares nos trezentos metros que separavam a Casa Cuesta da ponte de Triana. A média era de um a cada vinte e sete metros e vinte e sete centímetros, calculou mentalmente dom Ibrahim, mais acostumado a livros e números. Qualquer dos três comparsas podia recitar a lista completa para a frente, para trás, ou em ordem alfabética: La Trianera. Casa Manolo. La Marinera. Dulcinea. La Taberna dei Altozano. Las Dos Hermanas. La Cinta. La Ibense. Los Parientes. El Bar Angeles.

E o quiosque Las Flores no final, já quase na beira do rio, junto do azulejo com a Virgem da Esperança e a estátua de bronze do toureiro Juan Belmonte. Tinham parado em todos para discutir a estratégia e agora atravessavam a ponte em estado de graça, evitando pudicamente olhar para a esquerda, para as nefastas edificações modernas da ilha da Cartuja, e deleitando-se com a paisagem que lhes era oferecida à direita, a Sevilha de toda a vida, bela e rainha moura, com as palmeiras ao longo da outra margem, a Torre dei Oro, o Arenal e a Giralda. E quase a um arremesso de pedra, debruçada no Guadalquivir, a praça de touros da Mães—tranza, a catedral do Universo em que a gente ia rezar para os homens valentes que a Nina Punaes cantava em suas coplas.

Caminhavam pela calçada da ponte junto da balaustrada de ferro, ombro a ombro como nos velhos filmes americanos, com a Nina no centro e eles dois, dom Ibrahim e o Potro do Mantelete, ladeando—a como leais gentis—homens. E no reflexo azul, ocre e branco da manhã sobre o rio, embalado nos suaves

vapores do xerez La Ina, que embebera generosamente seus espíritos, soavam arpejos de guitarra andaluz que só eles podiam ouvir. Uma música imaginária, ou, quem sabe, real, que dava ao passo curto e um tanto precipitado deles, à forma em que deixavam para trás a familiar Triana para embrenharem—se na outra margem do Guadalquivir, a firmeza e a decisão de um passeio entre sol e sombra às cinco da tarde. Dom Ibrahim, o Potro e a Nina iam entrar em campanha, iam ganhar a vida em território hostil, abandonando a segurança de sua zona habitual. Fora, portanto, inevitável que o ex—falso bacharel, no bar Los Parientes, pelo que acreditavam recordar—se, levantasse o chapéu panamá — que em certa ocasião havia tirado para esbofetear Jorge Negrete, quando este perguntou se na Espanha não havia machos — e citasse solenemente um tal de Virgílio. Ou, quem sabe, Horácio. Em resumo, um clássico:

Então, como lobos rapaces na obscura treva, empreendemos o caminho para o centro daflamígera Ilispalis.

Algo assim. O sol reverberava na água mansa do rio. Debaixo da ponte, uma moça de cabelo preto e comprido remava num barquinho ou numa canoa, cuja esteira reta cortava contra a luz aquela cintilação de margem a margem. Ao passar diante da Virgem da Esperança, a Nina Punales fez o sinal da cruz ante o olhar, agnóstico mas acatador, de dom Ibrahim, que até tirou o charuto da boca em sinal de respeito. Quanto ao Potro do Mantelete, também se persignou rápida e furtivamente com a cabeça baixa, como quando escutava o clarim nas praças de touros miseráveis, cheias de poeira, medo e moscas, ou quando o gongo o obrigava a desgrudar as costas do canto e sair a corpo descoberto para o centro do ringue, olhando as gotas de seu próprio sangue na lona. Mas neste caso o gesto não era dirigido à Virgem, e sim ao perfil de bronze, à capa e ao chapéu de Juan Belmonte.

— Você devia ter cuidado mais da sua mulher.

O velho Machuca sacudiu a cabeça de cima para baixo, olhando a gente que passava diante do terraço da La Campana. Havia tirado do bolso um lenço de cambraia com suas iniciais bordadas em fio azul, e tocava a ponta do nariz. Pencho Gavira observou as manchas de senilidade nas mãos que pareciam garras do ancião. Tudo nele recordava a ave de rapina. Uma velha águia imóvel e malvada, observando.

— As mulheres são complicadas, dom Octávio. E sua afilhada, muito mais.

O banqueiro dobrava meticulosamente o lenço. Parecia meditar sobre aquilo, pois assentiu devagar.

— Macarena — disse, como se aquele nome resumisse tudo. E desta vez foi Gavira que assentiu.

A amizade de Octávio Machuca com os duques de Nuevo Extremo já durava quarenta anos. O Cartujano financiara, quase a fundo perdido, vários negócios ruins com que o falecido Rafael Guardiola y FernándezGarvey, duque consorte e pai de Macarena, liquidou os últimos restos do patrimônio familiar. Mais tarde, após a ruína definitiva pranteada junto com o falecimento do duque — uma angina de peito em plena farra cigana, de roupas íntimas e às quatro da madrugada —, o velho Machuca em pessoa se encarregara de satisfazer os credores e vender as escassas propriedades não embargadas a fim de conseguir alguma liquidez, aplicada em seu banco à maior taxa de juros possível. Assim pôde conservar para a viúva e a filha a residência da Casa del Postigo e uma renda anual que, sem luxos excessivos, permitiu que a duquesa viúva, Cruz Bruner, envelhecesse com o decoro adequado a seu nome. Na Sevilha que importava, todo o mundo se conhecia e não faltava quem afirmasse que a mencionada renda anual era inexistente, que o dinheiro saía diretamente dos fundos pessoais de Octávio Machuca. Também corria a suspeita de que o banqueiro honrava com isso uma relação um pouco mais que amistosa, construída em vida do falecido duque. Inclusive, no que concerne a Macarena, alguns comentavam que certas afilhadas são apreciadas como se fossem filhas; mas ninguém nunca deu provas de nada, nem teve a coragem necessária para perguntar ao velho se era mesmo verdade. Quanto a Cánovas, que cuidava da papelada, dos segredos e das contas privadas do banqueiro, era sobre este particular, como sobre muitos outros, tão expressivo quanto um prato de língua ensopada.

— Esse toureiro... — disse Machuca após um instante.

— Maestral, não é?

Gavira sentia um sabor amargo na boca. Deixou o cigarro cair, pegou o copo de cerveja e bebeu um longo gole, mas aquilo não melhorou as coisas. Tornou a pôr o copo na mesa e ficou olhando a gota que caíra no vinco de sua calça. Uma blasfêmia sonora, castiça, rondou—lhe os lábios como uma tentação, o velho continuava vendo a gente passar, como se estivesse à espreita de um rosto familiar. Segurara Macarena Bruner na pia batismal da catedral e foi ele que a levou pelo braço sob a mesma nave, vestida de cetim branco, lindíssima, até o pé do altar onde Pencho Gavira a aguardava. Um casamento que as más línguas sevillanas tinham definido como armação do velho banqueiro, pois garantia o patrimônio e o

futuro de sua afilhada e dava, em troca, apoio social a seu protegido, na época um jovem e ambicioso advogado que subia como um meteoro na hierarquia do Cartujano.

— Seria bom fazer alguma coisa — acrescentou Machuca, pensativo.

Apesar da humilhação e da vergonha que sentia, Gavira pôs—se a rir:

— O senhor não vai querer que eu dê um tiro no toureiro.

— Claro que não. — O banqueiro virou—se um pouco, com um olhar exageradamente curioso nos olhos ladinos. — ... E você seria capaz de dar um tiro no amante da sua mulher?

— Na verdade é minha ex—mulher, dom Octávio.

— Claro. É o que ela diz.

Gavira sacudiu com um dedo a pequena mancha de umidade antes de esticar o vinco da calça. Claro que era capaz, e ambos sabiam. Mas não ia fazê—lo.

— Isso não mudaria as coisas — falou.

De qualquer modo era verdade. Desde que ela voltou para a Casa del Postigo, haviam precedido o toureiro um banqueiro da concorrência e o dono de uma célebre vinícola de Jerez. Iam ser necessárias muitas balas, se recorresse àquele método. E Sevilha não era Palermo. Além do mais, o próprio Gavira se consolava nas últimas semanas com uma conhecida modelo sevilhana, especialista em lingerie fina. De modo que o velho Machuca concordou com uma dupla e lenta inclinação da cabeça. Havia outros sistemas.

— Conheço alguns diretores de jornal. — Gavira sorria, firme e perigoso. — E o senhor, uns tantos empresários de praças de touros... Talvez esse rapaz, Maestral, tenha dificuldades na próxima temporada.

As pálpebras de ave de rapina se enrugaram sobre os olhos do presidente do Cartujano. Era quase um sorriso.

— Que pena — lamentou o velho. — Não parece mau toureiro.

— Mas é bonito — notou Gavira, com rancor. — Sempre restará o recurso de se dedicar às telenovelas.

Depois olhou para a banca de jornais, e a nuvem negra que o rondava voltou a anuviar a manhã. Porque Curro Maestral não era o problema. Havia algo mais importante do que a capa da Q+S onde ele escoltava Macarena Bruner, ambos esfumados por causa da pouca luz e da teleobjetiva do fotógrafo. E essa questão não afetava a honra matrimonial de Gavira, mas sua própria sobrevivência no Cartujano e a sucessão do velho Machuca na presidência do conselho. A manobra imobiliária em torno de Nossa Senhora das Lágrimas tinha todas as pontas amarradas, salvo uma: existia um antigo privilégio familiar, documentado em 1687, estipulando uma série de condições que, se não fossem observadas, originariam a devolução aos Bruner do terreno cedido para a igreja. Mas uma lei posterior, aprovada no século XIX durante a desamortização eclesiástica do ministro Mendizábal, fazia a propriedade do terreno, em caso de secularização, reverter ao município de Sevilha. O caso era legalmente complexo e, se a duquesa e sua filha entrassem com uma ação na justiça, tudo podia ficar paralisado por algum tempo. Mas o projeto estava em fase avançada, havia muitos investimentos e compromissos envolvidos, e um fracasso obrigaria Octávio Machuca a desautorizar seu delfim diante do conselho de administração — em que Gavira tinha bons e sólidos inimigos justo quando o jovem vice—presidente do Cartujano estava a ponto de assumir o poder absoluto. Isso significava pôr sua cabeça no cepo do verdugo. Mas, conforme sabiam a revista Q+S, meia Andaluzia e toda Sevilha, a cabeça de Pencho Gavira não era algo que Macarena Bruner apreciasse muito nos últimos tempos.

Quando Lorenzo Quart saiu do hotel Dona Maria, em vez de percorrer os nem mesmo trinta metros que o separavam da porta do Arcebispado, caminhou um pouco até o centro da praça Virgen de los Reyes e se deteve um instante, observando o panorama. Era a encruzilhada de três religiões: o velho bairro judeu às suas costas, os muros brancos do convento de La Encarnación de um lado, o Palácio Arquiepiscopal do outro, e, no fundo, perto do muro da antiga mesquita árabe, o minarete transformado

em campanário para a catedral cristã: a Giralda. Havia charretes, vendedores de cartões—postais, ciganas com crianças pedindo uma esmola para o leite e turistas que olhavam para cima, maravilhados, enquanto faziam fila para visitar a torre. Uma mocinha estrangeira com sotaque americano se afastou de um grupo para fazer a Quart uma pergunta banal sobre algum lugar próximo da praça: um pretexto para observar de perto seu rosto bronzeado, tranqüilo, que contrastava poderosamente com os cabelos grisalhos curtos e o colarinho preto e branco. Quart deu uma resposta superficial e cortês antes de se desinteressar da moça, que voltou para junto de suas companheiras em meio a um coro de risos contidos, cochichos e olhares por cima do ombro. Conseguiu ouvir as palavras he'sgorgeous, ou seja, úm gato. Aquilo teria, sem dúvida, provocado a hilaridade de monsenhor Spada. A lembrança do diretor do IOE e seus conselhos técnicos na escadaria da Piazza di Spagna, quando da última conversa em Roma, o fizeram sorrir. Depois, ainda com o sorriso na boca, percorreu com a vista a torre da Giralda, da base até o cata—vento que dava nome ao conjunto. Erguia para o céu os olhos azul—acinzentados como um insólito turista, as mãos nos bolsos do traje preto cortado sob medida por um excelente alfaiate romano quase tão prestigioso quanto Cavalleggeri e Filhos. Espanha, o sul, a velha cultura da Europa mediterrânea, só podiam intuir—se de lugares como aquele. Sevilha era uma superposição de histórias, de vínculos impossíveis de explicar uns sem os outros. Rosário de tempo, sangue e preces em línguas diferentes sob um céu azul e um sol sábio que igualavam tudo no transcurso dos séculos. Pedras sobreviventes que ainda se podia ouvir falarem. Bastava esquecer por um momento as câmaras de vídeo, os cartões—postais, os ônibus carregados de turistas e mocinhas impertinentes e aproximar delas o ouvido, escutando.

Faltava meia hora para o encontro no Arcebispado, de modo que subiu pela Calle Mateos Gago, para tomar um café na cervejaria Giralda. Gostava de sentar—se perto do balcão, apreciando o chão axadrezado em branco e preto, os azulejos e as gravuras de Sevilha antiga nas paredes. Tirou do bolso o Elogio da milícia templária de Bernardo de Clairvaux, para ler umas páginas ao acaso. Era um velhíssimo volume in—octavo cuja leitura alternava cada dia com as matinas, laudes, vésperas e completas do breviário; visto que cumpria rigorosamente, com aquela minuciosa disciplina sua que não recorria à piedade, mas ao orgulho. Amiúde, nas muitas horas passadas em hotéis, lanchonetes e aeroportos, entre dois encontros ou viagens profissionais, o sermão medieval que durante duzentos anos foi o guia espiritual dos monges soldados que combatiam na Terra Santa ajudava—o a suportar a solidão do ofício. Às vezes deixava—se levar pelo estado de espírito que sua leitura produzia em si, imaginando—se último sobrevivente da derrota de Hattin, da Torre maldita de Acre, dos calabouços de Chinon ou das fogueiras de Paris: um templário solitário e muito cansado, cujos amigos estivessem todos mortos.

Leu umas linhas que na realidade podia recitar de cor — "Tonsuramse o cabelo, vão cobertos de poeira, negros pelo sol que os abrasa e pela malha que os protege. ." — e ergueu em seguida o rosto para ver a luz da rua, os transeuntes que passavam sob as folhas verdes das laranjeiras. Uma mulher jovem, esbelta, com cara de estrangeira, deteve—se um momento para prender o cabelo, com ajuda de seu reflexo no vidro da janela entreaberta. Fez isso erguendo os braços nus com um gesto de extrema graça, belíssima e concentrada na própria imagem, até que seus olhos foram um pouco adiante e encontraram os de Quart. Por um instante, sustentou o olhar, surpresa e curiosa, antes que a naturalidade do gesto fosse destruída. Então, um rapaz com uma máquina fotográfica pendurada ao pescoço e um mapa na mão chegou a seu lado e, passando—lhe o braço pela cintura, levou—a consigo.

Talvez a palavra não fosse exatamente inveja ou tristeza. Não havia um termo exato para definir a desolação, familiar a qualquer clérigo, ante o contato próximo de casais, homens e mulheres a quem era legítimo desenvolver o antigo ritual da intimidade, gestos que permitiam acariciar a curva de uma nuca até os ombros, a linha suave das cadeiras, os dedos de uma mulher sobre a boca de um homem. E, no caso de Quart, para o qual a princípio não teria sido difícil superar distâncias com boa parte das mulheres bonitas que cruzavam seu caminho, era mais intensa aquela certeza de autodisciplina desconsolada, dolorosa, semelhante aos amputados que garantem sentir o formigamento, o mal—estar de mãos ou pernas já inexistentes, como se ainda estivessem ali.

Olhou para o relógio, guardou o livro e pôs—se de pé. Ao sair esteve quase a ponto de tropeçar em um cavaleiro gordíssimo, vestido de branco, que se desculpou cortesmente tirando o chapéu de panamá. O gordo ficou olhando para Quart quando este foi devagar em direção à praça e ao edifício avermelhado de fachada barroca, que ficava à direita, atrás de uma linha de laranjeiras. Um porteiro se aproximou

para identificar o recém-chegado, mas à vista da gola eclesiástica cedeu—lhe imediatamente passagem sob as duas colunas duplas que sustentavam o balcão principal, com o emblema heráldico dos arcebispos hispalenses talhado na pedra. Quart saiu no pátio, onde se projetava a sombra da Giralda, depois subiu a suntuosa escada sob a abóbada de Juan de Espinal, da qual anjos e querubins observavam os recém-chegados com ar aborrecido, matando o tempo em sua imobilidade de séculos. Em cima havia corredores com escritórios, sacerdotes atarefados que iam de um lado para o outro com a desenvoltura de quem conhece o terreno. Quase todos vestiam trajes de colarinho redondo, plastrões e camisas escuras ou cinzentas, alguns usavam gravatas ou camisas pólo sob o paletó: mais pareciam funcionários do que sacerdotes. Quart não viu nenhuma batina.

O novo secretário de monsenhor Corvo saiu a seu encontro. Era um clérigo bonachão, calvo, de aspecto limpo e modos suaves, com gola e roupa cinzenta. Substituíu o padre Urbizu, falecido ao cair—lhe em cima a cornija de Nossa Senhora das Lágrimas. Sem dizer palavra, conduziu—o através do salão cujo teto, dividido em sessenta caixotões, continha emblemas e cenas bíblicas destinadas, a princípio, a estimular as virtudes dos prelados sevillanos no governo de sua diocese. Havia ali uns vinte afrescos e telas, entre os quais quatro Zurbarán, um Murillo e um Matia Preti com são João Batista degolado.

Enquanto caminhava ao lado do secretário, Quart se perguntou por que nas ante—salas dos bispos e dos cardeais era tão freqüente tropeçar com a cabeça de alguém numa bandeja. Ainda trazia esse pensamento quando encontrou dom Príamo Ferro. O pároco de Nossa Senhora das Lágrimas estava de pé numa extremidade, obstinado e obscuro como a cor de sua velha batina. Conversava com um clérigo muito jovem, louro, de óculos, que Quart identificou como o pedreiro que o estivera observando na porta da igreja quando conheceu o padre Ferro e Gris Marsala. Os dois sacerdotes se interromperam para fitá—lo, os olhos do pároco impassíveis, o jovem hostil e desafiador.

Quart dirigiu—lhes uma leve inclinação de cabeça, mas ninguém fez menção de responder ao cumprimento. Era evidente que estavam esperando fazia tempo, e ninguém lhes havia oferecido uma cadeira.

Sua Ilustríssima, dom Aquilino Corvo, titular da diocese hispalense, costumava adotar a pose do Cavaleiro da mão no peito, que estava pendurado numa das salas do Museu do Prado. Em cima do traje negro apoiava a mão branca em que luzia o distintivo de sua dignidade: um anel com uma grande pedra amarela. As têmporas de cabelos escassos, o rosto comprido e anguloso, o brilho da cruz de ouro completavam uma reminiscência daquele personagem, que o arcebispo se comprazia em acentuar. Aquilino Corvo era um prelado de boa cepa, procedente de uma cuidada seleção eclesiástica. Hábil, manobreiro, habituado a navegar em qualquer tipo de tormenta, sua titularidade diante da diocese sevillhana não era fortuita. Tinha importantes apoios na Nunciatura de Madri, contava com o respaldo da Opus Dei, e suas relações com o governo e a oposição na Junta de Andaluzia eram ótimas. Isso não impedia que se ocupasse de aspectos marginais de seu ministério, inclusive pessoais. Por exemplo, era apreciador de touradas e ocupava um lugar na primeira fila na Maestranza cada vez que Curro Romero ou Espartaco toureavam. Também era sócio dos dois clubes de futebol locais, o Betis e o Sevilla, tanto por neutralidade pastoral como por prudência eclesiástica: seu undécimo mandamento consistia em não botar todos os ovos no mesmo cesto. Também odiava Lorenzo Quart com toda a sua alma.

Como era previsível após a recepção do secretário, a primeira parte da entrevista transcorreu fria mas correta. Quart entregou suas credenciais — uma carta do cardeal Secretário de Estado e outra de monsenhor Spada —, deu ao arcebispo detalhes gerais e mais que conhecidos dele sobre sua missão, e seu interlocutor lhe ofereceu apoio incondicional, pedindo—lhe que o mantivesse informado. Na realidade, Quart sabia que o arcebispo ia fazer o possível para sabotar sua missão, e monsenhor Corvo, que não tinha a menor esperança de que Quart lhe prestasse conta do que quer que fosse, estava disposto a trocar um ano de Purgatório por uma cadeira de pista se o enviado especial de Roma pisasse numa

casca de banana. Mas eram profissionais e conheciam as regras a observar, pelo menos em termos de aparências. Nenhum dos dois tampouco fez alusão a por que se olhavam de ambos os lados da mesa como esgrimistas cuja falsa despreocupação desapareceria, como um raio, no momento em que um deles descobrisse uma brecha por onde acertar no outro uma estocada. Sobre ambos pairava a sombra do último encontro dos dois naquele escritório, uns poucos anos atrás, sendo Sua Ilustríssima recém—chegado à dignidade arquiépiscopal, quando Quart lhe entregou uma cópia de um grosso relatório com as falhas de segurança em torno da visita do Santo Padre a Sevilha, durante o último Ano Eucarístico. Um padre casado, relapso e suspenso a divinis por pouco não deu uma facada no Pontífice com o pretexto de lhe entregar um memorando sobre o celibato. Também foi achado um artefato explosivo no convento de freiras onde Sua Santidade devia pernoitar, num daqueles cestos de roupa limpa bordada primorosamente para a ocasião pelas irmãs. E nas agendas de todos os terroristas islâmicos do Mediterrâneo figuravam com arrepiante detalhe as horas e itinerários da visita papal, graças aos contínuos vazamentos do Arcebispado à imprensa. Foi o IOE, concretamente Quart, que tomou com urgência as medidas necessárias, pondo de pernas para o ar o plano original de segurança de Sua Ilustríssima, para desmoralização da Cúria e desespero do Núncio. Que por certo chegou a comentar o caso ante Sua Santidade, em termos que quase custaram a monsenhor Corvo, além da recém—estreada diocese hispalense, um ataque de apoplexia. Com o tempo, superado o tropeço, o arcebispo se consolidou como excelente prelado; mas aquela crise de noviço, sua humilhação e o papel desempenhado por Quart nela roíam seu coração e sua mansuetude de uma maneira muito pouco pastoral. Detalhe este que Sua Ilustríssima havia confiado aquela mesma manhã a seu atribulado confessor, um ex—clérigo da catedral com quem se reconciliava nas primeiras sextas—feiras de cada mês.

— Esta igreja está condenada — disse o arcebispo. Tinha uma voz das que parecem expressamente feitas para o sermão de domingo, nítida e clerical. — É só uma questão de tempo.

Falava com a firmeza de sua dignidade eclesiástica, talvez carregando um pouco o tom por se encontrar em presença de Quart. Mesmo se em Roma não significasse nada, um prelado em sua própria diocese tinha de ser levado em conta. Monsenhor Corvo estava consciente disso e gostava de colocar acentos na autonomia de seu poder local.

Costumava alardear não conhecer de Roma nada mais que o Anuário Pontifício e nunca abrir a lista telefônica do Vaticano.

— Nossa Senhora das Lágrimas — continuou o arcebispo — se acha em estado de ruína. Para conseguir essa declaração oficial lutamos com uma série de obstáculos administrativos e técnicos... Os primeiros parecem a ponto de se resolver, pois o Conselho do Patrimônio Cultural renunciou à conservação do edifício, alegando falta de verbas; e a prefeitura de Sevilha está a ponto de referendá—lo. Se o processo ainda não se encerrou foi por causa do fato que custou a vida do arquiteto municipal. Um caso de azar.

Monsenhor Corvo fez uma pausa para contemplar a dúzia de cachimbos ingleses que tinha alinhados num suporte de cerejeira. Às suas costas, detrás das cortinas, adivinhavam—se a torre da Giralda e os arcobotantes da catedral. Havia um retângulo de sol no couro verde que atapetava o tampo da mesa, e o prelado pôs ali a mão do anel num gesto em aparência casual. A luz produziu um reflexo na pedra amarela e um leve sorriso em Lorenzo Quart.

— Vossa Ilustríssima mencionou problemas técnicos — disse.

Estava sentado numa incômoda cadeira em frente da mesa do arcebispo, num lado da sala com paredes cobertas pelas obras dos padres da Igreja e as encíclicas papais, todo encadernado com as armas arquiépiscopais na lombada. Na outra extremidade da sala, havia um genuflexório sob um crucifixo de marfim, e um pequeno sofá com duas poltronas e uma mesinha baixa onde monsenhor Corvo recebia de maneira mais cordial pessoas de seu apreço. Era evidente que o enviado especial do IOE não estava entre elas.

— A secularização do edifício, requisito prévio para sua demolição, complicou muito as coisas para nós. — A gravidade do arcebispo não bastava para dissimular seu receio diante de Quart. Escolhia com sumo cuidado as palavras, calculando as implicações de cada uma. — Há um antigo privilégio de 1687, outorgado com sanção papal naquele mesmo ano por meu ilustre antecessor nesta diocese hispalense, que é categórico: enquanto se disser missa toda quinta—feira na igreja pela alma de Gaspar Bruner de

Lebrija, seu benfeitor, esta conservará seus foros.

— Por que quinta—feira?

— Pelo visto morreu nesse dia. Os Bruner eram poderosos, de modo que imagino que dom Gaspar devia ter meu ilustre antecessor bem agarrado pelo pescoço.

— E o padre Ferro, é claro, diz uma missa todas as quintas—feiras...

— Diz missa todos os dias da semana — confirmou o arcebispo. — Às oito da manhã, salvo domingos e dias festivos, quando diz duas.

Quart se inclinou um pouco para a mesa, com falsa inocência:

— Mas Vossa Ilustríssima possui autoridade para chamá—lo à ordem.

O arcebispo fitou—o novamente. O anel se movia na mão impaciente, estragando o belo efeito da luz.

— Não me faça rir. — Não parecia nem um pouco propenso ao riso, e o tom se fez duro. — O senhor sabe que não é um problema de autoridade. Como um arcebispo vai impedir que um padre diga missa?... O que há é um problema de disciplina. Embora seja um homem de idade, ultraconservador até mesmo em alguns aspectos de seu ministério, o padre Ferro tem atitudes muito pessoais. Entre outras, zomba de todas as minhas pastorais e advertências.

— Vossa Ilustríssima não considerou a suspensão desse sacerdote?

— Considerarei, considerarei... — Monsenhor Corvo fitava Quart com irritação. — As coisas não são tão simples. Pedi a Roma a suspensão ab officio do padre Ferro, mas essas coisas demoram. Temo ademais que, desde essa infortunada infiltração informática no Vaticano, esperam que o senhor regresse com seu relatório de caçador de cabeleiras.

Quart relevou a ironia. Não quer se molhar, pensava. Por isso, você nos passa a batata quente. É melhor os verdugos serem outros e conservar as mãos limpas.

— E enquanto isso, monsenhor?

— Está tudo no ar. O Banco Cartujano tem pronta uma operação para utilizar o terreno, com a qual minha diocese — monsenhor Corvo pareceu refletir sobre aquele possessivo e retificou suavemente — esta diocese seria muito beneficiada. Embora não tenhamos outro direito sobre esse terreno além do direito moral, fruto de três séculos de culto, o Cartujano nos cede uma generosa compensação. Boa nestes tempos em que o cepo de qualquer paróquia anda tomado pelas teias de aranha. O arcebispo permitiu—se um ligeiro sorriso por conta da piada, que Quart cuidou de não secundar. — Além do mais, o banco se compromete a financiar uma igreja num dos bairros mais pobres de Sevilha e a criar uma fundação de apoio a nossa obra social entre a comunidade cigana... O que acha?

— Convincente — respondeu Quart, equânime.

— E isso. Tudo paralisado pela obstinação de um padre a ponto de se aposentar.

— Mas é muito querido em sua paróquia. Pelo menos é o que dizem.

Monsenhor Corvo jogou de novo com a mão do anel. Desta vez ergueu—a, adversativa, antes de situá—la junto da cruz de ouro que trazia pendurada no peito.

— Também não vamos exagerar. Os moradores do bairro o cumprimentam e umas vinte beatas vão à missa.

Mas isso não significa nada. A gente grita "bendito seja o que vem em nome do Senhor", e no instante seguinte o rejeita e o crucifica. — O arcebispo olhava, indeciso, para os cachimbos alinhados em cima da mesa; por fim escolheu um curvo, com anel de prata. — Procurei uma saída dissuasória. Considerarei até mesmo alterar seu prestígio entre os fiéis, depois de pesar muito o bem e o mal que daí resultariam. Mas temo ir longe demais, e que o remédio seja pior do que a doença. Também devemos satisfação a essa gente, e o padre Ferro é um homem obstinado mas sincero. — Batia um pouco o forninho do cachimbo na palma da mão. — Talvez o senhor, que tem mais prática em levar as pessoas de Caifás a Pilatos...

Era um insulto evangélico formulado de forma impecável, por isso Quart nada teve a objetar. Sua Ilustríssima abriu uma gaveta da mesa para tirar uma lata de fumo inglês e pôs—se a encher o forninho, deixando a cargo do interlocutor o trabalho de prosseguir a conversa. Quart inclinou um pouco a cabeça: só olhando—o diretamente nos olhos era possível perceber seu sorriso. Mas o arcebispo não olhava.

— Naturalmente, monsenhor. O Instituto para as Obras Exteriores fará o possível para esclarecer esta desordem.

— Verificou com satisfação que a expressão de Sua Ilustríssima se crispava. — Se bem que desordem talvez não seja a palavra adequada...

Monsenhor Corvo esteve a ponto de perder a compostura, mas se recompôs admiravelmente. Durante cinco segundos permaneceu em silêncio, introduzindo o fumo no cachimbo.

Quando por fim falou, o despeito era perceptível no tom da sua voz:

— O senhor é daqueles para quem as sandálias do Pescador ficam pequenas, não é?... Com suas máfias em Roma e tudo o mais. Bancando a polícia de Deus.

Quart sustentou o olhar do arcebispo com uma calma irrepreensível:

— São muito duras as palavras de Vossa Ilustríssima.

— Deixe de ilustríssimas e de pepinos no vinagre. Sei por que veio a Sevilha e sei que seu chefe, o arcebispo Spada, está metido nisso.

— Todos estamos, monsenhor.

Era verdade, e o matiz não passou inadvertido ao prelado. O cardeal Iwaszkiewicz era perigoso, mas Paolo Spada e o próprio Quart também. Quanto ao padre Ferro, tratava—se de uma bomba—relógio ambulante que alguém devia desativar. A tranqüilidade da Igreja depende muitas vezes das formas, e, no caso de Nossa Senhora das Lágrimas, as formas estavam seriamente ameaçadas.

— Escute, Quart. — Aquilino Corvo atenuava de má vontade seu tom. — Não desejo complicar minha vida, e esse caso está se enrolando demais. Confesso que a palavra escândalo me apavora, e não quero aparecer ante a opinião pública como o prelado que chantageia um pobre pároco para enriquecer com a venda do terreno... Compreende?

Quart compreendia, e fez um leve gesto aceitando a trégua.

— Além do mais — prosseguiu o arcebispo —, o tiro pode sair pela culatra, para o Cartujano, precisamente por causa da esposa, ou ex—esposa, não sei bem, de quem está conduzindo a operação: Pencho Gavira. Um homem influente, em alta. Ele e Macarena Bruner têm problemas pessoais graves. E ela toma abertamente o partido do padre Ferro.

— É uma mulher religiosa?

O arcebispo deixou escapar uma gargalhada seca, entre os dentes. Não era essa a palavra, matizou. Não exatamente. Nos últimos tempos vinha deixando estupefata toda a boa sociedade sevilhana, que também não se escandalizava com qualquer coisa.

— Talvez fosse útil o senhor falar com ela — sugeriu a Quart. — E com a mãe dela, a velha duquesa. Enquanto esperamos o processo de ruína e a suspensão do pároco, se elas lhe retirassem seu apoio poderíamos conter um pouco esse sacerdote.

Quart havia tirado uns cartões do bolso para tomar nota. Sempre utilizava o verso de cartões de visita, seus ou alheios. Não passou despercebido ao arcebispo que sua esferográfica era uma Montblanc, pois observou—a mover—se com olhar crítico. Talvez lhe parecesse imprópria a um clérigo.

— Desde quando o processo de ruína está parado? quis saber Quart.

O olhar de censura que monsenhor Corvo dirigia à esferográfica transformou—se em inquietude.

— Desde as mortes — respondeu, cauteloso.

— Mortes misteriosas, segundo contam.

O arcebispo, que levava o cachimbo à boca e aproximava um fósforo aceso do forninho, fez uma careta. Não havia nada misterioso, informou a Quart. Só dois casos de má sorte. Um tal de Permeias, arquiteto municipal, foi encarregado pela Prefeitura de elaborar o processo de ruína. Não era um homem simpático, e protagonizou alguns pegadas notáveis com o padre Ferro, que estava longe de ser um modelo de mansuetude. No curso de suas idas e vindas, o corrimão de madeira de um andaime cedeu e Permeias caiu do telhado, com tanto azar que foi enfiar—se num dos tubos metálicos que estavam sendo montados.

Estava só ou acompanhado? — interessou—se Quart. Captando o sentido da pergunta, monsenhor Corvo meneou a cabeça. Nada de obscuro deste lado. Outro funcionário acompanhava o falecido. Também estava presente o padre Óscar, o vigário. Foi ele quem ministrou os últimos sacramentos.

— E o secretário de Vossa Ilustríssima?

O arcebispo semicerrou os olhos após soltar uma baforada. Chegava até Quart o aroma do tabaco inglês.

— Isso foi o mais doloroso. O padre Urbizu era meu colaborador fazia anos. — Fez uma pausa reflexiva, como se acreditasse necessário acrescentar algo em memória do falecido. — Um homem excelente.

Quart assentiu devagar com a cabeça, como se também tivesse conhecido Urbizu e compartilhasse a dor por sua perda.

— Um homem excelente — repetiu, com ar de meditar sobre o adjetivo. — ... Contam que andava pressionando o padre Ferro em nome de Vossa Ilustríssima.

Aquilo não agradou a monsenhor Corvo. Havia tirado o cachimbo da boca e fitava seu interlocutor com o cenho franzido:

— Pressionar é uma palavra desagradável. E excessiva. — Quart observou que dissimulava sua impaciência tamborilando com a mão livre no canto da mesa. — Eu não posso sair batendo na porta das igrejas para discutir com os párocos. De modo que Urbizu manteve, em meu nome, conversações com o padre Ferro; mas este continuou mantendo obstinadamente sua posição. Alguns encontros foram um pouco ásperos, e o padre Óscar chegou até a ameaçar meu secretário.

— Outra vez o padre Óscar?

— É. Óscar Lobato. Tinha um bom currículo e destinei—o a Nossa Senhora das Lágrimas para que me ajudasse na substituição do velho padre, como naquele filme de Bing Crosby...

— Os sinos de Santa Maria — precisou Quart.

— Exatamente. Em uma semana, meu cavalo de Tróia bandeou—se para o inimigo. É claro que tomei providências. — O arcebispo fez um gesto para varrer o vigário de cima da mesa. — ... Quanto a meu secretário, continuou visitando a igreja e os dois sacerdotes. Cheguei até a considerar a possibilidade de tomar—lhes a imagem de Nossa Senhora das Lágrimas, que é uma estátua antiga, valiosíssima. Mas bem no dia em que o pobre Urbizu ia tratar dessa eventualidade, um pedaço de cornija desprendeu—se do teto e abriu sua cabeça.

Houve uma investigação?

O arcebispo observou Quart em silêncio, o cachimbo entre os dentes. Parecia não ter ouvido a pergunta.

— Sim, houve — disse ao cabo de um momento. — Porque, neste caso, tudo ocorreu sem testemunhas e, além do mais, eu o tomei como... Bem. Uma questão pessoal.

— Voltou a colocar a mão no peito, enquanto Quart recordava as palavras de monsenhor Spada: "Jurou não deixar pedra sobre pedra." — ... Mas a investigação concluiu que também não havia indícios de homicídio.

— O relatório excluía uma morte provocada e não provada?

— Não, mas tecnicamente era quase impossível. A pedra caiu do teto. Ninguém podia jogá—la dali.

— Salvo a Providência.

— Não diga tolices, Quart.

— Não é minha intenção, monsenhor. Só constato a veracidade do relatório de Vésperas, quando afirma que a própria igreja matou o padre Urbizu. Como o outro.

— Isso é uma atrocidade sem sentido. E o que precisamente temo é que comecem com as besteiras sobrenaturais e nos envolvam no assunto, como se isso fosse um romance de Stephen King. Já está nos rondando um jornalista, um sujeito desagradável que anda nos enchendo com a história. Se o senhor o encontrar em seu caminho, cuidado com ele. Dirige uma revista de escândalos chamada Q+S, que está publicando esta semana a foto de Macarena Bruner em situação comprometedoras com um toureiro. Chama—se, e não é piada, Honorato Bonafé.

Quart deu de ombros.

— Vésperas acusava a igreja. O edifício mata para se defender, disse.

— Sei. Espetacular. Agora me diga: para se defender de quem? De nós? Do banco? Do Maligno?... Eu tenho minhas idéias sobre Vésperas.

— Poderíamos compartilhá—las, monsenhor.

Quando baixava a guarda, surgia nos olhos de Aquilino Corvo o desprezo que sentia por Quart. Agora seu olhar ficou turvo uns segundos, antes de se esconder atrás da fumaça do cachimbo.

— Mereça seu salário. Para isso o senhor veio. Quart tornou a sorrir. Cortês, disciplinado:

— Fale—me então Vossa Ilustríssima do padre Ferro. Durante cinco minutos, entre uma chupada e outra no cachimbo e com bem pouco senso de caridade pastoral, monsenhor Corvo desafogou—se sobre a biografia do pároco. Tosco cura rural quase toda a vida: dos vinte e tantos aos cinqüenta e quatro anos, numa aldeola perdida do Alto Aragão; um lugar esquecido de Deus onde foram morrendo um a um seus fiéis, até que ficou senl paróquia.

Depois, dez anos em Nossa Senhora das Lágrimas. Grosseiro, fanático, inculto e reacionário como uma mula. Sem o menor senso do possível, do tipo omnia sunt possibilia credenti, essa gente que confunde seu ponto de vista com a realidade que a rodeia. Quart, aconselhou o prelado, teria de assistir a uma de suas homilias dominicais.

Todo um espetáculo. O padre Ferro manipulava as penas do inferno com a mesma desenvoltura de um pregador da Contra—Reforma, e mantinha inquieta a paróquia com essa cantilena do fogo eterno que ninguém ousava mais utilizar. Cada vez que terminava o sermão, um suspiro de alívio percorria as filas dos fiéis.

— No entanto — concluiu o arcebispo —, em outras coisas é mais contraditório e avançado. Inoportunamente avançado, diria eu.

— Por exemplo?

— Sua posição sobre os anticoncepcionais, sem ir mais longe: descaradamente a favor. Ou sobre os sacramentos a homossexuais, divorciados e adúlteros. Faz umas poucas semanas batizou uma criança a quem o titular de outra paróquia havia negado as águas porque seus pais não eram casados. Quando seu colega foi lhe pedir explicações, respondeu que batizava quem bem entendesse.

O cachimbo de Sua Ilustríssima tinha se apagado. Acendeu outro fósforo e olhou para Quart por cima da chama.

— Em resumo — acrescentou —, uma missa em Nossa Senhora das Lágrimas é como viajar num túnel do tempo que dê pulos para a frente e para trás.

Quart dissimulou um sorriso.

— Imagino — disse.

— Não. Garanto que não imagina. Espere para vê—lo em ação. Reza parte da missa em latim, porque

diz que isso impõe mais respeito. — O cachimbo já estava aceso, e monsenhor Corvo se reclinou na poltrona, satisfeito. O padre pertence a uma espécie quase desaparecida: velhos curas camponeses que se ordenavam sem disciplina e sem vocação, com o único objetivo de escapar da miséria e da pobreza, e que se asselvajavam ainda mais em paróquias rurais esquecidas por Deus. Acrescente a isso um tremendo orgulho que o torna incontrolável e que acabou fazendo—o perder o senso do mundo em que vive... Em outros tempos, nós o teríamos fulminado no ato, ou mandado à América, para ver se Deus Nosso Senhor o chamava para seu seio com uma febre no Darién, enquanto convertia os índios a golpes de crucifixo no lombo. Mas agora é necessário ter muito tato, por causa dos jornalistas e da política, que complicam tudo.

— Por que não o suspendeu ex informata conscientia? Isso permite a Vossa Ilustríssima afastá-lo do ministério por causas reservadas, sem publicidade.

— Ele precisaria ter cometido um delito de ordem civil ou eclesiástica, e não é o caso. Além do mais, ninguém garante que isso não piorasse sua resistência. Prefiro que tudo siga os percursos ordinários ab officio.

— Dito de outro modo, monsenhor: que seja Roma a carregar o morto.

— Quem disse isso foi o senhor.

— E o padre Óscar?

Entre os dentes que sustentavam o cachimbo assomou uma careta desagradável. Não gostaria de estar na pele do vigário, disse Quart para si mesmo.

— Oh, esse é diferente — precisou o arcebispo. — Boa bagagem cultural, seminário em Salamanca. Um futuro promissor que jogou fora. Como quer que seja, seu caso, sim, está resolvido. Tem um prazo de até o meado da semana que vem para abandonar a paróquia. Nós o transferimos para uma diocese de Almería, um deserto rural perto do Cabo de Gata, para que se dedique à oração e medite sobre o perigo de deixar—se levar por entusiasmos juvenis.

— Poderia ser Vésperas

— Poderia. Tem o perfil, se é que está se referindo a isso. Mas fuçar na lixeira não é o trabalho de um arcebispo. — Monsenhor Corvo guardou um silêncio carregado de intenção. — Deixo isso para o IOE e para o senhor.

Quart não se deu por achado:

— Quais são suas atividades?

— As habituais de um vigário: ajuda no culto, diz missa, encarrega—se do rosário da tarde.. Também trabalha de pedreiro para a irmã Marsala em suas horas livres.

Quart ficou petrificado na cadeira. Havia peças soltas mexendo—se por toda parte.

— Desculpe, Vossa Ilustríssima. Disse a irmã Marsala?

— Isso. Gris Marsala, uma freira americana que está uma eternidade em Sevilha. É perita, pelo menos assim dizem, em restauração de monumentos religiosos... Ainda não a conhece?

Atento ao ruído das peças se encaixando em seu cérebro, Quart mal prestava atenção às palavras do prelado. Então era isso, disse consigo. A nota dissonante.

— Conheci—a ontem. Mas ignorava que fosse freira.

— Pois é. — Não havia nada de simpatia no tom de monsenhor Corvo. — Com o padre Óscar e Macarena Bruner forma as hostes de dom Príamo Ferro. Sua presença em Sevilha é a título particular, pois goza das dispensas de sua ordem e está fora da minha jurisdição. Não tenho o direito de obrigá-la a retirar—se dali. Também não posso exagerar, perseguindo padres e freiras. A coisa toda saiu um pouco dos eixos.

Soltava baforadas de fumaça como um polvo escudandose atrás de sua tinta. Por fim lançou um último

olhar para a caneta de Quart e deu de ombros.

— Vou mandar o pároco entrar. Convoquei—o para esta manhã, mas antes queria ter uma conversa privada com o senhor. Creio que já é hora de colocarmos as coisas em seu devido lugar. Não acha? Uma espécie de acareação.

O arcebispo olhou, sem tocar, para uma campainha que tinha em cima da mesa, junto de um manuseado exemplar de A imitação de Cristo, de Tomás de Kempis.

— Uma última advertência, Quart. O senhor não me é simpático, mas é um sacerdote de carreira e sabe tão bem quanto eu que mesmo nesta profissão abundam os medíocres.

O padre Ferro é um deles. — Tirou o cachimbo da boca para indicar os volumes encadernados que cobriam as paredes do escritório. — Aí está o pensamento da Igreja: de santo Agostinho a santo Tomás, e as encíclicas de todos os pontífices. Tudo se encontra entre estas quatro paredes e eu sou seu administrador temporal. Isso me obriga a manipular valores cotados em Bolsa e, ao mesmo tempo, observar o voto de pobreza, pactuar com inimigos e condenar por vezes os amigos... Cada manhã eu me sento a esta mesa para governar com a ajuda de Deus Nosso Senhor sacerdotes intelectuais, burros, fanáticos, honestos, políticos, opostos ao celibato, malvados, santos e pecadores. O caso do padre Ferro, nós o teríamos solucionado com o tempo, pouco a pouco. Vocês se intrometeram, fazendo soar uma música diferente. De modo que, dancem—na. Roma locuta, causa finita. Eu me limito a ser observador a partir de agora. Que o Todo—Poderoso seja indulgente comigo, mas lavo as mãos e deixo o campo livre para os verdugos. — Tocou a campainha e fez um gesto na direção da porta.

— Não vamos fazer o padre Ferro esperar mais.

Quart atarraxou devagar a tampa da esferográfica e guardou—a no bolso, com os cartões cheios de sua letra apertada e minuciosa. Mantinha—se tenso na borda da cadeira, com a imobilidade de um soldado.

— Eu tenho minhas ordens, monsenhor — disse, sereno. — E cumpro—as com o máximo rigor.

Sua Ilustríssima encarava—o de cima a baixo, com extrema dureza.

— Não gostaria de fazer seu trabalho, Quart — disse por fim. — Garanto—lhe, pela salvação de minha alma, que não gostaria nem um pouco.

IV. Flor de laranjeira e laranjas azedas

Já viu um herói — comentou.

— E isso vale alguma coisa.

(Eckermann. Conversas com Goethe)

— Creio que já se conhecem — disse Sua Ilustríssima.

Estava recostado na poltrona com a atitude do árbitro que procura manter—se a distância para que o sangue não salpique seus sapatos. Quart e o padre Ferro fitavam—se em silêncio. O pároco de Nossa Senhora das Lágrimas não havia aceitado a cadeira que, com um gesto, monsenhor Corvo lhe oferecera e estava de pé no meio do escritório, pequeno e obstinado, com sua cara que parecia talhada a buril, os cabelos brancos recortados desigualmente e a velha batina, puída, sob a qual apareciam os enormes sapatos por engraxar.

— O padre Quart deseja lhe fazer umas perguntas acrescentou o arcebispo.

As rugas e cicatrizes do pároco se mantiveram impassíveis. Olhava para um ponto indefinido do espaço por cima do ombro do prelado, através da janela cujas cortinas esfumavam a silhueta ocre da Giralda:

— Não tenho nada a dizer ao padre Quart.

Monsenhor Corvo assentiu lentamente, como se acabasse de ouvir a resposta que esperava.

— Muito bem — admitiu. — Mas eu sou seu bispo, dom Príamo. E a mim o senhor está ligado por

voto de obediência. Tirara por um momento o cachimbo da boca e apontava com ele, alternadamente, os dois sacerdotes. — De modo que, se preferir, responderá a mim através das perguntas que o padre Quart lhe fizer.

Os olhos escuros e opacos do pároco vacilaram um instante.

— É uma situação ridícula — protestou, áspero, e Quart viu que se virava um pouco para ele, fazendo—o responsável por aquilo tudo.

O arcebispo compôs um sorriso desagradável.

— Sem dúvida — disse. — Mas com esse recurso de jesuíta todos ficaremos satisfeitos. O padre Quart fará seu trabalho, eu assistirei com deleite ao diálogo e o senhor porá a salvo, ao menos formalmente, sua inaudita soberba. — Soltou uma baforada que parecia uma ameaça e inclinou—se de lado na poltrona, com a diversão antecipada dançando em seus olhos. — Agora pode começar, padre Quart. É todo seu.

E Quart começou. Foi duro, brutal às vezes, fazendo o pároco pagar pela seca acolhida na igreja no dia anterior, pela hostilidade manifestada no escritório de Sua Ilustríssima, pelo mal dissimulado desprezo que lhe causava sua condição de velho cura rural, teimoso, miserável. Era algo mais complexo, mais profundo do que a antipatia pessoal ou do que a missão que o levava a Sevilha. E para surpresa de monsenhor Corvo, e afinal de contas dele mesmo, agiu como um fiscal sem misericórdia, acossando o ancião com um desdém ácido, impiedoso, cuja autêntica origem somente Quart conhecia. Quando, por fim, consciente de quão injusto era tudo aquilo, parou para tomar fôlego, perturbou—o a súbita idéia de que Sua Eminência, o inquisidor Jerzy Iwaszkiewicz, teria aprovado ponto por ponto sua atuação.

Os dois homens o fitavam. Incomodado o arcebispo, com o cachimbo entre os dentes e o cenho franzido. Imóvel o pároco, cravando em Quart olhos que o interrogatório, mais adequado para um delinqüente do que para um sacerdote de sessenta e quatro anos, velara com a umidade avermelhada, contida, de lágrimas que se negam a sair.

Quart mexeu—se na cadeira, ocultando seu embaraço com o gesto de anotar num cartão. Aquilo era bater num homem de mãos atadas.

— Recapitulando. — Agora amenizava um pouco o tom; consultou desnecessariamente suas notas para eludir o olhar do pároco: — O senhor nega ser o autor da mensagem recebida na Santa Sé, e nega também o conhecimento do fato, ou suspeitas sobre o autor e suas intenções.

— Nego — repetiu o padre Ferro.

— Diante de Deus? — perguntou Quart, excessivo, sempre um pouco envergonhado consigo mesmo.

O velho sacerdote virou—se para monsenhor Corvo, pedindo um auxílio que o outro não podia eludir. Ouviram o arcebispo pigarrear, enquanto erguia a mão do anel pastoral.

— Deixaremos o Todo—Poderoso fora disto, se não se incomodam. — O prelado fitava—o por entre a fumaça de seu cachimbo. — Não creio que esta conversa inclua a responsabilidade de tomar juramento de ninguém.

Quart aceitou em silêncio, virando—se de novo para o pároco.

— Que pode me contar de Óscar Lobato? O padre deu de ombros.

— Nada, a não ser que é um excelente jovem e um digno sacerdote. — Havia um leve tremor em seu queixo mal barbeado. — Lamentarei separar—me dele.

— Seu vigário tem conhecimentos avançados de informática?

O padre Ferro semicerrou os olhos. Agora seu olhar era receoso, como o do camponês que vê nuvens de granizo se aproximarem.

— Deveriam perguntar isso a ele. — Lançou um olhar a esferográfica do interlocutor e fez um gesto cauteloso, indicando a porta com o queixo. — Está ali, me esperando.

Quart sorria de modo quase imperceptível, seguro em aparência, mas havia algo naquilo tudo que o fazia sentir—se como se andasse no vazio. Alguma coisa fora de lugar, como uma nota falsa. O padre Ferro estava dizendo quase o tempo todo a verdade, mas inserida nisso havia uma mentira; talvez uma só, talvez não muito grave, mas que alterava a consistência do conjunto.

— O que me diz de Gris Marsala?

Os lábios do pároco se endureceram.

— A irmã Marsala tem dispensa de sua ordem. — Olhava para o arcebispo como se o tomasse por testemunha.

— É livre para entrar e sair, e trabalha de forma voluntária. Sem ela, o edifício teria vindo abaixo.

Um pouco abaixo já veio — disse monsenhor Corvo.

Não tinha conseguido conter—se; sem dúvida pensava no pedaço de cornija e em seu falecido secretário. Quart continuava questionando o sacerdote:

— Qual a natureza da sua relação com o vigário?

— A normal.

— Não sei o que considera normal. — Quart calculava seu desdém milimetricamente, com má—fé. — Os senhores, os velhos curas rurais, têm uma equívoca tradição de normalidade em relação a criadas e sobrinhas...

Viu pelo rabo do olho que monsenhor Corvo quase pulou na poltrona. Tratava—se de uma provocação cons ciente, cujo objetivo era óbvio. Captou no ar um relâmpago de cólera.

— Escute aqui... — A ira branqueava os nós dos dedos do pároco nos punhos cerrados. — Espero que não esteja... — interrompeu—se de repente para observar Quart fixamente, como que gravando na memória até o último detalhe de seu rosto. — Há quem poderia matá—lo por isso.

A ameaça não destoava do caráter sacerdotal do padre Ferro, nem de seu aspecto seco, endurecido sob aquela batina cheia de manchas que oscilava com os impulsos da ira. Talvez eu mesmo, dizia essa aparência. A coisa era deixada à livre interpretação de cada um.

Quart encarou o sacerdote com perfeita calma:

— Sua igreja, por exemplo?

— Pelo amor de Deus! — interveio o arcebispo, escandalizado. — Vocês ficaram loucos?

Sobreveio um longo silêncio. O retângulo de luz na mesa de monsenhor Corvo havia se deslocado para a esquerda, longe do alcance da sua mão, e emoldurava o volume de A imitação de Cristo, em que o padre Ferro mantinha agora fixo seu olhar. Quart observou o velho, interessado. Parecia—se muito com outro sacerdote, com quem ele nunca quis se parecer, o homem que quase conseguira esquecer — por algum tempo, desde o seminário, uma carta ou um postal; depois, o silêncio — e só surgia em sua memória como um fantasma, quando o vento do sul reavivava cheiros e sons escondidos na memória. O mar batendo nos rochedos, o ar úmido e salino terra adentro, a chuva. Cheiro de braseiro sob a mesa no inverno, Rosa rosae, Quousque tandem abutere Catilina, Nox atra cava circumvolat umbra. Tique—taque de gotas d'água no vidro embaçado da janela, toques de sino ao alvorecer e um rosto mal barbeado, gorduroso, inclinado sobre o altar murmurando preces a um Deus surdo, tornados homem e menino, oficiante e acólito, numa terra estéril à beira de um mar cruel. Do mesmo modo quando acabava o jantar.

Este é o cálice do meu sangue. Podem ir em paz. E a respiração surda, de animal cansado, depois na sacristia, quando um mocíssimo Lorenzo Quart ajudava—o a tirar os paramentos sob as manchas de umidade que se estendem no teto. O seminário, Lorenzo. Irás para um seminário; um dia, serás sacerdote, como eu. Terás um futuro, como eu. Quart detestava com todas as suas forças e toda a sua memória aquela rusticidade, a pobreza de espírito, a própria limitação obscura e miserável, missa de madrugada, sesta na cadeira de balanço que cheirava a guardado e a suor, rosário às sete, chocolate com as beatas, um gato na entrada, uma criada ou uma sobrinha que de uma maneira ou de outra aliviassem a solidão ou os anos. E, depois, o fim: a demência senil, a consumação de uma vida estéril e sórdida num asilo com a sopa caindo por entre as gengivas desdentadas. Para maior glória de Deus.

— Uma igreja que mata para se defender... — Quart fazia um esforço para regressar ao presente e a Sevilha, para o que era, em vez de para o que podia ter sido. Quero saber como o padre Ferro interpreta essas palavras.

— Não sei de que está falando.

— Constam da mensagem que alguém introduziu na Santa Sé. E se referem à sua igreja... Acha que pode haver um desígnio providencial em tudo isso?

— Não sou obrigado a responder a essa pergunta. Quart se encomendou a monsenhor Corvo, mas este lavava as mãos com seu mais diplomático sorriso:

— Ele tem razão — confirmou, encantado com as dificuldades de Quart. — Também não quis me responder.

Era uma perda de tempo. O agente do IOE sabia que aquilo tudo não levava a lugar algum, mas havia um ritual a observar. De modo que adotou um tom muito oficial para perguntar ao padre se tinha consciência do que estava em jogo. Os sessenta e quatro anos do outro riram, sarcásticos, à guisa de resposta. Impassível, Quart continuou a desfiar as fórmulas: necessidade do relatório, possível ponto de partida para graves medidas disciplinares, etcétera. O fato de o padre Ferro estar a um ano da aposentadoria, acima do bem e do mal, como se diz, não bastava para garantir a tolerância de seus superiores. Na Santa Sé...

— Não sei nada dessas mortes — cortou o pároco, que não dava ostensivamente a menor importância à Santa Sé. — Foram acidentes.

Quart lançou—se pela brecha aberta:

— Talvez muito oportunos, de seu ponto de vista. Havia um quê de coleguismo, uma insinuação do tipo, vamos, homem, abra—se um pouco e procuremos resolver isso de uma vez por todas. Mas o velho tinha carapaça blindada:

— Antes mencionou a Providência. Faça a pergunta a ela, e eu rezarei pelo senhor.

Quart respirou devagar, umas duas vezes, antes de fazer nova tentativa. O que mais lhe irritava era o bom momento que Sua Ilustríssima devia estar passando, num assento de primeira fila e escudado atrás da fumaça do cachimbo.

— O senhor está em condições de garantir, sob seu caráter sacerdotal, que não houve intervenção humana nas mortes de sua paróquia?

— Vá para o inferno.

— Como disse?

Até o neutro monsenhor Corvo teve outro sobressalto em sua poltrona. O pároco fitava—o:

— Com todo o respeito que devo a Vossa Ilustríssima, nego—me a continuar respondendo a este interrogatório, e a partir de agora guardarei silêncio.

Aquele a partir de agora era um eufemismo, e assim Quart o fez constar. Conversavam fazia vinte minutos, e a única coisa que dom Príamo Ferro fizera fora, precisamente, guardar silêncio. Monsenhor Corvo se recompôs com uma careta e soltando mais fumaça: ele fazia as vezes de acólito. De modo que Quart se levantou.

A cabeça grisalha e hirsuta do pároco, tão parecida com a que ele não queria recordar, chegava à altura do segundo botão de sua camisa. Não voltara senão uma vez, depois de sua ordenação: uma visita rápida à mãe viúva, outra à sombra negra, escondida na igreja como um molusco no fundo de sua concha. E dissera a missa lá, no altar diante do qual tantas vezes serviu de coroinha, sentindo—se um estranho na nave úmida e fria, por cujos cantos vagava o espectro do menino perdido diante do mar, sob a chuva. Depois foi embora, sem nunca mais voltar, e a igreja, o velho pároco, a aldeia de casinhas brancas, o mar desprovido de piedade e de sentimentos foram se esfumando devagarinho em sua lembrança, como um pesadelo de que conseguira acordar.

Voltou lentamente à realidade. Tudo o que detestava continuava diante dele, nos olhos negros e obstina dos que o fitavam com dureza, como uma censura.

— Tenho mais uma pergunta. Só uma. — Tinha guardado os cartões inúteis e a esferográfica. — Por que se nega a abandonar essa igreja?

O padre Ferro olhou de baixo para cima. Duro como um pedaço de couro velho, era a definição. Se

bem que a Quart ocorriam algumas outras.

— Isso não lhe interessa — respondeu. — Diz respeito a meu bispo e a mim.

Quart felicitou—se mentalmente por acertar de ante mão a resposta e fez um gesto, dando por encerrada aquela bobagem. Para sua surpresa, Aquilino Corvo acorreu em sua ajuda:

— Rogo—lhe que responda ao padre Quart, dom Pría mo.

— O padre Quart nunca entenderia.

— Tenho certeza de que se esforçará para fazê—lo. Tente, peço—lhe.

Então o pároco fez um gesto áspero e desajeitado, e meneou teimosamente a cabeça de cabelos mal cortados, murmurando que Quart nunca tinha escutado a confissão de uma pobre mulher ajoelhada em busca de consolo, o choro de um recém—nascido, a respiração de um moribundo ou o suor de uma mão na sua. De modo que, mesmo se falasse horas a fio, ninguém ali nunca ia entender uma maldita palavra. E Quart, apesar do passaporte diplomático que levava no bolso, apesar do apoio oficial da Cúria, da tiara e das chaves de Pedro que luziam no canto superior esquerdo de suas credenciais, compreendeu que não tinha o mais ínfimo poder sobre aquele velhote arredo de aspecto miserável, nos antípodas do que qualquer eclesiástico relacionaria com a glória de Deus. Foi um lampejo de inquietação que projetou por um instante, em sua serenidade, a silhueta de um velho fantasma: Nelson Corona. Aflorava o mesmo distanciamento da realidade oficial, idêntico olhar decidido nos olhos que tinha agora diante de si. Com a diferença de que, atrás das lentes embaçadas dos óculos do brasileiro, Quart tinha visto mesclarem—se ao mesmo tempo a resolução e o medo; ao passo que o olhar opaco do padre Ferro não refletia nada mais do que uma firmeza semelhante a pedra escura. O pároco já terminava, voltando ao silêncio que o fechava como uma couraça, quando Quart ouviu—o dizer que sua igreja era um refúgio, uma trincheira. Aquilo era pitoresco, de modo que o enviado do Vaticano arqueou uma sobrancelha, irônico, e tentou recuperar, em busca de sossego, o velho desdém diante do padre do povo: de novo o bispo diante do peão sacrificado, com o fantasma de Nelson Corona esfumando—se por um canto do tabuleiro.

— Curiosa definição.

Quart sorriu, seguro de si. De repente era de novo forte e sem fissuras, sem remorsos, e já voltava a ver apenas a batina puída cheia de manchas, o queixo mal barbeado do pároco. É singular, disse consigo, o efeito tranqüilizador do desprezo. Põe as coisas em seu lugar como uma aspirina, um pouco de álcool ou um cigarro. De modo que decidiu formular outra pergunta:

— Uma trincheira diante de quê?

Era desnecessário, e logo soube que ia se arrepender antes de fechar a boca. Lá de baixo, pequeno e duro, o padre Ferro olhava diretamente nos olhos de Quart:

— Diante de tanta história — disse. — E de tanta merda.

As charretes, pintadas de preto e amarelo, enfileiravam—se à espera de fregueses debaixo da sombra das laranjeiras. Encostado na parede de uma loja de lembranças turísticas, o Potro do Mantelete vigiava a porta do Arcebispado. Tinha as mãos nos bolsos do paletó xadrez apertado demais, aberto sobre um suéter branco de gola rulê que modelava seus peitorais enxutos e rijos. Um palito mexia—se ritmicamente de um canto da boca ao outro, e ele semicerrava os olhos sob as sobrancelhas sulcadas de cicatrizes com o olhar fito no vão emoldurado pelas colunas gêmeas do pórtico barroco. Não o perca de vista, mandara dom Ibrahim antes de entrar na loja, olhando cartões—postais e fuçando, porque os três de plantão eram volume demais na calçada. Como o Potro era um sujeito honrado, de confiança, e a espera se prolongava, dom Ibrahim e a Nina Pinales, depois de repassarem mais uma vez ante o olhar desconfiado do dono da loja todos os mostradores de postais e as vitrines com camisetas, leques, castanholas e reproduções de plástico da Giralda e da Torre dei Oro, decidiram ir para o bar mais próximo, na outra esquina da rua, onde a Nina já devia estar virando agora a quinta manzanilla. De modo

que, na falta de novas ordens, o Potro não perdia de vista a porta. Na longa hora que o padre alto estava lá dentro, só havia desviado o olhar duas vezes: o tempo que um par de guardas levou para passar pela sua frente, uma vez rua acima e, outra, regressando, rua abaixo; momentos que o Potro dedicou a contemplar detidamente as pontas dos sapatos. Quatro chifradas, dois engajamentos na Legião e um cérebro que funcionava em marcha única, contundido por golpes e gongos de assalto em assalto, marcam o caráter de qualquer um. Se dom Ibrahim ou a Nina Punales o tivessem esquecido, ele teria sido capaz de permanecer imóvel noite e dia, debaixo do sol ou da chuva, até ser substituído ou cair desmaiado, sem tirar os olhos da porta do Arcebispado como uma conscienciosa sentinela. Do mesmo modo que vinte e tantos anos atrás, durante uma vaia impressionante numa praça de touros de quinta categoria, quando seu empresário disse aquela história de que se o touro não o matar, desgraçado, o público é que vai matá-lo na saída, o Potro do Mantelete, com suor na cara e medo nos olhos, tinha ido para o meio da arena com a muleta na cintura e ficado ali, imóvel, até que o touro — Carniceiro, era como se chamava — partiu para cima dele e, com a quarta e última chifrada de sua carreira, afastou-o para sempre da praça e dos touros. Depois, episódios similares foram acrescentando cicatrizes a seu corpo e a sua memória no pugilismo, na Legião e na penitenciária de Puerto de Santa Maria. Porque se é certo que a matéria cinzenta do Potro do Mantelete tinha as mesmas luzes que um pedaço de pau, em seu caso este pau era, sem dúvida, de madeira de herói.

De repente, viu o padre alto sair. Parecia demorar-se na porta, indeciso, olhando para o interior do edifício como se alguém lá dentro o chamasse. Então um jovem louro de óculos saiu depois dele e puseram-se a conversar na porta. O Potro do Mantelete olhou para o bar onde dom Ibrahim e a Nina Punales esperavam, mas estes pareciam muito ocupados com a manzanilla. Então o Potro tirou o palito da boca, cuspiu entre os pés, na calçada, e cruzou a praça para alertá-los; fez isso descrevendo um círculo cuja tangente passava pela porta do Arcebispado.

À medida que se aproximava distinguiu melhor o aspecto do padre alto: poderia passar por um desses atores de cinema, não fosse o traje preto, a gola redonda da camisa e os cabelos como de um pára-quedista ou de um legionário. Quanto ao mais moço, seu aspecto era desalinhado. Tinha pele clara e sardas no pescoço, como os adolescentes.

E muito mais pinta de padre do que o outro.

— Deixem-no em paz — ouviu o louro dizer. O alto fitava-o muito sério.

— Seu pároco está louco — respondeu. — Vive em outro mundo. Se foi o senhor que mandou a mensagem, prestou um mau serviço a ele e à igreja dele.

— Não mandei nada.

— Disso temos de conversar nós dois. E bem devagar. A voz do louro tremia um pouco. Parecia agressivo, mas talvez estivesse apenas inquieto ou assustado:

— Não tenho nada a lhe dizer.

— Este disco está arranhado. — O padre alto sorria de maneira desagradável. — Está enganado. Tem muitas coisas para me contar. Por exemplo...

A conversa ficou para trás à medida que o Potro do Mantelete se afastava dos padres. Foi caminhando mais depressa para o bar. Havia serragem no chão, cascas de camarão, e cana de lomo e presuntos pendurados sobre o balcão. De pé ante este, dom Ibrahim e a Nina Punales bebiam em silêncio. No rádio, colocado numa prateleira entre duas garrafas de conhaque Fundador, Camarón cantava:

O vinho mata a dor e a memória...

A cinza do havana que dom Ibrahim, afastado do balcão pelo arco rotundo de sua barriga, trazia entre os dedos caía-lhe na aba do paletó branco. A seu lado, a Nina Punales tinha passado da manzanilla ao anis Machaquito, e nesse momento levava aos lábios o copo com marcas de espesso batom na borda. Tinha os olhos pintadíssimos, um vestido azul de bolinhas brancas, brincos de prata e o cacho negro do cabelo penteado sobre a testa envelhecida de cantora sem sorte de tonadilhas, como nas capas dos três ou quatro velhos discos cie 45 rpm que dom Ibrahim guardava como se ouro fossem em seu quarto de pensão, ao lado de Nat King Cole, Los Panchos, Beny More, Antônio Machín e uma antediluviana vitrola Telefunken. O caso é que o exfalso bacharel e a Nina Punales se viraram para encarar o Potro; e este, de pé no umbral, fez com a cabeça um gesto em direção à rua.

— Olho vivo — disse.

Os três sócios se juntaram na porta, espreitando. O padre alto tinha se separado do outro e caminhava pela calçada da praça, junto da mesquita.

— Nossa, que padre! — exclamou a Nina, com sua voz rouca de copla.

— Não é mal—apegoado — admitiu dom Ibrahim, equânime, entreabrindo o olho crítico.

O toque de anis Machaquito fazia os olhos zombeteiros da cantora de tonadilhas brilharem:

— Ozuf Que ele me ministre os santos óleos!

Dom Ibrahim trocou um olhar grave com o Potro do Mantelete. Em campanha, como era o caso, aquelas frivolidades estavam deslocadas.

— E o velho? — perguntou, para voltar ao assunto.

— Ainda está lá dentro — informou o Potro.

O ex—falso advogado chupava o charuto, pensativo.

— Vamos dividir nossas mesnadas — disse por fim. Você, Potro, siga o padre velho quando ele sair, e, quando ele entrar em casa, venha para cá com o relatório. A Nina e o abaixo—assinado controlaremos o padre alto. Fez uma pausa para consultar, solene, o relógio de dom Ernesto Hemingway. — Antes de passarmos à ocorrência, precisamos de informação, que é a mãe das vitórias, etcétera. O que acham?

Seus comparsas deviam achar tudo bem, porque assentiram; grave e carrancudo, o Potro, com cara de estar analisando o sentido de alguma palavra pronunciada cinco minutos antes, e com ar distraído a Nina, vendo o padre se afastar. Ainda estava com o copo na mão e parecia disposta a terminar o Machaquito. No rádio, Camarón continuava seu canto de vinho e ausências, e o garçom, de camisa branca e gravata preta, marcava o ritmo com discretas palmas, baixinho, detrás do balcão. Dom Ibrahim olhou para sua tropa e decidiu levantar o ânimo com uma arenga apropriada. Sevilha é a maior do mundo, ou coisa do gênero. E vamos comê—la com batatas. Aquilo soava bem, mas talvez fosse excessivo. E além do mais não tinha nada a ver.

— A fortuna é dos audazes — disse, depois de pensar um instante. E deu outra chupada no charuto.

— Ozu!

A Nina Punales bebia a última gota de anis. O Potro, com o cenho ainda franzido, meneou por fim a cabeça:

— O que quer dizer mesnadas?

A serenidade de Lorenzo Quart se baseava num excesso de consciência técnica. De modo que, quando chegou a seu quarto, a primeira coisa que fez foi abrir a maleta de couro em que guardava seu computador portátil e trabalhar durante uma hora no relatório destinado a monsenhor Spada. Um documento que o diretor do IOE recebeu por linha telefônica assim que redigido. Nas oito páginas, Quart se abstinha cuidadosamente de tirar conclusões sobre os personagens, a igreja ou a possível identidade de Vésperas, limitando—se a uma transcrição bastante fiel das conversas com monsenhor Corvo, Gris Marsala e Príamo Ferro.

Somente ao fechar a tampa do computador, enquanto recolhia os cabos e a bateria, é que relaxou um pouco. Estava em mangas de camisa, com o colarinho desabotoado, e deu uns passos pelo quarto, junto das duas camas com baldaquino e a janela aberta para a Praça Virgen de los Reyes. Estava pronto para ir comer, de modo que correu os olhos por alguns livros sobre Sevilha, que havia comprado numa pequena livraria diante da Prefeitura. Na mesma sacola estava a revista Q+S, adquirida numa banca por recomendação de monsenhor Corvo "Para que vá se familiarizando com o panorama", sugerira, mordaz, o prelado. Observou a capa e, depois, as fotos do interior.

"Um casamento em crise", era o título. Junto das imagens da manhã com seu acompanhante havia outra, de um homem moço, muito sério, bem—vestido, de colarinho branco e cabelos impecavelmente repartidos: "Confirma—se a separação. Enquanto o financista Gavira se consolida como homem forte da banca andaluza, Macarena Bruner tresnoita em Sevilha." Quart arrancou as páginas e guardou—as em sua maleta. Nesse momento se deu conta de que, na mesinha de cabeceira, estava a edição do Novo Testamento que os Gedeões Internacionais distribuíam grátis aos hotéis. Não se lembrava de tê—lo posto ali, mas na gaveta onde costumava guardar a documentação, publicidade, cartas e envelopes que o

estorvavam. Abriu—o ao acaso e verificou que duas páginas estavam marcadas por um velho cartão—postal. Na parte interior pôde ler: Igreja de Nossa Senhora das Lágrimas. Sevilha. 1895 A fotografia era imperfeita, com uma espécie de halo pálido envolvendo o motivo central; mas a igreja estava ali, com seus tons apagados mas inconfundíveis: o pórtico de colunas salomônicas, a imagem da Virgem em seu nicho e com a cabeça intacta, o campanário vazado. Parecia em melhor estado do que o atual. Diante dela, na praça, havia uma banca onde um homem com faixa e chapéu andaluz vendia verduras para duas mulheres de preto de costas para o fotógrafo. Do outro lado, pela rua estreita que saía da praça, ia um burrico de carregador de água, com uma talha de cada lado do lombo, e o dono transformado em silhueta apenas visível, fantasma a ponto de desvanecer no halo branco que rodeava a imagem.

Quart virou o postal. Havia umas linhas escritas com letra inglesa de ângulos suaves e tinta já pouco legível, convertida em traços pálidos de cor marrom—clara:

Aqui rezo por ti todos os dias e espero teu regresso, no lugar sagrado de teu juramento e de minha felicidade. Te amarei sempre.

Carlota

Não havia carimbo sobre o selo intacto de vinte e cinco cêntimos com a efigie de Afonso XIII menino e a data manuscrita estava apagada por uma mancha de umidade.

Quart decifrou um 9 e talvez um 7 no fim, o que podia significar 1897. Já o endereço estava perfeitamente claro: Capitão dom Manuel Xaloc A bordo do buque "Manigua".

Porto de Havana. Cuba.

Pegou o telefone e compôs o número da recepção. O porteiro negava que alguém houvesse subido ao quarto ou perguntado por Quart desde as oito da manhã, hora em que tinha começado seu turno. Talvez pudesse se informar com as encarregadas da limpeza. Quart falou com elas, depois desligou sem descobrir nada. Não se lembravam de ter tocado no Novo Testamento e não podiam lhe dizer se estava na gaveta ou na mesa quando arrumaram o quarto. Mas ninguém tinha entrado lá, salvo elas.

Foi sentar—se à janela com o postal na mão, sem parar de fitá—lo. Um barco atracado no porto de Havana em 1897. Um capitão chamado Manuel Xaloc e uma tal de Carlota que o amava e rezava por ele em Nossa Senhora das Lágrimas. Teria algum sentido o que estava escrito no verso do postal, ou somente a foto da igreja contava?...

De repente lembrou—se do Evangelho dos Gedeões. Será que o cartão marcava uma página ou estava posto ao acaso? Ficou furioso com seu descuido enquanto se levantava e corria para a mesa, mas por sorte tinha deixado o livro aberto, virado para baixo. Eram as páginas 168 e 169 — são João 2 — e, embora não houvesse nenhum parágrafo sublinhado, pôde encontrar a citação com facilidade. Era demasiado evidente:

"15 tendo feito um açoitado de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas, 16 e disse aos que vendiam as pombas Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio. "

Meneou a cabeça, observando alternadamente o livro e o postal. Pensava em monsenhor Spada e em Sua Eminência, o cardeal Iwaszkiewicz, e concluiu que o rumo que aquilo estava tomando não lhes ia agradar nem um pouco. E a ele, muito menos. Alguém era apreciador de certo tipo de brincadeiras inquietantes, como infiltrar—se nos computadores papais ou em quartos de hotel e evangelhos alheios. Quart passou em revista todos os rostos conhecidos até aquele momento, perguntando—se se entre eles estaria o que procurava. Sangue de Deus.

Sentia uma exasperação crescente, e jogou o livro e o postal sobre a colcha de uma das camas. Tal como estavam as coisas, era o que faltava: um fantasma brincando de esconde—esconde.

Quart saiu do elevador no térreo, passou junto da vitrine com a coleção de leques do hotel e seguiu pelo corredor que rodeava o vestibulo. Sua silhueta negra e sóbria contrastava com o ambiente. O Dona Maria era um estabelecimento de quatro estrelas para turistas, situado num belo edifício antigo da Calle Don Remondo, a dois passos de Santa Cruz, e os decoradores haviam forçado um pouco a mão no térreo, sobrecarregado de motivos folclóricos, toureiros e quadros com mulheres andaluzas de chapéu e mantilha. Na porta, uma jovem guia turística de aspecto cansado, que mantinha erguida uma bandeirinha holandesa, congregava um grupo multicolor equipado com máquinas fotográficas e fumadoras de vídeo. Ao se aproximar do balcão para deixar a chave, Quart conseguiu ler o nome da guia no crachá de plástico que trazia no peito: V.

Oudkerk. Sorriu compassivo, e a jovem lhe devolveu outro sorriso resignado antes de se afastar à frente da sua tropa.

— Uma senhora o espera, dom Lorenzo. Acaba de chegar.

Quart encarou o porteiro, surpreso, depois virou—se para as poltronas do vestibulo. Havia lá uma mulher morena, de cabelos negros e compridos até abaixo dos ombros, óculos escuros, jeans, mocassim e blazer marrom sobre uma blusa azul—clara. Parecia muito bonita, e à medida que Quart foi se aproximando e ela se levantou pôde confirmá—lo, enquanto apreciava o contraste do colar de marfim sobre a pele bronzeada, a pulseira de ouro, a bolsa de couro de Ubrique no sofá, a seu lado. A mão fina, elegante, de unhas perfeitas, que estendia diante de si, pronta para o cumprimento:

— Sou Macarena Bruner.

Ele a reconhecera uns segundos antes, graças às fotos da revista. Quart não pôde evitar ficar admirando sua boca. Era grande, bem desenhada, entreaberta com a leve cintilação dos incisivos alvíssimos sob o lábio superior em forma de coração. Matizada por um pouco de lápis rosa—pálido, quase incolor.

— Puxa — fez ela. Parecia estudá—lo com detalhe por trás de seus óculos escuros, um tanto surpresa. — Realmente tem bom aspecto.

— A senhora também — respondeu Quart, com calma. Era um pouco mais baixa que ele, que tinha perto de um metro e oitenta e cinco. O jeans e o cinto de couro modelavam sob a jaqueta umas cadeiras atraentes. Tinha três gatinhos bordados na camisa, generosamente preenchida pelos volumes correspondentes, e Quart achou oportuno afastar o olhar, vagamente inquieto, a pretexto de consultar o relógio. Ela continuava observando—o, pensativa.

— Gostaria de conversar com o senhor — disse por fim.

— Naturalmente. Agradeço—lhe, porque pensava em ir vê—la. — Quart olhou em torno. — ... Como me encontrou?

— Uma amiga. Gris Marsala.

— Não sabia que eram amigas.

Viu—a sorrir com desenvoltura: um brilho de marfim na boca, igual ao do colar sobre a pele cor de tabaco. Saltava aos olhos que era uma mulher segura de si, tanto por sua condição como por sua beleza; mas Quart estava consciente de que o severo traje negro e o cabeção a desconcertavam um pouco, como haviam desconcertado

Gris Marsala. Era coisa freqüente nas mulheres, bonitas ou não, como se o hábito sacerdotal pusesse o homem fora do alcance comum à sua espécie.

— Podemos conversar agora?

— Claro.

Sentaram—se um diante do outro. Ela cruzando as pernas, no sofá que ocupara enquanto esperava; ele numa poltrona contígua.

— Sei por que veio a Sevilla.

— Não espere que eu me surpreenda. — Quart esboçava um sorriso de resignação. — Minha viagem parece de domínio público.

— Gris recomendou—me encontrá—lo.

Fitou—a com renovado interesse. Continuava de óculos escuros, e ele se perguntou como seriam seus olhos.

— Estranho. Ontem sua amiga não parecia disposta a cooperar.

O cabelo de Macarena Bruner caía sobre o ombro, cobrindo—lhe o rosto, e ela jogou—o para trás com um gesto. Era muito preto e abundante, avaliou Quart. Uma beleza andaluzia semelhante às que Romero de Torres pintava, ou à Cármen da Fábrica de Tabacos descrita por Merimée. Qualquer pintor, qualquer francês, qualquer toureiro podia perder a cabeça por aquela mulher. Por uma fração de segundo, perguntou—se se também qualquer padre.

— O senhor não deve fazer uma falsa idéia dessa igreja — ela precisava. Fez uma curta pausa, antes de acrescentar: — Nem do padre Ferro.

Quart permitiu—se um riso contido, cujo objetivo, mais do que qualquer outra coisa, era colocar aquela incômoda fração de segundo em seu devido lugar. De modo que procurou recompor—se com o sarcasmo:

— Não me diga que também faz parte de seu clube de fãs.

Tinha uma mão pendurada no braço da poltrona, e apesar das lentes escuras percebeu que ela olhava para essa mão. Retirou—a discretamente, cruzando seus dedos com os da outra.

Macarena Bruner permaneceu uns instantes em silêncio. Tinha afastado de novo o cabelo do rosto e parecia meditar sobre a conveniência de continuar ou não aquela conversa.

— Ouça — disse por fim. — Gris e eu somos amigas. Quanto ao senhor, acredita que sua presença aqui pode ser útil, embora suas intenções não sejam boas.

Quart captou o tom conciliador. Ergueu a mão e viu que mais uma vez ela seguia o movimento:

— Há uma coisa nisso tudo que me irrita, sabe?... Não sei como devo chamá—la. Senhora Bruner?

Sentia—se incomodado diante de seu olhar oculto pelas lentes escuras, e ela se dava perfeitamente conta disso.

— Pode me chamar de Macarena.

Tirou os óculos escuros, e Quart ficou surpreso com a beleza dos olhos grandes, negros com reflexos de mel. Louvado seja Deus, teria dito em voz alta se acreditasse realmente que Deus se ocupasse desse tipo de coisas. De modo que se limitou a sustentar o olhar daqueles olhos como se a salvação de sua alma dependesse disso. Talvez dependesse mesmo, afinal, se é que havia uma alma e uma Providência.

— Bem, Macarena — disse inclinando—se para ela até apoiar os cotovelos nos joelhos. Ao se aproximar pôde sentir seu perfume: suave, como jasmim. — Algo me irrita muito nessa história. Todo o mundo dá por certo que estou em Sevilha para aborrecer dom Príamo Ferro. E não é verdade. Vim elaborar um relatório sobre—a situação.

E não tenho idéias preconcebidas. O que acontece é que o padre está muito pouco disposto a cooperar. — Recostou—se na poltrona, ácido. — ... Na realidade ninguém está disposto a cooperar. Agora foi ela que sorriu:

— Ninguém tem confiança, e é lógico.

— Por quê?

— Porque o arcebispo esteve falando mal do senhor. Chama—o de o caçador de cabeleiras.

Quart fez uma careta. Santo homem, Sua Ilustríssima.

É, somos velhos conhecidos.

— Mas o problema do padre Ferro pode ser resolvido. — Ela mordida o lábio inferior. — Eu talvez possa fazer alguma coisa.

— Seria melhor para todos, em especial para ele. Mas, diga—me, por que a senhora faria isso... O que ganha com isso?

Meneou de novo a cabeça, como se isso não tivesse importância, e o cabelo voltou a cair sobre o ombro. Afastou—o, olhando fixamente para Quart.

— É verdade que o papa recebeu uma mensagem?

Era indubitável que Macarena Bruner conhecia o efeito de seus olhos. Quart engoliu em seco disfarçadamente, metade pelo olhar, metade pela pergunta.

— É confidencial — respondeu, atenuando a resposta com um sorriso. — Compreenda que eu não posso nem confirmar, nem desmentir.

Ela deu de ombros com desdém:

É um segredo sabido.

— Nesse caso, permita—me que não seja eu a fazê—lo saber.

Os olhos escuros brilharam, pensativos. Macarena Bruner encostou—se num braço do sofá, e o movimento fez que os gatinhos bordados sob a jaqueta se espreguiçassem, sugestivos.

— A última palavra sobre Nossa Senhora das Lágrimas é minha família que tem — explicou. — Quero dizer, minha mãe e eu. Se o edifício for declarado ruína e se o Arcebispado autorizar sua demolição, a decisão final sobre o destino do terreno nos pertence.

— Não de todo — objetou Quart. — Pelo que sei, a Prefeitura tem algo a dizer.

— Discutiremos em juízo.

— Mas a senhora continua tecnicamente casada. E seu marido...

Ela o interrompeu, negando com a cabeça:

— Vivemos há seis meses em casas diferentes. Meu marido não tem o direito de agir por conta própria nesse assunto.

— E não tenta convencê—la?

— Tenta. — Agora Macarena Bruner sorria de um novo modo: um trejeito desdenhoso e distante, quase cruel, que lhe endurecia a boca. — Mas dá no mesmo que tente ou não. Esta igreja vai sobreviver.

— Sobreviver? — estranhou Quart. — Curiosa palavra. Fala dela como se estivesse viva.

Ela fitava de novo as mãos do padre:

— Talvez esteja. Há muitas coisas que estão vivas, embora não pareçam. — Tinha ficado absorta um momento e pareceu voltar bruscamente à realidade. — Mas o que estava querendo dizer é que ela é necessária. O padre Ferro também é.

— Por quê? Há outros padres e outras igrejas em Sevilha.

Ela riu de verdade. Um riso franco e sonoro, tão contagioso que Quart, sem perceber, esteve a ponto de imitá—la.

— Dom Príamo é especial, e sua igreja também. Ainda sorria, e os reflexos de mel reapareceram em seu olhar, fixo em Quart. — Mas eu não seria capaz de explicar isso com palavras. O senhor tem de ir lá.

— Já fui. E seu pároco favorito esteve a ponto de me expulsar a pontapés.

Macarena Bruner pôs—se a rir de novo. Quart nunca havia ouvido uma mulher rir de forma tão estrondosa e simpática. Assombrado consigo mesmo, surpreendeu—se desejando vê—la rir de novo. Em seu cérebro bem adestrado soaram alarmes por toda a parte. Aquilo começava a parecer muito com vagar por jardins dos quais seus velhos mentores eclesíásticos aconselhavam manter—se a distância: serpentes, maçãs, encarnações de Dalila e toda a parafernália.

— Eu sei — disse ela. — Gris me contou. Mas tente vê-lo de novo. Vá à missa; observe o que acontece lá. Talvez compreenda melhor.

— Irei. A senhora frequenta a missa das oito?

Não houve má intenção na pergunta, mas o olhar de Macarena Bruner ficou desconfiado, subitamente sério.

Isso não é da sua conta.

Abria e fechava as hastes dos óculos de sol. Quart ergueu um pouco ambas as mãos numa desculpa, e seguiu—se um breve e incômodo silêncio. Para salvar a situação, olhou em torno em busca de um garçom e perguntou se queria tomar algo. Ela negou com a cabeça. Agora parecia mais relaxada, e Quart formulou outra pergunta:

— O que acha das duas mortes?

Desta vez o riso foi desagradável, entre os dentes:

— Que não se deve brincar com a ira de Deus. Quart encarou—o muito sério.

— Singular ponto de vista.

— Por quê? — Parecia sinceramente surpresa. — Eles, ou quem os enviou, estavam procurando isso.

— Não é um sentimento muito cristão.

Ela fez um gesto de impaciência, pegando a bolsa que tinha a seu lado e tornando a soltá—la. Prendia e desprendia os dedos na alça comprida.

— O senhor não entende, padre... — Fitou—o indecisa.

— Como devo chamá—lo? Reverendo? Padre Quart?

— Pode me chamar de Lorenzo, simplesmente. Não vou ouvi—la em confissão.

— Por que não? Afinal de contas é sacerdote.

Um pouco diferente, talvez — admitiu Quart. — E aqui não estou agindo exatamente como tal.

Ao falar, tinha desviado a vista uns segundos, incapaz de sustentar totalmente a situação. Quando voltou a olhar, ela o observava com uma curiosidade nova, quase maliciosa.

Seria divertido me confessar com o senhor. Gostaria?

Quart respirou com calma, uma, duas vezes. Depois franziu um pouco os lábios, como se considerasse seriamente a questão. A capa da Q+S passou diante de seus olhos como um mau presságio.

— É possível — disse. — Mas temo não ser objetivo com esse sacramento, em seu caso. A senhora é muito...

— Muito o quê?

Não era jogar limpo de sua parte, pensou com amargura. Ela pressionava ao extremo. Pressionava demais, e isso era excessivo até mesmo para um sujeito com os nervos do sacerdote Lorenzo Quart. Respirou outras duas vezes, como se estivesse numa sessão de ioga. Encare a coisa assim, pensou. E tente fazer que a calma não o abandone agora.

— Atraente — respondeu com perfeita frieza. — Suponho que é a palavra adequada. Mas deve saber disso melhor do que eu.

Macarena Bruner avaliou a resposta com um breve silêncio. Notável, diziam seus olhos.

— Gris tem razão — disse. — O senhor não parece padre.

Quart assentiu sem baixar totalmente a guarda:

— Imagino que o padre Ferro e eu somos duas espécies diferentes...

— Acertou. Ele é meu confessor.

— Tenho certeza de que se trata de uma boa escolha. — Fez uma pausa esmerada para despir de toda e qualquer ironia suas palavras. — É um homem rigoroso.

Ela não se deixou enganar pelo adjetivo:

— O senhor não sabe nada dele.

— É justamente o que pretendo. Saber. Mas não encontro ninguém que me esclareça.

— Vou fazê—lo.

— Quando?

— Não sei. Amanhã de noite. Convido—o a jantar no La Albahaca.

Quart tentava pensar com rapidez.

— La Albahaca — repetiu, para ganhar tempo.

— Isso. Na praça de Santa Cruz. Costumam exigir gravata, mas tratando—se do senhor não creio que haja problemas com esse colarinho que usa. Embora seja sacerdote, sabe vestir—se bastante bem.

Ele ainda levou três segundos para fazer um gesto afirmativo. Por que não. Afinal de contas, para isso viera a Sevilha. Seria uma boa ocasião para brindar à saúde do cardeal Iwaszkiewicz.

— Posso pôr uma gravata, se quiser. Mas nunca tive problemas em nenhum restaurante.

Macarena Bruner tinha ficado de pé, e Quart a imitou. Ela olhava de novo para as mãos dele.

— Como queria que soubesse? — acentuou o sorriso enquanto punha os óculos escuros. — Nunca jantei antes com um padre.

O ar que dom Ibrahim abanava com o chapéu recendia a flor de laranjeira e laranjas azedas. A seu lado, num banco da praça Virgen de los Reyes, a Nina Punales

fazia croché enquanto vigiavam a porta do hotel Dona Maria: quatro no ar, deixo dois, um curto e um comprido. A Nina repetia a seqüência mexendo silenciosamente os lábios, como se rezasse, com o novelo sobre a saia enquanto o tecido ia crescendo devagar entre as mãos, e as pulseiras de prata tilintavam em seus braços. Aquele trabalho era para a outra colcha de seu enxoval. Fazia quase trinta anos que o enxoval de casamento da Nina Punales amarelava entre bolas de naftalina, num armário de seu pequeno apartamento no bairro de Triana; mas ela continuava acrescentando—lhe peças como se o tempo tivesse parado em seus dedos, à espera do homem moreno de olhos verdes que um dia viria buscá—la entre coplas de aguardente e lua branca.

Uma charrete cruzou a praça, levando atrás quatro hooligans ingleses que bebiam cerveja e traziam na cabeça chapéu cordobês — jogavam o Betis e o Manchester —, e dom Ibrahim seguiu— a com a vista enquanto torcia o bigode entre suspiros de desalento. Pobre Sevilha, murmurou ao cabo de um instante, abanando—se mais forte com o panamá branco; e a Nina Punales assentiu sem levantar a cabeça, absorta em seu trabalho: quatro no ar, deixo dois. Agora dom Ibrahim jogara fora a ponta do charuto, e observava—o consumir—se fumegando no chão. Por fim, com sumo esmero, ajudou—o a morrer com a ponteira da bengala. Detestava os sujeitos brutais, capazes de esmagar a ponta de um bom charuto como se, em vez de apagá—lo, o assassinassem. O adiantamento de Peregil tinha—lhe permitido comprar uma caixa inteira, nova, com o selo intacto, de Montecristos, coisa que não podia se permitir desde que o cabo Finisterre era soldado raso. Dois deles assomavam, esplêndidos, ao bolso superior do paletó de seu enrugado terno de linho branco. Levou a mão ao peito, apalpando—os com ternura. O céu estava azul, recendia a flor de laranjeira, estava em Sevilha, tinha nas mãos um bom negócio, havanas no bolso e trinta mil pesetas na carteira. Para que sua felicidade fosse completa, só faltavam três entradas para as touradas, três lugares à sombra com o Faraón de Camas em cartaz, ou essa jovem promessa, Curro Maestral, que segundo o Potro levava jeito, mas sem ponto de comparação com o falecido Juan Belmonte, que em paz descanse. O mesmo Curro Maestral que aparecia nas revistas matando as mulheres dos banqueiros. O que, bem vistas as coisas, também era uma história de chifre. Por falar em mulheres. O padre alto acabava de aparecer na porta do hotel, conversando com uma, muito bonita.

Dom Ibrahim deu uma leve cotovelada na Nina Punales, e esta interrompeu seu trabalho. A dama usava óculos escuros e ainda era moça, de aspecto agradável, vestida de modo informal mas com aquele toque de classe, elegante e desenvolto, característico das mulheres andaluzas de boa cepa. Ela e o padre apertavam—se as mãos. Aquilo introduzia variantes insuspeitas no caso, de modo que dom Ibrahim e a Nina Punales trocaram significativos olhares.

— Aí tem dente de coelho, Nina.

— Se tem.

O ex—falso bacharel levantou—se não sem dificuldade, pondo o panamá de palha branca enquanto empunhava a bengala de Maria Félix com ar resoluto. Deu à Nina instruções para continuar o croché sem perder de vista o padre alto, e ele se pôs a caminho com a maior discrição, propulsando trabalhosamente seus cento e dez quilos atrás dos passos da mulher de óculos escuros. Seguiu—a assim enquanto se internava em Santa Cruz e virava à esquerda pela Calle Guzmán ei Bueno, até vê-la desaparecer no pórtico do palácio conhecido como Casa del Postigo. Com o cenho franzido e os olhos vigilantes, dom Ibrahim aproximou—se do arco da fachada, pintada de ocre e cal entre as inevitáveis laranjeiras da pracinha que lhe servia de acesso. A Casa del Postigo era um lugar conhecidíssimo em Sevilha: um palácio do século XVI, residência tradicional dos duques de Nuevo Extremo. De modo que o indiano levou isso em conta enquanto realizava um reconhecimento tático. As janelas estavam protegidas com grades de ferro, e sob o balcão principal um escudo heráldico presidia a entrada com seu elmo ornado com um leão por cimeira, bordas com âncoras e cabeças de mouros ou caciques índios, uma banda com uma romã dentro e a divisa Oderint dum probent. Cheirem o que provarem, ou algo do gênero, traduziu para si mesmo o ex—bacharel, louvando o senso comum da frase. Depois entrou como quem não quer nada pelo pórtico escuro, em direção ao portão de ferro forjado que fechava a passagem para o pátio interno, belíssimo recinto de colunas moçárabes com grandes vasos de plantas e flores em torno de um chafariz muito bonito de mármore e

azulejos.

Permaneceu ali até que uma criada de uniforme preto se aproximou do portão, desconfiada. Dedicou —lhe então seu mais inocente sorriso e, erguendo um pouco o chapéu, saiu para a rua com o desajeitamento de um turista despistado. Uma vez fora de teve—se de novo diante da fachada. Ainda sorria sob o frondoso bigode manchado de nicotina, quando puxou do bolso um dos charutos e, cuidadosamente, tirou—lhe selo. Montecristo, Habana, dizia em torno da minúscula flor—de—lis. Furou a ponta com um canivete que trazia na corrente do relógio. O canivete era um mimo — costumava contar — de seus amigos Rita e Orson, em memória daquela tarde inesquecível na Havana Velha, quando lhes mostrou a fábrica de tabacos Partagás, na esquina de Dragones e Barcelona, e depois Rita e ele foram dançar no Tropicana até as tantas.

Estavam por ali filmando *A dama de Xangai*, ou algo parecido, e Orson se embebedou até as sobrancelhas, e todos se deram beijos e abraços, e terminaram lhe dando de presente aquele canivete com o qual o Cidadão Welles cortava a ponta dos charutos. Perdido na lembrança, ou talvez no imaginário da lembrança, dom Ibrahim pôs o havana entre os lábios, fazendo—o girar enquanto saboreava a folha de tabaco puro de seu invólucro externo. Interessantes, pensou, as amizades femininas do padre alto. Depois aproximou o isqueiro da ponta do Montecristo, desfrutando antecipadamente a meia hora de prazer que tinha diante de si. Para dom Ibrahim a vida era inconcebível sem um charuto cubano para levar à boca. Seu aroma fazia o milagre de reconstruir—lhe um passado glorioso, e Sevilha, Havana — tão parecida —, sua juventude caribenha na qual nem ele mesmo era capaz de distinguir o real do inventado, se fundiam com a primeira baforada, num sonho tão extraordinário quanto perfeito.

A luz do clube noturno era vermelha, e no aparelho de som cantava Júlio Iglesias. O copo de Celestino Peregil tintilou quando Dolores la Negra pôs mais gelo no uísque.

— Que ótima você está — disse Peregil.

Era o enunciado de um fato objetivo. Dolores mexeu as cadeiras atrás do balcão, passando um cubo de gelo pelo umbigo nu, sob a camiseta curta que segurava dois seios enormes, que oscilavam ao ritmo da música. Era uma fêmea grande, aciganada, para lá dos trinta, mais atirada que janela de bósnio.

— Vou te dar uma trepada e tanto — anunciou Peregil, passando a mão pela cabeça para acomodar os cabelos que camuflavam a calva. — Vai até cair da cama.

Acostumada a tais protocolos e às trepadas e tanto de Peregil, Dolores deu dois passos de dança olhando—o nos olhos; depois pôs a ponta da língua de fora entre os lábios, colocou o cubo de gelo que tinha passado pelo umbigo dentro do copo dele e foi servir mais champanha catalão a outro cliente, um sujeito de quem as meninas já tinham arrancado duas garrafas e iam a caminho da terceira. No aparelho de som, Júlio Iglesias insistia no fato de que ele era um pilantra e um grão—senhor, e em seguida empenhou—se em discutir com José Luis Rodríguez El Puma se, para levar uma mulher para o mato, era preciso ser toureiro ou não. Indiferente à polêmica, Peregil bebeu um pequeno gole de uísque dando uma olhada em Fátima, a moura, que dançava sozinha na pista com uma saia entre as virilhas, botas até os joelhos e um decote onde saltitavam alegremente as tetas. Fátima era sua segunda opção para aquela noite, de modo que se pôs a considerar seriamente os prós e os contras do problema.

— Alô, Peregil.

Não os tinha visto chegar, nem se aproximar. Puseram—se um de cada lado, apoiados no balcão como se contemplassem a paisagem de garrafas alinhadas nas prateleiras enfeitadas com espelhos. Peregil os enxergou refletidos diante dele, entre as etiquetas e as jarras de propaganda: o cigano Mairena à sua direita, vestido de preto, magro e perigoso com seu ar de dançarino flamenco, um anel de ouro enorme junto do coto do mindinho, que ele próprio tinha amputado de um só talho durante um motim na penitenciária de Ocana. Dos Sisos à esquerda, louro, arrumado e miúdo, que parecia estar sempre segurando a navalha que levava no bolso esquerdo da calça e que sempre dizia o senhor me desculpe antes de passar o aço em alguém.

— Não vai nos convidar para tomar um gole? perguntou o cigano bem devagar, afetuoso, divertindo—se com a situação. De repente Peregil sentiu muito calor. Com um ar apagado chamou Dolores. Gim tônica para Mairena, o mesmo para Dos Sisos. Os dois copos ficaram sobre o balcão, intactos. No espelho, ambos os olhos cravavam—se nele.

Temos um recado para você — disse o cigano.

— De um amigo — matizou o outro.

Peregil engoliu a saliva, contando com que graças àquela luz vermelha não se notasse muito. O amigo se chamava Ruben Molina e era um agiota do Baratiño que vinha, fazia meses, assinando—lhe promissórias já vencidas, cujo total ascendia a uma soma que o próprio Peregil era incapaz de recordar sem se sentir à beira da lipotimia.

Com respeito a seus devedores, Ruben Molina era famoso em certos ambientes sevilhanos pelo costume de só mandar duas mensagens para o pagamento com urgência: a primeira de palavra, a segunda de obra. Mairena e Dos Sisos eram seus arautos oficiais.

— Digam que vou pagar. Tenho um caso em mãos.

— Foi exatamente o que Frasquito Torres disse.

Dos Sisos sorria, perigosamente compreensivo e simpático. Do outro lado, no espelho, a cara comprida e cética do cigano se mantinha tão festiva como se acabasse de enterrar a mãe. Mirando—se entre os dois, Peregil quis engolir a saliva pela segunda vez, mas em vão: a alusão a Frasquito Torres deixara—lhe a garganta demasiado seca. Frasquito era um sujeito de boa família, muito farrista, conhecidíssimo em Sevilha, que durante um tempo estivera recorrendo, como Peregil, aos fundos do agiota Molina. Incapaz de pagar, vencido o prazo alguém o havia esperado na entrada de sua casa para lhe quebrar, um a um, todos os dentes da boca. Tinham—no deixado ali, com os dentes embrulhados num papel de jornal metido no bolso de cima do paletó.

— Preciso de apenas uma semana.

O cigano Mairena ergueu um braço e passou—o em torno dos ombros de Peregil, com um gesto tão inesperadamente amistoso, que seus olhos quase saltaram das órbitas de medo. O coto do mindinho mutilado rocavalhe o queixo.

— Que coincidência! — A camisa preta do cigano fedia a suor velho e fumaça de cigarro. — Porque é isso o que você tem, compadre. Sete dias justos, nem um minuto mais.

Peregil firmava as mãos no balcão para evitar que tremessem. Nas prateleiras em frente, as etiquetas das garrafas se confundiam: White Larios, Johnnie Ballantine's, Dyc Label, Four Horses, Centenário Walker. A vida é letal, disse consigo mesmo. Sempre termina matando.

Digam ao Molina que não há problema — balbuciou. — Que honro meus compromissos. Que estou a ponto de fechar uma boa operação.

Dito aquilo catou o copo e esvaziou o que restava de um só e longo gole. Um cubo de gelo estalou, sinistro, ao se chocar contra seus dentes, lembrando—lhe que Frasquito Torres tivera que voltar a se envolver com outro agiota para pagar uma prótese de quatrocentos e cinqüenta mil. O cigano mantinha o braço em torno dos seus ombros.

— Que bonito isto soa — gozava Dos Sisos. — Fechar.

Júlio Iglesias continuava sua cantoria. Fazendo passos de dança, Dolores la Negra veio por trás do balcão remexendo as cadeiras para conversar com eles. Molhou um dedo no uísque de Peregil, chupou—o sugando muito com os lábios, esfregou o ventre no balcão e agitou o conteúdo de sua camisa com impecável perícia profissional antes de encarar os três homens, decepcionada. Peregil parecia ter visto um fantasma, os sujeitos estavam com cara de poucos amigos e, além do mais — indício inquietante — seus gins tônica continuavam intactos. De modo que Dolores deu meia—volta e, sem deixar de requebrar as cadeiras ao som da música, caiu fora. Depois de toda uma vida de ambos os lados de um balcão de bar americano sabia muito bem quando o forno não estava para bolos.

Amei também mulheres mortas
(Heinrich Heine. Noites florentinas)

O subcomissário Simeón Navajo, chefe do grupo de investigação da Chefatura Superior de Sevilha, acabou de comer a omelete e fitou Quart com afeto:

— Olhe, pater. Não sei se é a igreja, o acaso ou o arcanjo são Gabriel. — Fez uma pausa, acompanhando a omelete com um gole da meia garrafa de cerveja que estava em cima da mesa do escritório. — Mas aquele lugar é azarado.

Era miúdo, magérrimo, simpático, de mãos inquietas, com óculos redondos de armação de aço e um bigode denso que parecia brotar de dentro do seu nariz. Dir—se—ia a caricatura em escala de um intelectual dos anos sessenta, aspecto reforçado pela calça jeans, a camisa vermelha e ampla de algodão e as grandes entradas do cabelo penteado para trás, que ele usava comprido, preso num rabo—de—cavalo. Fazia vinte minutos que repassavam juntos os dossiês sobre as duas mortes em Nossa Senhora das Lágrimas, e as conclusões policiais coincidiam com os laudos dos legistas: óbitos acidentais. O subcomissário Navajo lamentava não ter à mão um culpado para mostrar, algemado, ao agente de Roma. Coisas do azar, pater, dizia. Sabe como essas coisas acontecem. Um apoio mal—aparafusado, um pedaço de gesso que cai, um par de infelizes que nunca tinham acertado na loteria, mas o caso é que naquele dia saiu seu número. Um ai e o outro plaf, ou seja, anjinhos no céu. Porque, pelo menos, tratando—se de uma igreja, o subcomissário dava por certo que tinham ido para o céu.

— O caso de Permeias, o arquiteto municipal, está claro. — Navajo movimentava dois dedos pela beira da mesa, imitando a suposta forma de caminhar do defunto. — Ficou meia hora passeando pelo telhado da igreja em busca de argumentos para o processo de ruína e, por fim, se apoiou num corrimão de madeira que havia junto do campanário...

A madeira estava podre e cedeu, e Penuelas foi abaixo para espetar—se num tubo metálico ainda por montar, como um frango assado. — O subcomissário parara de passear os dedos e agora erguia um como se fosse o tubo, fazendo cair em cima dele a palma da outra mão; Quart supôs que a mão representava o tal Penuelas no ato de se fazer de frango. — ... Tudo aconteceu em presença de testemunhas, e a investigação posterior não pôde provar manipulações no corrimão.

O subcomissário tomou outro gole da garrafa e limpou o bigode com o dedo em que o arquiteto Penuelas tinha se espetado. Em seguida dirigiu ao sacerdote um sorriso voluntarioso. Tinham se conhecido uns anos antes, durante a visita do Papa. Simeón Navajo era o contato da polícia sevilhana, e ambos se entenderam às mil maravilhas.

O enviado de Roma tinha permitido que o subcomissário assumisse como dele todos os lances espetaculares, inclusive a localização do padre oposto ao celibato que pretendia apunhalar o Santo Padre, e a história do Semtex escondido no cesto de roupa branca das irmãzinhas do Santíssimo Sacramento. Aquilo valeu a Navajo uma felicitação pessoal do ministro do Interior e outra de Sua Santidade, uma foto na primeira página dos jornais e a cruz do mérito policial com distintivo vermelho. Desde então, ninguém na Chefatura tinha se atrevido a continuar apelidando—o de Miss Magnum por prender o cabelo num rabicho. A Magnum, calibre 357, estava entre os papéis, numa bandeja em cima da mesa. Quase nunca o punha num coldre sob as axilas, salvo quando, nos fins de semana, ia buscar os filhos em casa de sua ex—mulher. Assim, dizia, ela o respeitava mais. E as crianças achavam o máximo.

Quart correu os olhos pela sala. Do outro lado de uma divisória de vidro via a cabeça de um árabe do Norte da África com um olho roxo. Estava sentado em frente de um robusto policial em mangas de

camisa, que mexia os lábios com cara de poucos amigos, como num filme mudo. Deste lado da divisória, havia na parede uma foto emoldurada do rei, um calendário onde os dias transcorridos estavam riscados com vigor, um arquivo cinzento com um adesivo da Expo 92 e outro com a folha de marijuana, um ventilador, fotos de delinquentes num quadro de cortiça, um alvo com dardos e a parede cheia de furos ao redor, e um pôster com vários policiais americanos espancando para valer um negro, sob a legenda: Quem te ama te fará chorar.

— O que se sabe do padre Urbizu? — perguntou Quart. O subcomissário coçava a orelha. Pareceu decepcionado ao terminar de fitar o dedo.

— Três quartos do mesmo, pater. Desta vez não houve testemunhas, mas minha gente revistou a igreja centímetro por centímetro. Talvez tenha querido se encostar num andaime, ou o tenha movido acidentalmente. — Pôsse a balançar as mãos como um andaime oscilante, com tamanho realismo que ele mesmo parou, como se aquilo lhe causasse vertigem. — ... A extremidade superior do andaime tocou, e soltou, um grande pedaço de gesso da cornija que há lá em cima; provavelmente já estava solto e preso milagrosamente, se me permite a expressão, pela mesma estrutura metálica. Com tanto azar que, quando ela se mexeu um pouco, os mais de dez quilos foram cair bem na cabeça dele. Imagino que ouviu o barulho, olhou para cima, e zás.

O relato era acompanhado da mímica correspondente, que o subcomissário concluiu virando a mão para cima sobre a mesa, como se se tratasse do padre Urbizu no momento de passar desta para a melhor. Depois ficou olhando pensativo para sua mão agonizante e estendeu a outra para a garrafa de cerveja.

— Também é azar — disse, pensativo, depois de liquidar a cerveja.

Quart, que tirara do bolso uns cartões para tomar notas, deteve no alto a esferográfica:

— Mas por que a cornija caiu?

— Depende. — Navajo olhava desconfiado para os cartões. Depois começou a sacudir as migalhas de omelete da camisa. — Segundo Newton, porque, em consequência da atração terrestre e da força centrífuga no movimento rotatório, qualquer objeto entregue a si mesmo nas proximidades da superfície da Terra adquire uma aceleração vertical, direta, sobre a cabeça dos secretários de arcebispo que se levantam com o pé esquerdo. — Fitou Quart como se lhe perguntasse o que achava. — Espero que tenha anotado direito. Isso para que não venham dizer que a polícia não trabalha em bases científicas.

Quart entendeu a mensagem. Pôs—se a rir, guardando de novo cartões e esferográfica. O subcomissário observou—o fazer aquilo com olhos inocentes.

— E de acordo com o senhor?

Navajo deu de ombros sob a folgada camisa vermelha. Nada daquilo era importante, nem secreto, mas saltava à vista que desejava manter o caráter oficioso. Uma vez estabelecidos os resultados de morte accidental, Nossa Senhora das Lágrimas continuava sendo um caso exclusivamente eclesiástico. Corriam boatos sobre as pressões especulativas da prefeitura e dos bancos, e os chefes do subcomissário eram

partidários de se manterem à margem. Afinal de contas, embora espanhol de origem, sacerdote e velho conhecido do subcomissário, Quart era agente de um Estado estrangeiro.

— Segundo nossos peritos — respondeu Navajo — a cornija caiu porque o fragmento já estava danificado, como demonstrou um estudo pericial posterior. Detectamos uma bolsa de umidade atrás, na parede, filtrada pelas junções do telhado durante anos e anos.

— Descartam mesmo por completo a intervenção humana?

O subcomissário fez uma cara de mofa, mas se conteve. Afinal de contas, tinha uma dívida para com Quart.

— Ouça, pater. Aqui, na polícia, não descartamos cem por cento nem que Judas tenha sido assassinado por algum de seus onze colegas, de modo que deixemos por uns noventa e cinco. Em todo o caso é improvável que alguém tenha dito àquele infeliz: olhe, espere aqui um instantinho; que depois tenha trepado no andaime, arrancado um pedaço de cornija e o deixado cair em cima, fiuuuuu, enquanto o outro olhava para cima. — Os dedos do subcomissário tinham subido no andaime, descido em forma de objeto contundente e agora estavam, como deixaram antever, inertes em cima da mesa, esperando a perícia. — Isso só acontece em desenhos animados.

Quando se despediu do subcomissário, Quart tinha a impressão de que Vésperas havia exagerado as coisas.

Ou talvez aquela história de que a igreja matara para se defender fosse — em versão livre, singular e simbólica rigorosamente certa. Outra coisa era quantificar a capacidade de liquidar gente incômoda que podia ter, intrinsecamente ou com ajuda do acaso ou da Providência, um decrepito edifício de três séculos de antiguidade.

Mas, chegadas a esse ponto, as coisas já não diziam respeito a Quart, nem tampouco ao IOE. Os aspectos conflitivos do sobrenatural corriam por conta de outro tipo de especialistas, mais próximos da confraria sinistra do cardeal Iwazskiewicz do que do rude centurião encarnado por monsenhor Spada. Em cujo mundo — que era o do bom soldado Quart — um e um somavam dois desde que, no princípio, foi o Verbo.

Refletia sobre isso a caminho da igreja, quando pensou ouvir passos às suas costas ao se embrenhar pelas ruelas estreitas de Santa Cruz; mas, apesar de ter se detido um par de vezes, não pôde verificar nada suspeito. Continuou, procurando manter—se na exígua sombra que os telhados das casas proporcionavam. O sol batia forte em Sevilha, e as fachadas brancas e ocre reverberavam como as paredes de um forno, fazendo que o paletó preto pesasse nos ombros como chumbo quente. Se de fato houvesse algo além—túmulo, pensou Quart, os sevilhanos que se fossem em pecado mortal iam achar—se em casa: já conheciam o inferno vários meses por ano, na terra. Ao chegar à pequena praça da igreja, parou diante da floreira de gerânios, invejando o canário que, em sua gaiola e à sombra, molhava o bico numa ampola de água. Não havia um único sopro de ar e tudo estava imóvel: as cortinas da janela, as folhas dos vasos e das laranjeiras. Velas no mar dos Sargaços.

Foi um alívio cruzar o umbral de Nossa Senhora das Lágrimas. As paredes abrigavam um oásis de sombra fresca com cheiro de cera e umidade: exatamente o que Quart precisava sentir com urgência. De modo que parou para recobrar fôlego junto à porta, ainda ofuscado pela claridade externa. Havia ali uma pequena estatueta de Jesus Nazareno, um atormentado Cristo barroco depois de passar pelo terceiro degrau do pátio do Pretório: quantos sois, onde guardas o ouro e os dinheiros de teus seguidores, que história é essa de que te chamas Filho do Pai, adivinha quem te denunciou. Tinha as mãos atadas por uma corda e grossas gotas de sangue escorriam da sua cabeça coroada de espinhos, que ele erguia para o alto esperando que alguém esticasse a mão e o tirasse dali, impetrando um habeas corpus. Quart nunca havia sentido, ao contrário da maior parte de seus iguais, a certeza do parentesco divino do homem cuja imagem tinha diante de si; nem mesmo no seminário, durante o que chamava seus anos de adestramento, quando os professores de Teologia desmontavam e tornavam a montar minuciosamente os mecanismos da fé na mente dos jovens destinados ao sacerdócio. "Senhor, Senhor, por que me abandonaste?", constituía a pergunta crítica que era preciso evitar a qualquer preço. No caso dele, que chegou ao seminário com a pergunta feita e convencido da ausência de resposta, a formatação do disquete teológico foi como chover no molhado; mas ele era um rapaz prudente e soube guardar silêncio. Nos anos de aprendizado, o importante para Quart tinha sido a descoberta de uma disciplina, cie normas segundo as quais ordenasse sua vida, mantendo sob controle a certeza do vazio experimentado no quebra—mar diante das ondas, quando da tormenta. Teria do mesmo modo podido entrar para o exército, para uma seita ou, como brincava monsenhor Spada — na realidade não brincava nem um pouco —, para uma ordem medieval de monges—soldados. Ao órfão do pescador perdido num naufrágio bastavam seu próprio orgulho, sua autodisciplina e um regulamento.

Contemplou de novo a imagem. Em todo o caso, aquele Nazareno deixava—os bem: ninguém podia se envergonhar de arvorar sua cruz como bandeira. Muitas vezes tinha saudade daquela outra classe de fé, ou tão só da fé pura e simples: quando homens negros de pó e de sol sob uma cota de malha gritavam o nome de Deus e entravam em combate movidos pela esperança de abrirem a espadadas caminho para o Céu e para a vida eterna. Viver e morrer era mais simples; o mundo era muito mais singelo alguns séculos atrás.

Persignou—se mecanicamente. Em torno do Cristo, protegido por uma urna de vidro, havia meia centena de poeirentos ex—votos: mãos, pernas, olhos, corpos de criança de latão e cera, tranças, cartas, cintos, notas e placas agradecendo tal cura ou tal remédio. Até mesmo uma velha medalha militar da guerra da África atada com as flores secas de um buquê de noiva. Como cada vez que dava com semelhantes mostras de devoção, Quart se perguntou quantas angústias, noites em claro junto de um leito de enfermo, orações, histórias de dor, esperança, morte e vida havia em cada um daqueles objetos que, ao contrário de outros párocos mais afinados com os tempos, dom Príamo Ferro conservava ao lado do Jesus Nazareno de sua pequena igreja. Era a religião de antes, a de sempre, a do sacerdote de batina e latim, intermediário imprescindível entre o homem e os grandes mistérios. A igreja do consolo e da fé, quando as catedrais, os vitrais góticos, os retábulos barrocos, as imagens e as pinturas que mostravam a glória de Deus cumpriam a missão desempenhada agora pelas telas dos televisores: tranquilizar o homem ante o horror de sua própria solidão, da morte e do vazio.

— Alô — disse Gris Marsala.

Tinha deslizado até ele pela estrutura de tubos do andaime e agora o fitava, expectante, com as mãos nos bolsos traseiros do jeans. Vestia as mesmas roupas manchadas de gesso da vez anterior.

— Não me disse que era freira — censurou—a Quart

A mulher conteve um sorriso, tocando os cabelos grisalhos. Continuava usando—os presos numa curta trança.

— É verdade. Não disse. — Os olhos claros e amistosos estudaram—no de cima a baixo, como se quisessem confirmar alguma coisa. — Achei que um sacerdote seria capaz de farejar essas coisas sem a ajuda de ninguém.

— Sou um sacerdote muito lerdo.

Fez—se um curto silêncio. Gris Marsala sorria:

— Pois não é o que dizem do senhor.

— Verdade? E quem diz?

— O senhor sabe: arcebispos, párocos enraivecidos... — O acento americano se tornava mais intenso com tanto tipo de erre. — Mulheres bonitas que o convidam para jantar.

Quart pôs—se a rir.

— Impossível que a senhora saiba disso.

— Por que não? Existe uma invenção chamada telefone. É só pegar e falar. Macarena Bruner é minha amiga.

— Estranha amizade. Uma freira e a mulher de um banqueiro que escandaliza Sevilha...

Gris Marsala encarou—o com dureza:

— Isso tem muito pouca graça.

Ela tinha se virado, com o rosto tenso, e ele meneou a cabeça, conciliador, certo de ter ido longe demais. Para lá do puro interesse tático, sentia a injustiça de sua reflexão. Não julgar para não ser julgado.

— Tem razão. Desculpe.

Desviou o olhar. Incomodado, preocupado com seu ◆ deslize, tentava esclarecer as causas de sua impertinência. Os reflexos de mel e o colar de marfim sobre a pele de Macarena Bruner rondavam sua memória, inquietantes. De novo encarou Gris Marsala. Agora ela já não parecia furiosa, mas penalizada:

— Não a conhece como eu.

— Claro.

Quart assentiu devagar, à guisa de desculpa, e deu uns passos em busca de trégua. Entrou assim na

nave para observar mais uma vez os andaimes contra as paredes, a maioria dos bancos afastados e postos num canto, a pintura do teto, enegrecida entre halos de umidade. No fundo, junto do retábulo na penumbra, brilhava a lamparina do Santíssimo.

— O que a senhora tem a ver com isso?

— Já disse: trabalho aqui. Sou mesmo arquiteta restauradora. Formada. Universidades de Los Angeles e Sevilha.

Os passos de Quart ecoavam na nave. Gris Marsala caminhou a seu lado, silenciosa com seus tênis. Entre as manchas de umidade e fumaça que enegreciam a abóbada assomavam restos de pinturas: as asas de um anjo, a barba de um profeta.

— Perderam—se para sempre — disse a mulher. — Impossível restaurá—las.

Quart observava a rachadura que partia a testa de um querubim como uma machadada.

— É verdade que a igreja está caindo?

Gris Marsala fez um gesto de cansaço. Parecia ter ouvido vezes demais aquela pergunta.

— Isso é o que dizem na Prefeitura, no banco e no Arcebispado para justificar a derrubada. — Ergueu a mão, abarcando a nave com o gesto. — O edifício está mal e não foi cuidado nos últimos cento e cinqüenta anos, mas sua estrutura continua sólida. Nem nas paredes nem na abóbada há rachaduras irreversíveis.

— Mas um pedaço do teto caiu em cima do padre Urbizu — objetou Quart.

— Sim. Foi ali, está vendo? — A mulher indicava um defeito de quase um metro de comprimento, na cornija que circundava a nave a dez metros de altura. — Esse fragmento de gesso dourado que falta sobre o púlpito. Um caso de má sorte.

— O segundo caso de má sorte.

— O arquiteto municipal caiu do telhado por conta própria. Ninguém lhe disse que podia subir lá.

Em se tratando de uma freira, o tom de Gris Marsala não era nada piedoso ao se referir aos defuntos. Quart reprimiu uma expressão de sarcasmo, perguntando—se se ela também obtinha absolvições oportunas do padre Ferro. Poucas vezes encontrou rebanhos tão fiéis ao pastor.

— Imagine — Quart olhava desconfiado para os andaimes — que a senhora não tenha nada a ver com esta igreja e que eu lhe diga: olá, como vai, faça—me um relatório técnico.

A resposta chegou imediata, sem a menor hesitação:

— Velha e mal cuidada, mas não em ruína. Quase todos os danos estão nos revestimentos, devido à umidade filtrada através da coberta em mau estado. Mas já resolvemos isso refazendo o telhado com cal, cimento e areia, quase dez toneladas de material levados a quinze metros de altura com estas mãos — Gris Marsala agitava— as diante de Quart: calosas, fortes, de unhas curtas, quebradas, incrustadas de gesso e tinta — e as do padre Óscar. Na sua idade, dom Príamo já não está para andar pelos telhados.

— E o resto do edifício? A freira deu de ombros:

— Pode sustentar—se se conseguirmos terminar as obras essenciais. Uma vez eliminadas as goteiras seria bom consolidar as vigas de madeira, que em alguns lugares estão podres por ataques de cupins por causa da umidade. O ideal seria substituí—las, mas não temos verba. — Fez o gesto de contar dinheiro com o polegar e o indicador e concluiu—o com um suspiro de desalento. — ... Isso quanto ao edifício. Com respeito à ornamentação, é coisa de restaurar pouco a pouco as partes mais danificadas. No que concerne aos vitrais, por exemplo, encontrei um recurso. Um amigo químico que trabalha num ateliê de vidro artesanal comprometeu—se a fabricar de graça peças de cor que substituam as que se perderam. O procedimento é lento, porque além da fabricação devemos restaurar as armações de chumbo. Mas não há pressa.

— Não há mesmo?

— Não, se conseguirmos vencer esta batalha. Quart fitou—a com interesse:

— Parece uma questão pessoal.

— É uma questão pessoal — admitiu ela com simplicidade. — Fiquei aqui para isso. Vim a Sevilha tentando resolver alguns problemas e neste lugar achei a solução.

— Problemas profissionais?

— Sim. Uma crise, suponho. Acontece de vez em quando. Já teve a sua?

Quart negou com a cabeça, cortês, com o pensamento em outro lugar. Vou pedir sua ficha a Roma, anotava mentalmente. Quanto antes.

— Falávamos da senhora, irmã Marsala.

Os olhos claros semicerraram—se entre as rugas que rodeavam as pálpebras da mulher. Ninguém teria podido afirmar que aquilo era exatamente um sorriso:

— É sempre tão reservado, ou se trata de uma pose?... A propósito, me chame de Gris. Soa ridículo o modo como me chamou: olhe só para mim. Mas eu estava lhe dizendo que vim para cá pôr em ordem meu coração e minha cabeça, e encontrei a resposta nesta igreja.

— Que resposta?

— A que todos procuramos. Uma causa, suponho. Algo que justifique em que acreditar e por que lutar. — Ficou um instante calada, depois acrescentou, um pouco mais baixo: — Uma fé.

— A do padre Ferro.

Ficou olhando outra vez para ele em silêncio. A trança grisalha estava meio desfeita, e ela prendeu— a entre dois dedos e voltou a trançar o cabelo sem tirar os olhos de Quart.

— Cada um tem seu tipo de fé — falou por fim. Algo muito necessário neste século que agoniza com tão maus modos, não acha?... Todas as revoluções foram feitas e se perderam. As barricadas estão desertas, e os heróis solidários se transformaram em solitários que se agarram ao que podem para sobreviver. — Os olhos claros observaram—no, inquisitivos. — Nunca se sentiu como um desses peões de xadrez passados, que são esquecidos num canto do tabuleiro e ouvem sumir às suas costas o rumor da batalha enquanto tentam manter—se erguidos, perguntando—se se fica em pé um rei a que possam continuar servindo?

Percorreram a igreja. Gris Marsala mostrou a Quart a única pintura que valia a pena: uma Virgem atribuída sem muita convicção a Murillo, que presidia a entrada da sacristia da nave, junto do confessionário. Foram depois até a cripta, fechada por uma grade de ferro sobre degraus de mármore que se perdiam na escuridão, e a mulher explicou que as igrejas pequenas como aquela não costumavam ter criptas. Mas Nossa Senhora das Lágrimas gozava de privilégio especial. Catorze duques de Nuevo Extremo jaziam ali, incluindo os falecidos antes da construção da igreja. A partir de 1865 a cripta caiu em desuso, e os enterros foram efetuados no jazigo familiar de San Fernando. A única exceção tinha sido Carlota Bruner.

— Que disse?

Quart tinha a mão apoiada no arco de entrada da cripta, ornado por uma caveira sobre duas tíbias. O frio da pedra gelava—lhe o sangue no pulso.

Gris Marsala virou—se, surpresa com o tom incrédulo do sacerdote.

— Carlota Bruner — repetiu, ainda confusa. — Tia—avó de Macarena. Morreu no começo do século e foi enterrada nesta cripta.

— Podemos ver o túmulo?

Havia uma ansiedade mal dissimulada na voz de Quart. A mulher continuava observando—o, indecisa.

— Claro.

Foi à sacristia em busca de um molho de chaves e, depois de correr o ferrolho da grade, girou um

antiquado interruptor de porcelana. Uma lâmpada de poucos watts, coberta de poeira, iluminou os degraus. Quart inclinou a cabeça e, após uma breve descida, encontrou-se num pequeno recinto de planta quadrada, com as paredes cobertas de lápides mortuárias dispostas em três andares. As paredes de tijolo tinham grandes halos brancos e pretos de umidade, e pairava no ar um cheiro de mofo e falta de ventilação. Uma das paredes ostentava, talhado em mármore, um escudo heráldico com a divisa: Oderint dum probent. Que me odeiem contanto que me respeitem, traduziu para si. Era presidido por uma cruz negra.

— Catorze duques — repetiu Gris Marsala, a seu lado. Falava em voz involuntariamente baixa, como se o lugar a coibisse. Quart examinou as inscrições das lápides.

A mais antiga trazia as datas 1472—1551: Rodrigo Bruner de Lebrija, conquistador e soldado cristão, primeiro duque de Nuevo Extremo. A mais recente se achava junto da porta, entre dois nichos vazios, e era a única que ostentava um nome de mulher naquele recinto reservado a descobridores, políticos e guerreiros:

CARLOTA VICTORIA AMÉLIA BRUNER DE LEBRIJA YMONCADA

1872—1910 DESCANSA NA PAZ DO SENHOR

Quart passou os dedos sobre o relevo do nome esculpido em mármore. Sua certeza era absoluta: tinha no bolso um postal escrito um século atrás por aquela mulher, dez ou doze anos antes de sua morte. Assim, como ao introduzir um cartão codificado no lugar oportuno, personagens e acontecimentos dispersos começavam a situar—se em relação uns aos outros. No centro, como uma encruzilhada comum, aquela igreja.

— Quem era o capitão Xaloc?

Gris Marsala observava os dedos de Quart, imóveis sobre o nome Carlota. Parecia um pouco desconcertada:

— Manuel Xaloc foi um marinheiro sevilhano que emigrou para a América na última década do século passado. Andou pirateando pelas Antilhas antes de desaparecer no mar, durante a guerra hispano—americana de 1898.

Aqui rezo por ti todos os dias, releu mentalmente Quart. E espero teu regresso.

— Qual foi sua relação com Carlota Bruner?

— Ela enlouqueceu por causa dele. Ou de sua ausência.

— O que está me dizendo?

— O que está ouvindo. — Ela continuava intrigada pelo interesse de Quart. — Ou acha que isso só acontecia nos romances?... Esta foi uma dessas histórias de folhetim romântico, cuja única originalidade é a ausência de final feliz: uma aristocrata mocíssima que enfrenta seus pais, e um jovem marinheiro que

emigra em busca de fortuna.

A aristocracia andaluza se opõe vivamente, faz bloqueio familiar, cartas que não chegam. E uma mulher se consome à janela, com o coração posto em cada vela de barco que vai e vem pelo Guadalquivir... — Agora foi Gris Marsala que tocou a lápide, logo retirando a mão. — Não pôde suportar aquilo e enlouqueceu.

No lugar sagrado de teu juramento e de minha felicidade, concluía Quart para si mesmo. De repente desejava encontrar—se fora dali, à luz de um sol que apagasse as palavras, os juramentos e os fantasmas que viera revolver naquela cripta.

— Tornaram a se encontrar?

— Sim. Em 1898, pouco antes de estourar a guerra de Cuba. Mas ela não o reconheceu. Já não era capaz de reconhecer ninguém.

— E o que ele fez?

Os olhos claros da mulher pareciam contemplar um mar calmo, gris como seu nome.

— Voltou a Havana, bem a tempo de intervir na guerra. Mas antes deixou aqui o dote que trazia para ela. As vinte pérolas que a Virgem das Lágrimas exhibe são as que Manuel Xaloc reuniu para o colar que Carlota deveria usar no dia do casamento. — Olhou para a lápide uma última vez. — Ela sempre quis se casar nesta igreja.

Saíram da cripta. Gris Marsala fechou a grade de ferro, depois acendeu a luz do altar—mor para que pudesse ver melhor a estátua da Virgem das Lágrimas. Tinha no peito um coração traspassado por sete punhais, e as vinte pérolas do capitão Xaloc brilhavam em seu rosto, na coroa de estrelas e sobre o azul do manto.

— Há uma coisa que não compreendo — comentou Quart, pensando na ausência de carimbo no cartão—postal. — A senhora falou há pouco de cartas que não chegavam. No entanto, nesses anos de separação, Manuel Xaloc e Carlota Bruner devem ter mantido correspondência... O que aconteceu?

Gris Marsala sorria, triste e distante. Rememorar aquela história não parecia tê-la feito feliz:

— Macarena me disse que vão jantar juntos esta noite. Pergunte a ela. Ninguém sabe mais do que ela sobre a tragédia de Carlota Bruner.

Apagou a luz e o retábulo voltou a encher—se de sombras.

Depois que Gris Marsala retornou a seu andaime, Quart se foi pela sacristia. Mas em vez de sair à rua, demorou ali um pouco, dando uma olhada. Numa parede havia uma tela muito escura e danificada: uma Anunciação de autor anônimo. Também havia uma imagem maltratada de são José com o Menino Jesus, um crucifixo, dois castiçais de latão amassados, uma enorme cômoda de acaju e um armário. Ficou parado no centro da peça, olhando em torno, depois abriu ao acaso algumas gavetas da cômoda.

Encontrou missais, objetos litúrgicos e paramentos. O armário continha cálices, uma custódia, um antigo cibório de latão dourado, meia dúzia de casulas e uma velhíssima capa de asperges bordada com fio dourado. Quart fechou sem tocar em nada. Aquela estava longe de ser uma paróquia próspera.

A sacristia tinha duas portas de acesso. Uma para a igreja, através da pequena capela do confessionário, por onde Quart tinha entrado. A outra dava para a rua, para a praça, passando por um estreito vestíbulo que também servia de entrada para os aposentos do pároco. Quart observou a escada com corrimão de ferro que subia para o patamar iluminado por uma lucarna e se deteve, olhando para o relógio. Sabia que dom Príamo Ferro e o padre Oscar se encontravam naquele momento numa dependência do Arcebispado, convocados pelo vigário de sua zona para uma reunião burocrática oportunamente sugerida pelo próprio Quart. Disponha, se tudo corresse bem, de mais meia hora.

Subiu devagar a escada, cujos degraus de madeira rangiam. A porta do patamar estava fechada, mas contornar esse tipo de inconvenientes também fazia parte de seu trabalho. Quanto a fechaduras, a mais difícil do currículo de Quart tinha sido a combinação alfanumérica na residência de certo bispo dublinense, cujo código teve de obter na própria porta, à luz de uma lanterna Maglite e com ajuda de um scanner ligado a seu computador portátil. Depois daquilo o bispo, um sujeito ruivo e rubicundo de nome Mulcahy, tinha sido chamado com urgência a Roma, onde sua plácida rubicundez cedeu lugar a uma palidez mortal quando monsenhor Spada lhe mostrou, com cara de poucos amigos, cópia fotográfica de toda a correspondência mantida pelo prelado com os ativistas do IRA, o Exército Republicano Irlandês — cartas que tivera a imprudência de conservar, ordenadas por data, atrás dos volumes da Summa Theologica, que se enfileiravam em sua biblioteca. Aquilo teve a virtude de inspirar prudência ao fervor nacionalista de monsenhor Mulcahy, e a consequência de convencer os grupos especiais do SAS britânico da desnecessidade de proceder à sua drástica eliminação física. Projeto previsto, segundo a informação obtida por confidentes do IOE — 10 000 libras esterlinas por conta dos fundos secretos da Secretaria de Estado —, durante uma próxima visita do prelado dublinense a seu colega, o bispo de Londonderry.

Operação que, de seu lado, os ingleses pensavam pôr astutamente na conta dos paramilitares unionistas de Ulster.

A fechadura de dom Príamo Ferro não colocava tantas dificuldades. Era um modelo antigo, convencional. Após um breve exame, Quart tirou de sua carteira uma folha fina de aço, pouco mais estreita do que uma lixa de unhas, e introduziu—auxiliando—se com uma pequena chave Allen escolhida num molho que trazia no bolso. Movimentou suavemente, sem forçar até sentir nos dedos o leve clique de cada dente ao ceder. Então a fez girar, correu o trinco e a porta franqueou—lhe a passagem.

Andou pelo corredor, estudando o lugar. Era uma moradia humilde com dois quartos, cozinha, banheiro e uma pequena sala de estar. Quart começou por esta última, mas não pôde achar nada interessante, salvo uma fotografia numa das gavetas do aparador. A foto era uma Polaroid de má qualidade. Fora tirada num pátio andaluz, o chão era de mosaico e viam—se vasos com flores e plantas, e um chafariz de mármore com azulejos. Dom Príamo Ferro estava ah, com sua inevitável batina negra até os pés, sentado a uma mesa baixa com o que parecia um café da manhã ou um lanche. Acompanhavam—no duas mulheres, uma velha, vestida com roupas claras, de verão e um pouco fora de moda. A outra era Macarena Bruner, e os três sorriam para a câmara. Pela primeira vez Quart via o padre Ferro sorrir, e pareceu—lhe uma pessoa diferente da que conhecera na igreja e no escritório do arcebispo. Ali sua expressão era terna e triste, e rejuvenescia as feições marcadas por cicatrizes,

suavizando a dureza dos olhos negros e o obstinado queixo sempre carente de uma boa lâmina de barbear. Parecia outro homem, mais inocente. Mais humano

Quart guardou a foto no bolso antes de fechar as gavetas Depois foi até a máquina de escrever portátil que havia numa mesinha, abriu sua maleta e deu uma olhada nos papéis. Por reflexo profissional pôs uma folha no rolo e bateu várias teclas, para obter uma mostra dos tipos, no caso de eventualmente necessitar identificar alguma coisa escrita ali. Enfiou a folha dobrada no mesmo bolso da fotografia. Quanto aos livros do aparador, somavam uma vintena, de modo que também deu uma olhada neles, abrindo alguns e verificando se escondiam alguma coisa atrás. Eram matérias religiosas, manuseados

volumes com a liturgia das horas, uma edição do Catecismo de 1992, dois volumes de citações latinas, o Dicionário de História Eclesiástica da Espanha, a História da Filosofia de Urdanoz e a História dos heterodoxos espanhóis de Menéndez y Pelayo, em três volumes. Não era o tipo de livros que Quart esperava, e surpreendeu encontrar também vários títulos sobre astronomia, que folheou com curiosidade, sem encontrar nada significativo neles. O resto carecia de interesse, salvo, talvez, o único romance que encontrou: uma velhíssima e deteriorada edição ordinária de O advogado do diabo — Quart achava detestável Morris West e seus atormentados padres bestsellers — com um parágrafo marcado a esferográfica na página 29:

"... Estivemos muito tempo afastados de nosso dever de pastores. Perdemos contato com as pessoas que nos mantêm em contato com Deus. Reduzimos a fé a um conceito intelectual, a um árido assentimento da vontade, porque não a vimos agir nas vidas da gente comum. Perdemos a compaixão e o temor reverente. Trabalhamos de acordo com cânones, não de acordo com a caridade."

Deixou o romance em seu lugar e examinou o telefone. Era uma ligação fixa, antiga. Ali não era possível conectar uma linha de computador. Saiu do quarto deixando a porta como a tinha encontrado, aberta num ângulo de quarenta e cinco graus, e foi pelo corredor até o quarto que identificou como o do padre Ferro. Tinha cheiro de guardado e de solidão clerical. Era um quarto simples, com janela para a praça, mobiliado com uma cama de metal sob um crucifixo na parede e um armário com espelho.

Na mesa de cabeceira encontrou um livro de orações, chinelos velhíssimos e um urinol de porcelana, que lhe arrancou um sorriso. No armário havia um traje escuro, outra batina em não melhor estado do que a de uso diário, algumas camisas e roupa de baixo. Quase não encontrou mais objetos pessoais, salvo uma moldura de madeira com uma fotografia amarelada onde um casal, homem e mulher, de aspecto camponês e roupas de domingo posava junto de um sacerdote, em quem, apesar dos cabelos negros e da grave juventude das feições, Quart reconheceu sem dificuldade o pároco de Nossa Senhora das Lágrimas. A foto era muito velha e tinha uma mancha num canto. Tirada pelo menos quarenta anos antes, calculou, baseando—se no aspecto do padre Ferro: o queixo e os olhos mostravam todo o seu vigor. E o olhar orgulhoso e solene do homem e da mulher, em cujos ombros o jovem clérigo apoiava as mãos, permitia supor que o instantâneo celebrava sua recente ordenação.

O outro quarto era sem dúvida o de Óscar Lobato. Na parede havia uma litografia de Jerusalém vista do Horto das Oliveiras e um cartaz do filme Easy Rider com Peter Fonda e Dennis Hopper montados em suas motocicletas. Quart viu também uma raquete e um par de tênis num canto. A mesa de cabeceira e o armário não continham nada interessante, de modo que concentrou sua pesquisa na mesa posta contra a parede, junto da janela. Encontrou diversos papéis, livros sobre Teologia e História da Igreja, a Moral de Royo Marín, a Patrologia de Altaner e os cinco volumes do Mysterium Salutts, o grosso ensaio Clérigos de Eugen Drewermann, um jogo de xadrez eletrônico, um guia turístico da cidade do Vaticano, uma caixinha de pílulas anti—histamínicas e um velho volume das aventuras de Tintim O cetro de Ottokar E, numa gaveta, prêmio para a paciência de Quart, vinte folhas sobre são João da Cruz impressas em letra Courier New de computador, e cinco caixas de plástico com uma dúzia de disquetes de 3,5" cada

uma.

Podia ser Vésperas e podia não ser. De uma maneira ou de outra era pouco de um lado e muito do outro. Escasso como prova e excessivo como material para examinar no lugar, concluiu Quart aborrecido, enquanto conferia o conteúdo das caixas. Pesquisar tudo requeria tempo e oportunidade, e não tinha nem uma coisa nem outra.

Teria de dar um jeito de voltar e copiar cada um daqueles disquetes no disco rígido de seu computador portátil, a fim de pesquisá—los mais tarde, calmamente, em busca de indícios. Obter cópias podia levar mais de uma hora, sem falar na dificuldade de afastar de novo os dois sacerdotes durante o tempo necessário.

O calor filtrava pelas cortinas, fazendo Quart transpirar sob o leve paletó de alpaca negra. Puxou um lenço de papel para enxugar a testa e, depois de usá—lo, fez dele uma bolinha que guardou no bolso. Pôs os disquetes em seu lugar e fechou a gaveta, perguntando—se onde estaria o equipamento de informática que o padre Oscar utilizava com aquilo. Fosse quem fosse o pirata, precisava de um computador muito poderoso ligado numa linha telefônica de fácil acesso, além de equipamento complementar.

Tudo isso requeria condições mínimas de instalação e espaço, que não havia naquela casa. Óscar Lobato ou qualquer outro, o certo é que Vésperas não agia a partir dali.

Quart olhou indeciso à sua volta. Era hora de ir embora. E nesse momento, justo quando puxava o punho esquerdo da camisa para consultar o relógio, ouviu ranger os degraus da escada. Então soube que os problemas estavam a ponto de começar.

Celestino Peregil pôs o fone no gancho e ficou olhando para o telefone, pensativo. De um bar próximo da igreja, dom Ibrahim acabava de lhe passar o último relatório sobre os movimentos de cada um dos personagens da história. O ex—falso bacharel e seus sequazes estavam levando a coisa muito ao pé da letra. Demais, na opinião de Peregil, um tanto farto de receber telefonemas a cada meia hora para ser posto a par de que o padre tal tinha comprado jornais na banca de Curro, ou que o padre qual estava sentado no bar Laredo tomando fresco.

Até o momento, a única informação realmente valiosa dava conta de uma entrevista mantida por Macarena Bruner com o enviado de Roma no hotel Dona Maria, detalhe que Peregil recebera com incredulidade primeiro e, depois, com uma espécie de satisfação expectante. Aquele gênero de coisas sempre terminava esquentando o jogo.

E por falar em jogo. Nas últimas vinte e quatro horas o tapete verde vinha lhe complicando um pouco mais a vida. Depois de adiantar cem mil pesetas a dom Ibrahim e seus comparsas por conta dos três milhões prometidos pelo trabalho, o assistente de Pencho Gavira caíra na tentação de utilizar os dois milhões e novecentos mil restantes para endireitar sua crítica situação financeira. Foi a voz do coração, um desses sentimentos que se apresentam de improviso, com a intuição — perigosa — de que alguns dias são diferentes de outros, e de que aquele era um deles. Produzia—se, ademais, certo fatalismo mourisco no sangue andaluz do indivíduo. A sorte não passa duas vezes pela mesma porta se ninguém lhe disser que lindos olhos tens; este era o único conselho que seu pai lhe dera quando pequenino, exatamente um dia antes de descer para comprar cigarros e fugir com a charcuteira da esquina. De modo que, apesar da certeza de caminhar na beirada do abismo, Peregil logo compreendeu, enquanto comia uns petiscos no balcão de um bar, que, se não seguisse a voz do coração, a angústia pelo que poderia ter sido e não foi ia durar a vida inteira. Porque o pau para toda a obra do homem forte do Banco Cartujano podia ser muitas coisas: um

canalha, um careca envergonhado, um pilantra capaz de vender a velha mãe, o chefe ou a mulher do chefe, por um cartão de bingo; mas só imaginar o ruído de uma bolinha girando em sentido contrário na roleta dava—lhe um coração de tigre. As coisas são como são. De forma que, naquela mesma noite, Peregil tinha posto uma camisa limpa e uma gravata de crisântemos vermelhos e roxos, indo para o cassino como quem embarca rumo a Tróia.

Esteve a ponto de consegui—lo, e isso depunha muito a favor de sua intuição como habitue do tapete verde. Mas não pôde ser. E, como disse Séneca, o que não podia ser não podia ser e, além do mais, era impossível. Os dois milhões e novecentas mil pesetas — e tanto faz não ter sido Séneca quem disse — seguiram o caminho dos outros três. De modo que as finanças de Celestino Peregil estavam a zero, e os fantasmas do cigano Mairena e Dos Sisos pairavam sobre ele como sua sombra ruim.

Levantou—se e deu uns passos inquietos pelo estreito covil invadido por fotocopiadoras e papéis que ele ocupava, dois andares abaixo do chefe, com vista para o Arenal e o Guadalquivir. Dali via a Torre dei Oro, a ponte de San Telmo e os casais de namorados passeando junto do rio, entre as mesas dos cafés. Embora estivesse em mangas de camisa e houvesse ligado o ar—refrigerado, um incômodo calor sufocava—o, de modo que foi pegar a garrafa, pôs gelo num copo e bebeu três dedos de uísque sem respirar.

Perguntando—se quanto podia durar aquele panorama, tal como andavam as coisas.

Uma tentação rondava—lhe a cabeça. Nada bem definido ainda, mas que à primeira vista proporcionava alguma possibilidade de obter uma trégua em forma de liquidez.

Era voltar a brincar com fogo, mas a verdade é que também já não tinha muito que escolher. Tudo consistia em que Pencho Gavira nunca ficasse sabendo que seu ajudante e capanga predileto jogava com dois baralhos. Filtrada de forma discreta, aquela história podia continuar dando dinheiro. Afinal de contas, o padre alto era muito mais fotogênico do que Curro Maestral.

Ruminando sem pressa a idéia, Peregil aproximouse da mesa em busca da agenda, onde seu indicador se deteve no número de telefone que já discara algumas outras vezes.

Ao cabo de um momento fechou a agenda bruscamente, como se lutasse com maus pensamentos. Você é um rato de esgoto, xingou—se com uma equanimidade insólita num sujeito de semelhante caráter Mas não era sua índole moral que atormentava o ex—detetive, demasiado preocupado com o estado cataléptico de suas finanças. Aquela perturbação provinha de uma incômoda certeza: há remédios que matam quando se abusa deles Mas também matavam as dívidas, sobretudo as contraídas com o agiota mais perigoso de Sevilha. De modo que, depois de muito cogitar, abriu de novo a agenda e procurou de novo o telefone da revista Q+S. Perdido, perdido e meio. Alguém disse certa vez que trair era apenas um problema de datas, mas, no mundo de Peregil, a questão podia ser apenas de horas. Além do mais, trair era um verbo excessivamente solene.

Ele se limitava a sobreviver.

— O que está fazendo aqui.

No Arcebispado não tinham sido capazes de reter o padre Óscar o tempo necessário. Encontrava—se no corredor obstruindo a passagem e com cara de pouquíssimos amigos.

Quart dedicou—lhe um sorriso no que mal dissimulava seu desconcerto e seu aborrecimento:

— Estava dando uma olhada.

— É o que parece.

Óscar Lobato meneava afirmativa e seguidamente a cabeça, como se respondesse a suas próprias perguntas. Usava uma camisa pólo preta, calça cinza e tênis. Na realidade não era um rapaz forte. Tinha a pele pálida, embora agora estivesse avermelhada pelo esforço de subir correndo. Era bem mais baixo que Quart, e seu aspecto — vinte e seis anos, segundo o dossiê — denotava mais tempo dedicado ao estudo e à vida sedentária do que ao exercício físico. Mas via—se que estava furioso, e Quart não subestimava nunca as reações de um homem assim. Além disso, havia seus olhos: o olhar esgazeado atrás das lentes dos óculos, sobre os quais caía uma mecha despenteada de cabelos louros. E os punhos cerrados.

Não havia palavras que solucionassem aquilo, de forma que Quart ergueu a mão pedindo calma e fez um gesto pedindo que lhe desse passagem, enquanto se punha um pouco de lado, como se pretendesse sair pelo estreito corredor. Então o padre Óscar se moveu para a esquerda, cortando—lhe a passagem, e o enviado de Roma percebeu que o incidente estava a ponto de chegar mais longe do que imaginara.

— Não seja bobo — disse, abrindo o botão do paletó. Ainda não tinha acabado de falar quando chegou o golpe. Foi um soco cego, raivoso, absolutamente privado de mansuetude sacerdotal, que Quart esperava e deixou perder—se no vazio com um precipitado passo atrás.

— Isso é um absurdo — protestou.

Era verdade. Nada daquilo valia a pena. Quart levantou agora ambas as mãos para aplacar os ânimos, mas a ira extravasava do rosto e dos olhos de seu adversário, que soltou um segundo soco. Desta vez acertou—lhe a mandíbula, de raspão. Era uma direita sem força, desferida quase ao acaso, embora suficiente para fazer que Quart se sentisse por fim irritado. O vigário devia acreditar que na vida real a gente brigava como no cinema. Também não é que Quart fosse um especialista em trocar socos pelos corredores; mas no exercício de seu ministério tinha assimilado certo número de habilidades heterodoxas. Nada espetacular apenas meia dúzia de truques para se safar de situações difíceis. De modo que, não sem certa ternura por aquele jovem de rosto enrubescido e de fôlego escasso, encostou—se na parede e acertou—lhe um pontapé na virilha.

O padre Óscar parou seco, com a surpresa pintada no rosto, e Quart, sabendo que se passariam cinco segundos antes de o pontapé fazer todo o seu efeito, deulhe um soco detrás da orelha, não muito forte, só para evitar qualquer reação de última hora. Um instante depois o vigário se encontrava de joelhos no chão, com a cabeça e o ombro direito contra a parede. Olhando fixamente para os óculos, que tinham caído e estavam no chão, intactos.

— Sinto muito — disse Quart, esfregando os nós doloridos dos dedos.

Era verdade. Sentia mesmo, envergonhado por não ter sido capaz de evitar aquele absurdo. Dois sacerdotes brigando como uns brutamontes era coisa totalmente injustificável; e a juventude do adversário não fazia mais que acentuar seu próprio embaraço.

O padre Oscar estava rubro e imóvel, aspirando com dificuldade o ar que faltava a seus pulmões. Os olhos míopes, humilhados, continuavam fitando sem ver os óculos sobre as lajotas do soalho. Quart abaixou—se para pegá—los e colocou—os nas mãos do outro. Depois passou—lhe um braço sob o

ombro, ajudando—o a se erguer. Foram assim até a salinha de estar, onde o vigário, ainda dobrado de dor, deixou—se cair numa poltrona de couro sintético, em cima de um montão de exemplares da revista Vida Nueva, que caíram no chão ou ficaram amassados sob as suas pernas. Quart foi à cozinha e trouxe um copo cTágua que o rapaz bebeu com avidez. Tinha posto os óculos, uma de cujas lentes estava embaçada por uma enorme marca de dedo. Os cabelos louros colavam—se em sua testa com gotas de suor.

— Sinto muito — repetiu Quart.

Com o olhar num ponto indeterminado, o vigário assentiu debilmente. Depois ergueu a mão para tirar os cabelos da testa e deixou—a ali, como se tentasse clarear as idéias. Os óculos que caíram até a ponta do nariz, a pólo com a gola aberta, a palidez do rosto davam—lhe um aspecto tão inofensivo que suscitava piedade. Devia ser grande a tensão a que estava submetido, para perder o controle daquele modo. Quart apoiou—se na beira da mesa.

Estou desempenhando uma missão — disse, no tom mais suave que pôde encontrar. — Não há nada pessoal nisso.

O outro assentia de novo, evitando encará—lo.

— Creio que perdi a cabeça — murmurou por fim, com voz apagada.

— Nós dois perdemos. — Quart fez um esboço de sorriso amistoso, destinado ao maltratado amor—próprio do rapaz. — Mas desejo que uma coisa fique clara entre o senhor e mim: não vim aqui aborrecer ninguém. A única coisa que tento é compreender.

Ainda com o olhar fugidio e a mão na testa, o padre Óscar perguntou—lhe que inferno pretendia compreender revistando uma casa à qual ninguém o havia convidado. E Quart, sabendo que era sua última oportunidade para se aproximar dele, adotou um tom de discreta camaradagem, citou o caráter da obediência devida, mencionou o pirata informático e sua mensagem recebida em Roma, deu alguns passos pelo quarto, olhou pela janela e por fim se deteve diante do jovem sacerdote.

— Há quem pense — seu tom era de confiança incrédula; um pouco como cá entre nós, imagine só que idéia maluca — que Vésperas é o senhor.

— Não diga cretinices.

— Não são cretinices. Pelo menos, o senhor tem o perfil físico: idade, estudos, interesses... — Apoiou—se de novo na beira da mesa, com as mãos nos bolsos. Como anda de informática?

— Como todo o mundo.

— E estas caixas de disquetes?

O vigário pestanejou duas vezes:

— É privado. Você não tem o direito.

— Claro que não. — Quart erguia as mãos com as palmas viradas para cima, conciliador, para demonstrar que não escondia nada nelas. — Mas diga—me uma coisa... Onde está o computador que você usa?

— Não creio que isso tenha importância.

— Pois se engana. Tem sim.

A expressão do padre Óscar ganhara firmeza; já não parecia um rapazola humilhado.

— Ouça bem. — Endireitava as costas na poltrona e seus olhos sustentavam o olhar de Quart. — Está sendo travada uma guerra aqui, e eu escolhi meu lado. Dom Príamo é um homem bom e honrado, os outros não. É o que tenho a dizer.

— Quem são os outros?

— Todo o mundo. Desde a gente do banco até o arcebispo. — Agora sorria pela primeira vez. Uma expressão áspera, rancorosa. — Inclusive os que o enviaram de Roma.

Para Quart aquilo tudo era indiferente, pois não eram dos que se deixam abalar por insultos à sua bandeira. Supondo que Roma fosse sua bandeira.

— Bem — respondeu, objetivo. — Poremos isso na conta de seus poucos anos. Na sua idade o sentido dramático da vida é mais acentuado. E é fácil entusiasmar-se com as causas e as idéias perdidas. O vigário fitou—o com desprezo.

— As idéias me converteram em sacerdote. Parecia perguntar—se quais eram as de Quart. — E quanto às causas perdidas, Nossa Senhora das Lágrimas ainda não está perdida.

— Mas, se alguém vencer isso, não será você. Sua transferência para Almería...

O jovem ergueu—se um pouco mais, heróico:

— Cada um paga sua dignidade e sua consciência. Talvez o preço que tenho de pagar seja esse.

— Bonita frase — ironizou Quart. — Dito de outro modo, atira pela janela uma brilhante carreira... Será que vale mesmo a pena?

— De que serve ao homem ganhar tudo se perder sua alma? — O vigário fitava seu interlocutor com agudeza, como se o argumento fosse esmagador. — Não me diga que esqueceu essa citação.

Quart reprimiu a vontade de rir diante dos óculos embaçados do outro.

— Não vejo relação entre sua alma e esta igreja disse.

— Há muitas coisas que não vê. Igrejas mais necessárias que outras, por exemplo. Talvez pelo que encerram, ou simbolizam. Há igrejas que são trincheiras.

Quart sorria dentro de si. Lembrava—se do padre Ferro utilizando idêntica expressão durante a entrevista no escritório de monsenhor Corvo.

— Trincheiras — repetiu.

— Sim.

— Conte—me de que pretendem defender—se.

O padre Óscar levantou—se dolorido, sem afastar os olhos dele, depois deu alguns passos com dificuldade em direção à janela. Ali abriu as cortinas, deixando entrar o ar e a luz.

— Defender—nos da Santa Madre Igreja — disse por fim, sem se voltar. — Tão católica, apostólica e romana que acabou traindo sua mensagem original. Com a Reforma perdeu metade da Europa, e no século XVIII excomungou a Razão Cem anos mais tarde perdeu os trabalhadores, que compreenderam que ela estava do lado dos patrões e dos opressores. Neste século que termina está perdendo a juventude e as mulheres. Sabe o que vai sobrar disso tudo'. . Ratos correndo entre bancos vazios. Ficou calado uns instantes, imóvel. Quart ouvia—o respirar.

— Defender—nos principalmente — prosseguiu o vigário — do que o senhor vem trazer aqui a submissão e o silêncio. — Agora olhava para as laranjeiras da praça com ar obstinado. — No seminário compreendi que todo o sistema se baseia nas formas, num jogo de ambição e renúncias Em nosso ofício ninguém se aproxima de ninguém que não seja útil para promovê—lo. Desde bem moços escolhemos um professor, um amigo, um bispo que nos ajude a prosperar. — Quart ouviu seu riso baixinho, entre os dentes; já não havia nada juvenil no aspecto do padre Óscar. — Eu acreditava que um sacerdote só realiza quatro classes de inclinação ante o altar, até que conheci especialistas em todo o tipo de inclinações. Eu mesmo era um deles, destinado à impossibilidade de dar às pessoas o sentido que elas exigem de nós, sem o que caem nas mãos de quiromantes, astrólogos e mercadores do espírito. Mas ao conhecer dom Príamo compreendi o que é a fé: é uma coisa independente, até mesmo de que Deus exista. A fé é o salto cego nos braços de alguém que nos acolhe neles... É o consolo diante do medo e da dor incompreensíveis. A confiança da criança na mão que a tira do escuro.

— E contou isso a muita gente?

— Claro. A quem quiser me ouvir.

— Acho que vai ter problemas.

Já tenho, como o senhor sabe melhor do que ninguém. Mas não me queixo. Ainda não fiz vinte e sete anos, e suponho que poderia iniciar qualquer carreira, em outro lugar. Mas vou ficar e lutar onde quer que me mandem... — Quart dirigiu—lhe uma careta comprida e desagradável, muito insolente. — E sabe de uma coisa?... Descobri minha vocação de padre incômodo.

Com a cabeça afundada no encosto de couro preto da poltrona, Pencho Gavira contemplava a tela de seu computador. A mensagem estava ali, infiltrada no arquivo do correio interno:

Despojaram—no de suas vestimentas e sobre sua túnica lançaram sortilégios, mas não puderam destruir o templo de Deus. Porque a pedra que os arquitetos descartaram é a pedra angular. Ela guarda memória dos que foram arrancados de nossa mão.

De passagem para se divertir um instante, o intruso tinha acrescentado um vírus inofensivo, uma incômoda bolinha de pingue—pongue que quicava nos quatro cantos da tela, multiplicando—se por dois cada vez, até que, ao se encontrarem duas delas, estouravam com efeito de cogumelo nuclear, e a seqüência começava toda de novo.

Isso não preocupava muito Gavira, pois poderia limpá—lo com facilidade; o departamento de informática do banco trabalhava nisso, verificando de passagem a existência de outros vírus ocultos de efeitos muito mais destruidores. O inquietante era a facilidade com que o agressor — um empregado do banco ou um hacker gozador — havia inoculado sua bolinha saltadora, e a estranha referência evangélica que, sem dúvida, tinha a ver com a operação de Nossa Senhora das Lágrimas.

Em busca de consolo, o vice—presidente do Cartujano afastou os olhos do computador para apreciar o quadro pendurado na parede principal do escritório. Era um valiosíssimo Klaus Paten, adquirido fazia pouco mais de um mês com o conjunto de valores e imóveis do Banco de Poniente. O velho Machuca era pouco amigo da arte moderna — gostava é de Munoz Degrain, Fortuny, coisas assim —, de modo que Gavira tinha se adjudicado a obra como butim de guerra. Em outros tempos os generais se adornavam com bandeiras capturadas do inimigo, e o Klaus Paten era mais ou menos isso: o estandarte do exército vencido, uma superfície azul—cobalto de 2,20 x 1,80 com um traço vermelho e outro amarelo cruzando —a em diagonal, intitulada Obsessão nQ 5, sob o qual se reuniu durante os últimos trinta anos o conselho de administração do banco recém—absorvido pelo Cartujano. O citado conselho estava, naquela altura, disperso, cativo e desarmado; e o Poniente, a única entidade financeira que fizera sombra ao Cartujano na Andaluzia, riscado para sempre do mapa, após uma quebra técnica de que Gavira era o impiedoso artífice. O Poniente, uma instituição de tipo familiar com clientela de pequenos correntistas rurais, carecia do toque imprescindível para diferenciar entre o que permite ganhar dinheiro e evitar perdê—lo; coisa necessária nos tempos que corriam. De modo que, mediante uma série de golpes e infiltrações na política de seu concorrente, Gavira o empurrara para um campo minado: a tentativa de lançar uma superconta única insuportável para sua estrutura financeira, com o resultado da contaminação do passivo e a fuga de sua clientela tradicional. Depois daquilo, o Poniente foi a pique, e lá estava Gavira com seu mais largo sorriso e os braços abertos, disposto a dar uma mão ao colega em apuros. A mão foi discretamente para a jugular, com uma campanha de pressão e demolição camuflada por avais, empréstimos e boas intenções que haviam degenerado numa selvagem limpeza étnica de caráter quase balcânico. Ao chegar ao fim, o Banco de Poniente não passava de um nome e alguns imóveis onde estavam empenhados até os cinzeiros dos corredores; a absorção foi inevitável, e o presidente da instituição familiar teve de escolher entre dar um tiro na cabeça e aceitar um pequeno cargo honorífico no conselho de administração do

Cartujano. Tinha optado pelo segundo, e tudo isso conferia o caráter de símbolo incontestável à presença do Klaus Paten diante da mesa de Pencho Gavira, no andar nobre do edifício do Arenal. Aquilo era um despojo glorioso. Um troféu para o vencedor. Vencedor. Gavira modulou a palavra quase em voz alta, mas uma ruga de preocupação partia—lhe o cenho quando voltou a olhar para a tela do computador, cheia de bolinhas que quicavam em todas as direções, justo no momento em que duas delas se chocavam, desencadeando a deflagração nuclear. Bum.

De novo outra bolinha solitária iniciou o ciclo. Exasperado, Gavira girou a poltrona cento e oitenta graus, voltando—se para a enorme vidraça que dava para a margem do Guadalquivir. Em seu mundo, no campo de batalhas de vida ou morte pelo qual caminhava em busca de fortuna, era necessário o mesmo movimento contínuo daquela bolinha chata. Parar equivalia a sucumbir, como o tubarão ferido que se torna vulnerável ao ataque de outros esqualos. O velho Machuca, com sua calma habitual e aquela obscura retranca atrás das pálpebras semicerradas por onde espreitava a vida, tinha lhe dito certa vez: "Seu problema é como andar de bicicleta: se parar de pedalar, cai."

Pencho Gavira, por natureza, estava destinado a pedalar sem descanso, imaginando novos caminhos, atacando sem cessar inimigos reais ou moínhos de vento fabricados ex—professo. Vencia cada revés arremetendo para a frente; cada vitória incluía em si mesma um novo combate. Desse modo, o vice—presidente e diretor—geral do Banco Cartujano ia construindo a complicada teia de aranha de sua ambição. Algo cujo objetivo último conheceria ao alcançá—lo, se é que algum dia o alcançaria.

Digitou para sair do correio interno e, depois de compor seu código secreto, penetrou no arquivo privado a que somente ele tinha acesso Ali, a salvo de intrusos, estava um relatório confidencial que, este sim, podia deixá-lo em apuros: o trabalho de uma agência privada de informação econômica, realizado para um grupo de conselheiros opostos a que Gavira sucedesse a Octávio Machuca na presidência do Cartujano. Aquele relatório era uma arma letal, e os conspiradores tencionavam tirá—lo da cartola na reunião prevista para a semana seguinte; mas ignoravam que Gavira, mediante o pagamento de uma soma considerável, conseguira obter uma cópia:

S&B Confidencial.

Resumo investigação interna B.C. assunto PT. e outros

— Em meados do ano passado, notou—se um aumento anormal dos ativos do Banco e, por conseguinte, das dívidas interbancárias apreciadas nos meses anteriores. A vice—presidência (Fulgencio Gavira está, além do mais, investido de todas as faculdades, salvo as indelegáveis) sustentou que tais aumentos se produzem principalmente por financiamentos a Puerto Targa e seus acionistas, mas que se tratava de operações pontuais e transitórias a ponto de se regularizarem com a iminente venda da sociedade Puerto Targa a um grupo estrangeiro (Sun Qafer Alley, de capital saudita), o que produziria considerável ganho para os acionistas e alta comissão para o Cartujano. A venda obteve a autorização necessária da funta da Andaluzia e do Conselho de Ministros.

— Puerto Targa é uma sociedade com um capital social original de 5 000 000 de pesetas, cujo objetivo é a criação, numa zona protegida próxima da reserva ecológica do Parque Donana, de um campo de golfe e um loteamento com chalés de luxo e uma marina. As dificuldades administrativas para a construção em zona protegida foram recente e inesperadamente removidas pela Junta da Andaluzia, que até bá pouco vinha se opondo frontalmente ao projeto. 78% das ações da sociedade foram comprados pelo Banco por instância da vice—presidência (Gavira), após uma ampliação que elevou seu capital a 9 bilhões de pesetas. Os 22% restantes permaneceram em mãos de particulares, e há suspeitas fundadas de que a sociedade H.P. Sunrise, radicada em SaintBarthélemy (Antilhas francesas), que ficou com um

pacote importante, poderia estar ligada ao próprio Fulgência Gavira.

— O tempo passou sem que a venda de Puerto Targa ainda se tenha formalizado. Mas, entretanto, os riscos continuaram aumentando. Por seu lado, a vice—presidência continuou sustentando que esse aumento observado é motivado em parte por liquidações de juros, desconto de papéis e financiamento puro, mas que a venda de ações é iminente e consumiria a importante diminuição de riscos esperada. A investigação, contudo, demonstrou que o aumento dos riscos observado devia—se a partidas deliberadamente ocultas em sua época, que afloraram, a pedido da investigação, até totalizar a quantidade de 20 028 milhões de pesetas, dos quais apenas 7 020 correspondiam à operação Puerto Targa. Mesmo assim, a vicepresidência continua afirmando que a materialização da compra por Sun Qafer Alley das ações de Puerto Targa normalizará a situação.

— Depois de levar a cabo a pertinente investigação, pôde—se deduzir que Puerto Targa é uma sociedade que, após uma complexa operação de engenharia financeira com base em sociedades radicadas em Gibraltar, é financiada, em sua quase totalidade, da origem à atualidade, pelo Banco Cartujano, situação esta que permaneceu oculta à maioria dos membros do Conselho de Administração.

Poder—se—ia dizer que foi criada praticamente para, em primeiro lugar, registrar um lucro fictício no balanço anterior do Banco Cartujano, ao fazer constar como entrada os 7 020 milhões da compra da sociedade, que na realidade o Banco pagou a si mesmo ao vender também a si mesmo Puerto Targa através das empresas de fachada de Gibraltar. O segundo objetivo era, com os ganhos produzidos quando se realizasse sua venda posterior a Sun Qafer Alley, sanear o balanço do Banco. Isto é, tapar o "buraco" de mais de 10 bilhões produzido no Banco Cartujano pela gestão da atual vice—presidência e resíduos derivados de gestões anteriores.

— A venda, que, segundo a atual vice—presidência, triplicaria o valor atual da sociedade, ainda não se realizou e se deu como nova data para ela meados ou final, do presente mês de maio. É possível que, como afirma a vice—presidência, a operação Puerto Targa normalize a situação interna. Mas, por enquanto, o que se pode estabelecer é que a ocultação sistemática da verdadeira situação prova até agora uma clara "maquiagem" das contas de resultados do Banco Cartujano. Isso significa que, durante o último ano, esteve—se ocultando do Conselho de Administração a situação de riscos e a falta de resultados, assim como numerosos erros de gestão e irregularidades, se bem que nem tudo possa ser judicialmente imputado à gestão da atual vice—presidência.

— Como argúcias dessa ocultação podemos assinalar: a busca frenética de novos e onerosos recursos, a contabilidade falsa com transgressão das normas bancárias e um risco qualificável de temerário que, sem a materialização da esperada venda de Puerto Targa a Sun Qafer Alley (anunciada em cerca de 180 milhões de dólares), pode produzir um descalabro de gravíssimas conseqüências para o Banco Cartujano, assim como um escândalo público que comprometa consideravelmente seu prestígio social entre os pequenos acionistas de caráter conservador que constituem seu corpo acionário.

— Quanto às irregularidades diretamente atribuíveis à atual vice—presidência, a investigação detectou uma carência geral do sentido de austeridade, com consideráveis somas pagas a profissionais e particulares sem a devida justificação documental (inclusive a pessoas e instituições públicas, com casos que podem ser definidos diretamente como subornos), assim como a intervenção da atual vice—presidência em negócios com clientes e a possível, se bem que não provada, percepção de determinados benefícios e comissões.

— Por todo o exposto e à parte as irregularidades de gestão detectadas, fica evidente que o fracasso da operação Puerto Targa poria o Banco Cartujano em graves dificuldades.

É também preocupante o possível efeito negativo que o conhecimento das operações realizadas por

essa vice—presidência em torno da igreja de Nossa Senhora das Lágrimas e o conjunto da operação Puerto Targa poderia produzir na opinião pública e na clientela tradicional do banco, classe média de caráter conservador e amiúde católica.

Em linhas gerais, tudo aquilo era verdade. Nos dois últimos exercícios, Gavira teve de fazer autênticos malabarismos para apresentar como aceitável sua gestão à frente de um banco que caíra em suas mãos viciado por uma política de dinheiro conservadora e medíocre. Puerto Targa e outras operações similares eram recursos para ganhar tempo, enquanto consolidava sua situação à frente do Cartujano Aquilo era muito parecido com subir uma escada utilizando os degraus que deixava para trás para pô—los na frente, mas até o golpe definitivo que consolidasse a situação, era a única tática possível. Necessitava de fôlego e crédito, e a operação de Nossa Senhora das Lágrimas, isca para os sauditas que iam comprar Puerto Targa, fazia—se imprescindível: ela transformaria a zona norte de Santa Cruz numa jóia para o turismo de elite. A documentação do projeto — um pequeno e ultra—seleto hotel de luxo com todos os serviços adequados e a quinhentos metros da antiga mesquita de Sevilha, capricho pessoal de Kemal Ibn Saud, irmão do rei da Arábia Saudita e principal acionista da Sun Qafer Alley — estava protegida com código no disco rígido de seu computador, junto com o relatório sobre sua gestão e mais alguns segredos de Gavira, com cópias em disquetes e CD na caixa—forte situada bem embaixo do Klaus Paten. Era muito o que havia em jogo para que as manobras de quatro conselheiros pusessem tudo a perder.

Deu outra olhada na tela, franzindo o cenho. Preocupava—o a presença do intruso informático e sua bolinha saltitante. Se fosse um hacker, era pouco provável que tivesse decifrado o código de segurança e acessado o arquivo confidencial, muito embora não fosse impossível. Mas essa gente costumava deixar marcas de sua passagem, de modo que a bolinha, um hacker teria colocado dentro, e não fora. Essa idéia lhe deu um calor incrível; não era agradável que um intruso estivesse passeando nas imediações dessa classe de informação. Como costumava afirmar o velho Machuca, mais vale um para o caso em que do que um quem diria. Assim sendo, resolveu apagar o arquivo.

Depois ficou observando a corrente verde—cinza do Guadalquivir e a Calle Betis elevada na outra margem. O sol fazia o rio brilhar, e seu resplendor emoldurava a silhueta compacta da Torre dei Oro. No mundo de Pencho Gavira era legítimo aspirar a que tudo aquilo terminasse sendo seu; a que o reflexo de metal brunido corresse toda manhã exclusivamente para ele, até seu rosto e a parede em que estava pendurado o Klaus Paten, iluminando seu triunfo e sua glória. Acendeu um cigarro e deixou a fumaça ir—se pelo largo traço de luz dourada que incidia vindo de baixo, através da janela, como um foco sobre a parte principal do cenário. Depois abriu a gaveta da mesa e tirou, pela enésima vez, a revista em que sua mulher saía do Alfonso XIII com o toureiro. Com a mão em cima das fotos, sentiu de novo uma ânsia doentia e obscura, aquele mal—estar fascinante, perverso, que experimentava ao virar as páginas para reconhecer as fotos mais que conhecidas. Seus olhos foram da capa ao retrato de Macarena que tinha sobre a mesa, numa moldura de prata: ela em primeiro plano, com uma blusa branca que lhe deixava um ombro nu. Era uma fotografia feita por ele mesmo quando acreditava possuí—la sempre e não apenas quando faziam amor. Antes de chegar a crise, com, de permeio, a igreja e o filho que Macarena tinha querido ter fora de hora. Antes que ela começasse a lhe acariciar o sexo com o desinteresse de quem lê um aborrecido texto em braile.

Remexeu—se, inquieto, na poltrona de couro. Seis meses. Lembrou—se de sua mulher nua sob a luz de néon, sentada na beira da banheira enquanto ele tomava uma ducha, sem saber que tinham feito amor pela última vez. Encarando—o como nunca fez, como se estivesse diante de um perfeito desconhecido. Tinha se levantado de repente, e, quando Gavira saiu para o quarto, a água pingando sob o roupão, ela estava vestida fazendo a mala. Não pronunciou uma palavra, nem uma censura. Teve para ele apenas um olhar silencioso, sombrio, antes de caminhar para a porta sem lhe dar tempo de opor um argumento ou um gesto. Seis meses até o dia de hoje. Não tinha aceitado voltar a vê—lo. Nunca.

Pôs a revista amassada de volta na gaveta enquanto apagava, raivoso, o cigarro no cinzeiro até que viu se extinguir a última brasa; como se encontrasse alívio naquele gesto de violência em pequena escala. Oxalá pudesse, pensou, fazer a mesma coisa com o pároco, com a freira com pinta delésbica, com todos

aqueles padres saídos dos confessionários, das catacumbas e do passado mais obsoleto e mais negro, para virem atrapalhar a vida. E também com aquela Sevilha orgulhosa, caduca, miserável, disposta a lhe recordar sua condição de arrivista mal a filha da duquesa de Nuevo Extremo lhe deu as costas. Um acesso de cólera veio estremecer—lhe as mandíbulas e com um revés da mão derrubou o retrato da mulher. Por Deus, pelo Diabo ou por quem fosse o responsável por aquilo, todos iam pagar caríssimo a vergonha e a incerteza que o estavam fazendo passar. Primeiro tinham roubado sua mulher, agora pretendiam roubar—lhe a igreja e o futuro.

— Vou varrê—los — quase cuspiu em voz alta. — Todos eles.

Pronunciou aquelas palavras no ato de desligar o computador, enquanto o retângulo luminoso da tela diminuía até desaparecer por completo. Estava disposto a fazer que o aspecto formal da sentença se consumasse. Alguns padres fora de circulação — um castigo, uma cadeira quebrada — era algo que não causaria em Pencho Gavira remorsos dignos de consideração. E se olhassem bem, nem mesmo um remorso puro e simples. De modo que, quando estendeu o braço para usar o telefone interno, estava convencido de que era preciso tomar alguma providência a esse respeito.

— Peregil — disse—lhe no fone. — Sua gente é segura?

Como bronze, foi a resposta do capanga. Então Gavira olhou para a moldura emborcada sobre a mesa e esboçou aquela expressão sanguinária que lhe tinha valido, no mundo bancário andaluz, o apelido de Tubarão do Arenal. Era o momento de passar à ação, disse consigo. E de unia coisa estava certo: ia acabar com aqueles desmancha—prazeres de batina.

— Então bote pra quebrar — ordenou. — Toque fogo na igreja, o que você achar melhor. Roseta na mula, até ela falar inglês!

VI. A gravata de Lorenzo Quart

Na senhora estão todas as mulheres do mundo

Joseph Conrad (A flecha de ouro)

Lorenzo Quart tinha uma só gravata. Era de seda azulmarmho, comprada numa camisana da Via Condotti que ficava a cento e cinquenta passos de sua casa. Sempre usara gravatas do mesmo tipo um corte tradicional, um pouco mais estreito do que os habituais na moda. Usava a pouco, sempre com costumes muito escuros e camisas brancas e, quando estava velha ou surrada, comprava outra idêntica para substituí—la. Isso acontecia apenas um par de vezes por ano, pois eram as camisas pretas de gola romana as que usava com maior frequência, passadas por ele mesmo com o esmero de um militar veterano, disposto a enfrentar inesperadas revistas de farda empreendidas por superiores obcecados com o regulamento. Todos os atos da vida de Quart se articulavam em torno de um suposto regulamento. Sua estrita observância datava de quando tinha memória bem antes de quando, caído de boca para baixo com os braços em cruz, a cara contra as lajes frias do chão, vira—se ordenado sacerdote. Já desde o seminário Quart tinha assumido a disciplina da Igreja como uma norma eficaz para ordenar sua vida. Em compensação teve segurança, futuro e uma causa em nome da qual podia exercer seu talento; mas, ao contrário de outros companheiros, nem então nem mais tarde, já ordenado, nunca vendeu sua alma a um protetor ou a um amigo poderoso. Acreditava — talvez fosse esta sua única ingenuidade — que observar as regras bastava para garantir—lhe o respeito dos demais. É verdade que não faltaram superiores impressionados com a disciplina e a inteligência do jovem sacerdote. Isso impulsionou sua carreira: seis anos de seminário e dois de faculdade estudando Filosofia, História da Igreja e Teologia, e uma bolsa em Roma

para doutorar—se em Direito Canônico, sistema legal interno da Igreja.

Ali, os professores da Universidade Gregoriana propuseram seu nome à Academia Pontifícia para Eclesiásticos e Nobres, onde Quart cursou Diplomacia e Relações entre a Igreja e o Estado. Depois, a Secretaria de Estado andou fazendo—o adquirir experiência num par de nunciaturas européias, até que monsenhor Spada o recrutou formalmente para o Instituto para as Obras Exteriores, mal fez vinte e nove anos. Então Quart foi a Enzo Rinaldi e pagou cento e quinze mil liras por sua primeira gravata.

Desde então dez anos tinham se passado, e ele continuava tendo problemas com o nó. Não que ignorasse o modo de cruzar, dar uma volta da direita para a esquerda e outra de cima para baixo. Mas, imóvel diante do espelho do banheiro, olhava para o colarinho branco da camisa e para a seda azul—marinho que tinha entre os dedos com a certeza de extrema vulnerabilidade. Prescindir do colarinho romano e da camisa preta num jantar com Macarena Bruner parecia—lhe perigoso, como um cavaleiro templário que renunciasse à cota de malha ao parlamentar com os mamelucos sob as muralhas de

Tiro. A idéia arrancou—lhe um sorriso inquieto, enquanto consultava o relógio no pulso esquerdo. Tinha o tempo justo para se vestir e caminhar até o restaurante do encontro, que, com ajuda do mapa, localizou na praça de Santa Cruz, a poucos passos da antiga muralha árabe. Isso conferia más conotações à comparação com o templário.

Lorenzo Quart era pontual como qualquer uma das máquinas suíças de cabelo raspado e uniforme multicor que montavam guarda no Vaticano. Sempre calculava as horas dividindo—as em espaços precisos, como se tivesse uma agenda mental. Isso lhe permitia aproveitar ao máximo qualquer fração de tempo disponível. Tinha tempo suficiente para ocupar—se da gravata, de modo que se obrigou a dar o nó tranqüilamente, ajustando—o com cuidado. Gostava de fazer as coisas devagar, porque seu autocontrole era o orgulho; e a memória de suas relações com o resto do mundo consistia num estado contínuo de tensão para evitar um gesto precipitado, uma palavra fora de lugar, um cedo demais ou tarde demais, um movimento impaciente que quebrasse a serenidade da regra. Sempre, antes de tudo, a regra. Graças a ela, inclusive quando transgredia outros códigos que não eram o seu — ato que monsenhor Spada, com provado talento para o eufemismo, denominava "mover—se pela borda externa da legalidade" — as formas morais ficavam a salvo. Sua única fé era a fé do soldado. E, em seu caso, não era exato o velho ditado da Cúria: Tutti ipreti sono falsi. Que todos os padres fossem uns farsantes ou não era coisa que, para ele, não cheirava nem fedia. Lorenzo Quart era um tranqüilo e honrado templário.

Talvez por isso, ao cabo de um instante contemplando sua imagem no espelho, Quart desfez o nó da gravata e tirou—a. Fez depois a mesma coisa com a camisa branca, jogando—a em cima do banquinho do banheiro. Com o torso nu foi até o armário e tirou da gaveta uma camisa preta de clérigo, com gola redonda, e vestiu—a, em lugar da outra. Ao abotoá—la, seus dedos roçaram pela cicatriz que tinha sob a clavícula esquerda, lembrança da operação a que se submetera depois que um soldado americano lhe quebrou o ombro com uma coronhada durante a invasão do Panamá. Aquela era sua única cicatriz profissional, a insígnia vermelha do valor ou a palma do martírio, como ironizava monsenhor Spada. E muito embora o caso impressionasse muito Sua Ilustríssima e os pusilânimes fuçadores de currículo da Cúria, ele teria preferido que o energúmeno provido de capacete kevlar, fuzil M—16 e crachá com a identificação . Kowalski no colete à prova de balas — "outro polonês", precisaria depois, ácido, monsenhor Spada —, houvesse levado mais a sério o passaporte diplomático do Vaticano, quando foi exibido diante de seu nariz na Nunciatura, no dia em que Quart negociou a rendição do general Noriega.

Fora a coronhada, a operação do Panamá fora impecável, sendo considerada agora no IOE um modelo clássico de diplomacia de crise. Poucas horas depois de produzir—se a invasão americana e a entrada de Noriega na legação diplomática vaticana, Quart aterrissara ali com urgência depois de um

arriscado vôo partindo de Costa Rica.

Sua missão oficial era ajudar o núncio, mas na realidade ia controlar as negociações e informar diretamente o IOE, substituindo nessa tarefa monsenhor Héctor Bonino, um argentino—italiano alheio à carreira diplomática, que carecia da confiança plena da Secretaria de Estado na hora de lidar com questões heterodoxas. O quadro era, de fato, singular: os soldados americanos, entre arames farpados e cavalos de frisa, instalaram um potente equipamento de megafonia que vinte e quatro horas por dia enchia o ar com música de hard rock sl todo volume, destinada a minar a resistência psicológica do núncio e de seus refugiados. No edifício, alojados pelas salas e corredores, vegetavam um nicaraguense, chefe da contra—espionagem de Nonega, cinco militantes do ETA basco, um assessor econômico cubano que ameaçava o tempo inteiro suicidar—se se não o mandassem de volta são e salvo para Havana, um agente do CESID espanhol que entrava e saía à vontade para jogar xadrez com o núncio e informar Madri, três narcotraficantes colombianos e o próprio general Nonega, vulgo Cara de Pinha, com aquela cara devastada por crateras lunares posta a prêmio pelos americanos. Em troca de asilo, monsenhor Bonino exigia que seus convidados assistissem à missa diariamente; e era comovente vê—los desejar fraternamente paz uns aos outros, o cubano aos narcotraficantes, os militantes do ETA ao nicaraguense, e este ao agente do CESID, com Noriega todo litânicas e batidas no peito ante o cenho franzido do núncio, enquanto, na rua, Bruce Springsteen martelava Bom in the USA. Na noite crítica do cerco, quando comandos Delta com nariz pintado de preto tentaram tomar de assalto a Nunciatura, Quart manteve—se em contato telefônico com os arcebispos de Nova York e Chicago, até conseguir que o presidente Bush desautorizasse a operação. Por fim Cara de Pinha se entregou sem muitas condições, e o nicaraguense e os militantes do ETA foram transferidos discretamente para fora do Panamá, e Os narcotraficantes sumiram do mapa, reaparecendo mais tarde em Medellín. Somente o cubano, que saiu por último, teve problemas quando os marines detectaram sua presença dentro da mala de um velho Chevrolet Impala alugado por Quart, no qual o agente do CESID espanhol o tirava da Nunciatura por amor à arte, jogando sua carreira. O acordo negociado para sua saída era secreto, e precisamente por isso o soldado Kowalski não estava a par. E seu ofício também não era de sutilezas diplomáticas, de forma que a tentativa de mediação de Quart terminou com seu ombro quebrado apesar da gola clerical e do passaporte pontifício. Quanto ao cubano, um sujeito nervoso chamado Girón, ficou um mês numa prisão de Miami. E não apenas deixou de cumprir sua promessa de suicidar—se, como ao sair obteve asilo político nos Estados Unidos após uma entrevista concedida à Reader's Digest, intitulada: Eu também fui enganado por Castro.

Havia um desconhecido sentado no vestíbulo, que se pôs de pé quando Quart saiu do elevador. Devia ter em torno de quarenta anos e era gordo de cintura, com o cabelo liso laqueado escasseando no cocuruto.

— Chamo—me Bonafé — apresentou—se. — Honorato Bonafé.

Quart disse consigo que poucos nomes contradiziam tão descaradamente o aspecto de seu dono. Honorabilidade e boa—fé eram os últimos conceitos associáveis àquela papada prematura que parecia o prolongamento das bochechas e às pálpebras com volumosas bolsas em torno de olhos pequeninos e astutos, que fitavam o interlocutor como se se perguntassem quanto poderiam obter por sua roupa e seus sapatos, se conseguissem se apoderar deles para vendê—los de segunda mão.

— Podemos conversar um instante?

O sujeito era desagradável, porém seu sorriso o era mais ainda: uma expressão fixa, obsequiosa e acanalhada ao mesmo tempo, como a de um clérigo da velha escola que tentasse conquistar a simpatia de um bispo. A batina caíria bem melhor naquele indivíduo, pensou Quart, do que o amarrotado terno bege e a capanga de couro presa à mão esquerda por sua alça. Uma mão pequena, gorducha e fofa, dessas que, ao apertar outra, só oferecem a ponta dos dedos.

Quart parou reservado, disposto a ouvir, olhando por cima da cabeça da visita o relógio de parede que marcava quinze minutos para o encontro com Macarena Bruner.

O outro seguiu a direção do seu olhar, disse de novo que seria apenas um momento e depois ergueu a

mão da capanga quase a ponto de apoiá-la no braço do sacerdote Quart fitou aquela mão desaconselhando o contato. O tal Bonafé deteve o gesto a meio caminho, no ar, enquanto desenvolvia uma confusa apresentação de intenções em tom cúmplice, que agravou o desagrado de Quart. Mas foi o nome da revista Q+S que disparou seus alarmas profissionais:

— Resumindo, padre O senhor me tem à sua disposição para o que precisar

Quart franzia o cenho, desconfiado e desconcertado. Que se danasse, se aquele sujeito não acabava de lhe piscar o olho — Fico—lhe agradecido. Mas não vejo a relação.

— Não vê — Bonafé meneou a cabeça como se compartilhasse uma piada engenhosa — No entanto tudo está muito claro, não?... O que faz em Sevilha?

Sangue de Deus. Era só o que faltava um sujeito com aquela cara imiscuído no que Roma pretendia ser um discretíssimo e cautelosíssimo trabalho. Contendo seu mal—estar, Quart se perguntou como eram possíveis tantos vazamentos por todos os lados.

— Não sei do que está falando.

Seu interlocutor fitava—o com mal dissimulada insolência:

— Não sabe mesmo?

Era demais! Quart deu uma olhada no relógio:

— Desculpe. Tenho um encontro.

Foi pelo vestíbulo até a rua, sem se despedir. Mas o outro caminhou a seu lado.

Permite—me acompanhá-lo?... Poderíamos conversar enquanto isso.

— Não tenho nada a dizer.

Deixou a chave na recepção e saiu para a rua com o jornalista atrás. Havia restos de claridade no céu, recortando a silhueta escura da Giralda. Na praça Virgen de los Reyes as luzes se acendiam naquele momento.

— Creio que não está me entendendo — insistiu Bonafé, tirando um exemplar da Q+S que levava dobrado no bolso. — Trabalho para esta revista. — Fez uma pausa oferecendo—a a Quart; mas ao ver que este não mostrava interesse, tornou a guardá-la. — Só estou lhe pedindo uma pequena conversa amistosa: o senhor me conta uma ou outra coisa e serei um bom rapaz. Garanto—lhe que ambos sairíamos ganhando com essa cooperação.

Naqueles lábios rosados a palavra cooperação adquiria conotações obscenas. Quart fez um esforço para conter sua repugnância:

— Rogo—lhe que não insista.

— Vamos, homem! — A grosseria despontava sob o tom amistoso. — O tempo de um drinque.

Tinham chegado à esquina do palácio arquiiepiscopal, sob a luz de um poste de iluminação. De repente Quart parou e girou nos calcanhares.

— Escute, Buenafé.

— Bonafé — corrigiu o outro.

— Bonafé ou como se chame. O que estou fazendo em Sevilha não é da sua conta. E, em todo o caso, nunca me ocorreria sair contando por aí.

O jornalista protestou, franzindo a boca com ar mundano enquanto embaralhava tópicos do ofício: dever de informação, busca da verdade, etcétera. O público tinha o direito de saber.

— Além disso — acrescentou, depois de pensar um instante —, para vocês é melhor estar dentro do que fora.

— Vocês?... Está se referindo a algum tipo de clube?

— Não, homem. Sabe, vocês — De novo soma viscoso, conciliador. — O clero e tudo o mais.

— Ah, sim O clero.

— Isso.

— O clero e tudo o mais.

A papada fez três dobras quando Bonafé assentiu de novo, esperançoso:

— Estou vendo que nos entendemos. Agora Quart encarava—o com calma, as mãos cruzadas nas costas.

— E que deseja saber, exatamente?

— Bem. Um pouco de tudo — Bonafé coçava uma axila por baixo do paletó. — O que acham em Roma dessa igreja, por exemplo. Qual a situação canónica do pároco... E o que o senhor puder me contar sobre sua missão aqui — Acentuou o sorriso, meio servil, meio cúmplice. — Está tudo explicadinho.

— E o que acontecerá se eu me negar?

O jornalista estalou a língua, como se àquela altura da relação entre os dois aquela eventualidade

estivesse , fora de cogitação.

— Bem, eu vou acabar escrevendo a reportagem, de qualquer modo. E quem não está comigo, está contra mim. — Ao falar, balançava na ponta dos pés. — ... O Evangelho não diz isso?

— Escute, Buenafé...

Bonafé — ergueu o indicador, preciso — Honorato B Bonafé.

Quart observou—o um instante em silêncio. Depois olhou para a direita e para a esquerda antes de dar um passo na direção do sujeito, com ar confidencial. Mas havia algo em seu gesto, talvez a diferença de estatura ou a expressão dos olhos do sacerdote, que fez o outro retroceder até a parede.

Na realidade estou pouco me lixando para como você se chama — disse Quart em voz baixa —, porque espero não voltar nunca mais a encontrá—lo. — Aproximou—se um pouco mais, até que viu Bonafé pestanejar, incomodado. — O que quero lhe dizer é que ignoro se você é um insolente, um chantagista, um imbecil ou todas essas coisas ao mesmo tempo. Como quer que seja, e apesar de minha condição eclesiástica, sou propenso ao pecado da ira; por isso eu lhe aconselho que desapareça da minha vista.

Imediatamente.

A luz do poste punha traços verticais na cara do outro. Esfumado o sorriso, fitava Quart com despeito.

— É impróprio de um padre — protestou, a papada trêmula. — Estou me referindo à sua atitude.

— Acha? — Agora era a vez de Quart sorrir, e o fez de forma muito pouco amistosa. — ... Você ficaria surpreso com a quantidade de impropriedades de que sou capaz.

Virou as costas, afastando—se, enquanto se perguntava quanto ia pagar por aquela pequena vitória. A única coisa clara era a necessidade de terminar a investigação antes que tudo começasse a se complicar demais, se isso já não havia sucedido. Um jornalista fuçando nas sacristias era a gota que fazia o copo transbordar. Absorto nesses pensamentos, Quart cruzou a praça Virgen de los Reyes sem prestar atenção a um casal sentado num banco; um homem e uma mulher que se levantaram e foram atrás dele, a certa distância. Ele era gordo, de costume branco e chapéu panamá, ela usava um vestido de bolinhas, com um curioso cacho cuidadosamente penteado na testa.

Seguiam Quart de braços dados, como um casal tranqüilo que aproveitasse o anoitecer temperado; mas ao passar diante de um homem com suéter de gola rulê e paletó xadrez, que mascava um palito, apoiado na porta do bar Giralda, trocaram com ele um olhar de entendimento. Nesse momento as torres de Sevilha começaram a fazer seus sinos soar, despertando as pombas que já dormiam na penumbra dos beirais.

Quando o padre alto entrou no La Albahaca, dom Ibrahim mandou o Potro do Mantelete com uma moeda de vinte e cinco pesetas à cabine telefônica mais próxima, para informar Peregil. Menos de uma hora depois, o capanga de Pencho Gavira aparecia por lá, para dar uma olhada no panorama. Tinha um ar

cansado e levava uma sacola da Marks & Spencer na mão. Encontrou suas hostes estrategicamente distribuídas pela Praça Santa Cruz, em frente da antiga mansão do século XVII transformada em restaurante: o Potro imóvel contra a parede, perto da saída que dava para a muralha árabe, e a Nina Puhales fazendo ponto sentada no pedestal da cruz de ferro do centro da praça Quanto a dom Ibrahim, movimentava sua imponente sombra de um lado para o outro, enquanto balançava a bengala, com a brasa de um Montecno sob a aba larga do chapéu de palha branca.

— Está lá dentro — disse a Peregil. — Com a dama. Depois resumiu seu relatório, consultando à luz de um poste o relógio que extraiu do paletó Vinte minutos antes tinha enviado como batedora a Nina, com o pretexto de vender flores, depois ele mesmo chegou a trocar algumas palavras com os garçons, aproveitando a aquisição, na charutaria do restaurante, do havana que agora tinha na boca. O casal ocupava o melhor canto num dos três pequenos salões do local — poucas mesas e clientela exclusiva —, sob uma cópia razoável de Os bêbados de Velázquez. Tinham pedido salada de vieiras com manjeriço e trufas, a senhora, e fígado de ganso Iresco sauté com molho de vinagre com mel, o reverendo padre. A água mineral era sem gás, de Lanjarón, e o vinho tinto, um Pesquera da margem do Douro, cujo ano dom Ibrahim se desculpava por não ter podido averiguar; mas, como matizou a Peregil torcendo uma ponta do bigode, um interesse excessivo talvez houvesse infundido suspeitas na criadagem.

— E de que estão falando? — perguntou Peregil.

O ex—falso bacharel fez um gesto de solene impotência.

— Isso — precisou — está fora de meu âmbito.

Peregil considerava o problema. A situação continuava sob controle; dom Ibrahim e seus dois sequazes estavam se saindo bem, e as cartas que lhe punham na mão pareciam boas. Em seu mundo, como na maior parte dos mundos possíveis, a informação sempre era dinheiro: tudo consistia em tirar o melhor proveito, escolhendo o licitante adequado. Claro, ele teria preferido que tudo revertesse, em última instância, em benefício de seu chefe natural, Pencho Gavira, principal interessado, por sua dupla condição, de banqueiro e de marido. Mas o buraco de seis milhões e a dívida com o agiota Rubén Molina continuavam impedindo—o de ver as coisas com clareza. Havia algumas noites que dormia mal, e a úlcera voltava a fazer das suas. Todas as manhãs, ao se postar diante do espelho do banheiro para ocultar o crânio sob a complexa arquitetura do penteado com repartido na orelha esquerda, Peregil só encontrava desolação na mal—humorada careta que o fitava do espelho. Estava ficando careca, tinha o estômago em pandarecos, devia seis milhas a seu próprio chefe e quase o dobro ao agiota, e além do mais abrigava a suspeita de que seu último espasmo glorioso com Dolores la Negra tinha lhe deixado um alarmante comichão no aparelho geniturinário. Era só o que faltava. A vida era mesmo uma merda.

Com um agravante. Peregil olhou para a silhueta branca de dom Ibrahim, que aguardava instruções, depois para a da Nina Puhales fazendo ponto à luz dos postes e para o Potro do Mantelete encostado na parede da esquina. Como se não bastasse tudo o que já lhe complicava a vida, vinha acrescentar—se agora uma situação complementar e incômoda: a informação obtida graças aos três sócios já circulava no mercado, pois Peregil precisava de liquidez com urgência. Honorato Bonafé, diretor de Q+S, tinha lhe passado naquela mesma tarde outro cheque ao portador, desta vez como pagamento por algumas confidências sobre o padre de Roma, a ex — ou lá o que fosse — do seu chefe e o caso de Nossa Senhora das Lágrimas. Com esse precedente, a próxima tentação era óbvia Macarena Bruner e o padre elegante significavam outra primeira página em qualquer revista sevilhana. E aquele jantar no La Albahaca e suas eventuais derivações, por mais descafeinadas que pudessem ser, eram o cling de uma caixa registradora soando nas intenções de Peregil. Mas Bonafé, embora pagasse bem, era um sujeito imprevisível e perigoso. Vender—lhe um padre, ou vários, vá lá. Mas acrescentar ao lote a mulher do chefe pela segunda vez, isso era passar da pilantragem à alta traição institucionalizada.

E algumas notas de mil o diabo pintava de verde.

Em todo o caso, prever qualquer eventualidade nunca era demais. De seus anos como detetive particular, Peregil recordava que o plano se faz segundo a hipótese mais provável, e a segurança, conforme a mais perigosa E o mais perigoso era não fazer nem um par, quando todo o mundo andava com four de ases e straightflushes por isso, no que dizia respeito à sobrevivência, acumular informações era seu seguro de vida particular. Com tal pensamento, voltou—se para o rosto grave de dom Ibrahim, que aguardava na sombra com seu havana fumegante sob os bigodes, a bengala no braço e os polegares nas cavas do paletó, esperando instruções. Estava satisfeito com ele e seus colegas, e aquilo lhe injetou um pouco de otimismo, a ponto de meter a mão no bolso para pagar o Montecristo do restaurante; mas conteve—se a tempo.

Não devia acostumar—los mal. E, como quer que fosse, a história do charuto era mentira.

— Bom trabalho — disse.

Dom Ibrahim respondeu ao elogio, limitando—se a dar uma chupada no havana enquanto olhava para a Nina Puhales e o Potro, dando a entender a Peregil que era justo compartilhar com eles a glória correspondente.

Quero que continuem assim — acrescentou o capanga de Pencho Gavira. — O padre não deve nem ir mijar sem que eu saiba.

— E quanto à dama?

Aquela era chumbo grosso. Peregil mordeu o lábio inferior, inquieto.

— Discrição absoluta — concluiu por fim. — Só me interessa o que ela tiver a ver com este padre, ou com o mais velho. Disso não quero que deixem escapar um só detalhe.

— E quanto ao outro?

— Que outro?

— Sei lá, ora. O outro.

Dom Ibrahim olhava ao redor, incomodado. Era leitor diário do ABC, mas também costumava dar uma olhada de vez em quando na Q+S, que a Nina Puhales comprava com Hola, Semana e Diez Minutos, embora na opinião do ex—falso advogado aquela fosse muito mais sensacionalista e de pior gosto do que o resto. As fotos da senhora Bruner e do toureiro, por exemplo, destoavam. Afinal de contas ela era de família ilustre e, além do mais, mulher casada.

— Os padres — disse Peregil. — Concentrem—se nos padres.

De repente lembrou—se do que levava na sacola e tirou dela uma câmara Canon com objetiva zoom de 90 If Ainé11 ' a 230 milímetros. Acabava de comprá—la de segunda mão e esperava que o gasto — outra facada no baixo ventre de suas maltratadas finanças — acabasse valendo a pena.

— Sabem tirar fotos?

Dom Ibrahim compôs um gesto de suficiência, como se a dúvida fosse ofensiva.

— Naturalmente. — Tocava o peito com a mão que segurava a bengala. — Eu mesmo, em minha juventude, fui fotógrafo em Havana. — Meditou um instante para acrescentar: — Foi assim que custeei meus estudos.

À fraca luz da praça, Peregil via brilhar sobre a barriga do ex—falso bacharel a corrente de ouro com o relógio de Hemingway.

— Seus estudos?

— Isso mesmo.

— Os de advogado, suponho.

A história toda tinha saído anos atrás na imprensa e ambos a conheciam de sobra, como toda Sevilha. Mesmo assim dom Ibrahim engoliu em seco, sustentando com gravidade o olhar de seu interlocutor:

— Naturalmente. — Depois fez uma pausa digna e acrescentou, destemido: — Não tenho outros.

Peregil passou—lhe a sacola sem mais comentários. Afinal de contas, o que seria de nós sem nós mesmos, pensava. A vida é um naufrágio, e cada um sai nadando como pode.

— Quero fotos — ordenou. — Toda vez que esse padre e a senhora se encontrarem, onde quer que for, quero que tirem uma foto. Discretamente, hem?... Sem que percebam.

Aí vão também dois rolos de filme de alta sensibilidade, se a luz for pouca; por isso, não me vão ter a idéia de fotografar com flash. Tinham ido para debaixo de um poste de luz, e dom Ibrahim examinava o conteúdo da sacola.

— Nem dá para termos — disse. — Não há nenhum flash aqui.

Peregil, que acendia um cigarro, olhou para o indiano enquanto dava de ombros:

— Não encha. O mais barato custa vinte e cinco mil.

La Albahaca era uma antiga mansão do século XVII. Os proprietários moravam no andar de cima, e três salões do térreo tinham se transformado em restaurante. Embora todas as mesas estivessem ocupadas, o maître Macarena Bruner chamava—o de Diego — tinha lhes reservado uma no melhor salão, junto da grande chaminé e sob uma janela de vidro que dava para a Praça de Santa Cruz. Tinham feito uma entrada espetacular, ambos vestidos de preto, ela belíssima em seu costume de casaco e saia curta, escoltada pela silhueta escura e esguia de Lorenzo Quart. La Albahaca era um dos lugares onde certa classe de sevilhanos levava os convidados vindos de fora, para exhibi—los e fazerem—se ver, e a entrada da filha da duquesa de Nuevo Extremo com o sacerdote não passou em absoluto despercebida. Macarena tinha cumprimentado várias pessoas ao chegar, e nas mesas próximas não desgrudavam os olhos dela. As cabeças se inclinavam, as bocas cochichavam em voz baixa e as jóias reluziam entre as velas acesas. Amanhã, disse Quart consigo, toda Sevilha vai estar sabendo.

— Não estive em Roma desde a minha viagem de lua—de—mel — contava ela, aparentemente indiferente à expectativa suscitada. — O Papa nos recebeu em audiência especial.

Eu fui de preto, com chapéu e mantilha. Muito espanhola... Por que me olha dessa maneira?

Quart mastigou devagar o último pedacinho de fole gras e colocou faca e garfo na borda inferior do prato, ligeiramente inclinados para a direita. Por cima da chama da vela, os olhos de Macarena Bruner acompanhavam todos os seus movimentos.

— Não parece uma mulher casada.

Ela pôs—se a rir, e a chama provocou reflexos de mel em seus olhos escuros:

— Acha que a vida que levo não convém a uma mulher casada?

Quart apoiou o cotovelo na mesa, enquanto inclinava um pouco a cabeça, evasivo:

— Não julgo esse tipo de coisas.

— Mas veio de cabeção, em vez da gravata que me prometeu.

Fitaram—se sem pressa. Agora o brilho interposto da vela ocultava a parte inferior do rosto da mulher, se bem que Quart adivinhasse o sorriso no brilho do seu olhar.

— No que diz respeito à minha vida — disse Macarena Bruner —, não faço dela nenhum segredo. Abandonei o domicílio conjugal. Também tenho um amigo que é toureiro.

E antes do toureiro houve outro. — A pausa foi calculada, perfeita, e muito contra a vontade ele admirou—lhe a firmeza. — ... Não se sente escandalizado?

Quart pôs um dedo sobre o cabo da faca, na borda do prato. Seu trabalho não consistia em se escandalizar com essas coisas, repetiu com suavidade. Isso cabia antes ao padre Ferro, confessor da dama. Também entre os padres havia especialidades.

— E qual é a sua?... Caçador de cabeleiras, como diz o arcebispo?

Estendeu a mão, afastando o castiçal que ardia na metade da mesa. Agora podia ver—lhe a boca, grande e desenhada, com o lábio superior em forma de coração e o brilho branco dos incisivos, gêmeo do colar de marfim na pele morena do pescoço. Vestia o casaco sobre uma blusa de seda crua, decotada e leve. A saia era muito curta, com uma borda de renda sobre as meias pretas e os sapatos de salto baixo, da mesma cor. O conjunto ressaltava umas pernas longas e bem torneadas demais

para a tranqüilidade espiritual de qualquer padre, inclusive Quart; com a diferença de que ele tinha mais experiência que a maioria dos padres que conhecia. Embora isso também não garantisse nada.

— Estávamos falando da senhora — disse, divertindo—se com o curioso instinto que o impelia a pôr—se de lado. como nos duelos antigos, em que as pessoas se punham de perfil para evitar o tiro da pistola.

Agora os olhos de Macarena Bruner carregavam—se de ironia:

— De mim? Que mais pode lhe interessar?... Meço um metro e setenta e quatro, tenho trinta e cinco anos, que não aparento, formação universitária, pertenço à irmandade da Virgem do Rocio e na feira de Sevilha nunca visto o traje andaluz, mas costume curto e chapéu cordobês. — Fez uma curta pausa, como se puxasse pela memória, e olhou para a pulseira de ouro no braço esquerdo, desprovido de relógio. — ... No meu casamento, minha mãe me cedeu o ducado de Azahara, título que não utilizo, e à sua morte herdarei outros trinta e tantos mais, doze grandezas da Espanha, a Casa del Postigo com alguns móveis e quadros, e o necessário para ir vivendo sem perder a pose. Sou eu quem se encarrega da conservação do que resta, e de pôr em ordem os arquivos da família. Agora estou trabalhando num livro sobre os duques de Nuevo Extremo quando os austríacos... O resto não é preciso que lhe conte. — Ergueu a taça de vinho para levá—la à boca. — É só folhear qualquer revista.

— Não parece que se incomode muito.

Ela bebeu um curto sorvo e ficou olhando para Quart, com a taça ainda erguida.

— É verdade. Não me incomodo. Quer que lhe faça confidências?

Quart meneou a cabeça grisalha.

— Não sei — Sentia—se sincero e tranqüilo. Também na expectativa, com uma estranha e divertida lucidez. Atribuiu—a de passagem ao vinho, que aliás apenas tinha provado.

— Na realidade não sei por que me convidou para jantar esta noite.

Viu Macarena Bruner beber de novo. Mais devagar, refletindo com o gesto

— Ocorrem—me vários motivos — disse ela por fim, pondo a taça sobre a toalha. — O senhor é extremamente cortês, por exemplo. Muito diferente das maneiras pegajosas de certos sacerdotes... No senhor a cortesia parece uma forma de manter os outros a distância — Deu uma rápida olhada avaliadora na parte inferior do rosto, na boca talvez, pensou Quart, depois fíxo—se nas mãos, que ele agora mantinha apoiadas pelos pulsos na beira da mesa, de cada lado do prato que, nesse momento, um garçom dispunha—se a tirar. — Também é silencioso. Não aturde a gente como um charlatão de feira. Nisso me faz lembrar dom Príamo... — O garçom havia tirado os pratos e ela sorriu para Quart. — Além do mais usa os cabelos com cãs prematuras e bem curtos, como um soldado, igual a um de meus personagens favoritos: Sir Marhalt, o cavaleiro veterano e impassível de As façanhas do rei Artur e seus nobres cavaleiros, de John Steinbeck. Fiquei apaixonada por Marhalt quando li o livro, bem mocinha. Acha que são motivos suficientes?... Além do mais, como disse Gris, o senhor é um padre que sabe se vestir. O padre mais interessante que já vi, se lhe é útil saber.

— Dirigia—lhe um último olhar, que acabou sendo incômodo por cinco segundos a mais. — ... E útil?

— Não muito, na minha especialidade.

Macarena Bruner assentiu suavemente, apreciando a tranqüila resposta.

— O senhor também me lembra — prosseguiu — um capelão do meu colégio de freiras. Toda a vez que ia lá dizer a missa, dava para perceber dias antes, porque todas as freiras ficavam assanhadas. Acabou fugindo com uma, a mais gordinha, que nos dava aulas de química.

Não sabe que as freiras às vezes se apaixonam pelos padres?... Foi o caso de Gris. Era diretora de um colégio universitário em Santa Bárbara, Califórnia. E um dia descobriu, horrorizada, que amava o bispo da sua diocese. Tinham anunciado sua visita e ali estava ela, diante do espelho, depilando as sobrancelhas e a ponto de pôr um pouco de sombra nos olhos... Que me diz?

Ficou encarando Quart, à espreita de sua reação, mas ele permaneceu impassível. A própria Macarena Bruner teria se surpreendido com a quantidade de sacerdotes e religiosas de cujos amores e ódios o IOE se ocupava. Limitou—se a encolher um pouco os ombros, animando—a a prosseguir. Se sua intenção tinha sido escandalizá—lo, errava o tiro. De longe.

— E como resolveu o problema?

Ela ergueu a mão, movendo—a no ar, e a pulseira reluziu ao deslizar para trás em seu braço. Das mesas vizinhas, uma dúzia de pares de olhos seguiam cada um de seus gestos.

— Ora, quebrando o espelho, assim, e ao quebrá—lo cortou uma veia. Depois foi ver a superiora da sua ordem e lhe pediu um prazo de liberdade, para refletir. Faz disso alguns anos.

O maitre estava a seu lado, imperturbável, como se não houvesse escutado uma só palavra. Esperava que tudo estivesse correndo bem, e talvez a senhora desejasse alguma outra coisa. Ela tinha pedido apenas a salada, e Quart também não quis o segundo prato, nem a sobremesa com que a casa, desolada pela falta de apetite da senhora duquesa e do reverendo padre, desejava obsequiá—los. Decidiram continuar no vinho, enquanto aguardavam os cafés.

— Faz muito que se conhecem, a senhora e a irmã Marsala

— É engraçado ouvir dizer assim a irmã Marsala... Nunca pensei nela desse modo.

Sua taça estava quase vazia. Quart pegou a garrafa na mesinha ao lado e encheu—a. A sua continuava quase intacta.

— Gris é mais velha do que eu prosseguiu —, mas nos encontramos em Sevilha várias vezes, faz tempo. Ela vinha muito aqui com seus alunos americanos: cursos de verão para estrangeiros, Belas—Artes... Eu a conheci quando faziam aulas práticas de restauração na sala de refeições de verão da minha casa. Fui eu quem a apresentou ao padre Ferro e consegui que a pusessem no projeto, quando as relações com o arcebispo eram cordiais.

— Por que tanto interesse nessa igreja?

Ela fitou—o como se aquela pergunta fosse uma idiotice. Sua família a tinha construído. Seus antepassados estavam enterrados nela.

— Mas seu marido não parece se importar muito com isso.

— Claro que não. Pencho tem outras coisas na cabeça. A luz da vela arrancou brilhos avermelhados do vinho do Douro quando ela aproximou a taça dos lábios. Dessa vez foi um longo gole, e Quart achou—se na obrigação de acompanhá—la um pouco.

— É verdade — perguntou depois, enxugando a boca com a ponta do guardanapo —, que não vivem mais juntos, apesar de continuarem casados?

Ela encarou—o, inquisitiva por sua vez. Duas perguntas seguidas sobre sua vida conjugal era algo que não parecia esperar naquela noite. Agora um brilho divertido bailava nos reflexos de mel.

— É verdade — respondeu, após um silêncio. — Não vivemos juntos. No entanto nenhum dos dois pediu o divórcio, nem separação, nem nada. Ele talvez ache que vai me reconquistar; para isso se casou comigo, com o aplauso de todos. Eu era sua consagração social.

Quart passeou o olhar pelas pessoas das mesas próximas, depois se inclinou um pouco para ela:

— Desculpe. Não consigo compreender esse plural. O aplauso de quem?

— Não conhece meu padrinho? Dom Octávio Machuca foi amigo do meu pai e tem um afeto especial pela duquesa e por mim. Como ele diz, sou a filha que nunca teve. Por isso, para garantir meu futuro, apoiou meu casamento com o mais brilhante jovem talento do Banco Cartujano, destinado a lhe suceder, agora que está a ponto de se aposentar.

— Casou—se por isso? Para garantir seu futuro?

Era uma pergunta sem nuances. O cabelo de Macarena Bruner tinha deslizado sobre o ombro, cobrindo—lhe meio rosto, e ela o afastou com um gesto da mão. Fitava Quart medindo seu interesse.

— Bem. Pencho é um homem atraente. Também possui uma ótima cabeça, como se costuma dizer. E uma virtude: é corajoso. É dos poucos homens que conheci capazes de arriscá—la de verdade pelo que for: um sonho ou uma ambição. E no caso de meu marido, ex—marido ou como preferir chamá—lo, seu sonho é sua ambição. — Um vago sorriso assomou—lhe aos lábios. — Suponho que cheguei a me casar apaixonada por ele.

— E o que aconteceu?

Observava—o outra vez da mesma forma que antes, como se tentasse descobrir quanto de interesse pessoal punha em suas perguntas.

— Nada, na realidade — disse, neutra. — Cumpri com a minha parte, e ele com a dele. Mas cometeu um erro. Ou vários. Um deles foi que devia ter deixado nossa igreja em paz.

— Nossa?

— Minha. Do padre Ferro. Das pessoas que vão lá à missa todos os dias. Da duquesa.

Desta vez era Quart que sorria:

— Sempre chama sua mãe de duquesa?

— Quando falo dela com terceiros, sim. — Também sorriu, com uma ternura que Quart não tinha visto nela até então. — Ela gosta. Também gosta de gerânios, de Mozart, dos padres à antiga e de coca-cola. Este último detalhe é meio insólito, não é?, numa mulher de setenta anos, que dorme uma vez por semana com seu colar de pérolas e ainda se empenha em chamar o motorista de mecânico... Ainda não a conhece? Convido—o para tomar café conosco amanhã, se quiser. Dom Príamo nos visita todas as tardes, para rezar o rosário.

— Duvido que agrade ao padre Ferro ver—me. Não vai com a minha cara.

— Deixe—o por minha conta. Ou por conta de minha mãe. Talvez seja uma boa ocasião para vocês conversarem de homem para homem... Pode—se dizer de homem para homem tratando—se de padres?

Quart sustentou seu olhar, inexpressivo:

— Quanto a seu marido...

— O senhor não pára de fazer perguntas. Veio para isso, suponho.

Parecia lamentar ironicamente que fosse esse o motivo. Continuava olhando para as mãos de Quart como quando se viram pela primeira vez no vestíbulo do hotel, e este as retirara uma ou duas vezes da mesa, incomodado. Por fim resolveu deixá—las quietas em cima da toalha.

— O que deseja saber de Pencho? prosseguiu ela. Que se enganou ao acreditar que me comprava? Se essa igreja é a causa da minha declaração de guerra a ele? Que às vezes sabe se comportar como um deliberado filho da mãe...?

Disse tudo aquilo com muita calma, num tom perfeitamente objetivo. Um grupo se levantava e alguns de seus membros a cumprimentaram. Todos olhavam para Quart com curiosidade, em especial as mulheres, louras e bronzeadas, com aquele ar andaluz de boa cepa que lhes proporcionava o fato de nunca terem passado fome na vida. Macarena Bruner respondeu com uma inclinação de cabeça e um sorriso. Quart observava—a com atenção:

— Por que não pede divórcio?

— Porque sou católica.

Impossível saber se falava a sério ou de piada. Os dois ficaram em silêncio, e ele se encostou um pouco no espaldar da cadeira, ainda estudando a mulher. O colar de marfim e a blusa de seda crua sob o casaco preto ressaltavam a pele morena do pescoço e o decote, juntamente com o brilho dourado da vela em cima da mesa. Fitou os grandes olhos escuros que se mantinham tranquilos, presos aos seus. E

compreendeu que alguma coisa estava indo longe demais para a saúde da sua alma, caso — a razão e o instinto sempre se esfumavam quando ele chegava a esse ponto — ela estivesse sujeita a oscilações externas, como os valores da bolsa. Se a comparação fosse válida, naquele momento ninguém daria um centavo por ela.

Abriu a boca e disse alguma coisa pelo simples fato de dizer, para preencher o silêncio. Disse qualquer coisa, oportuna e com o tom adequado, e, passados cinco segundos, esqueceu suas próprias palavras; mas tinha cumprido seu desejo de preencher aquele vazio. Agora Macarena Bruner falava de novo, e Quart pensou em monsenhor Paolo Spada. Oração e duchas frias, receitara o sorriso do Mastim na escadaria da Piazza di Spagha.

— Há coisas que eu gostaria de lhe explicar — dizia ela —, mas não creio que seja capaz... — Olhava por cima do ombro de Quart enquanto este assentia, sem saber

quê; o importante era que conseguia prestar atenção de novo. — Na vida há luxos que se pagam caro, e cabe a Pencho pagar o seu. Ele é dos que pedem a conta sem alterar a expressão, batendo com os nós dos dedos no balcão para perguntar quanto deve. Nisso é muito homem — ironizou. — Muito toureiro. Mas o que se passa dentro dele é bem diferente, e ele sabe que eu sei. Sevilha é como uma vila de comadres: adoramos mexericar. Cada boato que chega a nossa cidade, cada sorriso dissimulado às suas costas, é uma punhalada em seu orgulho. — Correu os olhos pelo salão, divertida. — Imagine só o que vão dizer quando souberem que estou jantando com o senhor.

— É essa sua intenção? — Quart era de novo senhor de si. — Me exhibir como um troféu?

Ela encarou—o com uma sabedoria meio enfasiada, velha de séculos.

— Quem sabe? Nós, mulheres, somos muito complicadas em comparação com os homens, tão sinceros em suas mentiras, tão infantis em suas contradições... Tão conseqüentes em sua vileza. — O maitre em pessoa trouxe os cafés; com um pingo de leite para ela, puro para ele. Macarena Bruner pôs um só torrão de açúcar e sorriu, absorta.

— Do que pode estar seguro é que Pencho ficará sabendo amanhã de manhã. Por Deus, há contas que se pagam devagar. — Bebeu um gole curto, depois fitou Quart com os lábios úmidos. — Talvez não devesse ter dito por Deus, não é? Parece blasfêmia. Não usarás seu santo nome em vão, coisa assim.

Quart pôs cuidadosamente a colherinha de um lado da xícara.

— Não se preocupe — tranqüilizou—a. — Eu também menciono Deus de vez em quando.

— É curioso. — Ela se inclinava um pouco sobre os cotovelos, e sua blusa de seda leve roçava a beira da mesa. Por um segundo Quart intuiu o conteúdo: pesado, moreno e suave. Seria necessária mais de uma ducha fria para esquecer aquilo. — Conheço dom Príamo desde que veio para esta paróquia, faz dez anos, mas não imagino a vida de um sacerdote por dentro. Nunca tinha pensado nisso até hoje, olhando para o senhor. Observou de novo as mãos de Quart, depois seu olhar subiu até o cabeção. — Como vocês se arranjam com os três votos?

Se há perguntas inoportunas, pensava ele, este é o momento adequado para formulá—las. Olhou para a taça de vinho, apelando para todo o seu sangue frio:

— Cada um se arranja como pode. Há quem veja a coisa como obediência dialogada, castidade

compartilhada e pobreza líquida.

Ergueu um pouco a taça num brinde, sem prová—la, depois deixou—a sobre a toalha, para sorver aos poucos o café, enquanto Macarena Bruner ria com aquela risada franca, sonora, tão contagiosa, que Quart esteve a ponto de rir também.

— E o senhor? — ela perguntou, ainda sorrindo. — É obediente?

— Costumo ser. — Deixou a xícara e secou os lábios; depois dobrou cuidadosamente o guardanapo para pô—lo sobre a mesa. — É verdade que procuro ponderar, mas sempre acato a disciplina. Há coisas que não funcionam sem disciplina, e a empresa em que trabalho é uma delas.

— Está se referindo a dom Príamo?

Quart arqueou as sobrancelhas com indiferença calculada. Na realidade não estava se referindo a ninguém em especial, esclareceu. No entanto, já que o mencionava, o padre Ferro era um exemplo não muito aconselhável. Demasiado petulante, para dizê—lo de um modo piedoso. Primeiro pecado capital, a partir da entrada do Catecismo, à direita.

— O senhor não conhece nada da vida dele, de modo que não pode julgar.

— Não pretendo julgar — permitiu—se outra careta —, mas compreender.

— Nem mesmo compreender. — Ela insistia, acaloradamente. — Foi pároco rural meia vida, num povoadinho perdido dos Pirinéus... Passava meses bloqueado pela neve, às vezes tinha de percorrer oito ou dez quilômetros para levar a extrema—unção a um moribundo. Só havia velhos, que foram morrendo um a um. Ele os enterrava com suas próprias mãos, até que não sobrou mais ninguém. Isso lhe meteu na cabeça certas idéias fixas sobre a vida e a morte, e sobre o papel que vocês, sacerdotes, desempenham no mundo. Para ele, esta igreja é muito importante. Acredita que é necessária, e afirma que cada igreja que se fecha ou se perde é um pedaço de céu que desaparece E, como ninguém dá bola para ele, em vez de se render, luta. Costuma dizer que já perdeu batalhas demais lá em cima, nas montanhas.

Tudo isso estava muito bem, admitiu Quart. Muito comovente. Tinha visto inclusive alguns filmes com argumento parecido. Mas o padre Ferro continuava sujeito à disciplina eclesiástica. Nós, padres, precisou, não podemos ir pela vida proclamando repúblicas independentes por nossa conta. Não nos tempos que correm.

Ela meneava a cabeça:

— O senhor não o conhece direito.

— Nem ele me permite.

— Amanhã resolveremos isso. Prometo—lhe — Fitava de novo as mãos dele. — Quanto à sua

pobreza líquida, parece real. Mal prova o vinho... Com respeito à outra, veste—se muito bem. Sei reconhecer roupa cara, inclusive num sacerdote.

— Meu trabalho tem a ver com isso. Preciso tratar com as pessoas. Sair para jantar com atraentes duquesas sevilhanas. — Sustentaram—se o olhar, e ninguém sorriu desta vez. — Considere—a um uniforme.

Houve um breve silêncio que ninguém quis preencher e que Quart encarou com calma. Foi ela quem falou por fim, ao cabo de um momento:

— Também tem batina?

— Claro. Embora não a use muito.

Trouxeram a conta e ele quis pagar, mas Macarena Bruner não deixou. Eu convido, disse a Quart, inflexível. De modo que este ficou olhando para ela enquanto tirava da bolsa um cartão—ouro American Express. Sempre mando as contas a meu marido, explicou com malícia, quando o garçom se afastou. Sai mais barato para ele do que uma pensão de divórcio.

— Falta comentar um dos seus três votos — acrescentou mais tarde. — Também pratica a castidade compartilhada?

— Temo que pratique a castidade pura e simples. Viu—a assentir lentamente e correr de novo os olhos pela sala, antes de voltar novamente a ele. Agora observava—lhe a boca e os olhos, avaliando:

— Não me diga que nunca esteve com uma mulher. Há perguntas que não se podem responder às onze da noite num restaurante de Sevilha, à luz de uma vela; mas ela não parecia esperar resposta. Tirou com parcimônia da bolsa um maço de cigarros, levou um à boca e, depois, com um descaramento ao mesmo tempo natural e calculado, introduziu a mão direita do lado esquerdo do decote, em busca de um isqueiro de plástico que trazia entre a pele e a alça do sutiã. Quart observou—a acender o cigarro, negando—se a pensar no que quer que fosse. Somente um pouco mais tarde permitiu—se perguntarse em que endiabrado rolo estava se metendo.

Na realidade, pela educação recebida em Roma e pelo trabalho dos dez últimos anos, a atitude de Quart com respeito ao sexo evoluíra de maneira diferente daquela que costumavam inculcar nos sacerdotes as fofocas e a sordidez do seminário, assim como as normas gerais da instituição eclesiástica. Num mundo fechado, regido pelo conceito de culpa, que negava o contato com a mulher e em que a única solução oficiosamente aceita residia na masturbação ou no sexo clandestino e sua posterior expiação pelo sacramento da penitência, a vida diplomática e o trabalho para o Instituto para as Obras Exteriores facilitavam o que monsenhor Spada, sempre hábil nos eufemismos, definia como álbis táticos. O bem geral da Igreja, considerado como fim, às vezes justificava o emprego de certos meios; nesse sentido, a atração que qualquer secretário bem—apessoado de nunciatura pudesse exercer nas esposas de ministros, financistas e embaixadores, vítimas fáceis do instinto de adoção ante sacerdotes jovens ou interessantes, abria muitas portas fechadas a monsenhores ou eminências mais velhos e obstinados.

Era o que monsenhor Spada chamava de síndrome de Stendhal, em memória de dois personagens — Fabrice dei Dongo e Julien Sorel — cujas peripécias aconselhara Quart a ler, mal ingressara no IOE. Para o Mastim, a cultura não colidia com o adestramento. Tudo isso deixava o problema à discrição moral e à inteligência de cada protagonista, afinal de contas agente de Deus num campo de batalha em que suas forças eram a oração e o senso comum. Porque, junto com as vantagens de uma confiança obtida em recepções, conversas privadas ou confessionários, o sistema encerrava seus riscos. Muitas mulheres vinham procurando a substituição afetiva de homens inalcançáveis ou mandos indiferentes, e nada mais perturbador, para o velho Adão sempre à espreita sob boa parte das batinas, que a inocência

de um adolescente ou as confidências de uma mulher frustrada. Em última instância, a indulgência oficiosa dos superiores estava mais ou menos assegurada a nave de Pedro era antiga, sobrevivente e sábia — em função da ausência de escândalo e dos resultados operacionais.

Paradoxalmente num homem que só possuía a fé do soldado profissional, este não era o caso de Quart. É verdade que, nele, a castidade consistia antes num pecado de orgulho do que numa virtude; mas assim era a regra em torno da qual ordenava sua vida. E como um dos fantasmas que acompanhavam seus olhos abertos na escuridão, o templário tendo a espada como único apoio sob um céu sem Deus precisava apelar para a regra, se quisesse enfrentar com dignidade o retumbar da cavalaria sarracena aproximando —se de longe, vinda da colina de Hattin.

Retornou ao presente com esforço. Ela fumava com os cotovelos na mesa, o queixo na palma da mão que sustentava o cigarro. Por alguma razão, sem chegar a roçá—las, sentiu a presença de suas pernas perturbadoras. Os reflexos douravam os olhos escuros junto da chama da vela, muito próximos, e teria bastado a Quart estender o braço para tocar com os dedos sua pele, sob os cabelos negros que de novo caíam sobre o ombro, marfim do colar, ouro da pulseira, branco dos incisivos reluzindo suavemente na boca entreaberta. E então, com gesto deliberado, aquela mesma mão em cujos dedos comichava o desejo se introduziu no bolso interno do paletó e, pegando o postal do capitão Xaloc, colocou—o entre os dois, sobre a toalha.

— Fale—me de Carlota Bruner.

Tudo mudou num instante. Ela apagou o cigarro no cinzeiro e ficou olhando para ele desconcertada. Os reflexos de mel tinham se desvanecido.

— Onde conseguiu este postal?

— Alguém o colocou no meu quarto.

Macarena Bruner observava a imagem amarelada da igreja. Mexeu a cabeça:

— É minha. Do baú de Carlota. É impossível que esteja com o senhor.

— Mas, como vê. está comigo. — Quart pegou o postal entre o polegar e o indicador e virou—o, mostrando a face escrita. — Por que não está carimbado?

Os olhos da mulher iam do cartão—postal a Quart, preocupados. Então ele repetiu a pergunta e ela assentiu, mas ficou um instante em silêncio antes de responder.

— Porque nunca o enviou. — Tinha pegado o postal e estudava—o. — Carlota era minha tia—avó. Estava apaixonada por Manuel Xaloc, um marinheiro sem fortuna. Gris me disse que lhe contou a história... — Meneou a cabeça como se negasse alguma coisa, mas talvez fosse um gesto desolado, de impotência ou tristeza. — Quando o capitão Xaloc emigrou para a América, ela lhe escreveu uma carta ou um postal quase toda a semana, durante anos. Mas seu pai, o duque, meu bisavô Luis Bruner, quis impedi—la.

Subornou os funcionários dos Correios da cidade. Em seis anos ela não recebeu nenhuma carta, e

acreditamos que ele também não. Quando Xaloc voltou para buscá—la, Carlota tinha perdido a razão. Passava os dias à janela, olhando para o rio Não foi capaz de reconhecê—lo.

Quart apontou para o postal.

— E as cartas?

— Ninguém se atreveu a destruí—las. Foram parar no baú, onde se guardaram as coisas de Carlota até sua morte, em 1910. Esse baú me seduziu quando menina: eu experimentava os vestidos, os colares de azeviche... Quart viu—a iniciar um esboço de sorriso, mas seus olhos voltaram ao postal, e o sorriso sumiu—lhe da boca. — Em sua juventude, Carlota foi com meus bisavós à Exposição Universal de Paris, a Túnis, onde visitou as ruínas de Cartago, e trouxe moedas antigas... Também há folhetos de viagens, de navios e de hotéis: o resumo de uma vida, entre velhas rendas e musselinas roídas pelas traças. Imagine só o efeito em mim, com dez ou doze anos: li as cartas uma a uma, e o personagem romântico de minha tia—avó me fascinou. Ainda me fascina.

Traçava com a unha sinais na toalha, ao redor do postal. Ao cabo de um instante, deteve—se, pensativa.

— Uma bela história de amor — acrescentou, erguendo os olhos para Quart. — E como todas as belas histórias de amor, foi uma história infeliz.

Quart guardava silêncio com medo de interrompê—la. Foi o garçom quem o fez, ao se aproximar com o comprovante do cartão de crédito. Quart observou a assinatura: nervosa, cheia de ângulos agudos como punhais. Ela fitava agora a ponta de cigarro apagada no cinzeiro, ausente.

— Há uma canção muito bonita — prosseguiu ao cabo de um momento — que Carlos Cano canta, com letra de Antônio Burgos: "Aún recuerdo ei piano de aquella nina que había en Sevüla*...", e cada vez que a ouço tenho vontade de chorar... Sabe que até existe uma lenda sobre Carlota e Manuel Xaloc? — Sorriu por fim, insolitamente tímida e indecisa, e Quart soube que ela acreditava nessa lenda. — Nas noites de lua, Carlota volta à sua janela enquanto, no Guadalquivir, a goleta fantasma de seu amante larga as amarras e zarpa rio abaixo. — Tinha se inclinado sobre a mesa, de novo com reflexos dourandolhe os olhos, e Quart voltou a experimentar a certeza inquietante de estar perto demais. — Em criança passei noites inteiras a postos no meu quarto, espiando—os. E uma vez os vi. Ela era uma silhueta pálida na janela; e, lá embaixo, no rio, entre a névoa, as velas brancas de um barco antigo deslizavam devagar até se perderem de vista.

Calou—se de súbito. Tinha se encostado na cadeira. De novo a distância entre ela e Quart.

— Depois de sir Marhalt — acrescentou — meu segundo amor foi o capitão Xaloc... — Seu olhar era uma provocação. — Parece—lhe uma história absurda?

— De modo algum. Cada um tem seus fantasmas.

— E quais são os seus?

Agora era a vez de Quart sorrir de muito longe. Tão longe que Macarena Bruner nunca teria podido chegar até lá para verificar de que se tratava, no improvável caso de ele ter acrescentado palavras àquele sorriso. Vento e sol, e chuva. Sabor de sal na boca. Lembranças tristes de uma infância humilde, joelhos manchados de terra úmida e longas esperas diante do mar. Fantasmas de uma juventude intelectual estreita, dominada pela disciplina, com algumas felizes reminiscências de companheirismo na comunidade e breves períodos de ambição satisfeita. A solidão num aeroporto, num livro, no quarto de um hotel. E o medo ou o ódio nos olhos de outros homens: o banqueiro Lupara, Nelson Corona, Príamo Ferro. Cadáveres reais ou imaginários, passados ou futuros, em sua consciência.

— Não têm nada de especial — disse impassível. Também há barcos que zarpam e não voltam. E um homem. Um cavaleiro templário com uma cota de malha que se apoia em sua espada, num deserto.

Ela fitou—o de uma maneira estranha, como se o visse pela primeira vez. E não disse nada.

— Mas os fantasmas — acrescentou Quart, após o silêncio — não deixam postais nos quartos de hotel.

Macarena Bruner tocou no postal, que continuava sobre a toalha da mesa, mostrando a face escrita: Aqui rezo por ti todos os dias... Seus lábios se moveram silenciosamente ao ler as palavras que nunca chegaram ao capitão Xaloc.

— Não entendo — disse. — Estava em minha casa, com o baú e o resto das coisas de Carlota. Alguém o pegou lá.

— Quem?

— Não faço a menor idéia.

Quart moveu a mão e viu que Macarena Bruner retrocedia quase imperceptivelmente na cadeira, seguindo o gesto como se temesse suas conseqüências. Pegou o postal e virou—o do outro lado para mostrar a foto da igreja.

— Não — concluiu. — É totalmente absurdo.

Quart moveu a mão e viu que Macarena Bruner retrocedia quase imperceptivelmente na cadeira, seguindo o gesto como se temesse suas conseqüências. Pegou o postal e virou—o do outro lado para mostrar a foto da igreja.

— Não há nada absurdo nisso — ele rebateu. — Tratase do lugar em que está enterrada Carlota Bruner, junto com as pérolas do capitão Xaloc O edifício que seu marido quer derrubar e que a senhora defende. Um lugar que é objeto de minha viagem a Sevilha e onde, acidentalmente ou não, morreram duas pessoas. — Ergueu os olhos para a mulher. — Uma igreja que, segundo um misterioso pirata informático chamado Vésperas, mata para se defender.

Ela esboçou outro sorriso que não chegou a se materializar de todo. Em seu lugar ficou uma expressão preocupada, absorta.

— Não diga isso. Fico com medo.

Havia mais mau humor do que apreensão naquelas palavras. Quart fitou o isqueiro de plástico que ela girava entre os dedos e soube que Macarena Bruner acabava de mentir. Ela não era dessas mulheres que se assustam por qualquer coisa.

Desde que Vésperas dera sinal de vida, uma semana antes, o padre Ignacio Arregui e sua equipe de jesuítas peritos em informática vigiavam em turnos de doze horas o sistema central do Vaticano. Naquela noite faltavam dez minutos para uma da madrugada, e Arregui foi buscar um café na máquina distribuidora do corredor. A máquina engolira as moedas de cem liras sem dar em troco nada mais que um copo vazio e um torrão de açúcar, e o jesuíta xingava todos os diabos olhando através da janela a sombra escura do palácio Belvedere, do outro lado da rua iluminada por postes sob os quais passava naquele momento a ronda noturna de suíços. Arregui procurou nos bolsos da batina, reunindo moedas para uma segunda tentativa. Agora o café saiu sem açúcar, de modo que teve de recorrer ao copo anterior — que por sorte permanecera de pé na cesta de lixo — para adoçar a bebida. Depois regressou à sala de computadores, queimando o polegar e o indicador no plástico do copo.

— Aí está, padre.

Cooley, o irlandês, havia tirado os óculos e esfregava as lentes com um kleenex, fitando excitado a tela de seu computador. Outro jovem jesuíta, um italiano chamado Garofi, digitava desesperadamente no segundo computador à caça do intruso.

— É Vésperas — perguntou Arregui. Olhava a tela por cima do ombro de Cooley, fascinado pelo pisca—pisca dos ícones vermelhos e azuis e pela velocidade vertiginosa com que desfilavam os arquivos percorridos pelo pirata informático. Esse computador reproduzia os movimentos do hacker, enquanto o de Garofi trabalhava em sua identificação ou localização

— Acho que sim — respondeu o irlandês, pondo os óculos com as lentes limpas. — Pelo menos conhece o caminho e vai muito rápido.

— Chegou às TS?

— A algumas. Mas é esperto: não cai nelas.

O padre Arregui bebeu um gole de café que lhe queimou a língua:

— Maldito seja.

As TS — Trápolas Saducéias, na gíria da equipe eram áreas informáticas dispostas como redes na desembocadura de um rio, para que os piratas entrassem nelas desorientando—se ou revelando dados que tornassem possível sua identificação. As dispostas contra Vésperas eram sofisticados labirintos eletrônicos, armadilhas em cujo percurso o intruso ficava exposto a descobrir cartas de seu jogo que o tornavam vulnerável.

— Está procurando INMAVAT — anunciou Cooley.

De novo havia um quê de admiração em sua voz, e o padre Arregui fitou, carrancudo, o pescoço e a

nuca do jovem especialista, que seguia a progressão do hacker inclinado sobre a tela com o mouse sob os dedos da mão direita. Era inevitável, disse consigo enquanto terminava o café. Ele mesmo não podia evitar certa excitação profissional ao ver atuar um membro da confraria informática, sobretudo se era clandestino e tão limpo como Vésperas. Ainda que fosse um delinqüente e um pirata que o havia deixado uma semana sem dormir.

— Pronto — disse o irlandês.

Até Garofi tinha parado de digitar e observava. INMAVAT, o arquivo restrito aos altos cargos da Cúria, desfilava a toda velocidade pela tela, com as tripas à mostra.

— Sim. É Vésperas — disse Cooney, no tom de quem reconhece a assinatura de um velho amigo.

O copo de plástico soou como um estouro quando o padre Arregui o comprimiu na mão, antes de jogá-lo no cesto de lixo. No computador de Garofi piscava o cursor do scanner conectado com a polícia e com a rede telefônica vaticana.

— Faz a mesma coisa que da outra vez — disse o italiano. — Camufla seu ponto de entrada pulando por distintas redes telefônicas.

O padre Arregui tinha os olhos cravados no cursor pisca—piscante que passeava para cima e para baixo na

lista de oitenta e quatro usuários do INMAVAT. Tinham trabalhado vários dias para instalar uma trápola saducéia destinada a quem tentasse se infiltrar em V01A, o terminal pessoal do Santo Padre. A armadilha, inerte quando se acessava o arquivo com código normal, só funcionava se o intruso proviesse do exterior: ao atravessar o umbral do INMAVAT levava consigo um código oculto cuja existência era desconhecida do próprio pirata. Algo semelhante a uma rêmora invisível. Ao chegar a V01A, esse sinal bloqueava a entrada até o destinatário e desviava o pirata para outro, fictício, V01ATS, onde nada que fizesse poderia ser prejudicial e onde deixaria, acreditando fazê-lo no computador pessoal do Papa, qualquer nova mensagem que trouxesse consigo.

O cursor se deteve pisca—piscando em V01A. Foram dez longos segundos em que os três jesuítas prenderam a respiração, com a atenção fixa na tela do computador gêmeo.

Por fim o cursor fez um duplo clique e apareceu o relógio de espera.

— Está entrando — disse Cooney em voz muito baixa, como se Vésperas pudesse ouvi—los. Estava com o rosto avermelhado, e nos óculos novamente embaçados refletia—se a tela do monitor.

O padre Arregui mordia o lábio inferior abotoando e desabotoando um botão da batina. Se a armadilha não funcionasse ou se Vésperas suspeitasse de sua existência, o pirata podia zangar—se. E um pirata furioso num arquivo tão delicado como o INMAVAT era imprevisível. De qualquer modo, a equipe de peritos do Vaticano tinha guardado uma carta na manga: bastava apertar uma tecla para deixar INMAVAT fora do sistema. O problema era que, nesse caso, Vésperas compreenderia que estavam atrás dele e poderia desaparecer no ato. Ou, o que era pior, voltar em outra ocasião com uma tática diferente e inesperada. Por exemplo, um programa assassino

destinado a infectar e destruir o que encontrasse em seu caminho.

O relógio desapareceu, mudando o formato da tela.

— Lá vai — assinalou Garofi.

Vésperas estava dentro de V01A, e durante um desconcertante momento os três jesuítas estudaram angustiados o monitor para ver em qual dos dois, o real ou o fictício, tinha acabado se infiltrando. À medida que aparecia o código do arquivo, Coeey pôs—se a ler com voz crispada:

— Vê—Zero—Um—A—Tê—Esse.

Depois esboçou um sorriso largo, orgulhoso, satisfeito. Vésperas tinha infiltrado seu arquivo pirata na trápola saducéia, e o computador pessoal do Papa estava fora de seu alcance.

— Louvado seja Deus — disse o padre Arregui. Tinha arrancado por fim o botão da batina. Com ele na mão inclinou—se para ler a mensagem que aparecia na tela do computador:

Dirige os teus passos para as perpétuas ruínas, tudo quanto de mal tem feito o inimigo no santuário. Os teus adversários bramam no lugar das assembléias, e alteiam os seus próprios símbolos. Parecem—se com os que brandem machado espesso na floresta, e agora a todos esses labores de entalhe quebram também, com machados e martelos. Deitam fogo ao teu santuário—, profanam, arrasando—a até ao chão, a morada do teu nome. Até quando, ó Deus, o adversário nos afrontará?

Depois daquilo Vésperas cortou o contato e seu sinal desapareceu da tela.

— Impossível localizá—lo — O padre Garofi apontava inutilmente o cursor do mouse em seu computador. — Em cada laço deixa atrás uma espécie de carga de demolição que destrói as marcas, quando vai embora Esse hacker conhece bem o que tem nas mãos

— E também conhece os Salmos — disse o padre Coeey, ligando a impressora para obter uma cópia do texto. — Este é o 64, não é?

O padre Arregui negava com a cabeça.

— 74 Salmo 74 — corrigiu, e ainda fixava preocupado a tela do computador de Garofi — lamento por causa da profanação.

— Mas sabemos um pouco mais dele — disse de repente o padre Coeey. — É um pirata com senso de humor.

Os outros dois sacerdotes olharam para a moldura iluminada. Dentro dela, pequenas bolinhas quicavam agora como bolas de pingue—pongue, reproduzindo—se cada vez, e, quando duas delas se encontravam, produzia—se uma pequena deflagração nuclear, um pequeno cogumelo atômico de cujo centro saía a palavra bum.

Arregui estava indignado.

— Ah, canalha — dizia. — Herege.

De repente reparou no botão da batina que tinha na mão, e jogou—o no cesto de lixo Atentos à tela, os padres Cooley e Garofi riam disfarçadamente.

VII. A garrafa de anis del Mono

No tempo ja distante em que, estudando a sublime Ciência, nos inclinávamos sobre o mistério repleto de pesados enigmas

Fulcanelli (O mistério das catedrais)

Eram pouco mais de oito da manhã quando Quart cruzou a praça em direção a Nossa Senhora das Lágrimas. O sol iluminava o campanário desluzido, sem ainda extravasar da linha de beirais das casas pintadas de almagre e branco. Ainda desfrutavam da sombra fresca as laranjeiras, cujo aroma o acompanhou até a porta da igreja, onde um mendigo pedia esmola sentado no chão, com as muletas apoiadas na parede. Quart deu—lhe uma moeda e atravessou o umbral, detendo—se um instante junto do Nazareno dos ex—votos. A missa não havia chegado ao ofertório.

Caminhou até os últimos bancos e foi sentar—se num deles. Uns vinte fiéis estavam à sua frente, ocupando a metade da nave. O resto dos bancos com seus genuflexórios continuava empilhado num canto, entre os andaimes que cobriam as paredes do recinto. A luz do retábulo sobre o altar—mor estava acesa e, sob o conjunto multicolor de estatuetas e imagens, aos pés da Virgem das Lágrimas, dom Priamo Ferro rezava a missa, auxiliado pelo padre Óscar. A maior parte de seus paroquianos eram mulheres e gente de idade moradores do bairro, de aparência modesta, gente a caminho do trabalho, aposentados, donas de casa. Algumas mulheres tinham a seu lado cestas ou carrinhos para as compras. Duas ou três anciãs estavam vestidas de preto, e uma delas, ajoelhada perto de Quart, cobria a cabeça com um daqueles véus caídos em desuso vinte anos atrás.

O padre Ferro se adiantou para ler o Evangelho. Seus paramentos eram brancos, e Quart observou que, no pescoço, sob a casula e a estola, assomava a orla do amicto — a antiga peça que, em lembrança do sudário que cobriu o rosto de Cristo, os sacerdotes punham sobre os ombros ao se vestirem para a missa, antes do Concílio Vaticano II. Somente os oficiantes muito velhos ou muito tradicionalistas ainda recorriam a essa peça; e não era este o único anacronismo na indumentária e nas atitudes do padre Ferro. A velha casula, por exemplo, era do tipo chamado de guitarra, com o plastrão deixando aberturas completas dos lados, em vez do modelo usual, próximo da dalmática que o substituiu por ser mais cômodo e leve.

— Por aquele tempo disse Jesus a seus discípulos...

O pároco lia o texto centenas de vezes repetido ao longo de sua vida sem nem sequer olhar para o livro aberto sobre o atril, absorto em algum ponto indeterminado do espaço entre ele e seus fiéis. Não havia microfones — tampouco a pequena igreja precisava — e sua voz forte, tranqüila, privada de inflexões ou matizes, enchia com autoridade o silêncio da nave, entre os andaimes e as pinturas enegrecidas do teto. Não deixava lugar para discussão nem para a dúvida tudo, fora daquelas palavras pronunciadas em nome de Outro, carecia de valor ou de importância. Aquele era o verbo da fé.

— Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar Palavra de Deus, disse voltando para trás do altar, e os fiéis rezavam o Credo. Então, sem grande surpresa, Quart descobriu Macarena Bruner Estava três bancos diante dele, de óculos escuros, jeans, os cabelos recolhidos num rabo—de—cavalo, a jaqueta sobre os ombros, o rosto inclinado na oração. Depois, ao voltar para o altar, os olhos de Quart encontraram os do padre Óscar que o observavam, enquanto dom Priamo Ferro continuava oficiando, alheio a tudo o que não fosse o ritual de seus próprios

gestos e palavras— *Benedictus est, Domine, deus universi, quia de tua largitate accepimus panem.* Atônito, Quart prestou atenção ao que o sacerdote dizia: estava celebrando em latim. De fato, todas as partes da missa que não eram diretamente dirigidas aos fiéis ou que não podiam ser recitadas coletivamente, o padre Ferro pronunciava na velha língua canônica da Igreja. Aquela não era uma infração grave, é claro; algumas igrejas com foro especial tinham esse privilégio, e o próprio Pontífice oficiava amiúde a missa em latim, em Roma. Mas as disposições eclesiásticas estabeleciam, desde Paulo VI, que a missa fosse dita nas respectivas línguas de cada paróquia, para maior compreensão e participação dos fiéis. Era evidente que o padre Ferro adotava apenas em parte o espírito da modernidade eclesiástica.

— *Per huius aquae et vini mysterium*

Quart estudou—o detidamente durante o ofertório. Postos os objetos litúrgicos sobre os corporais, o pároco ergueu ao céu a hóstia colocada na patena e, depois, misturando umas gotas de água ao vinho trazido na galheta pelo padre Óscar, fez o mesmo com o cálice. Voltou—se em seguida para seu acólito, que lhe oferecia uma pequena bacia com uma jarra de prata, e lavou as mãos.

— *Lava me, Domine, ab iniquitate mea.*

Quart seguia o movimento de seus lábios pronunciando as frases latinas em voz baixa. A lavagem das mãos era outro costume em via de extinção, embora aceita na ordem comum da missa. E pôde apreciar mais detalhes anacrônicos, pouco vistos desde que, com dez ou doze anos, assistia como coroinha o padre da sua paróquia: o padre Ferro juntou as pontas dos dedos sob o jorro de água que o acólito derramava e, depois, uma vez secas as mãos, manteve os polegares e os indicadores juntos, formando um círculo, para impedir que tivessem contato com o que fosse; e mesmo as páginas do missal ele passava com os outros três dedos, que mantinha rígidos. Tudo aquilo era, por excelência, típico do uso antigo, muito próprio de velhos eclesiásticos renitentes a aceitar a mudança dos tempos. Só faltava officiar de costas para os fiéis, virado para o retábulo e para a imagem da Virgem, como se fazia três décadas atrás. E dom Príamo Ferro, suspeitava Quart, não teria se incomodado absolutamente em fazê—lo. Viu que rezava o cânone inclinando sua cabeça de frente larga e hirsuto cabelo branco cortado a tesouradas: *Te igitur, clementissime Pater.* O queixo de sombras escuras e grisalhas mal barbeadas mergulhava na gola da casula enquanto o pároco pronunciava em voz baixa, audível no silêncio absoluto da igreja, as orações do sacrifício da missa do mesmo modo que foram pronunciadas por outros homens, vivos e mortos antes dele, durante os últimos mil e trezentos anos:

— *Per ipsum, et cum ipso, et in ipso, est tibi Deo Patri omnipotenti...*

Muito a contragosto, inclusive com todo o seu ceticismo técnico e o desdém que a figura do padre Ferro lhe inspirava, o sacerdote que havia em Lorenzo Quart não pôde deixar de se comover ante a singular solenidade que o ritual, aqueles gestos e palavras, conferia ao veterano pároco. Era como se a transformação simbólica que naquele momento se registrava no altar também transfigurasse sua aparência de tosco cura provinciano para revesti—la de autoridade; um carisma que fazia esquecer a velha e suja batina e os sapatos sem engraxar sob a casula de gola puída, fios dourados e adornos sem brilho devido à passagem do tempo. Deus — se é que havia um Deus por trás daquela madeira dourada, barroca, reluzente em torno da Virgem das Lágrimas — sem dúvida consentia, por um instante, pôr a mão no ombro do velho rabugento que, inclinado sobre a hóstia e o cálice, consumava o mistério da encarnação e morte do Filho.

Além do mais, pensou Quart examinando os rostos que tinha diante de si — inclusive Macarena Bruner virada para o altar e fixada, como os outros, nas mãos do sacerdote —, o que menos importava naquele momento era se havia ou não, em algum lugar, um Deus disposto a distribuir prêmios e castigos, condenação e vida eterna. O que contava naquele silêncio, em que a voz forte do padre Ferro desfiava a liturgia, eram os rostos graves, tranqüilos, pendentes das suas mãos e da sua voz, murmurando com o oficiante palavras, compreendidas ou não, que se resumiam numa só consolo. O que significava calor diante do frio, ou uma mão amiga nas trevas. E, como eles, ajoelhado em seu genuflexório com os

cotovelos sobre o encosto do banco da frente, Quart repetiu para dentro de si as palavras da consagração, enquanto se remexia, incomodado, consciente de que acabava de transpor o umbral da compreensão, no que dizia respeito àquela igreja, a seu pároco, à mensagem de Vésperas e ao que ele mesmo estava fazendo ali. Era mais fácil, descobriu, desprezar o padre Ferro do que vê-lo, pequeno e bravio sob a antiquada casula, criando com as palavras do velho mistério um humilde remanso onde aquela vintena de rostos, em sua maior parte cansados, envelhecidos, inclinados sob o peso dos anos e da vida, fitavam — temor, respeito, esperança — o pedaço de pão que o velho cura segurava nas mãos orgulhosas. O vinho, fruto da vinha e do trabalho do homem, que elevava ato contínuo no cálice de latão dourado e baixava depois de transformado em sangue daquele Jesus que, do mesmo modo, terminada a ceia, deu de comer e de beber a seus discípulos com palavras idênticas às que o padre Ferro fazia ecoar agora, inalteradas, vinte séculos depois, sob as lágrimas de Carlota Bruner e do capitão Xaloc: Hoc facite in meam commemorationem. Fazei isto em minha memória.

A missa tinha terminado. A igreja estava deserta. Quart continuava sentado, imóvel, em seu banco, depois que dom Príamo Ferro dissera *Ite, missa est*, retirando—se do altar sem olhar uma só vez em sua direção, e que os fiéis tinham ido embora um a um, inclusive Macarena Bruner, que passou a seu lado atrás dos óculos escuros, sem dar mostra de reparar nele. Durante um instante, a velha beata do véu foi a única companhia de Quart; e, enquanto ela rezava, o padre Oscar veio de novo ao altar pela porta da sacristia, apagou as velas e a luz elétrica do retábulo, e tornou a se retirar sem erguer os olhos do chão. Depois também a beata se foi, e o agente do IOE ficou a sós na penumbra da igreja vazia.

Apesar de suas atitudes e do rigor com que se atinha à regra, Quart era um homem lúcido. E essa lucidez se manifestava como uma maldição serena que o impedia de aprovar por completo a ordem natural das coisas, sem lhe proporcionar em troca álibis que tornassem suportável semelhante consciência. No caso de um sacerdote, como no de qualquer ofício que exigisse crer no mito da situação privilegiada do homem na harmonia do Universo, aquilo era incômodo e perigoso; poucas coisas sobreviviam à certeza de quão insignificante é a vida humana. Quanto a Quart, somente a força de vontade, encarnada em sua disciplina, permitia manter sob controle a perigosa fronteira onde a verdade nua tenta os homens, disposta a passar recibo na forma de fraqueza, apatia ou desespero. Era esta, talvez, a causa de permanecer sentado no banco da igreja, sob a abóbada negra que recendia a cera e pedra velha e fria. Olhava à sua volta os andaimes contra as paredes, os poeirentos ex-votos junto do Nazareno de sujos cabelos naturais, a madeira dourada do retábulo na sombra, as lajes do chão que os passos de gente morta tinha desgastado cem, duzentos ou trezentos anos atrás. E ainda via o rosto mal barbeado e carrancudo do padre Ferro que se inclinava sobre o altar, pronunciando herméticas frases diante de uma vintena de rostos aliviados de sua condição humana pela esperança de um pai onipotente, de um consolo, de uma vida melhor em que os justos obteriam seu prêmio e os ímpios seu castigo. Aquele modesto recinto estava muito longe dos cenários ao ar livre, das telas gigantes de televisão, do folclore e da vulgaridade das berrantes igrejas multicores em que valia tudo, as técnicas de Goebbels, os palcos de rock, a discussão dos mundiais de futebol, a água benta com aspersor eletrônico. Por isso, como os peões passados a que Gris Marsala aludia, já alheios à batalha cujo rumor sumia às suas costas, entregues à sua sorte e ignorando se permanecia em pé um rei pelo qual lutar, algumas peças escolhiam sua casa no tabuleiro um lugar onde morrer. O padre Ferro tinha escolhido o seu, e Lorenzo Quart, qualificado caçador de cabeleiras por conta da Cúria romana, era capaz de compreendê-lo sem muito esforço. Talvez por isso, agora não as levasse todas consigo, sentado num banco daquela igreja pequena, maltratada e solitária, transformada pelo velho pároco em sua Torre Maldita: um reduto para defender as últimas ovelhas fiéis dos lobos que vagavam por toda a parte, lá fora, prontos para roubar—lhes os últimos farrapos de inocência.

Em tudo isso esteve pensando Quart sentado em seu banco, por um bom momento. Depois se levantou e foi pelo corredor central até o altar—mor, escutando o eco de seus passos sob o teto elíptico do cruzeiro. Parou diante do retábulo, junto da lamparina acesa do Santíssimo, e observou as esculturas orantes dos antepassados de Macarena Bruner lado a lado da imagem central da Virgem das Lágrimas. Sob seu baldaquino régio, escoltada por querubins e santos entre folhagens e adornos de madeira dourada, a escultura de Martínez Montanés se perfilava na penumbra, com a claridade diagonal que os vitrais faziam passar entre a estrutura geométrica, racional, dos andaimes.

Era muito bonita e muito triste, com o rosto ligeiramente voltado para cima, como numa censura, e as mãos, vazias e abertas, estendidas de cada lado como se perguntasse em nome de que tinham lhe tomado seu filho. As vinte pérolas do capitão Xaloc brilhavam suavemente em seu rosto, na coroa de estrelas e

na túnica azul, sob a qual um pé nu em cima da meia lua esmagava uma cabeça de serpente.

— ... Porei inimizade entre ti e a mulher entre a tua descendência e o seu descendente...

A voz citando o Gênesis soou às suas costas, e ao se virar Quart descobriu os olhos claros de Gris Marsala. Não a ouvira entrar e, agora, estava atrás dele, depois de se aproximar silenciosamente graças aos seus tênis.

A senhora anda como os gatos — disse Quart.

Ela riu, sacudindo a cabeça. Trazia como sempre os cabelos presos na nuca com sua curta trança, uma camisa pólo folgada e jeans sujos de tinta e gesso. Quart pensou nela se maquiando diante do espelho antes da visita do bispo, e no olhar daqueles olhos frios multiplicado quando o vidro se quebrou com o soco. Procurou em suas mãos a cicatriz. Lá estava um traço lívido de três centímetros na parte interna do pulso direito. Perguntouse se teria sido intencional.

— Não me diga que ouviu missa aqui — disse ela.

Quart fez que sim, vendo—a sorrir de modo indefinível. Ainda fitava sua cicatriz e Gris Marsala, ao perceber isso, virou o antebraço, ocultando—a.

— Este pároco... — disse Quart.

La acrescentar uma coisa, mas ficou calado como se aquilo resumisse tudo. Ao cabo de um momento, ela sorriu de novo; desta vez de modo mais obscuro, como se o fizesse para si mesma depois de ouvir palavras não pronunciadas.

— Sim — murmurou. — É isso mesmo.

Parecia aliviada e deixou de proteger o pulso. Depois perguntou se tinha visto Macarena Bruner, e Quart confirmou com um gesto.

— Vem todas as manhãs, às oito — ela precisou. Quintas e domingos, com a mãe.

— Não a imaginava tão pia.

Não havia intenção no sarcasmo, mas Gris Marsala ouviu incomodada o comentário:

— Deixe—me lhe dizer uma coisa. Não gosto deste seu tom.

Deu uns passos diante do retábulo, olhando para a imagem da Virgem. Depois virou—se de novo para a mulher:

— Talvez tenha razão. Mas ontem à noite jantei com ela, e continuo desconcertado.

— Sei que jantaram juntos. — Os olhos claros estudavam—no com atenção, ou curiosidade. —

Macarena me acordou à uma da madrugada para me pegar quase meia hora no telefone. Entre muitas outras coisas disse que o senhor viria à missa.

— Impossível — objetou Quart. — Nem eu mesmo tinha certeza até uns minutos antes.

— Pois é. Mas ela tinha. Disse que talvez o senhor assim começasse a compreender. — Parou, inquisitiva. ... Começou a compreender?

Quart fitou—a impávido:

— Que mais lhe disse?

Fez a pergunta de um modo superficial, quase irônico; mas se arrependeu antes de completar a frase. Realmente estava interessado no que Macarena Bruner tinha podido contar à amiga freira e irritava—o que isso fosse claro.

Gris Marsala olhava para o colarinho da camisa do sacerdote. Pensativa.

— Disse muitas coisas. Que o senhor lhe agrada, por exemplo. E que não é tão diferente de dom Príamo quanto o senhor acredita. — Agora seus olhos o percorriam de cima a baixo, apreciativos e deliberados. — Também disse que é o padre mais sexy que viu na vida. — O sorriso que lhe surgiu na boca beirava a provocação. — Disse exatamente isto: sexy. O que acha?

— Por que me conta isso tudo?

— Ora essa! Conto porque me perguntou.

Deixe de zombarias: respeite meus cabelos, são grisalhos como os seus — disse levando o indicador à têmpora.

— Gosto dos seus cabelos curtos. Macarena também.

— Não respondeu à minha pergunta, irmã Marsala. Ela riu, e inúmeras pequenas rugas cercaram seus olhos.

— Largue a mão do formalismo, por favor — riu ela, mostrando o jeans sujo e os andaimes das paredes. — Não sei se tudo isso é próprio de uma irmã.

Não era mesmo, disse Quart consigo. Nem isso nem sua atitude no estranho triângulo que eles dois e Macarena Bruner formavam — ou talvez quarteto, se incluíssem o inevitável padre Ferro. Mas tampouco a imaginava de hábito, num convento. Parecia ter percorrido um longo caminho de Santa Bárbara até ali.

— Pensa voltar alguma vez?

Ela demorou um pouco para responder. Olhava para o fundo da nave, para os bancos empilhados

perto da porta. Tinha os polegares nos bolsos traseiros da calça, e Quart se perguntou quantas freiras seriam capazes de usar um jeans apertado como o de Gris Marsala, esbelta como uma moçoila, apesar da sua idade. Somente o rosto e os cabelos tinham envelhecido, mas mesmo assim emanava uma atração especial daquela sua forma de se mover.

— Não sei — disse, com ar ausente. — Talvez dependa deste lugar, do que aconteça aqui. Creio que por isso não fui embora. — Agora se dirigia a Quart sem fitá-lo, os olhos semicerrados ante a luz do sol que já entrava pelo retângulo iluminado da porta. — Nunca senti de repente um vazio inesperado, ali onde acredita ter um coração?... Faz claque e pára um instante, sem motivo aparente. Depois tudo continua seu movimento, mas a gente sabe que já não é a mesma coisa e se pergunta, inquieta, se há algo errado.

— E acha que vai encontrar a resposta aqui?

— Sei lá. Mas há lugares que encerram respostas. Essa intuição nos faz vagar em torno, à espreita. Não acha?

Incomodado, Quart se apoiou num pé, depois no outro. Não era seu gênero de conversa favorito, mas necessitava palavras. Em qualquer uma podia estar a ponta da meada.

— O que acredito é que durante toda a vida vagamos, em torno de nosso túmulo. Talvez a resposta seja esta.

Ao dizê-lo sorriu um pouco, reduzindo a importância do comentário. Mas ela não se deixou distrair pelo sorriso:

— Eu tinha razão. O senhor não é um sacerdote como os outros.

Não disse por quê, nem diante de quem fazia valer aquela razão, e Quart também não quis perguntar. Sobreveio então um silêncio que ninguém procurou preencher. Caminharam juntos um do outro ao longo da nave. Quart observava as paredes, a pintura descascada e os dourados empanados das cornijas. Acompanhando o eco de seus passos, Gris Marsala caminhava em silêncio. Por fim ela falou novamente:

— Há coisas — disse. — Há lugares e pessoas por onde não é possível passar de modo impune... Sabe de que estou falando? — Parou um instante para observar Quart e, depois, continuou a andar, meneando a cabeça. Não, não acho que saiba. Refiro-me a esta cidade. A esta igreja. Também a dom Príamo e à própria Macarena. Tinha parado de novo e sorria, zombeteira. — É bom que saiba onde está se metendo.

— Talvez eu nada tenha a perder.

— É engraçado ouvi-lo dizer isso. Macarena garante que é o mais interessante no senhor. A impressão que produz. — Já estavam próximos da porta, e a luz da rua contraía as íris claras nos olhos da mulher. — Parece até que, como dom Príamo, não tem mesmo grande coisa a perder.

O garçom girou a manivela do toldo até que a sombra cobriu a mesa onde estavam Pencho Gavira e Octávio Machuca. Sentado aos pés do velho banqueiro, um engraxate lustrava—lhe o sapato, fazendo a escova estalar contra a palma da mão:

— Ponha o outro, cavalheiro.

Obediente, Machuca retirou o pé direito da caixa de tachinhas douradas e espelinhos e pôs o esquerdo no mesmo lugar. O engraxate colocou os protetores para não manchar a meia e prosseguiu conscienciosamente sua tarefa. Era muito magro, aciganado, com mais de cinqüenta anos, os braços cheios de tatuagens e as frações da loteria aparecendo no bolso da camisa. Todos os dias, o presidente do Banco Cartujano engraxava os sapatos, a trezentos mangos o serviço, enquanto espiava a vida passar da sua mesa de canto no La Campana.

Que calor está fazendo — disse o engraxate. Enxugava com o dorso da mão preta de graxa as gotas de suor que escorriam pelo nariz. Pencho Gavira acendeu um cigarro e ofereceu outro ao engraxate, que o guardou numa orelha sem parar de esfregar os sapatos de Machuca com a escova. Com a xícara de café e o ABC em cima da mesa, o velho banqueiro observava satisfeito o trabalho. Terminada a tarefa, estendeu ao engraxate uma nota de mil, e este coçou o pescoço, perplexo:

— Não tenho troco, cavalheiro.

O presidente do Cartujano sorria, familiar, cruzando as longas pernas:

— Amanhã você me cobra, Rafita. Quando tiver troco.

O engraxate devolveu a nota, levando dois dedos à testa em vago gesto militar antes de se afastar na direção da Praça Duque de la Victoria com o banco e a caixa debaixo do braço. Pencho Gavira viu—o passar perto de Peregil, que aguardava a respeitosa distância, junto da vitrine de uma sapataria e a poucos passos do Mercedes azul—escuro estacionado junto do meio—fio da calçada. Cánovas, o secretário de Machuca, revisava uns documentos numa mesa próxima, disciplinado e silencioso, esperando para despachar os assuntos do dia.

— Como vai a igreja, Pencho?

Era uma pergunta de aspecto rotineiro, como sobre o estado do tempo ou a saúde de um parente. O velho Machuca tinha pegado o jornal e virava as páginas sem prestar atenção, até chegar ao necrológio. Ali pôs—se a ler detidamente os anúncios fúnebres. Gavira se recostou na cadeira de vime e observou as manchas de sol que ganhavam terreno a seus pés, avançando devagar da Calle Sierpes.

— Estamos cuidando dela — disse.

Machuca semicerrava as pálpebras, absorto nos anúncios fúnebres. Na sua idade servia de consolo verificar quanta gente conhecida ia desfilando antes dele.

— Os conselheiros estão impacientes — comentou sem deixar de ler. — Para ser exato, uns se impacientam e outros esperam que você quebre a cara. — Virou uma página, dedicando meio sorriso à extensa relação de filhos, netos e outros familiares que pediam pela alma do excelentíssimo senhor dom Luis Jorquera de la Sintacha, filho ilustre de Sevilha, comendador da Ordem de Manara, mestre—sala da Real Confraria da Caridade Perpétua, falecido após receber os santos sacramentos, etcétera: Machuca e toda Sevilha estavam sabendo que o excelentíssimo defunto tinha sido um perfeito sem—vergonha, enriquecido nos anos de pós—guerra com o tráfico de penicilina.

— Faltam pouquíssimos dias para debater seu projeto sobre a igreja.

Gavira assentiu, com o cigarro na boca. Isso aconteceria vinte e quatro horas depois que os sauditas da Sun Qafer Alley aterrissassem no aeroporto da cidade para finalmente comprar Puerto Targa E com esse acordo firmado em cima da mesa, ninguém ia abrir o bico.

— Estou apertando os últimos parafusos — disse. Machuca meneou lentamente a cabeça, de cima para baixo, um par de vezes. Seus olhos rodeados por profundas olheiras escuras iam do jornal à gente que passava pela rua.

— Aquele padre — comentou. — O velho? Gavira prestou atenção, mas o banqueiro ficou calado um instante, como se não conseguisse concretizar a idéia. Ou talvez se limitasse a provocar seu delfim. De um modo ou de outro, Gavira guardou silêncio.

— Ele é a chave — prosseguiu Machuca. — Enquanto não renunciar, o prefeito continuará sem vender, o arcebispo sem secularizar e sua mulher e a mãe dela manterão sua atitude. Essas missas das quintas—feiras são uma dor de cabeça para você.

Continuava referindo—se a Macarena Bruner como mulher de Gavira; e isso, embora tecnicamente fosse verdade, tinha incômodas conotações para este. Machuca se negava a aceitar a separação do casal que apadrinhara.

Também continha uma advertência: nada ia ficar resolvido para seu sucessor enquanto continuasse a equívoca situação conjugal, com Macarena pondo—o em evidência.

A boa sociedade sevilhana, que havia aceitado Gavira quando de seu casamento com a menina de Nuevo Extremo, não perdoava certo tipo de coisas.

Fizesse o que quisesse, até mesmo envolver—se com padres ou toureiros, Macarena era uma deles, mas Gavira não. Sem sua mulher ficava reduzido a um vulgar arrivista endinheirado.

— Quando resolver o negócio da igreja — disse — cuidarei dela.

Machuca virava as páginas, cético.

— Não estou tão certo assim. Eu a conheço desde criança. — Inclinou—se sobre o jornal para beber um sorvo da sua xícara. — Mesmo se você tirar o pároco da parada e demolir essa igreja, vai estar perdendo a outra batalha. Macarena tomou a coisa como um assunto pessoal.

— E a duquesa?

Surgiu um vestígio de sorriso sob o nariz grande e afilado do banqueiro:

— Cruz respeita muito as decisões da filha. E no caso da igreja está com ela, incondicionalmente.

— O senhor a viu ultimamente? Estou falando da mãe.

— Claro. Todas as quartas.

Era verdade. Uma tarde por semana, Octávio Machuca mandava seu carro ir buscar Cruz Bruner, e a esperava no parque Maria Luisa para um passeio. Podia-se vê-los ali, debaixo dos salgueiros, ou sentados num banco do caramanchão de Bécquer, nas tardes de sol.

— Mas sabe como é a sua sogra. — Machuca aguçou um pouco o sorriso. — Só conversamos sobre o tempo, os canteiros de seu pátio e as flores do jardim, os versos de Campoamor... E toda vez que recito para ela: "As filhas das mulheres que amei tanto /já me beijam como se beija um santo", ri como uma garotinha. Falar de seu genro, ou da igreja, ou do fracasso matrimonial da filha iria lhe parecer uma vulgaridade. — Apontou para o extinto Banco de Poniente, na esquina de Santa Maria de Grada.

— Apostaria este edifício que nem mesmo sabe que vocês estão separados.

— Não exagere, dom Octávio.

— Não estou exagerando nem um pouco.

Gavira tomou um gole de cerveja em silêncio. Era um exagero, claro; mas definia bem o caráter da velha dama que morava na Casa del Postigo como uma freira na clausura de seu convento, passeante de sombras e recordações no velho palácio já espaçoso demais para ela e sua filha, coração de bairro antigo feito de mármore, azulejos, portões e pátios com vasos de flores, cadeiras de balanço, canário, sesta e piano. Alheia ao que acontecia da porta para fora, salvo em seus passeios semanais à nostalgia, com o amigo do falecido marido.

— Não é que eu pretenda me imiscuir na sua vida privada, Pencho. — O ancião espreitava por trás das palpebras semicerradas. — Mas muitas vezes me pergunto o que aconteceu com Macarena.

Gavira meneou a cabeça, sereno.

— Nada de especial, garanto. Suponho que a vida, meu trabalho, tenham criado tensões... — Deu uma tragada no cigarro e deixou a fumaça sair pelo nariz e pela boca.

— Além do mais, o senhor sabe que ela queria um filho agora mesmo, já. — Hesitou um instante. — Eu estou em plena luta para conquistar meu lugar ao sol, dom Octávio.

Não tenho tempo para mamadeiras, e pedi a ela que esperasse... — Sentia a boca muito seca de repente, e recorreu de novo à cerveja. — Que esperasse um pouco, só isso. Achei que tinha conseguido convencê-la e que tudo estava indo bem. De repente, um dia, zás. Foi embora batendo a porta e me declarou guerra. Até hoje. Talvez isso tenha se combinado com nossa falta de entendimento sobre a igreja, sei lá. — Fez uma careta. Talvez tudo tenha se combinado.

Machuca fitava—o, fixo e frio. Quase com curiosidade.

— Essa história do toureiro — sugeriu — foi um golpe baixo.

— Muito. — Como também era insistir nela, mas Gavira se absteve de dizê—lo. — Mas o senhor sabe que houve outros casos, mal saiu de casa. Ex—amigos, de quando era solteira, e esse Curro Maestral, que já flertava com ela. Deixou cair o cigarro entre os sapatos e esmagou—o, girando o calcanhar, raivoso — É como se de repente tivesse resolvido recuperar o tempo perdido comigo.

— Ou vingar—se.

— Pode ser.

— Alguma coisa você lhe fez, Pencho. — O velho banqueiro meneava a cabeça, convencido. — Macarena se casou apaixonada por você.

Gavira olhou para um lado e para o outro, observando sem prestar muita atenção à gente que passava pela rua.

—Juro que não entendo — respondeu por fim. — Nem mesmo como vingança. O primeiro caso que tive depois de casado foi mais de um mês depois de Macarena me deixar, quando ela já tinha se deixado ver com aquele vinicultor de Jerez, Villalta. A quem, é claro, dom Octávio, com sua permissão, acabo de negar crédito.

Machuca ergueu uma de suas mãos magras como garras, descartando aquilo tudo. Estava a par da relação, recente e superficial, de seu delfim com uma modelo, e sabia que este dizia a verdade. De qualquer modo, Macarena era de demasiado boa cepa para armar um escândalo público por causa de uma história de rabo de saia do marido.

Se todas fizessem isso, estaria mal Sevilha.Quanto à igreja, o banqueiro ignorava se era o problema ou o pretexto.

Gavira ajeitava o nó da gravata, incomodado:

— Estamos empatados, dom Octávio. Um padrinho e um marido na ignorância.

— Com uma diferença. — Machuca sorria de novo, cruel, sob o nariz afilado: — Tanto a igreja como seu casamento são coisas suas... Não? Eu me limito a observar.

Gavira olhou na direção de Peregil, que continuava de guarda junto do Mercedes. Endureceu as mandíbulas.

— Vou apertar um pouco mais.

— Sua mulher?

— O padre.

O riso do velho banqueiro soou áspero.

— Qual deles? Têm se multiplicado como coelhos ultimamente.

— O pároco. O padre Ferro.

— Ah! — Machuca também olhou, de soslaio, na direção de Peregil, antes de soltar um longo suspiro. — Espero que tenha o bom gosto de me poupar detalhes.

Passaram uns turistas japoneses carregando enormes mochilas e nas raias da desidratação. Machuca deixou o jornal em cima da mesa e ficou um instante calado, recostado na cadeira de vime. Por fim virouse para Gavira.

— É duro viver na corda bamba, não é? — Os olhos de ave de rapina tinham um ar zombeteiro entre suas olheiras escuras. — Eu estive assim anos e anos, Pencho.

Desde que passei a primeira muamba por Gibraltar, logo depois da guerra. Ou quando comprei o banco, perguntando—me em que ia me meter. Aquelas noites sem dormir com todos os medos do mundo no pensamento...

Sacudiu brevemente a cabeça. — De repente, um belo dia você descobre que alcançou a meta e que tudo lhe é indiferente. Que os cachorros já não o alcançarão, por mais que latam e corram. Só então você começa a aproveitar a vida, ou o que resta dela.

Torceu a boca numa expressão a meio caminho entre a diversão e o cansaço. Um sorriso frio gelava —lhe os cantos da boca.

— Espero que alcance essa meta, Pencho — acrescentou. — Até então, pague juro sem reclamar.

Gavira não respondeu logo. Fez um gesto chamando o garçom, pediu outra cerveja e outro café com leite, passou a palma da mão pelos cabelos cuidadosamente penteados da têmpora esquerda e apreciou distraído as pernas de uma mulher que passava.

— Nunca me queixei, dom Octávio.

— Eu sei. Por isso você tem um escritório no andar nobre do Arenal e uma cadeira do meu lado, a esta mesa. Um escritório que lhe dou e uma cadeira que lhe cedo.

E, enquanto isso, leio o jornal e observo você.

Veio o garçom com a cerveja e o café com leite. Machuca pôs um torrão de açúcar na xícara e mexeu com a colherinha. Duas freiras de Sor Ângela de la Cruz passaram rua abaixo, com seus hábitos marrons e seus véus brancos.

Por sinal — disse de repente o banqueiro —, o que acontece com o outro padre? — Via as freiras se distanciarem. — O que jantou com sua mulher ontem à noite.

Notava—se o autocontrole de Pencho Gavira em momentos como aquele. Enquanto acalmava o incômodo latejar do sangue nos tímpanos, obrigou—se a seguir com a vista um automóvel, desde que virou de uma esquina até desaparecer na seguinte. Dez segundos mais ou menos. Ao cabo desse tempo, arqueou uma sobrancelha:

— Não acontece nada. Segundo minhas informações, continua investigando por conta de Roma. Está sob controle.

Machuca fez um gesto de aprovação.

— Assim espero, Pencho. Que você também o mantenha sob controle. — Levou a xícara aos lábios com um breve grunhido de satisfação. — Bonito lugar, La Albahaca.

— Bebeu outro gole. — Faz tempo que não vou lá.

— Vou recuperar Macarena. Prometo. O banqueiro assentiu de novo:

— Na realidade, eu nomeei você vice—presidente por ter se casado com ela.

Eu sei. — Gavira sorria com despeito. — Nunca tive ilusões a esse respeito.

Entenda—me. — Machuca tinha se virado para ele. Você tem uma boa cabeça. Não havia futuro melhor para Macarena, foi assim que vi as coisas desde o princípio... — Uma de suas mãos se apoiava ligeiramente no braço de Gavira: um contato ossudo e seco — Suponho que gosto de você, Pencho. Talvez você seja a melhor coisa que possa ocorrer agora ao banco, mas o caso é que, a esta altura, o banco me é indiferente. Retirou a mão e ficou olhando para ele. — Talvez seja sua mulher que me importe.

Ou a mãe dela.

Gavira desviou a vista da banca de jornal da esquina. Às vezes sentia—se como um atum na rede, procurando inutilmente uma saída. Pedalar, repetiu para si mesmo. Pedalar sempre na bicicleta, para não cair.

— Se o senhor me permite dizer, a igreja também era o futuro das duas.

— Mas sobretudo o seu, Pencho. — Machuca dingulhe um olhar malicioso. — ... Você sacrificaria o projeto da igreja e a operação de Puerto Targa para recuperar sua mulher?

Gavira demorou a responder. Era esta a questão, e ele sabia melhor do que ninguém.

— Se eu perder esta oportunidade — disse, evasivo —, perco tudo.

— Tudo, não. Só seu prestígio. E meu apoio. Com calma, Gavira permitiu—se um sorriso:

— O senhor é um homem muito rígido, dom Octávio.

— É possível. — O velho olhava outra vez o emblema da Pena Bética. — Mas sou justo. a operação da igreja foi idéia sua, e seu casamento também. Muito embora eu tenha facilitado um pouco as coisas.

— Então eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. — Gavira pôs uma mão na mesa, depois a outra. — Por que não me ajuda agora, se gosta tanto de Macarena e da mãe dela?.

Bastaria uma pequena conversa para que fossem um pouco mais razoáveis.

Machuca virou—se bem lentamente para ele. Suas pálpebras estavam semicerradas até reduzir as pupilas a uma linha fina.

— Talvez sim, talvez não — disse, quando Gavira já quase não esperava resposta. — Mas nesse caso, teria dado na mesma se eu tivesse permitido que Macarena se casasse com um idiota qualquer. Veja se entende, Pencho é como quem tem um cavalo, um boxeador ou um bom galo de briga. Eu gosto mesmo é de ver você brigar.

Disse isso e, sem acrescentar mais nada, fez um sinal para o secretário. A audiência estava terminada, e Gavira se levantou abotoando o paletó.

— Sabe de uma coisa, dom Octávio? — Tinha posto os óculos escuros italianos e estava diante da mesa, controlado, impecável. — Às vezes o senhor dá a impressão de não desejar um resultado concreto... Como se, no fundo, tudo lhe fosse indiferente: Macarena, o banco, eu mesmo.

Do outro lado da rua, uma moça de saia bem curta e pernas compridas tinha saído com um balde e um esfregão para lavar em frente de uma loja de roupas. Pensativo, o velho Machuca observava os movimentos da moça. Por fim, muito tranqüilo, virou—se para Gavira:

— Pencho... Você nunca se perguntou por que venho aqui todos os dias?

Surpreso, a mão no bolso, Gavira fitava—o sem saber o que dizer. A pretexto de que dizia aquilo?, pensou. Maldito velho.

— Ora, dom Octávio... — murmurou, incomodado. Eu não pretendia... Quero dizer que...

Havia um brilho zombeteiro, seco, atrás das pálpebras semicerradas do banqueiro:

— Certa vez, faz muito tempo, eu estava sentado neste mesmo lugar e passou uma mulher. — Machuca voltou a olhar para a moça da loja, como se lhe atribuísse aquela lembrança. — Uma mulher muito bonita, dessas de cortar a respiração... Eu a vi passar e seu olhar encontrou o meu. Enquanto ia embora, pensei que devia me levantar, retê—la. Mas não o fiz. Pesaram mais as convenções sociais, o fato de ser conhecido em Sevilha... Não pude abordá—la, e ela foi embora. Eu me consolei dizendo que

tornaria a vê—la. Mas ela não passou mais por aqui. Nunca.

Contara aquilo sem sombra de emoção: o mero relato de um acontecimento objetivo. Cánovas se aproximava, a pasta debaixo do braço, e após uma seca inclinação de cabeça em atenção a Gavira, tomou posse da cadeira que este acabava de abandonar. Encostado no espaldar da sua, Machuca gratificou o vice—presidente do Cartujano com outro de seus frios sorrisos:

— Estou muito velho, Pencho. Na minha vida, ganhei umas batalhas e perdi outras. Agora, todas, até as que deveriam ser minhas, considero alheias. — Segurou nas mãos descarnadas como garras de ave de rapina o primeiro dos documentos que o secretário lhe apresentava. — Mais do que vontade de vencer, o que sinto é curiosidade.

Como quando alguém fecha um escorpião e uma aranha num vidro e fica vendo, entende?... Sem sentir simpatia por nenhum dos dois.

Concentrou—se nos documentos, e Gavira murmurou uma despedida antes de ir rua abaixo, em direção ao carro. Tinha uma profunda ruga vertical na testa, e as lajotas do chão pareciam mover—se sob seus pés. Peregil, que alisava com uma mão o cabelo sobre a calva, desviou o olhar ao vê—lo se aproximar.

Na esquina branca e ocre do Hospital de los Venerables, a luz do sol batia de volta como uma bola chutada com força. Do outro lado da rua, sob o cartaz que anunciava a tourada de domingo na Maestranza, dois turistas de pele branca agonizavam sentados a uma mesa, à beira da insolação aguda. Dentro do Bar Román, a salvo da intensa luz que refletia naquele forno de cal, almagre e ocre amarelo, Simeón Navajo descascou cuidadosamente um camarão e, com ele na mão, olhou para Quart:

— O Grupo de Delitos Informáticos não tem nada que lhe sirva. Nenhum antecedente. Nada.

Dito isso, comeu o camarão e despachou de um trago meia caneca de cerveja. Comia o tempo todo uns lanches suplementares, aperitivos, tira—gostos e petiscos, e Quart se perguntou, enquanto observava a figura miúda e magra do subcomissário, onde este enfiava aquilo tudo. Até o Magnum 357 avultava tanto em seu corpo que ele o levava numa bolsa a tiracolo; uma bolsa mourisca, de couro repuxado com franjas, que continuava com cheiro de mercado árabe e pele de camelo mal curtida. Com as grandes entradas dos cabelos, que usava compridos atrás e presos num rabicho, os óculos redondos de aço e a folgada camisa apache de flores que ostentava naquela manhã, a bolsa dava a Simeón Navajo um aspecto peculiar. Algo que contrastava com a alta, delgada e severa figura vestida de preto do sacerdote.

— Não existe em nossos arquivos nenhuma referência às pessoas que lhe interessam... Temos jovens estudantes que se divertem com travessuras informáticas, um monte de gente que comercializa cópias piratas de programas e um par de cidadãos de certo nível que, de vez em quando, passeiam por onde não devem. Um deles tentou, faz uns meses, entrar nas contas correntes do Banksur e fazer umas transferências para si mesmo. Mas do que o senhor procura, nem rasto.

Estavam de pé diante do balcão, sob uma sucessão de frios que pendiam do teto. O policial pegou no prato outro camarão cozido, arrancou—lhe a cabeça para chupá—la com leite, depois concentrou—se em descascar o resto com mão perita. Quart olhou para o copo embaçado da sua cerveja, quase intacto:

— Fez o contato que lhe pedi com as empresas comerciais e com a Telefônica?

— Fiz. — Navajo assentia de boca cheia. — Ninguém da lista delas adquiriu, pelo menos com nome

e número de identificação fiscal próprio, material informático avançado.

Quanto à Telefônica, o chefe de segurança é meu amigo. Segundo me conta, o seu Vésperas não é o único que se mete clandestinamente na rede para viajar no exterior, no Vaticano ou onde quer que seja. Todos os piratas fazem isso. Uns eles pegam, outros não. O seu parece esperto. Entra e sai da Internet e, ao que parece, usa um complicado sistema de laços, ou coisa do gênero, deixando atrás uns programas que apagam o rasto e deixam os sistemas de detecção completamente pirados. Comeu o camarão, terminando a cerveja, e pediu outra. Uma pata do bicho tinha ficado presa no bigode.

— É o que posso lhe contar. Quart sorriu para o policial.

— Não é grande coisa, mas agradeço.

— Não deve me agradecer nada. — Navajo já atacava o outro camarão, o montinho de cascas debaixo de seus pés crescia com rapidez vertiginosa. — Adoraria poder lhe dar uma mão de verdade, mas meus chefes deixaram muito claro: cooperação officiosa, a que for possível. Algo no plano pessoal, entre o senhor e mim. Em nome dos velhos tempos. Mas não querem se meter com igrejas, padres, Roma e tudo o mais. Seria outra coisa se alguém cometesse ou tivesse cometido um delito concreto, de minha competência.

Mas as duas mortes foram consideradas acidentes pelo juiz. . E que um hacker se dedique a encher o Papa daqui de Sevilha é coisa para que estamos pouco nos lixando.

— Chupou ruidosamente a cabeça do camarão, olhando para Quart por cima dos óculos.

— Se me permite a expressão.

O sol deslizava devagar sobre o Guadalquivir, sem um sopro de brisa, e na outra margem as palmeiras pareciam sentinelas imóveis montando guarda na Maestranza. O Potro do Mantelete era um perfil de estátua contra o reflexo do sol na janela, um cigarro na boca e tão quieto quanto o bronze de seu mestre, Juan Belmonte. Quanto a dom Ibrahim, sentado à mesa da sala, chegava—lhe da cozinha um aroma de ovos fritos com morcela, junto com a canção que a Nina Punales trauteava:

Por que acordo tremendo, agitada, e olho para a rua deserta e sem luz? Por que tenho o pressentimento de que vais me dar sentença de cruz?...

O ex—falso bacharel aprovou um par de vezes com a cabeça, movendo silenciosamente os lábios sob o bigode, para acompanhar a letra que a Nina ia desfiando baixinho, com sua voz rouca de aguardente, enquanto, escumadeira na mão e avental sobre o vestido de bolinhas, frigia os ovos com as beiradas bem tostadinhas, do jeito que dom Ibrahim gostava. Quando não se viravam beliscando nos bares de Triana, os três comparsas costumavam se reunir para comer alguma coisa em casa da Nina, um modesto segundo andar da Calle Betis, que, isso sim, tinha uma vista de Sevilha com o Arenal ao alcance de uma pedrada, e a Torre dei Oro, e a Giralda, que teria sido desejada por reis, milionários e artistas de cinema com toda a sua grana. Aquela janela para o Guadalquivir era o único patrimônio da Nina Punales; ela tinha comprado o apartamento muito tempo atrás, com os poucos ganhos que conseguiu reunir em sua passageira fama, e — dizia a modo de consolo — pelo menos isso não perdera com o resto. Vivia ali sem necessidade de pagar aluguel, com alguns móveis velhos, uma cama de latão reluzente, uma estampa da Virgem da Esperança, uma foto com dedicatória de Miguel de Molina, e uma cômoda onde se amarelavam as colchas, as toalhas e os lençóis bordados do enxoval intacto. Isso lhe permitia destinar seus escassos recursos a pagar pontualmente as cotas mensais de El Ocaso S.A., com as quais, fazia vinte

anos, custeava para si um humilde nicho e uma lápide no canto mais ensolarado do cemitério de San Fernando. Porque a Nina era friorenta como quê.

Olhaste para mim e um rio de coplas cantou por minhas veias teu amor verdadeiro.

Dom Ibrahim murmurou um olé sem se dar conta e continuou aplicado em sua tarefa. Pusera chapéu, paletó e bengala numa cadeira ao lado e ficara em mangas de camisa, com elásticos que as prendiam acima dos cotovelos. O suor punha manchas úmidas sob as roliças axilas e no colarinho desabotoado, onde afrouxara o nó de uma gravata de listras azuis e vermelhas que, afirmava, ganhara de presente daquele inglês alto, Graham Greene, em troca de um Novo Testamento e uma garrafa de Four Roses, quando ele esteve em Havana para escrever um romance de espionagem — gravata que, além do valor sentimental, era autêntica de Oxford. Ao contrário da Nina, nem dom Ibrahim nem o Potro do Mantelete tinham casa própria. O Potro sublocava ali perto uma casa flutuante, um barco de turistas meio abandonado, que um amigo do tempo das touradas e da Legião Estrangeira lhe deixara. Por sua vez, o gordo indiano era morador fixo de uma modesta pensão do Altozano os outros eram vim camelô de pentes para homens e uma mulher madura de beleza passada e profissão duvidosa, ou, antes, de forma alguma duvidosa — gerida pela viúva de um guarda civil morto pelo ETA no Norte.

Não estás vendo, não, que te querer como louca da alma até a boca me revira o coração .

Nem Concha Piquer, nem Pastora Império, nem ninguém no mundo! pensava dom Ibrahim ouvindo a Nina

finalizar com aquela têmpera assombrosa de fêmea flamenca, que toda aquela chusma de empresários e críticos, todos aqueles vagabundos vis haviam se empenhado em não reconhecer. Ouvi—la na Semana Santa, numa esquina qualquer, quando dava para cantar uma saeta à Senhora da Esperança ou a seu filho, o Menino de Triana, era uma coisa de fazer calarem—se os tambores e deixar a gente toda arrepiada. Porque a Nina Pinales era o cante jondo, era a copla, era a Espanha de quatro costados; não a do folclore barato e fácil para turistas e castiços fajutos, mas a outra, a Espanha de verdade. A lenda recendendo a fumaça de taberna, aos olhos verdes e ao suor do macho de toda a vida. A memória dramática de um povo que chorava as mágoas cantando e afugentava os demônios empunhando facas desesperadas, reluzentes como os raios de lua que iluminavam o Potro do Mantelete quando pulava de noite as cercas, nu para não rasgar a única camisa, seguro de que ia comer o mundo e forrar a vida com notas de mil, antes de os touros lhe deixarem a cicatriz no cangote e a derrota num canto dos olhos. Aquela mesma Espanha que havia tirado de cartaz a Nina Pinales, a melhor voz flamenca da Andaluzia e do século, sem nem sequer uma pensão de desemprego para ir vivendo a vida. A pátria distante com que dom Ibrahim sonhava em suas noites juvenis e caribenhas, para a qual havia pensado regressar um dia como os indianos de outrora, com um Cadillac conversível e um charuto, e que só lhe deu incompreensão, escárnio e vilipêndio com aquela desgraçada história do falso título de bacharel havanês. Mas até os filhos da puta devem alguma coisa às suas mães, raciocinava dom Ibrahim. E gostam delas. E aquela Espanha ingrata também tinha lugares como Sevilha, bairros como Triana, bares como a Casa Cuesta, corações fiéis como o Potro e vozes de bonita tragédia como a Nina. Uma voz para a qual, bastando que as coisas andassem um pouco bem, iam montar aquela casa poderosa, aquele Templo da Copla que nas noites de xerez, manzanilla fumaça de tabaco e conversa os três imaginavam formal, solene, com cadeiras de palhinha, garçons velhos e silenciosos — o impassível Potro ia ser chefe de sala —, garrafas nas mesas, um foco de luz sobre o tablado e uma guitarra tangendo compassos de verdade para a Nina Pinales, com sua voz rouca restituída ao público com ainda mais arte e sentimento. Uma casa que se reservaria o direito de selecionar a clientela, com entrada proibida para grupos de turistas e para os chatos de celular. E dom Ibrahim não esperava outro prêmio que sentar—se a uma mesa

escura, no fundo da sala, bebendo devagar um drinque com um Montecristo fumegante na mão e um nó na garganta ao ouvir a Nina Punales cantar. Isso, e que o caixa fosse bem.

Também não era que o cortês descartasse a valia.

Entornou um pouco mais de gasolina na garrafa, com muito cuidado para que não derramasse fora. Pusera folhas de jornal em cima da mesa para proteger o verniz e secava com um trapo as gotas de combustível que escorriam sobre o vidro estampado e a etiqueta de Anis dei Mono. A gasolina era sem chumbo, da melhor, 98 octanas, porque — observara a Nina muito apropriadamente — não iam incendiar com qualquer coisa uma igreja consagrada. De modo que mandaram o Potro com uma lata vazia de azeite Carbonell para trazer um litro do posto mais próximo. Com um litro vai pegar fogo, dissera muito sério dom Ibrahim, com a gravidade do especialista, adquirida — afirmava — certa vez em que Ernesto Che Guevara lhe explicou, enquanto tomavam mojitos em Santa Clara, como se fazia um coquetel molotov. Que era um invento russo de Karl Marx.

O líquido fez uma borbulha e caiu fora do gargalo. Dom Ibrahim enxugou—o com o pano empapado e pôs este no cinzeiro que havia em cima da mesa. A bomba incendiária estava destinada a funcionar com um mecanismo um tanto rudimentar mas eficiente, de cuja invenção dom Ibrahim sentia—se orgulhoso: um toco de vela fina, palitos de fósforo, um relógio despertador de corda, dois metros de barbante, uma garrafa que cai. E a ignição quando os três comparsas estivessem num bar à vista de todo o mundo, pois não esqueciam o detalhe de ter um álibi. A madeira dos bancos empilhados contra a parede e as velhas vigas do teto fariam o resto. Não era preciso que a destruição fosse total, precisara Peregil, ao lhes dar instruções para agilizar o assunto. Bastava arruinar aquilo um pouco; se bem que, se todo o edifício fosse para as picas, tanto melhor. Mas, acima de tudo — fitava—os inquieto, um por um —, que pareça um acidente.

Dom Ibrahim botou um pouco mais, e o cheiro da gasolina eclipsou por um momento o dos ovos fritos. Teria aceso um havana com prazer, mas não era brincadeira toda aquela gasolina e o trapo úmido no cinzeiro. A Nina Punales tinha se oposto em princípio com unhas e dentes, por causa do caráter de recinto sagrado; e só puderam convencê—la recordando—lhe a quantidade de missas que ia poder encomendar em outras igrejas para expiar o caso, com o dinheiro que ganhariam com aquilo tudo. Além do mais, segundo o velho princípio ad auctores redivit sceleris coacti tamarindus pulpa, isto é, pouco mais ou menos, eles três só executavam um delito alheio, e quem era a causa da causa — ou seja, Peregil, em última instância — era a causa do mal causado. Mesmo assim, e apesar de tão rigorosa formulação jurídica, a Nina continuava se negando a intervir no ato ignífero, assumindo na operação simples trabalhos de apoio, como era o caso dos ovos com morcela. Dom Ibrahim respeitava sua atitude, pois era homem partidário da livre consciência. Quanto ao Potro, era difícil penetrar o mecanismo de seus pensamentos. Isso no caso de seus pensamentos terem um mecanismo motor, e mesmo de ele ter pensamentos. O que fazia era limitar—se a assentir impassível ao cabo de um instante, fatalista e fiel, sempre à espera do gongo ou do clarim que o fizessem levantar—se do canto ou sair de trás da paliçada como um autômato.

Não fizera objeções quando dom Ibrahim explanou o incêndio da igreja. Coisa estranha: o Potro não era homem religioso, apesar de seu passado taurino todos os toureiros, pelo que dom Ibrahim sabia, acreditavam em Deus —, mas todas as Sextas—Feiras Santos vestia o velho costume azul—marinho de seu infeliz casamento, uma camisa branca sem gravata e abotoada até o pescoço, penteava—se com água—de—colônia e acompanhava a Nina entre luz de velas e rufar de tambores pelas ruas de Sevilha, detrás do trono da Esperança. Dom Ibrahim, a quem a formação livre—pensadora impedia tomasse parte em ritos obscurantistas, olhava—os passar atrás do manto da Virgem com os clarões da alvorada, de mantilha preta e rezando, a Nina Punales, silencioso e íntegro, dando—lhe o braço, o Potro do Mantelete.

Diante do duro perfil recortado na janela, dom Ibrahim sorriu para dentro, com paternal ternura. Estava orgulhoso da lealdade do Potro. Muitos poderosos da terra só obtinham lealdades pagando—as

com dinheiro. Mas um dia, quando as mulas já estivessem a ponto de arrastá—lo para o matadouro, como ao touro finda a lide, talvez alguém perguntasse a dom Ibrahim o que havia feito na vida que valesse a pena. E ele poderia responder, com a cabeça bem erguida, que o Potro do Mantelete tinha sido um amigo fiel e que tinha ouvido a Nina Punales cantar Capote de grana y oro.

— Está servido — disse a Nina, da porta da cozinha.

Enxugava as mãos no avental. Mantinha impecável o cacho negro sobre a testa, a pinta postiça e o batom vermelho—sangue na boca, mas a maquiagem dos olhos estava um pouco escorrida, porque estivera cortando cebolas para a salada. Dom Ibrahim verificou que ela olhava para a garrafa de Anis del Mono com ar crítico: continuava não aprovando aquilo.

— Não se fazem omeletes — observou, conciliador —, sem quebrar alguns ovos.

— Pois os que acabei de fritar estão esfriando retorqui a Niha, meio reticente.

Dom Ibrahim deixou escapar um suspiro de resignação enquanto vertia o último pingo de gasolina. Secou o restante com o trapo e voltou a deixá—lo, úmido, no cinzeiro.

Depois apoiou as mãos na mesa para começar a se levantar, com esforço.

— Tenha confiança, mulher. Tenha confiança.

— Não se toca fogo em igrejas — insistia a Nina, com o cenho franzido sob o cacho. — Isso é coisa de hereges e de comunistas.

O Potro do Mantelete, silencioso como sempre, tinha se retirado da janela e levava a mão à boca, onde trazia a guimba quase consumida de um cigarro. Tenho de lhe dizer que não se aproxime da gasolina, pensou fugazmente dom Ibrahim, ainda atento à Nina.

— Os caminhos de Deus são inescrutáveis — disse, só para dizer alguma coisa.

— Pois este caminho não é nada bom.

Doía a dom Ibrahim a incompreensão da Nina Punales. Ele não era um chefe que impunha decisões à tropa, mas que procurava explicá—las. Afinal de contas, eram sua tribo, seu clã. Sua família. Procurava um argumento para dar por encerrada a questão até depois dos ovos fritos, quando pelo rabo do olho viu que o Potro passava junto da mesa, a caminho da cozinha, e que com gesto instintivo aproximava a mão com a guimba para apagá—la no cinzeiro. Bem onde estava o pano úmido de gasolina.

Que besteira, pensou Como podia imaginar uma coisa daquelas Em todo o caso voltou—se um pouco, inquieto

— Escute, Potro — disse.

Mas o outro já tinha jogado a guimba no cinzeiro. Então dom Ibrahim procurou impedi—lo e

derrubou com o cotovelo a garrafa de Anis del Mono.

VIII. Uma dama andaluz a

— *Não sentes o cheiro dos jasmims?*

— *Quais se não ha jasmims.*

— *Os que aqui estavam antigamente.*

Antônio Burgos Sevilla

Se existe sangue azul, o de Mana Cru? Eugenia Bruner de Lebrrija y Alvarez de Córdoba, duquesa de Nuevo Extremo e doze vezes grande de Espanha, chegava a ser azul—marinho A mãe de Macarena Bruner teve antepassados no cerco de Granada e na conquista da America, e somente duas casas da velha aristocracia espanhola, Alba e Medina—Sidoma a superavam em tradição. No entanto, fazia muito que seus títulos estavam privados de conteúdo O tempo e a historia foram engolindo as terras e o patrimônio e a extensa relação que sua árvore genealógica e os quartéis de seus brasões cruzavam em todas as direções era uma enfiada de conchas vazias, como as que branqueavam lançadas pelo mar nas praias. A velha senhora que tomava pequenos goles de coca cola diante de Lorenzo Quart no pátio da Casa del Postigo faltavam um mês e sete dias para completar setenta anos. Seus antepassados tinham viajado de Sevilla a Cadiz sem sair das suas terras, o rei Afonso XIII e a rainha Vitória Eugênia a seguraram na pia batismal e o próprio general Franco, apesar de seu desdém pela antiga aristocracia espanhola, não pôde deixar de beijar—lhe a mão naquele mesmo pátio andaluz depois da guerra civil, inclinado muito a contragosto sobre o mosaico romano que ocupava o chão desde que fora trazido diretamente, quatro séculos atrás, das ruínas de Itália. Mas o tempo corre implacável, rezava a lenda do relógio inglês de parede que dava as horas e os quartos de hora na galeria de colunas e arcos mouriscos, decorada com tapetes das Alpujarras e contadores do século XVI, que a amizade familiar do banqueiro Octávio Machuca havia resgatado de um triste destino nas almoedas sevilhanas. Do antigo esplendor restavam o pátio cheio de aromas e vasos com gerânios, aspidistras e samambaias, a grade plateresca, o jardim, a sala de jantar de verão com bustos romanos de mármore, alguns móveis e quadros nas paredes. E, entre tudo isso, com uma criada, um jardineiro e uma cozinheira como únicos empregados numa casa onde cresceu, quando criança, entre uma vintena de serviçais, com o ar ausente de uma sombra tranqüila inclinada sobre sua memória, vivia a velha dama de cabelos brancos e colar de pérolas ao pescoço. A mesma que oferecia mais café a Quart, enquanto se abanava com um descorado leque, cuja folha fora pintada, com dedicatória pessoal, por Júlio Romero de Torres.

Quart serviu—se um pouco mais na xícara, levemente rachada, da Companhia das índias. Estava de camisa, pois a duquesa insistira tanto para que tirasse o paletó por causa do calor, que não teve outro remédio que obedecer, pendurando—a no encosto da cadeira. Uma camisa de manga curta, preta, de cabeça impecável, que deixava descobertos os antebraços bronzeados e fortes. Seus cabelos grisalhos cortados rentes e o aspecto esportivo e limpo lhe davam a aparência de um missionário, bem—apessoado, saudável, em contraste com o pequeno e duro padre Ferro, que ocupava a cadeira ao lado, metido em sua puída batina cheia de manchas. Em cima da mesinha baixa posta no pátio, junto do chafariz central, havia café, chocolate e uma insólita garrafa de coca—cola família. A velha duquesa, acabavam de ouvi—la dizer, não suportava latas. O sabor era diferente, metálico. Até as bolhinhas comichavam de forma diferente.

— Mais chocolate, padre Ferro?

O pároco assentiu brevemente, sem olhar para Quart, aproximando sua xícara para que Macarena Bruner a enchesse de novo ante o olhar aprovador da mãe. A duquesa parecia encantada com dois sacerdotes em casa. Fazia anos que o padre Ferro vinha pontualmente às cinco da tarde, salvo nas quartas—feiras, para rezar o rosário com a velha senhora e ser convidado depois para lanchar, no pátio com bom tempo, ou na sala de jantar de verão nos dias de chuva.

— Que sorte viver em Roma — comentava a duquesa entre um abrir e fechar de leque. — Tão perto de Sua Santidade.

Era extraordinariamente viva para sua idade. Tinha cabelos brancos com suaves reflexos azuis, e manchas de senilidade nas mãos, nos braços e na testa. Magra, miúda, de feições angulosas, sua pele era enrugada como passa. Uma fina linha de batom definia seus lábios quase inexistentes, e pendiam das orelhas brincos com pequenas pérolas, idênticas às do colar. Os olhos eram escuros como os da filha, mas o tempo os tornara úmidos, rodeados de olheiras avermelhadas. Continuavam sendo, todavia, decididos e inteligentes, com um brilho que freqüentemente se tornava opaco, como se recordações, pensamentos, velhas sensações, passassem diante deles escurecendo—os à maneira de uma nuvem que segue seu caminho. Tinha sido loura em sua infância e em sua juventude — Quart pôde verificá—lo num quadro de Zuloaga pendurado no pequeno salão junto do vestibulo —, muito diferente em aspecto de sua filha, salvo a semelhança dos olhos. Os cabelos negros de Macarena vinham sem dúvida do marido, bonito cavalheiro numa foto emoldurada perto do Zuloaga. Moreno, de sorriso branco, o duque consorte ostentara um fino bigodinho, penteava—se para trás, com repartido bem alto, e usava um alfinete de segurança de ouro que prendia, sob a gravata, as pontas do colarinho. Se alguém pusesse num computador todos aqueles dados seguidos das palavras almofadinha andaluz, disse Quart a si mesmo, sairia aquela foto. Nesta altura já conhecia o bastante a história familiar de Macarena Bruner para saber que Rafael Guardiola Fernández—Garvey foi o homem mais atraente de Sevilla; e também cosmopolita, elegante, capaz de dilapidar em quinze anos de casamento os restos do já minguado patrimônio da mulher. Se Caiz Bruner era uma consequência da história, o duque consorte tinha sido consequência dos piores vícios da aristocracia sevillhana. Todos os negócios empreendidos terminavam em sonoras quebras, e somente a amizade do banqueiro Octávio Machuca, que sempre acudia, leal, para tirar as castanhas do fogo, evitou que o duque consorte de Nuevo Extremo desse com os costados no xadrez.

Acabou sem um tostão, arruinado por um derradeiro negócio de criação de cavalos, farras flamencas até a madrugada e uma saúde destroçada por litros de manzanilla, quarenta cigarros e três havanas diários. Pedindo aos gritos confissão, como nos filmes antigos e nas novelas românticas. Enterraram—no, confesso e sacramentado, com o uniforme de cavaleiro da Real Maestranza de Sevilla, penacho e sabre incluídos, e compareceu ao enterro, de luto e de gala, toda a alta sociedade local. A metade — precisara um maldoso cronista social — consistia em maridos corneados, desejosos de se certificarem de que ele efetivamente descansava em paz. A outra metade eram credores.

— Uma vez Sua Santidade me recebeu em audiência — disse a Quart a velha duquesa. — Também a Macarena, quando de seu casamento.

Inclinava um pouco a cabeça, evocadora, olhando para o estampado de seu vestido escuro como se entre as pequenas flores vermelhas e amarelas houvesse um rasto de tempos perdidos. Entre sua visita a Roma e a de sua filha transcorrera mais de um terço de século e vários papas; mas ela se referia a Sua Santidade como se sempre fosse o mesmo, e Quart disse consigo que, de certo modo, era este o enfoque lógico. Quando se chega aos setenta anos, algumas coisas mudam depressa demais ou não mudam em absoluto.

O padre Ferro continuava contemplando, arredio, o fundo de sua xícara de chocolate, e Macarena Bruner observava Quart. A filha da duquesa de Nuevo Extremo usava jeans e camisa xadrez azul, com os cabelos presos em rabo—de—cavalo, e estava sem maquiagem. Movia—se devagar, tranqüila e segura de si, com a xícara de chocolate do pároco ou a cafeteira nas mãos, atenta à sua mãe e aos convidados, sobretudo a Quart. Parecia divertir—se com a situação.

Cruz Bruner bebeu um golinho de coca—cola e sorriu afável, com o copo e o leque no regaço:
— O que achou de nossa igreja, padre?

Tinha voz firme apesar dos anos. Insolitamente firme e serena. Agora fitava—o à espera da resposta.

Sentindo também os olhos de Macarena Bruner, Quart sorriu ligeiramente, cortês.

— Intimista — respondeu, confiando em que aquilo não o comprometeria muito num ou noutro sentido. De soslaio advertia a presença escura, silenciosa; do padre Ferro. Estavam num terreno neutro, depois de trocar algumas fórmulas convencionais em presença da duquesa e de sua filha. O resto do tempo procuraram não se dirigir a palavra, mas Quart intuía que aquilo era apenas o prólogo de algo. De modo que se reservava para depois. Ninguém convida para o café um caçador de cabeleiras e sua presumida vítima sem ter algum propósito em mente.

— Não acha que seria uma pena perdê—la? — insistiu a duquesa.

Quart meneava a cabeça, tranqüilizador:

— Espero que isso nunca ocorra.

— Acreditávamos — disse Macarena Bruner, intencional que o senhor tivesse vindo a Sevilha para isso.

O colar de marfim se destacava entre a gola aberta da blusa, e Quart não pôde deixar de se perguntar se também naquela tarde escondia o isqueiro de plástico na alça do sutiã. Teria pago com prazer dois meses de Purgatório para ver a expressão do padre Ferro quando ela acendia um cigarro.

— Pois se enganam — replicou. — Estou aqui porque meus superiores querem ter uma idéia exata da situação. — Tomou outro gole de café e pôs cuidadosamente a xícara no pires, na mesinha marchetada. — Ninguém pretende desalojar o padre Ferro de sua paróquia.

O aludido endireitou—se em sua cadeira:

— Ninguém? — Sob os cabelos brancos cortados a tesouradas, sua cara cheia de cicatrizes se erguia para as galerias do segundo andar, como se a modo de resposta alguém estivesse a ponto de aparecer lá em cima. — Ocorrem—me vários nomes e entidades, assim, de repente. O arcebispo, por exemplo. O Banco Cartujano. O genro da senhora duquesa... — Os olhos escuros e desconfiados cravaram—se em Quart. — E não me diga que a defesa de uma igreja e de um padre tira agora o sono de Roma.

Conheço—os de sobra, diziam aqueles olhos. De modo que não me venham com histórias. Sentindo—se observado por Macarena Bruner, Quart fez um gesto conciliador.

— Roma se preocupa com qualquer igreja e com qualquer padre.

— Não me faça rir — disse o padre Ferro. E riu sem vontade.

Cruz Bruner tocou—lhe afetuosamente um braço com o leque.

— Tenho certeza de que o padre Quart não pretende fazer o senhor rir, dom Príamo. — Ela olhava para Quart pedindo—lhe que confirmasse suas palavras. — Parece um sacerdote muito íntegro, e creio

que sua missão é importante E já que se trata de informar, deveríamos cooperar com ele. — Dirigiu uma rápida olhada à filha antes de se abanar um pouco, com gesto cansado. — A verdade nunca faz mal a ninguém.

O pároco inclinava a cabeça teimosa, respeitoso e arredio ao mesmo tempo.

— Oxalá eu compartilhasse sua inocência, senhora. Bebeu um pouco de chocolate, e uma gota ficou suspensa nos reflexos brancos e acinzentados, mal barbeados, do queixo.

Enxugou—a com um lenço enorme, imundo, que tirou do bolso da batina. — Mas temo que, na Igreja como no resto do mundo, quase todas as verdades são mentira.

— Não diga isso — se escandalizava a duquesa, meio de brincadeira, meio a sério. — O senhor vai se condenar.

Fechava e abria o leque, agitando—o diante dos olhos E, então, pela primeira vez, Lorenzo Quart viu o padre Ferro sorrir de verdade Uma careta bonachona e cética, semelhante à de um urso adulto que seus filhotes aporrinham. Uma expressão que suavizava seu rosto talhado a buril, humanizando—o de modo inesperado: o da foto Polaroid que tinha em seu quarto de hotel, tirada naquele mesmo pátio. Por associação, Quart lembrou—se de monsenhor Spada, seu chefe no IOE. Arcebispo e pároco sorriam do mesmo modo, à maneira dos gladiadores veteranos para os quais a direção do polegar, para cima ou para baixo, era o de menos Perguntou—se se algum dia ele mesmo sorriria assim. Macarena Bruner ainda o fitava, e também ela parecia possuir o segredo daquele sorriso.

A duquesa observou a filha e, depois, Quart.

— Escute, padre — falou, após curta reflexão. — Essa igreja é importante para minha família... Não apenas pelo que significa, mas porque, como diz dom Príamo, uma igreja que se destrói é um pedaço de céu que desaparece. E não me interessa que o lugar para onde quero ir se reduza em extensão. — Levou aos lábios o copo de cocacola, semicerrando os olhos com prazer quando as borbulhas lhe fizeram cócegas no nariz. — Confio em nosso pároco para que me faça chegar lá num prazo razoável.

O padre Ferro assoava ruidosamente o nariz com o lenço.

— A senhora irá para lá. — Assoou de novo. — Tem minha palavra.

Meteu o lenço no bolso, olhando para Quart como se o desafiasse a desmentir sua faculdade de fazer aquele tipo de promessas. Cruz Bruner aplaudia com o leque contra a palma da mão, encantada.

— Está vendo? — disse a Quart. — Esta é a vantagem de convidar para o lanche um sacerdote, seis dias por semana... Conseguem—se certos privilégios. — Os olhos úmidos fitavam o padre Ferro agradecidos, graves e zombeteiros ao mesmo tempo. — Certas seguranças.

O pároco mexeu—se na cadeira, incomodado com o silêncio de Quart.

— Sem mim chegaria do mesmo modo — disse, insociável.

— Talvez sim, talvez não. Mas estou certa de que, se não me facilitarem a entrada, o senhor será capaz de armar um bom escândalo lá em cima. — A velha senhora espiou para o rosário de azeviche que estava na mesinha cheia de revistas e jornais, junto de um livro de orações, e suspirou esperançosa. — Na minha idade, isso tranqüiliza.

Do jardim próximo, do outro lado da grade aberta sob um dos arcos da galeria, chegava o canto dos melros.

Uma melodia suave, salpicada de tonalidades doces, que sempre terminava com dois trinados agudos. Maio era o mês do cio, explicou a duquesa, virada de lado para ouvir. Os melros costumavam pousar junto do muro que dava para um convento de clausura, e muitas vezes soavam juntos seu canto e o das freiras. Seu pai, o duque, vô de Macarena, passara os últimos anos da vida gravando o canto daquelas aves. As fitas e os discos andavam pela casa, em algum lugar. Às vezes, entre os passarinhos, podiam—se ouvir os passos do avô nas pedrinhas do jardim.

— Meu pai — acrescentou a velha duquesa — era um homem muito tradicional. Muito grão—senhor. Não lhe teria agradado ver em que termina o mundo que conheceu — Pela maneira como inclinava a cabeça ao dizê—lo, era evidente que a ela tampouco agradava. — ... Há um livro publicado antes da guerra civil, Os latifúndios da Espanha, que inclui minha família como uma das mais ricas da Andaluzia. Mas já então era apenas no papel.

O dinheiro mudou de mãos; as grandes propriedades são dos bancos e dos financistas, esses que têm sítios com cerca eletrificada, jipes de luxo e que compram todas as vinícolas de Jerez. Gente esperta, enriquecida em quatro dias, como pretende fazer meu genro.

—Mamãe.

A duquesa ergueu a mão em direção à filha.

— Deixe—me dizer o que eu quiser. Embora dom Príamo nunca tenha gostado de Pencho, eu sim. E VOCÊ ter se separado dele não muda as coisas. — Abanou—se de novo, com vigor insuspeitado numa anciã da sua idade.

— Mas reconheço que na questão da igreja não está se comportando como um cavalheiro. Macarena Bruner deu de ombros.

— Pencho nunca foi um cavalheiro. — Tinha pegado um torrão no açucareiro e o chupava, distraída. Quart ficou fitandoa até que, de repente, Macarena ergueu os olhos para ele, com o açúcar desfazenclo—se na boca. Nem pretende se fazer passar por tal.

— Claro que não. — A ironia sibilou de repente, inesperada, na boca da velha dama. — Seu pai, este sim, era um cavalheiro. Um cavalheiro andaluz.

Ficou pensativa, tocando com a ponta dos dedos a base de azulejos que rodeava o chafariz do pátio. Aqueles azulejos, explicou inesperadamente a Quart sem quê nem por quê, eram do século XVI e estavam colocados de acordo com as mais ortodoxas leis da heráldica: não encontraria em toda a casa uma só cor junto de outra cor, nem metal junto de metal. Nenhum vermelho e verde, ou prata e ouro, estavam postos

lado a lado, mas sim frente a frente.

— Um cavalheiro andaluz — repetiu, ao cabo de um instante de silêncio. E a linha de batom em seus lábios fenecidos e quase inexistentes se agitou um pouco, como um sorriso amargo que não tivesse chegado nunca a se concretizar em público.

Macarena Bruner meneava a cabeça como se o silêncio anterior tivesse sido destinado a ela:

— Para Pencho a igreja não significa nada. — Parecia dirigir—se mais a Quart do que à sua mãe. — Ela se traduz em metros quadrados de solo urbanizável. Não podemos exigir que compartilhe nossos pontos de vista.

A duquesa interveio de novo:

— É claro — afirmou. — Mas alguém da sua classe, talvez sim.

Sua filha não gostou nem um pouco daquilo. Agora fitava—a muito séria:

— Você se casou com alguém da sua classe.

— Tem razão. — A anciã tornava a esboçar um sorriso triste. — Pelo menos, homem por homem, seu marido o é da cabeça aos pés. Corajoso, com aquela insolência que só contar com as próprias forças proporciona... Dirigiu um rápido olhar ao pároco. — Agrade—nos ou não o que fizer com nossa igreja — Ainda não fez — replicou Macarena — E não fará, se eu puder evitar.

Cruz Bruner franziu um pouco mais os lábios:

— Pois você o está fazendo pagar bem caro, minha filha.

Entravam num terreno em que a velha dama parecia sentir—se constrangida, e a forma de se dirigir à filha mostrava uma discreta censura. Contemplou o vazio por cima do ombro de Quart, satisfeito por não ser o objeto daquele olhar.

— Não acabou de pagar — murmurou Macarena.

— De um modo ou de outro — opinou a mãe —, será sempre seu mando, quer você viva com ele, quer não. Não é verdade, dom Príamo? — De novo senhores de si, os olhos úmidos e zombeteiros pousaram em Quart. O padre não gosta do meu genro, mas sustenta o caráter indissolúvel do matrimônio. De qualquer matrimônio.

— É verdade. — O padre tinha deixado umas gotas de chocolate caírem na batina e as limpava com a mão, irritado. — O que um sacerdote ata na terra nem Deus pode desatar.

Que difícil, pensava Quart, traçar a linha objetiva entre orgulho e virtude. Entre verdade e erro. Decidido a manter—se à margem, contemplava sob seus sapatos o mosaico romano trazido de Itálica pelos antepassados de Macarena Bruner. Um barco e peixes em volta, e algo que parecia uma ilha com árvores e uma mulher à beira d'água com um cântaro, ou uma ânfora. Também havia um cachorro com a legenda Cave canem e uma mulher e um homem que se tocavam. Algumas pedrinhas incrustadas estavam soltas, e ele arrumou—as com o pé.

— E que diz disso tudo esse banqueiro, Octávio Machuca? — perguntou, e no mesmo instante viu se suavizar a expressão da duquesa.

— Octávio é um bom e velho amigo. O melhor que já tive.

— Está apaixonado pela duquesa — disse Macarena.

— Não diga tolices.

A velha senhora se abanava, olhando para a filha com desaprovação. Macarena insistiu, pondo—se a rir, e a duquesa viu—se forçada a admitir que Octávio Machuca a tinha cortejado outrora, recém—estabelecido em Sevilha, quando era solteira. Mas tal casamento era inimaginável na época. Depois ela se casou. O banqueiro nunca o fez, mas também nunca se insinuou na vida de Rafael Guardiola, que era seu amigo. Disse isso como se de algum modo o lamentasse, sem que Quart pudesse estabelecer se se referia a uma coisa ou à outra.

— Pediu que você se casasse com ele — observou Macarena.

— Isso foi mais tarde, quando já era viúva. Mas achei melhor deixar as coisas como estavam. Agora passeamos todas as quartas—feiras no parque. Somos velhos e bons amigos.

De que falam? — interessou—se Quart, sorrindo para temperar a indiscrição.

— De nada — respondeu a filha. — Já os espiei, eles se limitam a namorar em silêncio.

— Não lhe dê atenção. Apôio—me em seu braço e conversamos de nossas coisas. Do tempo que se foi. De quando era um jovem aventureiro, antes de assentar a cabeça.

— Dom Octávio recita para ela O trem expresso, de Campoamor.

Como você sabe?

— Ele me contou.

Cruz Bruner aprumou—se tocando o colar de pérolas, com um vestígio de antigo coquetismo:

— Sim, é verdade. Ele sabe que eu gosto muito. "Minha carta, que está feliz pois vai vos encontrar, contas vos prestará da minha lembrança. ." — Os versos ficaram suspensos num sorriso melancólico. — Também falamos de Macarena. Gosta dela como de uma filha e foi seu padrinho de casamento... Olhe a cara do padre Ferro. Octávio também não lhe agrada.

O pároco fez uma carranca, despeitado. Até parecia que ficava com ciúme daqueles passeios. As quartas—feiras eram os dias que a duquesa de Nuevo Extremo rezava o rosário sem ele, e também não o convidava para o lanche.

— Não me agrada nem deixa de agradecer, senhora observou, incomodado. — Mas considero censurável a atitude de dom Octávio Machuca no problema de Nossa Senhora das Lágrimas. Pencho Gavira é seu subordinado e ele poderia proibi—lo de levar adiante este sacrilégio. — O desagrado endurecia mais ainda seu rosto cheio de cicatrizes.

— Nisso ele não serviu direito a vocês duas.

— Octávio tem um senso da vida extraordinariamente prático — afirmou Cruz Bruner. — Pouco lhe importa a igreja. Respeita nossos vínculos sentimentais, mas também acha que meu genro tomou a decisão adequada. Ficou olhando para os escudos nobiliárquicos lavrados nos pendentos dos arcos do pátio. — O futuro de Macarena, dizia ele, não era manter—se boiando sobre os restos do naufrágio, mas embarcar num iate novinho em folha. E isso, meu genro é que poderia ter custeado.

— Em todo o caso — interveio a filha — é preciso dizer que dom Octávio não toma partido nem a favor nem contra. Permanece neutro.

Dom Príamo ergueu um dedo apocalíptico:

— Não conheço neutros quando a casa de Deus está envolvida.

— Por favor, padre. — Macarena sorria—lhe com doçura. — Tome a coisa com calma. E com um pouco mais de chocolate.

O padre recusou aquela terceira xícara com ar digno, para ficar fitando, zangado, a ponta de seus grossos sapatões por engraxar. Já sei quem ele me lembra, pensou Quart. Jock, o fox—terrier brigão e rabugento de A dama e o vagabundo, só que muito mais bravo. Olhou para a velha duquesa.

— A senhora se referiu antes a seu pai, o duque... Era irmão de Carlota Bruner?

A velha dama pareceu surpresa.

— Conhece a história? — Brincou um instante com as varetas do leque, depois olhou para a filha e, por fim, novamente para Quart. — Carlota era minha tia, irmã mais velha de meu pai. É um triste caso de família, como o senhor talvez saiba... Desde menina, Macarena foi obcecada por essa história. Passava o dia com o baú dela, lendo as desditosas cartas que nunca chegaram, experimentando velhos vestidos à janela a que, dizem, ela se punha.

Havia algo de novo no ar. O padre Ferro desviou o olhar, incomodado, como se estivesse longe de sentir—se à vontade naquele tema. Quanto a Macarena, parecia preocupada.

— O padre Quart — disse — tem um dos postais de Carlota.

— Impossível — objetou a duquesa. — Está dentro do baú, no pombal.

— Pois tem. Um em que se vê a igreja. Alguém o pôs em seu quarto, no hotel.

— Que tolice. Quem ia fazer uma coisa dessas? — A velha dama olhou para Quart brevemente, desconfiada.

— Ele o devolveu? — perguntou à filha.

Ela negou devagar com a cabeça

— Deixei—o ficar com ele. Por enquanto. A duquesa parecia perplexa:

— Não entendo. Só você e os empregados sobem no pombal.

— Pois é. — Macarena fitava o pároco. — E também dom Príamo :

O padre Ferro quase pulou da cadeira.

— Pelo amor de Deus, senhora! — Seu tom era ofendido, a meio caminho entre a indignação e o sobressalto — Não está insinuando que eu...

— Estava brincando, padre — disse Macarena, com uma expressão tão indefinível que Quart se perguntou se ela realmente tinha brincado ou não. — Em todo o caso, o postal chegou ao hotel Dona Maria. E isso é um mistério.

— O que é o pombal? — perguntou Quart.

— Não dá para ver daqui, só do jardim — explicou Cruz Bruner. — Chamamos assim a torre da casa, porque antigamente abrigava um pombal. Meu avô Luís, pai de Carlota, era astrônomo amador e instalou um observatório lá. Com o tempo, transformou—se no quarto em que minha pobre tia passou reclusa seus últimos anos...

Agora é dom Príamo que trabalha ali.

Quart encarou o pároco sem dissimular a surpresa.

Explicava—se agora os livros encontrados em sua residência.

— Não sabia que o senhor era astrônomo amador.

— Mas sou. — O pároco parecia incomodado. — E não há razão para que saiba, pois não é assunto seu, nem de Roma. A senhora duquesa tem a bondade de me permitir a utilização do observatório.

— É verdade — confirmou Cruz Bruner, satisfeita. — Todos os instrumentos são antiquados, mas o padre os mantém limpos, em uso. E me conta suas observações. Não tem material para descobertas, claro. Mas é agradável. — Bateu suavemente nas pernas com o leque, sorrindo. — Eu não tenho forças para subir, mas Macarena sim, às vezes vai lá.

Surpresa após surpresa, pensava Quart. Era um clube insólito, o do padre Ferro. O padre

indisciplinado e astrônomo.

— A senhora também não me contou seu interesse pela astronomia. — Tinha se voltado para os olhos escuros de Macarena, perguntando—se que outras surpresas encerravam.

— Interessa—me a paz — ela retorquiu, com simplicidade. — E lá em cima, perto das estrelas, há paz. O padre Ferro trabalha e me permite ficar ali, lendo ou espiando, sossegada.

Quart observou o céu acima de suas cabeças: um retângulo azul emoldurado pelos beirais do telhado do pátio andaluz. Havia uma só nuvem, ao longe. Era pequena, solitária e imóvel como o padre Ferro.

— Em outros tempos — disse — essa ciência era proibida aos clérigos. Excessivamente racional e, portanto, perigosa para a alma. — Agora sorria sinceramente ao velho sacerdote. — A Inquisição o teria encarcerado por isso.

O pároco baixou a cabeça. Mal—humorado. Duro.

— A Inquisição — murmurou — teria me encarcerado por um montão de coisas, além da astronomia.

— Mas já não fazem isso — disse Quart, que se lembrava do cardeal Iwazkiewicz.

— Não é por falta de vontade.

Pela primeira vez riram todos juntos, inclusive o próprio padre Ferro, a princípio a contragosto, depois do mesmo modo bonachão da vez anterior. Era como se, ao falar de astronomia, Quart tivesse se aproximado um pouco mais dele. Macarena percebia isso e parecia satisfeita, olhando alternadamente para um e para o outro. Seus olhos tinham de novo reflexos cor de mel, e parecia feliz, tendo recuperado aquele riso sonoro e franco, de rapaz.

Então sugeriu ao pároco que mostrasse o pombal a Quart.

O telescópio de latão reluzia junto dos arcos mouriscos abertos a modo de galeria nos quatro lados da torre, sobre os telhados de Santa Cruz. Na distância, entre antenas de televisão e bandos de pombos voando em todas as direções, podiam ver—se a Giralda, a Torre dei Oro e um trecho do Guadalquivir com os traços azuis dos jacarandás em flor de suas margens. O resto da paisagem diante da qual, um século atrás, Carlota Bruner languescera era ocupado agora por edifícios modernos de cimento, aço e vidro. Não havia nenhuma vela branca à vista, nem barcos balançando na corrente, e os quatro pináculos do Archivo de índias pareciam sentinelas esquecidas sobre o antigo Mercado que guardava o papel, o pó e a memória de um tempo morto.

— Magnífico lugar — disse Quart.

O padre Ferro não respondeu. Tinha tirado do bolso o lenço sujo e esfregava o tubo do telescópio, bafejando—o. O instrumento era um modelo azimutal de lentes, velhíssimo, de quase dois metros de comprimento, situado sobre um tripé de madeira. O comprido tubo de latão e todas as peças metálicas estavam lustradas com esmero e reluziam sob os raios do sol, que se ia lentamente para a outra margem, sobre Triana. Não havia muitas outras coisas interessantes no pombal: um par de velhas poltronas de

couro rachado pelo tempo, uma escrivaninha com várias gavetas, um abajur, uma gravura

da Sevilha de XVII na parede e alguns livros encadernados com pele: Tolstói, Dostoiévski, Quevedo, Heine, Galdós, Blasco Ibáñez, Valle—Inclán, e também tratados de cosmografia, mecânica celeste e astrofísica. Quart se aproximou para dar uma olhada: Ptolomeu, Porta, Afonso de Córdoba. Algumas edições eram antiquíssimas.

— Nunca poderia imaginar — comentou. — Refiro—me ao senhor e a isso tudo.

Seu tom era conciliador, não de todo privado de sinceridade. Havia alguma coisa em seu ponto de vista sobre o padre Ferro que mudava com rapidez nas últimas horas.

Por sua vez o pároco esfregava o telescópio como se dentro do tubo de latão estivesse um gênio adormecido ao qual coubessem todas as respostas. Ao cabo de um instante deu de ombros sob a batina tão puída e cheia de manchas que de preta parecia tornar—se cinza. Era um curioso contraste, considerou Quart: o pequeno e descuidado sacerdote e aquele instrumento que reluzia sob o cuidado minucioso de seu lenço.

— Gosto de observar o céu à noite — disse por fim. A senhora duquesa e sua filha me permitem vir algumas horas por dia, depois do jantar. Posso subir diretamente do pátio, sem incomodar ninguém.

Quart tocou a lombada de um dos livros. Delia celeste fisionomia, 1616. A seu lado havia umas Tabulae Astronomicae, de que nunca na vida tinha ouvido falar. Tosco cura rural, teria dito Sua Ilustríssima Aquilino Corvo. A lembrança o fez sorrir dentro de si, enquanto folheava as tábuas astronômicas.

— Quando tomou gosto por isto?

O padre Ferro, que já parecia satisfeito com o estado do telescópio, tinha guardado o lenço no bolso e, virado para Quart, observava seus gestos desconfiado. Ao cabo de um momento, tomou—lhe o livro das mãos para pô—lo de volta em seu lugar.

— Vivi muitos anos numa montanha. De noite, quando me sentava no pórtico da igreja, não havia outra distração além de olhar para o céu.

Calou—se de repente, bruscamente, como se tivesse dito mais do que as circunstâncias exigiam. Não era difícil imaginá—lo imóvel ao escurecer sob o pórtico de pedra de sua igreja rural, observando a abóbada celeste, ali onde nenhuma luz humana podia perturbar a harmonia das esferas girando no Universo. Quart pegou um volume dos Quadros de viagem de Heine e abriu—o ao acaso numa página marcada com uma fita vermelha:

A vida e o mundo são o sonho de um deus ébrio, que escapa silencioso do banquete divino e vai dormir numa estrela solitária, ignorando que cria o que sonha... E as imagens desse sonho se apresentam, ora com extravagância de cores destoantes, ora harmoniosas e razoáveis... A Ilíada, Platão, a batalha de Maratona, a Vênus de Médicis, o Munster de Estrasburgo, a Revolução francesa, Hegel, os navios a vapor são pensamentos desprendidos desse longo sono. Mas um dia o deus despertará, esfregando os olhos sonolentos, sorrirá e nosso mundo se desfará no nada sem nunca ter existido..

Havia uma leve e cálida brisa. Dos pátios e ruas que se estendiam a seus pés, entre os tetos de telhas pardas e os terraços, chegavam até o pombal sons amortecidos pela altura e pela distância. Atrás das janelas de um colegio próximo, um coro de vozes infantis recitava uma lição, um poema ou um canto. Quart apurou o ouvido: algo sobre ninhos e passarinhos. De repente parou a recitação e o coro explodiu em gritos e risadas. No lado dos Reales Alcázares, um relógio dava três badaladas.

Quinze para as seis.

— Por que as estrelas? — perguntou Quart, pondo o livro de Heine de volta em seu lugar.

O padre Ferro tinha tirado do bolso da batina uma caixa de metal estreita e abaulada, e dela um cigarro de fumo caporal, sem filtro, que pôs na boca depois de umedecer uma ponta com os lábios.

— São limpas — disse.

Acendia o cigarro com um fósforo no oco da mão, inclinando a cabeça de cabelos cortados a tesouradas, e esse gesto enrugava ainda mais a testa e o rosto talhado por velhas cicatrizes. A fumaça se foi pelos arcos da galeria enquanto o cheiro, acre e forte, chegava até Quart.

— Compreendo — disse este, e os olhos escuros do pároco se detiveram nele com uma centelha de interesse, ou de curiosidade, enquanto chegava à sua boca algo parecido com um sorriso que não chegou a se definir. Incomodado, sem saber se o lamentava ou o felicitava por isso, Quart entendeu que alguma coisa tinha mudado. O caráter neutro do pombal situado entre o céu e a terra dissipava um tanto a mútua desconfiança, como se à moda antiga ambos se refugiassem numa igreja. Por um instante sentiu o impulso de coleguismo que muitas vezes — não tantas vezes assim, em seu caso — se estabelecia entre um clérigo e outro. Soldados perdidos, solitários, reconhecendo—se na confusão de um campo de batalha hostil.

— Quanto tempo esteve lá em cima?

O pároco fitava—o com o cigarro consumindo—se na boca.

— Vinte e tantos longos anos — disse.

— Uma paróquia pequena, suponho.

— Muito pequena. Quarenta e dois habitantes, quando cheguei. Nenhum, quando fui embora: morriam ou partiam. Minha última fiel era octogenária, e não resistiu às neves do último inverno.

Uma pomba tinha pousado no parapeito da galeria e passeava para lá e para cá, perto do sacerdote. Este ficou olhando para ela como se esperasse uma mensagem e ela pudesse trazê—la atada a uma das patas. Mas quando alçou vôo com um bater de asas, o pároco manteve a vista fixa no mesmo ponto. Seus gestos desajeitados, seu desalinho continuavam fazendo Quart lembrar-se do velho e detestável padre de sua infância; mas agora era capaz de notar importantes diferenças. Acreditara que a rudeza do padre Ferro correspondia a um estado primitivo original, que ele se limitava a ser um desses apêndices marginais e miseráveis do ofício, obscuros eclesiásticos incapazes — como o distante sacerdote que ocupava a memória de Quart — de superar a própria mediocridade e ignorância. No entanto, o pombal revelava uma variedade clerical distinta: a regressão voluntária, a renúncia ao desempenho brilhante da

vocação ou da profissão eleita podiam se manifestar na forma de passo atrás dado em plena consciência. Saltava à vista que o padre Ferro fora algum dia — e de alguma forma continuava sendo, quase na clandestinidade — algo mais que um grosseiro cura rural, ou o pároco intratável e fechado que se entrincheirava no latim pré—conciliar para dizer a missa em Nossa Senhora das Lágrimas. Aquele não era um problema de cultura nem de idade, mas de atitudes. Para usar as referências de Quart: se se tratava de escolher seu campo, era evidente que dom Príamo Ferro tinha escolhido o dele. Havia um caderno aberto sobre a escrivãzinha, com desenhos, a lápis, de uma constelação. Quart pensou no sacerdote inclinado diante do telescópio, de noite, absorto no silêncio do firmamento que girava devagar no outro extremo da lente, enquanto Macarena Bruner lia Ana Karenina ou a Sonata a Kreutzer, sentada numa das velhas poltronas, com as mariposas noturnas esvoaçando à luz do abajur.

De repente sentiu um inquietante desejo de rir. Aquilo lhe produzia um ciúme terrível.

Quando ergueu a vista, encontrou o olhar reflexivo do padre Ferro, como se a expressão que tinha deixado transluzir lhe desse que pensar:

— Orion — disse, e Quart, desconcertado, levou alguns segundos para compreender que se referia ao esboço desenhado no caderno. — Nesta época do ano só se pode ver a estrela superior do ombro esquerdo do Caçador. Chama—se Betelgeuse e aparece por ali. — Assinalou um ponto do céu ainda azul, no horizonte. — Na direção oestenoeste.

Continuava com o cigarro na boca, e as brasas do péssimo fumo caíam sobre o peito da batina. Quart virou páginas cheias de anotações, desenhos e números. Só reconheceu a constelação de Leão, seu signo zodiacal, em cujo corpo de metal, segundo a lenda, ricocheteavam os dardos de Hércules.

— O senhor é dos que crêem que tudo está escrito nas estrelas? — perguntou.

O pároco fez uma careta azeda, nos antípodas de qualquer sorriso.

— Há três ou quatro séculos — respondeu —, essa classe de perguntas custavam a cabeça a um padre.

— Repito—lhe que venho em paz.

A outro cachorro este osso, diziam os olhos de Príamo Ferro. Agora ele ria em voz baixa, sarcástica. Uma espécie de chiado.

— O senhor está falando de astrologia — observou, por fim. — Meu interesse é astronomia. Espero que esta nuança conste de seu relatório a Roma.

Depois se calou, mas continuava encarando Quart com curiosidade, como se o avaliasse de novo, após uma infortunada primeira impressão.

— Ignoro onde estão escritas as coisas — acrescentou ao cabo de uma longa pausa. — Mas basta olhar para o senhor para compreender que não lemos o mesmo alfabeto.

— Esclareça—me por quê.

— Não há muito a esclarecer Creia ou não nela, o senhor serve a uma multinacional cujos estatutos se baseiam em toda essa demagogia que o humanismo cristão e a Ilustração nos enfiaram na cabeça: o homem evolui através do sofrimento rumo a estágios superiores, o gênero humano está destinado a se

reformular, a boa vontade concita a boa vontade... — Voltou—se para o janelão, com mais brasas caindo—lhe no plastrão — Ou que a Verdade com maiúscula existe, e basta a si mesma.

Quart meneava a cabeça.

— Não me conhece — protestou. — Não sabe nada de mim.

— Conheço os que o empregam, e isso me basta. Tinha—se virado para o telescópio, em busca de mais resíduos de poeira. Enfiou de novo as mãos nos bolsos da batina como para tirar o lenço, mas manteve—as ali.

— O que sabe o senhor — acrescentou — e o que sabem seus chefes de Roma, com sua mentalidade de funcionários?... O que sabem do amor ou do ódio, a não ser definições teológicas e sussurros de confessorário?.. Balançava um pouco sobre os pés, as mãos ainda nos bolsos. — Basta olhar para o senhor: seu modo de falar, ou de se movimentar, delata quem vai informar de pecados de omissão, não de pecados cometidos. O senhor pertence a esses pregadores de televisão, pastores de uma igreja sem alma, que falam dos fiéis com a linguagem que as televisões empregam para se referir ao público.

— Está enganado a meu respeito, padre. Meu trabalho...

Entre os dentes, o pároco deixou ouvir de novo o chiado semelhante a uma risada.

— Seu trabalho! — Voltara—se de repente para Quart. Agora vai querer me dizer que suja as mãos, não é? Apesar de andar sempre tão bem—arrumado e limpo. Mas estou certo de que não lhe faltam justificativas nem álibis. O senhor é moço, forte, com chefes que lhe dão cama e comida, pensam pelo senhor e lhe jogam ossos, para que roa. É um perfeito policial de uma corporação poderosa que diz servir a Deus. Com certeza não amou nunca uma mulher, não odiou um homem, não se compadeceu de um desgraçado. Não há pobres que o abençoem por seu pão, nem doentes por seu consolo, nem pecadores por sua esperança de salvação... O senhor faz o que lhe mandam, e nada mais.

— Eu cumpro as regras — disse Quart, e no mesmo instante se arrependeu de ter dito aquilo.

— Cumpre—as? — O pároco fitava—o com intensa ironia.

— Ainda bem. Isso quer dizer que vai salvar sua alma. Os que cumprem as regras sempre vão para o céu. — Torceu a boca, levando os dedos até a guimba, que terminou com uma derradeira tragada. — Para gozar a presença de Deus.

Atirou o toco de cigarro pela janela e ficou espiando—o cair.

— Eu me pergunto — Quart fitava—o com dureza — se o senhor ainda tem fé.

Em sua boca, aquilo parecia um paradoxo, e o próprio Quart tinha plena consciência de tal. Além do mais, sua missão não incluía essas perguntas, mais próprias dos cães negros do Santo Ofício. Como teria dito monsenhor Spada, no IOE não trabalhamos com as idéias dos outros, mas com seus fatos. Limitemo—nos a ser bons centuriões, deixando para Sua Eminência Jerzy Iwaszkiewicz a perigosa tarefa de revolver o coração humano.

Apesar disso tudo, Quart aguardou uma resposta durante o longo silêncio que veio depois. O pároco se movimentava devagar junto do telescópio, e o reflexo da silhueta negra deslizou ao longo do tubo de latão brunido.

— Ainda é advérbio de tempo.

Respondeu finalmente, ríspido, carrancudo, voltado para si mesmo, depois ficou um momento calado, refletindo sobre o tempo, ou sobre os advérbios. Parecia seguir o fio de um raciocínio secreto.

— Mas eu perdôo os pecados — acrescentou mais tarde, à moda de conclusão. — E ajudo a morrer em paz.

Dir—se—ia que aquilo explicava tudo, embora Quart estivesse longe de imaginar o quê. Sentiu a tentação de ser malévolo.

— Não é o senhor que perdoa — precisou, mordaz. Só Deus pode fazê—lo.

O pároco olhou para ele, surpreso com o ver ainda ali.

— Quando eu era um jovem sacerdote — disse de repente — li toda a filosofia da Antiguidade: de Sócrates a santo Agostinho. E esqueci toda ela, salvo um gosto agridoce de melancolia e desilusão. Agora, com sessenta e quatro anos, a única coisa que sei dos homens é que rememoram, têm medo e morrem.

Quart devia mostrar uma expressão singular, de surpresa e embaraço, pois o padre Ferro assentiu com os olhos negros e duros fixos nele, como se com esse gesto o convidasse a dar crédito a suas palavras. Depois voltou para o céu. A nuvem solitária — talvez já não fosse a mesma — tinha ido ao encontro do sol poente, e agora estendia um brilho avermelhado sobre as silhuetas dos edifícios distantes.

— Durante muito tempo — prosseguiu o pároco procurei—o lá em cima. Gostaria de ter trocado umas palavras com Ele, uma espécie de ajuste de contas, mano a mano. Vi sofrer e morrer muita gente... Esquecido por meu bispo e pelos que o cercavam, vivi numa solidão atroz, da qual saía para dizer missa todos os domingos numa igreja pequena e quase vazia, ou para caminhar

sob a neve e a chuva, chapinhando o barro, levando a extrema—unção a velhinhos que so esperavam minha chegada para morrer E por um quarto de século sentado a cabeceira de agonizantes que se agarravam as minhas mãos porque eu era seu único consolo, só falei numa direção. Nunca tive resposta.

Interrompeu—se, e parecia que ainda estivesse dando uma oportunidade para aquela resposta, mas so se ouviam os sons amortecidos pela distância e o arrulho dos pombos nos beirais da torre. Foi Quart que falou agora.

— Ou nascemos e morremos de acordo com um plano, ou nascemos e morremos por acidente.

A velha citação teológica não era uma afirmação nem uma resposta. Apenas um convite a continuar o raciocínio interrompido. Pela primeira vez, Quart compreendia o homem que estava diante de si, e viu que o outro percebia isso. Um brilho de reconhecimento suavizava o olhar do velho sacerdote — Como preservar então — prosseguiu o pároco — a mensagem da vida num mundo que leva o selo da morte? O homem se extingue, sabe que se extingue e que, ao contrário de reis, papas e generais, não ficara nenhuma memória dele. Tem de haver algo mais, dizem. Do contrário o Universo é uma piada de mau gosto, um caos desprovido de sentido. E a fé se transforma numa espécie de esperança. Um consolo. Talvez por isso nem sequer o Santo Padre creia em Deus.

Quart deixou escapar uma gargalhada que assustou os pombos.

— Por isso o senhor defende sua igreja com unhas e dentes?

— Claro. O padre Ferro franziu o cenho com mau humor. Que importa eu ter fé ou não. Os que vêm a mim, sim, têm. E isso justifica de sobra a existência de Nossa Senhora das Lágrimas. Note que não é por acaso


que se trata de uma igreja barroca: a arte da Contra forma, do não-pensar, deixem isso para os teólogos, contemplem as esculturas e os dourados, estes altares suntuosos, estas Paixões que, desde Aristóteles, são o recurso essencial para fascinar as massas. Aturdam—se com a glória de Deus. Uma análise excessiva rouba a esperança de vocês, destrói o conceito. Somente nós somos a terra firme que os põe a salvo da torrente tumultuosa.

A verdade mata antes da hora.

Quart ergueu a mão.

— Há uma objeção moral, padre. Isso se chama alienação. Formulada assim, sua igreja é a televisão do século XVII.

— E daí? — O pároco deu de ombros, com despeito. — Que mais foi a arte barroca, senão uma tentativa de roubar a audiência de Lutero, de Calvino?. Além do mais, diga—me onde estaria o papado moderno sem a televisão? A fé nua não se sustenta. As pessoas precisam de " símbolos com os quais se protejam, porque lá fora faz muito frio. Somos responsáveis por nossos últimos fiéis inocentes, aqueles que nos seguiram, crendo, como na Anábise, que os levávamos para o mar e para casa.

Pelo menos minhas velhas pedras, meu retábulo e meu  latim são mais dignos do que todas essas canções com alto—falantes, as telas gigantes e a santa missa convertida em espetáculo para massas aturdidas pela eletrônica.

Crêem que assim vão conservar a clientela, mas nos envilecem e se enganam. A batalha está perdida, e chega o tempo dos falsos profetas.

Fechou a boca e inclinou a cabeça, arredio, ao dar por encerrada a conversa. Depois foi se apoiar na Janela, olhando para o rio. Ao cabo de um instante, Quart, que não sabia o que fazer ou o que dizer, foi debruçar—se a seu lado no parapeito. Nunca tinham estado tão perto um do outro; a cabeça do pároco chegava—lhe à altura do ombro. Permaneceram assim um instante, sem dizer palavra, até muito depois dos relógios darem seis badaladas nas torres de Sevilha. A nuvem solitária tinha se desfeito e o sol descia no céu, que continuava dourando—se devagar, a oeste. Então dom Príamo Ferro falou novamente:

— Só sei de uma coisa: quando acabar a sedução também nós teremos acabado, porque a lógica e a razão significam o fim. Mas enquanto uma pobre mulher precisar se ajoelhar em busca de esperança ou consolo, minha pequena igreja deve manter—se de pé. — Tirou do bolso o lenço sujo e assoou ruidosamente. A luz poente realçava os pêlos brancos de seu queixo mal barbeado. — Com toda a nossa miserável condição nas costas, os padres como eu continuam sendo necessários... Somos a velha e remendada pele do tambor na qual ainda rufa a glória de Deus. E só um louco invejaria semelhante segredo. Nós conhecemos — agora o pároco torceu a fisionomia sob as cicatrizes, numa careta absorta e obscura — o anjo que tem a chave do abismo.

Digna de ser morena e sevilhana.

Campoamor (O trem expresso)

Os focos que iluminavam a catedral criavam um espaço irreal entre noite e luz. Desorientados pelo contraste, os pombos voavam em todas as direções, aparecendo de repente e desaparecendo depois na escuridão, entre a imensa e harmoniosa montanha de cúpulas, pináculos e arcobotantes em que campeava a torre da Giralda. Era quase fantástico, pensava Lorenzo Quart. Uma paisagem de fundo tão extraordinário como o das antigas superproduções de Hollywood na base de tela pintada e muito cartão—pedra.

A diferença consistia em que a Praça Virgen de los Reyes era autêntica, construída a força de tijolos e de séculos — a parte mais antiga data do século XII —, e não havia estúdio cinematográfico capaz de reproduzir seu aspecto impressionante, por mais dinheiro e mais talento que investissem na coisa. Aquele era um cenário único, irrepetível. Um cenário perfeito. Sobretudo quando Macarena Bruner deu por ele uns passos para se deter sob o enorme revérbero central da praça, e ficou ali, imóvel contra a claridade dourada da pedra e os projetores de luz. Alta e esbelta, o colar de marfim na pele morena do pescoço, os cabelos presos num rabo—de—cavalo. Os olhos negros, tranqüilos, parados em Quart.

— Não há lugares assim — disse.

Era verdade, e o homem de Roma percebia até que ponto a presença daquela mulher acentuava o fascínio do lugar. A filha da duquesa de Nuevo Extremo vestia—se como naquela tarde no pátio da Casa del Postigo. Agora usava um casaco leve jogado nos ombros, e na mão uma bolsa de couro parecida com uma mochila de caça. Tinham ido até ali caminhando quase em silêncio, depois de Quart deixar o padre Ferro no observatório e se despedir da duquesa. Volte a nos visitar, dissera a velha senhora, encantada, e lhe ofereceu como recordação um pequeno azulejo procedente da antiga decoração da casa: um pássaro que os alarifes mouros haviam incluído no revestimento do pátio e que, caído da parede com os bombardeios de 1843, estava há um século e meio entre várias dúzias de peças quebradas ou defeituosas, num sótão perto das antigas cavaliças. Depois, quando Quart saiu à rua com seu azulejo no bolso, Macarena reteve—o junto do portão de entrada. A sugestão de um passeio antes de beliscar alguma coisa como jantar nas tascas de Santa Cruz viera dela. Se não tiver outro compromisso, acrescentou observando—o do fundo de seus olhos escuros e serenos.

Um bispo, ou coisa assim. Quart tinha se posto a rir, abotoando o paletó, e de novo ela observou as mãos dele, depois a boca e outra vez as mãos, até que também se pôs a rir com aquele riso seu, tão franco e sonoro como o de um rapazola. E ali estavam os dois, na Praça Virgen de los Reyes, com a catedral iluminada ao fundo e os pombos voando em cima, desorientados entre a luz e a noite. E Macarena continuava olhando para Quart, que olhava para ela. E nada disso tudo, pensava ele com a calma lúcida que costumava reservar—se naquele tipo de situações, contribuía para a saudável tranqüilidade de espírito que as sagradas ordenações recomendavam para a salvação eterna de um sacerdote.

— Quero agradecer—lhe — disse ela.

— Por quê

— Por dom Príamo.

Passaram mais pombos rumo à noite. Eles caminhavam agora para os Reales Alcázares e o arco aberto embaixo da muralha. Macarena virava—se para observar Quart, com um ligeiro sorriso que ia e vinha em sua boca de vez em quando.

— O senhor se aproximou dele o suficiente, parece—me — acrescentou — Talvez agora possa compreender.

Quart fez um gesto ambíguo. Podia compreender algumas coisas, disse. A atitude do pároco, ou sua intransigência com respeito à igreja e seu compromisso nela. Mas esta era apenas parte do problema. Sua missão em Sevilha consistia em produzir um relatório geral sobre a situação, que incluísse, se possível, a identidade de Vésperas.

E sobre o pirata informático, a investigação continuava sem nenhum resultado. O padre Óscar estava a ponto de ir embora sem que Quart estabelecesse sua possível relação com o caso. Também tinha de rever relatórios da polícia e os inquéritos do Arcebispado sobre as mortes na igreja. Além disso — tocou o paletó na altura do bolso interno, onde levava o cartão de Carlota Bruner — restava resolver o mistério do postal e da citação assinalada no Novo Testamento de seu quarto.

— Quem são os suspeitos? — perguntou ela. Estavam sob o arco da muralha, junto do pequeno altar barroco da Virgem encerrado em sua urna de vidro, e o riso de Quart arrancou ecos na abóbada. Uma gargalhada seca, privada de humor.

— Todos — respondeu, fixando a imagem como se hesitasse entre incluí—la ou não naquele todos. — Dom Príamo Ferro, o padre Óscar, sua amiga Gris Marsala... Inclusive a senhora mesma. Aqui todo o mundo é suspeito, por ação ou omissão. — Olhou à direita e à esquerda, quando saíram ao pátio de bandeiras dos Alcázares, como se esperasse encontrar algum deles ali, emboscado. — Tenho certeza de que se encobrem uns aos outros.

— Caminhou um pouco mais, parou brevemente e olhou de novo em torno. — Bastaria que qualquer um de vocês falasse com franqueza por trinta segundos para que minha investigação ficasse resolvida.

Macarena Bruner estava a seu lado, olhando—o fixamente, a bolsa de couro apertada contra o peito.

— É o que o senhor crê?

Quart aspirava o aroma das laranjeiras que enchiam o pátio.

— Tenho certeza — respondeu. — Certeza absoluta. Imagino que Vésperas é um de vocês, que mandou essa mensagem como sinal para atrair a atenção de Roma e ajudar o padre Ferro a conservar sua igreja... crê que um apelo ao Papa significa estabelecer a verdade e que esta resplandeça. Pois a verdade, diz a si mesmo nosso ingênuo pirata informático, não pode prejudicar uma causa justa. Então aterrisso em Sevilha, disposto a buscar o tipo de verdade que interessa a Roma e que talvez não coincida com a de vocês. Talvez por isso ninguém me ajude, mas ponham mistério sobre mistério, inclusive a adivinha do postal.

Caminharam de novo, cruzando a praça. Às vezes seus passos os aproximavam, e Quart podia sentir seu perfume: próximo do jasmim, com fragrâncias de flor de laranjeira.

Macarena Bruner tinha o cheiro daquela cidade.

— Talvez o objetivo não seja ajudar o senhor — disse ela, ao cabo de um momento —, mas ajudar outros.

Talvez tudo seja para fazê—lo compreender o que está acontecendo.

— Está bem: eu posso entender a atitude do padre Ferro. Mas minha compreensão não lhes serve para nada. Mandaram sua mensagem à espera de um bom clérigo cheio de amor e compreensão, e o que lhes mandam é um soldado com a espada de Josué. — Meneou um pouco a cabeça, com mau humor. — Porque eu sou um soldado, como esse sir Marhalt que tanto apreciava quando mocinha. Só informo de fatos e procuro responsáveis. A compreensão e as soluções, se houver, cabem a outros.

— Fez uma pausa, antes de acrescentar um débil , sorriso. — Não adianta nada seduzir o mensageiro.

Tinham chegado à passagem que comunicava o pátio de bandeiras com o bairro Santa Cruz Sob a luz da virada, suas sombras deslizaram juntas pelas paredes caiadas.

Aquilo criava uma estranha sensação de intimidade, e Quart sentiu alívio quando saíram de novo do outro lado, para a noite aberta.

— É o que acha — perguntou Macarena Bruner. — Que pretendo seduzi—lo?

Quart não respondeu. Continuaram caminhando em silêncio ao longo da muralha, depois por uma das ruas estreitas que entravam no bairro judeu.

— Sir Marhalt também tomava partido pelas causas justas — disse ela, ao cabo de uns instantes.

— Eram outros tempos. Além do mais, seu sir Marhalt foi inventado por John Steinbeck. Agora já não há causas à justas. Nem mesmo a minha o é. — Ficou um instante em 1 suspenso, como se meditasse sobre a verdade daquilo. Mas é a minha.

— Esqueça o padre Ferro.

— Isso não é uma causa justa. É um recurso pessoal. Cada um se vira como pode.

Quart caminhava olhando para a frente, mas pôde perceber que ela fazia um movimento de impaciência:

— Faça—me o favor! Vi Casablanca umas vinte vezes. E isso era só o que me faltava Um padre bancando o herói desenganado. — Tinha se adiantado um pouco e, agora, virava—se para ele, despeitosa e mal—humorada. Bancando Humphrey Bogart.

— Nada disso. Eu sou mais alto que ele. E a senhora se engana. Não viu nada, nem sabe nada de mim. — Sentia o desejo de pegá—la pelo braço e retê—la enquanto falava, mas conteve—se. Ela continuava caminhando um pouco adiante e olhava de novo para a frente, como se se negasse a escutar. — Não sabe por que sou padre, nem por que estou aqui, nem o que fiz para estar aqui. Não sabe quantos Príamos Ferro conheci em minha vida, nem o que fiz com eles quando recebi as ordens apropriadas.

Disse aquilo com um amargor que caiu no vazio; Macarena Bruner não podia saber. Viu—a girar cento e oitenta graus sobre seus sapatos:

— Parece lamentar não ter uma cabeça a mandar a Roma pelo próximo correio. — Encarava—o, o corpo um pouco inclinado para a frente. — Acreditou que tudo seria fácil, não é?... Mas eu estava certa de que as coisas mudariam quando conhecesse de perto a vítima.

— Está enganada — negou Quart sustentando o olhar.

— Não muda nada, pelo menos sob o aspecto formal, o fato de eu conhecer melhor o padre Ferro.

— E sobre os outros? — Ela tocava a testa com um dedo. — Suas idéias.

— Os outros são problema meu. E numa coisa a senhora se engana. Conheci de perto muitas das minhas vítimas, como diz. E isso tampouco mudou alguma coisa.

Ouviu—a suspirar, despeitosa:

— Suponho que não. Suponho que por conta disso lhe compram roupa sob medida em bons alfaiates, por conta disso usa sapatos caros, cartões de crédito e um esplêndido relógio no pulso. — Fitava—o de cima a baixo, provocadora e insolente. — Devem ser estas suas trinta moedas.

Agressiva demais. Desdém demais em suas palavras para que tudo aquilo lhe fosse indiferente, de modo que Quart começou a se perguntar desesperadamente até onde pretendia chegar. Estavam parados um diante do outro, numa das ruas estreitas com lampiões de ferro cujos balcões carregados de floreiras quase se tocavam lado a lado, sobre suas cabeças.

— Alegra—me que assim suponha, porque é isso mesmo. — Quart pegou entre dois dedos a lapela do pale tó, mostrando—o. — Esta roupa, estes sapatos, estes cartões de crédito e este relógio são muito úteis quando se trata de impressionar um general sérvio ou um diplomata americano... Há padres operários, padres casados, padres que dizem a missa das oito e padres como eu. E não seria capaz de lhe dizer quem torna possível que continue existindo quem. — Esboçou um sorriso amargo, mas seu pensamento já havia voado para longe das palavras que pronunciava; Macarena Bruner continuava perto demais, naquela rua estreita demais. — Mas numa coisa seu padre Ferro e eu coincidimos ninguém tem ilusões quanto ao ofício.

Depois ficou calado, porque de repente teve medo da necessidade de se justificar diante dela. Achavam—se sozinhos na rua, à luz de um poste distante, e ela estava linda fitando—o em silêncio, com a boca entreaberta mostrando a ponta dos incisivos alvos. Respirava devagar, com a serenidade da mulher bonita que tem plena consciência de sê—lo. Sua expressão já não era de desprezo, como se este

tivesse esgotado nas próprias palavras, e Quart sentia um medo masculino e real, físico, muito parecido com a vertigem. Tanto que precisou conter—se para não dar um passo atrás que o teria deixado encostado na parede:

— Por que não me conta o que sabe?

Viu que ela o fitava como se tivesse esperado dele outras palavras, outro gesto. Os olhos da mulher, até então fixos nos dele, deslizaram por seu rosto e pelo cabeção da camisa negra.

— Apesar de o senhor não acreditar, sei muito pouco — respondeu, após um silêncio que se fez extraordinariamente longo. — Posso adivinhar coisas, talvez. Mas não sou eu que vou contá—las. Faça seu trabalho enquanto os outros fazem o deles.

Disse isso e ficou outra vez calada e imóvel, esperando para averiguar o que Quart tinha para responder àquilo. Mas ele não disse nada, simplesmente pôs—se a andar pela rua estreita; e ela permaneceu em silêncio, apertando a bolsa de couro contra o peito.

No Las Teresas havia presuntos pendurados entre garrafas de La Guita, velhos cartazes da Semana Santa e da Feira de Abril, fotos de toureiros esguios e sérios mortos tempos atrás, com a tinta de suas dedicatórias amarelando atrás do vidro das molduras. Os garçons anotavam os preços das consumações no balcão de madeira, enquanto Pepe, o taberneiro, cortava fatias finas de Jabugo com uma faca comprida e afiada como navalha: Como me alegra, priminho irmão, como me alegra, comer presunto serrano de pata preta.

Cantava entre os dentes, por sevillanas. Chamara de dona Macarena a acompanhante de Quart e pôs diante deles, sem que nenhum dos dois tivesse ocasião de pedir o que fosse, porções de lombinho com tomate, puntilhas

fritas, cana de lomo, champignons na chapa e dois copos esbeltos, de pé comprido, dois terços cheios de cheirosa e dourada manzanilla. Perto da porta, apoiado no balcão junto de Quart, um cidadão com jeito de habitue e cara avermelhada tomava conscienciosamente um copo de vinho tinto atrás do outro; de vez em quando Pepe interrompia a copla e, sem desviar sua atenção das fatias de presunto, dirigia—lhe algumas palavras sobre uma partida de futebol que estava a ponto de ser jogada entre o Sevilla e o Betis.

— Apoteótico — precisava o sujeito de cara corada, com obstinação alcoólica e, enquanto Pepe assentia com a cabeça, retomando a copla, o outro tornava a meter o nariz no copo de vinho. Pelo bolso superior de seu paletó surgia a cabeça de um pequeno camundongo cinzento, de verdade, a que de vez em quando oferecia umas migalhas de queijo do prato que estava a seu lado, no balcão. O roedor devorava o queijo com diligência, e ninguém parecia minimamente surpreso.

Macarena tomava a manzanilla em pequenos goles. Apoiava um cotovelo no balcão, tão segura de si como se estivesse na Casa del Postigo. Na realidade, Quart pôde apreciar, movimentava—se por toda Santa Cruz como se fossem cômodos de sua casa; e de certo modo eram mesmo, ou tinham sido durante séculos. Saltava aos olhos que cada canto estava inscrito em sua memória genética, em seu instinto de território. Quart confirmou a impressão — e isso não tranquilizava o agente do IOE de que lhe era difícil conceber aquele bairro e a cidade sem a presença daquela mulher e sem o que ela significava. Cabelos

negros presos na nuca, dentes alvos, olhos escuros. De novo se lembrou das pinturas de Romero de Torres, do edifício da Tabacalera, agora transformado em Universidade. Cármen, a charuteira, e as folhas de fumo úmido enrolando—se na palma da mão, contra a face interna de uma coxa de mulher de pele morena. Ergueu os olhos e encontrou os dela fixos nos seus. Outra vez reflexos de mel, reflexivos. Tranqüilos.

— Gosta de Sevilha? — indagou de repente Macarena.

— Muito — respondeu perturbado, perguntando—se se ela penetrava seus sentimentos.

— É um lugar especial. — Continuava olhando para ele sem deixar de beliscar as porções; agora dava conta de um champignon na chapa. — Aqui o passado convive sem problemas com o presente. Gris fala que nós, sevilhanos, somos velhos e sábios. Tudo se pode aceitar, tudo é possível. — Olhou brevemente para o vizinho de cara corada e sorriu: — ... Até compartilhar seu queijo com um camundongo no balcão de um bar.

— Sua amiga é perita em informática? Fitou—o com estranheza. Quase pasma.

— Não se dá por vencido, não é? — Espetou outro champignon com um palito e levou—o à boca. — O senhor é um homem de idéias fixas. Por que não pergunta a ela?

— Já perguntei. E saiu—se com evasivas, como todo o mundo.

Olhava para a porta, por cima do ombro da mulher, e viu entrar um homem gordo, cinquentão e vestido de branco, que por um instante não lhe pareceu completamente desconhecido. O gordo tirou o chapéu ao passar junto deles, correu os olhos pela sala como se procurasse inutilmente alguém, consultou o relógio que tirou de um bolso do colete e foi desaparecer pela outra porta, balançando uma bengala com castão de prata. Quart notou que tinha a bochecha esquerda avermelhada, coberta com creme e pomada, e um curioso bigode curto e encolhido, como se acabassem de chamuscá—lo.

— E quanto ao postal? — perguntou a Macarena, continuando a conversa. — ... Gris Marsala tem acesso ao baú de sua tia—avó Carlota?

Viu—a sorrir um pouco, achando graça de suas idéias fixas.

Uma ou outra vez passou por perto, se é disso que está falando Mas também podia ter sido depois. Talvez o padre Óscar ou eu mesma. Ou minha mãe... Já pensou, a duquesa com suas coca—colas e um boné de beisebol posto ao contrário, driblando os códigos de segurança do Vaticano a horas tantas da madrugada?.. Espetou com um palito um pedaço de lombinho com tomate e ofereceu—o a Quart. — Temo que sua investigação possa beirar o grotesco.

Quart pegou uma ponta do palito e seus dedos roçaram os de Macarena.

— Gostaria de dar uma olhada nesse baú. Levou o petisco à boca enquanto ela o fitava:

— O senhor e eu, a sós? — sorria. — É uma idéia um tanto atrevida, embora eu tema que a finalidade

seja verificar se tenho o computador pirata. — Pepe tinha posto em cima do balcão o prato de presunto e ela fitava as fatias avermelhadas com seus veios de cheiroso toicinho, distraída. — Por que não Poderei contar a minhas amigas e imagino só a cara que o arcebispo vai fazer quando souber — Inclinou a cabeça, pensativa. — Ou meu marido.

Quart olhava para os aros de prata nos lobos de suas orelhas, sob os cabelos lisos penteados para trás, presos no rabo—de—cavalo.

— Não gostaria de causar—lhe mais problemas. Ela pôs—se a rir de repente.

— Problemas?... Espero que Pencho rebente de raiva e ciúme. Se, além de a igreja aborrecê—lo lhe contarem que há um sacerdote interessante envolvido, pode ficar louco — observou a Quart, atenta. — E perigoso.

— A senhora me inquieta. — Quart terminava sua taça de manzanilla, e era evidente que não se sentia nem um pouco inquieto.

Macarena refletia:

— Como quer que seja — disse — ver o baú de Carlota é uma boa idéia. Vai compreender melhor o que significa Nossa Senhora das Lágrimas.

— Sua amiga Gris — Quart provou uma fatia de presunto — se queixa da falta de dinheiro para continuar as obras...

— É verdade. A duquesa e eu temos o justo necessário para viver, e a paróquia está arruinada. O soldo de dom Príamo é pequeno, e a coleta dominical não paga nem a cera que as velas consomem. As vezes nos sentimos como esses exploradores dos filmes, com a sombra dos abutres planando sobre nossas cabeças... Nas quintas—feiras, principalmente, se produz um espetáculo curioso.

Então detalhou a Quart, diante de um par de novas manzanillas, que Nossa Senhora das Lágrimas era intocável enquanto lá se dissesse missa pela alma de seu antepassado Gaspar Bruner de Lebrija, todas as quintas — dia de seu falecimento, no ano de 1709 — às oito da manhã. Por isso, todas as quintas podia se ver na última fila dos bancos um enviado do arcebispo e um notário pago por Pencho Gavira, ambos à espreita de uma irregularidade ou de um descuido.

Quart não podia acreditar naquilo, e ambos riram juntos. Mas o riso de Macarena se extinguiu antes do seu:

— Parece infantil, não? — Ficara repentinamente séria.

— Que tudo dependa dessa estupidez. — Ergueu a taça para levá—la aos lábios, mas interrompeu o gesto no meio do caminho, deixando—a de novo no balcão. Qualquer outro sacerdote que não dissesse a missa ou não observasse a fórmula condenaria a igreja à picareta; e tanto o arcebispo de Sevilha como o Banco Cartujano ganhariam a partida... Por isso tenho medo de que, afastado o padre Óscar, tentem alguma coisa contra dom Príamo.

Fitava Quart com uma inquietude aparentemente sincera. Este não sabia o que pensar.

— Isto é uma barbaridade — argumentou por fim. Monsenhor Corvo não me é simpático, mas tenho certeza de que nunca toleraria...

Ela ergueu a mão de maneira impensada, quase colocando—a sobre os lábios dele. Quart estranhou não sentir o contato. Macarena deve ter interpretado seu olhar, pois retirou a mão deixando—a em cima do balcão.

— Não estou falando do arcebispo.

Ela brincava com o pé da taça de Quart. Você está me enrolando, disse de repente ele consigo mesmo.

Ignorava se ela fazia aquilo por conta própria ou alheia, se o objetivo consistia em seduzir o mensageiro ou neutralizar o inimigo; mas o certo é que, a pretexto de fazer—lhe ver o outro lado da barricada, o que estava conseguindo entre uns e outros era que perdesse toda a perspectiva. Você precisa de alguma coisa em que possa se agarrar, pensou. Seu trabalho, sua investigação, a igreja, seja lá o que for. Dados e fatos, mesmo que não sirvam para outra coisa. Perguntas e respostas, cabeça tranqüila. Serenidade como a que ela tem e esbanja a todo instante, mulher instrumento do Maligno, farol de perdição, inimiga do gênero humano e da alma imortal. Mantenha a distância ou está frito, Lorenzo Quart.

Como era mesmo que o monsenhor Spada dizia?... Se um clérigo conseguia manter o dinheiro longe do bolso e as pernas fora da cama de uma mulher, tinha muitas possibilidades de salvar a alma. Ou algo assim.

— Voltando à questão do dinheiro — falou. Tinha de falar, fazer perguntas, mesmo se inúteis. Estava ali para investigar, não para que a Cármen da Fábrica de Charutos lhe pusesse os dedos nos lábios. — Pensaram em vender os quadros que há na sacristia para prosseguir as obras de restauração?

— Aquelas telas não valem nada. Nem mesmo o Murillo é um Murillo.

— E as pérolas?

Fitava—o como se acabasse de ouvir uma enorme besteira:

— O Vaticano também poderia vender sua pinacoteca e dar o dinheiro aos pobres — sugeriu.

Terminou sua taça antes de pegar a carteira na bolsa e pedir a conta. Quart insistia em pagar, mas ela não deixou. O taberneiro se desculpava com um sorriso. O senhor vai me perdoar, padre, dona Macarena é cliente, etcétera.

Saíram à rua, onde a luz de um poste projetou suas sombras alongadas. Nos trechos pouco iluminados a lua substituía os postes, branca e quase redonda entre as sombras dos beirais e dos balcões que se aproximavam sobre a cabeça deles. Ao cabo de um instante ela mencionou de novo as pérolas e, ao fazê—lo, parecia debochar de Quart.

— O senhor continua sem compreender — disse. — São as lágrimas de Carlota. O testamento do capitão Xaloc.

Nas ruas estreitas ressoava facilmente o eco dos passos, de modo que os três truões se mantinham a distância do par, revezando—se na primeira linha para não despertar suspeitas: às vezes dom Ibrahim com a Nina Punales, seguindo o Potro do Mantelete mais atrás, outras o Potro sozinho ou com a Nina pelo braço — o braço bom, porque o queimado estava na tipóia —, sempre em contato visual com o padre e a jovem duquesa. A tarefa não era nada fácil, pois o traçado de Santa Cruz era irregular, com muitas voltas, viradas e passagens sem saída. Numa ocasião os três comparsas tiveram de cair fora e retroceder a toda pressa, correndo na ponta dos pés entre as sombras, presas do pânico, quando Quart e Macarena chegaram a uma pracinha fechada e voltaram sobre seus passos, após ficar ali uns minutos, conversando.

Agora tudo corria bem. O casal caminhava por uma rua com curvas suaves e amplos portais por onde era fácil segui—lo sem muito risco. De modo que, mais relaxado, grossa mancha clara na penumbra, dom Ibrahim tirou um havana do bolso e colocou—o na boca, fazendo—o girar com volúpia entre os dedos. Oito ou dez pas sos adiante iam caminhando o Potro do Mantelete e a Nina Punales, controlando os movimentos do padre e às da jovem duquesa; e o ex—falso advogado sentiu uma onda de ternura ao observar seus compadres. Cumpriam seu dever conscienciosamente, atentos ao duplo objetivo que os precedia rua acima. Em lugares muito silenciosos a Nina tirava os sapatos de salto alto para não fazer barulho e ia descalça com aquela sua graça que os anos não tinham conseguido lhe tomar, apesar dos pesares, os pés nus e os sapatos na mão, junto da bolsa onde levava o trabalho de croché, a máquina fotográfica de Peregil e o inexistente recorte de jornal onde se contava que um homem de olhos verdes como o trigo verde tinha matado certa vez outro homem por seus amores. Eterna Nina com seu vestido de bolinhas, seu cabelo pintado, seu cachinho à Estrellita Castro e aquele ar de artista folclórica sempre a caminho de um tabloa já impossível. A seu lado, sério, masculino, o Potro lhe dava o braço bom com a deferência de quem sabe, ou intui, que esse gesto cortês, de homem respeitoso e íntegro, como sempre foram os homens que sabiam se vestir começando pelos pés, era a mais valiosa homenagem que uma mulher como a Nina podia receber neste mundo.

Com a bengala debaixo do braço, dom Ibrahim inclinou a cabeça para acender o charuto, ocultando a chama sob a aba ampla de seu panamá, e, ao guardar no bolso o amassado isqueiro de prata — desta vez

lembrança de Gabriel Garcia Marquez, que conheceu, dizia, quando o autor de O coronel Pãramo não tem quem o visite era um humilde repórter geral em Cartagena de Índias — apalçou os ingressos para a tourada de domingo, que o Potro do Mantelete comprara naquela mesma tarde. Nas horas livres, o ex—toureiro e boxeador ganhava a vida com as quadrilhas de jogadores de trile que se estabeleciam perto da ponte de Triana, cobrindo o artista manipulador dos três copinhos e da bolinha — a borrega, na linguagem do ofício — em cima da caixa de papelão: está aqui, não está aqui, vista e não vista, esta ganhou e esta perdeu, venha e aposte vinte e cinco paus, cavalheiro. Os ganchos em volta, fingindo que não paravam de ganhar, e um par de comparsas nas esquinas, para avisar se aparecesse la madera, isto é, la pasma. Com seu ar grave, formal, e o paletó xadrez apertado demais, o Potro inspirava confiança nas pessoas; assim, apesar de sua atuação como chamariz, ele e seus colegas tinham aliviado pela manhã um turista porto—riquenho de um bom maço de dólares. De modo que, para se fazer perdoar pela mancada do Anis dei Mono, o Potro arranjou três entradas na sombra para a tourada. Entradas em que investira, integralmente, seus lucros no trile, pois o programa era bárbaro: Curro Romero, Espartaco e Enrique Ponce — tinham tirado Curro Maestral de cartaz na última hora, sem explicações —, com seis touros de Cardenal y Murube, seis.

Dom Ibrahim soltou uma baforada, abrindo e fechando as mandíbulas para verificar o estado da pele cuidadosamente coberta de creme para queimaduras. Os pêlos do bigode e as sobrancelhas estavam chamuscados, mas não podia se queixar da sorte: estiveram a ponto de sofrer uma desgraça com a gasolina, mas tudo se limitou a queimaduras superficiais, à mesa tostada, a uma mancha de fumaça no teto e ao susto. Um susto e tanto, sobretudo quando viram o Potro correr em volta do quarto com o braço em chamas — o esquerdo por sorte era muito macho e fumava com a mão esquerda —, como naquele filme de Vincent Price, o dos crimes no museu de cera. Até que a Nina, com grande presença cie espírito e exclamando Virgem Santíssima, molhou, dom Ibrahim e ele, com um jorro do sifão que tinha na

cozinha, antes de jogar na mesa uma manta para apagar o fogo. Depois tudo foi fumaça, explicações, vizinhas apinhadas na porta e um mal—estar imenso quando chegaram os bombeiros e não tinha mais nada ali para apagar, salvo a acesa vergonha dos três comparsas. Por um acordo tácito nenhum deles nunca mais voltaria a se referir ao infausto acontecimento. Pois, como dom Ibrahim encerrou o assunto, erguendo academicamente um dedo enquanto a Nina voltava da farmácia com um tubo de pomada e gaze, a vida tem dolorosos capítulos que é preciso esquecer do a quem doer.

O padre e a jovem duquesa deviam ter parado para conversar, porque a Nina e o Potro estavam discretamente numa esquina, encostados na parede, dissimulando. Dom Ibrahim agradeceu a pausa — autopropulsar seus cento e dez quilos em longas caminhadas não era tarefa fácil — e contemplou a lua sobre os escuros limites da rua estreita, saboreando o aroma do charuto, cuja fumaça subia em espirais suaves, entre a cruz prateada que se espalhava sobre Santa Cruz quando os postes de iluminação estavam longe ou desapareciam numa virada. Nem mesmo o cheiro de urina e sujeira na proximidade de alguns bares, nas ruas mais escuras, conseguia vencer o aroma das laranjeiras, das damas—da—noite e das flores que assomavam aos balcões cobertos com persianas atrás das quais se ouvia, ao passar, música abafada, fragmentos de conversas, o diálogo de um filme ou os aplausos de um concurso de televisão. De uma casa próxima vinham os compassos de um bolero que recordaram a dom Ibrahim outras noites de lua cheia em outros tempos e outras ruas, e o indiano deixou—se embalar pela saudade de suas duas juventudes caribenhas: a real e a imaginada, que se misturavam na lembrança de noites elegantes nas praias quentes de San Juan, nos longos passeios por Havana Velha, nos aperitivos em Los Portales de Veracruz com mariachis que cantavam *Mujeres divinas*, de seu amigo Vicente, ou aquela Marta Bonita, cuja composição muito lhe devia. Ou talvez, disse para si mesmo com uma nova e longa chupada no havana, fosse somente saudade da juventude, pura e simplesmente. E dos sonhos que depois a vida se encarrega de ir nos arrancando aos pedacinhos.

Como quer que seja — meditou enquanto via o Potro e a Nina retomarem a marcha e os seguia —, sempre lhe restaria Sevilha, com alguns lugares que achava tão parecidos com os que marcaram os anos de suas recordações. Pois aquela cidade conservava nos cantos das ruas, nas cores e na luz, como nenhuma outra, o barulho do tempo que se extingue devagar, ou, antes, da própria pessoa se extinguindo com aquelas coisas do tempo em que se ancoram a própria vida e a memória.

Mas o ruim das longas agonias era que você se arrisca a perder a compostura. Dom Ibrahim deu outra chupada no charuto, enquanto meneava tristemente a cabeça: num portal, debaixo de jornais e papelões, dormia a sombra confusa de um mendigo; e adivinhou, mais do que viu, o pires vazio da esmola, ao lado dele. Instintivamente enfiou a mão no bolso, afastando os ingressos da tourada e o isqueiro de Garcia Marquez até encontrar uma moeda de cem pesetas que, inclinando—se com esforço sobre a barriga, pôs junto do corpo adormecido. Dez passos adiante lembrou—se que não lhe restavam moedas para telefonar a Peregil e considerou a possibilidade de voltar atrás e pegar de volta a moeda; mas se conteve, confiando em que o Potro e a Nina teriam uns trocados. Um gesto é uma profissão de fé. E aquilo não teria sido honroso.

O mundo é um lenço, mas depois daquela noite Celestino Peregil haveria de se perguntar muitas vezes se o encontro de seu chefe Pencho Gavira com a jovem duquesa e o padre de Roma foi casual, ou se ela quis passeá—lo de propósito bem debaixo do nariz dele, sabendo como sabia que àquela hora o marido, ex—mando ou o que tecnicamente fosse o ex—banqueiro àquela altura, sempre tomava um drinque no bar do Loco de la Colina. O caso é que Gavira estava sentado na calçada cheia de gente, com uma amiga, e Peregil dentro, no balcão perto da porta, servindo de guarda—costas. Seu chefe tinha pedido um malte escocês com muito gelo e saboreava o primeiro gole apreciando a acompanhante, uma atraente modelo sevilhana que, apesar de seu notório déficit intelectual, ou quem sabe precisamente graças a ele, começava a ser conhecida graças a uma breve frase de um anúncio do Canal Sur sobre certa marca de sutiã. A frase engenhosa era o busto é meu", e a modelo uma tal de Penélope Heidegger, que tinha motivos anatômicos poderosos para afirmar aquilo — a pronunciava com devastadora sensualidade. A tal ponto que, saltava à vista, Pencho Gavira se dispunha muito seriamente a compartilhar durante as próximas horas, e não pela primeira vez, a propriedade titular do busto em questão. Uma forma como outra qualquer, pensava Peregil, de se esquecer um pouco do Banco Cartujano, da igreja e de toda aquela trapalhada que os estava levando pela rua da amargura.

O capanga arrumou os cabelos sobre o crânio com a palma da mão e olhou em torno. De seu posto junto do balcão e da porta podia ver a Calle Placentines até a esquina, inclusive a generosa porção de coxas da tal Penélope que sua sumária minissaia de lycra deixava a descoberto sob a mesa, junto das pernas cruzadas de Pencho Gavira; que estava em mangas de camisa, com a gravata afrouxada e o paletó pendurado no

encosto da cadeira porque a temperatura era agradável. Apesar do que vinha acontecendo, Gavira estava com bom aspecto: todo penteado com fixador e com o cachinho negro atrás da orelha, bem—posto e recendendo a dinheiro, o relógio de ouro reluzente no pulso forte e moreno. Na música ambiente do bar ouvia—se Europa, de Santana. Uma cena feliz, aprazível, quase doméstica. E Peregil se disse que tudo parecia correr às mil maravilhas. Não havia rastro do Cigano Mairena nem de Dos Sisos, e a coceira na uretra tinha passado com um frasco de Blenox. Nesse instante, bem quando estava mais relaxado e tranqüilo, prometendo—se bons momentos em nome do chefe e dele mesmo — controlava um par de balzacas jeitosas no fundo do bar, com as quais tinha estabelecido contato visual —, e pedia outro uísque de doze anos tuélfyears old, dissera ao garçom com ar cosmopolita —, ocorreu—lhe perguntar—se onde estariam naquelas horas dom Ibrahim, o Potro e a Nina, e como iam os casos que eles tinham em mãos. Segundo as últimas instruções dispunham—se a queimar um pouquinho a igreja, só para impedir a missa de quinta—feira e deixá—la fora de uso; mas não tinha resultados até aquele momento.

Sem dúvida haveria algum recado na secretária eletrônica quando chegasse em casa. Nisso cogitava Peregil, levando à goela o conteúdo do copo que acabavam de colocar em cima do bar. Então viu dobrar a esquina a jovem duquesa e o padre de Roma, e esteve a ponto de engasgar com um cubo de gelo.

Afastou—se um pouco do balcão, aproximando—se da porta sem sair à rua. Pressentia uma catástrofe. Por muita Penélope e muito busto que houvesse, não era nenhum segredo que Pencho Gavira continuava com ciúmes da ainda legítima. E, mesmo se assim não fosse, a capa da Q+S e as fotos com o toureiro Curro Maestral davam motivos de sobra para que o banqueiro andasse bravo, e muito. Para piorar as coisas, aquele padre era ótima pinta, bem—vestido, tinha ar saudável, classe. Como Richard Chamberlain em Os pássaros feridos, só que machote. Por isso Peregil pôs—se a tremer, mais ainda quando viu surgir discretamente, na esquina, o Potro do Mantelete com a Nina Punaes ao braço. Por fim reuniu—se a eles dom Ibrahim, e os três comparsas ficaram ali, desconcertados, dissimulando pessimamente, e Peregil se disse trague—me, terra. Éramos poucos e a vovó foi quem pariu.

O sangue batia na têmpera de Pencho Gavira quando se levantou devagar, tentando dominar—se.

— Boa noite, Macarena.

Nunca aja sob o primeiro impulso, tinha lhe dito uma vez o velho Machuca, quando começava. Faça coisas que diluam a adrenalina, ocupe as mãos e deixe livre o pensamento.

Dê tempo ao tempo. De modo que pôs o paletó e abotoou—o cuidadosamente, enquanto olhava nos olhos da mulher. Eram frios como dois círculos de neve escura.

— Olá, Pencho.

Apenas um olhar para a acompanhante, um quase imperceptível ricto de desprezo na comissura da boca ante a saia justa e o decote comprimindo aquele busto que era patrimônio nacional. Por um instante, Gavira hesitou sobre quem merecia ser repreendido. Toda a calçada e o bar e a ma inteira estavam olhando para eles.

— Tomam alguma coisa?

Seus inimigos, muitos, podiam dizer dele qualquer coisa, menos que era um homem pouco controlado.

Ainda lhe restavam energias para um meio sorriso cortês, embora tivesse todos os músculos do corpo tensos e um véu vermelho descesse sobre sua vista à medida que aumentava o martelamento no cérebro, com o sangue golpeando com força os ouvidos. Ajeitou o nó da gravata e os punhos da camisa até mostrar as abotoaduras, olhando para o padre à espera das apresentações. O magister estava muito elegante, com um traje ligeiro cortado sob medida, camisa de seda negra e pescocinho. Além disso era alto, o cara. Quase dois palmos mais que ele. Pencho Gavira não gostava nada dos altos. Em especial quando se exibiam de noite por Sevilha com sua mulher. Perguntou—se se pegaria muito mal quebrar a cara de um sacerdote à porta de um bar.

— Pencho Gavira. O padre Lorenzo Quart.

Ninguém mostrou a intenção de sentar—se, e Penélope Heidegger continuou em sua cadeira, momentaneamente esquecida, à margem do assunto. Gavira estendeu a mão ao outro, apertando duro, e notou que agüentava com firmeza. O padre de Roma tinha olhos inexpressivos e tranqüilos, e o banqueiro se disse que, afinal de contas, aquele sujeito não tinha por que estar a par de nada. Mas, quando se virou para encarar sua mulher, os olhos de Macarena deram—lhe a impressão de bandarilhas negras. Começou a sentir—se mais esquentado do que era capaz de controlar. Notava os olhares da gente fixos nele: aquilo ia dar o que falar a semana inteira.

— Agora você sai com padres?

Não tinha querido dizer a coisa assim. Nem mesmo tinha querido dizê—la, mas estava dito. Então viu deslizar um levíssimo sorriso de triunfo pelos lábios de Macarena e soube que tinha caído na armadilha. Aquilo o enfureceu um pouco mais.

— Que grosseria, Pencho.

As coisas estavam claramente colocadas, e o que quer que dissesse ou fizesse seria anotado contra ele.

Ela apenas passava por ali e, naquela calçada de bar, toda Sevilha era testemunha. Podia até apresentar o padre alto como seu diretor espiritual. Com isso tudo, o padre alto fitava os dois sem dizer palavra, prudente e à espera. Era óbvio que não pretendia arranjar problemas; mas tampouco parecia preocupado ou incomodado com a situação. Chegava até a ter um aspecto simpático, tão silencioso e com aquele ar esportivo, de jogador de basquete vestido de luto por Giorgio Armani.

— Como andamos de celibato, padre?

Parecia que outro Pencho Gavira, diferente dele, estava tomando as rédeas da situação, e que o banqueiro tinha se deixado levar sem poder evitá-lo. Quase resignado à sua sorte, sorriu depois de dizer aquilo Era um sorriso largo, inquietante. Malditas sejam todas as mulheres do mundo, dizia o sorriso. Por culpa delas estamos, o senhor e eu, aqui, encarando—nos.

— Bem, obrigado.

A voz do sacerdote soava ponderada, dona de si, mas Gavira observou que tinha se posto levemente de lado. Já não lhe oferecia o corpo de frente, mas parecia disposto a interpor o ombro esquerdo entre ambos. Também tinha tirado fora a mão esquerda, que antes estava no bolso. Este padre, disse consigo o banqueiro, já levou uns trancos antes.

— Faz dias que tento falar com você. — Gavira viravase para Macarena, sem perder o outro de vista. — E você não atende o telefone.

Ela deu de ombros, desdenhosa.

— Não há nada que falar — disse bem devagar e claro. — Além do mais tenho andado ocupada.

— Estou vendo.

Em sua cadeira, a Heidegger cruzava e descruzava as pernas em benefício dos transeuntes, público e garçons. Acostumada a ser o centro das conversas, aquilo a fazia sentir—se deslocada.

— Não vai me apresentar? — perguntou de trás a Gavira, constrangida.

— Cale a boca. — O banqueiro encarava de novo o sacerdote. — Quanto ao senhor...

Viu pelo rabo do olho que Peregil tinha se aproximado um pouco da porta, para qualquer eventualidade. Nesse momento passou pela rua um tipo com casaco xadrez e um braço na tipóia. Tinha o nariz amassado, como o dos boxeadores, e olhou fugazmente para Peregil como se esperasse algum sinal deste. Não obtendo resposta, seguiu caminho rua abaixo, perdendo—se atrás da esquina.

— Quanto a mim... — disse o sacerdote. Estava diabolicamente tranqüilo, e Gavira se perguntou como ia sair daquilo sem perder o moral ou sem armar um escândalo.

Entre ambos, Macarena se deleitava com o espetáculo.

— Sevilha engana muito, padre disse Gavira. — O senhor se surpreenderia se soubesse como pode ser perigosa quando não se conhecem as regras.

— As regras? O outro fitava—o com muita calma. — O senhor me surpreende, Moncho.

— Pencho.

O banqueiro sentia perder a cabeça por momentos:

— Não gosto de padres sem batina — acrescentou, áspero. — Parece que se envergonham de sê—lo.

O sacerdote encarava Gavira, imperturbável.

— Não gosta — repetiu, como se aquilo lhe desse o que pensar.

— Nem um pouco. — O banqueiro sacudia a cabeça. E aqui as mulheres casadas são sagradas.

— Não seja idiota — disse Macarena.

O padre olhou distraidamente para as coxas da Heidegger, depois de novo para seu interlocutor.

— Compreendo — disse.

Gavira ergueu a mão, apontando para o peito do outro com o indicador.

— Não — a voz saía lenta, espessa, com ecos de ameaça. Arrependia—se de cada palavra mal a pronunciava, mas era impossível evitar dizê—las aquilo tudo era muito parecido com um pesadelo. — O senhor não compreende nada de nada.

O padre olhava para aquele dedo, como se o surpreendesse vê—lo ali. O véu vermelho ficava mais denso diante dos olhos de Gavira, e este sentiu, mais que viu, Peregil aproximar—se um pouco mais, bom subalterno pronto para acudi—lo. Agora sim havia inquietude nos olhos de Macarena, como se tudo estivesse indo muito mais longe do que o previsto. Gavira sentia um irrefreável desejo de esbofeteá—los, primeiro ela, depois o padre, pondo no gesto toda a raiva e o mau humor acumulados nas últimas semanas a crise de seu casamento, a igreja, Puerto Targa, o conselho de administração que em poucos dias ia decidir seu futuro à frente do Cartujano. Por um momento desfilou—lhe diante dos olhos toda a sua vida, a luta passo a passo para erguer a cabeça, a composição com dom Octávio Machuca, o casamento com Macarena, as inúmeras vezes que tinha jogado cara ou coroa e tinha ganho. E agora que estava a ponto de chegar lá, Nossa Senhora das Lágrimas despontava ali, na metade de Santa Cruz, como um recife. Era ou tudo, ou nada: ou você o evita, ou vai a pique. E no dia em que parar de pedalar você cai, como repetia o velho.

Fez um esforço de vontade para não erguer o punho e acertar o padre alto. Então percebeu que este tinha pegado um copo da mesa, o seu, e o segurava entre os dedos com ar distraído, mas bem perto da beira onde poderia quebrá—lo com apenas um gesto do pulso. E Gavira compreendeu que aquele não era do tipo de clérigo que oferece a outra face. Isso teve a virtude de acalmá—lo de repente, fazendo—o encarar o outro com curiosidade. Inclusive com enviesado respeito.

— Este copo é o meu, padre.

Havia quase desconcerto em seu tom de voz. O sacerdote se desculpou com um suave sorriso, deixando o copo na mesa em que Penélope Heidegger tamborilava impaciente com as unhas pintadas de rosa. Depois fez uma leve inclinação de cabeça e ele e Macarena seguiram seu caminho sem mais comentários. E Pencho Gavira levou o copo de uísque aos lábios e bebeu um longuíssimo gole, vendo—os se afastarem pensativo, até agradecido, enquanto, às suas costas, Peregil exalava um suspiro de alívio.

— Leve—me para casa — disse a Heidegger, emburrada. Gavira, que tinha os olhos fixos na esquina por onde iam sua mulher e o padre, nem sequer se voltou para ela. Terminava a bebida, reprimindo a vontade de quebrar o copo no chão.

— A senhora, sua mãe que a leve.

Depois deu o copo a Peregil, com um olhar que era uma ordem. E Peregil, com um novo e resignado suspiro, quebrou da maneira mais discreta que pôde o copo ante seus pés. Ao fazê—lo, assustou um par extravagante que naquele momento passava diante do bar: um gordo vestido de branco, de chapéu e bengala, que levava ao braço uma mulher com vestido de bolinhas, cachinho como o de Estrellita Castro e máquina fotográfica na mão.

Os três se reuniram passada a esquina, sob o pórtico árabe da mesquita, nas escadarias que fediam a esterco de cavalos das charretes e da Sevilha de toda a vida.

Dom Ibrahim sentou—se com dificuldade apoiado na bengala, a cinza do charuto caindo na imensa barriga.

— Tivemos sorte — disse. — Havia luz suficiente para as fotos.

Tinham ganho alguns minutos de descanso e ele estava bem—humorado, com a satisfação do dever cumprido. Audaces fortuna llevat etcétera e tal, embora não estivesse muito certo do verbo. A Nina Punales foi sentar—se a seu lado, tilintante de brincos e pulseiras, com a máquina fotográfica sobre a saia.

— Falou! — confirmou sua voz aguardentosa e rouca. Tinha os sapatos de um lado e esfregava as canelas ossudas, cheias de varizes. — Desta vez Peregil não pode se queixar. Juro pelos mortos dele que não.

Dom Ibrahim se abanava com o panamá, acariciando o chamuscado bigode. Naquele momento de triunfo o aroma do havana sabia—lhe a glória bendita:

— Não — assinou embaixo, festivo. — Não pode. Ele mesmo é testemunha ocular de que tudo foi executado de forma impecável, quase militar. Não é mesmo, Potro?... Preparação, clímax e desfecho. Como os comandos dos filmes.

De pé como se montasse guarda, pois ninguém lhe dissera para sentar, o Potro do Mantelete fez um gesto afirmativo:

— Mesmissimamente — disse. — Preparação e tudo isso.

— Por onde vão os pombinhos? — interessou—se o exfalso bacharel, encasquetando de novo o chapéu.

O Potro lançou os olhos rua abaixo e disse que a caminho do Arenal; tinham tempo de sobra para alcançálos. A luz amarelada dos lampiões endurecia ainda mais seu rosto em torno do nariz achatado. Dom Ibrahim pegou a máquina na saia da Nina e entregou—a a ele.

— Tome, tire o filme e não vá estragá—lo.

Obediente, segurando a câmara entre a mão do braço na tipóia e a boa, o Potro abriu—a enquanto dom Ibrahim buscava outro rolo. Por fim encontrou—o, abriu o invólucro e passou—a a seu cupincha.

— Você rebobinou, imagino — comentou de passagem. — Antes de abrir a câmara.

O Potro ficou muito quieto, como se o juiz acabasse de mandar que não baixasse tanto a cabeça, e observava dom Ibrahim fixamente. Fechou de súbito a tampa da máquina, de um golpe.

— O que é que tinha de rebobinar? — perguntou desconfiado, erguendo a sobrancelha.

Com o novo rolo numa mão e o charuto na outra, dom Ibrahim ficou um bom momento olhando para ele:

— Hóstia! — exclamou.

Caminharam em silêncio até o Arenal. Quart percebeu que Macarena virava—se para observá—lo de vez em quando, mas nem ela nem ele disseram nada. Também não é que tivesse muito a dizer, salvo tirar as dúvidas do sacerdote sobre o encontro com o marido: casual ou intencional. Mas, imaginou, isso nunca iria saber.

— Foi—se por aqui — disse por fim Macarena, quando chegaram ao rio.

Quart olhou em torno. Estavam ao pé da antiga torre árabe chamada Torre dei Oro, descendo por uma ampla escadaria na direção dos cais do Guadalquivir. Não havia um sopro de brisa, e a luz da lua imobilizava as sombras das palmeiras, os jacarandás e as buganvílias.

— Quem?

— O capitão Xaloc.

A margem estava deserta, com os barcos de turistas escuros e imóveis, amarrados a seus cabeços junto dos pontões de concreto. A água negra refletia as luzes de Triana na margem oposta, delimitada por faróis de automóveis sobre as pontes Isabel II e San Telmo.

— Este era o antigo porto de Sevilha — disse Macarena. Levava o casaco nos ombros e continuava apertando a bolsa de couro contra o peito. — Faz apenas um século,

atracavam aqui navios a vapor, veleiros... Ainda havia restos do que foi o grande centro de comércio com a América, e os barcos zarpavam para ir pelo rio até Sanlúcar e, depois, Cádiz, antes de cruzar o Atlântico. — Deu uns passos e parou junto de uma das escadas que desciam até a água escura — Em velhas fotos da época se vêem bergantins, goletas, chalupas e todo o tipo de embarcações amarradas nas duas margens... Do outro lado ficavam os barcos dos pescadores, e uns barcos com toldos brancos que traziam de Triana as trabalhadoras da Fábrica de Tabacos. Aqui, neste cais, ficavam os galpões do porto, os guindastes e os armazéns.

Ficou em silêncio olhando acima o Paseo dei Arenal, a cúpula do teatro da Maestranza, os edifícios modernos que se interpunham entre eles e a torre da Giralda, iluminada ao longe, e o oculto bairro de Santa Cruz.

— Parecia um bosque de mastros e velas — acrescentou, ao cabo de um instante. — Era esta a paisagem que Carlota divisava da torre do pombal. Tinham voltado a passear sob a sombra lunar das árvores, ao longo do cais. Um par de jovens se beijava no círculo de luz de um lampião de ferro, e Quart viu Macarena fitá—los com um sorriso pensativo.

— Parece ter saudade — disse ele — de uma Sevilha que nunca conheceu.

O sorriso da mulher se acentuou, um momento antes de seu rosto voltar a ficar na penumbra.

— Está enganado. Conheci—a muito bem. E conheço. Li e sonhei muito sobre esta cidade. Algumas coisas meu avô e minha mãe me contaram. Outras ninguém me contou — Tocou o pulso, onde devia perceber o batimento das artérias. — Sinto—as aqui.

— Por que escolheu Carlota Bruner? Macarena levou alguns passos para responder.

— Ela é que me escolheu. — Voltava—se um pouco para Quart. — Os sacerdotes acreditam em fantasmas?

— Não muito. Os fantasmas são refratários à luz elétrica, à energia nuclear... Aos computadores.

— Talvez esteja nisso o encanto deles. Eu acredito, pelo menos em certa classe de fantasmas. Carlota era uma jovem romântica que lia romances. Vivia cercada de cuidados num mundo artificial, a salvo de tudo. E um dia conheceu um homem. Um homem de verdade, quero dizer. Foi como se tivesse caído um raio a seus pés, e nunca mais pôde se conformar. Por desgraça, Manuel Xaloc também se apaixonou por ela.

Às vezes passavam junto da sombra imóvel de um pescador sentado no cais — a brasa de um cigarro, o reflexo de luz na ponta da vara e da linha, um marulho na água tranqüila. Um peixe se agitava nas pedras do cais e a lua cintilou nas escamas úmidas até que uma mão escura o

pôs de volta no balde de que tinha escapado em sua agonia.

— Fale—me de Xaloc — pediu Quart.

— Era um jovem e pobre segundo—oficial de trinta anos, embarcado num dos vapores que faziam a rota Sevilha—Sanlúcar. Conheceram—se durante uma viagem que Carlota fez com os pais rio abaixo. Dizem que era um homem bem—apegoado, e imagino que o uniforme contribuía para tanto. O senhor sabe que isso acontece frequentemente com os marinheiros, os militares...

Parecia a ponto de acrescentar "e com certos sacerdotes", mas a frase ficou no ar. Passavam junto de um barco de turistas amarrado ao cais, negro e silencioso. Ao luar, Quart conseguiu distinguir seu nome: Vale Ouro.

— O caso — prosseguia Macarena é que Manuel Xaloc foi pego rondando o gradil da Casa del Postigo, e meu bisavô Luis o fez perder o emprego. Também mexeu todos os seus pauzinhos, que eram muitos, para que não arrumasse trabalho em lugar nenhum. Desesperado, decidiu partir para a América, a fim de fazer fortuna, e ela jurou esperá—lo. Argumento perfeito para uma novela romântica, não é?...

Andavam um ao lado do outro, e de novo seus passos os aproximaram até se roçarem. Agora Macarena evitou um cabeço de ferro na escuridão, e o movimento levou—a para junto de Quart. Pela primeira vez este a teve bem perto de si, contra seu flanco. Pareceu—lhe que demorava uma eternidade para se afastar de novo.

— Xaloc embarcou aqui mesmo — acrescentou ela. A bordo de uma goleta chamada Nausicaa E nem deixaram Carlota lhe dizer adeus. Ela viu o veleiro ir no abaixo, do pombal; e embora fosse impossível o distinguir de tão longe, sempre garantiu que ele estava na popa, agitando um lenço até o barco se perder de vista.

— Como foram as coisas para o marinheiro?

— Foram bem. Depois de um tempo conseguiu o comando de um barco e fez contrabando entre o México, a Flórida e as costas de Cuba — Havia um vestígio de admiração na voz de Macarena, e Quart entreviu fugazmente Manuel Xaloc na ponte de comando de um navio, entre duas luzes, com uma coluna de fumaça perseguindo—o no horizonte — Contam que não foi precisamente um santo homem, e que também exerceu a pirataria Alguns barcos que cruzaram com o seu apareceram à deriva, misteriosamente saqueados, ou naufragaram sem deixar rastro. Suponho que tinha pressa de ganhar dinheiro e voltar... Durante seis anos navegou pelo Caribe e construiu sua reputação. Os americanos puseram sua cabeça a prêmio. E um dia, inesperadamente, desembarcou neste mesmo lugar com uma fortuna em cartas bancárias e moedas de ouro, além de uma bolsa de veludo com vinte maravilhosas pérolas para seu casamento.

— Apesar de não ter recebido notícias dela?

— Apesar disso — Tinham parado num molhe de pontões, cujos pilares de concreto mergulhavam na água; entre eles cresciam juncos e plantas. — Suponho que também Manuel Xaloc era um romântico. Imaginou, sensatamente, que meu bisavô havia deixado Carlota incomunicável.

Mas confiava em seu amor. Vou te esperar, ela dissera. E, de certa forma, ele não se enganava. Continuava esperando na torre, espiando o rio. — Macarena também espiava a corrente escura, sob o molhe. — Fazia dois anos que perdera a razão.

— Chegaram a se ver?

— Sim. Meu bisavô estava arrasado, mas a princípio manteve sua negativa. Era um arrogante canalha, e culpava Xaloc pela desgraça. Afinal, por conselho dos médicos e a pedido da mulher, aceitou uma entrevista. O capitão chegou certa tarde no pátio que o senhor conhece, vestindo o uniforme da marinha mercante: azulmarinho, botões dourados... Imagina a cena?... Sua pele estava queimada pelo sol, o bigode e as costeletas tinham ficado grisalhos. Contam que aparentava vinte anos mais do que realmente tinha. Carlota não o reconheceu. Tratou—o como um estranho, sem lhe dirigir a palavra. Ao cabo de uns dez minutos soaram as batidas de um relógio e ela disse: "Tenho de ir à torre. Ele pode regressar de um momento para o outro." E se foi.

— E o que disse Xaloc?

— Não abriu a boca. Minha bisavó chorava e meu bisavô estava tomado pelo desespero. Então pegou seu gorro e saiu dali. Foi à igreja onde tinham sonhado casarse e entregou ao pároco as vinte pérolas de Carlota. Passou aquela noite caminhando por Santa Cruz, e ao amanhecer foi embora com o primeiro veleiro que largou amarras.

Desta vez ninguém o viu agitar um lenço.

Havia uma lata de cerveja vazia no chão. Macarena empurrou—a com o pé, fazendo—a cair na água. Ouvia—se uma leve salpicadura e ambos ficaram vendo a pequena mancha escura ir embora na corrente.

— O resto — disse ela — o senhor pode ler nos jornais da época. Era 1898, e enquanto Xaloc navegava de volta, o Maine ia pelos ares no porto de Havana. O governo espanhol autorizou a guerra de corso contra os Estados Unidos, e ele recebeu no ato uma patente. Seu barco era um iate armado muito rápido, o Manigua, com uma tripulação recrutada entre a ralé das Antilhas. Com esse barco andou forçando o bloqueio. Em junho de 1898 atacou e afundou dois cargueiros no golfo do México e houve um confronto com a canhoneira Sheridan, do qual nenhum

dos dois se saiu bem...

— A senhora diz isso com orgulho.

Macarena pôs—se a rir. Era verdade, disse. Tinha orgulho daquele que podia ter sido seu tio—avô, se a estúpida cegueira da família não se houvesse intrometido. Manuel Xaloc tinha sido um homem de verdade, e o foi até o fim. Quart sabia que passou para a história como o último corsário espanhol e o único que agiu durante a guerra de Cuba?... Sua façanha póstuma implicou romper o bloqueio do porto de Santiago, entrando de noite com mensagens e provisões para o almirante Cervera. E na madrugada de 3 de julho fez—se ao mar com os outros barcos. Podia ter ficado no porto, pois era da marinha mercante e não estava sob as ordens da esquadra, que todos sabiam condenada ao desastre: velhos navios com máquinas ruins e pobremente armados contra encouraçados e cruzadores ianques. Mas quis zarpar. Foi o último a fazê—lo, quando todos os espanhóis, que tinham saído um atrás do outro, já estavam afundados ou em fogo. Nem sequer pensou em escapar, mas rumou para os navios inimigos, a todo vapor, com um pavilhão negro içado junto da bandeira da Espanha. Quando afundou, ainda tentava atacar o encouraçado Indiana. Não houve sobreviventes.

As luzes de Triana, refletidas no rio, se agitavam suavemente no rosto de Macarena.

— Estou vendo — disse Quart — que conhece bem a história.

O sorriso dela veio lento, sem chegar a alargar—se totalmente:

— Claro que conheço. Li os relatos dessa batalha centenas de vezes. Até guardo os recortes de jornal no baú.

— Carlota nunca soube disso?

— Não. — Sentara—se num dos bancos de pedra, diante de um embarcadouro flutuante e procurava um cigarro na bolsa. — Ainda esperou doze anos àquela janela, espiando o Guadalquivir. Pouco a pouco os barcos foram desaparecendo e o porto seguiu seu declínio. As goletas deixaram de ir e vir rio acima. Um dia ela também desapareceu da janela. — Pôs o cigarro na boca e enfiou a mão no decote, na direção do ombro esquerdo, para pegar o isqueiro. — A essa altura, sua história e a do capitão Xaloc eram linda. Já lhe disse que até fizeram canções sobre eles. De modo que foi enterrada na cripta da igreja onde teria se casado. E por indicação do meu avô, Pedro, que era o novo chefe da nossa casa depois da morte do pai de Carlota, as vinte pérolas foram engastadas como lágrimas na imagem da Virgem.

Acendeu o cigarro protegendo a chama do isqueiro no oco idas mãos, esperou que esfriasse e tornou a colocá—lo sob a alça do sutiã, sem prestar atenção à maneira como Quart seguia seus movimentos. Imersa na recordação do capitão Xaloc.

— Foi essa a homenagem de meu avô — continuou, com a brasa do cigarro entre os dedos —, à memória da irmã e do homem que poderia ter sido seu cunhado. Agora a igreja é tudo o que sobra deles. Isso, e as lembranças de Carlota, as cartas e o resto. — Olhou para Quart como se de repente tivesse se lembrado da presença dele. — Inclusive esse postal.

— Sobra também a senhora, e sua memória.

A luz da lua bastava para iluminar o sorriso de Macarena. Não havia uma só ponta de alegria ou de bemestar nela.

— Eu vou morrer, como os outros morreram — disse em voz baixa. — E o baú e tudo o que ele contém acabarão num leilão, entre objetos cobertos de pó. — Aspirou uma tragada de fumaça e expeliu—a rápido, quase com despeito. — Como tudo acaba.

Quart tinha se sentado ao lado dela. Os ombros dos dois se roçavam ligeiramente, mas ele não fez nenhum esforço para aumentar a distância. Era bom estar perto. Chegava—lhe o aroma suave do jasmim misturado com o do cigarro dela.

— Por isso a senhora trava sua batalha. Ela meneou lentamente a cabeça:

— Sim. Não a do padre Ferro, a minha. Uma batalha contra o tempo e o esquecimento. — Continuava falando em voz baixa, tanto que Quart tinha de se esforçar para captar suas palavras. — Eu pertencço a uma casta que se extingue, e tenho consciência disso. É quase conveniente, pois não há mais lugar para gente como a que houve em minha família, ou para memórias como a minha Ou para histórias bonitas e trágicas como a de Carlota Bruner e do capitão Xaloc — A brasa do cigarro brilhou na sua boca, entre os dedos. — Limite—me a travar minha guerra pessoal, a defender meu espaço. — Erguia o tom da voz, e já não parecia ensimesmada. Agora voltava—se diretamente para Quart. — Quando acabar, encolherei os ombros e aceitarei que chegue o fim com a consciência tranquila, à maneira desses soldados que só se rendem depois de disparar o último cartucho. Depois de ter honrado o sobrenome que tenho e as coisas que amo Isso inclui Nossa Senhora das Lágrimas e a lembrança de Carlota.

— Por que tudo há de terminar assim? — perguntou Quart, com suavidade. — Poderia ter filhos.

Algo cruzou o rosto da mulher como uma chicotada. Depois houve um silêncio desconcertante, muito longo, até que por fim ela tornou a falar:

— Não me faça rir. Meus filhos seriam uns extraterrestres sentados diante de uma tela de computador, vestidos como nas telecomédias americanas de tevê; e o nome do capitão Xaloc ia soar para eles como uma série de desenhos animados. — Jogou o cigarro na corrente do

rio, e Quart seguiu com os olhos a trajetória da brasa até desaparecer na água. — Por isso vou me poupar este final. O que tiver de morrer morrerá comigo.

— E seu marido?

— Não sei. Por enquanto, o senhor já o viu, e em boa companhia. — Deixou escapar uma breve gargalhada, tão despeitosa e cruel que Quart desejou nunca ser objeto de uma risada como aquela. — Vamos fazê—lo pagar pelo que deve... Afinal, Pencho é esse tipo de homem que gosta de bater com os nós dos dedos no balcão, depois sair de cabeça erguida. — Inclinou a sua, e o gesto parecia um augúrio, ou uma ameaça. — Mas desta vez a conta vai ser alta. Bem cara.

— Ainda tem possibilidade?

Virou—se para fitá—lo com estranheza zombeteira:

— Com quem? Com seu negócio da igreja? Com a vagabunda de peitos grandes?... Comigo? — Ao se mover na sombra, os olhos escuros refletiam luzes distantes, palidez de luar. — Qualquer homem as teria antes dele. Mesmo o senhor.

— Deixe—me fora disso — disse Quart. Seu tom deve ter sido convincente, pois ela inclinou um pouco a cabeça, interessada.

— Deixá—lo fora, por quê? Seria uma bela vingança. E agradável. Pelo menos espero.

— Uma vingança contra quem?

— Contra Pencho. Contra Sevilha. Contra tudo.

A sombra silenciosa e chata de um rebocador passou rio abaixo, recortando—se contra a luz da outra margem. Por fim chegou até eles um surdo ruído de máquinas que não pareciam provir do barco, como se este deslizesse sem ajuda pela corrente.

— Parece um navio—fantasma — disse ela. — Como a goleta em que se foi o capitão Xaloc.

A única luz visível da embarcação, o solitário fanal de bombordo, iluminava seu rosto de vermelho. Seguiu com a vista até que, já na curva do rio, começou a virar e apareceu também a luz verde do outro costado. Depois a vermelha foi se ocultando devagar, e só restou o minúsculo rasto verde diminuindo até desaparecer por completo.

— Vem em noites assim — acrescentou ao cabo de uns instantes. — Com esta lua. E Carlota assoma à sua janela. Quer ir vê—la?

— Quem?

— Carlota. Podemos nos aproximar até o jardim e esperar. Como quando eu era menina. Não gostaria de me acompanhar?

— Não.

Fitou—o longamente em silêncio. Parecia surpresa.

— Eu me pergunto — disse depois — de onde o senhor tira esse maldito sangue frio.

— Não é tão frio como crê. — E Quart pôs—se a rir, baixinho. — Neste momento minhas mãos estão tremendo.

Era verdade. Tinha de se conter para não rodear com elas a nuca da mulher, sob o rabo—de—cavalo, e puxá—la para si. Sangue de Deus. De algum canto remoto de sua consciência chegavam—lhe as gargalhadas de monsenhor Paolo Spada. Criaturas abomináveis, Salomé, Jezabel. Invenção do Maligno. Ela aproximou a mão e enlaçou—a com os dedos de Quart, verificando que o tremor era real. A mão estava quente e frouxa, e pela primeira vez não se tocaram apertando—se num cumprimento.

Então Quart soltou—se suavemente, e bateu com muita força, com o punho, no banco de pedra em que estavam sentados. A dor chegou —lhe até o ombro, como uma explosão.

— Acho que está na hora de voltarmos — disse, pondo—se de pé.

Ela olhou para a mão de Quart, depois para seu rosto, desconcertada. Em seguida levantou—se sem dizer nada e ambos caminharam devagar até o Arenal, evitando cuidadosamente roçar um no outro. Quart mordía os lábios para não gemer de dor. Sentia o sangue gotejar por seus dedos, vindo dos nós machucados.

Há noites que são longas demais, e aquela não tinha terminado. Quando Quart chegou ao hotel Dona Maria e recebeu a chave das mãos de um sonolento porteiro, Honorato Bonafé estava sentado numa poltrona do vestibulo, esperando—o. Entre as muitas características desagradáveis daquele indivíduo, pensou mal—humorado o sacerdote, estava a de aparecer nos momentos mais inoportunos.

— Podemos conversar um momento, padre?

— Não. Não podemos.

Com a mão ferida dentro do bolso e a chave na outra, Quart fez menção de continuar seu caminho até o elevador, mas Bonafé interceptou—o. Sorria do mesmo modo viscoso que em sua entrevista anterior. Também usava a mesma roupa, um amarrotado terno bege e a capanga presa ao pulso pela alça. Quart olhou de cima os cabelos fixados com laque do jornalista, a prematura papada e os olhos pequenos e astutos que o observavam. Nada que houvesse levado aquele indivíduo até ali podia ser bom.

— Estive investigando — disse Bonafé.

— Caia fora — replicou Quart, disposto a pedir ao porteiro que o escorraçasse dali.

— Não lhe interessa saber o que sei?

— Nada que tenha a ver com o senhor me interessa. Bonafé franzia os lábios úmidos com ar condoído, mantendo aquele sorriso obsequioso e ruim ao mesmo tempo.

— Que pena — deplorou. — Poderíamos chegar a um acordo. E minha oferta é generosa. — Mexia um pouco a cintura espessa, rebolando. — O senhor me conta uma ou duas coisas que eu possa citar sobre essa igreja e seu pároco, e em troca lhe forneço um belo dado que ignora.

O sorriso se acentuou. — . . E, de passagem, evitamos falar de seus passeios noturnos.

Quart ficou imóvel, sem dar crédito ao que acabava de ouvir.

— De que está falando?

O jornalista parecia satisfeito por ter despertado seu interesse:

— Do que averigui sobre o padre Ferro.

— Estou me referindo — Quart continuava imóvel, fitando—o fixamente — a essa história de passeios noturnos.

O outro ergueu a mão pequena, de unhas limpas pela manicura, minimizando o assunto.

Oh, o que quer que lhe diga O senhor sabe. — Piscou o olho. — Sua intensa vida social em Sevilha.

Quart apertou a chave na mão sadia enquanto considerava a possibilidade de utilizá—la contra o sujeito Mas era impossível. Nenhum sacerdote, nem mesmo alguém tão carente de mansuetude cristã e com a inquietante especialidade de Lorenzo Quart, podia ir às vias de fato com um jornalista por causa de um nome de mulher, de noite, a vinte metros do Arcebispado de Sevilha, poucas horas depois de uma cena pública com um marido ciumento. Mesmo pertencendo ao IOE, por menos disso mandavam sacerdotes ir evangelizar a Antártida. Assim, fez um esforço inaudito para manter a cabeça tranqüila e conter—se. Minha é a vingança, teria dito teoricamente o Lá de Cima.

— Proponho—lhe um pacto, padre — disse Bonafé, insistindo no assunto. — Contamos um ao outro umas coisinhas, eu o deixo fora disso e estamos entendidos. Pode confiar em mim. O fato de eu ser jornalista não quer dizer que não possua um código moral. — Bateu no peito à altura do coração, teatral, os olhinhos reluzindo de cinismo entre as pálpebras empapuçadas. — Afinal de contas, minha religião é a Verdade.

— A Verdade — repetiu Quart.

— Isso mesmo.

— E que verdade quer me contar sobre o padre Ferro? Outra vez se intensificou o sorriso do outro. Uma expressão servil. Cúmplice.

— Bem. — Examinava as unhas, cativado pelo brilho delas. — Teve problemas.

— Todos temos.

Bonafé estalou a língua num gesto mundano.

— Não deste tipo. — Baixava o tom, temendo que o porteiro os ouvisse. — Pelo visto, em sua paróquia anterior andou precisando de dinheiro. De modo que vendeu algumas coisas: uma imagem valiosa, um par de quadros... Não cuidou da vinha do Senhor da maneira adequada. — Ria—se, divertido com sua própria piada. — Ou bebeu o vinho.

Quart manteve—se impassível. Tinha sido adestrado muito tempo atrás para assimilar informações e analisálas em seguida. De qualquer modo, sentiu uma incômoda pontada em seu orgulho. Se fosse verdade, ele deveria ter descoberto antes, mas ninguém o informara àquele respeito.

— E o que isso tem a ver com Nossa Senhora das Lágrimas?

Bonafé franzia a boca, apreciando.

— Nada, em princípio. Mas há de convir comigo que se trata de um belo escândalo. — O sorriso que Quart tanto detestava adquiriu contornos canalhas. — O jornalismo é assim, padre: um pouco disso, um pouco daquilo... Basta um pouco de verdade em algum lugar, e já temos uma matéria de capa. Depois se desmente, se completa a informação, o que for preciso. Mas, enquanto isso, nessa semana venderam—se duzentos mil exemplares.

Quart encarou—o com desprezo:

— Ainda há pouco disse que sua religião era a Verdade.

— Disse isso?... — O desdém do sacerdote resvalava no sorriso de Bonafé, que parecia blindado. — Sem dúvida eu me referia à verdade com minúscula, padre.

Bonafé já não sorria. Recuou um passo, olhando desconfiado para a ponta aguda da chave que seu interlocutor segurava entre os dedos da mão esquerda. Quart havia tirado a direita do bolso, com os nós dos dedos inchados e cobertos por uma crosta de sangue seco, e os olhos do jornalista iam de uma à outra, inquietos.

— Estou dizendo que vá embora daqui, ou mando pô—lo na rua. Posso até esquecer que sou clérigo e pô—lo eu mesmo. — Deu um passo na direção de Bonafé, que recuou dois. — A pontapés.

O jornalista protestou debilmente. A mão ferida de Quart o intimidava:

— O senhor não se atreveria...

Não disse mais nada. Havia precedentes evangélicos: os mercadores do templo, aquilo tudo. Inclusive existia um expressivo relevo sobre esse tema a poucos metros dali, na porta da mesquita, entre são Pedro e um são Paulo que, aliás, empunhava uma espada. De forma que a mão sadia de Quart levou—o dois ou três metros para trás, em direção à porta, ante os olhos surpresos do porteiro da noite. Era como arrastar uma coisinha miúda e fofa, sem consistência. Desconcertado, Bonafé tentava se refazer arrumando a roupa quando recebeu um último empurrão que o projetou diretamente na rua, pela porta aberta. A capanga que levava ao pulso soltou—se, caindo no chão. Quart inclinou—se para pegá—la e atirou-a aos pés do outro, na calçada.

— Não quero mais vê—lo — disse — Nunca mais

A luz do lampião de rua, o jornalista tentava recompor sua dignidade. Tremiam—lhe as mãos e estava despenteado, branco de humilhação e ira.

— Ainda não terminei com o senhor — articulou por fim. A voz saía—lhe num soluço quase feminino. — Filho da puta.

Não era a primeira vez que o chamavam daquilo, de modo que Quart deu de ombros. Depois, desinteressando—se pelo caso, deu meia—volta para cruzar o vestibulo e ir para o quarto. Atrás do balcão da recepção, ainda com a mão perto do telefone — um pouco antes considerava a hipótese de chamar a polícia —, o porteiro noturno tinha os olhos arregalados como pratos. Ver para crer, dizia seu olhar, misto de estupefação e respeito. Que padre!

A parte a inflamação e os arranhões nos nós da mão direita, Quart podia mexer a articulação sem dificuldade. Assim, amaldiçoando em voz alta sua estupidez, tirou o paletó e foi até o banheiro lavar a ferida com Multidermol. Depois aplicou sobre a mão um lenço com todo o gelo que pôde conseguir no frigobar do quarto. Ficou assim um instante diante da janela, contemplando a Praça Virgen de los Reyes e a catedral iluminada atrás do telhado do Arcebisado, sem poder tirar Honorato Bonafé da cabeça.

Quando o gelo acabou de derreter, a mão já não doía tanto. Aproximou—se então do paletó e tirou o que havia nos bolsos, arrumando as coisas em cima da cômoda, antes de pendurá—lo num cabide do armário: carteira, esferográfica, cartões para tomar notas, lenços de papel, moedas soltas. O postal do capitão Xaloc ficou virado para cima, mostrando a velha e amarelada foto da igreja, o carregador de água com seu burrico diluído como um fantasma no halo esbranquiçado que margeava a ilustração.

E a imagem, a voz, o cheiro de Macarena Bruner, vieram de repente — estava rompido o dique, em que aquilo tudo esperava o momento de transbordar. A igreja, sua missão em Sevilha, Bonafé ficaram de repente esfumados como a silhueta do carregador de água evanescente, e tudo foi só ela. seu meio sorriso na penumbra dos cais do Guadalquivir, o reflexo de mel nos olhos escuros, o cheiro quente de sua proximidade, a pele da coxa em que Cármen, a charuteira, enrolava folhas de fumo úmidas sob a saia arregaçada e revolvida. Macarena nua numa tarde quente, contraste sobre os lençóis brancos e o sol filtrando em raios horizontais entre as persianas, com minúsculas gotas de suor na raiz dos cabelos negros e no púbis escuro, e nas pestanas.

Continuava fazendo muito calor. Era quase uma da madrugada quando abriu o chuveiro e despiu—se devagar, deixando a roupa cair a seus pés. E, enquanto o fazia, o espelho do armário devolveu—lhe a imagem de um desconhecido. Um sujeito alto de olhar sombrio que tirava os sapatos, as meias e a camisa, e depois, com o torso nu, se inclinava para soltar o cinto e fazer a calça preta deslizar até o chão. A cueca de algodão branco desceu pelas coxas, descobrindo o sexo excitado pela recordação de Macarena. Por um instante Quart observou o estranho que o fitava com atenção do outro lado do espelho. Esbelto, o ventre plano, as cadeiras estreitas, os peitorais acentuados, firmes, como a curva dos músculos nos ombros e nos braços. Tinha boa aparência aquele indivíduo silencioso como um soldado sem idade e sem tempo, desprovido de sua cota de malha e de suas armas. Perguntou—se para que diabos servia—lhe aquela boa aparência.

O barulho da água e a consciência de seu próprio corpo trouxeram—lhe a recordação de outra mulher. Acontecera em Sarajevo, agosto de 92, durante uma curta e aventureira viagem que Quart fez à capital bósnia para mediar a evacuação de monsenhor Franjo Pavelic, um arcebispo croata muito estimado pelo Papa Wojtila, cuja cabeça estava ameaçada tanto pelos muçulmanos bósnios como pelos sérvios. Naquela ocasião foram necessários 100 000 marcos alemães, levados por Quart a bordo de um helicóptero das Nações Unidas — maleta presa com uma corrente a seu pulso e escolta de capacetes azuis franceses — para que uns e outros aceitassem a evacuação do prelado para Zagreb, sem acertar—lhe um tiro num controle de rua, como já tinham feito com seu vigário, monsenhor Jesic, morto por um franco—atirador. Era a Sarajevo da época dura, bombas nas filas de água e pão, vinte ou trinta mortos por dia e centenas de feridos que se amontoavam, sem luz nem medicamentos, nos corredores do hospital de Kosevo; quando já não restava terra nos cemitérios e as vítimas recebiam sepultura nos campos de futebol. Jasmina não era exatamente uma prostituta. Havia mulheres que sobreviviam oferecendo—se como intérpretes a jornalistas e diplomatas no hotel Holiday Inn, e freqüentemente trocavam com eles algo mais que palavras. O preço de Jasmina era tão relativo como tudo naquela cidade: uma lata de conserva, um maço de cigarros. Tinha se aproximado de Quart induzida por sua indumentária eclesiástica, contando—lhe uma história que na cidade sitiada era pouco original: um pai inválido e sem fumo, a guerra, a fome. Quart prometeu arranjar—lhe cigarros e um pouco de comida, e ela voltou a noite, vestida de preto para eludir os franco—atiradores. Por um punhado de marcos, Quart conseguiu—lhe meio pacote de Marlboro e outro de rações militares. Naquela noite havia água corrente nos quartos, e ela pediu licença para tomar o primeiro banho em um mês. Tinha se despido à luz de uma vela, pondo—se debaixo do jorro de água enquanto ele a fitava fascinado, encostado na moldura da porta. Era loura e tinha a pele clara e uns peitos grandes e firmes. Ali, na água que corria pelo corpo, tinha se virado para olhar para Quart com um sorriso de convite, agradecida. Mas ele ficou imóvel, encostado na porta, limitando—se a retribuir o sorriso. Não foi daquela vez por uma questão de regras. Simplesmente, certas coisas não podiam ser feitas em troca de meio pacote de cigarros e uma ração de comida. Assim, quando ela estava seca e vestida desceram ao bar do hotel, e à luz de outra vela tomaram meia garrafa de conhaque, enquanto as bombas sérvias continuavam caindo lá fora. Depois, com seu meio pacote e a comida, Jasmina deu um rápido beijo na boca do sacerdote e foi embora correndo, entre as sombras.

Sombras e rostos de mulher. A água fria correndolhe pelo rosto e pelos ombros fez muito bem a Quart. Mantinha a mão ferida fora do jorro, apoiada nos azulejos da parede, e ficou um tempo assim, imóvel, a pele arrepiada. Depois saiu, e a água gotejava—lhe por todo o corpo deixando marcas nos ladrilhos do chão. Enxugouse ligeiramente com uma toalha e foi cair na cama, de boca para cima. Rostos de mulher e sombras. Sob seu corpo nu, a silhueta úmida ficava impressa no lençol.

Pôs a mão ferida entre as coxas e sentiu crescer a carne, vigorosa e endurecida pelo pensamento e as recordações. Vislumbra, ao longe, a silhueta de um homem que caminhava sozinho, entre duas luzes. Um templário solitário, num descampado, sob um céu sem Deus. Fechou os olhos, angustiado. Tentava rezar, desafiando o vazio escondido em cada palavra. Sentia uma imensa solidão. Uma tranqüila e desesperada tristeza.

Olhai esta casa. Construiu—á um espírito santo. Barreiras mágicas a protegem.

(O Livro dos Mortos)

A manhã já ia pela metade quando Quart foi à igreja, após uma breve visita ao Arcebispo e outra ao subcomissário Navajo. Nossa Senhora das Lágrimas estava deserta, e o único sinal de vida era a lâmpada do Santíssimo que ardia junto do altar. Sentou—se num banco e ficou um bom tempo olhando à sua volta os andaimes contra as paredes, o teto escurecido, os relevos dourados do retábulo na penumbra. Quando Óscar Lobato saiu da sacristia, não denotou surpresa por encontrá—lo ali. Aproximou—se até ficar de pé a seu lado, encarando—o inquisitivo. O vigário vestia uma camisa cinzenta clerical, calça jeans e tênis. Parecia ter envelhecido desde o incidente do último encontro. Estava com os cabelos louros desalinhados e com olheiras de cansaço sob as lentes dos óculos. Sua pele tinha um tom oleoso, por ter acordado cedo demais ou passado a noite em claro.

— Vésperas ataca de novo — disse—lhe Quart.

Depois mostrou a cópia da mensagem que acabava de receber por fax de Roma, de onde chegara a uma da madrugada, na mesma hora em que discutia com Bonafé no saguão do hotel Dona Maria. Mas o agente do IOE não contou nada disso ao padre Óscar, nem tampouco que, como na ocasião anterior, a equipe do padre Arregui pôde desviar o intruso para um arquivo paralelo, em que deixou sua mensagem, acreditando tê—lo feito no computador pessoal do Santo Padre. Seu sinal, rastreado pêlo padre Garofi, levou os jesuítas à linha telefônica de El Corte Inglés, no centro de Sevilha, onde o pirata tinha feito um laço eletrônico para dissimular seu rastro:

O templo do Senhor é campo de Deus, é edificação de Deus. Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é santo — Primeira aos coríntios — disse o padre Oscar, devolvendo o papel a Quart.

— Sabe alguma coisa a esse respeito?

O vigário ficou fitando—o, com ar abatido, a ponto de dizer algo. Mas limitou—se a menear a cabeça, negando, enquanto sentava a seu lado.

— O senhor continua atirando às cegas — disse por fim.

Ficou calado um instante, depois torceu a boca:

— Não é tão bom quanto diziam — acrescentou. Quart guardou a mensagem de Vésperas no bolso:

— Quando vai embora?

— Amanhã à tarde.

— Creio que seu novo destino é um lugar ruim.

— É pior. — Sorria com tristeza. — Ali chove um dia e meio por ano. Dava no mesmo me desterrarem para o deserto de Gobi.

Olhava de soslaio seu interlocutor, quase atribuindo—lhe a culpa. Quart ergueu a mão para mostrar a palma vazia.

— Não tenho nada a ver com isso — disse suavemente.

— Eu sei. — Oscar Lobato passou os dedos pelos cabelos, para trás, e ficou um pouco em silêncio, fixando a lamparina acesa no altar. — É monsenhor Aquilino Corvo em pessoa que ajusta as contas comigo. Considera que eu o traí. — Soltou um risinho mal—humorado e virou—se para Quart. — Sabe?... Eu era um jovem sacerdote de confiança, com um futuro promissor. Isso o levou a me colocar junto de dom Príamo, para marcá—lo. E em vez de ser um espião do Arcebispado, passei para o inimigo.

— Alta traição — observou Quart.

— Pois é. Há certas coisas que a hierarquia eclesiástica nunca perdoa.

Quart assentiu. Disso ele podia dar fé.

— Por que fez isso?... O senhor sabia melhor que ninguém que era uma batalha perdida.

O vigário cruzava os pés sobre o genuflexório de madeira do banco, fitando os tênis.

— Creio que já respondi a essa pergunta durante nossa última conversa. — Os óculos escorregavam sobre o cavalete do nariz, e isso acentuava seu aspecto inofensivo.

— Mais cedo ou mais tarde dom Príamo será afastado da paróquia e chegará o tempo dos mercadores... A igreja será derrubada e sobre sua túnica lançarão sortes. — Ria da mesma maneira obscura de antes, com os olhos fitos diante de si. — O que já não tenho tão claro é que a batalha esteja perdida.

Emitiu um longo suspiro, muito baixo, perguntando—se se falar com Quart daquilo tudo servia para alguma coisa. Depois ergueu os olhos para o altar e para a abóbada, e ficou assim, imóvel. Parecia muito cansado.

— Até apenas um par de meses atrás eu era um clérigo brilhante — acrescentou por fim. — Bastava manter—me agarrado à cadeira do arcebispo e ficar de bico calado...

Mas aqui descobri minha dignidade como homem e como sacerdote. — Olhava em torno e parecia encontrar nas paredes cobertas de andaimes razões ocultas para seu discurso. — ... É paradoxal, não?, isso ter sido ensinado por um velho pároco detestável em seu aspecto e suas maneiras; um padre aragonês, teimoso como uma mula, apaixonado pelo latim e por astronomia. — Encostou—se no banco, cruzando os braços, virado de novo para Quart.

— O que são as coisas. Antes, o destino que me espera teria significado uma tragédia. Hoje eu o vejo de outro modo. Deus está em qualquer lugar, em qualquer canto, porque vai conosco. E Jesus Cristo jejuou quarenta dias no deserto. Monsenhor Corvo não sabe, mas é agora que sinto de verdade ser um sacerdote, com uma razão para lutar e resistir. Com o desterro só conseguem me tornar mais combativo e mais forte. — Acentuou o sorriso desesperado, triste. — Tornaram mais forte minha fé.

— Vésperas é o senhor?

O padre Óscar havia tirado os óculos e limpava—os na camisa. Os olhos míopes fitavam com desconfiança.

— Só importa isso, não é?... A igreja, o padre Ferro, eu mesmo, pouco lhe importamos. — Estalou a língua com desprezo. — O senhor tem sua missão.

Limpou devagar uma lente, depois a outra, distraído, como se o pensamento estivesse longe.

— Quem é Vésperas ou deixa de ser — acrescentou por fim — é o que menos importa. Trata—se de uma advertência ou de um apelo ao que resta de nobre nos fundamentos desta empresa em que o senhor e eu trabalhamos. — Pôs os óculos. — ... Um lembrete de que ainda existem honestidade e decência.

Quart sorriu com pouca simpatia:

— Que idade tem? Vinte e seis?... Em seu caso, isso desaparece com os anos.

A careta de desdém torcia a boca do padre Óscar:

— Esse cinismo, lhe emprestaram em Roma ou já o tinha?... — Meneou a cabeça. — Não seja tolo. O padre Ferro é um homem honrado.

Quart conteve um sarcasmo. Uma hora antes estivera no Arcebispado, efetuando uma minuciosa visita aos arquivos onde se guardava o expediente completo de dom Príamo Ferro. Um expediente cujos extremos o próprio monsenhor Corvo tinha lhe confirmado ponto por ponto numa breve conversa mantida na Galeria dos Prelados, sob os retratos de Suas Ilustríssimas Gaspar Borja (1645) e Augustín Spínola (1640). Dez anos atrás o padre Ferro tinha sido submetido a um processo eclesiástico na diocese de Huesca, como resultado de uma venda não autorizada de bens da igreja. Durante sua última etapa à frente da paróquia de Cillas de Ansó, nos Pireneus, tinham desaparecido uma pintura e um Cristo crucificado. O Cristo não era grande coisa, mas a pintura em madeira, do primeiro quartel do século XV e atribuída ao Mestre de Retascón, foi muito lamentada pelo bispo local. De qualquer modo, a paróquia era de terceira ordem e aquele tipo de incidentes era comum na época, quando os párocos podiam dispor com quase inteira liberdade do patrimônio sob a sua custódia. O padre Ferro tinha se saído bem, com uma simples admoestação de seu ordinário.

A coincidência de dados com a informação sugerida por Honorato Bonafé era singular, e Quart intuiu que o arcebispo Corvo, tão reticente em outras vezes e tão generoso naquela, não via com desagrado que aquele ponto obscuro no passado do padre Ferro circulasse um pouco por aqui e por ali. Chegou a se perguntar, inclusive, se a fonte informativa do jornalista não exibia, de maneira mais ou menos direta, anel episcopal e ribete púrpura na batina. Como quer que fosse, a história de Cillas de Ansó era verdadeira, e Quart obteve um segundo capítulo do folhetim na Chefatura de Polícia, quando o subcomissário Navajo deu uns telefonemas a seu colega madrileno, o inspetor—chefe Feijoo, responsável pelo grupo de investigação de arte. Um retábulo do Mestre de Retascón, que coincidia ponto por ponto com o desaparecido em Cillas de Ansó, havia sido adquirido legalmente, com recibo

certinho, pela casa de leilões Claymore de Madri, que o revendeu por um alto preço. O diretor da Claymore, um conhecido marchand chamado Francisco Montegrifo, confirmava ter pago certa quantia ao sacerdote dom Príamo Ferro Ordás. Quantidade irrisória, em comparação com o preço, sextuplicado, que o quadro alcançou no leilão. Mas isso — matizara o tal Montegrifo ao inspetor—chefe Feijoo, e este ao subcomissário Navajo — eram coisas da oferta e da procura.

A propósito da honradez do padre Ferro — disse Quart ao vigário —, o senhor não tem provas de que sempre tenha sido assim.

Óscar Lobato encarou—o, incomodado:

— Não sei o que pretende insinuar, mas para mim dá na mesma. Eu respeito o homem que conheço. De modo que vá procurar seu Judas em outro lugar.

— É sua última palavra?... Talvez ainda tenhamos tempo.

Não disse de quê. O outro fitava—o com curiosidade hostil.

— Tempo? Isso fede a oferta de perdão. Serão bonzinhos comigo se eu cooperar?... — Agitou a cabeça, sem dar crédito ao que estava acontecendo e levantou—se. Tem graça. Dom Príamo comentou ontem, após uma conversa que pelo visto vocês mantiveram na casa da duquesa, que o senhor talvez estivesse começando a compreender. Mas que compreenda ou não, é o de menos. A única coisa que interessa é matar o mensageiro, não é?... Para o senhor e seus chefes, o ruim não é o problema, mas que alguém se atreva a denunciar o problema. Tudo se reduz a um pescoço a cortar.

Tornou a menear a cabeça do mesmo modo, e com um derradeiro olhar de desprezo se afastou rumo à sacristia. De repente pareceu pensar numa coisa, pois parou na metade do caminho:

— Talvez Vésperas tenha se enganado, afinal de contas. — Falou isso virado para Quart, em voz alta que ressoava na abóbada. — Talvez nem mesmo o Santo Padre mereça suas mensagens.

Um raio de sol se movia bem devagar da esquerda para a direita sobre as lajes gastas do chão, ao pé do altar—mor. Quart ficou a observá—lo por um instante, depois ergueu os olhos para o vitral por onde entrava a luz: um Descenso em que faltavam ao Cristo os vidros coloridos do torso, a cabeça e as pernas. O resultado era que são João e a Virgem pareciam descer da cruz apenas dois braços no vazio, e o chumbo da armação em torno da silhueta ausente parecia a marca de um fantasma: uma presença desvanecida que tornava inútil o sofrimento e o esforço da mãe e do discípulo.

Pôs—se de pé e caminhou até o altar—mor e a entrada da cripta. Junto da grade de ferro, fechada sobre os degraus que desciam para a escuridão, tocou a caveira esculpida no dintel; e, como da vez anterior, a gelidez da pedra esfriou o latejar do sangue em seu pulso. Dominando a sensação incômoda que produziam o silêncio da igreja, aqueles degraus escuros e o ar úmido e fechado que vinha de baixo, Quart se forçou a permanecer ali, imóvel, observando o negrume da cripta. Do grego kriptos, oculto, murmurou. Onde a pedra escondia as chaves para decifrar outros tempos e outras vidas. Onde jaziam os ossos de catorze duques de Nuevo Extremo e a sombra de Carlota Bruner.

Esfregando o punho entumescido, Quart voltou—se para o retábulo do altar—mor, que a claridade dos vitrais enchia de suave brilho dourado, deixando na penumbra os detalhes internos para ressaltar os relevos externos, a folhagem e os anjinhos, as cabeças das estátuas orantes de Gaspar Bruner de Lebrija e sua esposa. E, no centro, em seu nicho sob o dossel, atrás do andaime de tubos metálicos aparafusados que sustentavam uma pequena plataforma, a imagem da Virgem erguia os olhos para o céu com as pérolas do capitão Xaloc escorrendo como lágrimas pelo rosto e pela túnica azul, apoiada na meia lua e com um pé esmagando a cabeça da serpente que roubou dos homens o paraíso em troca da lucidez: da medusa, cuja visão os converteu, mais tarde, em pedra para que guardassem o terrível segredo. Ísis ou Ceres, ou Astartéia, ou Tanit, ou Maria: tanto fazia o nome escolhido para resumir o refúgio, a mãe, o amparo, o medo diante da escuridão, e do frio, e do nada. Era uma vertigem, refletiu Quart, a quantidade de símbolos que podiam ser suscitados naquela imagem e em sua evolução através das religiões e dos séculos. De pé sobre a meia lua, vestida de azul, cor simbólica do astro da noite e também das sombras cimérias, do sabre da heráldica, da terra, da morte.

O raio do sol no chão tinha se deslocado para outra lajota à direita e diminuía de tamanho quando o agente do IOE caminhou até o centro da nave e percorreu com a vista a cornija sobre os andaimes, da qual tinha se soltado o pedaço mortal para o secretário do arcebispo. Foi até ali e tentou mover a estrutura metálica, mas estava calçada e agora se mantinha firme. Situou—se aproximadamente onde estava o padre Urbizu ao receber o impacto na cabeça. Dez quilos de estuque caindo de uma altura de quase dez metros eram necessariamente mortais. Havia espaço na passarela do andaime junto da cornija para que alguém os tivesse feito cair; mas o relatório policial negava aquela possibilidade. Isso, mais a história do arquiteto municipal escorregando do telhado desta vez diante de testemunhas, matizou Quart com alívio —, parecia descartar em ambas as mortes a intervenção humana e deixava o acontecido, como Vésperas e o padre Ferro sustentavam, por conta da ira de Deus. Ou do Destino, que a juízo de Quart era uma boa explicação para os caprichos de um cruel relojoeiro cósmico que parecia acordar cada manhã com vontade de brincar. Ou talvez o acaso de deuses rabelaisianos, sonolentos e desajeitados como os descritos por Heine, que, quando lhes escapava uma torrada no café da manhã, ela sempre caía na terra com a manteiga para baixo.

Aquela altura da investigação, Quart tinha estabelecido de sobra os ingênuos móveis de Vésperas. Suas mensagens eram um apelo à justiça e ao senso comum de Roma — a reivindicação de um velho padre que travava sua última batalha num canto esquecido do tabuleiro. Mas numa coisa tinha razão o padre Óscar: Vésperas se enganou ao mandar suas mensagens. Nem Roma podia entendê—las, nem monsenhor Spada mandava a pessoa adequada. O mundo e as idéias a que o pirata informático apelava tinham deixado de existir fazia muito tempo. Era como se, após uma guerra nuclear que arrasasse a Terra, os satélites do espaço continuassem enviando sinais inúteis a um planeta morto, enquanto eles giravam fiéis e silenciosos lá em cima, na solidão do espaço infinito.

Quart deu uns passos para trás, percorrendo com a vista a estrutura dos andaimes e os deteriorados vitrais das janelas abertas para o muro esquerdo da igreja. Depois voltou—se para a nave, e Gris Marsala estava atrás dele, encarando—o.

Quando o prefeito da cidade declarou inaugurada a exposição A arte religiosa na Sevilha barroca, os aplausos encheram os salões da fundação cultural do Banco Cartujano. Depois, uma dúzia de garçons de casaco branco passearam bandejas com bebidas e canapés, enquanto os convidados admiravam as obras—primas que durante vinte dias iam estar expostas no edifício do Arenal. Entre o Cristo da Boa Morte de Juan de Mesa, cedido pela Universidade, e um São Leandro de Murillo, procedente da sacristia—mor da Catedral, Pencho Ga vira cumprimentava os cavalheiros e beijava as mãos das damas, sorrindo à esquerda e à direita.

Trajava ura impecável terno cinza—escuro e o repartido de seus cabelos engomados era tão perfeito quanto a brancura dos punhos e do colarinho da camisa.

— Esteve muito bem, prefeito.

Manolo Almanzor, prefeito de Sevilha, trocou umas agradecidas palmadinhas nas costas com o banqueiro. Era um tipo bigodudo e gordote, com uma cara honesta que tinha lhe valido o favor popular e uma reeleição; mas um escândalo de licitações irregulares, um cunhado enriquecido de maneira obscura e a denúncia por assédio sexual feita contra ele por três de suas quatro secretárias na Prefeitura o deixavam com um pé na rua a menos de um mês das eleições municipais.

— Obrigado, Pencho. Mas este é meu último ato público.

O banqueiro sorria, consolador:

— Tempos melhores virão.

O prefeito sacudiu a cabeça, dubitativo e triste. Em todo o caso, Gavira ia adoçar seu adeus à política. Em troca da requalificação municipal de Nossa Senhora das Lágrimas, do pré—contrato de venda e da retirada de qualquer empecilho ao projeto urbanístico de Santa Cruz, Almanzor obtinha o cancelamento automático de certo generoso crédito com o qual acabava de adquirir uma luxuosa mansão no bairro mais caro e exclusivo de Sevilha. Com sua frieza de jogador de pôquer, o diretor—geral do Cartujano havia resumido admiravelmente o assunto uns dias atrás, durante um jantar no restaurante Becerra, ao explicar sem rodeios a oferta: as dores com pão são menores, prefeito.

Passou um garçom com uma bandeja e Gavira pegou um cálice de xerez gelado, molhando os lábios enquanto olhava em torno. Entre damas com vestido de coquetel e cavalheiros engravatados — Gavira estipulava esse traje formal em todos os convites para atos sociais do Cartujano — a segunda frente, a eclesiástica, também estava por ali.

Sua Ilustríssima, o arcebispo de Sevilha, se movia por um canto da sala ao lado de Octávio Machuca, aparentemente trocando impressões sobre o Valdês Leal cedido para a exposição pela igreja do Hospital de la Caridad. In Ictu Oculi: a morte apagando uma vela ante a coroa e as tiaras de um imperador, um bispo e um papa. Mas Gavira sabia que o tema da conversa não era aquele.

— Filhos da puta — ouviu o prefeito dizer, a seu lado. Manolo Almanzor não se referia ao arcebispo nem ao banqueiro. Gavira viu que olhava em torno, para os convidados que lhe davam ostensivamente as costas. Toda Sevilha estava sabendo que ficaria menos de um mês no cargo. O candidato à sua sucessão, um político do mesmo partido — Andaluzismo Andaluz—, andava pelo salão recebendo parabéns antecipados com um sorriso cauteloso.

Gavira deu uma piscada de incentivo:

— Tome um drinque, prefeito.

Pegou um uísque para ele na bandeja, e o outro bebeu a metade de um só gole, enquanto cravava no banqueiro um olhar agradecido de cachorro chutado. Era surpreendente, refletiu Gavira, a facilidade com

que os mortos que se mantêm de pé acreditavam no vazio ao redor. Manolo Almanzor, em outros tempos objeto de adulação, agora fedia a cadáver político ambulante e ninguém mais se aproximava dele, com medo de ficar socialmente contaminado. Eram as regras do jogo em seu mundo não havia piedade para os vencidos, salvo o trago de álcool em vésperas da execução. O mesmo Gavira continuava a seu lado, oferecendo—lhe uísque por conta do Cartujano depois de fazê—lo inaugurar a exposição, em parte porque ainda precisava dele, em parte porque tinha comprado aquele homem e isso implicava certa responsabilidade para seu orgulho. Perguntou—se se alguma vez alguém ofereceria um drinque a ele, Gavira.

— Pegue essa igreja, Pencho — o prefeito terminava o copo, com rancor —, construa o que lhe der na telha e foda com eles todos.

Gavira assentiu, distraído, de novo com o pensamento no par que conversava junto do Valdês Leal e, desculpando—se com Almanzor, iniciou um movimento de aproximação que procurou tivesse aparência casual, uma espécie de virada à direita, depois à esquerda, como um veleiro bordejando. De passagem sorriu onde cabia, apertou e beijou algumas mãos e um par de faces maquiadas, correto, seguro, sentindo—se invejado pelos homens e admirado pelas mulheres que se aproximaram dele mal se afastou um pouco do prefeito. Duas vezes ouviu sussurrarem às suas costas o nome de Macarena, mas conseguiu que isso não decompusesse seu sorriso. Pôs o copo numa bandeja, ajeitou o nó da gravata e um momento depois estava ao lado de monsenhor Corvo e dom Octávio Machuca.

— Bonito quadro — disse, só para dizer alguma coisa. O arcebispo e o banqueiro contemplavam a tela como se até aquele momento não tivessem reparado nela. A Morte empunhava o alfanje e levava um esquite no braço descarnado. A seus pés, um mapa—múndi, uma espada, livros, pergaminhos, alegorizavam seu triunfo sobre a vida, a glória, a ciência e os prazeres terrenos. Com outra mão ossuda apagava a chama de uma vela, e as duas órbitas vazias da caveira olhavam para o espectador. In Ictu Oculi. Gavira não sabia latim, mas o quadro era muito conhecido em Sevilha e seu significado, evidente. A Morte golpeava qualquer um num abrir e fechar de olhos.

— Bonito?

O arcebispo trocou um olhar com o velho Machuca. Seguindo as últimas diretrizes papais sobre aparecimentos públicos dos prelados, Aquilino Corvo vestia batina filetata, um discreto mas eloqüente ribete vermelho completando a cruz de ouro sobre o peito e o brilho da pedra amarela na mão que mantinha sob a cruz.

— ... Somente um jovem diria isso desta cena terrível. Jogou para trás a cabeça, fitando carrancudo a tiara episcopal da tela, tão parecida com a sua. — Tudo parece muito distante visto da sua perspectiva, caro Gavira. Para nós, o quadro é bem mais próximo... Não acha, dom Octávio?

O velho banqueiro movia a cabeça, com os olhos de ave de rapina atentos atrás do nariz adunco. Na realidade monsenhor Corvo era quase vinte anos mais moço do que ele, mas o titular da sede hispalense gostava de se dar ares venerandos, por causa da dignidade do cargo.

— Pencho é um triunfador — observou Machuca. — E não teme que apaguem sua vela.

Havia um brilho gozador atrás da pálpebras semicerradas do ancião. Uma de suas mãos se enfiava no bolso do jaquetão de corte antigo, e a outra pendia do lado, quase tão descarnada como a que apagava a

chama na tela de Valdês Leal. O arcebispo sorriu, cúmplice.

— Todos estamos sujeitos à vontade de Deus — disse em tom profissional.

Gavira admitiu vagamente, sem questionar a coisa. Olhava para o velho banqueiro e este interpretou o gesto:

— Falávamos da sua igreja.

Aquilino Corvo deixou passar o possessivo sem alterar o sorriso, coisa que Gavira considerou de bom alvitre. Afinal de contas, o Arcebispado ia receber uma substancial indenização, graças ao compromisso contraído pelo Cartujano de construir uma igreja em outro lugar. Sem esquecer a fundação para a obra social entre a comunidade cigana, que o arcebispo enfiara habilmente no pacote. Em última instância, alguém também teve de custear a bacia em que Pilatos lavou as mãos.

— Ainda é a igreja de Sua Ilustríssima — matizou atento Gavira, que nunca fechava todos os caminhos a ninguém. Conhecia os riscos de negar retiradas dignas.

Monsenhor Corvo agradeceu o detalhe com um gesto da mão em que brilhava o anel. Já que se tratava de igreja, parecia obrigado a um comentário oficial a respeito.

— Doloroso conflito — disse após um breve silêncio em busca da frase adequada.

— Mas inevitável — acrescentou Gavira.

Fez uma expressão pesarosa para suavizar o matiz. Tom grave, algo subentendido de homem a homem, ambos conscientes das decisões penosas que o progresso às vezes impunha. Pelo rabo do olho viu intensificar-se o brilho gozador entre as pálpebras entreabertas de Octávio Machuca e lembrou—se de que o velho sabia que, entre as ofertas feitas pelo Cartujano a Sua Ilustríssima, havia um relatório ainda inédito sobre as atividades contrárias ao celibato de meia dúzia de clérigos de sua diocese.

Todos eram sacerdotes muito queridos em suas paróquias, e a publicação de tais dados, que incluíam fotografias e declarações, teria causado sério rebuliço. Aquilino Corvo não dispunha de meios nem de autoridade técnica para enfrentar o problema, e um escândalo poderia obrigá—lo a tomar decisões que desejava menos que ninguém.

Aqueles sacerdotes eram bons homens, e em tempos de mudança e escassez de vocações qualquer decisão precipitada corria o risco de ser inoportuna e lamentável. Por isso Monsenhor tinha aceitado com alívio o compromisso de Gavira no sentido de comprar e bloquear o relatório. Na Igreja católica problema adiado significa problema resolvido.

De qualquer modo, concluiu Gavira, era difícil que Octávio Machuca conhecesse o resto da operação, embora o olhar do velho banqueiro o fizesse suspeitar que estava a par. Uma sensação incômoda, levando—se em conta que o próprio Gavira era o inspirador da manobra, depois de pagar a agência de detetives que realizou o trabalho e recorrer, em seguida, a suas influências na imprensa para camuflar o arcebispo, o que, a rigor, não passava de uma impecável ação de chantagem.

— Sua Ilustríssima garante sua neutralidade — comentou Machuca, ainda observando as reações de

Gavira. Mas me contava faz pouco que a ação disciplinar contra o padre Ferro caminha devagar. Pelo visto — as pálpebras reduziram seu olhar a uma fenda estreita — o sacerdote enviado de Roma não conseguiu reunir provas suficientes contra ele.

Monsenhor Corvo ergueu a mão, sugerindo maior precisão. Agora mostrava—se incomodado sob sua placidez pastoral. Não se tratava exatamente disso, observou sua voz grave, perfeita para o púlpito. O padre Lorenzo Quart não viera a Sevilha para atuar contra o pároco de Nossa Senhora das Lágrimas, mas para proporcionar a Roma informação especializada. Com ênfase especial, o prelado recordou a seus interlocutores que a cúria hispalense, por pura formalidade eclesiástica, não podia agir diretamente. Esboçou em seguida os conceitos de penoso problema, pároco em idade avançada, questão de disciplina e tudo o mais. Havia com Roma uma coincidência de critérios, embora houvesse matizes. Neste ponto Aquilino Corvo evitou os olhos de Gavira e fitou Octávio Machuca, consultando—o silenciosamente sobre a oportunidade de prosseguir. O ancião manteve—se inescrutável, de modo que Sua Ilustríssima observou que a gestão do padre Lorenzo não se dava com a diligência desejável. O próprio arcebispo já alertara seus superiores a esse respeito, mas em semelhante terreno tinha as mãos amarradas. Assistia à tourada da platéia, se lhe permitiam a comparação leiga. Esperava ter se explicado direito.

— Quer dizer — Gavira franzia o cenho, irritado —, que não prevê um afastamento próximo do padre Ferro?

Desta vez o arcebispo ergueu ambas as mãos, como a ponto de lhes dizer *ite, missa est*.

— Mais ou menos. — Agora contemplava a gravata de Gavira, evasivo. — Vamos conseguir, é claro. Mas não em dois ou três dias. Umhas duas semanas, talvez. — Pigarreou incomodado. — Um mês no máximo. Já disse que o problema está fora de minhas mãos. Embora o senhor tenha, é claro, toda a minha simpatia.

Gavira ergueu os olhos para o Valdês Leal, dando—se tempo para reprimir qualquer inconveniência. Tinha ganas de morder os lábios, ou dar um soco no nariz do arcebispo.

Contou até dez fitando os olhos vazios da Morte e, por fim, forçou—se a esboçar um sorriso. Machuca não tirava os olhos dele:

— Tempo demais, não é? — perguntou o banqueiro. Parecia dirigir—se ao arcebispo, mas as fendas de suas pálpebras de ave de rapina continuavam apontando para Gavira. Foi Monsenhor quem se acreditou na obrigação de responder. No que se referia à sua autoridade — precisou —, enquanto não chegasse uma ordem de Roma e o padre Ferro continuasse dizendo *missa toda quinta—feira*, nada podia fazer.

Desta vez Gavira não pôde dissimular seu mau humor:

— Talvez Vossa Ilustríssima não precisasse deixar o assunto chegar a Roma — aventurou, áspero. — Podia ter decidido quando o assunto estava sob sua responsabilidade, quando tínhamos tempo.

A repreensão fez o arcebispo empalidecer.

— Pode ser. — Tinha se endireitado, fitando Octávio Machuca de soslaio. — Mas nós, prelados,

também temos nossa consciência, senhor Gavira. Com licença.

Fez uma seca inclinação de cabeça e passou entre eles, afastando—se com cara de poucos amigos. Machuca moveu o nariz de um lado para o outro, duas vezes, sem que Gavira pudesse precisar se estava desolado ou se divertira com a cena. Em todo o caso, pensava, tinha cometido um erro. Porque um erro era tudo aquilo que não proporcionava ganho a curto, médio ou longo prazo.

— Você ofendeu sua dignidade pastoral — disse Machuca, zombeteiro.

Reprimindo um palavrão na ponta dos lábios — teria sido um segundo erro —, Gavira fez um gesto de impaciência:

— A dignidade de Monsenhor tem um preço, como tudo. Um preço que posso pagar. — Hesitou um instante, em atenção ao velho banqueiro. — Que o Cartujano pode pagar.

— Mas por enquanto o padre continua lá. — Machuca fez uma pausa de três segundos. Uma pausa incrivelmente maldosa. — Estou falando do padre velho.

Observava Gavira com curiosidade, mas este tinha demasiada consciência disso. Ajeitou a gravata e os punhos da camisa, olhando em torno. Uma mulher bonita passou por perto e trocou com ela um sorriso distraído.

— Isso — continuou Machuca, olhando a mulher se afastar — mantém Macarena e sua sogra com vantagem. Por enquanto.

Era inútil. Gavira tinha recobrado o controle e encarava a situação impassível.

— Não se preocupe — disse. — Vou conseguir.

— Espero que sim, porque seu prazo está acabando. Quantos dias você tem até a reunião do conselho?... Uma semana?

— O senhor sabe muito bem. — O velho tinha dito você tem e seu prazo. Era odiosa, pensou Gavira, aquela sensação de estar passando sempre por um teste depois do outro, submetido a uma espécie de reavaliação contínua. — Oito dias.

Machuca meneou lentamente a cabeça.

— Um final de enfartar, como dizem os torcedores do Betis. — Olhou ao redor, como se outras coisas lhe ocupassem a cabeça; de repente, virou—se para ele: Sabe de uma coisa, Pencho?... Tenho autêntica curiosidade de ver como você se sai disso tudo. No conselho vão querer sua cabeça. — Sorria com a boca apergaminhada, como uma cobra a ponto de soltar a pele. — Mas se conseguir, tanto melhor. O que não mata, engorda.

Machuca se afastou, reclamado por uns conhecidos, e Gavira ficou sozinho, sob o Valdês Leal. Havia por perto um tipo gordote e mole, com uma papada que parecia o prolongamento das bochechas, o cabelo laqueado e uma capanga de couro ao pulso. O desconhecido se aproximou quando seus olhares se cruzaram:

— Sou Honorato Bonafé, da revista Q+S. — Estendia a mão, à maneira de cumprimento. — Podemos conversar um momento?

Gavira ignorou aquela mão enquanto olhava em torno, o cenho franzido, perguntando—se quem tinha deixado aquele indivíduo entrar.

— Só lhe roubarei uns minutos.

— Telefone para a minha secretária — sugeriu friamente o banqueiro, dando—lhe as costas. — Um destes dias.

Deu uns passos entre a gente, afastando—se. Para sua surpresa, Bonafé caminhou a seu lado. Franziu a boca, fitando—o de viés, entre obsequioso e seguro de si. Ruim, concluiu Gavira parando por fim: aquela era a descrição exata do sujeito.

— Estou preparando uma reportagem — disse o outro com rapidez, antes que o despachasse de mau jeito. Sobre esta igreja que interessa ao senhor.

— Que história é essa?

Bonafé ergueu uma mão pequena e fofa, a mesma que Gavira ignorara.

— Bem — continuava franzindo a boca num esgar conciliador. — Se levarmos em conta que o Banco Cartujano é o principal interessado na demolição de Nossa Senhora das Lágrimas, creio que uma conversa ou umas declarações... O senhor me entende.

Gavira manteve—se impassível.

— Não. Não entendo, em absoluto.

Untuoso, paciente, Honorato Bonafé obsequiou o banqueiro com um rápido esboço do panorama— o Cartujano, a igreja e a requalificação do terreno. O pároco, indivíduo um tanto duvidoso, em choque com o arcebispo de Sevilha e sob processo disciplinar ou coisa do gênero. Dois mortos por acidente, ou vá saber. Um enviado especial de Roma. E, bem, uma bela esposa, ou ex—esposa, filha da duquesa de Nuevo Extremo. E ela e aquele padre de Roma...

Parou de súbito, ao ver a expressão de Gavira. O banqueiro dera um passo em sua direção e encarava—o bem de perto.

— Bom, já entendeu — concluiu Bonafé, resumindo no ato. — Conto isso para que o senhor faça uma

idéia: manchetes, capa e tudo o mais. Publicamos a história completa na semana que vem. E, naturalmente, sua opinião ou suas palavras têm muito peso.

O banqueiro continuava imóvel, fitando—o sem dizer nada. Honorato Bonafé iniciou um sorriso mas deixou—o assim, inconcluso, entre os lábios rosados que franzia paciente, à espera de resposta.

— O senhor — disse por fim Gavira — quer que eu lhe conte.

— Isto mesmo.

Peregil passou por perto, e Gavira acreditou advertir nele um olhar alarmado ao ver Bonafé. Esteve tentado a chamá—lo para lhe perguntar se tinha alguma coisa a ver com a presença do jornalista na exposição, mas não era o momento de uma acareação. O que de fato queria era botar dali para fora, a pontapés, aquele indivíduo gordote e mole com jeito de chantagista.

— E o que ganho falando com o senhor?

O sorriso do jornalista finalmente se concretizou, insolente e seguro. Esta é a linguagem, insinuava o esgar da boca.

— Pois bem, controla a informação. Dá sua versão dos fatos. — Bonafé fez uma pausa carregada de sentidos.

— ... Coloca—nos do seu lado, entendamo—nos.

— E se eu não topar?

— Ah! Aí é diferente. A reportagem será publicada, de qualquer maneira, mas o senhor terá deixado passar sua oportunidade.

Agora chegou a vez de Gavira sorrir, e o fez com seu sorriso mais perigoso: o do Tubarão do Arenal.

— Isso está parecendo ameaça.

O outro movia a cabeça, alheio aos sorrisos e aos matizes.

— Não, pelo amor de Deus. Estou apenas pondo minhas cartas na mesa. — Os olhos empapuçados, porcinos, brilhavam de cobiça. — Estou jogando limpo, senhor Gavira.

— E por que está jogando limpo comigo?

— Ora, bem... Não sei. — Bonafé estirava as abas de seu paletó amarrotado. — Suponho que, diante da opinião pública, sua imagem desperta simpatia, o senhor me entende: o jovem banqueiro que impõe um novo estilo, etcétera. O senhor sai bem nas fotos, é apreciado pelas mulheres. Numa palavra: vende. É um homem na moda, e minha revista pode contribuir muito, e bem, para

que continue na moda. Considere a coisa como uma promoção de imagem. — Fez uma cara de circunstância.

— Ao passo que sua mulher...

— O que tem a minha mulher?

As palavras soavam como estilhaços de gelo, mas Bonafé não parecia reparar nos sinais de perigo:

— Ela também sai bem nas fotos — disse, sustentando o olhar de seu interlocutor com muita calma.

— Se bem que eu ache que aquele toureiro... Bem, o senhor sabe.

Isso já acabou. Precisamente agora o sacerdote de Roma... Sabe a quem me refiro?

Gavira pensava muito rápido, pesando os prós e os contras. Precisava de apenas uma semana de trégua, depois tudo daria na mesma. E o preço daquele sujeito estava na cara.

— Sim, compreendo — respondeu, ainda com ar ausente. — Mas diga: quanto calcula que possa me custar essa promoção de imagem?

Bonafé ergueu ambas as mãos para juntar as pontas dos dedos, em gesto de oração, ou de ação de graças. Parecia relaxado. Feliz.

— Bem — fez. — Eu tinha pensado numa conversa detalhada sobre esta igreja. Uma troca de impressões. Por isso, não sei. — Dirigiu um olhar significativo ao banqueiro.

— Talvez lhe interesse investir na imprensa.

Peregil tornou a passar por perto, olhando para os dois como por acaso. Gavira observou que seu assistente continuava preocupado. O banqueiro compôs um último sorriso, virando—se para Bonafé, mas ninguém teria interpretado aquele gesto como indício de simpatia. O outro também não deve tê—lo considerado assim, pois pestanejou um instante, inquieto.

— Faz tempo que invisto na imprensa — disse Gavira.

— O que acontece é que ainda não tinha tido tempo de me ocupar de gente como você.

O jornalista franziu a boca numa careta cúmplice, de tal modo que a papada estremeceu, como se fosse gelatina. E Gavira, observando—o, disse a si mesmo que Honorato Bonafé era o tipo perfeito desse personagem abjeto, viscoso, que costuma aparecer assassinado nos filmes.

— O que me fascina na Europa — disse Gris Marsala é sua longa memória. Basta entrar num lugar como este, contemplar uma paisagem, apoiar—se num velho muro, e tudo está aí. Seu passado, suas recordações. Você mesma.

— Por isso está obcecada com a igreja? — perguntou Quart.

— Não é apenas esta igreja.

Estavam no átrio, diante do Nazareno de cabelos naturais e dos ex—votos empoeirados pendurados

na parede. Os dourados do retábulo reluziam no fundo, sob os andaimes, na penumbra que rodeava a imagem da Virgem e as estátuas orantes dos duques de Nuevo Extremo.

— Talvez tenha—se de ser americana para compreender isso — acrescentou Gris Marsala ao cabo de uns instantes. — Lá você tem a impressão, às vezes, de que tudo isto foi construído por gente estranha, alheia. De repente, um dia, você vem e compreende que é sua história mesma. Que você mesma, pela mão dos antepassados, pôs pedra sobre pedra. Isso talvez explique o fascínio que muitos compatriotas meus sentem pela Europa. Sorriu para Quart com ar absorto. — Inesperadamente você dobra a esquina e se lembra. Você se imaginava órfã e percebe que não é bem assim. Talvez por isso agora eu não queira voltar.

Encostava—se na parede branca, junto da pia de água benta. Trazia, como sempre, os cabelos grisalhos presos numa pequena trança na nuca e a velha pólo azul—escura, com leve cheiro de suor. Prendia os polegares nos bolsos traseiros do jeans manchado de gesso e cal.

— Transformaram—me em órfã várias vezes — disse. E a orfandade é escravidão. A memória dá segurança, a gente sabe quem é e aonde vai. Ou aonde não vai. Sem ela, a gente fica à mercê do primeiro que chega e chama de filha. Não acha? — Esperou, até ver que seu interlocutor assentia em silêncio. — Defender a memória é defender a liberdade. Somente os anjos podem dar—se ao luxo de ser espectadores.

Quart fez um gesto de compreensão que não comprometia nada. Naquele momento estava pensando no relatório que recebera de Roma sobre aquela mulher e que agora estava em sua mesa no hotel, com alguns parágrafos sublinhados em vermelho. Entrou aos dezoito anos para uma ordem religiosa. Arquitetura e BelasArtes na Universidade de Los Angeles, com cursos de especialização em Sevilha, Madri e Roma. Brilhante currículo acadêmico. Sete anos professora de arte. Quatro anos diretora de um colégio universitário religioso em Santa Bárbara. Crise pessoal com complicações de saúde. Dispensa temporal indefinida. Três anos em Sevilha, onde vivia de dar aulas a alunos americanos de Belas—Artes. Discreta, sem nada a assinalar, apenas mantinha contato com uma residência local da ordem a que pertencia. Domiciliada em residência particular. Não tinha pedido separação do estado religioso. Não constava que tivesse realizado estudos especiais de informática.

Quart olhou para a freira. Lá fora, na praça, a luz aumentava de intensidade e o calor começava a fazer—se notar. Agradeceu o abrigo fresco que a igreja proporcionava.

— É sua memória recuperada, então, o que a retém aqui.

— Mais ou menos.

Gris Marsala sorriu tristemente, observando a medalha militar atada nas flores secas do buquê de noiva, entre os ex—votos do Nazareno — pernas, braços, estatuetas de latão e cera —, com ar de se indagar sobre o paradeiro das mãos que haviam levado aquelas flores. Tinha se endurecido a expressão de seus olhos, cuja claridade intensificava a luz exterior.

— Os futuristas — disse, após um novo silêncio — propuseram dinamitar a cidade de Veneza, para assim destruir um modelo. O que então parecia um paradoxo esnobe tornou—se realidade na arquitetura, na literatura... Na teologia. Arrasar cidades bombardeando—as é apenas um exemplo excessivo, uma maneira brutal de abreviar as coisas.

— Sorria ensimesmada e triste, olhando para o buquê de noiva seco. — Há métodos mais sutis.

— Vocês não podem vencer — disse suavemente Quart.

— Nós?... — A freira olhou para ele surpresa. — Não se trata de um clã, nem de uma seita. Só gente agrupada em torno desta igreja, cada um com motivos pessoais distintos.

— Meneava a cabeça: tudo aquilo parecia óbvio.

— O padre Óscar, por exemplo, é jovem e descobriu uma causa para se apaixonar, como poderia ter sido uma mulher ou a Teologia da Libertação... Quanto a dom Príamo, lembra—me aquele livro magnífico de um espanhol que tive ocasião de ouvir na universidade, Ramón Sender: A aventura equinocial de Lope de Aguirre. Aquele conquistador pequeno, desconfiado e duro, que mancava por causa de velhos ferimentos e andava sempre de armadura, apesar do calor, pois não confiava em ninguém!... Como ele, nosso pároco decidiu rebelar—se contra um rei distante e ingrato, e travar sua guerra pessoal. Não é engraçado?... Também a tipos como Aguirre os reis enviavam gente como o senhor, com ordens de prisão ou execução. — Suspirou, antes de guardar silêncio um instante. — Imagino que é inevitável.

— Fale—me de Macarena.

Ao ouvir o nome, Gris Marsala fitou Quart com atenção. Ele suportava o exame, impassível.

— Macarena — disse por fim a freira — defende sua memória pessoal: algumas recordações, o baú da sua tiaavó e as leituras que a marcaram desde menina. Debate—se no que ela mesma, em seus momentos de humor, chama de efeito Buddenbrook: a consciência de um mundo que se extingue, a tentação leopardesca de se aliar com os arrivistas para sobreviver. A desesperança da inteligência.

— Conte—me mais coisas.

— Não há muito mais que contar. Tudo está aparente.

— Gris Marsala olhou através da porta aberta para a praça cheia de sol. — Herdou um mundo que já não existia, isso é tudo. Ela também é uma órfã que se aferra aos restos do seu naufrágio.

— E que papel represento nisso tudo?

Sentiu—se incomodado mal a pergunta abandonou seus lábios, mas ela não parecia lhe dar muita importância. Viu que mexia os ombros sob a pólo manchada de gesso.

Não sei. O senhor se transformou na testemunha.

— Pareceu refletir um pouco mais. — Todos estão tão sozinhos que necessitam de alguém para

redigir a ata. Imagino que desejam sua compreensão ou, antes, a dos que o enviaram aqui. Do mesmo modo que Aguirre, no fundo, ansiava a de seu rei.

— Macarena também?

Desta vez Gris Marsala demorou um pouco para responder. Espiava os arranhões nos nós dos dedos de Quart.

— O senhor lhe agrada — disse por fim, com simplicidade. — Como homem, quero dizer. O que não me surpreende. Não sei se tem consciência disso, mas sua presença em Sevilha dá a tudo um aspecto especial. Imagino que ela esteja tentando seduzi—lo, à sua maneira. — Sorriu suavemente, adotando um ar de menino levado. — E não estou me referindo ao aspecto físico da questão.

— Isso a incomoda?

A freira lançou um olhar de curiosidade desapaixonada.

— Por que iria me importar?... Não sou lésbica, padre Quart. Digo isso se por acaso preocupa ao senhor a natureza de minha amizade com Macarena. — Soltou uma curta gargalhada, apoiando—se com desenvoltura na velha porta de carvalho. Continuava tendo, pensou Quart mais uma vez, apesar dos cabelos cinza como seu nome e as rugas da idade em torno dos olhos, um corpo de moça esbelta e ágil, realçado pelos jeans apertado e por aqueles silenciosos tênis brancos. — Quanto aos homens em geral e aos sacerdotes atraentes em particular, tenho quarenta e seis anos e sou virgem por voto e vontade própria.

Quart olhou para a praça por cima do ombro da mulher, incomodado.

— O que acontece com Macarena e seu marido?

— Ela o ama. — Parecia um tanto surpresa, como se tudo fosse tão evidente que as explicações eram supérfluas. Depois observou Quart com atenção, e em sua boca desenhou—se um lento sorriso de ironia. — Não faça essa cara, padre. Salta aos olhos que o senhor frequenta pouco o confessionário. Não sabe nada das mulheres.

Quart saiu para a rua e o sol foi cair sobre os ombros de seu paletó negro como uma manta de chumbo. Gris Marsala seguiu—o evitando um monte de areia e pedra britada e deteve—se diante da betoneira. O sacerdote contemplou o campanário vasado da igreja, entre os andaimes de tábuas e tubos aparafusados, e, ao fazê—lo, sua vista se deteve na Virgem decapitada em cima da porta.

— Gostaria de visitar sua casa, irmã Marsala.

O som dos passos da freira se deteve sobre o cascalho.

— O senhor me surpreende.

— Não creio.

Houve um silêncio. Quando Quart se virou para ela, viu que o observava, entre incomodada e divertida.

— Detesto essa história de irmã Marsala. Ou será apenas uma maneira de dar um tom oficial ao pedido?...

— Agora arqueava as sobrancelhas, irônica. — Afinal de contas está propondo visitar a casa em que vive uma freira sozinha. Não se preocupa com o que vão dizer? Monsenhor Corvo, por exemplo. Ou seus chefes de Roma... — Deu uma exagerada palmada nas cadeiras, zombeteira, como se a ficha acabasse de cair. — Mas, claro, é o senhor que informa seus chefes de Roma.

Quart não hesitou um segundo entre franzir o cenho e dar uma risada. Deu uma risada.

— É apenas uma sugestão — disse. — Uma idéia. Estou reunindo peças de um quebra—cabeça. — Olhou em torno, outra vez para o campanário entre os andaimes, para a imagem mutilada, de novo para ela. — Ver como vive me ajudaria.

Agora enfrentava diretamente seus olhos. Estava sendo sincero, e Gris Marsala percebia isso.

— Entendo. Procura pistas do crime, não é?

— Isso mesmo.

— Computadores conectados com Roma, coisas assim.

— Exato.

— E, se eu me negar, vai entrar de qualquer maneira, como fez na casa de dom Príamo?

— Como sabe?

— O padre Óscar me disse.

Informação demais circulando, pensou Quart, irritado. Contavam tudo uns aos outros naquele estranho clube, e o único que arrancava as coisas com saca—rolhas era ele. Sentiu um grande cansaço com o sol impiedoso na cabeça e nos ombros — tentação de soltar o pescocinho ou tirar o paletó. Mas continuou imóvel, com a mão no bolso, aguardando.

Gris Marsala movia—se lentamente em torno da betoneira, com a mão na borda desta. Olhava para dentro como se esperasse encontrar alguma coisa esquecida. Também sorria, pensativa.

— Por que não? — disse por fim. — Nunca homem nenhum entrou na minha casa nestes três anos. Não será mal verificar como uma mulher se sente. — Deslizou sobre Quart um olhar avaliador e fez uma careta. — Espero não me lançar em cima do senhor mal feche a porta... O senhor se defenderia como santa Maria Goretti, ou está disposto a me conceder uma chance? — Com o indicador fez um curioso gesto, um movimento circular ao redor dos pés—de—galinha que tinha em torno dos olhos, depois deslizou o dedo ao longo do nariz até a boca. — Mas temo muito que na minha idade já não sirva de prova para o celibato de ninguém.. É duro, sabe?, para qualquer mulher se dar conta de que perdeu seus atrativos para sempre. — Outra vez se endureceu a expressão dos olhos claros, cujas pupilas pareciam desaparecer, contraídas pela luz ofuscante da praça. — Principalmente para uma freira.

— Esteja a cômodo — disse Gris Marsala.

Era uma ironia evidente. As comodidades eram mínimas na pequenina sala da casa— um segundo andar cujo estreito balcão, adornado com floreiras e protegido do calor e da luz por uma esteira de esparto, dava para a Calle San José, nas proximidades da Puerta de la Carne. Havia levado apenas dez minutos para ir de Nossa Senhora das Lágrimas até lá, por ruas que o sol transformava em fornos rebocados de cal, com aquela claridade contudente que penetrava nos mais insuspeitos cantos.

Sevilha era, sobretudo, luz. Paredes brancas e luz em todos os seus matizes, concluiu Quart, que tinha caminhado com Gris Marsala numa espécie de ziguezague, procurando a sombra dos telhados e das esquinas, como quando em Sarajevo monsenhor Pavelic e ele se moviam de proteção em proteção, por causa dos franco—atiradores.

Parou no meio do cômodo enquanto guardava os óculos escuros no bolso interno do paletó, e olhou em volta. Tudo estava imaculadamente limpo e arrumado. Havia um sofá com protetores de croché nos braços e no encosto, uma televisão, um pequeno móvel com livros e fitas cassete, uma mesa de trabalho com lápis e esferográficas dentro de potes de cerâmica, papéis e pastas. E um computador pessoal. Sentindo os olhos de Gris Marsala, Quart foi até o PC: um 486 com impressora. Suficiente para Vésperas, embora sem modem de conexão à linha telefônica, que ficava na outra extremidade da peça. De resto, o telefone era de tomada antiga, diretamente posta na parede, incompatível com o computador.

Aproximou—se para dar uma olhada nas fitas e nos livros. Na música, predominava o barroco, mas encontrou muito flamenco clássico e moderno, com Camarón completo.

Os livros eram tratados de arte e restauração, com manuais técnicos ou estudos sobre Sevilha. Dois deles, *Arquitectura barroca sevillana* de Sancho Corbacho e o *Guia artístico de Sevilla y su provincia* estavam cheios de folhinhas auto—adesivas com anotações, marcando páginas. O único livro religioso era uma *Bíblia de Jerusalém* com encadernação de couro e lombada gasta. Na parede, protegida por um cristal, havia uma lâmina com a reprodução de um quadro. Deu uma olhada na legenda impressa: *A partida de xadrez*, de Pieter van Huys.

— Culpada ou inocente? — perguntou Gris Marsala, atrás de Quart.

— Inocente, momentaneamente — respondeu ele. Por falta de provas.

Ouviu—a rir enquanto virava para ela, sorrindo também. Ao fazê—lo viu sua imagem refletida na parede oposta, atrás da mulher, num antigo e bonito espelho emoldurado com uma madeira muito escura. Era o único objeto que destoava na modesta moradia, e chamou a atenção de Quart. Devia ser um espelho

caríssimo.

A freira seguiu a direção do seu olhar.

— Gosta? — perguntou.

— Muito.

— Passei vários meses comendo mortadela e pão de forma para poder pagá-lo. — Olhou-se um momento no espelho e deu de ombros. Depois foi à cozinha e veio com dois copos de água fresca.

— O que tem de especial? — perguntou Quart, após deixar o copo vazio em cima da mesa.

— O espelho?... — Gris Marsala hesitou um instante. Pode considerá-lo uma espécie de revanche pessoal. Um símbolo. É o único luxo que me permiti desde que vivo em Sevilha. — Encarou Quart com malícia zombeteira. — Isso e deixar que um homem, apesar de ser padre, entre na minha casa. — Inclinou a cabeça, avaliando-se. — Não são muitas fraquezas, não é?, para três anos.

— Mas não pulou em cima de mim — disse Quart. Tem um bom autocontrole.

— É que nós, freiras veteranas, somos gente dura.

Suspirou com exagerada tristeza antes de unir seu sorriso ao do sacerdote. Ainda sorria quando pegou os dois copos e levou-os para a cozinha. Ouviu-se a água escorrer da torneira e voltou um momento depois, enxugando as mãos na camisa pólo, com ar pensativo. Olhou para o espelho, para a saleta e, por fim, novamente para Quart.

— Desde que somos noviças nos ensinam que na cela de uma religiosa os espelhos são perigosos — disse.

— Á nossa imagem, de acordo com a regra, deve se refletir no rosário e no devocionário. Nada é nosso: o vestido, a roupa de baixo, até mesmo as compressas higiênicas devem ser recebidas das mãos da comunidade. A salvação da alma não tolera individualismos nem decisões pessoais.

Ficou calada como se já houvesse dito tudo o que queria dizer e deu uns passos até a janela, levantando um pouco a esteira de esparto. A claridade inundou o cômodo, ofuscando Quart.

— Fui fiel às regras toda a minha vida — ela acrescentou. — E aqui, em Sevilha, também sou, apesar desta pequena infração do voto de pobreza. Foi até o espelho e contemplou demoradamente seu rosto. — Tive um problema. O senhor sabe qual é, pois Macarena me disse que lhe contou. Um problema de doença do espírito, mais que físico. Eu era diretora de um colégio de universitárias, em Santa Bárbara. Nunca troquei uma palavra com o bispo da minha diocese, a não ser para questões profissionais.

Mas me apaixonei por ele, ou achei que estava apaixonada, o que dá na mesma... E no dia em que me vi diante de um espelho, maquiando discretamente os olhos aos quarenta anos, porque ele tinha anunciado

uma visita, compreendi o que estava acontecendo. — Olhou para a cicatriz do pulso antes de mostrá-la a Quart através do reflexo na superfície de vidro. — Não foi uma tentativa de suicídio, como minhas companheiras suspeitaram, mas um acesso de cólera. De desespero. E quando saí do hospital e pedi conselho a minhas superiores, tudo o que lhes ocorreu foi recomendar—me orações, disciplina e o exemplo de nossa irmã, santa Teresinha de Lisieux.

Ficou um pouco calada, esfregando os pulsos como se tentasse apagar a cicatriz.

— Lembra—se de Teresa de Lisieux, padre? — acrescentou, enquanto o sacerdote assentia em silêncio. — Apesar de padecer de tuberculose e dormir numa cela gelada, nunca pediu uma manta para combater o frio da noite, mas foi capaz de suportar humildemente as dores da sua doença... E o bom Deus recompensou tanto sofrimento levando—a consigo aos vinte e quatro anos de idade!

Parecia rir baixinho, entre os dentes, semicerrando os olhos como se observasse algo muito longe dali, com todas aquelas pequenas rugas acentuando—se mais no rosto.

Tinha sido uma mulher atraente, pensou Quart. De certo modo, continuava sendo. Perguntou—se quantos religiosos, homens ou mulheres, teriam mostrado a coragem de fazer o que ela fez.

Gris Marsala foi sentar—se na poltrona e Quart permaneceu de pé, com o paletó aberto e as mãos nos bolsos, apoiado no móvel dos livros e da música, fitando—a. Ela lhe dirigiu um sorriso extraordinariamente amargo:

—Já visitou um cemitério de freiras, padre Quart?... Pequenas filas de lápides alinhadas, todas iguais. E gravado nelas o nome religioso, não o de batismo. O que foram consiste exclusivamente em seu vínculo com uma ordem; o resto não conta diante de Deus. Impossível encontrar sepulturas que inspirem mais tristeza. É como essas necrópoles de guerra com milhares de cruzes com a inscrição "desconhecido". Provocam uma insuportável sensação de solidão. E também a pergunta milionária: para que serviu tudo isso?

Brincava com um dos protetores de croché postos sobre os braços do sofá, e de repente parecia muito desamparada, longe daquela autoconfiança que reforçava cada uma de suas palavras e de seus gestos. Quart conteve o impulso de sentar—se a seu lado: não se tratava de piedade, mas de oportunismo operacional. Talvez não tivesse melhor ocasião para iluminar os ângulos de sombra de Gris Marsala. Falou com muito cuidado, pescador que não deixa a linha tensa demais para que o peixe não se assuste e escape:

— São as normas. A senhora sabia delas quando professou.

Ela o encarou como se ele houvesse falado em outro idioma.

— Quando professei, desconhecia o sentido de palavras como repressão, intolerância ou incompreensão. Sacudiu a cabeça. — Esta é a norma real. Como no 1984 de Orwell, com o olho da Grande Irmã na gente. E quanto mais jovem e atraente, pior. Fofocas, panelinhas, amigas preferidas, ciúmes, invejas... Já conhece o velho ditado: juntam—se sem se conhecer, vivem sem se amar, morrem sem se chorar... Se algum dia deixar de crer em Deus, espero continuar acreditando no Juízo Final. Como

gostaria de encontrar lá algumas das minhas companheiras e todas as minhas superiores!

— Por que se tornou freira?

— Isto está parecendo uma confissão geral. Não o trouxe aqui para descarregar minha consciência... Por que se tornou padre?... A velha história do pai opressor e da mãe excessivamente afetuosa?

Quart negou com a cabeça, incomodado. Não era para aquele terreno que pretendia levar a conversa.

— Meu pai morreu quando eu era bem pequeno disse.

— Ah. Outro caso de projeção edipiana, como diria aquele velho safado do Freud.

— Não creio. Também cheguei a pensar em ser militar.

— Que literário. O vermelho e o negro. — Pusera o paninho de croché nos joelhos e dobrava—o cuidadosamente uma e outra vez, com gesto distraído. — Meu pai era ciumento, dominador. E eu tinha medo de decepcioná—lo. Se alguém analisar a fundo certas vocações femininas, sobretudo a de moças que foram bonitas, descobrirá com insuspeita freqüência uma angústia de anos sob o assédio contínuo de um pai: todos os homens procuram a mesma coisa, etcétera. Muitas religiosas, como é o meu caso, aprenderam desde meninas a tomar cuidado com os homens e a não perder o controle diante deles... O senhor ficaria surpreso se soubesse quantas fantasias sexuais de freiras giram em torno do tema da bela e da fera.

Encararam—se demoradamente, sem precisar de palavras. Pairava agora entre os dois, percebeu o sacerdote, a mais grata sensação que se pode extrair do ofício que ambos, de um modo ou de outro, desempenhavam. Aquela solidariedade dolorosa que só era possível entre clérigos que se reconhecem num mundo difícil. Uma camaradagem feita de rituais, subentendidos, intuição, instinto de grupo e solidões paralelas, compreensíveis. Solidões compartilhadas.

— Que pode fazer — acrescentou Gris Marsala — uma freira que, aos quarenta anos, compreende que continua sendo a mesma menina dominada pelo pai?.. Uma criatura que, por medo de não desagradar, de não cometer nenhum pecado, arcou com o maior pecado: o de não ter nunca vivido uma vida verdadeiramente própria... Fez bem ou foi uma irresponsável, uma boba, quando, aos dezoito anos, renunciou ao amor terreno que inclui palavras como confiança, entrega ou sexo? — Observou Quart como se de fato esperasse dele uma resposta. Que fazer quando essas reflexões vêm tarde demais?

— Não sei — respondeu ele, amistoso e sincero. — Sou apenas um padre da infantaria, sem muitas respostas. Correu a vista pelo aposento, pelos modestos móveis e pelo computador, e ao retornar a ela esboçou um sorriso. — Talvez quebrar um espelho, depois comprar outro.

— Fez uma pausa. — É preciso muita coragem para isso.

Gris Marsala ficou um momento sem responder nada. Depois dobrou devagar o paninho de croché,

colocando—o cuidadosamente sobre o braço do sofá.

— Talvez — disse por fim. — Mas o reflexo já não é o mesmo. — Havia uma ironia desesperada em seus olhos claros quando de novo ergueu—os para Quart. — Há poucas coisas tão trágicas na vida como descobrir uma coisa fora de tempo.

Estavam esperando—o na Casa Cuesta, pontuais em torno da mesa sob o anúncio dos vapores SevilhaSanlúcar—Mar, como um bando de facínoras contritos em torno de uma garrafa de La Ina.

— Vocês são um desastre — disse Celestino Peregil. Estão fazendo as coisas ficarem malparadas para mim.

Dom Ibrahim fitava a cinza do charuto a ponto de cair sobre o colete branco. Tinha o cenho franzido e passava, incomodado, um dedo nos pêlos do bigode chamuscado, enquanto Peregil os espinava. A seu lado, o Potro do Mantelete mantinha os olhos fitos na superfície da mesa, num lugar indeterminado que estava mais ou menos entre sua mão esquerda, ainda com um curativo de gaze e pomada para queimadura, e o círculo úmido de vinho deixado pelo copo que naquele momento levava à boca. A Nina Punales era a única que parecia alheia à vergonha geral, com seus olhos negros de copla ausentes, fixos num cartaz amarelado da parede — Praça de touros de Linares, 194 7, Gitanillo de Triana, Domingúin e Manolete —, e as mãos compridas, morenas e descarnadas, de unhas tão vermelhas quanto seus lábios e seus brincos de coral, com os braceletes de prata em torno dos pulsos tilintando a cada viagem de ida e volta entre seu copo e a garrafa. Ela sozinha havia bebido mais da metade.

— Que idéia encarregar vocês deste negócio! — acrescentou Peregil.

Estava furioso, em má forma, com o nó da gravata torcido e um tom oleoso na pele e na calva, desfeita a complicada arquitetura do cabelo grudado com fixador a partir da orelha esquerda. Menos de uma hora antes, Pencho Ga vira tinha lhe dado uma bronca. Resultados, imbecil. Eu pago você para que me proporcione resultados, e você leva uma semana enrolando. Dei seis milhões para o caso e continuamos na mesma, e ainda por cima me aparece este jornalista, o tal de Bonafé, querendo manteiga para o pão dele. Aliás, Peregil, quando tivermos um tempinho você vai me contar o que tem a ver com esse sujeito, não vai? Vai me contar bem devagarinho, porque estou pressentindo que aí tem dente de coelho. Quanto ao outro problema, você tem até quarta para solucioná—lo. Porque na quinta não quero que nem Deus entre nessa igreja.

Caso contrário você vai cagar os seis milhões centavo por centavo. Retardado. Você é um retardado.

— Mexer com essas coisas de padre traz muito descalabro — notou dom Ibrahim.

Peregil encarou—o com dureza:

— Descalabro são vocês.

O Potro inclinava um pouco a cabeça, do mesmo modo que quando era admoestado pelo juiz ou agüentava, estóico, vaias do público em arenas de poeira e sol.

— Essa história da gasolina — disse a Nina Punales foi um aviso do Céu. As chamas do Purgatório.

Continuava admirando, ausente, o último cartaz de Manolete, e uma mosca que estivera bebendo nos círculos de vinho da mesa passeava por suas pulseiras de prata.

Dom Ibrahim observou com ternura seu perfil cigano, a maquiagem que rachava em torno dos pés—degalinha e sobre o batom da boca, e mais uma vez sentiu o incômodo peso da responsabilidade. O Potro levantou a cabeça para lançar—lhe um daqueles seus olhares de cachorro fiel. Sem dúvida já tinha digerido o "descalabro são vocês" de Peregil e aguardava algum sinal para saber como iam levar aquilo. Dom Ibrahim tranqüilizou com um olhar, que depois tornou a passear pela cinza do charuto antes de fixá—lo, cheio de melancolia, no chapéu panamá, pendurado no encosto da cadeira contígua perto da bengala que Maria Félix tinha lhe dado. E que acontece, perguntou—se tristemente clássico, quando Ulisses, de noite na terrível claridade do convés da sua nau, ouve surgirem recifes na proa e sente, ao mesmo tempo, fitos nele os olhos confiantes de seus argonautas pelágicos. Amarrem—me esta mosca pelo rabo. Se adivinhasse seus pensamentos, até o último argonauta pularia fora de bordo. E dom Ibrahim, pularia antes de todos.

— Um aviso do Céu — admitiu, dando respaldo à tese da Nina por respeito e na falta de outra coisa, enquanto tentava conferir a seu semblante a adequada gravidade homérica. — Afinal de contas não se pode lutar contra os elementos.

— Ozu.

Peregil resumiu seu parecer sobre os avisos celestiais com uma blasfêmia longa e barroca — relacionada com as hipotéticas calcinhas da Virgem — que fez o garçom que lavava os copos atrás do balcão levantar a cabeça, interessado.

— Isso — inquiriu Peregil ao recuperar o fôlego — quer dizer que vocês caem fora?

Dom Ibrahim levou ao peito a mão do anel de ouro falso, com dignidade exemplar. Ao fazê—lo, caiu, por fim, a cinza do havana na barriga.

— Aqui ninguém cai fora.

— Ninguém — repetiu o Potro como um eco, olhando ensimesmado para a lona do ringue.

— Pois quero ver — disse Peregil. — O tempo está acabando. Nessa igreja não pode haver missa na próxima quinta.

O ex—falso bacharel ergueu a mão:

— Descartado o continente — sugeriu —, cuidemos do conteúdo. Ainda que por motivos de consciência tenhamos decidido não atentar contra um recinto sagrado, não há obstáculo, ou óbice, para que nos ocupemos do elemento humano. — Deu uma chupada no charuto, vendo afastar—se o aro de fumaça havanesa. — Estou me referindo ao padre.

— A qual dos três?

— Ao pároco. — Dom Ibrahim esboçou um meio sorriso, confidencial. — Segundo as informações obtidas pela Nina na freguesia e entre as fiéis, o jovem vigário vai embora na manhã de terça—feira, com o que o titular da paróquia fica só ante o perigo. — Seus olhos avermelhados e tristes, desprovidos de pestanas desde o episódio da gasolina, pousaram no capanga de Pencho Gavira. — Está me acompanhando, amigo Peregil?

— Estou. — Peregil mudava de atitude na cadeira, interessado. — Mas não sei para onde.

— Você, ou lá quem for, não quer que haja missa quinta—feira... Correto?

— Correto.

— Ora, se não há padre, não há missa.

— Claro. Mas outro dia vocês me disseram que tinham escrúpulos de consciência para quebrar a perna do velho. E eu, diga—se de passagem, estou até aqui com a consciência de vocês.

— Não é preciso ir tão longe assim. — O indiano olhou à volta, depois para o Potro e para a Nina, antes de baixar o tom, cauteloso. — Imagine que esse digno sacerdote, esse venerável ministro do Senhor, desapareça dois ou três dias sem menoscabo físico.

Um raio de esperança iluminava o sorriso do capanga:

— Vocês podem se encarregar disso?

— Claro. — Dom Ibrahim deu outra chupada no charuto. — Coisa limpa, sem complicações nem fraturas. Só vai custar um pouco mais.

Peregil fitou—o com desconfiança:

— Quanto mais?

— Nada, pouca coisa. — Dom Ibrahim olhou fugazmente para seus comparsas e aventurou uma cifra: — Um e meio por cabeça, a título de alojamento e dietas.

Quatro milhões e meio não eram nada naquela altura, de modo que Peregil fez um gesto para indicar que a questão carecia de importância. Naquele momento estava mais duro que bacalhau, mas se fosse necessário, não era isso que Pencho Gavira iria regatear.

Em que vocês pensaram?

Dom Ibrahim olhava pela janela, para o estreito arco branco do beco da Inquisição, hesitando sobre se dava detalhes. Sentia calor, muito calor, apesar do vinho fresco, e também o desejo de ficar em mangas de camisa e respirar fundo. Pegou o leque da Nina e abanou—se. Vá saber como aquilo podia terminar.

— Há um lugar no rio — adiantou. — Um barco onde o Potro mora. Podemos reter o padre ali até sexta—feira, se você quiser.

Peregil olhou para os olhos inexpressivos do Potro e arqueou as sobrancelhas:

— Daria certo?

Mais uma vez, dom Ibrahim assentiu, grave e seguro. Como quer que fosse, dizia—se naquele instante, há momentos da vida em que os homens se tornam prisioneiros dos seus próprios passos, como Cortês quando disse aquele negócio de que a Tenochtitlán se vai por aí — ou seja, em frente, marcha! Abanou—se erguendo um pouco a cabeça em busca de mais ar, como se bafejasse às suas costas o cheiro de fumaça dos navios ardendo nas praias de Veracruz.

Dará certo.

Como todos os homens quando desejam ser tranqüilizados, Peregil se mostrava mais tranqüilo. Tirou um maço de cigarros americanos do bolso e acendeu um.

— Tem certeza de que não machucarão o velho?... Porque imagine que ele pode resistir.

— Por favor. — Dom Ibrahim lançou um inquietante olhar de soslaio para a Nina, depois colocou a mão do charuto no ombro do Potro. — Um velho sacerdote. Um santo homem.

Peregil continuava mostrando—se de acordo. Mas era necessário manter também, recordou—lhes, a vigilância sobre o padre de Roma e, hum, sobre a senhora. E as fotos.

Principalmente não esquecer as fotos.

— Sabem que a idéia não é nada má? — acrescentou depois, voltando ao assunto do pároco. — Como a tiveram?

Enquanto alisava os restos de bigode, dom Ibrahim compôs um sorriso entre lisonjeado e modesto—, — Vendo um filme que passaram ontem na televisão: O prisioneiro de Zenda.

— Acho que vi. — Peregil tocava o cabelo que lhe caía sobre a orelha, tentando camuflar de novo a calva. Seu humor era outro. Até fizera sinal ao garçom para que trouxesse uma segunda garrafa, que a Nina Punales via se aproximar com olhos impassíveis de azeviche, enquanto suas unhas compridas, descascadas, acariciavam o vidro do copo vazio. — ... Aquele do sujeito que os amigos põem na prisão, depois encontra um tesouro e se vingam deles?

Dom Ibrahim moveu de um lado para o outro a cabeça. O garçom tinha aberto a garrafa, e o xerez cantarolava ao encher os copos, enquanto a Nina o acompanhava movendo os lábios em silêncio.

— Não — disse. — Esse é O conde de Montecristo. O nosso é o do irmão malvado que seqüestra o rei para ele se coroar, mas aí chega o Stewart Granger e o salva.

— Vale a pena ver — assentia Peregil, comprazido, olhando para o Potro. — A verdade é que a gente aprende muita coisa com a tevê.

Honorato Bonafé possuía certas qualidades suínas, e não apenas no aspecto moral de seu caráter. Quando chegou à penumbra fresca do átrio, o suor escorria—lhe generosamente pela papada cor—de—rosa, encharcando a gola da camisa. Tirou um lenço do bolso e foi enxugando—o pouco a pouco, com leves toques de suas mãos moles e pequenas, enquanto espiava os ex—votos pendurados na parede, a metade dos bancos amontoados num lado da nave, os andaimes contra as paredes e sobre o altar—mor. Entardecia em Santa Cruz. A última luz que entrava pelos vitrais incompletos era dourada e avermelhada, proporcionando um halo de mistério às figuras descascadas e empoeiradas na madeira esculpida. Dois anjos fixavam o olhar no vazio e as estátuas orantes dos duques de Nuevo Extremo pareciam figuras reais, escondidas nas sombras do retábulo.

Deu uns passos inseguros olhando para a abóbada, o púlpito e o confessionário, cuja porta estava aberta. Não havia ninguém ali, nem tampouco na sacristia. Foi até a grade de ferro da cripta, espiou os degraus que desciam para a escuridão, depois virou—se para o altar. A estátua da Virgem estava em seu nicho, rodeada pelos tubos e pelas plataformas dos andaimes. Bonafé ficou contemplando—a de baixo e, em seguida, com a decisão de quem executa movimentos bem meditados, dirigiu—se à escada do andaime e subiu até a imagem, uns cinco metros acima do chão. A luz avermelhada que entrava pelos vitrais iluminava os detalhes da escultura barroca, o coração trespassado por punhais sobre o peito, os olhos de Dolorosa erguidos para o céu. E nas faces, no manto azul e na coroa de estréias que circundava sua cabeça, reluziam as pérolas do capitão Xaloc.

Bonafé tirou outra vez o lenço do bolso, enxugou mais suor da testa e da papada, depois serviu—se dele para tirar a poeira que cobria as pérolas, observando—as com muita atenção. Virou—se para espiar a nave deserta da igreja, antes de tirar do bolso um pequeno canivete que abriu com cuidado. Depois raspou levemente uma das pérolas encastradas no manto da estátua e estudou—a um instante, pensativo. Ao cabo de uns momentos de indecisão, introduziu a ponta do canivete no engaste com muito cuidado, pressionando até soltar a pérola de seu alvéolo. Era grossa, do tamanho de um grão—de—bico, e a guardou um momento na palma da mão antes de enfiá—la no bolso do casaco, com um sorriso satisfeito.

A luz crepuscular entrava através do Cristo sem corpo do vitral quebrado, tingindo de vermelho as gotas de suor e o mole perfil de Bonafé. Ainda recorreu mais uma vez ao lenço para enxugar o rosto. E nesse momento ouviu um suave roçamento às suas costas, enquanto uma ligeira vibração estremecia a estrutura do andaime.

XI. O baú de Carlota Bruner

Toda a sabedoria do mundo está nos olhos destes bonecos de cera.

Valéry Larbaud (Poemas)

O relógio inglês deu dez badaladas quando terminavam as sobremesas, e Cruz Bruner propôs que fossem tomar café ao ar livre, no pátio. Lorenzo Quart ofereceu seu braço à duquesa para sair da sala de jantar de verão, onde haviam ceado entre bustos de mármore trazidos quatro séculos atrás das ruínas de Itálica com o mosaico que adornava o chão do pátio principal. No corredor que o circundava, antepassados de expressão grave, gola branca e roupagens escuras, espiaram—nos de suas telas passar sob o artesoadado mudéjar. A velha dama, que vestia seda preta com pequenas flores brancas na gola e nos punhos, ia mostrando—os a Quart, apoiada em seu braço: um almirante de Mar Oceano*, um general, um governador dos Países Bascos, um vice—rei das índias ocidentais. Ao passar junto dos lampiões cordobeses, a esguia sombra do sacerdote se projetava junto da miúda e encurvada sombra da duquesa, entre os arcos da galeria.

E atrás deles, com sandálias, um vestido escuro e leve até os tornozelos, com um almofadão para a mãe nos braços e um sorriso silencioso nos lábios, caminhava Macarena Bruner.

Sentaram—se nas cadeiras de ferro pintado de branco; Quart entre as duas mulheres, perto do chafariz de azulejos dispostos de acordo com as mais rigorosas leis da heráldica. Os vasos cobriam o pátio de flores e folhas verdes, e o aroma de jasmim se anunciava nos brotos tenros. Macarena dispensou a criada quando esta pôs na mesinha marchetada a bandeja do café, e ela mesma foi servindo as xícaras. Puro para Quart, com um pingo de leite para ela. Uma coca—cola não muito gelada para a mãe.

— Já sabe que é minha droga — disse a velha dama, em resposta ao interesse de Quart. — Os médicos me proibiram o café.

Macarena dirigiu um gesto desolado ao sacerdote:

— Ela dorme muito pouco e, se vai se deitar cedo, acaba despertando às três ou quatro da madrugada. A coca—cola ajuda—a a ficar acordada mais tempo. Por isso a toma assim, com a cafeína incluída. Todos dizemos que não pode ser bom, mas ela não ouve ninguém.

— Por que deveria ouvir? — perguntou Cruz Bruner. ... Esta bebida é a única coisa americana que me agrada.

Macarena fitou—a com suave censura:

— Também gosta de Gris, mamãe.

— É verdade — concedeu a anciã entre dois goles. Mas ela é da Califórnia: quase espanhola.

Macarena virou—se para Quart, que tinha pires e xícara na mão e mexia o café com a colherinha:

— A duquesa acredita que na Califórnia os fazendeiros ainda usam sombrero e botões de prata, frei Junípero prega nas igrejas e o Zorro cavalga por lá batendo—se à espada pelos pobres.

— E não é assim? — perguntou Quart, divertido. Cruz Bruner fez um vigoroso gesto afirmativo.

— Deveria ser — disse, depois olhou para a filha como se o comentário do sacerdote fosse decisivo. — Afinal de contas, seu arquitataravó Fernando foi governador da Califórnia antes de ela nos ser tomada.

Disse aquilo com a serenidade do sangue seu e dos graves cavalheiros vistosos das telas do corredor: parecia que tinham arrancado a Califórnia diretamente dela ou de sua família. Era singular aquela mescla de familiaridade e tolerância cortês, um tanto altiva, com que Cruz Bruner se dirigia a seus semelhantes, com toda aquela longa memória desfilando em silêncio por seus olhos avermelhados, lúcidos e tristes, nos quais de repente despontava o sorriso como o estalo de um vidro quebrado.

Quart observou as mãos e o rosto cheios de rugas, mosqueados por manchas pardas, a pele seca e a débil linha de batom rosa—claro que traçava o contorno imaginário dos lábios fenecidos. Os cabelos brancos com reflexos azulados, o colar de pequenas pérolas em torno do pescoço, o leque de Romero de Torres. Quase não restavam mulheres como esta. Conhecia algumas sobreviventes damas solitárias que passeavam seu tempo perdido e suas nostalgias nos povoados da Costa Azul, matronas da antiga nobreza decadente italiana, secas relíquias centro—européias com sonoros nomes austro—húngaros, piedosas senhoras espanholas —, e sabia que do molde original sobravam pouquíssimas, e Cruz Bruner era das últimas. Os filhos e filhas eram balas perdidas sem ofício nem benefício, pasto da imprensa marrom, quando não trabalhavam das nove às seis num escritório ou num banco, gerenciavam vinícolas, lojas ou discotecas da moda e faziam o jogo dos financistas e dos políticos de que dependia seu sustento. Estudavam nos Estados Unidos, viajavam para Nova York, antes de Paris ou Veneza, não sabiam falar francês e se casavam com gente divorciada, modelos de alta costura ou arrivistas cuja única memória eram os dígitos de uma conta corrente recém—estreada com a especulação e os golpes de sorte. Ela mesma dissera isso durante o jantar, com um sorriso e um lampejo de humor inteligente, zombeteiro. Como as baleias e as focas, eu também pertencço a vima espécie ameaçada: a aristocracia.

Certos mundos não terminam com terremotos, nem estrépitos formidáveis. — A septuagenária fitava Quart com ar de dúvida, perguntando—se se ele era capaz de compreender suas palavras. — Limitam—se a se extinguir em silêncio, com um discreto ai.

Acomodou o almofadão nas costas antes de ficar calada uns instantes, escutando. Os grilos cantavam no jardim junto do muro do convento vizinho, e um leve resplendor no céu anunciava a saída da lua.

— Em silêncio — repetiu.

Quart encarou Macarena. Tinha a luz dos lampiões da galeria nas costas, e a metade do rosto em penumbra sob os cabelos que tinham caído de um ombro. Cruzava as pernas sob o vestido comprido de algodão escuro, com as sandálias mostrando os pés nvis. O marfim do colar brilhava suavemente no pescoço.

— Não é o caso de Nossa Senhora das Lágrimas aventurou Quart. — Sua decadência, sim, faz barulho.

Macarena não disse nada. Foi sua mãe quem meneou um pouco a cabeça.

— Nem todos os mundos se resignam a desaparecer — sussurrou. O comentário soava como um suspiro.

— A senhora não tem netos — disse Quart. Procurou falar aquilo em tom neutro, casual. Que não pudesse ser considerado uma provocação ou uma impertinência, embora tivesse algo de ambas ao mesmo tempo. Mas Macarena continuou impassível, e foi Cruz Bruner que falou, enquanto virava a cabeça para encarar a filha:

— Tem razão. Não tenho.

Houve um silêncio que ele manteve com a esperança de não ter errado o tiro. Agora Macarena havia adiantado o rosto, o suficiente para que o pedaço de lua que despontava sobre o telhado iluminasse um olhar hostil fixo em Quart:

— Isto não é problema seu — disse por fim, em voz bem baixa.

— Talvez também não seja meu — concedeu a duquesa, acudindo em ajuda a seu convidado. — Mas é uma pena.

— Por que há de ser uma pena? — O tom de Macarena foi cortante como uma faca: falava para a mãe, porém continuava fitando o sacerdote. — Às vezes é melhor não deixar nada para trás. — Fez um gesto violento, exasperado, para afastar os cabelos. — Sorte têm esses soldados que vão para as guerras com tudo o que têm: seu cava lo e seu sabre, ou seu fuzil. Sem ninguém com que se preocupar e sofrer.

— Como alguns sacerdotes — concluiu Quart, que também não tirava os olhos dela.

— Talvez. — Macarena ria agora sem vontade, muito longe de sua habitual risada franca, de rapaz. — Deve ser maravilhoso sentir—se tão irresponsável e tão egoísta.

Escolher a causa que se ama ou que mais convenha, como faz Gris. Ou como o senhor. Não a que se herda ou que lhe impõem.

Com as últimas palavras ficou um rasto de amargura. Cruz Bruner entrelaçava os dedos em torno do leque:

— Ninguém forçou você a se ocupar desta igreja, minha filha. Nem a transformá—la em questão pessoal.

— Por favor. Você sabe melhor do que ninguém que há obrigações que não se escolhem, mas que recaem sobre a gente. Baús que não se abrem impunemente... Há vidas governadas por fantasmas.

A duquesa fez o leque soar com um chiado.

— O senhor está ouvindo, padre. Quem disse que as heroínas românticas desapareceram?... — Abanou—se um pouco antes de fechar as varetas pensando em outra coisa.

Olhava, distraída, para os arranhões nos nós dos dedos do sacerdote. — Mas os fantasmas só doem com a juventude. O tempo os multiplica, é verdade; mas também atenua seus efeitos: a dor se transforma em melancolia. Todos os meus fantasmas nadam num mar de rosas. — Correu um lento olhar em torno, pelos arcos mudéjares do pátio, pelo chafariz de azulejos e pela lua que subia no retângulo de céu negro azulado. — Nem mesmo isso dói mais. — Olhou para a filha. — Só você, talvez. Um pouco.

A anciã inclinou a cabeça, com um gesto idêntico ao de Macarena, e de repente Quart descobriu em seu rosto os traços familiares da filha. Foi uma visão rápida que o fez debruçar um estranho momento sobre o futuro, trinta ou quarenta anos depois, da bonita mulher que estava a seu lado, fitando—o calada enquanto ouvia a mãe.

Tudo chega um dia, disse Quart consigo. E tudo acaba.

— Por um tempo confiei no casamento da minha filha — continuava dizendo Cruz Bruner. — Isso me consolava ao pensar que mais cedo ou mais tarde acabarei deixando—o sozinha. Octávio Machuca e eu concordamos em que Pencho seria ideal: inteligente, boa aparência, um futuro pela frente... Estava apaixonado por Macarena, e estou certa de que ainda está, apesar de tudo o que aconteceu. — Franziram—se os lábios inexistentes da duquesa. — Mas de um dia para o outro, tudo começou a mudar. — Dirigiu um olhar fugaz para a filha. — A menina saiu de casa e voltou a morar comigo.

O tom da anciã tinha se tornado de censura, mas Macarena continuava impassível. Quart bebeu um último gole de sua xícara e colocou—a em cima da mesa. Tinha a contínua sensação de roçar certezas, sem alcançá—las.

— Não me atrevo — aventurou — a perguntar por quê.

— Não se atreve. — Cruz Bruner se abanava, fitando—o com ironia. — Eu também não me atrevo. Em outro momento teria qualificado tudo isso de desgraça, mas já não sei o que é melhor... Sou a penúltima da minha estirpe, com quase três quartos de século nas costas e uma galeria de retratos de antepassados que ninguém mais teme, respeita ou recorda.

A lua foi emoldurar—se na metade do retângulo de céu. Cruz Bruner mandou apagar todas as lâmpadas. A luz ficou azul e prata, com os brancos do pátio — desenhos em azulejos, cadeiras, tons pálidos no mosaico do chão — destacando—se na penumbra como se fosse dia.

— É como cruzar uma linha — prosseguiu a duquesa, e Quart soube que continuava a conversa interrompida.

— E visto de lá o mundo deve ser diferente.

— E o que existe lá?

A anciã encarou—o com simulada surpresa

— Na boca de um sacerdote é uma pergunta inquietante... As mulheres da minha geração sempre acreditamos que vocês tinham resposta para tudo. Quando eu pedia a meu velho confessor, já falecido, conselhos a respeito das travessuras, sempre me aconselhava resignação, orações e oferecer minhas

angústias a Jesus Cristo. Segundo ele, a vida privada de Rafael ia por um caminho e minha salvação por outro. Não tinham nada a ver.

Olhava alternadamente para a filha e para Quart, e este se perguntou que conselhos conjugais teria dom Príamo dado a Macarena.

— Deste lado da linha — prosseguiu Cruz Bruner, retomando o fio — há certa curiosidade desapaixonada.

Uma ternura tolerante para com os que chegarão até aqui mais cedo ou mais tarde, e não sabem disso.

— Como sua filha?

A anciã pensou um momento:

— Por exemplo — disse por fim, e estudou Quart, interessada. — Ou como o senhor mesmo. Não será sempre um sacerdote bem—posto que atrai suas fiéis.

Quart ignorou a alusão. Continuava roçando certezas, sem êxito:

— E o que isso tudo tem a ver com o padre Ferro?... Qual é sua visão, a partir do lado de lá?

A anciã fez um gesto de ignorância. Aquela conversa começava a aborrecê—la.

— Teria de perguntar a ele. Parece—me que dom Príamo não é terno, nem tolerante. Mas é um sacerdote honrado, e eu creio nos sacerdotes. Creio na Igreja católica, apostólica e romana, e espero salvar minha alma na vida eterna. — Tocou o queixo com o leque fechado. ...Creio até nos sacerdotes como o senhor, que não dizem missa nem coisas assim; inclusive nos que usam calça jeans e tênis, como o padre Óscar... Neste mundo desaparecido de que procedo, um sacerdote significava algo. Por outro lado — olhou para a filha — Macarena gosta muito de dom Príamo, e eu também creio em Macarena. Gosto de vê—la travar suas batalhas pessoais, embora às vezes não a entenda. Batalhas impossíveis quando eu tinha a idade dela.

Quart refletia sobre a integridade do pároco de Nossa Senhora das Lágrimas. Era a segunda vez que ouvia proclamar aquela honradez nos dois últimos dias; mas aquilo estava em contradição com o relatório sobre Cillas de Ansó. Consultou o relógio:

— O padre Ferro está agora no observatório?

— Ainda está cedo — respondeu Cruz Bruner. — Costuma subir um pouco mais tarde, por volta das onze... Gostaria de esperá—lo?

— Sim. Tenho umas coisas a comentar com ele.

— Excelente. Assim gozaremos mais tempo da sua companhia. — Os grilos voltavam a cantar, e a velha dama escutava atenta, ligeiramente virada para o jardim. ... Já sabe quem lhe mandou nosso postal?

Só tornou a fitá—lo depois de feita a pergunta; Quart tinha enfiado a mão no bolso interno do paletó e posto em cima da mesa o cartão nunca recebido pelo capitão Xaloc.

— Não tenho a menor idéia. — Sentia—se observado por Macarena. — Mas pelo menos agora eu sei quem era cada um, e o que significa.

— Sabe mesmo? — Cruz Bruner abria e fechava o leque, e por fim tocou com a ponta deste o retângulo de cartolina que se destacava sobre a mesa. — ... Neste caso, enquanto espera dom Príamo, talvez seja um bom momento para devolver o postal ao baú de Carlota.

Quart olhou para as duas mulheres, indeciso. Macarena tinha se levantado e aguardava, imóvel, com o postal na mão e uma lua recortando, num traço pálido, a silhueta dos cabelos e os ombros. Ficou de pé e seguia através do pátio e do jardim.

Quando subiram para o pombal, umas nuvens roçavam a parte inferior da lua, e aquela claridade velada conferia uma aparência irreal à cidade a seus pés. Os telhados de Santa Cruz se escalonavam à maneira de um antigo cenário de teatro, em planos de sombras quebrados a intervalos pela luz de uma janela, um poste de luz distante num trecho de ruela estreita entre dois telhados, um terraço onde a roupa estendida pendia como sudários na noite. A Giralda se erguia iluminada no fundo, como se tivesse sido pintada numa tela escura, e o campanário de Nossa Senhora das Lágrimas parecia muito próximo, quase ao alcance da mão, do outro lado das compridas cortinas brancas que se mexiam lentamente, agitadas pelo ar.

— Não é brisa do rio, mas do mar — disse Macarena.

— Sobe de noite, vinda de Sanlúcar.

Depois enfiou os dedos do lado esquerdo do decote e, tirando o isqueiro da alça do sutiã, acendeu um cigarro. A fumaça se foi pelos arcos do aposento, entre o enxame de insetos noturnos que esvoaçava em torno da lâmpada acesa, no espaço de luz que ela projetava junto do baú aberto.

— É o que resta de Carlota Bruner — disse.

No baú havia caixas laqueadas, contas de azeviche, uma estatueta de porcelana, leques quebrados, uma mantilha de renda de seda velhíssima e puída, alfinetes de chapéu, barbatanas de corpete, uma bolsa de finos elos de prata, binóculos de ópera guarnecidos de nácar, as deterioradas flores de pano, papel e cera de um chapéu, livros de fotos e postais, velhas revistas ilustradas, estojos de couro e papelão, umas insólitas luvas vermelhas e longas de camurça, livros de poesia e cadernos escolares em mau estado, bilros de madeira para renda, vima trança de cabelos castanhos bem claros de quase três palmos de comprimento, um catálogo da Exposição Universal de Paris, um pedaço de coral, uma gôndola em miniatura, um vetusto folheto turístico das ruínas de Cartago, um pente de prender cabelo de tartaruga, um pesa—papéis de vidro com um cavalo—marinho no interior, várias moedas antigas, romanas, e outras de prata com a efígie de Isabel II e Afonso XII. Quanto ao maço de cartas, era grosso e estava preso com uma fita. Macarena desfez o laço, pondo—as nas mãos de Quart. Este calculou serem uma meia centena: quase dois terços eram envelopes que continham folhas dobradas em três, e o resto cartões—postais. A

tinta havia empalidecido no papel amarelado e quebradiço, passando do preto ou do azul a um sépia diluído que às vezes se tornava ilegível. Nenhuma tinha os selos carimbados e todas estavam escritas com a letra inclinada, fina e inglesa de Carlota. Dirigidas ao capitão dom Manuel Xaloc, porto de Havana, Cuba.

— Não há nenhuma dele?

— Não. — Ajoelhada diante do baú, Macarena pegou várias cartas e ficou revendo—as com o cigarro aceso entre os dedos. — Meu bisavô as queimava à medida que as recebia do Correio. É uma pena. Sabemos o que ela escrevia, mas não o que ele contava.

Sentado numa das velhas poltronas, com as estantes cheias de livros atrás, Quart deu uma olhada nos postais. Todos eram estampas populares de Sevilha, como a que ele recebera: a ponte de Triana, o porto com a Torre dei Oro, uma goleta amarrada diante dela, um cartaz de Feira, a reprodução de um quadro da catedral. Te espero, te esperarei sempre, com todo o meu amor, sempre tua, aguardo notícias, te ama Carlota. Tirou uma carta do seu envelope. Era datada de 11 de abril de 1896:

Querido Manuel:

Não me resigno a viver sem notícias tuas. Tenho certeza de que minha família intercepta tua correspondência, pois sei que não me esqueceste. Hã algo em meu coração, um pequeno tique—taque como o do teu relógio, que diz que minhas cartas e minha esperança não viajam para o vazio. Vou te enviar esta por uma criada que creio segura, e espero que minhas palavras cheguem a ti. Com elas renovo minha mensagem de amor e minha promessa de te esperar sempre, até que por fim regressem.

Que longa é a espera, coração! Passa o tempo e continua esperando que uma das velas brancas que vêm rio acima te traga consigo. A vida tem forçosamente de ser, afinal, generosa com os que tanto sofrem por confiar nela. Às vezes me faltam as forças, e choro, me desespero, chego a crer que não voltarás nunca. Vês que injusta e tola posso chegar a ser?

Espero—te sempre, cada dia, na torre da qual te vi partir. Na hora da sesta, quando todos dormem e a casa está em silêncio, venho aqui em cima e sento—me na cadeira de balanço para espiar o rio pelo qual voltarás. Faz muito calor, e ontem pareceu—me ver se moverem, navegando, os galeões que pintaste nos quadros da escada. Também sonhei com crianças que brincavam numa praia. Creio que são bons presságios. Talvez neste momento você já esteja a caminho até a mim.

Volta logo, meu amor. Necessito ouvir teu riso, ver teus dentes brancos e tuas mãos morenas e fortes. E te ver mirar—me como me miras. E renovar aquele beijo que uma vez me deste. Volta, por favor. Eu te suplico. Volta ou morrerei. Sinto que por dentro já estou morrendo.

Meu amor.

Carlota

— Manuel Xaloc nunca leu esta carta — disse Macarena. — Como nenhuma das outras. Ela ainda conservou o juízo mais meio ano, depois sobreveio a escuridão. Não exagerava: estava morrendo por

dentro. E, quando por fim ele veio vê-la e sentou-se no pátio com seu uniforme azul e seus botões dourados, Carlota já estava morta. A que se movia diante dele, incapaz de reconhecê-lo, era uma sombra.

Quart dobrou a carta, pondo-a de volta no cemitério de papel amarelado, de envelopes como lápides sobre mensagens lançadas às cegas, nas trevas e no vazio. Sentia-se envergonhado, incomodado, quase culpado de violar, intrometendo-se, a intimidade de um obscuro diálogo feito de gritos de socorro, de palavras de amor que nunca tiveram resposta. Aquela carta produzia nele uma indefinível vergonha. Uma tristeza infinita.

— Quer ler mais? — perguntou Macarena.

Quart negou com a cabeça. A brisa que subia de Sanlúcar pelo Guadalquivir agitava as cortinas brancas, descobrindo a intervalos a silhueta sombria do campanário da igreja. Macarena tinha se sentado no chão, encostada no baú, e relia algumas cartas à luz da lâmpada que produzia reflexos escuros na melena negra sobre a metade do seu rosto. Quart admirou a curva do pescoço, a pele morena do decote e o nascimento dos ombros, os pés nus sob as sandálias de couro. Desprendia uma sensação de calidez tão intensa que teve de se conter para não estender a mão e roçar-lhe a carne do pescoço com os dedos.

— Veja isto — ela disse.

Estendia-lhe uma folha manuscrita: o esboço de um barco e um texto escrito embaixo, a letra e os traços de Carlota. Estava encabeçado com o título. Iate armado "Manigua".

Acompanhavam-no as características técnicas da embarcação, e era evidente que tinha sido copiado de uma revista da época.

— Esta pasta é posterior — disse Macarena, passandolhe um calhamaço amarrado com fitas. — Foi meu avô que a pôs aqui dentro, depois da morte de Carlota. É o outro epílogo da história.

Quart abriu a pasta. Continha velhos recortes de imprensa e revistas ilustradas, e tudo se referia ao fim da guerra de Cuba e ao desastre naval de 3 de julho de 1898. Uma capa de *La Ilustración* reconstruía, numa gravura artística, a destruição da esquadra do almirante Cervera. Também havia uma página com o relato da batalha, um plano da costa de Santiago de Cuba, gravuras dos principais chefes e oficiais mortos no combate; e entre eles Quart encontrou o que procurava. Não era de muito boa qualidade, e a legenda do ilustrador o dizia "realizado a partir de testemunhos fidedignos". O retrato mostrava as feições de um homem bem-apegoado, com o colarinho da jaqueta abotoado até em cima sobre um lenço branco, e expressão melancólica. Era o único com traje civil, e parecia ter o desenhista pretendido ressaltar o fato de pertencer acidentalmente à esquadra de Cervera. Tinha cabelos curtos e um comprido bigode unido a frondosas costeletas: Capitão da marinha mercante D. Manuel Xaloc Ortega, comandante do "Manigua". Tinham-no desenhado olhando para um lugar impreciso além do ombro de Quart, como se no fundo pouco lhe importasse figurar entre os heróis de Cuba. Mais abaixo, na mesma página, estava o texto:

"... Enquanto o Infanta Maria Teresa, depois de suportar por quase uma hora o fogo cerrado da esquadra americana, encalhava na costa envolto em chamas, o resto dos barcos espanhóis ia saindo um atrás do outro pela barra do porto de Santiago, entre os fortes de El Morro e Socapa, sendo recebidos no ato por uma densa concentração de artilharia dos encouraçados e cruzadores de Sampson, cuja superioridade em fogo e blindagem era esmagadora. Com suas torres inutilizadas, conveses e superestrutura crivados de balas e com enorme número de mortos e feridos a bordo, todo o costado de

bombordo ardendo, o Oquendo passou ante o lugar em que estava encalhada a nau capitânea e, incapaz de continuar, com seu comandante (capitão de navio Lazaga) morto, foi encalhar uma milha mais a oeste para não cair nas mãos do inimigo.

O Vizcaya e o Cristóbal Colón forçaram as máquinas navegando paralelos à costa, comprimidos contra . esta pelo dilúvio de fogo americano. Passaram junto de seus companheiros destruídos, cujos sobreviventes tentavam ganhar a nado a costa. Mais rápido, o Colón se adiantou, enquanto o infortunado Vizcaya ficava sob os impactos de todas as unidades adversárias. O navio ardeu e, depois de seu comandante (capitão de navio Enlate) tentar inutilmente atacar o encouraçado Brooklyn, foi encalhar sob o intenso fogo do Iowa e do Oregon, com a bandeira ardendo, pois não foi arriada. Chegou depois a vez do Colón (capitão de navio Díaz Moreu), que a uma da tarde, acossado por quatro navios americanos, indefeso sem artilharia grossa, foi lançado contra a costa e afundado por sua própria tripulação. Ao mesmo tempo, mais atrasadas e sem nenhuma esperança de sobreviver, saíam do porto, uma atrás da outra, as unidades ligeiras da esquadra, os contratorpedeiros Plutón e Furor, aos quais tinha se somado nas últimas horas o iate armado Manigua, cujo comandante (capitão de marinha mercante Xaloc) se negou a permanecer no abrigo do porto, onde seu barco teria sido capturado com a cidade a ponto de cair. Estas pequenas unidades, conscientes da impossibilidade de escapar, foram diretamente ao encontro dos encouraçados e cruzadores americanos. O Plutón (tenente de navio Vázquez) encalhou depois de ser partido em dois por um grosso projétil do Indiana, e o Furor (comandante Villaamil) foi posto a pique pelo fogo do mesmo encouraçado e do Gloucester. Quanto ao ligeiro e rápido Manigua, saiu por último pela barra do porto de Santiago quando a costa já era uma sucessão de barcos espanhóis encalhados e em chamas, içou uma insólita bandeira negra junto do pavilhão nacional, contornou o banco do Diamante já suportando o fogo inimigo, e sem vacilar pôs o rumo para a unidade americana mais próxima, no caso, o encouraçado Indiana. Desta forma, o Manigua navegou três milhas aproximando—se em ziguezague do encouraçado, recebeu fogo intensíssimo e afundou à uma hora e vinte minutos da tarde, com o convés arrasado e incendiado de proa a popa, quando ainda tentava investir contra o inimigo..."

Quart pôs o recorte de volta na pasta e devolveu—a ao baú, com o resto dos documentos. Agora já sabia o que fixavam os olhos indiferentes do capitão Xaloc no retrato publicado pela revista: os canhões do encouraçado Indiana. Por um momento entreviu—o agarrado à amurada do convés, entre o fragor dos canhoneios e a fumaça do barco incendiado, decidido a terminar sua longa viagem para lugar nenhum.

— Carlota chegou a saber disso?

Macarena folheava as páginas de um velho álbum de fotografias:

— Não sei. Em julho de 1898 já tinha perdido por completo a razão, de modo que ignoramos o que pôde significar para ela. Acho que ocultaram a notícia. Em todo o caso, continuou sofrendo aqui a esperar, até sua morte.

— Que triste história.

Ela mantinha aberto o álbum numa das páginas e mostrava—o a Quart. Havia colada ali uma fotografia antiga, uma cartolina retangular com a assinatura do estúdio fotográfico num canto. Mostrava uma jovem vestida com roupas claras de verão, uma sombrinha fechada na mão e um chapéu de abas larguíssimas, com flores parecidas às de pano e cera que havia no baú. A impressão fotográfica estava tão descolorida que todos os traços estavam amarelados e boa parte deles apagada pelo tempo; mas podiam apreciar—se as mãos finas que seguravam luvas e leque, o cabelo claro preso na nuca, o oval do rosto pálido, o sorriso triste e o olhar ausente. Não era bonita, mas tinha um aspecto agradável: doce e sereno. Quart atribuiu—lhe pouco mais de vinte anos.

— Talvez tenha feito este retrato para ele — aventurou Macarena.

Um sopro de brisa mais forte fez as cortinas se mexerem, e Quart distinguiu de novo o campanário de Nossa Senhora das Lágrimas, ali perto. Para temperar seu mal—estar pôs—se de pé, foi até um dos arcos moçárabes, tirou o paletó, dobrando—o sobre o parapeito e ficou contemplando o telhado da igreja recortar—se na escuridão. Sua desolação era tão grande quanto a que Manuel Xaloc deve ter sentido ao sair pela última vez da Casa del Postigo a caminho da igreja, para depositar ali as pérolas do vestido de noiva que Carlota Bruner nunca exibiria.

— Sinto muito — murmurou à noite, incapaz de precisar diante de quem formulava aquela desculpa. Nem mesmo sabia de que se desculpar, mas experimentava a necessidade de fazê—lo. Sentia o frio do arco da cripta nos pulsos, o crepitar das velas ardendo durante a missa do padre Ferro, o cheiro de passado estéril que emanava do baú aberto. E um templário solitário num descampado, apoiando—se exausto em sua espada, via passar ante seus olhos, lentamente, o iate armado Manigua fazendo—se ao mar naquele 3 de julho de 1898, com uma silhueta imóvel na ponte de comando e, junto do pavilhão, uma bandeira negra como a desesperança.

Sentiu um movimento próximo. Macarena tinha se aproximado e também contemplava a torre de Nossa Senhora das Lágrimas.

— Agora — disse — já sabe todo o necessário. Nunca houve verdade como aquela. Quart sabia mais do que desejava saber, e Vésperas tinha cumprido seu objetivo. Mas nada daquilo podia ser traduzido na prosa oficial do relatório esperado pelo IOE. O que monsenhor Spada e Sua Eminência Jerzy Iwaskiewicz e Sua Santidade o Papa desejavam conhecer, a identidade do pirata informático e a possibilidade de um escândalo em torno da pequena paróquia sevilhana, era o que importava naquilo tudo. O resto, as histórias e as vidas que se abrigavam entre as paredes daquela igreja, não tinham importância para ninguém. A apaixonada juventude do padre Óscar acertara na mosca: Nossa Senhora das Lágrimas estava longe demais de Roma. Só era, como o Manigua do capitão Xaloc, um pequeno navio navegando em ziguezague, com a sorte selada de antemão, diante da impávida massa de aço de um encouraçado desprovido de alma.

Macarena havia posto a mão sobre seu braço, o mesmo da mão ferida, e ele o manteve imóvel sem retirá—lo, embora ela deva ter notado seus músculos se endurecerem sob o contato.

— Vou embora de Sevilha — disse Quart por fim, em voz baixa.

Ela não disse nada de imediato. Ao cabo de um momento sentiu que se virava para observá—lo:

— Acha que compreenderão em Roma?

— Não sei. Mas compreendam ou não, pouco importa

— Quart fez um gesto na direção do baú, do campanário, da cidade escura a seus pés. — Não foram eles que estiveram aqui. Este lugar é apenas um ponto minúsculo num mapa, para o qual um audacioso intruso informático chamou por um instante sua atenção. Meu relatório será arquivado poucos minutos depois de o lerem.

— É injusto — protestou Macarena. — Trata—se de um lugar especial.

— Está enganada. O mundo está cheio de lugares assim. Cada canto, cada história tem uma Carlota esperando a uma janela, um velho pároco cabeçudo, uma igreja caindo aos pedaços nalguma parte... Vocês não são importantes a ponto de tirarem o sono do Papa.

— E o seu?

— Isso não tem nada a ver. Eu dormia pouco, antes.

— Entendo. — Retirou a mão apoiada em seu braço. Não gosta de sentir—se envolvido, não é?... A não ser que se trate de cumprir ordens. — Jogou para trás o cabelo com violência, colocando—se de forma que ele não teve outro remédio senão olhar para seu rosto. — Não vai me perguntar por que abandonei meu marido?

— Não. Não vou perguntar. Isso também não é imprescindível em meu relatório.

Soou o riso baixo, desdenhoso, da mulher.

— Pouco me importa seu relatório. O senhor veio aqui fazendo perguntas e agora não pode dizer que vai embora e evita o resto das respostas... Bisbilhotou a vida de todo o mundo, por isso pode terminar de bisbilhotar a minha. — Seus olhos não se afastavam de Quart. A voz ficava absorta, grave, como se antes de modular percorresse um longo trecho para dentro. — Eu queria um filho, sabe?... Algo que atenuasse a sensação de que não há nada entre meus pés e o abismo... Eu queria um filho e Pencho não. — O tom tornou—se sarcástico. — Imagine só os argumentos: prematuro, época ruim, momento crucial em nossas vidas, necessidade de concentrar esforços e energias, mais tarde temos um... Não liguei e fiquei grávida. Por que desvia o rosto, padre Quart?... Está escandalizado?... Imagine que está no confessionário. Afinal de contas, é seu ofício.

Quart movia a cabeça, repentinamente seguro de si. Aquilo era precisamente a única coisa que lhe era clara. Seu ofício.

— Está enganada de novo — retorquiu com suavidade. — Não é. Já disse em outra oportunidade que não quero confessar a senhora.

— Não pode evitar, padre. — Quart percebeu despeito e ironia no tom da mulher. — Considere—me uma alma atribulada que seu ministério o impede de repelir. — Sobreveio um silêncio. — ... Além do mais, não estou lhe pedindo absolvição.

Deu de ombros, como se aquilo bastasse para deixá-lo à margem. Mas ela tinha os olhos cheios de reflexos de luz, de luar, de noite, e não pareceu perceber o gesto.

— Fiquei grávida — continuou, no mesmo tom de antes —, e foi como se o mundo tivesse desabado em cima de Pencho. Cedo demais, problemas demais antes do tempo, insistia.

Pressionou—me como nunca ninguém havia feito antes, em toda a minha vida... Pressionou—me para

tirar a criança.

Então era isso. As peças restantes continuaram se encaixando lentamente nas reflexões do sacerdote. Macarena ficava calada, e ele não pôde evitar de abrir a boca, contra a própria vontade:

— E você tirou — disse.

Não era uma pergunta. Virou—se para encará—la, vendo—a sorrir com uma amargura que nunca havia visto antes.

— Tirei. — Santa Cruz continuava refletindo—se em seus olhos, pálida por causa do luar. — Sou católica e resisti o quanto pude. Mas eu amava realmente meu marido.

Contra a opinião de dom Príamo, entrei numa clínica e perdi o filho. Só que as coisas se complicaram: tive uma perfuração do útero com hemorragia arterial, e tiveram de me fazer uma histerotomia de urgência... Sabe o que isso significa? Que nunca vou poder ser mãe outra vez.

— Ergueu os olhos, que se inundaram de luar, apagando—se o vestígio de todo o resto. — Nunca.

— O que disse o padre Ferro?

— Nada. É velho e já viu muita coisa. Continua me dando a comunhão quando a peço.

— Sua mãe sabe disso?

— Não.

— E seu marido?

Agora ela emitiu uma gargalhada curta e seca.

— Também não. — Passava a mão pelo parapeito, perto do braço de Quart, mas sem chegar a tocá—lo, desta vez. — Ninguém sabe, salvo o padre Ferro e Gris. E, agora, o senhor.

Hesitou um instante, como se fosse acrescentar mais um nome. Mas Quart a fitava, surpreso:

— A irmã Marsala aprovou sua decisão de abortar?

— Ao contrário. A decisão quase me custou sua amizade. Mas quando as coisas na clínica se complicaram, ela correu para junto de mim... Quanto a Pencho, não permiti que me acompanhasse durante a intervenção, e sempre acreditou que o aborto foi normal. Voltei para casa, convalescente, e para ele tudo parecia correr bem.

Guardou silêncio por um instante, olhando para a Giralda iluminada ao longe, depois voltou—se para o sacerdote.

— Há um jornalista — falou. — Um tal de Bonafé, o mesmo que publicou semana passada certas fotos...

Calou—se, sem dúvida esperando um comentário, mas Quart não disse nada. As fotografias do hotel Alfonso XIII eram o de menos. O que o preocupava era o nome de Honorato Bonafé na boca de Macarena

— Um sujeito desagradável — prosseguiu ela, ao cabo de um momento. — Mole, sujo... Desses a quem a gente nunca estenderia a mão porque a adivinha úmida.

— Já o conheço — disse por fim Quart.

Macarena dirigiu—lhe um olhar desconfiado, perguntando—se como ele podia conhecer semelhante indivíduo. Depois inclinou a cabeça, e os cabelos negros se interpuseram entre ambos.

— Veio me ver esta manhã — prosseguiu. — Na realidade foi me abordar na porta, pois nunca o teria recebido aqui. Mandei—o passear, mas antes de ir embora insinuou algo sobre a clínica... Andou fazendo perguntas.

Sangue de Deus. Quart fez uma expressão de desagrado, imaginando a cena. Por um momento lamentou não ter sido mais contundente com Bonafé quando da última entrevista.

Miserável. Desejou com toda a alma tropeçar de novo com o sujeito ao regressar, no vestíbulo do hotel, para apagar da cara dele aquele sorriso viscoso.

Estou um pouco inquieta — confessou Macarena. Disse aquilo num tom preocupado, inseguro, que ele nunca ouvira antes. Quart imaginava sem esforço o partido que Bonafé ia tirar da história.

— Abortar — comentou — já não é um problema na Espanha.

— Não. Mas esse homem e sua revista vivem de escândalos.

Cruzava os braços, apertando—os. De repente parecia ter frio.

— Sabe como se faz um aborto, padre Quart?... — Tinha se virado para estudá—lo, procurando a resposta em seu rosto para descartá—la por fim com uma expressão de despeito. — Não, creio que não sabe. Quero dizer que não sabe de verdade. Toda aquela luz, e o teto branco, as pernas abertas. E a vontade de morrer. E a infinita, espantosa solidão... — afastou—se bruscamente da janela. — Malditos sejam os homens do mundo, inclusive o senhor. Maldito até o último deles.

Parou num suspiro muito profundo, expulsando o ar como se ele doesse em seus pulmões. O contraste de luzes e sombras em seu rosto parecia envelhecê—la; ou talvez fosse aquele tom de voz lento, amargo, que a transformava em outra mulher, mais dura e mais desgastada.

— Eu me negava a pensar — prosseguiu, após um momento. — A pensar sobre o que tinha

acontecido. Vivia num sonho estranho do qual desejava despertar... E um dia, três meses depois de voltar da clínica, entrei no banheiro quando Pencho estava tomando banho,

depois de termos feito amor pela primeira vez. Estava debaixo do chuveiro, ensaboando—se, e eu me sentei na beirada da banheira para vê—lo. De repente, ele sorriu, e então eu o vi como um perfeito desconhecido... Alguém sem relação com o homem que eu amava e pelo qual havia perdido a possibilidade de ter filhos.

Calou—se outra vez para exasperação de Quart, que teria preferido não saber e que, apesar disso, estava pendente de suas palavras. Por um momento pareceu que havia terminado; mas se aproximou de novo da janela, com a mão parada no parapeito, a meio caminho entre ela e o sacerdote, sobre o paletó dobrado.

— Senti—me muito vazia e muito só — prosseguiu por fim. — Pior do que na clínica. Então fiz a mala e vim para cá... Pencho nunca entendeu. Continua sem entender.

Quart respirou devagar cinco, seis vezes. Ela parecia aguardar um comentário de sua parte.

— Por isso o machuca — disse por fim. Agora tampouco era uma pergunta.

— Machucar?... Nada pode machucá—lo. Seu egoísmo e suas obsessões estão blindados. Mas posso, isso sim, fazê—lo pagar um alto preço social: esta igreja, seu prestígio como financista e seu orgulho como homem. Sevilha passa muito facilmente do aplauso às vaias... Falo da minha Sevilha, esta a cujo reconhecimento Pencho aspira.

E vai pagar por isso.

— Sua amiga Gris sustenta que a senhora ainda o ama.

— Ela às vezes fala demais. — Riu de novo, com idêntica amargura. — Talvez o problema esteja em que o amo. Ou no contrário. De uma maneira ou de outra, isso não mudaria nada.

— E eu?... Por que me conta isso tudo?

A lua olhava para Quart. Dois discos brancos. Opaca.

Não sei. Disse que vai embora e, de repente, isso me incomoda. — Estava agora tão próxima que quando

chegou o outro sopro de brisa seus cabelos roçaram o rosto de Quart. — Talvez a seu lado eu me sinta menos solitária; o senhor parece encarnar, contra a sua vontade, essa imagem atávica que o sacerdote sempre teve para boa parte das mulheres: alguém forte e sábio em quem podemos confiar, ou a quem podemos nos confiar... Talvez sejam seu traje negro e esta gola eclesiástica, ou talvez o fato de que o senhor também é um homem atraente. Pode ser que sua vinda de Roma, e o que representa, atraia meu interesse. Quem sabe não sou eu Vésperas. Talvez eu esteja tentando ganhá—lo para a minha causa, ou

simplesmente tentando infligir uma nova e mais maligna ofensa à honra de Pencho... Também poderia tratar—se de algumas ou todas essas coisas ao mesmo tempo. No que minha vida se transformou, o padre Ferro e o senhor são os extremos de um terreno tranqüilizador: opostos e complementares.

— Por isso defende esta igreja — concluiu Quart. Precisa dela tanto quanto os outros.

Ela tinha erguido os braços, levantando até a nuca os cabelos recolhidos nas mãos. Seu pescoço era uma linha suave e escura, dos lobos das orelhas até o nascimento dos ombros.

— Talvez você também necessite de mais do que crê. — Abriu as mãos, e o cabelo se derramou numa cascata negra, ocultando—lhe pescoço e ombros. — ... Quanto a mim, não sei de que necessito. Talvez desta igreja, como o senhor diz. Talvez de um homem agradável e silencioso que me faça esquecer, ou que me conceda, pelo menos, o dom da indiferença. E outro, velho e sábio, que me absolva de buscar meu próprio esquecimento. Sabe de uma coisa?... Faz um par de séculos era uma sorte ser católica.

Solucionava tudo: bastava explicar—se com um padre e esperar. Agora nem sequer vocês, padres, acreditam em si mesmos. Há um filme, Jennie...

Gosta de cinema?... Num momento do diálogo, Joseph Cotten, o pintor protagonista, diz a Jennifer Jones: "Sem você estou perdido." E ela responde: "Não diga isso. Não podemos estar perdidos os dois"... O senhor está tão perdido quanto parece, padre Quart?

Virou—se para ela, deixando o paletó abandonado na janela, sem uma resposta nos lábios. E a lua ria dele com seu duplo reflexo pálido. Perguntou—se como era possível que uma boca de mulher sorrisse zombeteira e terna ao mesmo tempo, tão desavergonhada e tão tímida, e tão próxima. E no momento em que ia abrir a sua, disposto a dizer alguma coisa que ainda ignorava, um relógio próximo bateu onze vezes sobre os telhados, e Quart se disse que, sem dúvida, o Espírito Santo acabava de encerrar seu turno de guarda. Sangue de Deus. Ergueu a mão em direção ao rosto da mulher — a mão ferida — mas teve o domínio suficiente para detê—la no meio do caminho. Então, incapaz de estabelecer se era decepção ou alívio o que sentia, viu que dom Príamo Ferro se achava na porta e os fitava.

— Luar demais — comentou o padre Ferro. Estava de pé junto do telescópio, observando o céu. — Não é um bom momento para trabalhar.

Macarena tinha descido escada abaixo, deixando—os a sós no pombal. Quart se inclinou para fechar o baú de Carlota antes de ficar imóvel, atento à pequena e seca figura que lhe dava as costas, tão escura em sua batina preta.

— Apague a luz — disse o pároco.

Quart obedeceu, e as lombadas dos livros, o baú de Carlota e a gravura da Sevilha do século XVII que havia na parede, fundiram—se no negrume. Agora a silhueta da janela parecia mais compacta e vigorosa. A noite reforçava nela uma qualidade singular, feita de sombras.

— Quero falar com o senhor — disse Quart. — Estou partindo de Sevilha.

O padre Ferro não fez nenhum comentário. Continuava parado olhando para o céu, recortado por um escorço de lua no arco da janela, entre as cortinas que se mexiam.

— Berenice — disse por fim. — Posso ver a cabeleira de Berenice.

Quart andou até ficar a seu lado. O telescópio estava entre ambos, apontado para o céu.

— Aquelas treze estrelas — acrescentou o padre Ferro. — A noroeste. Ela ofereceu os cabelos para conseguir a vitória de seus exércitos.

Quart não olhava para o céu, mas sim para o perfil sombrio do pároco, voltado para o alto. Como que atendendo com atraso a seus desejos, a torre iluminada da Giralda se apagou de repente, tal qual acabasse de se esfumar na noite. Um instante depois, à medida que as retinas de Quart se adaptaram à nova situação, seus contornos escuros começaram a delinear—se outra vez sob o luar.

— E lá, mais longe — prosseguia o padre Ferro —, quase no zénite, estão os Cães de Caça.

Pronunciou o nome com desprezo infinito: intrusos invadindo um território amado. Desta vez sim Quart olhou para cima e pôde distinguir, ao norte, uma estrela grande e outra pequena que pareciam viajar juntas pelo espaço.

— Não lhe são simpáticas — comentou.

— Não. Detesto os caçadores. Ainda por cima quando caçam por conta de outros... Nesse caso, além do mais são os cães da adulação. A estrela grande é Cor Caroli.

Halley batizou—a assim porque brilhou com mais intensidade no dia da volta de Carlos II a Londres.

— Então o cachorro não é culpado.

Soou o riso chiado, apagado, do pároco. Por fim tinha virado a cabeça para encarar Quart de baixo para cima, por sobre o ombro. O luar acentuava a brancura de seus cabelos cortados a tesouradas; quase os fazia parecerem limpos.

— Estou achando o senhor muito desconfiado, padre Quart. E a fama de desconfiado sou eu que tenho. — Riu de novo, baixinho. — Só estava falando de estrelas.

Meteu a mão no bolso da batina para tirar um cigarro da caixinha de lata toda amassada. Ao se inclinar sobre a chama protegida pelo oco da mão, o brilho avermelhado iluminou cicatrizes e rugas em seu rosto devastado, os cabelos brancos e pretos da barba mal feita e crescida de novo, as manchas acinzentadas do colarinho, as mangas da batina.

— Por que vai embora? — Apagado o fósforo, o cigarro era uma brasa incandescente no duro perfil.
— Já descobriu Vésperas?

— Vésperas é o de menos, padre. Pode ser qualquer um de vocês, ou todos, ou nenhum. Sua identidade não muda as coisas.

— Gostaria de saber o que vai contar em Roma. Quart disse: as duas mortes tinham sido lamentáveis acidentes, e sua investigação coincidia com a versão policial; por outro lado, um veterano pároco travava uma guerra privada e vários de seus fiéis o apoiavam nela.

Uma história velha desde são Paulo, de modo que não acreditava que ninguém na Cúria se escandalizaria com isso. Se não fosse o pirata informático e o memorando a Sua Santidade, o assunto nunca teria saído do âmbito ordinário de Sevilha. Era este, em síntese, o panorama.

— E o que vão fazer comigo?

— Oh, nada especial, suponho. Como monsenhor Corvo já preparou um procedimento disciplinar a que meu relatório irá se unir, imagino que arranjarão para o senhor uma aposentadoria antecipada, discreta, um pouco antes do habitual.. Talvez uma capelania de freiras, embora o mais provável seja uma residência para sacerdotes idosos, O senhor sabe: descanso. A brasa do cigarro se movia no perfil.

— E a igreja?

Quart estendeu a mão para o paletó, que continuava no parapeito. Desdobrou—o e tornou a dobrá—lo, antes de pô—lo de novo no mesmo lugar.

— Isso fica fora de minha competência — disse. Mas, como estão as coisas, vejo pouco futuro. Em Sevilha sobram igrejas e faltam padres. Além disso, Sua Reverência dom Aquilino Corvo já aplicou o requiescat.

— À igreja ou a mim?

— A ambos

Chiou o riso atravessado do pároco:

— O senhor tem todas as respostas, pelo que Vejo. Quart meditou um pouco.

— Para dizer a verdade, falta uma — observou, por fim. — Uma coisa que consta de seu dossiê, mas que não desejo citar no relatório sem saber sua versão... O senhor teve um problema lá em cima, quando era pároco em Aragão. Um tal de Montegrifo. Não sei se se lembra.

— Eu me lembro perfeitamente do senhor Montegrifo.

— Diz que comprou do senhor um retábulo pertencente à sua paróquia.

O padre Ferro ficou um instante calado. De soslaio, Quart viu que o perfil escuro continuava voltado para o céu e a brasa do cigarro quase apagada na boca. Deslizando sobre seu ombro, a claridade da lua iluminava uma de suas mãos, apoiada no tubo de latão do telescópio.

A igreja era românica, pequena — disse o pároco, após um longo silêncio. — Vigas apodrecidas e paredes rachadas. Os corvos e os ratos tinham ninho nelas... Era uma paróquia paupérrima, tanto que às vezes não tinha nem dinheiro para comprar vinho cie missa. E meus fiéis viviam repartidos em vários quilômetros em torno. Gente humilde, pastores e camponeses. Gente velha, doente, inculta, sem futuro. E eu, todos os dias, durante a semana para mim e nos domingos para eles, dizia missa diante de um retábulo ameaçado pela umidade, as goteiras, os cupins... A Espanha estava cheia de lugares assim, de obras de arte indefesas que eram roubadas por traficantes, desapareciam ao cair o teto da igreja, ou ficavam expostas ao fogo, à chuva, à miséria... Um dia um estrangeiro que já estivera por lá veio me visitar; estava acompanhado de outro indivíduo elegante, de bom aspecto, que se apresentou como diretor de uma casa de leilões de Madri. Fizeram uma oferta pelo Cristo e pelo pequeno retábulo do altar.

— Era um retábulo valioso — observou Quart. — Do século XV.

O pároco se impacientava. A brasa do cigarro brilhou com mais intensidade:

— Que importa o século?... Pagavam por ele. Sem ser uma soma extraordinária, era um teto novo para a igreja e, o mais importante, ajuda para meus fiéis.

— Quer dizer que o vendeu?

— Claro que vendi. Sem hesitar um só momento. Com o dinheiro reparei o telhado, consegui remédio para os doentes, paliei os danos das geadas e das doenças do gado... Ajudei a gente a viver e a morrer.

Quart apontou para a silhueta escura do campanário:

— No entanto, agora defende esta igreja. Parece contraditório.

— Por quê?... Para mim, o valor artístico de Nossa Senhora das Lágrimas importa tanto quanto para o senhor ou para o arcebispo. Deixo isso para a irmã Marsala.

Meus fiéis, por poucos que sejam, valem mais do que uma tábua pintada.

— Então o senhor não crê... — começou a dizer Quart.

— Em quê?... Nos retábulos do século XV? Nas igrejas barrocas? No Mecânico Supremo que aperta lá em cima nossos parafusinhos, um a um?...

A brasa do cigarro brilhou pela última vez antes de o padre Ferro deixá-la cair pela janela.

— Que importa — disse. Movimentava o telescópio sem olhar pela objetiva, como se buscasse algo nas estrelas. — Eles crêm.

— Esse retábulo deixou uma mancha em seu prontuário — observou Quart.

— Eu sei. — O pároco continuava movimentando o telescópio. — Tive até uma desagradável entrevista com meu bispo... Se em Roma fizessem o mesmo, repliquei, outro galo cantaria. Mas aqui o único galo que ouvimos cantar é o de São Pedro. Depois, tudo são lágrimas, Quo Vadis Domine e crucifiquem—me de cabeça para baixo; mas até lá ficamos de fora, negando nossa consciência, enquanto soam as bofetadas no Pretório.

— Ora, ora. Pelo que vejo, também não tem simpatia por São Pedro.

Chiou de novo a risada baixinha do sacerdote:

— Tem razão. Devia ter deixado matar—se em Getsêmani, quando puxou a espada para defender o Mestre.

Agora foi Quart que soltou uma gargalhada:

— Teríamos ficado sem o primeiro papa, neste caso.

— É o que o senhor acha. — O pároco negava com a cabeça. — Em nosso ofício há papas de sobra. O que falta é coragem.

Tinha se inclinado e grudava um olho no telescópio, enquanto girava as rodinhas corretoras. O tubo se deslocou lentamente para cima e para a esquerda.

— Quando se observa o céu — o padre Ferro falava sem se afastar da lente —, as coisas giram devagar até ocupar um lugar diferente no Universo... Sabe que nossa pequena Terra dista do Sol apenas 150 miseráveis anos—luz, ao passo que Plutão dista 5 900? E que o Sol não passa de uma bolinha minúscula, comparado com a superfície de uma estrela média, como Arturo... Para não falar dos 36 milhões de quilômetros de tamanho que tem Aldebaran, ou de Betelgeuse, que é dez vezes maior.

Fez o telescópio descrever um breve arco para a direita, afastou o olho da lente e indicou a Quart uma estrela com o dedo.

— Olhe: é Altair. A 300 000 quilômetros por segundo, seu brilho leva dezesseis anos para chegar até nós... Quem lhe garante que entrementes não explodiu e que vemos a luz de uma estrela que já não existe?... Às vezes, quando olho para Roma, tenho a sensação de que estou olhando para Altair. Tem certeza de que tudo continuará lá, intacto, quando regressar?...

Convidou Quart para dar uma olhada, e este se inclinou para aplicar o olho à lente. À medida que se afastava do brilho da lua, entre estrela e estrela apareciam uma infinidade de pontos de luz, penças de cintilações e nebulosas avermelhadas, azuladas e brancas, pisca—piscantes ou imóveis. Uma delas foi se afastando até desaparecer, cegada por outra: uma estrela fugaz, ou talvez um satélite artificial.

Recorrendo a seus escassos conhecimentos astronômicos, Quart procurou a Ursa Maior e subiu a partir da linha de Merak e Dubhe, quatro vezes a distância, acreditava recordar. Ou talvez cinco. A Estrela Polar estava ali, grande e brilhante, segura de si.

— Esta é Polaris — o padre Ferro havia seguido os movimentos do telescópio: — a extremidade da Ursa Menor, que sempre assinala a latitude zero da Terra. Mas isso também não é imutável. — Apontou para um lugar à esquerda, convidando Quart a movimentar a lente para lá. — Há cinco mil anos, era aquela outra, o Dragão, a que os egípcios adoravam como custódia do norte... Seu ciclo é de 25 800 anos, dos quais só transcorreram três mil. De modo que daqui a 228 séculos substituirá de novo a Polar. — Olhava para cima, tamborilando com as unhas no tubo de latão. — ... Eu me pergunto se, então, sobrá na terra alguém para apreciar a mudança.

— Dá vertigem — disse Quart, afastando o olho da lente.

O pároco estalou a língua, assentindo. Parecia comprazer-se com a vertigem de Quart, como um cirurgião experiente vendo os estudantes empalidecerem numa autópsia.

— Engraçado, não?... O Universo é uma piada divertida. A mesma Polaris que o senhor observava faz vim momento está a quatrocentos e setenta anos—luz. Isso significa que nos guiamos pelo brilho que saiu de uma estrela no início do século XVI e levou quase cinco séculos para chegar até nós. — Apontou para outro lugar na noite.

— E mais para lá, sem que se possa observar à vista desarmada, na nebulosa do Olho do Gato, camadas concêntricas de gás, anéis e lóbulos gasosos formam o fóssil final de um astro que morreu faz mil anos: restos de planetas mortos girando em torno de uma estrela morta.

Afastou-se do telescópio e foi até outro arco da torre, onde a claridade da lua iluminava melhor suas feições. Ficou ali, pequeno e seco na batina demasiado curta sob a qual apareciam seus grandes sapatos. Dessa distância voltou a falar com Quart:

— Diga-me o que somos. Que papel representamos aqui, em todo esse cenário que se estende sobre NOSSAS cabeças. Que significam nossas vidas miseráveis, nossas preocupações. — Ergueu a mão um pouco para cima, sem conferir para onde apontava. — ... Que importa a essas luzes seu relatório a Roma, a igreja, o Santo Padre, o senhor e eu mesmo?... Em que lugar dessa abóbada celeste residem os sentimentos, a compaixão, o cálculo de nossas pobres vidas, a esperança? — Outra vez soou o riso baixo, áspero, intranquilizador. — ... Ainda que brilhem supernovas e agonizem estrelas, morram e nasçam planetas, tudo continuará girando, de forma aparentemente imutável, quando já houvermos ido embora.

Quart sentiu de novo aquela solidariedade instintiva que em seu mundo de clérigos fazia as vezes da amizade. Guerreiros exaustos, cada um em sua casa do tabuleiro, isolados, longe de reis e príncipes. Travando o combate de sua incerteza somente com suas forças e à sua maneira. Teria gostado de se aproximar do pequeno e velho pároco e de lhe pôr a mão no ombro, mas se conteve. As regras também incluíam a solidão de cada qual.

— Nesse caso — disse lentamente — não gosto da astronomia. Confina com o desespero.

O outro observou-o um instante em silêncio. Parecia surpreso.

— Desespero?... Muito pelo contrário, padre Quart. Proporciona serenidade. Porque só o grave, o valioso, o transcendente nos dói perder... Nada resiste à impiedosa lucidez de sentir-se uma minúscula

gotinha de água do mar, no vermelho entardecer do Universo. — Fez uma pausa e virou—se para admirar o campanário da igreja entre as cortinas agitadas pela brisa. — Exceto, talvez, uma mão amiga que nos inspire resignação e consolo, antes de nossas estrelas se apagarem uma a uma, de fazer muito frio e de tudo estar consumado.

Depois daquilo, o padre Ferro não falou mais nada. Quart estendeu a mão até o interruptor da lâmpada. Acendeu—a e as estrelas desapareceram.

Desceu ao jardim com o paletó no ombro, aspirando o cheiro da noite. Ela aguardava num canto, com a claridade da lua recortando—lhe em sombra, no rosto e nos ombros, folhas de buganvílias e laranjeiras.

— Não quero que vá embora — disse. — Ainda não.

Seus olhos brilhavam, os incisivos pareciam muito brancos despontando na boca entreaberta e o colar de marfim era um traço pálido de lado a lado do pescoço moreno na penumbra. Quart separou os lábios para emitir um longo e apagado suspiro que podia ser, também, um gemido infantil ou um protesto. Fazia calor. Uma persiana na tarde filtrava finas linhas de sol sobre o corpo moreno de uma mulher nua, e Cármen, a charuteira, enrolava folhas de fumo na parte interna da coxa, onde brilhavam minúsculas gotas de suor perto de um sexo de fêmea escuro, crespo e úmido. Houve um sopro de brisa. As folhas das laranjeiras e as buganvílias moveram—se sobre o rosto de Macarena Bruner, e o luar deslizou pelos ombros do sacerdote Lorenzo Quart como uma cota de malha, uma armadura que caísse a seus pés. O templário se levantou e olhou em torno, cansado, ouvindo o barulho da cavalaria sarracena na direção da colina de Hattin, em cujas encostas o sol branqueava os ossos dos cavaleiros francos.

E era o mar embravecido que batia no espigão do farol, sob o temporal, enquanto os frágeis banquinhos tentavam ganhar abrigo. E uma mulher enlutada segurava a mão de um menino, pela qual os pingos da chuva escorriam feito lágrimas. E cheirava a sopa fervendo num caldeirão, enquanto um velho pároco junto de uma chaminé declinava rosa, rosae. E a sombra do garotinho, perdido num mundo que se orientava pela luz de uma estrela velha de cinco séculos, recortou—se na fina parede que o mantinha a salvo do intenso frio reinante lá fora. E essa mesma sombra foi se aproximando da outra que esperava sob as buganvílias e as laranjeiras até respirar seu aroma e sua calidez, e seu hálito. Mas, um segundo antes de enlaçar os dedos naqueles cabelos para escapar durante uma noite da solidão — minúsculas gotas vermelhas num imenso entardecer —, a sombra, o menino, o homem que olhava para o corpo nu sob as linhas de luz da persiana, o templário desamparado e exausto viraram—se todos ao mesmo tempo para olhar para cima e para trás, em direção da janela apenas iluminada na torre do pombal. Ali onde um velho sacerdote arreado, cético e valente, decifrava o território secreto de um céu desprovido de sentimentos, em companhia do fantasma de uma mulher que procurava velas brancas no horizonte.

XII. A ira de Deus

Desapareceu ante nossos olhos sem que pudéssemos adivinhar como.

Gaston Leroux (O fantasma da Ópera)

A satisfação bailava nos olhos do arcebispo de Sevilha, atrás da fumaça do cachimbo.

— Quer dizer que Roma se rende — disse.

Quart colocou a xícara no pires e enxugou os lábios com um guardanapo bordado pelas freiras Adoradoras. Seu sorriso parecia um suspiro.

— É uma forma de considerar a coisa, Ilustríssima.

Monsenhor Corvo soltou mais fumaça. Estavam sentados um diante do outro, separados pela mesinha baixa com dois serviços em bandejas de prata. Era costume do arcebispo convidar para o desjejum sua primeira visita da manhã. Aquele café com torradas, manteiga e geléia de laranjas azedas estava, na realidade, destinado ao decano da catedral; mas a visita inesperada de Quart, que chegava para se despedir, havia alterado o protocolo. E o arcebispo detestava café frio.

— Eu tinha lhe dito que este assunto não era fácil de resolver.

Quart recostou—se na poltrona. Teria, com muito gosto, privado o arcebispo do prazer de despedir—se dele com sarcasmos e sorrisinhos perfumados de fumo inglês, mas as normas exigiam que apresentasse seus respeitos antes de se ir. E era o que estava fazendo.

— Lembro a Vossa Ilustríssima que não vim resolver nada, mas informar Roma da situação. E é o que me disponho a fazer.

Monsenhor Corvo estava encantado.

— Sem descobrir quem é Vésperas ressaltou.

E verdade. — Quart consultou o relógio. — Mas o problema não é apenas Vésperas. O pirata informático é uma anedota, e sua identidade mais cedo ou mais tarde se tornará conhecida. O importante é a situação do padre Ferro e de Nossa Senhora das Lágrimas... Meu relatório permitirá que qualquer decisão a esse respeito seja tomada em conhecimento de causa.

A pedra amarela do anel do arcebispo brilhou quando o prelado ergueu a mão, taxativo.

Não me venha com arabescos de jesuíta, padre Quart. O senhor deu com os burros n'água neste caso. Encarou—o com regozijo, apenas dissimulado pela fumaça do cachimbo.

— Vésperas riu de Roma e do senhor.

Irritava a Quart aquela desenvoltura em atribuir cisco ao olho alheio.

— É um ponto de vista, Ilustríssima — admitiu sem dissimular seu desdém. — Mas, já que tocou no assunto, permito—me recordar que nem Roma nem eu teríamos intervindo se Vossa Reverência houvesse se mexido antes... Tanto Nossa Senhora das Lágrimas como o padre Ferro pertencem à sua diocese. E é notório o dito evangélico: ovelhas soltas, pastor adormecido.

Ao ouvir aquilo, monsenhor Corvo quase deu um pinote na poltrona. O fato de que a citação fosse apócrifa não lhe dava consolo algum. O agente do IOE viu—o morder, exasperado, a boquilha do cachimbo.

— Olhe, Quart — a voz saía dura, entre os dentes —, aqui a única ovelha que pasta solta é o senhor. Acha que sou bobo? Sei de suas visitas à Casa del Postigo e todo o resto. Seus passeios e seus jantares.

Ato contínuo, rompido o dique, monsenhor Corvo cujo talento para o púlpito era muito apreciado em sua diocese — pôs—se a resumir admiravelmente seu despeito e seu mau humor numa áspera homilia de um minuto e meio, cuja tese central era que o enviado do IOE tinha se deixado enrolar pelo pároco de Nossa Senhora das Lágrimas e por seu Greenpeace particular de freiras, aristocratas e beatas, até perder o sentido da perspectiva e trair sua missão em Sevilha. Sedução à que não fora alheia a filha da duquesa de Nuevo Extremo. Que, por certo acrescentou com manifesta má—fé —, continuava sendo esposa de Gavira.

Quart suportava impávido a filípica, mas aquela última alusão o irritou.

— Agradeceria muito que monsenhor, se tem algo a dizer a esse respeito, o faça por escrito.

— Está claro que farei. — Aquilino Corvo estava satisfeito por ter acertado, enfim, uma estocada em Quart. — A seus chefes do Vaticano. E ao Núncio. E ao Sursum Corda. Farei por escrito, por telefone, por fax, e com música de guitarra e palmas. — Tirou o cachimbo da boca, liberando espaço para um largo sorriso. — O senhor vai ficar sem reputação, como eu fiquei sem secretário.

Não havia mais o que falar. Quart dobrou o guardanapo, deixando—o cair na bandeja, e se levantou.

— Se Vossa Reverência não deseja nada mais...

— Nada mais. — O arcebispo fitava—o irônico. — Meu filho.

Continuava sentado, olhando para a mão como se hesitasse em rematar o assunto oferecendo o anel pastoral para Quart beijar. Então o telefone tocou e ele se limitou a despedi—lo com um gesto, enquanto se levantava a caminho da mesa.

Quart abotoou o paletó e saiu ao corredor. Seus passos ressoaram sob as pinturas venezianas do teto da galeria dos Prelados, depois no mármore da escadaria principal.

Pelas janelas via a Giralda além do pátio, onde outrora ficava o cárcere da Parra, utilizada pelos bispos sevillhanos para encerrar seus sacerdotes recalcitrantes.

E se disse que, um par de séculos antes, o padre Ferro e talvez ele próprio teriam tido grande

probabilidade de trocar impressões lá, enquanto monsenhor Corvo mandava a Roma, por via ordinária e lentíssima, sua versão dos fatos. Quart refletia sobre as vantagens da modernidade e do telefone, já no último lance da escadaria, quando ouviu pronunciarem seu nome.

Parou e olhou para cima. O arcebispo em pessoa estava na balaustrada, chamando—o. Tinha desaparecido o ar satisfeito de quem acaba de saldar uma velha dívida:

— Suba, padre Quart. Precisamos conversar. Voltou sobre seus passos, intrigado. E à medida que subia os degraus na direção de Sua Ilustríssima, percebeu a palidez de seu rosto. Tinha o cachimbo entre os dedos e batia—o distraído com ar sombrio. As brasas e a cinza manchavam o mármore preto e rosa da balaustrada, esvaziando o forninho; mas o arcebispo não parecia reparar nisso.

— O senhor não pode ir embora — disse a Quart quando este chegou à sua altura. — Aconteceu outra desgraça na igreja.

Passou entre a betoneira e dois carros da polícia. Nossa Senhora das Lágrimas era um ir e vir de agentes à paisana e de uniforme. Quart calculou uma dúzia, contando com o guarda da porta e com os que havia lá dentro fotografando, à cata de impressões digitais ou em plena revista do chão, dos bancos e dos andaimes. Ressoavam o ruído e as conversas em voz baixa deles.

Gris Marsala estava sentada nos degraus do altarmor, sozinha. Quart dirigiu—se a ela pela passagem central, e quando chegou ao meio desta veio a seu encontro Simeón Navajo. O subcomissário trazia, como sempre, os cabelos presos num rabicho, óculos redondos sobre o enorme bigode, camisa de vim vivo vermelho garibaldino e a sacola mourisca de couro a tiracolo com o Magnum 357, supôs o sacerdote, dentro. Pensou absurdamente que Navajo destoava muito naquele cenário: o altar barroco iluminado para os policiais, os vitrais e as pinturas do teto deteriorados, o confessionário de madeira escura na entrada da sacristia, os ex—votos pendurados junto do Cristo da porta. Apertaram as mãos. Navajo parecia contente de ver Quart.

— Com este são três, pater.

Disse aquilo em tom ligeiro, como se se tratasse da confirmação das conversas dos dois sobre o índice de mortalidade potencial de Nossa Senhora das Lágrimas. Apoiava—se no genuflexório de um banco, desenvolvido; e, quando Quart olhou por cima da cabeça dele, percebeu que uns pés imóveis apareciam saindo do confessionário.

Aproximou—se sem dizer palavra, seguido de perto por Navajo. A porta do confessionário estava aberta. Quart pensou que os pés estavam em posição demasiado estranha.

Depois pôde distinguir as amarrotadas calças de cor bege. O resto do corpo estava coberto por um pedaço de lona azul, embora fosse possível ver uma mão com a palma aberta para cima e uma ferida cruzando do pulso ao indicador. A mão tinha a cor amarelada da cera velha.

— Estranho lugar, não é? — O subcomissário fez uma pausa eclética, observando o cadáver, depois o sacerdote, disposto a ouvir qualquer sugestão válida. — Para morrer.

— Quem é?

A pergunta que Quart formulara com voz rouca, ausente, era supérflua. Tinha reconhecido os sapatos, a calça bege, a mão pequena, mole e fofa. O policial tocava o bigode com ar distraído. Parecia que a identidade do defunto fosse o de menos, e ele estivesse pensando em outra coisa:

— Chama—se Honorato Bonafé, um jornalista conhecido em Sevilha.

Quart fez um gesto afirmativo. Perguntas demais, pensava. Visitas inoportunas demais. Agora sim Navajo o encarava:

— O senhor o conhece, não?... Era o que eu pensava. Pelo que me contaram, o infeliz estivera se movimentando muito pelos arredores nestes últimos dias... Quer vê—lo, pater.

Metendo meio corpo no confessionário, com o rabicho se agitando como o rabo de um esquilo diligente, Navajo levantou a lona que cobria o cadáver. Bonafé estava muito quieto e muito amarelo, encostado no assento de madeira do confessionário e contra um canto deste, com o queixo enterrado no pescoço fazendo dobras na grossa papada.

Tinha um hematoma violáceo, bem grande, do lado esquerdo do rosto e olhos fechados. Sua expressão era plácida, talvez cansada. Um fio de crosta parda saía—lhe das narinas e da boca, alargando—se na gola e no peito da camisa.

— O perito acaba de dar uma olhada. — O subcomissário assinalou um homem jovem que tomava notas sentado num dos bancos. — Está rebentado por dentro, disse, com alguma fratura. Um golpe, talvez, ou uma queda. O que não sabemos direito é como se meteu aqui. Ou como o meteram.

Por mero reflexo profissional, sobrepondo—se à repugnância que em vida aquele indivíduo tinha lhe causado, Quart murmurou uma breve oração de mortos e fez sobre ele o sinal da cruz. Às suas costas, Navajo observava—o com interesse:

— Se eu fosse o senhor não me daria ao trabalho, pater. Já está assim há um tempinho. De modo que, para onde quer que tenha ido — suas mãos remedavam duas asinhas voando para algum lugar —, já chegou.

— Quando morreu?

— Ainda é cedo para saber — respondeu, apontando para o legista. — Mas assim, de olho, o artista dá umas doze ou catorze horas.

Uns policiais trepados no andaime junto da Virgem conversavam animadamente, e suas vozes ecoavam na abóbada. O subcomissário mandou que abaixassem o tom e eles obedeceram confusos, à maneira de crianças de quem se chama a atenção na capela escolar. Quart voltou—se para onde Gris Marsala continuava sentada, fitando—o. Pela primeira vez pareceu frágil, muito solitária, quieta nos degraus do altar. Enquanto cobria de novo Bonafé, o policial disse que foi a freira que o encontrou, ao chegar de manhã cedo.

— Gostaria de falar com ela.

— Claro, pater. — Navajo cobria cuidadosamente o cadáver com a lona, enquanto sorria torcendo o bigode, animado e compreensivo. — Mas, se não se importa, eu preferiria que antes o senhor me

contasse, brevemente, como conhece o falecido... Assim não misturaremos depoimentos e tudo fica muito mais espontâneo. — Endireitou—se, observando—o por cima dos óculos redondos.

— Não acha?

— Como queira. Mas é com o pároco que deveria falar.

O policial sustentou um instante seu olhar, sem responder. Depois assentiu vigorosamente:

— Sim. É o que acho. O problema é que não há quem encontre dom Príamo Ferro esta manhã.

Estranho, não?

Olhava em volta, com ar de quem espera descobrir o pároco detrás de um andaime ou em qualquer canto escuro da nave.

— Foram à casa dele? — indagou Quart

Navajo voltou—se para fitá—lo com cara de quem acaba de ouvir uma besteira. Parecia decepcionado, como se esperasse mais ajuda de sua parte.

— Pelo que me contam — disse — sumiu do mapa. Babau. No carro do profeta Elias.

Quart detalhou a Simeón Navajo tudo o que sabia de Honorato Bonafé, assim como o que pôde recordar dos encontros no vestíbulo do hotel Dona Maria. A conversa foi interrompida duas vezes pelo bip—bip de um celular, que o policial tirou cada vez de sua sacola árabe pedindo desculpas a Quart. A primeira vez foi para confirmar que o padre Ferro continuava sem dar sinal de vida. Tinha estado, como todas as noites, no pombal da Casa del Postigo — o que Quart confirmou, inclusive a hora em que se despediu dele — e depois desapareceu sem deixar rasto. Quanto à casa paroquial, a faxineira confirmava que a cama do quarto não fora desfeita. Com respeito ao vigário, o padre Lobato partira para sua nova paróquia na última hora do dia anterior, de ônibus, e a viagem era longa, com várias baldeações possíveis. A Polícia e a Guarda Civil se encarregavam de localizá—lo... Suspeitos? (O subcomissário guardava o telefone depois da última chamada.) Até que se determinassem as causas da morte, ali ninguém ainda era suspeito. Ou, dito de outro modo, todos eram. Olhava por cima dos óculos com uma leve desculpa emboscada no bigode. Embora uns o fossem mais que outros.

Como estamos de porcentagens desta vez? — se interessou Quart.

Navajo coçou o cavalete do nariz:

— Bem. Aqui entre nós, pater, eu diria que desta vez alguém ajudou um pouquinho a igreja.

Quart não deu mostras de surpresa. Estava longe de ser um especialista em cadáveres, embora já tivesse visto vim ou outro. Quanto a Bonafé, bastava uma olhada no corpo.

— Assassinado?

Disse aquilo, na realidade, para estimular o subcomissário a falar um pouco mais. Navajo sorriu um pouco, jogando o jogo do padre, e levou a mão à nuca para mostrar seus cabelos presos no rabicho.

— Aposto este meu apêndice. — Depois ficou sério, encolhendo os ombros. — E seu colega, o pároco, tem muitos talões da rifa.

— Por sua ausência?

— Claro. A não ser que o legista tenha outro parecer. Um dos agentes veio reclamar sua atenção e Navajo foi com ele. Quart prosseguiu até os degraus do altarmor, onde Gris Marsala continuava sentada.

— Como está?

Ela abraçava as pernas, apoiando o queixo nos joelhos.

— Aturdida, suponho. — Seu sotaque americano era mais acentuado que de costume. — Mas estou bem.

— A polícia incomodou—a muito?

A freira refletiu um momento, sem mudar de postura.

— Não — disse por fim. — Estão sendo amáveis. Vestia—se como sempre, vima camisa pólo e jeans manchado de gesso. A trança estava rematada por um elástico. Sentada ali parecia mais sozinha e desamparada do que de costume, na igreja invadida pelo vaivém, os ruídos e as vozes dos policiais.

— Estão procurando o padre Ferro. — Quart foi sentar—se a seu lado. De repente pareceu—lhe que aquela afirmação soava excessiva, de modo que acrescentou após uma pausa: — E também o padre Lobato.

Ela assentiu ligeiramente. Agora que ele estava a seu lado continuava olhando para o confessionário, ensimesmada. De vez em quando pestanejava, à maneira de quem tenta estabelecer limites entre o que sonhou e a realidade. Ao cabo de um instante, suspirou fundo e assentiu de novo.

— É possível — disse por fim — que Óscar tenha ido visitar seus pais, que vivem num pequeno povoado de Málaga, antes de seguir viagem para Almería... Por isso estão demorando a encontrá—lo.

O brilho de um flash ofuscou—os. Um dos policiais fotografava alguma coisa no chão, atrás deles. Quart desabotoou o blazer e se inclinou para a frente, entrelaçando os dedos.

— E dom Príamo?

Ela estava esperando a pergunta, que sem dúvida já lhe tinham feito antes.

— Não sei. Vim esta manhã, como todos os dias, às nove. E encontrei a igreja fechada... Sempre um dos dois a abria às sete e meia, para a missa das oito. Hoje ninguém disse missa.

— Disseram—me que a senhora o achou.

— Sim. Antes fui à casa do padre Ferro, mas ninguém respondia. Por isso entrei pela porta da sacristia com minha chave. — Fez uma careta de perplexidade, encolhendo os ombros. — De início, não vi nada. Fui até o andaime do vitral, acendi as luzes e preparei minhas coisas. Mas tudo parecia muito estranho, de modo que resolvi telefonar a Macarena para ver se dom Príamo tinha trabalhado no pombal à noite... E a caminho da sacristia vi esse homem no confessional.

Já o conhecia?

Os olhos claros ficaram duros um instante:

— Sim. Ele nos abordou, a Óscar e a mim, certa vez, na rua, fazendo perguntas sobre os trabalhos na igreja e sobre dom Príamo. Óscar mandou—o para o inferno.

Quart observava o tênis da religiosa, a pele pálida dos tornozelos sob o jeans, a cicatriz no pulso. Continuava abraçando as pernas, o queixo apoiado nos joelhos.

A irrupção de toda aquela gente na igreja parecia desconcertá—la, tirando—lhe a segurança do terreno conhecido. Isso fez Quart se mexer, incomodado. Tinha um monte de coisas a fazer — ainda não tinha conseguido se comunicar com Roma —, mas não se decidia a deixá—la assim. Apontou para Simeón Navajo, que ia e vinha controlando o trabalho de sua gente:

— Temo que o subcomissário continuará a incomodá—la. Três mortes são mortes demais. E desta vez a hipótese do acidente parece improvável... Quer que telefone a seu cônsul?

A oferta obteve um sorriso agradecido:

— Não creio que seja necessário. Os policiais estão se comportando muito bem.

— Falou com Macarena?

Quart sentiu uma extrema perturbação ao pronunciar o nome que até aquele instante procurava manter apartado de sua cabeça. Podia deixar—se ir à deriva, sem o menor esforço, atrás das quatro sílabas que repetira apenas umas horas antes nos próprios lábios da mulher, dentro da sua boca. E de repente, tudo era outra vez penumbra, brilho de marfim, tato da carne quente cujo aroma ainda trazia na pele e nas mãos, e nos lábios que ela havia mordido até fazê—los sangrar. O corpo moreno se materializando a partir de seus sonhos, linhas de luz e escuridão na brancura imensa dos lençóis que os recebiam como um deserto de neve ou de sal. Ela, tensa, esbelta, debatendo—se para escapar sem o desejar, para fugir querendo ficar, a cabeça jogada para trás, qualquer expressão ausente do rosto transfigurado e bonito, egoísta como uma máscara, gemendo crispada entre os braços que a prendiam com firmeza, rijos, cravada na carne do homem cuja cintura enlaçava com as

coxas nuas. Recuperando o fôlego entre o calor e a saliva sobre a pele úmida, sobre o sexo úmido, a boca úmida, a curva úmida de seus seios até o ombro, o pescoço quente, o queixo, outra vez a boca e o gemido, de novo as coxas tensas, abertas em desafio, abrigo ou refúgio. Longas horas intensas de paz e combate que transcorreram em apenas um instante, pois em cada segundo ele soube que o que estava acontecendo tinha um limite e um fim. E o fim chegou com o raiar do dia e sua última explosão, longa, intensa, sob a luz cinzenta, ingrata, que já filtrava pelas janelas da Casa del Postigo. E de repente Quart achou—se de novo sozinho, nas ruas desertas de Santa Cruz, ignorando — caso a carne exausta estimulasse algo mais baixo — se acabava de condenar sua alma ou de salvá—la.

Agitou a cabeça para sacudir dela a recordação. Desespero era a palavra exata. E para não ceder a ela pôsse a olhar em torno, a igreja, os andaimes, a imagem da Virgem no retábulo agora iluminado, os policiais conversando animadamente junto do cadáver de Honorato Bonafé; e fez isso recorrendo à proximidade da tragédia como mecanismo de controle. Mais tarde, se disse com um esforço de vontade. Talvez mais tarde. Ocupar sua mente com aquilo tudo lhe proporcionava um alívio muito próximo do esquecimento.

— Ainda não nos falamos esta manhã.

Gris Marsala tinha se voltado para fitá—lo firmemente, e Quart demorou um pouco para recordar que ela estava respondendo a uma pergunta dele. Indagou—se quanto mais ela saberia do que acontecera nas últimas horas, tanto na igreja como entre ele e Macarena.

— Mas a polícia, sim, foi vê—la — acrescentou a freira.

— Parece que há uns agentes lá, na Casa del Postigo.

O sacerdote franziu o cenho: Simeón Navajo não era dos que perdiam tempo. E ele tampouco podia ficar para trás. Meia hora antes, no Arcebispado, monsenhor Corvo deixara as coisas bem claras, para evitar malentendidos: tivesse ou não Vésperas alguma coisa a ver com o caso, este concernia exclusivamente a Roma ou, o que dava no mesmo, a Lorenzo Quart — e Sua Ilustríssima lavava as mãos. Aquela música era para ser dançada pelos que a haviam feito tocar, e não era este o caso do ordinário de Sevilha. Claro, Quart e o IOE podiam contar com todo o seu apoio e suas orações, etcétera De modo que boa sorte e adeus.

— Onde está o padre Ferro?

Sem esperar a resposta de Gris Marsala, Quart absorveu—se na análise do panorama, Simeón Navajo levava vantagem, mas deviam terminar a corrida empatados; em Roma não iriam aceitar bem a detenção de um clérigo antes que Quart pudesse fornecer—lhes informação para amortecer o golpe. Embora o ideal fosse que a própria Igreja tomasse a iniciativa. Isso significava arranjar um bom advogado para o pároco e defender sua inocência enquanto não houvesse provas do contrário; mas também, em caso de culpabilidade manifesta, facilitar ao máximo a ação da justiça secular. Como sempre, o que importava era salvar as aparências. Ficava por decidir em que ponto daquilo tudo se situava a consciência do próprio Quart, mas isso era uma coisa que podia esperar por tempos melhores.

— De dom Príamo sei tanto quanto o senhor. — Gris Marsala dirigiu—lhe um longo olhar, surpresa pelo escasso interesse que ele parecia mostrar por suas respostas.

— Eu o vi aqui, ontem à tarde, por um momento. Tudo normal.

Quart também o tinha visto à meia—noite, tudo normal, e entretentes Honorato Bonafé estava morto. Consultou o relógio, inquieto. O problema de sua corrida contra Simeón Navajo era que o policial contava com melhores meios, e ainda não havia autópsia para determinar responsabilidades, ou pistas em cujo sentido pudesse se orientar.

Qualquer movimento nas próximas horas ele ia ter de fazer às cegas, baseando—se em intuições.

— Quem costuma fechar a igreja? Gris Marsala titubeou:

— A porta da rua ou a sacristia?

— A rua.

— Eu, como sempre. — Franzia a testa, ordenando sua memória. — Nesta época trabalho enquanto há luz, até sete, sete e meia da tarde. Fiz isso ontem.. A da sacristia, Oscar ou dom Príamo costumam fechar às nove.

Oscar Lobato estava fora de alcance, de modo que Quart se resignou a descartá—lo por motivos práticos. Navajo seria a única fonte de informação sobre ele. Consolou—se pensando que em relação ao resto o clero levava vantagem. Mas era urgente telefonar para Roma, ir à Casa del Postigo, manter sob controle Gris Marsala e, sobretudo, encontrar o pároco. Porque o golpe duro viria dessa direção.

Apontou um dedo para o confessionário:

— Viu aquele homem rondar ontem por aqui?

— Até as sete e meia, com certeza não estive. Não saí da igreja nem um momento. — A freira refletiu mais um pouco. — Deve ter entrado mais tarde, pela sacristia.

— Entre sete e meia e nove horas — Quart instou—a a precisar.

— Imagino que sim.

— Quem fechou a sacristia?... O padre Lobato?

— Não creio. Óscar despediu—se de mim no meio da tarde, seu ônibus saía às nove. De modo que não pôde fechar a porta da sacristia. Seguramente foi o padre Ferro quem o fez. O que não sei é a que horas.

— Como quer que seja, teria visto Bonafé no confessionário.

— É possível que não. Esta manhã eu também não o vi, a princípio. Talvez dom Príamo nem tenha chegado a entrar na igreja, mas se limitado a fechar a porta do corredor que comunica com sua casa.

Quart fez o balanço das informações. Como álibi era frágil, mas era o único que se podia estabelecer por enquanto. Se a autópsia determinasse que Bonafé havia morrido entre sete e meia e nove horas, o leque de possibilidades se abriria um pouco mais, considerando—se que o pároco podia ter fechado a porta sem entrar na nave. Mas se a morte tivesse se produzido mais tarde, as coisas iam se complicar com aquela porta fechada. E sobretudo com o desaparecimento, que transformava o padre Ferro em suspeito.

— Onde estará? — murmurou Gris Marsala.

A perplexidade e um toque de angústia faziam—na descuidar de seu castelhano, acentuando—lhe o sotaque americano. Quart ergueu um pouco as mãos, impotente, sem saber o que dizer e pensando em outras coisas. Sua cabeça funcionava à maneira de um relógio, para a frente e para trás, estabelecendo horas e álibis. Doze ou catorze horas, dissera Navajo. Teoricamente cogitava numa série de imponderáveis, personagens desconhecidos que podiam estar envolvidos... Mas sobre isso era inútil aventurar suposições. Já no meio próximo, a lista não era nem longa nem difícil. Se fosse para incluir todos, o padre Óscar podia ter cometido o crime e, depois, ido embora.

Também o padre Ferro teve tempo de sobra para matar Bonafé, fechar a porta da sacristia e ir para o pombal, onde se encontrou com Quart às onze em ponto da noite, antes de sumir. E, de qualquer maneira, conforme a lógica policial de Simeón Navajo, seu desaparecimento o punha na cabeça da lista, com grande vantagem sobre o resto. Seguindo a relação de suspeitos, a própria Gris Marsala era personagem a considerar, movendo—se pela igreja como um gato, com aquela porta principal fechada e a sacristia aberta até as nove, sem que ninguém pudesse respaldar suas afirmações, salvo ela mesma. Quanto a Macarena Bruner, Quart foi jantar em sua casa às nove, e ela estava ali, acompanhando a mãe. Isso permitia descartá—la em princípio; mas a hora e meia anterior também a situava na zona de risco. Além do mais, ela temia a chantagem de Bonafé.

Sangue de Deus. Irritado consigo mesmo, Quart teve de fazer um novo esforço para manter a concentração. A imagem de Macarena dispersava seus pensamentos, emaranhando o fio lógico entre a igreja, o cadáver e os personagens conhecidos da história. Nesse momento teria dado qualquer coisa para dispor de uma cabeça tranqüila e para que aquela gente toda pouco lhe importasse.

O juiz instrutor tinha chegado. Os policiais se agrupavam perto do confessionário, dispostos a proceder o levantamento do cadáver. Quart viu que Simeón Navajo conversava com o juiz em voz baixa, e de vez em quando olhavam para ele e para Gris Marsala.

— Talvez a senhora precise responder a mais perguntas — disse à freira. — E prefiro que daqui para a frente o faça assessorada por um advogado. Até encontrar mos o padre Ferro e o vigário, é preferível sermos prudentes. Está de acordo?

— Estou.

Quart escreveu um nome num cartão que passou a ela.

— Há uma pessoa de plena confiança, especialista em direito canônico e penal, para quem telefonei do Arcebispo. Chama—se Arce e já trabalhou para nós.

Chega de Madri ao meio—dia... Conte—lhe o que sabe e siga suas instruções ao pé da letra.

Gris Marsala olhou para o nome escrito no papel:

— O senhor não mandou um advogado como este vir por minha causa.

Não se mostrava assustada, mas imensamente triste. Parecia que a igreja houvesse ruído de verdade diante de seus olhos.

— Claro que não. — Quart quis confortá—la com um sorriso. — Vem, antes, por causa de todos nós. É um caso delicadíssimo, em que intervém a justiça civil. É melhor que um especialista nos assessore.

Ela dobrou com cuidado o cartão antes de guardá-lo num bolso traseiro do jeans.

— Onde está dom Príamo? — perguntou outra vez. Havia uma censura em seus olhos claros, quase culpando Quart pelo desaparecimento do pároco. Este sacudiu um pouco a cabeça.

— Não tenho a menor idéia — disse em voz baixa. E é este o problema.

— Ele não é dos que costumam fugir.

Estava de acordo com ela, mas não acrescentou nada. Olhava para o confessionário. Os policiais tinham retirado a lona azul e puxavam para fora o corpo de Bonafé, introduzindo—o num saco de plástico metalizado que puseram numa maca. Sem parar de conversar com o juiz, o subcomissário Navajo os fitava.

— Sei que ele não é dos que costumam fugir — disse por fim Quart. — E é este, precisamente, o outro problema.

Levou menos de cinco minutos para percorrer a distância entre Nossa Senhora das Lágrimas e a Casa del Postigo. Não suava nunca, mas naquela manhã a camisa preta grudava—se em seus ombros e nas costas, sob o paletó, quando tocou a campainha. A criada abriu, e Quart apenas perguntara por Macarena quando a viu sob os arcos do pátio, conversando com dois policiais, um homem e uma mulher. Ao notar sua presença fitou muito quieta, depois despediu os guardas e veio a seu encontro. Usava uma camisa de pequenos quadrados azuis, jeans e as sandálias da noite anterior, estava sem maquiagem, com os cabelos soltos ainda úmidos. Recendia a gel de banho.

— Não foi ele — falou.

A princípio Quart não respondeu. E quando foi fazê—lo, esteve a ponto de perguntar a quem ela se referia. O pátio tinha aromas de erva—cidreira e manjeriço, e o sol da manhã, refletido nos vidros do andar de cima, já roçava com retângulos de luz as compridas folhas verdes das samambaias, os vasos de gerânios no chão de mosaico recém—lavado. Também punha gotas de mel nos olhos escuros da mulher, e toda as referências sobre as quais Quart baseava seu equilíbrio iam de novo à deriva, desnordeando—o.

— Onde está? — perguntou por fim.

Macarena inclinava o rosto, grave, enquanto o fitava.

— Não sei. Mas ele não matou ninguém.

Estavam muito distantes da noite, do jardim sob a janela iluminada do pombal, das folhas das buganvílias e laranjeiras recortando—a no rosto e nos ombros, em sombras de luar. Da máscara absorta de luz e penumbra. O marfim não era o mesmo na pele recém—banhada da manhã, e já não existia mistério, nem cumplicidade, nem sorriso.

O templário exausto olhou em torno um pouco desconcertado, sentido—se nu ao sol, com a espada quebrada, a cota de malha desfeita. Mortal como o resto dos mortais e tão vulnerável e vulgar quanto todos eles. Perdido, segundo dissera Macarena com extrema precisão pouco antes de realizar em sua carne o sombrio milagre. Porque estava escrito: Ela destruirá teu coração e tua vontade E as velhas escrituras eram sábias. A especial, inocente maldade vinculada ao poder destrutor de toda a mulher incluía deixar ao outro a lucidez necessária para contemplar os estragos da sua derrota. E isso bastava a Quart para se ver face a face com sua condição, envolvido contra a vontade, privado para sempre de álibis com que pudesse apaziguar a consciência.

Consultou o relógio sem conseguir ver a hora, tocou o colarinho eclesiástico da camisa, apalpou o paletó na altura do bolso onde trazia os cartões para as notas.

Procurava a derradeira gota de sangue frio atrás dos gestos rotineiros e familiares. Macarena encarava—o paciente, esperando. Falar, disse ele consigo. Falar longe do jardim, da sua pele e da lua. Há um mistério a resolver e para isso veio.

— E sua mãe? Você...

Sentiu—se incomodado ao chamá—la pela primeira vez de você à luz do sol; mas Quart, embora não fosse mais um bom soldado, detestava as hipocrisias de clérigo escandalizado consigo mesmo. Indiferente aos matizes, Macarena fez um gesto vago para a galeria superior:

— Está lá em cima, descansando. Não sabe de nada.

— O que está acontecendo aqui?

Ela meneou a cabeça. As pontas do cabelo deixavam marcas de umidade na camisa, sobre os ombros.

— Não sei o que está acontecendo. — Continuava com a atenção fixa no padre Ferro, não em Quart. — Mas dom Príamo nunca faria uma coisa destas.

— Nem mesmo por sua igreja?

— Nem mesmo por ela. Os policiais dizem que esse Bonafé morreu no fim da tarde E você esteve ontem à noite com dom Príamo. Acha que ele teria vindo aqui, tranqüilamente, para olhar as estrelas depois de matar um homem?... — Ergueu as mãos, invocando o senso comum, e deixou—as cair. — É ridículo.

— Mas fugiu.

Macarena fez uma expressão de incerteza:

Não estou certa. E é isso que me inquieta.

— Então me dê outra explicação. Ou me ajude a encontrá—lo.

Agora ela contemplava os desenhos do chão, ensimesmada. Quart estudou seu rosto; o nascimento das linhas suaves, que desciam sob a gola desabotoada da blusa onde se insinuava uma alça do sutiã branco. Seus dedos formigaram ao reconhecer aquele caminho escuro e quente, com a desolação do perdido. Macarena Bruner continuava sendo absolutamente bonita à luz do dia.

— Esses policiais vieram faz uma hora, e mal tive tempo de pensar... Mas há algo. Coisas que não batem.

— Franzia o cenho compartilhando sua perplexidade com Quart. — Imagine por um momento que dom Príamo não tenha nada a ver com o caso. Que por isso se comportou ontem à noite de modo tão natural.

— Não foi dormir em casa — objetou ele. — E suponhamos que fechou a igreja com o cadáver dentro.

— Não posso acreditar. — Agora Macarena apoiava a mão em seu braço. — E se também aconteceu alguma coisa com ele?... Talvez tenha saído daqui e depois... Não sei. Às vezes acontecem coisas.

Quart fez um movimento seco para um lado afastando—se da mão; mas ela, indiferente a tudo, salvo à sua própria inquietude, não percebeu. Entre ambos, a água cantava baixinho no chafariz de azulejos.

— Você tem uma idéia na cabeça — ele disse. — Alguma coisa que eu ignoro. Onde esteve ontem, antes do jantar?

Viu—a voltar de muito longe.

— Com minha mãe. — Parecia surpresa com a pergunta. — Você nos viu aqui, juntas.

— E antes?

— Dei um passeio pelo centro, olhei vitrines .. — Interrompeu—se de repente, encarando—o assombrada. Não vá me dizer que suspeita de mim.

— Não importam minhas suspeitas. O que me preocupa é a polícia.

Ainda ficou observando—o mais um pouco, depois expeliu o ar retido nos pulmões Não parecia zangada, mas confusa — Os policiais são uns idiotas — murmurou. — Mas não a esse ponto Pelo menos assim espero.

Começava a fazer muito calor. Quart desabotoou o paletó e permaneceu imóvel diante de Macarena. Era a única carta que lhe dava ligeira vantagem sobre Simeón, embora essa distância se encurtasse a cada

minuto. Talvez já houvessem localizado Óscar Lobato, com sua versão dos fatos.

— E amanhã é quinta — disse ela.

Apoiava—se na beirada do chafariz, desolada, e Quart soube na hora o que estivera pensando o tempo todo, desde que os policiais lhe deram a notícia: se no dia seguinte não fosse celebrada missa, o foro de Nossa Senhora das Lágrimas podia se dar por extinto O arcebispo de Sevilha, a Prefeitura e o Banco Cartujano se lançariam como abutres sobre sua presa.

— Agora a igreja é o de menos — disse, mal—humorado — Se o padre Ferro aparecer, é bem possível que amanhã esteja detido.

— A não ser que não tenha nada a ver.

— Primeiro, teremos de encontrá—lo. E interrogá—lo. Melhor nós do que a polícia.

Macarena meneou a cabeça, como se não fosse esse o problema. Havia levado a mão à boca para roer, absorta, a unha do polegar. Quart temia assustá—la, interromper seus pensamentos. Ela era sua única esperança.

— Amanhã é quinta—feira — repetiu Macarena, ainda ausente.

Seu tom era diferente do da primeira vez. Agora transparecia uma colérica certeza, e também uma ameaça contra algo, ou contra alguém. E Quart a viu assentir bem devagar, com expressão sombria.

O engraxate acabou de lustrar os sapatos de Octávio Machuca, vendeu—lhe um bilhete de loteria e foi embora com sua caixa debaixo do braço, cantarolando uma copla.

O sol estava a pino, e um garçom do La Campana fazia a manivela do toldo claro para proteger as mesas dispostas na calçada. Sentado ao lado de Machuca, Pencho Gavira bebia com prazer uma cerveja gelada. Os pára—brisas dos automóveis refletiam a luz da rua nos vidros de seus óculos escuros e no reluzente cabelo preto penteado para trás com brilhantina.

O velho banqueiro contava alguma coisa, um episódio relacionado com a última assembléia de acionistas, e Gavira assentia distraído, virado para ele mas sem prestar muita atenção. O secretário de Machuca já tinha ido embora, e o presidente do Banco Cartujano consumia os últimos minutos antes de ir almoçar na Casa Robles. De vez em quando Gavira dava uma olhada disfarçada no relógio. Tinha um encontro de trabalho: um almoço com três dos conselheiros que na semana seguinte iam decidir seu futuro. Gavira era partidário de chover no molhado, de modo que nas últimas horas tinha posto em marcha um delicado jogo de pressões. Dos nove membros do conselho, aqueles três eram maleáveis com os argumentos oportunos; e contava com um quarto, do qual certos detalhes de índole íntima fotos num iate de Sotogrande com certo dançarino dado a banqueiros maduros e à cocaína — permitiam prever uma cooperação mais ou menos entusiasta. Por isso, contra seu costume, naquele meio—dia não prestava a atenção devida às palavras de seu chefe e protetor, limitando—se a assentir de vez em quando entre um gole e outro de cerveja. Concentrava—se como um samurai antes do combate, já pensando na disposição dos lugares à mesa, nos termos em que ia colocar o assunto, no clímax e no previsível desenlace. Gavira sabia muito bem, por experiência, que não era a mesma coisa subornar três conselheiros de banco e um funcionáriozinho qualquer.

Embora no fundo os conselheiros sempre fossem mais fáceis, o estilo era diferente e as aparências custavam um pouco mais.

O garçom interrompeu a conversa de Machuca: estavam chamando dom Fulgencio Gavira ao telefone. Este se desculpou e entrou no café, tirando os óculos escuros. Sem dúvida era Peregil, que não dera sinais de vida durante toda a manhã. Foi até um canto do balcão e pegou o fone da mão da caixa. Não era Peregil, mas sua secretária; e estava telefonando do escritório do Arenal. Durante os três minutos seguintes, Gavira ouviu em silêncio, sem fazer o menor comentário. Depois agradeceu e desligou.

Demorou uma eternidade para chegar até a porta, tocando o nó da gravata como se se dispusesse a afrouxá-lo. Quis reordenar as idéias, mas estas se confundiam com o calor, o zunzum das conversas, a luz forte e o barulho dos automóveis. Era difícil estabelecer se o que acontecera era bom ou mau, mas seus planos haviam sido atrapalhados, reclamando-lhe novos De uma maneira ou de outra, Gavira tinha autocontrole de sobra; antes de chegar à porta já tinha consultado o relógio, consciente da impossibilidade de anular o almoço previsto, amaldiçoado Peregil por não estar à mão quando mais precisava dele e alinhado pelo menos três bons motivos para considerar positivo o que acabava de saber. De modo que estava quase otimista ao sair ao terraço do café com os óculos escuros na mão, meditando sobre o modo de explicar as coisas a dom Octávio Machuca.

Mas o velho não estava sozinho. Tinha se levantado para beijar Macarena, escoltada pelo padre alto vindo de Roma; e os três olhavam para ele. Então Gavira soltou entre os dentes uma blasfêmia sonora como uma chicotada, que fez duas senhoras maduras que cruzavam com ele no umbral virarem a cabeça.

Foi Macarena quem disse quase tudo. Mantinha-se sentada na borda da cadeira, diante de Machuca, inclinando-se para ele ao falar. Franzia o cenho concentrada, dura; e Lorenzo Quart observou seu perfil entre o cabelo que lhe caía no ombro, as mangas da camisa de quadradinhos azuis dobradas à maneira masculina, por cima dos antebraços morenos e das mãos compridas e expressivas, que agitava junto dos joelhos do velho banqueiro. Este, de vez em quando, pegava uma delas para apertá-la suavemente entre suas garras descarnadas de ave de rapina, num intento de tranqüilizá-la. Mas Macarena não parecia inquieta, e sim furiosa. Eram seu terreno, seu marido, seu padrinho. Suas filias e fobias, sua memória e suas feridas. Assim, Quart só pôde manter-se à margem, deixar-se guiar por ela, escutar enquanto observava os dois homens que, de uma maneira ou de outra, tinham nas mãos a sorte de Nossa Senhora das Lágrimas. Por fim Macarena terminou, jogando-se para trás na cadeira com uma olhadela hostil a Pencho Gavira, que tinha ficado fumando em silêncio, de pernas cruzadas. Impávido, abria e fechava as hastes dos óculos escuros em cima da mesa, dirigindo de vez em quando silenciosos olhares a Quart. Todos o observavam, agora. O velho Machuca falou primeiro:

— O que você sabe disso, Pencho?

Quart viu que Gavira deixava os óculos quietos. A mesma mão foi até a boca, firme, para sustentar o cigarro entre dois dedos.

— Não diga barbaridades, dom Octávio. O que posso saber?

A cerveja, já sem espuma, esquentava no copo. Veio um mendigo pedir uns trocados, e Machuca despachou-o com um gesto.

— Não estamos falando do morto — disse Macarena.

— Mas do desaparecimento de dom Príamo.

Outra tragada no cigarro e uma eternidade até Gavira soltar a fumaça. Continuava olhando para Quart:

— Uma coisa deve estar ligada à outra. Acho eu. Macarena fechava o punho, como para bater na mesa. Ou em seu marido.

— Você sabe que não tem nada a ver.

— Está enganada. Saber, eu não sei de nada — A boca de Gavira compôs um esgar cruel. — A especialista em igrejas e em padres é você — disse apontando para Quart.

— Que não vai a parte alguma sem seu diretor espiritual.

— Safado.

Octávio Machuca levantou a mão magra para acalmar os ânimos. Quart, que se mantinha em silêncio e à margem, observou que detrás de suas pálpebras semicerradas o velho banqueiro não perdia Gavira de vista.

— A verdade, Pencho — disse Machuca. — Quero a verdade.

Gavira terminou o cigarro e jogou-o na calçada, aos pés de um vendedor de loteria que se aproximava para lhes oferecer uma fração. Depois fitou seu chefe nos olhos.

— Dom Octávio. Juro-lhe que não sei nada desse morto na igreja, salvo que era jornalista e, contam, muito mau caráter. Também não sei onde diabos pode estar metido o padre. — Estendeu a mão dispondo-se de novo a brincar com as hastes dos óculos, mas deixou-a imóvel ao lado destas. — Só sei o que minha secretária contou por telefone, neste instante: há um cadáver, o padre Ferro é suspeito e a polícia o está procurando.

De novo olhou para Macarena e, depois, para Quart. — O resto é buscar pêlo em ovo.

— Você anda metido com a igreja — ela insistiu. — O tempo todo esteve manobrando em torno dela. Não posso acreditar que seja alheio a isso.

— Pois sou. — Gavira mantinha—se muito sereno. — Não nego que me mexi um pouco, sim. Alguém, seguindo minhas instruções, esteve aqui e ali, estudando a situação.

— Virou—se para Machuca, apelando para seu bom critério. — Estou sendo sincero, dom Octávio, tanto que não me importa contar a eles que considereei a possibilidade de convencer o pároco com métodos drásticos... Estudei tudo, os prós e os contras. Mas foi só isso. O caso agora é que o padre Ferro meteu—se numa enrascada, que o foro da igreja ficou no ar e que tudo me cai como uma luva. — O sorriso do Tubarão do Arenal se alargou. — ... O que querem que eu lhes diga? Digo que sinto muito por esse pároco e que me alegro por mim. — Fez um gesto em atenção ao velho Machuca. — Por mim e pelo Cartujano. Ninguém vai derramar lágrimas por esta igreja.

Macarena lançou—lhe um olhar de desprezo:

— Eu vou.

Uma florista se aproximou, oferecendo jasmims para a senhora, e Gavira mandou—a passear. Agora fitava a esposa com menos reticência.

— É a única coisa que lamento nessa história. Suas lágrimas. — Por um instante seu tom pareceu suavizar—se um pouco. — Continuo sem entender o que aconteceu entre você e mim. — Duro olhar de soslaio para Quart. E as coisas que aconteceram depois.

Ela sacudia a cabeça, negando—se a aceitar aquele terreno:

— É tarde para falar de nós. O padre Quart e eu viemos lhe perguntar sobre dom Príamo.

Os olhos negros de Gavira reluziram:

— Pois começo a estar farto de tropeçar com o padre Quart.

— E eu de tropeçar com o senhor — disse Quart, cuja mansidão profissional roçava o limite. — ... Isso está lhe acontecendo por se meter em igrejas onde ninguém o chamou.

Um relâmpago de ira endureceu a boca do banqueiro, e por um segundo Quart acreditou que o outro ia pular em cima dele. Seu pulso bombeou adrenalina, mas o outro já sorria, de novo perigoso e tranquilo. Tudo tinha transcorrido fugazmente, sem um gesto fora do lugar, nem uma ameaça. Agora Gavira falava a Macarena.

— Garanto que não tenho nada a ver.

— Não. — Ela se inclinava de novo para a frente, os cotovelos sobre a mesa, mortalmente séria. — Eu te conheço, Pencho. Não saberia dizer por quê, mas estou certa de que você está mentindo. Escute bem o que vou dizer: mesmo que você esteja sendo sincero, está mentindo. Há coisas que não batem, que não se explicam sem a sua intervenção. Mesmo se você não tivesse nada a ver, o desaparecimento de dom Príamo, precisamente hoje, traz a sua marca. O seu estilo.

Quart viu Gavira vacilar um instante. Foi apenas um momento, um breve lampejo de dúvida em seus olhos escuros e impassíveis. Os dedos abriram e dobraram duas vezes as hastes dos óculos em cima da mesa, depois ficaram imóveis de novo.

— Não — disse.

Mais que uma negação destinada a eles, parecia a resposta a uma reflexão interior. Octávio Machuca semicerrava mais as pálpebras, observando—o com curiosidade; e foi nesse momento que Quart teve certeza de que Macarena não estava dando um tiro no escuro.

— Pencho — disse Machuca.

Era uma censura e um pedido formulados em voz baixa. A expressão de Gavira era outra vez inescrutável, mas ergueu de leve a mão, como se pedisse um momento de calma para refletir. Um motorista atrapalhado por um carro mal estacionado ensurdeceu—os com sua buzina.

— Se você tem alguma coisa a ver com isso, Pencho... — insistiu Machuca. Agora parecia de fato incomodado, dedicando a Macarena e a Quart breves olhares de preocupação.

— Essas casualidades não acontecem — murmurou Gavira, absorto, muito longe dali.

Depois, com ar de se mover no limite impreciso entre o real e um sonho, olhou para Quart, depois para Macarena, quase esperando que confirmassem seus pensamentos não expressos. Abria a boca a ponto de dizer algo, ou necessitando, talvez, de mais ar para respirar. Mantinha—se firme, mas sua arrogância tinha desaparecido. De repente, um sinal abriu e o desfile de pára—brisas de automóveis ofuscou todos eles, com uma sucessão de brilhos e rajadas de sol. Gavira pestanejou, enrubescendo com violência. Sacudido por uma onda de calor inesperado.

— Agora devem me desculpar — disse. — Tenho um almoço de negócios.

Cerrava um punho levando—o até o queixo, como se fosse socar a si mesmo. E ao se levantar derramou o copo de cerveja.

XIII. O "Vale Ouro"

Ah Watson disse Holmes — talvez nem mesmo você se comportasse muito elegantemente se se visse privado num instante de esposa e fortuna.

A. Conan Doyle (Aventuras de Sherlock Holmes)

Um alto—falante amplificava a fala do guia algo sobre os oito séculos da Torre dei Oro, com um pasodoble como fundo sonoro Ao passar o motor do barco de turistas ressoou la fora, nas aguas do no, e ao cabo de alguns instantes o movimento das marolas que provocava chegou aos costados do Vale Ouro balançando a embarcação atracada ao cais Sua copa recendia a sujeira e suor entre as anteparas de madeira pintada e as manchas de ferrugem nas vigas de ferro Enquanto motor e musica se afastavam, dom Ibrahim viu como o raio de sol que entrava pela vigia aberta se deslocava lentamente a boreste sobie a mesa com restos de comida fazendo brilhar as pulseiras de prata nos braços da Nina Punales, antes de retornar lentamente a bombordo para se imobilizar na calva mal dissimulada de Peregil

— Vocês podiam ter escolhido um lugar que mexesse menos — disse este.

Tinha os cabelos desalinhados sobre o crânio umido de suor e enxugava a testa com um lenço. Não era afeito às superfícies oscilantes olhos de brilho mortiço, semelhante ao de um touro manso esperando o matadouro, pele com aquele inconfundível tom pálido que as aflições do enjôo trazem consigo. Os barcos de turistas eram muitos, e as marolas de cada um o alteravam um pouco mais.

Dom Ibrahim não disse nada. Sua vida mesma lhe ensinara a considerar os homens e a ser piedoso com suas misérias e suas vergonhas. Afinal de contas, a existência era um sobe e desce, todo o mundo acabava tropeçando num degrau. Assim, retirou silenciosamente o anel de um Montecnsto, para acariciar com delicadeza a superfície suave, ligeiramente nervurada, das escuras folhas de fumo Em seguida furou—o com o canivete de Orson e levou—o aos lábios, fazendo—o girar voluptuosamente enquanto umedecia sua ponta Saboreando o aroma daquela perfeita obra de arte.

— Como vai o padre — perguntou Peregil.

O balanço tinha cessado e ele se mostrava um pouco mais em forma, embora continuasse tão pálido quanto um dos círios da paróquia, que seus três mercenários haviam deixado, provisoriamente, sem titular Com o charuto por acender na boca, dom Ibrahim assentiu com muita gravidade Um gesto apropriado na matéria de que tratavam, pois se referia a um digno homem de igreja, a um santo homem E até onde entendia, um sequestro nao tinha por que contrariar o respeito Havia aprendido isso na América hispânica, onde as pessoas se fuzilavam tratando—se o tempo todo de usted.

— Vai bem. Em forma e tranquilo. Como se não fosse com ele.

Apoiado na mesa e procurando manter os olhos afastados dos restos de comida, Peregil teve forças para compor um sorriso desmaiado — O velho é duro.

— Ozu — disse a Nina. — Tem colhões.

Fazia croché, quatro no ar, deixo dois, movendo as mãos com rapidez entre o tilintar das pulseiras; e de vez em quando deixava na saia a agulha e o trabalho para se ocupar do copo de manzanilla que mantinha ah perto, junto da garrafa mais que pela metade. O calor ampliavalhe a mancha escura da

maquiagem em torno dos olhos, aumentando—os, e a manzanilla tinha feito o batom escorrer um pouco. Quando a embarcação balançava, também balançavam seus compridos brincos de coral.

Dom Ibrahim referendou o comentário da Nina Pinales arqueando as sobrancelhas. No tocante ao pároco, não exagerava muito. Tinham ido ao encontro dele depois da meia—noite, na ruela para onde dava a porta do jardim da Casa del Postigo, e custou um bocado para lhe jogarem uma manta na cabeça e manietá—lo a caminho do furgão — alugado por vinte e quatro horas — que tinham deixado a postos na esquina. Na refrega, a bengala que dom Ibrahim ganhara de Maria Félix se quebrou, o Potro ficou com um olho roxo e as obturações dos dentes da Nina caíram. Parecia mentira a que ponto um vovozinho pequenino e seco, ainda por cima padre, era capaz de defender a pele.

Além de enjoado, Peregil estava inquieto. Raptar um sacerdote e mantê—lo uns dias fora de circulação não era precisamente a classe de delito que torna os juízes compreensivos. Dom Ibrahim tampouco estava à vontade; tinha plena consciência de que era tarde demais para voltar atrás. Além do mais, era idéia dele, e homens como ele enfrentavam o que desse e viesse. Fora o fato de que quatro milhas e meia, somando o que caberia a cada um dos comparsas, era uma boa nota.

Peregil havia tirado, como Dom Ibrahim, o casaco. Mas ao contrário das sóbrias mangas de camisa branca do indiano, com prendedores de elástico acima dos cotovelos, as do assistente de Pencho Gavira exibiam um devastador conjunto de listras brancas e azuis com gola salmão e uma gravata de crisântemos verdes, vermelhos e roxos, que pendia na metade do seu peito como um buquê murcho. Uma rodela de suor umedecia—lhe o colarinho.

— Espero que vocês se atenham ao plano.

Dom Ibrahim encarou—o com reprovação, ofendido. Ele e seus comparsas eram precisos como bisturis — passou um dedo cauteloso nos pêlos do bigode e na pele chamuscada —, salvo imprevistos aleatórios como o do Potro com a gasolina, ou a propensão de certos rolos de filme a se velarem quando expostos à luz. Além do mais, o plano operacional também não era de queimar os fusíveis de ninguém. Tudo consistia em reter o pároco mais um dia e meio, depois soltá—lo. Uma coisa fácil, bonita e barata, com um toque, um não sei quê de elegante na execução. Stewart Granger e James Mason, e mesmo Ronald Colman e Douglas Fairbanks Jr. — dom Ibrahim, o Potro e a Nina tinham ido a uma locadora pegar ambas as versões e documentar devidamente o caso —, teriam achado o plano impecável.

— Quanto aos nossos emolumentos...

O ex—falso advogado deixou a frase no ar, por delicadeza, concentrando—se em acender o charuto. Falar de dinheiro entre gente honrada era coisa fora de lugar. Peregil era tão honrado quanto podia ser uma perna de pato, mas isso não era óbice para que lhe concedessem, ao menos formalmente, o benefício da dúvida. Por isso aplicou a chama do isqueiro numa ponta do Montecristo, enchendo boca e fossas nasais com a primeira e deliciosa fumaça, e esperou que o outro completasse a sugestão.

— Quando soltarem o padre — observou Peregil, um pouco mais desenvolvido —, pago vocês três. Um milhão e meio para cada, livre de impostos.

Riu entre dentes de sua piadinha, enquanto tirava outra vez o lenço do bolso para enxugar a testa, e a Nina Pinales desviou um pouco os olhos do croché para lançar—lhe um olhar por entre as pestanas postiças espessadas com rímel Dom Ibrahim também dirigiu ao capanga uma olhadela entre a fumaça do havana, mas em seu caso foi de preocupação. Não gostava do indivíduo, muito menos daquele riso, e por um momento tremeu com a suspeita de se Peregil tinha dinheiro suficiente para pagar seus honorários, ou se estava blefando Com um suspiro fatalista deu outra chupada no charuto, e do paletó pendurado no encosto da cadeira tirou o relógio na ponta da corrente Não era fácil ser chefe, pensava Não era nada cômodo aparentar segurança, dar ordens ou sugerir comportamentos procurando fazer a voz não falhar, dissimulando a incerteza atrás de um gesto, um olhar, um sorriso oportuno Como Xenofonte, o daqueles quinhentos mil, ou Colombo, ou Pizarro quando riscou o traço no chão com sua espada e disse daqui para lá ouro e um par de olhos, também tinham experimentado aquela incômoda sensação de estarem pintando o teto e ficar pendurados no pincel, enquanto a escada desaparecia sob seus pés, como num desenho animado.

Dom Ibrahim olhou com ternura para a Nina Pinales A única coisa que lhe preocupava na possibilidade de ir parar no xihndró era que teriam de se separar Quem iria cuidar dela' Sem o Potro, sem ele mesmo para lhe dizer olé quando trauteasse uma copla, lhe elogiar o cozido dos domingos, levá—la à Maestranza nas tardes de boas touradas, dar—lhe o braço quando exagerava nos bares com a prima loura de Sanlúcar, a coitada morreria como um passarinho fora da gaiola E além do mais estava aquele tablao que tinham de conseguir a todo custo, para tê—la como rainha.

— Renda o Potro, Nina.

A Nina contou mais umas duas voltas de agulha até completar a série. Moveu silenciosamente os lábios ao fazê—lo, depois, terminando a caminho o resto do cálice de manzanilla, levantou—se para esticar a saia do vestido de bolinhas enquanto dava uma olhada pela vigia. Atrás dos gerânios plantados em latas vazias de atum Albo, murchos apesar de o Potro do Mantelete os regar todas as noites, viam—se o antigo cais, um par de embarcações amarradas e, no fundo, a Torre dei Oro e a ponte de San Telmo.

— Não há mouros na costa — disse.

Depois, levando o trabalho de croché, atravessou o compartimento com uma revoada de babados engomados, deixando um espesso aroma de Maderas de Oriente que Peregil acusou de maneira visível à sua passagem. Ao abrir—se a porta do camarote, dom Ibrahim entreviu por um momento o pároco: de costas, sentado numa cadeira, com os olhos vendados por um lenço de seda da Nina, os pulsos presos ao encosto com esparadrapo largo comprado na tarde anterior numa farmácia da Calle Pureza. Continuava tal como o tinham deixado: quieto, hermético, sem abrir a boca para dizer nada, salvo quando lhe perguntavam se queria um petisco, um trago ou dar uma mijada; e nesses casos se limitava a mandá—los tomar banho.

Entrou a Nina e saiu o Potro do Mantelete, fechando a porta às suas costas.

— Como vai indo? — perguntou Peregil.

Quem?

O Potro tinha parado junto da mesa, com ar perplexo, o olho ainda trazendo a marca do rebuliço noturno. Sob a camiseta regata moldavam—se os duros e enxutos peitorais untados de suor. Ainda exibia um curativo no antebraço esquerdo. No ombro oposto, junto da marca da vacina, trazia uma cabeça de mulher tatuada em azul, com gorro de legionário e um nome ilegível embaixo. Dom Ibrahim nunca tinha perguntado se aquele nome era o da fêmea infiel, causadora de sua ruína, nem o Potro nunca a mencionou. Também nem se lembrava. Como quer que seja, a vida de cada um era a vida de cada um.

— O padre — insistiu Peregil com voz desmaiada. Como vai indo?

O ex—toureiro e ex—boxeador considerou longamente o problema. Franziu o cenho balançando-se um pouco sobre as pernas, e por fim fitou dom Ibrahim como um lebreu recebendo ordens de um estranho, virado para o dono em busca de confirmação.

— Vai bem — respondeu por fim ao não encontrar objeção nos olhos do chefe e comparsa — Esta quieto e não diz nada.

— Não fez perguntas?

O Potro esfregava com dois dedos o nariz amassado enquanto puxava pela memória, esforçando—se. O calor não aguçava seus reflexos — Nenhuma — disse afinal — Desabotoei um pouco a batina dele para que respire, e não deu um pio. Refletiu longamente sobre tudo aquilo. Parece mudo — Natural — interveio dom Ibrahim — Trata—se de um homem de igreja. E a dignidade ofendida.

Sacudiu um pouco as fraldas da camisa, pois já lhe caía na barriga a primeira cinza do charuto, enquanto o Potro confirmava lento com a cabeça, olhando para a porta fechada como se acabasse de achar a resposta para alguma coisa que o deixava intrigado havia muito. Deve ser isso, repetiu duas vezes. A dignidade de Peregil se exauria, pálido e suado. O lenço empapado dava para encher um balde.

— Vou embora — disse. A fumaça do havana, com o balanço do barco, acabava a olhos vistos com ele. Fiquem atentos as minhas instruções.

Começou a se levantar, ajeitando maquinalmente os cabelos sobre a calva. Nesse momento o Vale Ouro balançou à passagem de outro barco de turistas, e o olhar de Peregil acompanhou, com fixidez obsessiva, o movimento de boreste a bombordo do raio do sol que entrava pela vigia dos gerânios. A pele ficou mais gordurosa e pálida, e ele aspirou o ar como um arenque recém-pescado, fitando dom Ibrahim e o Potro com olhos esgazeados.

— Desculpem — murmurou, a voz afogada, antes de se precipitar na direção da porta e da escada.

Foi o pior almoço de sua vida. Pencho Gavira mal provou as favas com lula e o salmão na chapa, e só recorrendo a todo o seu sangue frio conseguiu chegar à sobremesa com o sorriso intacto e sem levantar da mesa a cada cinco minutos para telefonar para a secretária, que procurava diligentemente Peregil por toda Sevilha. Às vezes, em plena conversa com os conselheiros do Cartujano, o banqueiro tinha um branco, com os outros concentrados no que ele estava expondo; somente com inaudita força de vontade

era capaz de concluir a questão airoosamente. Teria necessitado de todo aquele tempo para pensar, traçando planos e soluções para as alternativas que a ausência do capanga ia fazendo sucederem-se em sua mente, mas não dispunha dessa trégua. Também aquela reunião era decisiva para seu futuro, de modo que não podia descuidar de seus comensais. Batia—se portanto em duas frentes, como Napoleão contra um exército inglês e outro prussiano em Waterloo. Um sorriso, um gole de vinho de Rioja, um explanamento, uma reflexão oculta o tempo exato de acender um cigarro. Pouco a pouco, os conselheiros iam capitulando, mas a falta de notícias de Peregil começava a ser angustiante. Gavira tinha certeza de que seu assistente tinha alguma coisa a ver com o desaparecimento do padre e isso lhe dava suores frios — também podia ter com a morte de Bonafé. Aquilo fazia calafrios lhe percorrerem a espinha dorsal; mas apesar de tudo o banqueiro tinha têmpera e agüentava firme. Em seu lugar, outro menos arrojado teria se posto a chorar sobre a toalha da mesa.

O maitre se aproximava entre as mesas e, por sua maneira de fitá—lo, Gavira soube que vinha em sua direção. Reprimindo o impulso de sair correndo da cadeira, concluiu a frase que estava pela metade, apagou o cigarro no cinzeiro, bebeu um gole de água mineral, enxugou cuidadosamente os lábios com o guardanapo e se levantou, dirigindo um sorriso aos conselheiros. — Desculpem—me um momento.

Depois caminhou para o vestíbulo fazendo um par de inclinações de cabeça para cumprimentar alguns conhecidos, com a mão direita no bolso para evitar que tremesse.

O vazio do estômago cresceu ao ver Peregil com os cabelos da calva despenteados e uma gravata de espantar.

— Trago boas notícias — anunciou o capanga.

Estavam a sós. Gavira quase o empurrou para o banheiro masculino, fechando a porta atrás deles quando se certificou de que não havia ninguém ali.

— Por onde você andou?

Peregil fez uma expressão satisfeita:

— Tratando de garantir que amanhã não haja missa disse.

Toda a tensão, toda a angústia acumulada disparou em Gavira como uma mola. Teria matado Peregil ali mesmo Com suas próprias mãos.

— O que você fez, seu puto?

O sorriso sumiu da boca do assistente. Pestanejava, aturdido.

— O que queria que eu fizesse — balbuciou. — O que o senhor mandou. Neutralizar o padre.

— O padre?

O capanga apoiava as costas na pia contra a qual Gavira o mantinha encurralado. A luz de néon fazia brilhar sua calva sob as mechas de cabelo que se elevavam a partir da orelha esquerda.

— Sim — confirmou. — Uns amigos o colocaram fora de circulação até depois de amanhã. Em perfeito estado de saúde.

Observava desconcertado o chefe, sem compreender aquela atitude agressiva. Gavira deu um passo atrás enquanto fazia cálculos.

— Quando foi isso?

— Ontem à noite. — Peregil aventurou um tímido sorriso, atento às reações do chefe. — Está em lugar seguro e bem tratado. Sexta—feira a gente o solta, e boa páscoa.

Gavira sacudia a cabeça. Suas contas não batiam.

— E o outro?

— Que outro?

— Bonafé. O jornalista.

Viu Peregil enrubescer como se tivessem bombeado um litro de sangue em seu rosto.

— Ah, este... — Agora o assistente parecia desestruturado. Erguia as mãos para definir algo no ar. — Bem... Posso explicar tudo, acredite. — Sob o néon o sorriso forçado parecia um buraco escuro no meio da sua cara. — A história é um pouco complicada, mas posso explicar. Juro.

Gavira sentiu—se tomado por uma onda de pânico. Se seu assistente estivesse relacionado com a morte de Honorato Bonafé, os problemas tinham apenas acabado de começar.

Deu uns passos pelo banheiro, tentando refletir a toda pressa. Mas os azulejos brancos lhe inspiravam o vazio mais absoluto. Voltou—se para encarar Peregil:

— Pois é melhor que sua explicação seja boa. O padre está sendo procurado pela polícia.

Contra o que esperava, Peregil não se mostrou especialmente impressionado. Antes denotava alívio pelo novo rumo da conversa:

— Que rápidos. Mesmo assim, não se preocupe. Gavira não dava crédito ao que ouvia:

— Como não me preocupe?

— Em absoluto. — O capanga esboçou um sorriso nervoso. — Só vai nos custar cinco ou seis milhões a mais.

Gavira foi outra vez em sua direção. A dúvida oscilava entre derrubá—lo com uma porrada e pisotear—lhe o crânio, ou continuar interrogando—o. Com um esforço sobre si mesmo, perguntou de novo:

— Está falando sério, Peregil?

— Claro que sim. Pode ficar sossegado.

— Escute aqui. — Esforçando—se por manter a compostura, o banqueiro passava as palmas das mãos pelas têmporas. — Você está querendo me enrolar.

— Isso nunca me passaria pela cabeça, chefe! — Peregil sorria candidamente. — Nem se eu estivesse de cara cheia.

Gavira deu outra volta pelo banheiro.

— Vejamos... Você veio me dizer que seqüestrou um padre que a polícia procura por assassinato e quer que eu não me preocupe?

A mandíbula de Peregil despencou:

— Como por assassinato?

— Foi o que eu disse.

O capanga olhou para a porta fechada. Depois para a porta da privada. Depois de novo para Gavira.

— Assassinato coisíssima nenhuma.

— Assassinato sim. E culpam seu maldito padre.

— Essa é boa! — Peregil deu uma gargalhada curta, de absoluto desespero. — Não me assuste com brincadeiras, chefe.

Gavira aproximou—se tanto que o outro quase teve de sentar—se na pia.

— Olhe bem para mim. Tenho cara de quem está para brincadeiras?

Não tinha, para o assistente não havia mais a menor dúvida. Agora Peregil estava branco como os azulejos da parede:

— Um assassinato?

Isso mesmo.

— Um assassinato de verdade?

— Claro que sim, porra. E dizem que foi o padre.

O outro ergueu a mão, pedindo tempo para digerir aquilo tudo mais devagar. Estava tão descontrolado que os longos fios de cabelo lhe caíam sobre a orelha.

— Antes ou depois de o pegarmos?

— Que sei eu. Antes, suponho.

Peregil engoliu saliva com muita dificuldade e muito ruído:

— Vamos ver se nos entendemos, chefe. Assassinato de quem?

Depois de deixar Peregil vomitando no w.c, Pencho Gavira despediu—se dos conselheiros, entrou no Mercedes estacionado diante do restaurante, disse ao motorista que ligasse o ar—condicionado e fosse tomar alguma coisa, e com o celular na mão refletiu um instante. Tinha certeza de que seu assistente havia contado a verdade e — passado o pânico inicial — isso dava ao problema novas perspectivas. Era difícil estabelecer se tudo era uma sucessão de casualidades ou se na verdade a gente de Peregil tinha se envolvido na extraordinária coincidência de seqüestrar o pároco apenas um pouco depois de este matar o jornalista. O fato de que a polícia estabelecesse a morte de Bonafé no fim da tarde e de que o desaparecimento do pároco só tivesse ocorrido segundo o testemunho da própria Macarena e do padre de Roma — depois da meia—noite, deixava dom Príamo sem álibi. De uma maneira ou de outra, culpado ou não, isso mudava as posições de cada um. O sacerdote era suspeito e a polícia andava atrás dele; retê—lo mais tempo era arriscado. Gavira tinha certeza de que podia ser libertado sem prejuízo para seus projetos. Antes os beneficiava, pois o padre ia estar ocupadíssimo entre investigações e interrogatórios. Se o soltassem de noite, com a polícia atrás dele, era mais do que provável que no dia seguinte não houvesse missa em Nossa Senhora das Lágrimas.

O golpe de mestre podia vir, pois, do inesperado. A filigrana consistia em desembaraçar—se do pároco e restituí—lo à vida pública com a oportuna limpeza, sem escândalos.

Se ele fugisse ou se entregasse à polícia, para Gavira dava no mesmo. De uma maneira ou de outra, Príamo Ferro estava a ponto de ficar fora do jogo por uma temporada e talvez as coisas pudessem ser melhoradas com um telefonema anônimo, uma denúncia ou algo assim. Não era o arcebispo de Sevilha que ia ter pressa para lhe arranjar um substituto. Quanto a dom Octávio Machuca, para o pragmático banqueiro estava bem que tudo terminasse bem.

Restava por resolver a questão de Macarena; mas também nisso havia vantagens na nova situação. A jogada perfeita consistia em lhe vender a libertação do pároco como um favor, com Gavira proclamando—se alheio ao excesso de zelo de Peregil. Algo do gênero quando você me preveniu, eu intervim e coisa e tal. Com o caso Bonafé pairando sobre todos, em especial sobre seu admirado dom Príamo, ela ia evitar ao máximo qualquer indiscrição. Isso podia facilitar inclusive uma aproximação entre os dois. Quanto ao pároco, que Macarena e o padre de Roma cuidassem dele com polícia ou sem ela. Gavira não tinha nada contra o velho padre: tanto lhe fazia se se entregasse ou se emigrasse. Com um pouco de sorte, estava tão acabado como sua igreja.

O ronronar suave do motor mantinha, com o ar condicionado, uma temperatura perfeita no interior do

Mercedes. Mais relaxado, Gavira recostou—se no assento de couro preto para apoiar a cabeça no encosto, contemplando—se satisfeito no retrovisor. Talvez não fosse um dia tão ruim assim, apesar dos pesares. Em seu rosto bronzeado reluzia o sorriso do Tubarão do Arenal, quando digitou o número telefônico da Casa del Postigo.

Ao desligar, Macarena Bruner ficou olhando para Quart. Parecia refletir, muito quieta, apoiada na mesa coberta de revistas e livros, num canto da sala do andar de cima transformada em estúdio. Um estúdio singular, com azulejos reproduzindo motivos vegetais e cruces de Malta, escuras vigas no teto e uma grande chaminé de mármore preto. Era o estúdio de Macarena, cujas marcas se encontravam em toda a parte: uma televisão com vídeo, um pequeno equipamento de som, livros de Arte e História, antigos cinzeiros de bronze, cómodas poltronas de veludo escuro, almofadas bordadas. Havia um grande armário, onde se mesclavam antigos calhamaços manuscritos, volumes encadernados em pergaminho amarelado, fitas de vídeo e também alguns bons quadros nas paredes: um são Pedro de Alonso Vázquez, e outro de autor desconhecido representando uma cena da batalha de Lepanto. Junto da janela, a estátua de um sisudo arcanjo erguia sua espada sob uma campana de vidro que o protegia da poeira.

— Resolvido — disse Macarena.

Quart pôs—se de pé, tenso, disposto à ação. Mas ela permaneceu imóvel, como se ainda não houvesse dito tudo.

— Foi um erro e pede desculpa. Garante que não tem nada a ver, e que uma gente que trabalha indiretamente para ele exorbitou sem seu consentimento.

Para Quart, tanto fazia Depois teriam tempo de estabelecer a responsabilidade de cada vim O importante era chegar ao pároco antes da polícia. Culpado ou não, era um eclesiástico, a Igreja não podia se limitar a ver as coisas acontecerem.

— Onde ele está?

Macarena dirigiu—lhe um olhar duvidoso, mas apenas por um momento.

— Está são e salvo, num barco amarrado no antigo cais do Arenal.. Pencho vai ligar quando tiver acertado tudo. — Deu uns passos pela sala, pegou um cigarro em cima da mesa e tirou o isqueiro do decote — Ele o entrega a mim, em vez de à polícia, em troca da paz. Embora isso da polícia, é claro, seja um blefe.

Quart soltou o ar dos pulmões, aliviado. Pelo menos aquela parte do problema estava resolvida.

— Vai contar à sua mãe?

— Não. E melhor que continue sem saber nada até que tudo esteja resolvido. Esta notícia pode matá —la. Fez uma careta de desolação. Estava com o isqueiro e o cigarro na mão, por acender; parecia tê—los esquecido.

— Se você tivesse ouvido Pencho. . — acrescentou. Atento, encantador, à minha disposição... Sabe que está a ponto de ganhar a parada e nos vende uma alternativa inexistente Dom Príamo não vai poder escapar quando o soltarem.

Falou aquilo friamente, absorta em sua única preocupação: o pároco. Quart ouvia—a desolado, se bem que não por causa das suas palavras. Cada vez que um gesto de Macarena revolia recordações recentes, ele se enchia de uma tristeza imensa, desesperada. Depois de se aproximar tanto dele e levá—lo para o terreno onde os limites se diluíam e tudo, salvo a solidão compartilhada e a ternura, carecia de sentido, ela se afastava de novo Estava pronto para determinar quanto perdia e quanto ganhava o sacerdote. Lorenzo Quart na carne quente daquela mulher, mas a figura traída do templário acossava—o como um remorso. Tudo era uma armadilha larga e velha, com aquele rio tranqüilo por onde transcorria o tempo que nada respeita, ou que confirma mais cedo ou mais tarde a condição dos homens. Que arrasta as bandeiras dos bons soldados. Quanto a Quart, Sevilha roubavalhe coisas demais em demasiado pouco tempo, sem deixar em troca mais que uma dolorosa consciência de si. Ansiava por um rufar de tambor que lhe devolvesse a paz. Quando voltou à realidade, os olhos escuros, egoístas, de Macarena estavam fixos nos seus Mas Quart não era o objeto de seu interesse. Não viu gotas de mel, nem luar agitando folhas de buganvílias e laranjeiras. Não havia nada que lhe dissesse respeito; e por um instante o agente do IOE se perguntou que diabo ainda estava fazendo ali, refletido naqueles olhos estranhos.

— Não vejo por que o padre Ferro iria fugir — disse, fazendo esforço para retornar às palavras e à disciplina que elas traziam consigo. — Se a causa de seu desaparecimento foi um seqüestro, isso atenua as suspeitas sobre ele.

O argumento não pareceu tranqüilizá—la em absoluto:

— Não muda nada. Dirão que fechou a igreja com o cadáver dentro.

— Sim. Mas talvez, como disse sua amiga Gris, possa demonstrar que não chegou a vê—lo. Será bom para todos que se explique por fim. Bom para você e para mim. Bom para ele.

Ela sacudiu a cabeça—.

— Preciso falar com dom Príamo antes da polícia. Tinha ido até a janela. Olhava para o pátio interno, apoiada no peitoril.

— Eu também — disse Quart, aproximando—se. — É melhor que ele mesmo se apresente, acompanhado por mim e pelo advogado que mandei vir de Madri. — Consultou o relógio. — Que agora deve estar com Gris na Chefatura de Polícia.

Ela nunca acusaria dom Príamo

— Claro que não.

Virou—se para Quart. A ansiedade se refletia nos olhos escuros: — Vão prendê—lo, não é?

Teria levantado os dedos para tocar aquela boca, mas a expressão dela não era sua, e sim de outro

Que absurdo ter ciúme de um velho padre pequeno e sujo, mas a verdade é que tinha. Levou uns segundos para responder:

— Não sei — Após um momento de hesitação desviou o olhar para o pátio Sentada numa cadeira de balanço perto do chafariz de azulejos, abanando—se alheia a tudo, Cruz Bruner lia calmamente. — Pelo que vi na igreja, temo que sim.

— Acha que foi ele, não é? — Macarena também olhou para a mãe. E o fez com imensa tristeza. — Embora não tenha desaparecido por sua vontade, você continua acreditando.

— Não acho nada — safou—se Quart, mal—humorado. Achar não é meu trabalho. Vinha—lhe à memória o salmo da Bíblia que se refere à história de Uzá: "que ousou tocar na Arca da Aliança, e o Senhor encolenzou—se com ele por seu atrevimento, feriu—o e ele morreu ah mesmo, junto da Arca de Deus". Por sua vez Macarena inclinava o rosto. Tinha desfeito o cigarro entre os dedos, sem chegar a acendê—lo, e os fiapos de fumo caíam a seus pés.

— Dom Príamo nunca faria uma coisa dessas.

Quart sacudiu a cabeça, mas não disse nada. Pensava em Honorato Bonafé morto no confessionário, fulminado pela cólera implacável do Todo—Poderoso. Era precisamente o padre Ferro que ele via fazendo uma coisa dessas.

Quinze para as onze. Encostado num poste de luz sob a ponte de Triana, Celestino Peregil ouviu as badaladas do relógio sem erguer a vista das luzes refletidas na água negra do rio. Os faróis dos automóveis que passavam por cima corriam ao longo dos balaústres de ferro, sobre os arcos rebitados e os pilares de pedra, e além da murada dos jardins e terraços que se erguia no Paseo de Cristóbal Colón, perto da Maestranza. Mas embaixo, na beira do rio, tudo estava tranqüilo.

Pôs—se a caminhar pela esplanada sob a ponte, na direção dos antigos cais do Arenal. A brisa de Sanlúcar começava a ondular suavemente a superfície escura do Guadalquivir, e o frescor da noite ergueu o moral do capanga. Depois das emoções das últimas horas, tudo voltava à normalidade. Até a úlcera parecia disposta a deixá—lo em paz.

O encontro estava previsto para as onze junto do barco, onde aguardavam dom Ibrahim e seus sequazes; o próprio Gavira dera toda sorte de instruções e garantias a Peregil para evitar falhas: iriam a senhora e o padre alto, e ele devia se limitar a fazer a entrega sem problemas. Iam tirar o pároco do Vale Ouro, e o par o receberia num dos antigos armazéns do cais, cuja chave Peregil levava no bolso. Quanto ao dinheiro dos três malandros, o assistente custara um pouco a convencer o chefe a soltar o necessário, mas a urgência do caso e a vontade do banqueiro de livrar—se do pároco facilitaram as coisas. Com um sorriso íntimo, o capanga tocou a barriga: levava os quatro milhões e meio em notas de dez mil escondidos debaixo da camisa, no elástico da cueca; e em sua casa tinha outros quinhentos mil que conseguira arrancar do chefe na última hora, a pretexto de gastos imprescindíveis para levar a coisa a bom termo. Tanta grana na cintura obrigava—o a caminhar rígido, como se usasse um corpete.

Começou a assobiar otimista. Salvo um ou outro casal de namorados ou um pescador isolado a rua até o cais estava deserta. Uns sapos coachavam entre os juncos da margem, e Peregil ouviu—os, satisfeito. A lua se mostrava sobre Triana e o mundo era maravilhoso. Cinco para as onze. Apertou o passo Estava querendo terminar aquele rolo para ir direto

ao Cassino a fim de ver o que o meio milhão ia render Reservando vinte e cinco mil para uma homenagem a Dolores la Negra.

— Ora, Peregil que surpresa.

Parou seco. Duas silhuetas sentadas num dos bancos de pedra tinham se levantado a sua passagem. Uma magra alta, sinistra o cigano Mairena Outra miúda elegante com movimentos precisos de bailarino Dos Sisos Uma nuvem ocultou a lua, ou o que talvez tenha acontecido e que os olhos de Peregil se enevoaram de repente Via uns pontinhos pretos dançando diante deles, e a ulcera acordou de modo selvagem. As pernas ficaram bambas. Uma lipotimia, pensou Vou cair duro fulminado por uma lipotimia.

— Adivinhe que dia e hoje?

— Quarta feira — A voz saia desmaiada, apenas audível, num semblante de protesto — Falta um dia.

As duas sombras se aproximaram. Em cada uma delas uma mais acima que a outra, reluzia a brasa de um cigarro.

— Está ruim de contas — disse o cigano Mairena. Falta uma hora, porque quinta—feira começa a meia—noite em ponto de hoje — Acendeu um fósforo e a chama deste iluminou a mão com o mindinho amputado e o mostrador de um relógio — Uma hora e cinco minutos.

— Vou pagar — disse Peregil — Juro. Soou a risada simpática de Dos Sisos.

— Claro que vai. Por isso vamos sentar os três juntos neste banco Para te fazer companhia enquanto quinta feira não vem.

Cego de pânico, Peregil deu uma olhada em torno. As águas do rio não lhe ofereciam nenhuma proteção, e as mesmas possibilidades ia encontrar numa corrida desesperada pelo cais deserto. Quanto a uma solução negociada, o que trazia consigo podia resolver temporariamente o assunto, com duas objeções: não cobria a totalidade da dívida com o agiota, nem ele podia justificar sua perda a Pencho Gavira, junto ao qual o montante já subia a onze milhões, como onze tiros de canhão. Isso sem contar o seqüestro do pároco, que lhe tinha posto como que uma corda no pescoço, o encontro com a senhora e o padre alto, e a cara que iam fazer dom Ibrahim, o Potro do Mantelete e a Nina Punales se os deixasse com aquela batata quente na mão. Ao que podia somarse o morto da igreja, a polícia, e tudo o mais. Observou de novo a corrente negra do rio. Saía mais barato pular na água e afogar—se.

Suspirou fundo, muito fundo, e tirou do bolso um maço de cigarros. Depois olhou para a sombra alta e para a sombra baixa, resignado diante do inevitável. Quem falou em medo?, pensou. Havendo hospitais...

— Têm fogo?

O cigano Mairena ainda não tinha acendido o fósforo e Peregil já estava correndo a pernas soltas ao longo do cais, de volta para a ponte de Triana, como se estivesse jogando a vida naquilo. E era exatamente o que estava em jogo.

Por um momento acreditou—se a salvo. Acelerava a corrida, respirando compassado, um, dois, um, dois, com o sangue batendo forte nas têmporas e no coração, e os pulmões ardendo como se estivessem sendo tirados do peito e virados pelo avesso. Corria quase às cegas na escuridão, ouvindo atrás de si a

corrida dos outros, as imprecações do cigano Mairena. a respiração de Dos Sisos. Uma ou duas vezes acreditou que lhe roçavam as costas ou as pernas, e enlouquecido de terror apertou o galope, sentindo que aumentava a distância entre ele e seus perseguidores. As luzes dos automóveis em cima da ponte se aproximavam com rapidez. A escada, se disse atropeladamente, ofuscado pelo esforço. Havia uma escada em algum lugar à esquerda, e lá em cima, ruas, luzes, carros, gente. Desviou para a direita aproximando—se do muro em diagonal, alguma coisa bateu em suas costas, acelerou de novo enquanto deixava escapar um grito de angústia. Lá estava a escada adivinhou—a mais do que a viu nas sombras. Fez um derradeiro esforço, porém estava cada vez mais difícil coordenar o movimento das pernas.

Elas se descompassavam, ele perdia terreno, o corpo ia para a frente, no vazio Seus pulmões eram uma chaga dolorosa e não encontravam ar para respirar. Foi assim que chegou ao pé da escada e pensou, fugazmente, que talvez ia conseguir. Então faltaram—lhe forças e caiu de joelhos, encolhido, como se o tivessem abatido com um tiro de escopeta.

Estava frito. Sob a camisa, as notas grudavam em seu corpo com o suor. Girou até ficar caído de boca para cima sobre o primeiro degrau, e todas as estrelas do céu moviam—se ao redor, como numa atração de parque de diversões. Onde foi parar todo o oxigênio, pensou, uma mão contendo os saltos do coração para que este não escapasse pela boca aberta. A seu lado, arquejantes, encostados na parede o cigano Mairena e Dos Sisos tentavam recobrar fôlego.

— Que filho da puta — ouviu o cigano dizer, com a voz entrecortada. — Corre como uma bala.

Dos Sisos tinha ficado de cócoras, respirando como uma gaita de foles esburacada. A luz de um poste na ponte iluminava meio sorriso simpático.

— Você foi peitudo, Peregil, foi mesmo — disse quase com ternura, dando—lhe no rosto suaves tapinhas. — Ficamos impressionados. Palavra.

Depois pôs—se de pé com dificuldade, e sem deixar de sorrir deu mais uns tapinhas amistosos na bochecha de Peregil. Logo em seguida, pulou—lhe em cima do braço direito, partindo—o com um estalido. Quebrou assim o primeiro dos ossos que iam lhe quebrar naquela noite.

Macarena Bruner consultou o relógio pela enésima vez. Passavam quarenta minutos das onze.

— Alguma coisa não está correndo direito — disse em voz baixa.

Quart tinha certeza disso, mas não comentou nada. Esperavam na escuridão, junto do portão fechado de um embarcadouro de jetskis. Sobre as cabeças deles, além das palmeiras e das buganvílias, atrás dos terraços de café desertos do Arenal, via—se a cúpula iluminada do teatro da Maestranza e um canto do edifício do Banco Cartujano.

Uns trezentos metros margem abaixo, a Torre dei Oro, iluminada, montava guarda junto da ponte de San Telmo. E bem na metade, amarrado ao cais, estava o Vale Ouro.

— Alguma coisa deu errado — insistiu Macarena. Trazia um suéter com as mangas amarradas sobre os ombros. Estava tensa, inquieta, com a atenção toda voltada para o cais onde devia se apresentar o homem de Pencho Gavira. A embarcação em que, segundo seu marido, ou ex—marido, estava o padre Ferro, mostrava—se silenciosa e às escuras, sem sinal de vida. Durante um instante — dispunham de tempo — Quart considerou consigo mesmo a possibilidade de o banqueiro ter lhes pregado uma peça;

mas depois de muito pensar descartou a idéia. Do jeito que iam as coisas havia trapaças que Gavira não se podia permitir.

Um sopro de brisa fez as tábuas do embarcadouro rangerem. A água marulhou levemente nos pilares do molhe. Fosse o que fosse, algo havia alterado o plano; e as coisas ameaçavam se desenrolar de modo menos tranqüilizador do que o previsto. O instinto de Quart dizia que aquele ponto morto pressagiava novos problemas. Supondo—se que o pároco estivesse no barco — do que não tinham outro indício além da palavra de Gavira —, seu resgate ia se complicar muito se o suposto mediador não fizesse ato de presença. Quart contemplou o perfil escuro e vigilante de Macarena, e logo pensou no subcomissário Navajo. Talvez estivessem indo longe demais.

— Talvez fosse conveniente — disse, com suavidade —, chamar a polícia.

— Nem pensar. — Ela não desviava sua atenção do cais deserto e do barco. — Antes disso temos de falar com dom Príamo.

Quart olhou para um lado e outro, sob as acácias que orlavam a margem.

— Mas não está vindo ninguém.

— Daqui a pouco virá. Pencho sabe o que está sendo jogado nisso.

Mas ninguém compareceu ao encontro. Passou a meia—noite, e a tensão se tornou insuportável. Macarena passeava nervosa junto do portão do embarcadouro. Além do mais, tinha esquecido seus cigarros. Quart ficou vigiando o Vale Ouro enquanto ela ia a uma cabine telefônica do passeio ligar para o marido. Voltou sombria. O banqueiro garantia que Peregil se comprometera a chegar às onze em ponto, com o dinheiro para o resgate. Não entendia o que estava acontecendo, mas se juntaria a eles em quinze minutos.

Apareceu um instante depois, caminhando sob as acácias até ter com eles junto do embarcadouro. Vestia uma camisa pólo sob o blazer calça leve e sapatos esportes.

Na escuridão parecia muito mais moreno do que de costume.

— Não entendo o que aconteceu com Peregil — disse a modo de cumprimento.

Não houve desculpas, nem comentários inúteis. Em poucas palavras o puseram a par da situação. O banqueiro estava muito preocupado com a ausência do assistente e disposto a tudo desde que não metessem a polícia na história. Uma coisa era ela se haver com o pároco em liberdade, outra muito diferente os policiais terem de resgatá—lo de um seqüestro mais ou menos imputável a Gavira. Enquanto conversavam, Quart admirou seu sangue frio: não vinha com fingimentos, não protestava inocência, não tentava convencer ninguém. Trouxera cigarros, e ele e Macarena fumaram com as brasas protegidas no oco da mão. O banqueiro escutava mais do que falava, a cabeça inclinada, senhor de si. A única coisa que parecia preocupá—lo era que tudo se solucionasse ao gosto de todos. Por fim olhou diretamente para Quart:

— O que o senhor acha?

Desta vez não havia desconfiança nem desafio no tom. Era objetivo e tranqüilo: uma consulta técnica antes de passar à ação. Seus cabelos penteados com brilhantina refletiam as luzes do rio.

Quart hesitou apenas um instante. A ele também não agradava nada que o pároco passasse das mãos de seus seqüestradores às do subcomissário Navajo, sem tempo para uma longa troca de impressões. Olhou para o Vale Ouro.

— Deveríamos entrar — opinou.

— Então vamos — disse Macarena, decidida.

— Um momento — objetou Quart. — Convém saber antes o que vamos encontrar lá.

Gavira contou. Segundo as informações de Peregil, o bando era constituído por três. Um sujeito gordo, grande, cinqüentão, era o chefe. Havia também uma mulher e um ex—boxeador. Este último podia ser perigoso.

— Conhece o barco por dentro? — perguntou Quart.

Gavira disse que não, mas era do tipo comum para turistas: um convés superior com várias fileiras de assentos, uma ponte de comando na proa e um interior com meia dúzia de camarotes, quarto de máquinas e a copa da tripulação. Aquele barco, concretamente, estava há muito tempo fora de serviço, quase abandonado. Prestou atenção nele algumas vezes, enquanto tomava um drinque nos terraços dos cafés do Arenal.

À medida que a ação ia se definindo, os fantasmas que nas últimas horas tinham perturbado Quart se afastavam pouco a pouco. A noite, o barco às escuras, a iminência de um enfrentamento, enchiam—no de uma expectativa quase gozosa, um pouco infantil. Era jogar de novo, recobrar velhos gestos conhecidos, o controle de si. Percorrer as casinhas do surpreendente jogo da glória que era a vida. Reconhecia por fim seu território, a paisagem incerta do mundo em que se movia habitualmente; e desse modo voltava a ser ele mesmo. De repente a presença de Macarena encaixava de maneira tranquilizadora na ordem exata das coisas, e o templário inseguro podia recuperar a paz do bom soldado. Descobria até em Pencho Gavira — e isso era o singular daquela situação — um inesperado camarada de campanha, trazido pela brisa do mar e pelas águas do rio que deslizava devagar e manso a seus pés, diluindo a antipatia que pudera sentir antes, e que sem dúvida voltaria a experimentar amanhã. Mas, pelo menos uma noite, nem todos os amigos mortos de um templário estavam mortos. E satisfazia—lhe que aquele, inesperado, tivesse vindo a pé, sem escolta, caminhando sozinho sob as acácias escuras da margem em vez de se entrincheirar atrás de seu medo e de tudo o que tinha a perder, e agora se dispusesse a abordar o Vale Ouro sem outras palavras que as imprescindíveis.

— Vamos logo de uma vez — impacientou—se Macarena. Nesse momento um e outro lhe eram indiferentes. Só tinha olhos para o barco amarrado no cais.

Gavira encarava Quart. Os dentes brilhavam nas sombras do seu rosto:

— Queira preceder—me, padre. Aproximaram—se, procurando não fazer barulho. A embarcação estava presa aos cabeços do cais com duas grossas cordas, uma na proa e outra na popa. Subiram discretamente pela passarela até chegarem a um convés onde se amontoavam rolos de cabos, salva—vidas rebentados, pneus, mesas e cadeiras velhas. Quart guardou a carteira num bolso da calça e, tirando o paletó, colocou dobrado num dos assentos. Gavira imitou—o sem dizer nada.

Percorriam o convés superior. Por um momento acreditaram ouvir um ruído sob seus pés, e o cais se iluminou tenuemente, como se alguém houvesse espiado de dentro por uma vigia. Quart retinha a respiração, procurando pisar em silêncio da maneira que seus instrutores dos serviços especiais da polícia italiana tinham lhe ensinado: primeiro o calcanhar, depois o canto do pé, por fim a planta. A tensão tamborilava em seus tímpanos, de modo que procurou acalmar—se para ouvir os ruídos ao redor.

Chegou assim à ponte de comando, onde o timão e os instrumentos estavam cobertos por capas de lona, e foi se apoiar na antepara de ferro, ouvidos atentos. Recendia a descuido e sujeira. Viu como Macarena e depois Gavira entravam atrás dele e paravam tensos a seu lado, suas sombras recortadas pelas luzes distantes do Arenal.

O banqueiro estava tranqüilo e trocou com Quart um olhar inquisitivo. Macarena franzia o cenho, fitando—os alternadamente à espera de um sinal, tão decidida como se houvesse passado a vida inteira assaltando barcos à meia—noite. Havia uma porta de madeira detrás da qual se escutava abafado, o som de um radio Uma luz fina se advertia a seus pes, no umbral.

— Se houver complicações, um para cada homem sussurrou Quart, apontando para si e depois para Gavira, antes de indicar Macarena — E ela se encarrega do padre Ferro.

— E a mulher — perguntou Gavira.

— Não sei. Se intervier, veremos Na hora.

O banqueiro sugeriu que talvez pudessem tentar resolver a coisa amigavelmente, ele falando em nome de Peregil. Debateram brevemente e em voz baixa a questão. O problema concluíram, era que os sequestradores esperavam a entrega do resgate e Gavira só trazia consigo cartões de crédito. Quart refletia a toda pressa, com seus companheiros de aventura fitando—o cheios de expectativa, deixavam a decisão final de clérigo a clérigo, com os riscos que cada opção implicava. Lamentando pela ultima vez não ter recorrido a policia. Quart tentou recordar a maneira de formular aquela classe de problemas Em bons termos, palavras muita calma e muitas palavras Em maus termos, rapidez surpresa brutalidade Em ambos os casos; nunca dar ao adversário tempo para pensar. Aturdi—lo com um turbilhão de impressões que bloqueassem sua capacidade de reação E, no pior dos casos, que a Providência — ou quem estivesse de plantão aquela noite — não permitisse lamentarem—se desgraças.

— Vamos entrar.

Tudo isso é grotesco, disse consigo. Depois pegou em cima da bitacula um tubo de aço de três palmos de comprimento e aspecto ameaçador. Quem com ferro fere murmurou para si mesmo. Tomara que aquilo terminasse sem que ninguém matasse ninguém. Depois encheu de ar os pulmões, oxigenando—os meia dúzia de vezes, antes de abrir a porta. A meio caminho se perguntou se devia ter feito o sinal da cruz.

A xícara de café de dom Ibrahim caiu—lhe em cima das calças. O padre alto tinha aparecido na porta da ponte de comando, em mangas de camisa, com o pescocinho posto e uma barra de ferro de aspecto ameaçador na mão direita. Enquanto se levantava com dificuldade, apertando a barriga contra a beira da mesa, viu atrás dele outro homem moreno, bem—apessoado, em quem reconheceu o banqueiro Gavira. Depois apareceu a jovem duquesa.

— Fiquem tranqüilos — disse o padre alto. — Viemos conversar.

O Potro do Mantelete tinha se erguido no beliche, de camiseta, a tatuagem de legionário no ombro envernizado de suor, apoiando os pés descalços no chão. Olhava para dom Ibrahim como se lhe perguntasse se aquela visita devia ser considerada dentro ou fora do programa.

— Peregil nos envia — anunciou o banqueiro Gavira.

— Está tudo em ordem.

Se tudo estivesse em ordem, disse dom Ibrahim, eles não estariam ali, Peregil teria posto quatro milhões e meio em cima da mesa, o padre alto não traria aquela barra na mão. Alguma coisa tinha se complicado em algum lugar, e olhou por sobre o ombro dos recém—chegados, esperando ver a polícia aparecer de um momento a outro.

— Precisamos conversar — repetiu o padre alto.

O que tinham, pensou dom Ibrahim, era que dar o fora dali o mais depressa possível, ele, a Nina e o Potro. Mas a Nina estava no camarote com o velho padre, e desaparecer não era tão fácil assim; entre outras coisas porque os três intrusos estavam bem na porta de saída. Maldito fosse ele mesmo, disse consigo. Maldita a sua má sorte, e todos os Peregis e os padres do mundo. Um caso com batinas no meio tinha de acabar mal. Estava escrito, e ele era um imbecil.

— Há um mal—entendido — disse, para ganhar tempo. Em termos de padre, o alto tinha uma cara dura como pedra, a mão crispada em torno da barra de ferro que combinava com sua gola clerical tanto quanto duas pistolas com um Cristo. Dom Ibrahim se apoiava na mesa, aturdido, o Potro fitando—o como um cachorro que espera a ordem do dono para se lançar ao ataque ou lambar a mão. Se pelo menos pudesse pôr a Nina a salvo, pensou Que ela não fosse envolvida, se tudo fosse para o bebeléu.

Assim cogitava quando os acontecimentos decidiram por ele. A jovem duquesa não parecia nem um pouco intimidada, muito pelo contrário. Olhava em torno soltando centelhas pelos olhos

— Onde está ele? — perguntou.

Depois, sem esperar resposta, deu dois passos através da copa em direção à porta fechada do camarote. Aquela moça vinha com tudo, disse consigo dom Ibrahim. Mais por reflexo do que por outra coisa, o Potro pôs—se de pé, cortando—lhe a passagem. Olhava para seu comparsa, indeciso, mas o indiano era incapaz de reagir. Então o banqueiro Gavira se aproximou da mulher como para socorrê—la, e o Potro, com as idéias mais claras por se tratar de um homem adulto, e dado que Deus cedo madruga

etcétera e tal, desferiu um gancho de esquerda que jogou o outro contra a antepara. Aí as coisas se complicaram. Como se houvesse soado o gongo em algum lugar de sua maltratada memória, o Potro ergueu os punhos pondo—se a pular por toda a copa, soco que vai, soco que vem, disposto a defender o título de peso galo. Nisso o banqueiro Gavira tinha batido num armário de canecas de metal, que veio abaixo com estrépito, a duquesa esquivou uma direita do Potro enquanto ia decidida para a porta do camarote onde o pároco estava trancado, e dom Ibrahim pôs—se a pedir calma aos gritos sem que ninguém lhe desse atenção.

A partir de então foi um Deus nos acuda. Porque a Nina Punales tinha ouvido o barulho e saído para ver o que estava acontecendo, dando de cara com a jovem duquesa; e entrementes o banqueiro Gavira, sem dúvida para ressarcir—se do soco do Potro, vinha sobre dom Ibrahim com péssimas intenções. O padre alto, após olhar indeciso para a barra de ferro que levava na mão, jogou—a no chão antes de retroceder uns passos para esquivar os golpes que o Potro continuava desfechando contra tudo o que se mexia, inclusive sua própria sombra.

— Calma! — suplicava dom Ibrahim. — Calma!

A Nina Punales teve um ataque histérico, empurrou a jovem duquesa e se precipitou contra o banqueiro Gavira com as unhas prontas para lhe arrancar os olhos. Gavira, com pouquíssimo senso de cavalheirismo, freou—a seco com um sopapo que mandou a Nina de volta ao camarote em meio a uma revoada de babados e bolinhas, bem aos pés da cadeira em que, manietado e de olhos vendados, o velho padre tentava virar a cabeça para ver o que estava acontecendo. Quanto a dom Ibrahim, o sopapo na Nina destruiu seus esforços de conciliação, pondo—lhe um pano vermelho diante dos olhos. Assim, assumindo o inevitável, o gordo ex—falso bacharel virou a mesa, baixou a cabeça como lhe tinham ensinado Kid Tunero e dom Ernesto Hemingway no bar Floridita de Havana, e desencavando um grito de guerra — "Viva Zapata", disse, porque foi a primeira coisa que lhe veio à mente — lançou seus cento e dez quilos contra o estômago do banqueiro, levando—o com o golpe até o outro extremo da copa, justo quando o Potro acertava no padre alto uma direita na cara e o agredido se agarrava à lâmpada antes de cair no chão. Os fios elétricos arrancados por ele faiscaram, e o barco ficou às escuras.

— Nina! Potro! — gritou dom Ibrahim, sufocado pelo esforço, livrando—se do banqueiro Gavira.

Alguna coisa se quebrou estrepitosamente. Em toda a parte abundavam os gritos e os golpes na escuridão. Alguém, sem dúvida o padre alto, caiu em cima do indiano, e antes que este pudesse se levantar o outro sacudiu—lhe uma cotovelada na cara que o fez ver estrelas. Para o caralho o clero, a outra face e a puta que os pariu.

Sentindo gotas de sangue deslizarem por seu nariz, dom Ibrahim escapou de gatinhas, arrastando a barriga. Fazia um calor espantoso e a gordura do corpo o impedia de respirar. Na porta se recortou por um momento a silhueta do Potro, que continuava distribuindo porrada a torto e a direito, à vontade. Ouviram—se mais golpes e gritos de procedência diversa, e mais uma coisa se quebrou com barulho de estilhaços. Um sapato de salto alto pisou a mão de dom Ibrahim, e depois um corpo caiu em cima dele. Reconheceu no ato a saia de babados e o cheiro de Maderas de Oriente.

— A porta, Nina!... Corra para a porta!

Levantou—se como pôde, puxando a mão dormente, desferiu um soco — errando por muito — em alguém que se interpôs em seu caminho, e com a energia do desespero levou a Nina para a ponte de comando e para o convés. Subiu sem fôlego, descobrindo que o Potro já estava lá fora dando pulos ao redor do timão, cuja capa de lona sacudia como se fosse um saco de areia de treino. O coração desfalecendo, esgotado, certo de que estava para ter um enfarte de um momento para o outro, dom Ibrahim agarrou o Potro por um braço e, sem soltar a mão da Nina, levou—os a toda pressa para a escada a fim de descerem a terra. Ali, empurrando—os diante de si, conseguiu levá—los cais acima. Com a mão na sua, aturdida, a Nina Punales soluçava. Junto dela, a testa baixa e respirando pelo nariz, hop, hop, o Potro do Mantelete continuava acertando socos nas sombras.

Levaram o padre Ferro para o convés superior e sentaram—se com ele, maltratados e doloridos, gozando o ar fresco da noite após a escaramuça. Tinham encontrado uma lanterna, e à luz desta Quart pôde observar o pômulo inflamado de Pencho Gavira, que começava a lhe fechar o olho direito, a cara suja de Macarena, que tinha um arranhão superficial na testa, e o aspecto desastroso do velho pároco, com a batina mal abotoada e a barba de quase dois dias enchendo—lhe o rosto de ásperos pêlos brancos entre as antigas cicatrizes. O próprio Quart não estava em melhor estado: o soco que o sujeito com pinta de boxeador tinha lhe acertado antes de a luz se apagar havia lhe entorpecido a mandíbula, e o tímpano correspondente zumbia de maneira incômoda. Com a ponta da língua tasteou um dente, acreditando que se mexia.

Sangue de Cristo.

Era uma situação estranha. O convés do Vale Ouro cheio de assentos quebrados, as luzes do Arenal sobre o parapeito, a Torre dei Oro iluminada atrás das acácias, margem abaixo. E Gavira, Macarena e ele formando um semicírculo em torno do padre Ferro, que não tinham ouvido pronunciar uma palavra nem uma queixa. Nem sequer um gesto de agradecimento. Tinha os olhos fitos na superfície negra do rio, como se estivesse muito longe dali.

Foi Gavira o primeiro a falar. Tinha posto o blazer sobre os ombros, preciso e muito tranqüilo. Sem eludir sua responsabilidade, falou de Celestino Peregil e de como este tinha interpretado mal suas instruções. Por isso ele tinha vindo esta noite, tentando reparar na medida do possível o dano causado. Estava disposto a oferecer ao pároco todo o tipo de satisfações, inclusive o esquartejamento de Peregil quando conseguisse pôr a mão nele; mas era melhor deixar bem claro que isso não mudava em nada sua atitude em relação à igreja. Uma coisa era uma coisa, matizou, e outra coisa era outra coisa.

Depois disso interpôs um breve silêncio, passou os dedos pelo pômulo inchado e acendeu um cigarro.

— De modo que — acrescentou após um instante de reflexão — volto a ficar à margem disto.

E não voltou a abrir a boca. Foi Macarena quem falou em seguida, fazendo um relato minucioso do que havia acontecido durante a ausência do pároco, e este a ouviu sem dar sinal de emoção, nem mesmo quando ela mencionou a morte de Honorato Bonafé e as suspeitas da polícia. O que levava o assunto a Lorenzo Quart. Agora o padre Ferro tinha se virado para ele e o encarava.

— O problema — disse Quart — é que o senhor não tem álibi.

À luz da lanterna, os olhos do pároco pareciam mais escuros e herméticos:

— E por que iria precisar? — perguntou.

— Bem. — Quart inclinou—se para ele, os cotovelos nos joelhos. — Há um horário crítico, para dizer a coisa de alguma maneira, na morte de Bonafé: das sete ou sete e meia da tarde até as nove, mais ou menos. Dependendo da hora em que fechou a igreja... Se tivesse testemunhas do que esteve fazendo esse tempo todo, seria estupendo.

Era uma cabeça dura a do pároco, pensou mais uma vez enquanto esperava a resposta. Aqueles cabelos brancos mal cortados, o nariz largo, o rosto marcado como se tivesse sido talhado a marteladas. A luz da lanterna acentuava essa aparência:

— Não há testemunhas de nada — disse.

Parecia indiferente ao que aquilo significava. Quart trocou um olhar com Gavira, que permanecia em silêncio, depois suspirou, desanimado;

— Isso complica a situação. Macarena e eu podemos certificar que o senhor chegou à Casa del Postigo por volta das onze, e que sua atitude, a partir de então, estava fora de qualquer suspeita. Gris Marsala, por sua vez, provará que até as sete e meia tudo transcorreu com normalidade... Suponho que a primeira coisa que a polícia vai lhe perguntar é como não viu Bonafé no confessionário. Mas não chegou a entrar na igreja, não é?... É a explicação mais lógica. E suponho que o advogado que poremos à sua disposição lhe pedirá que insista nesse ponto.

— E por que haveria eu de insistir?

Quart olhou para ele, irritado com o caráter óbvio daquilo tudo:

— O que quer que eu lhe diga? É a única versão crível. Será mais difícil sustentar sua inocência se lhes contar que fechou a igreja sabendo que havia um morto lá dentro.

Dom Príamo Ferro manteve—se inexpressivo, como se não tivesse nada a ver com aquilo tudo. Então Quart, em tom áspero, recordou—lhe que tinham passado os tempos em que as autoridades aceitavam como artigo de fé a palavra de um sacerdote, ainda mais quando apareciam cadáveres no confessionário deste. Mas o pároco não prestava atenção em suas palavras, limitando—se a dirigir longos e silenciosos olhares para Macarena. Depois ficou mais um instante calado, de novo absorto na contemplação do rio.

— Diga—me uma coisa?... O que convém a Roma? Aquilo era a última coisa que Quart esperava ouvir.

Mexeu—se em seu assento, impaciente.

— Esqueça—se de Roma — disse mal—humorado. — O senhor não é tão importante assim. Como quer que seja, haverá um escândalo. Imagine só um sacerdote suspeito de assassinato em sua própria igreja.

Se imaginava, não disse. Tinha levado a mão ao rosto e coçava a barba. Por alguma estranha razão parecia animado. Quase achando graça.

— Bem — disse por fim. — Parece que o que aconteceu convém a todo o mundo O senhor se livra da igreja — disse a Gavira, que guardou silêncio. — E vocês disse a Quart — se livram de mim

Macarena pôs—se de pé com uma exclamação de protesto.

— Não diga isso, dom Príamo. Há gente que precisa dessa igreja, e precisa do senhor. Eu preciso. A duquesa também. — Encarou o mando, desafiador. — E amanhã é quinta—feira, não se esqueça

Por um momento o duro perfil do padre Ferro pareceu tornar—se um pouco mais doce.

— Não me esqueço — disse. De novo a lanterna desenhava o relevo da pele talhada a buril. — Mas há coisas que já não estão nas minhas mãos... Diga—me uma coisa, padre Quart: o senhor acredita na minha inocência?

— Eu, sim, acredito — disse Macarena, e suas palavras soaram como uma súplica. Mas os olhos do pároco continuavam cravados em Quart.

— Não sei — respondeu este. — Não sei mesmo. Mas no que eu acredito ou deixo de acreditar não vem ao caso. O senhor é um clérigo, um companheiro. Meu dever é ajudá—lo tanto quanto puder.

Príamo Ferro olhou para Quart de um modo singular, como não havia feito até então. Um olhar por uma vez desprovido de dureza Grato, talvez O queixo do ancião tremeu um momento, como se fosse pronunciar palavras que resistiam em seus lábios. De repente pestanejou, cerrando os dentes, tudo aquilo se apagou de imediato de seu rosto e só ficou o pequeno e rabugento pároco que passou em torno um olhar hostil, antes de fixá—lo de novo em Quart.

— O senhor não pode me ajudar — disse. — Ninguém pode... Não preciso de álibis, nem de testemunhas, porque quando eu fechei a porta da sacristia, este homem estava morto dentro do confessionário.

Quart fechou os olhos um segundo. Aquilo não deixava nenhuma saída.

— Como pode ter certeza? — perguntou, apesar de conhecer a resposta.

— Porque eu o matei.

Macarena virou—se bruscamente, contendo um gemido, e se agarrou à balastrada sobre o rio. Pencho Gavira acendeu outro cigarro. Quanto ao padre Ferro, tinha ficado de pé abotoando com dedos desajeitados a batina.

— E agora — disse a Quart — é melhor que me entregue à polícia.

A lua ia devagar pelo Guadalquivir, ao encontro da Torre dei Oro que se refletia ao longe, na corrente. Sentado na margem, com os pés pendentes a pouca distância da água, dom Ibrahim inclinava a cabeça, abatido, estancando com o lenço o sangue que gotejava do nariz. Tinha as fraldas da camisa para fora, descobrindo a grossa barriga manchada de café e graxa do barco. Caído ao lado dele, a boca para baixo como se tivessem contado até dez e não ligasse para mais nada, o Potro do Mantelete também fitava a água negra, silencioso, uma sobrelha arqueada, perdido em distantes sonhos de praças de touros e tardes de glória, de aplausos sob os refletores, na lona de um ringue. Imóvel como um lebréu cansado e fiel que esperasse seu dono.

E te dizem os madrugadores: Maria Paz o que é que esperas.

Ao pé da escada de pedra que descia até o rio, a Nina Pinales molhava a ponta do vestido entre os juncos da margem e passava—a nas águas, cantarolando baixinho uma copla Soava tranquila no rumor da água sua voz rouca de manzanilla e derrota E as luzes de Triana piscavam do outro lado, enquanto a brisa que vinha de Sanlúcar e do mar — e, contavam, da América encrespava um pouquinho o rio para aliviar as penas dos três comparsas.

Quem te fez jurar de amor já e soldado de outra bandeira.

Dom Ibrahim levou uma mão maquinalmente ao peito, depois a fez cair no colo. Tinha deixado para trás, no Vale Ouro, o relógio de dom Ernesto Hemingway, o isqueiro e Garcia Marquez, o chapéu panamá, os charutos E com os últimos farrapos de dignidade e vergonha, aqueles nunca vistos quatro milhões e meio com os quais iriam montar um tablado para a Nina. Havia feito muitos negócios ruins na vida, mas como aquele, nenhum.

Suspirou bem fundo, um par de vezes, e, apoiando—se no ombro do Potro pôs—se desajeitadamente de pé. A Nina Pinales já subia do rio, recolhendo com graça a saia úmida de bolinhas e babados, e a luz dos postes do Arenal o ex—falso bacharel contemplou com ternura o cachinho desfeito sobre a testa, os cabelos do coque desalinhados nas águas, o rimel corrido dos olhos e aquela boca murcha de que havia sumido o bato. O Potro também se levantava, com sua regata branca, e chegou até dom Ibrahim seu cheiro de suor masculino e honrado E então, dissimulada na escuridão, rolou pela bochecha do indiano — ainda chamuscada pela garrafa de Anis dei Mono — uma lágrima redonda, grossa, que ficou pendurada no seu queixo onde já começava a azular a barba daquela noite tão infausta.

Mas os três estavam a salvo, e aquilo era Sevilha. E domingo toureava Curro Romero na Maestranza. E Triana se erguia iluminada do outro lado do rio, como um refúgio, protegida pelo perfil de bronze de Juan Belmonte, qual sentinela impassível. E havia onze bares em trezentos metros, no Altozano. E a sabedoria, o tempo mutável e a pedra imutável aguardavam no fundo de garrafas de vidro preto e manzanilla loura. E em algum lugar uma guitarra impaciente era rasgada, à espera da voz que lhe entoasse uma copla. E afinal de contas, nada era tão importante. Um dia, dom Ibrahim, o Potro, a Nina, o rei da Espanha e o papa de Roma, todos eles estariam mortos.

Mas aquela cidade continuaria ali, onde sempre esteve, recendendo a flor de laranjeira e a laranjas azedas, a dama—da—noite e a jasmim na primavera. Mirando—se no rio, pelo qual haviam chegado e tinham se ido tantas coisas boas e más, tantos sonhos e tantas vidas:

Paraste o cavalo, eu lume acendi e foram dois verdes fulgores de maio teus olhos pra mim... Cantou a Nina. E como se o cantar fosse um sinal, um distante rufar de tambor ou um suspiro atrás da grade de uma janela, os três comparsas puseram —se em marcha, um ao lado do outro, sem olhar para trás. E a lua os foi seguindo silenciosamente pela água do rio, até que se afastaram entre as sombras e só ficou para trás, bem baixinho, o eco da última copla da Nina Punales.

XIV. A missa das oito

Há pessoas — entre as quais me incluo — que detestam os finais felizes.

Vladimir Nabokov (Pnin)

Atrás de seu anteparo de vidro blindado, o policial de guarda olhava com curiosidade para o traje negro e o cabeção de Lorenzo Quart. Ao cabo de um instante deixou seu posto ante os quatro monitores do circuito fechado que vigiava o lado de fora da Chefatura de Polícia e lhe trouxe uma xícara de café. Quart agradeceu, reconfortado pelo líquido quente, vendo se afastarem aquelas costas com algemas e dois pentes de bala junto da culatra da pistola. Os passos do guarda e, depois, a porta da guarita fechando —se, ressoaram no silêncio do vestíbulo, que era frio, luminoso e branco, de uma limpeza obsessiva. A luz de néon dava um tom asséptico, de hospital, ao mármore do chão e à escada com corrimão de aço inoxidável. Na parede, perto de uma porta fechada, um relógio digital marcava, vermelho sobre preto, três e meia da madrugada.

Estava ali fazia quase duas horas. Ao desembarcar do Vale Ouro, Pencho Gavira tinha ido diretamente para casa, após trocar algumas palavras com Macarena e estender a Quart uma mão que este apertou em silêncio. Estamos em paz, padre. Disse aquilo sem sorrir, fitando—o fixamente antes de girar sobre os calcanhares e se afastar, o paletó sobre os ombros, a caminho da escadaria que conduzia ao Arenal. Era impossível saber se se referia ao caso do pároco ou a Macarena. De um modo ou de outro, aquele gesto esportivo saía muito barato ao banqueiro. Atenuada sua responsabilidade no seqüestro graças à intervenção de última hora, certo de que nem Macarena nem Quart iam lhe criar problemas, inquieto apenas com a sorte de seu assistente e com o dinheiro do resgate, Gavira tivera o cuidado de não se gabar da posição em que os acontecimentos o deixavam com respeito a Nossa Senhora das Lágrimas. Após a confissão do padre Ferro, o vice—presidente do Banco Cartujano era sem dúvida o grande vencedor da noite. Difícil imaginar que alguém ainda se interpusesse em seu caminho.

Quanto a Macarena, parecia mover—se no limiar de um pesadelo. No convés do Vale Ouro, virada para o rio, Quart tinha visto seus ombros estremecerem quando ela dizia adeus, entre lágrimas, ao sonho que naufragava nas águas negras, a seus pés. Não disse mais uma palavra. Depois que levaram o pároco à Chefatura de Polícia, Quart levou—a para casa de táxi; e também então Macarena nada disse. Deixou—a sentada no pátio perto do chafariz de azulejos, às escuras, e, quando murmurou uma indecisa despedida antes de ir embora, ela fixava a torre apagada do pombal. No retângulo de céu negro, a noite continuava parecendo um telão de teatro pintado com pontinhos luminosos sobre a Casa del Postigo.

Ouviu—se o ruído de uma porta, de vozes e passos na extremidade do vestíbulo branco, e Quart manteve—se alerta, com a xícara de café ainda na mão. Mas ninguém apareceu, e ao cabo de um momento só restavam de novo o silêncio sob o néon e a imagem estática, em branco—e—preto, da rua deformada pela grande—angular nos monitores do policial. Quart se levantou dando uns passos sem rumo e, ao chegar diante do painel de vidro blindado, o guarda sorriu para ele com embaraçada simpatia. Quart compôs um sorriso similar e foi até a porta da rua. Havia outro guarda ali, com colete à prova de balas azul—escuro e uma submetralhadora a tiracolo, passeando chateado sob as grandes palmeiras da entrada. A Chefatura estava situada na parte moderna da cidade, e no cruzamento os sinais iam lentamente do vermelho ao verde, do verde ao amarelo.

Fazia esforço para não pensar. Isto é, só refletia sobre as circunstâncias técnicas do caso. A nova situação do padre Ferro, os aspectos judiciais, os relatórios que devia enviar a Roma mal amanhecesse .

E procurava que tudo o mais — sensações, incertezas, intuições não se apossasse dele, tirando—lhe a serenidade necessária em seu trabalho. Atrás do tênue limite daquilo tudo, à espreita da mais ínfima oportunidade para se apoderar do panorama, seus velhos fantasmas lutavam para se unir aos novos, com a diferença que, desta vez, o sacerdote Lorenzo Quart sentia os tambores rufarem em sua própria pele. Era fácil ficar à margem quando alguma coisa — ainda que apenas uma certa idéia de si mesmo se interpunha entre a ação e suas consequências, mas não era tão fácil assim manter o pulso firme quando se ouvia a respiração da vítima. Ou quando você a reconhecia como seu alter ego, e os conceitos de bem e de mal, justo e inconveniente, viam seus contornos se esfumarem naquela terrível certeza.

Contemplou—se um longo instante no reflexo escuro do vidro da porta Os cabelos grisalhos bem curtos de quem fora, outrora, um bom soldado. O rosto fino que reclamava uma gilete e espuma de barbear. O colarinho preto e branco que já não o podia manter a salvo de nada. Era um longo caminho para se encontrar de novo no quebra—mar batido pela chuva, com as gotas d'água caindo pela mão fria, tão desamparada como a do menino que se aferrava a ela. Como os braços que desciam da cruz de um Cristo de vidro inexistente, reduzido a um vazio silhuetado de chumbo no vitral que Gris Marsala se obstinava em recompor.

Uma porta se abriu do outro lado do vestíbulo, e o ruído de vozes chegou até Quart. Ao se virar, viu que Simeón Navajo vinha em sua direção; sua camisa vermelha garibaldina era uma pincelada de cor na asséptica brancura do vestíbulo. Devolveu então a xícara vazia ao guarda da guarita e foi ao seu encontro. O subcomissário enxugava as mãos com uma toalha de papel. Acabava de sair do toalete, e os cabelos úmidos estavam esticados para trás, recém—presos na nuca num rabicho. Tinha olheiras de cansaço em torno dos olhos e os óculos redondos escorregavam para a ponta do nariz.

— Pronto — disse, jogando a toalha numa cesta de lixo. — Acaba de assinar sua declaração.

Sustenta que matou Bonafé?

— Sim. — Navajo dava de ombros, quase se desculpando por aquilo. São coisas que passam, dizia o gesto; nem o senhor nem eu temos culpa. — E interrogado sobre as outras duas mortes, o que fizemos por puro procedimento, não as afirma nem as nega. É uma chatice, porque eram casos encerrados, e agora nos obriga a reabrir novamente a investigação...

Enfiou as mãos nos bolsos, deu uns passos na direção da porta e parou ali, olhando as luzes da rua deserta.

— A verdade — acrescentou — é que seu colega não é lá muito comunicativo. Limitou—se a responder sim ou não quase o tempo todo, ou a guardar silêncio como lhe aconselhava o advogado.

— Só isso?

— Só isso. Nem sequer quando o acareamos com a senhora, ou senhorita . ou irmã Marsala, como quer que se diga, eu o vi pestanejar.

Quart olhou para a porta.

— Ela continua lá dentro?

— Sim Está assinando as últimas declarações, com esse advogado que o senhor mandou vir dentro de um momento poderá ir para casa.

— Confirma a confissão de dom Príamo? Navajo fez uma careta.

— Ao contrário. Insiste em que não acredita nela. O pároco é incapaz de matar alguém, garante.

— E o que ele responde?

— Nada. Olha para ela e não diz nada.

A porta no extremo do vestíbulo tornou a se abrir e Arce, o advogado, veio até eles. Era um indivíduo de aspecto agradável, vestido de escuro e com a insígnia de ouro da Ordem na lapela. Fazia anos que se ocupava de assuntos jurídicos da Igreja e tinha merecida fama de especialista em todo o tipo de situações irregulares, inclusive esta. Em matéria de honorários cobrava uma fortuna.

— E ela? — perguntou Navajo.

— Acaba de assinar sua declaração — disse Arce. — E pediu dois minutinhos com o padre Ferro, para se despedir. Seus colegas não viram inconveniente, de modo que os deixei conversando um pouco. Sob vigilância, é claro.

Desconfiado, o subcomissário olhou para Quart, depois para o advogado.

— Pois já faz mais de dois minutos — sugeriu — É melhor então levá—la embora.

— Vão pôr o pároco no xadrez? — perguntou Quart.

— Esta noite dormirá na enfermaria. — Arce indicava com um gesto que deviam a deferência ao subcomissário — E amanhã o juiz decide.

Abriu—se de novo a porta, e Gris Marsala veio até eles acompanhada de um policial que trazia na mão umas folhas datilografadas. A freira tinha um ar abatido, muito cansado. Continuava com o mesmo jeans, os mesmos tênis que usava na igreja e um blusão de brim sobre a camisa pólo azul. Na luz crua e branca do vestíbulo ainda parecia mais inerte que de manhã.

— O que disse? — Quart lhe perguntou.

Ela demorou uma eternidade até se virar para o sacerdote, como se tivesse dificuldade de reconhecê—lo.

Nada. Diz que o matou, depois se cala. — As palavras saíram lentamente, inexpressivas. Meneava a

cabeça de um lado para o outro, desesperançada.

— E a senhora acredita?

Em algum lugar do edifício, abafada e distante, uma porta ressoou ao fechar. Gris Marsala fitou Quart sem responder. Seus olhos claros refletiam um desprezo infinito.

Quando o advogado Arce foi embora num táxi com a freira, Simeón Navajo pareceu relaxar, aliviado. Destesto esses caras, confiou a Quart em voz baixa. Com seus truques, seus habeas corpus e tudo o mais. São uma peste, pater e este seu é mais fechado que ostra. Depois daquele desabafo, o subcomissário correu os olhos pelas folhas que o outro policial tinha trazido, antes de passá—las ao sacerdote:

Aqui está a cópia da declaração. Isso não é muito regular, de modo que faça o favor de não exhibi—la muito por aí. Mas o senhor e eu... — Navajo deu um meio sorriso.

— Bem. Gostaria de poder ajudar mais nesse caso.

Quart fitou—o, grato: —Já ajudou.

— Não estou me referindo a isso. Quero dizer que um sacerdote detido por assassinato... — Navajo tocou o rabicho, incomodado. — O senhor me entende. Não faz ninguém se sentir satisfeito com seu trabalho.

Quart folheava as páginas fotocopiadas, escritas em linguagem oficial. Em Sevilha, em tanto de tanto, comparece dom Príamo Ferro Ordás, natural de Tormos, província de Huesca. Ao pé da última página estava a assinatura do pároco: um traço grosseiro, quase uma garatuja.

— Conte—me como ele fez. Navajo apontou para a ocorrência.

— Está tudo aí. O resto podemos deduzir de suas respostas afirmativas a nossas perguntas, ou do que se negou a responder. Ao que parece, Honorato Bonafé estava na igreja por volta das oito e meia. Provavelmente tinha entrado pela porta da sacristia. O padre Ferro foi à igreja fazer sua ronda antes de fechar, e lá estava ele.

— Chantageava todo o mundo — observou Quart.

— Talvez fosse isso. Encontro marcado ou casualidade, o caso é que o pároco diz que o matou, e ponto final. Sem maiores detalhes. Só acrescenta que depois fechou a porta da sacristia, deixando—o lá dentro.

— No confessionário? Navajo sacudiu a cabeça:

— Não se pronuncia. Mas meus homens reconstituíram o que aconteceu. Bonafé tinha subido no andaime do altar—mor, junto da imagem da Virgem. Ao que tudo indica, o pároco também subiu. —

Acompanhava o relato com sua gesticulação habitual, dois dedos caminhando para cima como se subissem no andaime, depois outros dois dedos se aproximando. — Discutiram, lutaram ou sei lá o quê. O caso é que Bonafé caiu, ou foi empurrado, de cinco metros de altura. — Navajo enlaçou dois pares de dedos um instante, depois imitou a queda de um dos contendores. — Aquela ferida na mão ele sofreu ao tentar se agarrar num parafuso do andaime. No chão, todo rebentado embora ainda vivo, arrastou—se uns metros, erguendo—se depois. — Quart seguia, quase angustiado, o lento arrastar—se dos dedos do policial. — Mas não podia andar, e o que mais próximo pôde achar foi o confessionário. Caiu então nele e ali morreu.

Os dedos que representavam Bonafé jaziam agora imóveis sobre a palma da outra mão, que fazia as vezes de confessionário improvisado. Graças à mímica de Navajo, Quart podia imaginar a cena sem esforço; e apesar disso continuavam a aturdi—lo todas e cada uma das conjunções adversativas que aprendera em criança, na escola. Mas.

Porém. Contudo. Todavia.

— Dom Príamo confirma?

Navajo fez uma cara de tédio. Teria sido bom demais. Seria pedir muito.

— Não. Apenas se cala. — Tirou os óculos para examiná—los contra a luz do néon, como se a limpeza das lentes lhe infundisse suspeitas profissionais. — Diz que foi ele que fez, e se cala.

— Esta história não tem pé nem cabeça.

O subcomissário sustentou o olhar cético de Quart sem pestanejar, num silêncio que era apenas cortês.

— Não estou de acordo — disse por fim. — Como clérigo, é possível que o senhor prefira outros indícios ou circunstâncias. Imagino que é o lado moral do fato que lhe repugna, e eu o compreendo. Mas ponha—se em meu lugar. — Pôs os óculos. — Sou um policial e minhas dúvidas são mínimas: tenho um relatório do legista e um homem, sacerdote ou não, de plena posse de suas capacidades mentais, que confessa ter matado. Como dizemos aqui: líquido branco engarrafado com uma vaca na etiqueta, só pode ser leite. Pasteurizado, desnatado ou azedo, como o senhor preferir, mas leite.

— Está bem. O senhor sabe que ele fez. Mas eu preciso saber como e por que fez.

— Bom, pater, afinal de contas isso é um problema seu. Embora a esse respeito eu possa lhe dar mais um detalhe. Lembra—se que Bonafé estava em cima do andaime do altar—mor quando o pároco o surpreendeu? Tirou do bolso da calça um saquinho de plástico com uma pequena bola nacarada dentio — .. Pois olhe só o que encontramos no cadáver.

— Parece uma pérola

— É uma pérola — confirmou Navajo. — Uma das vinte que a imagem da Virgem tem engastadas no rosto, no manto e na coroa. E Bonafé a trazia no bolso do paletó.

Quart olhava para o saquinho de plástico, desconcertado

— E daí?

— Daí que é falsa Como as outras dezenove.

Em seu escritório, rodeado de mesas desertas, o subcomissário deu a Quart o resto dos detalhes enquanto lhe servia outro café e tomava, ele, uma meia cerveja. Tinha passado a tarde e parte da noite realizando as investigações pertinentes, mas era possível estabelecer com segurança que alguém substituiu, meses atrás, as pérolas da imagem por outras vinte idênticas, de imitação. Navajo deixou um Quart confuso ler os relatórios e fax correspondentes Seu amigo, o inspetor—chefe Feijoo, trabalhara até a última hora em Madri para seguir a pista das pérolas. Ainda não estava determinado com exatidão, mas os indícios apontavam mais uma vez para Francisco Montegrifo, o marcharia madrileno que já tinha sido contato do padre Ferro na venda irregular do retábulo de Cillas, dez anos antes. E Montegrifo tinha posto em circulação as pérolas do capitão Xaloc A descrição, pelo menos, coincidia com uma partida detectada em mãos de certo receptor, um joalheiro catalão informante da polícia, especialista na lavagem de material adquirido de modo ilegal Claro, não se podia provar a presumida intermediação de Montegrifo, mas os indícios eram mais que razoáveis.

Quanto ao dinheiro obtido, a data que o informante dava coincidia com a retomada das obras na igreja, durante a qual se comprou material de construção e chegou—se a alugar a maquinaria. Fornecedores contatados pelos homens do subcomissário Navajo afirmavam que o preço do material vendido excedia as possibilidades do soldo do pároco e do tronco de esmolas da igreja.

— De modo que temos um móvel — concluiu Navajo.

— Bonafé está na pista, vai à igreja e confirma que as pérolas são falsas... Tenta chantagear o pároco, ou este nem sequer lhe dá tempo. — As mãos do subcomissário voltaram a representar a cena, desta vez sobre o tampo da mesa, com a bandeja de papéis fazendo as vezes de andaime. — Talvez o surpreenda em plena atividade e o mate. Depois fecha à chave a porta da sacristia e passa um par de horas na torre da Casa del Postigo, refletindo. Em seguida, desaparece um dia inteiro.

Depois da última frase, o policial ficou olhando para seu interlocutor, inquisitivo, animando—o a completar as lacunas do relato. Pareceu decepcionado quando Quart não disse nada.

— Por certo — prosseguiu com má vontade — o padre Ferro não quis contar nada acerca de seu desaparecimento. Estranho, não é?... — Agora deslizava um olhar dolorido por cima dos óculos. — O senhor também, pater, se me permite dizê—lo, não me ajudou muito nesse ponto.

Como que procurando consolo, aproximou—se com a cadeira da geladeirinha que tinha atrás de si, tirou outra meia garrafa de cerveja e um sanduíche de presunto embrulhado em papel de alumínio, ofereceu a Quart e pôs—se a devorá—lo com ferocidade, enquanto o sacerdote se perguntava onde o miúdo subcomissário enfiava toda aquela comida e toda aquela cerveja.

Prefiro calar a lhe mentir — disse Quart enquanto o outro mastigava. — Comprometeria pessoas que não têm nada com isso. Talvez mais tarde, quando tudo estiver terminado... Mas conte com minha palavra de sacerdote nada disso afeta diretamente o caso.

Navajo deu uma mordida no sanduíche, acompanhou—o com um gole direto da garrafa e observou

Quart pensativo:

— Segredo de confissão, não é?

— Poderíamos considerar assim.

— Bom. — Outra mordida. — Não tenho outro remédio, além de acreditar no senhor, pater. Além do mais, recebi instruções dos meus chefes no sentido, e cito literalmente, de ser especialmente discreto neste caso... Deu um meio sorriso, de boca cheia, invejando as influências profissionais de Quart. — Mas devo lhe dizer que, quando houver solucionado o imediato, tenho a intenção de me ocupar dos lados obscuros do caso, ainda que a título pessoal... Sou um policial endiabradamente curioso, se me permite a expressão. — Por um momento o olhar do subcomissário tornou-se sério atrás das lentes. — E não gosto que brinquem comigo.

Sacudiu o rabicho para demonstrar que não era de brincadeira. Depois fez uma bola com o papel de alumínio e jogou—o na cesta de lixo.

— Como quer que seja, não me esqueço de que continuo em dívida com o senhor — Ergueu um dedo de repente. Acabava de se lembrar de uma coisa. — É verdade. No hospital Rema Sofia acaba de ser internado um homem em estado lamentável. Foi encontrado debaixo da ponte de Triana, há pouco. — Agora Navajo escrutava Quart com atenção.

— É um detetive particular de baixa estofa, que segundo contam serve de guarda—costas de Pencho Gavira, o marido ou lá o que for da senhora Bruner, filha. Que noite cheia de coincidências, hem?... Imagino que também não sabe nada a esse respeito.

Quart sustentava o olhar do policial, impassível:

— Também não.

Navajo palitava os dentes com uma unha.

— Já imaginava — disse. — E não sabe quanto me alegro, porque esse indivíduo está como um Ecce Homo dois braços quebrados e a mandíbula idem. Levou meia hora para conseguir articular duas palavras, imagine só. E, quando conseguiu, foi para dizer que tinha rolado escada abaixo.

Não havia muito mais a dizer. Como Quart era o único representante eclesiástico que tinha à mão, Navajo lhe entregou alguns documentos oficiais com o molho de chaves da igreja e da casa paroquial. Também o fez assinar uma breve declaração sobre o caráter voluntário da apresentação do padre Ferro à polícia.

— Nenhum outro clérigo, além do senhor, fez ato de presença aqui. Esta tarde o arcebispo nos telefonou, mas foi para lavar as mãos com muita arte. — O policial fez uma careta. — Ah. Também para rogar que mantenhamos os jornalistas afastados do caso.

Depois jogou a meia garrafa vazia na lixeira, articulou um descomunal bocejo e consultou o relógio insinuando sua vontade de ir dormir. Quart pediu para ver pela última vez o pároco, e Navajo, após considerar o pedido por um instante, declarou que não via inconveniente, se o interessado o autorizasse. Foi tratar disso, e ao sair deixou a pérola falsa em seu saquinho de plástico em cima da mesa.

Quart ficou observando—a sem tocá—la, enquanto pensava em Honorato Bonafé com aquilo no bolso. Era grossa, sua camada brilhante estava descascada na parte que esteve colada no alvéolo da imagem. Para o assassino, fosse quem fosse — o padre Ferro, a própria igreja, qualquer dos personagens que se moviam em torno dela —, a pérola, fora do lugar em que estivera engastada adquiria o caráter de objeto mortal. Bonafé tinha ido passear, sem saber, pelo próprio fio do mistério algo que transcendia os limites policiais do caso. Não profanareis a casa de meu Pai. Não ameçai o refúgio dos que buscam consolo A partir daí, a moral convencional era inadequada para considerar os fatos. Era necessário ir mais longe, penetrar as trevas exteriores, os inóspitos caminhos por onde o pequeno e duro pároco transitava fazia anos, sustentando em seus ombros cansados o peso desolador, excessivo, de um céu desprovido de sentimentos. Disposto a dar paz, abrigo, misericórdia. Disposto a perdoar os pecados e até — como naquela noite — a carregá—los.

Não era tão grande o mistério, afinal de contas. Quart esboçou um sorriso lentíssimo e triste, com os olhos fitos na pérola falsa de Nossa Senhora das Lágrimas, enquanto tudo à sua volta punha—se a girar devagar, como na abóbada negra que cada noite o padre Ferro escrutava, em busca da mais estremecedora das certezas. E tudo se mostrou incrivelmente simples a Quart, enquanto via os elementos se encaixarem de maneira perfeita: a pérola, a igreja, aquela cidade, o ponto do espaço e do tempo em que tudo se situava. Personagens refletidos no no largo, velho e sábio, a caminho de um mar imenso, imutável; um mar que continuaria batendo praias desertas, ruínas, portos abandonados, barcos enferrujados com amarras imóveis, quando muito tempo depois todos eles tivessem ido embora.

Era tão breve o espaço, tão precário o refúgio, tão frágil o consolo, que não era difícil compreender quem desembainhava a espada de Josué para travar a batalha que a tudo dava sentido, ou quem carregava a cruz com os pecados alheios. Eram duas faces da mesma moeda o único heroísmo possível, o valor lúcido desprovido de bandeiras e de vitória. Peões solitários na extremidade do tabuleiro, esforçando—se por terminar seu jogo tom dignidade inclusive quando, sobrepujados pela derrota, tomo destatamentos de infantaria cujo fogo se extinguisse pouco a pouco num vale inundado de inimigos e de sombras. Esta é minha casa, aqui estou, aqui morro E, no centro de cada casa, um cansado rufar de tambor.

— Quando quiser, pater — anunciou Navajo, aparecendo na porta.

Era isso. Era exatamente isso, e não vinha ao caso quem tinha empurrado Honorato Bonafé do alto do andaime. Quart estendeu a mão até roçar com os dedos o invólucro da pérola. E desse modo, fixando a lagrima falsa de Nossa Senhora, o soldado perdido na ladeira da colina de Hattin reconheceu, ao longe, a voz rouca e o barulho do ferro de outro irmão que travava seu combate naquele canto do

tabuleiro. Já não havia mãos amigas que enterrassem depois em criptas heróicas, iluminadas pela luz dourada das seteiras, entre estatuas jacentes de cavaleiros, de guantes postos e leão aos pés. Agora o sol estava no zénite e as ossadas de homens e corcéis se estendiam no sopé da colina, pasto para chacais e abutres. Assim, arrastando a espada, suando sob a cota de malha, o guerreiro cansado levantou—se e seguiu Simeon Navajo pelo corredor comprido e branco. E ali, no fim deste, numa saleta com um guarda na porta, o padre Ferro estava sentado numa cadeira, sem batina, com uma calça cinzenta sob a qual apareciam seus velhos sapatos por engraxar, e uma camisa branca abotoada até a gola. Havia tido a consideração de não o algemar, mas mesmo assim parecia muito pequeno e desamparado, os hirsutos cabelos brancos cortados a tesouradas, a barba de quase dois dias entre marcas, rugas e cicatrizes. Seus olhos escuros, avermelhados nos canais lacrimais, observaram o recém—chegado, impassíveis. Então Quart foi até ele e, enquanto o subcomissário e o guarda observavam—no atônitos da porta, se ajoelhou diante do velho sacerdote.

— Padre Absolva—me porque pequei.

Eram suas desculpas, seu respeito, sua contrição; e precisava prestar testemunho público disso. Por um instante, o assombro comoveu o olhar do pároco. Ficou assim, parado, sem afastar os olhos do homem que esperava ajoelhado e imóvel diante dele. Por fim ergueu lentamente a mão e fez o sinal da cruz sobre a cabeça de Lorenzo Quart. Nos olhos do ancião havia um brilho úmido de reconhecimento; seu queixo e seus lábios tremiam enquanto pronunciava em silêncio, sem palavras, a antiga fórmula do consolo e da esperança. E com ela sorriram por fim, aliviados, todos os fantasmas e todos os amigos mortos do templário.

Deixou para trás as três palmeiras e atravessou a praça deserta, entre os sinais que passavam do verde ao vermelho e do vermelho ao amarelo. Depois foi em linha reta pela avenida em direção à ponte de San Telmo, na solidão e no silêncio perfeitos da madrugada. Viu a luz de um táxi livre em seu ponto, mas prosseguiu: necessitava caminhar Assim fez enquanto a luz dos postes esticava e encolhia sua sombra nas calçadas. À medida que ia se aproximando do Guadalquivir, a umidade ficava mais intensa, e pela primeira vez desde que estava em Sevilha sentiu frio. Levantou o colarinho do paletó. Junto da ponte, sem luzes nem turistas que a admirassem àquelas horas, a torre mourisca se fundia com a escuridão, ensimesmada em seu tempo perdido.

Atravessou a ponte. Os esguichos do chafariz da Puerta de Jerez estavam secos quando passou junto da fachada de tijolo e azulejos do hotel Alfonso XIII. Seguiu o pé da muralha dos Reales Alcázares, e no pátio de bandeiras dois garis afastaram à sua passagem o jorro da mangueira com um brilhante bico de cobre. Aspirou o ar aromatizado de laranjeiras e terra úmida a caminho do arco da Judería, e depois pelas ruas estreitas de Santa Cruz, precedido pelo eco de seus passos sob os lampiões de luz indecisa. Ignorava quanto tinha andado, mas o certo é que a caminhada levou—o muito longe, fora do tempo, a um lugar impreciso onde, na metade de um sonho, foi se encontrar de repente: uma pracinha pequena, entre casas pintadas de almagre e cal branca que iluminava a escuridão como se fosse dia. Uma praça com grades, vasos de gerânios e bancos de azulejos com cenas do Quixote. E, no fundo, entre andaimas que escoravam o decrépito campanário do seu frontão, protegido por uma Virgem sem cabeça que a escuridão mantinha semi—oculta em seu nicho, se erguia, com três séculos de idade e longa memória dos homens que sob seu teto buscaram abrigo, a igreja de Nossa Senhora das Lágrimas.

Foi sentar—se num dos bancos e ficou admirando—a dali, imóvel, durante um bom momento. As batidas iam sucedendo—se no relógio da torre vizinha, e cada vez os martinets e os pombos esvoaçavam inquietos, arrancados do sono, voltando a pousar sob os beirais dos telhados. Já não havia lua no céu. As estrelas continuavam lá em cima, pisca—piscando geladas, e perto da alvorada o frio se tornou mais intenso, atenazando as coxas e as costas do sacerdote. Tudo se tornava mais definido em seu espírito cheio de paz, e desse modo viu como a claridade que começava a se insinuar a leste crescia devagarinho, definindo cada vez mais a silhueta do campanário, que parecia escurecer em contraste com o negrume minguante atrás dele. E soaram mais batidas no relógio, e outra vez pombos e martinets encerraram sua revoada. Era o dia que se anunciava já com decisão, na claridade avermelhada que empurrava a noite para o outro lado da cidade, no perfil nítido do campanário os telhados da pi aça e as cores que firmavam seu matiz escuro de outo e terra sobre a cal branca das paredes Cantaram os galos, porque Sevilha era uma dessas cidades em que ainda havia galos para cantar para a alvorada. Então Lorenzo Quart pôs—se de pé como se retornasse de um longo sono Ou talvez continuasse nele, como teria dito alguém que observasse sua forma de caminhar até a igreja.

Sob o arco da entrada, tirou do bolso a chave e girou—a na porta, que se abriu com um rangido. Já entrava luz suficiente pelos vitrais para lhe permitir avançar com segurança entre os bancos amontoados no fundo da

nave e os dispostos de ambos os lados da passagem central, diante do altar e do retábulo, ainda envolto em sombras, junto do qual brilhava a pequena lamparina do Santíssimo. Escutando os próprios passos, foi até o centro da igreja, e ali observou o confessionário com a porta aberta, os andaimes nas paredes, as desgastadas lajes do chão e a negra boca da cripta onde repousavam os restos de Carlota Bruner. Depois se ajoelhou num dos bancos e esperou imóvel até que acabou de amanhecer. Não orava, pois não sabia diante de quem o fazer, e tampouco a antiga disciplina dos ritos profissionais lhe parecia adequada as circunstâncias. Por isso, limitou—se a esperar com a mente vazia, deixando—se embalar no consolo silencioso das velhas paredes sob o teto enegrecido pela fumaça de velas incêndios e manchás de umidade que se estendia sobre a sua cabeça, onde a claridade crescente destacava o rosto barbudo de um profeta, as asas de um anjo, uma nuvem vazia ou uma silhueta irreconhecível como um fantasma desvanecendo—se na quietude do tempo. Por fim chegou a luz do sol penetrando bem através da silhueta formada pelos filetes da armação de chumbo do Cristo desaparecido no vitral; e o retábulo tornou—se barroco arabesco de folha de ouro, louras colunas que mostravam a glória de Deus. O pé da Mãe esmagava a cabeça da serpente, É isso, supôs Quart, era a única coisa que de fato importava. Então subiu ao coro e tocou o sino. Aguardou um quarto de hora sentado no chão, sob o cabo de corda rematada em grossos nós, depois, levantando—se, fez de novo o sino soar com dois últimos toques espaçados ao terminar. Faltavam quinze minutos para a missa das oito.

Acendeu a luz do retábulo e os seis círios, três de cada lado do altar. Depois, tendo arrumado livros e galheta, foi à sacristia e lavou as mãos e o rosto, esfregando com uma toalha os cabelos úmidos. Abriu o armário e as gavetas da cômoda, arrumou no altar os objetos litúrgicos e escolheu as vestes adequadas para aquele dia do ano. Quando tudo ficou pronto, vestiu—se lentamente, na ordem e da maneira como tinha aprendido no seminário, que nenhum clérigo jamais esquece. Começou pelo amicto, o quadrado de linho branco já em desuso, que apenas os sacerdotes integristas ou muito velhos como o padre Ferro ainda utilizavam. Continuando os movimentos rituais, beijou a cruz em seu meio antes de estendê—lo por cima dos ombros e de atar suas fitas cruzadas nas costas. No armário havia três alvas — a veste branca que cobria o oficiante dos ombros aos pés —, e duas eram muito curtas para sua estatura; mas a terceira, sem dúvida utilizada pelo padre Lobato, tinha um comprimento razoável.

Vestiu—a, apertando o laço da gola, e ajustou—a na cintura com o cingulo. Pegou depois a larga faixa de seda branca chamada estola e, depois de beijar a cruz em seu meio, passou—a por cima do amicto. Em seguida, cruzando—a sobre o peito, introduziu cada ponta de um lado e prendeu—as sob o cingulo. Tomou enfim a velha casula de seda branca, com um desluzido fio de ouro bordando o anagrama de Cristo em sua parte dianteira e introduziu a cabeça pela abertura, deixando—a cair ao longo do corpo. Uma vez vestido permaneceu imóvel, as duas mãos apoiadas na cômoda, olhando para o amassado crucifixo entre os pesados candelabros de prata que tinha diante de si. Embora não tivesse dormido, sentia a mesma lucidez e a mesma paz experimentadas quando esperava sentado no banco da praça. Seu reencontro com os antigos gestos familiares, o início do ritual, fortaleciam essa sensação. Era como se a solidão tivesse deixado de contar, temperada pela exaustão de movimentos que outros homens, outras solidões vinham repetindo do mesmo modo, terminada a Ceia, durante quase dois mil anos Pouco importava se o templo estava cheio de rachaduras maltratado, se andaimes escoravam o campanário, se na abobada se desvaneciam como fantasmas antigas pinturas Se, no quadro da parede, Mana inclinava ante um anjo sua cabeça encarnada numa tela danificada, toda manchada e descascada escurecida pela oxidação do verniz Ou se na ponta do velho telescópio do padre Ferro, a milhões de anos luz, o frio pisca—pisca dos astros na as gargalhadas daquilo tudo.

Talvez aquele judeu inteligente chamado Hemrich Heine tivesse razão e o Universo não passasse do resultado do sonho de um deus ébrio que ia dormir numa estrela Mas o segredo, sob a chave que dava três voltas na porta do abismo, estava bem protegido O padre Ferro dispunha—se a ir para a cadeia por isso, e nem Quart nem ninguém tinha o direito de revelá—lo a boa gente que agora esperava lá fora, na igreja, cujo rumor — uma tosse ruído de passos, o ranger de um banco onde alguém se ajoelhava — chegava através da porta da sacristia, perto do confessionário onde Honorato Bonafe tinha morrido por tocar o véu de Tanit

Consultou o relógio. Estava na hora.

XV. Vésperas

Utilizar seu nome verdadeiro teria ido contra o Código.

Clough e Mungo (Approaching Zero)

Dois dias depois de seu regresso a Roma e da apresentação do relatório sobre Nossa Senhora das Lágrimas, Quart recebeu em sua casa da Via dei Babuino a visita de monsenhor Paolo Spada. Voltava a chover na cidade, como três semanas atrás, quando lhe deram a ordem de viajar para Sevilha. Agora Quart estava de pé diante das portas—janelas abertas para o terraço, espiando a água cair sobre os telhados, as paredes ocre das casas, o reflexo cinzento das pedras do calçamento e as escadarias da Piazza di Spagna, quando tocou a campainha da porta. Monsenhor Spada estava no umbral, maciço e quadrado sob uma gotejante gabardine preta, sacudindo com movimentos de cabeça a água de seus duros pêlos de mastim.

— Estava passando por aqui — disse. — E pensei que talvez pudesse me convidar para tomar um café.

Sem esperar resposta pendurou a gabardine num cabide e foi para a austera sala de estar, onde se sentou numa das poltronas perto do terraço. Ficou ali silencioso, vendo a chuva cair, até Quart vir da cozinha com a cafetena fumegante e um par de xícaras numa bandeja.

— O Santo Padre recebeu seu relatório.

Quart assentiu devagar enquanto servia—se um pouco de açúcar, depois esperou de pé, mexendo o café com a colherinha. Trazia as mangas da camisa arregaçadas sobre o antebraço, com a gola aberta sem a tira de celulóide branco O Mastim inclinava a pesada cabeça de gladiador, encarando—o por cima da xícara.

— Recebeu também — acrescentou — um relatório do arcebispo de Sevilha em que o senhor é mencionado.

A chuva caía mais forte lá fora, e o ricochete da água no terraço chamou um pouco a atenção dos dois homens. Quart pôs a xícara vazia na bandeja e sorriu. A expressão triste distante, que a gente traz preparada desde há muito, na certeza de que mais cedo ou mais tarde vai precisar dela.

— Sinto ter lhe causado problemas, monsenhor.

Era o velho tom de sempre. Disciplinado, respeitoso. Embora estivesse em casa permanecia sem se sentar, quase alinhando os polegares com as costuras da calça preta O diretor do IOE dirigiu lhe um olhar de afeto, depois deu de ombros.

— O senhor não causou problemas a mim — disse com suavidade — Ao contrário informou pontualmente em tempo recorde fez um trabalho difícil e tomou as decisões adequadas com respeito a apresentação do padre Ferro a polícia e a sua defesa legal — Ficou calado um momento, fitando as mãos enormes entre as quais sua xícara quase desaparecia — Tudo teria sido perfeito se tivesse se limitado a isso.

O sorriso triste de Quart acentuou se.

— Mas não me limitei.

Os olhos de cachorro velho do arcebispo, sulcados por veios marrons, fixaram longamente seu agente.

— Não se limitou. No fim decidiu tomar partido. Hesitou um instante, franzindo o cenho. — Envolver—se, suponho, é a palavra. E o fez do modo e no momento menos oportunos.

Quart encarou—o com firmeza:

— Para mim não era, monsenhor.

O arcebispo inclinou de novo a testa, benévolo.

— Tem razão, desculpe. Para o senhor era, naturalmente. Mas não para o IOE. — Deixou sua xícara junto da outra, na bandeja, e ficou observando seu interlocutor com curiosidade. — Nem para o papel imparcial que lhe foi ordenado representar ali.

— Eu sabia que era inútil — insistiu Quart. — Um símbolo, nada mais. — Ficou absorto, recordando. — ... Mas há momentos em que esse tipo de coisas tem sua importância.

— Está bem — concedeu monsenhor Spada. — Na realidade não foi de todo inútil. Segundo minhas notícias, a Nunciatura de Madri e o Arcebispado de Sevilha receberam esta manhã instruções para preservar Nossa Senhora das Lágrimas, assim como para nomear um novo pároco... — Estudou a expressão de Quart antes de lhe dedicar uma piscadela irônica e bem—humorada. — Aquelas suas considerações finais sobre o pedacinho de céu que desaparece, a pele remendada do tambor e tudo o mais surtiram seu efeito. Muito emotivo e convincente. Se soubéssemos de suas habilidades retóricas, nós as teríamos utilizado muito antes.

Dito isso o Mastim se calou. Cabe a você perguntar, dizia seu silêncio. Facilite—me um pouco as coisas.

— É uma boa notícia, monsenhor. — Quart fitava—o expectante. — Mas as boas notícias se dão por telefone... Qual é a má?

O prelado suspirou.

— A má notícia se chama Sua Eminência Jerzy Iwaszkiewicz. — Desviou um momento a vista e suspirou outra vez. — O rato escapou das garras de nosso querido irmão em Cristo e ele quer cobrar isso de algum modo... Valeu—se o mais que pôde do relatório do arcebispo de Sevilha. Segundo conclui, o senhor exorbitou suas atribuições.

Ainda por cima Iwaszkiewicz deu crédito a certas insinuações de monsenhor Corvo sobre sua

conduta pessoal... A verdade é que um e outro tornaram as coisas bem difíceis para o senhor.

— E para o senhor, Ilustríssima?

— Oh, eu... — Monsenhor Spada ergueu a mão, pondo—se fora daquilo. — Sou mais difícil de atacar, tenho dossiês, coisas assim. Gozo do relativo apoio do secretário de Estado... Na realidade me ofereceram a paz em troca de uma pequena compensação.

— Minha cabeça.

— Mais ou menos. — O arcebispo tinha se levantado para dar uns passos pela peça. Agora estava atrás de Quart, examinando um pequeno desenho pendurado em sua moldura na parede. — Trata—se de algo simbólico, entenda—o. Mais ou menos como aquela sua missa de quinta—feira passada... Tudo isso é injusto, eu sei. A vida é injusta.

Roma é injusta. Mas é o que há. São as regras de nosso jogo, e o senhor sempre soube delas.

Caminhou em torno do sacerdote até ficar de novo diante dele. Tinha as mãos cruzadas nas costas e o ar pensativo:

— Sentirei sua falta, padre Quart — disse. — Antes e depois de Sevilha, o senhor continua sendo um bom soldado. Sei que fez as coisas o melhor que pôde. Talvez durante estes anos eu tenha descarregado sobre seus ombros fantasmas demais. Espero que o daquele brasileiro, Nelson Corona, descanse agora em paz.

— Que vão fazer comigo?

Era uma pergunta neutra, objetiva, sem o menor sinal de ansiedade. Monsenhor Spada ergueu as mãos para o céu, impotente:

— Iwaszkiewicz, sempre tão piedoso, queria mandá-lo trabalhar numa obscura secretaria qualquer... — O arcebispo estalou a língua, dando a entender que outro tipo de projetos teria lhe surpreendido muito da parte de Sua Eminência. — Por sorte eu tinha algumas cartas na manga. Não vou dizer que arrisquei o pescoço pelo senhor; mas tive a precaução de munir—me de seu currículo e exibi os serviços prestados, inclusive o do Panamá e o do bispo croata que tirou de Sarajevo. De modo que no fim das contas Iwaszkiewicz se deu por satisfeito com sua mera execução formal como agente do IOE. — Os ombros quadrados voltaram a encolher—se um pouco sob o casaco do Mastim. — Com isso o polonês me come um bispo, mas a partida fica empatada.

— E qual é o veredito? — interessou—se Quart. Pensava em si mesmo longe daquilo tudo. Talvez não seja tão difícil, disse consigo. Talvez mais duro e mais frio; mas também faz frio dentro. Por um momento indagou—se se teria a coragem de abandonar tudo com uma sentença excessiva. Começar em outro lugar de corpo limpo, sem o protetor traje negro que era seu uniforme e sua única pátria. O problema, depois de Sevilha, era que havia menos lugares aonde ir.

— Meu amigo Azopardi — estava dizendo monsenhor Spada —, o secretário de Estado se oferece para nos dar uma mãozinha. Prometeu ocupar—se do senhor. A idéia é lhe conseguir um destino como

adido numa nunciatura, na América hispânica, se possível. Passado um tempo, se soprarem melhores ventos e eu continuar à frente do IOE, voltarei a reclamá-lo... — Parecia aliviado ao não observar nenhuma reação em Quart. — Considere isso um exílio temporário, ou uma missão mais longa que as outras. Resumindo: suma por uma boa temporada. Afinal de contas, embora a obra de Pedro seja eterna, os papas e suas equipes passam. Os cardeais poloneses envelhecem, se aposentam, descobrem um câncer neles... Sabe como é. — Sublinhou aquilo com um sorriso torcido. — E o senhor é jovem.

Quart tinha se aproximado da porta—janela do terraço. A chuva continuava ricocheteando nos ladrilhos, a seus pés, e era um manto cinzento deslizando pelos telhados das casas vizinhas. Aspirou o ar úmido. Os ocre das fachadas e a Piazza di Spagna reluziam na rua deserta como um óleo sob verniz fresco.

— Que notícias há do padre Ferro?

O Mastim arqueou as sobrancelhas. Isso já não é da minha alçada, dava a entender o gesto.

— Pelo que nos conta a Nunciatura de Madri — disse —, o advogado que o senhor chamou está conduzindo muito bem o caso. Crêem poder conseguir sua liberdade alegando senilidade e falta de provas; ou, no pior dos casos, uma sentença suave de acordo com as leis espanholas. Trata—se de um homem velho, afetado pela idade, e há um monte de razões capazes de inclinar os juízes a seu favor. Por enquanto está no hospital penitenciário de Sevilha, em situação razoavelmente cômoda, e é possível solicitar seu internamento numa residência de sacerdotes idosos... Tenho a impressão de que se safará, embora, com a idade que tem, não acredito que lhe importe muito.

— Não — admitiu Quart. — Não creio que importe. Monsenhor Spada tinha voltado à mesa para servir-se mais café.

— Um personagem incrível, esse pároco. Acredita que foi ele mesmo?... — Encarava Quart com a xícara outra vez na mão. — De quem não tivemos mais notícias foi de Vésperas. É uma pena que, no fim das contas, o senhor não tenha conseguido descobrir a identidade do pirata. Isso teria me permitido defendê-lo melhor diante de Iwaszkiewicz. — Fez uma pausa, sombrio, tomando um pequeno sorvo. — O polonês teria adorado morder esse osso.

Quart assentiu em silêncio. Continuava imóvel diante do janelão aberto para o terraço, vendo a chuva cair, e a luz do exterior tornava mais grisalhos seus cabelos curtos de soldado. Pequenas gotas d'água salpicavam-lhe o rosto.

— Vésperas — disse.

Aquela noite, a última, descera ao vestíbulo do hotel para encontrá-la como da primeira vez, sentada na mesma poltrona. E era apenas uma semana o tempo transcorrido desde o primeiro dia, mas parecia a Quart que estava em Sevilha havia uma eternidade. Que sempre esteve ali, como a imensa nave de pedra, pináculos e arcobotantes, encalhada a poucos metros de distância, do outro lado da praça. Como os pombos que cruzavam desorientados o espaço iluminado à noite pelos holofotes. Como Santa Cruz, o rio, a torre mourisca e a Giralda. Como Macarena Bruner, que via agora se aproximar. E quando

se levantou da poltrona, de pé no vestíbulo vazio, Quart pensou que sua presença ainda mexia com ele até a medula. Por sorte, refletiu enquanto ia a seu encontro, ela não o amava.

— Venho me despedir do senhor — disse Macarena. E agradecer—lhe.

Saíram à rua para dar um curto passeio. Era, de fato, uma despedida: frases curtas e monossílabos, lugarescomuns, palavras de cortesia próprias de perfeitos desconhecidos e nem uma só referência a eles dois. Quart não deixou de perceber a volta ao senhor. Ela mostrava a desenvoltura de sempre, mas eludia seus olhos e fixava o colarinho eclesiástico do sacerdote. Pela primeira vez viu—a intimidada. Falaram do padre Ferro, da viagem que Quart empreenderia na manhã seguinte. Da missa que ele celebrara em Nossa Senhora das Lágrimas.

— Nunca teria imaginado vê—lo ali — concluiu Macarena.

As vezes, como na noite em que passearam por Santa Cruz, o acaso de seus passos levava—os a se roçarem, e cada vez Quart experimentou a aguda certeza física do perdido: sensação de vazio, imensa e desesperada tristeza. Caminhavam agora em silêncio, pois tudo havia sido dito entre os dois e continuar falando teria exigido palavras que nenhum queria pronunciar. A luz dos lampiões empurrou as sombras dos dois para a muralha árabe e ali pararam, uma em frente da outra. Quart fitou os olhos escuros, o colar de marfim sobre a pele cor de tabaco. Não lhe guardava rancor. Tinha se deixado utilizar com plena consciência; ele era uma arma tão adequada quanto outra qualquer, e para Macarena era legítimo lutar por uma causa que acreditava justa. Quanto a Quart, o dever e o haver ainda se misturavam confusos em seus pensamentos, que a serenidade das últimas horas apenas começava a pôr em ordem. Logo só restaria o vazio da perda, devidamente atenuado pelo orgulho e a disciplina. Mas nem aquela mulher nem Sevilha poderiam se apagar um dia de seus sentidos e de sua memória.

Buscou uma frase. Uma palavra, pelo menos, para pronunciar antes que Macarena desaparecesse de sua vida para sempre. Algo que ela pudesse recordar, em consonância com a muralha centenária, os postes de ferro, a torre iluminada ao fundo e o céu onde brilhavam as estrelas geladas do padre Ferro. Mas só encontrou dentro de si o mais absoluto nada. Um cansaço longo, objetivo, resignado, inexprimível de outro modo que não fosse um olhar ou um sorriso. Assim, sorriu um pouco na penumbra, diante dos olhos de mulher onde vira uma vez refletirem—se duas belas luas gêmeas num jardim. E pela primeira vez ela olhou fixamente para o rosto dele, os lábios entreabertos como se rondasse neles uma palavra que ele também não era capaz de dizer. Então Quart girou nos calcanhares e se afastou, sentindo os olhos da mulher fixos em suas costas. E enquanto o fazia pensou estupidamente que, se naquele momento ela gritasse te amo, arrancaria o pescocinho, voltando para pegá—la nos braços, como os oficiais que arruinavam sua carreira nos braços de mulheres fatais, nos velhos filmes preto—e—branco, ou como aqueles outros homens ingênuos — Sansão, Holofernes — do Velho Testamento. A idéia fez que ele dirigisse a si mesmo uma careta zombeteira. Sabia — sempre soubera — que Macarena Bruner nunca voltaria a dizer aquelas palavras a nenhum homem.

— Espere! — disse ela, inesperadamente. — Quero lhe mostrar uma coisa.

Quart deteve—se. Não era a fórmula mágica, mas bastava para se virar e poder fitá—la de novo. E, ao fazê—lo, viu que continuava no mesmo lugar, junto da sombra que projetava na muralha. Parecia ter refletido muito antes de se decidir a chamá—lo. Jogava para trás os cabelos com um movimento enérgico da cabeça, em gesto desafiador mais dirigido a si mesma do que ao próprio Quart.

— O senhor venceu — acrescentou. Sorria.

A Casa del Postigo estava em silêncio. O relógio inglês da galeria bateu doze vezes quando cruzaram o pátio do chafariz de azulejos, entre gerânios e samambaias.

Todas as luzes estavam apagadas, e a lua despontando sobre os arcos mudéjares fazia suas sombras deslizarem pelo mosaico do chão, que brilhava com a água dos vasos recém—regados. No jardim próximo cantavam os grilos, ao pé da torre escura do pombal.

Macarena conduziu Quart através da galeria decorada com o contador e tapetes, e, depois de passarem por um pequeno salão, precedeu—o por uma escada de degraus de madeira e corrimão de ferro, em cujos cantos havia reluzentes bolas de bronze. Chegaram assim ao andar de cima, à galeria envidraçada que circundava o pátio. No fundo havia uma porta fechada, e se dirigiram a ela. Antes de abri—la, Macarena parou e encarou gravemente Quart.

— Nunca — sussurrou — ninguém deve saber.

Em seguida pôs um dedo nos lábios, abriu a porta silenciosamente, e chegaram até eles as notas de A flauta mágica. O aposento compunha—se de dois cômodos, e no primeiro, sem luzes, havia móveis cobertos por capas de pano branco e uma janela por cujas cortinas penetrava o luar. A música vinha do fundo. Lá, atrás de uma porta envidraçada de correr, aberta de par em par, a luz de um abajur articulado iluminava uma mesa com um complicado PC, dois monitores Sony de alta definição, impressora laser e conexão com uma linha telefônica. E diante do computador, com o leque de Romero de Torres e duas garrafas vazias de coca—cola sobre uma pilha de exemplares da revista Wired, atenta à tela em que piscavam letras e ícones, absorta na fuga que cada noite a libertava daquela casa, de Sevilha, dela mesma e de seu passado, Vésperas viajava silenciosamente através do ciberespaço infinito.

Nem sequer denotou surpresa. Digitava cuidadosamente, com os olhos fixos num dos monitores. Quart observou que o fazia com extrema atenção, como se temesse apertar a tecla errada e isso comprometesse uma coisa importante. Deu uma olhada na tela cheia de números e signos, cujo sentido lhe escapava por completo, mas o pirata informático parecia mover—se a vontade por tudo aquilo. Vestia uma bata de seda escura e chinelos, e trazia ao pescoço um belo colar de pérolas. Desconcertado, Quart fitou Macarena, depois sacudiu a cabeça esperando que tudo fosse uma grande peça que ela e a mãe pretendiam pregar—lhe. Mas de repente os signos mudaram na tela, aparecendo outros novos, e os olhos de Cruz Bruner, duquesa de Nuevo Extremo, brilharam intensamente.

— Aí está — ouviu—a dizer. Com inesperada agilidade, as mãos da velha dama percorreram o teclado, assumindo o controle da tela. Uma chave de código e alguns signos deram lugar a outros, e ao cabo de uns instantes apertou a tecla enter e jogou um pouco para trás a cabeça, com o ar satisfeito de quem culmina um longo esforço. Seus lábios murchos se distenderam. Os olhos, avermelhados de cansaço pela tela do computador, cintilavam de malícia quando por fim olhou para a filha e para o sacerdote.

— O dia do Senhor vem como ladrão de noite — citou, dirigindo—se a Quart — Não é verdade, padre? Primeira aos tessalonicenses, creio Cinco, dois.

Apesar da idade, dos olhos cansados e do avançado da hora, parecia mais inteligente e desperta do que nunca. Sua filha tinha posto a mão em seu ombro e observava Quart. A anciã inclinou para ela sua cabeça branca, reflexos violetas sob a luz da lâmpada — Se tivesse imaginado uma visita a estas horas, teria me arrumado um pouco — Tocava o colar de pérolas, em tom de suave censura — Mas como foi Macarena que o trouxe aqui, fez bem — Levantou a mão para apertar a da filha — Agora já conhece meu

segredo.

Quart estava longe de dar crédito a tudo aquilo.

Olhou para as garrafas de refrigerante vazias, as pilhas de revistas especializadas em inglês e castelhano, os manuais técnicos que enchiam as gavetas da mesa, as caixas de disquetes. Cruz e Macarena Bruner espreitavam suas reações, uma divertida, a outra grave. Rendendo—se ante a evidência, arredondou os lábios como se fosse dar um assobio, mas não o fez. Daquela mesa, uma septuagenária tinha posto o Vaticano em xeque.

— Como conseguiu? — perguntou. — É inacreditável.

— Não é necessário que ninguém acredite — disse Cruz Bruner. — Nem é conveniente. Nem provável.

A velha dama afastou a mão que apoiava na da filha para deslizá—la sobre o teclado do computador. Um piano, talvez, disse Quart consigo mesmo. As antigas duquesas se limitavam a tocar piano a vida toda, a fazer bordados e renda de bilro, ou a balançar—se nas águas mortas do tempo, não a se converter de noite em piratas informáticos à maneira de doutor Jekyll e mister Hyde. Aquilo era um pesadelo, e tanto fazia que Macarena contasse de antemão com seu silêncio. A duquesa tinha razão: ninguém acreditaria em Quart, se ele contasse.

— Estou falando da senhora — protestou. — Estou falando de tudo isso. Nunca pensei...

— Que uma velha possa mover—se com facilidade através disso tudo?... — Levantou um pouco a cabeça, com o olhar ausente, refletindo sobre o assunto. — Bem. Não é comum, admito. Mas sabe como é. Um dia você se aproxima, por curiosidade. Aperta uma tecla e descobre que acontecem coisas na tela. E que você pode viajar a lugares incríveis e fazer coisas que nunca sonhou fazer... — Os lábios apergaminhados arredondaram—se em outro sorriso, que rejuvenesceu seu rosto. — É mais divertido do que bordar ou assistir a novelas venezuelanas na televisão.

— Há quanto tempo faz isso?

— Oh, não muito. Três, quatro anos. — Voltava—se para a filha, pedindo—lhe que a ajudasse a se lembrar. — Sempre fui uma mulher curiosa, incapaz de passar diante de duas linhas impressas sem parar para lê—las... Um dia Macarena comprou um computador para seu trabalho. Quando saía, eu me sentava diante dele, impressionada. Havia um jogo, uma espécie de bolinha de pingue—pongue, e com ela aprendi a manejar o teclado. Tenho dificuldades para dormir, de modo que acabei passando muitas horas diante do computador... Creio que me viciiei.

— Na sua idade — disse Macarena docemente.

— Pois é. — A anciã encarava Quart, como se o animasse a expressar sua reprovação. — Mas é assim. Eu sentia tamanha curiosidade que comecei a ler tudo o que se relacionava com a informática. Falo inglês desde que o aprendi, menina, no colégio das freiras irlandesas, de modo que acabei me inscrevendo em cursos por correspondência e assinando revistas especializadas. — Emitiu um breve riso tapando a boca com a mão, quase escandalizada consigo mesma. — ... Por sorte, embora minha saúde deixe a desejar, minha cabeça continua boa. Em pouco tempo tornei—me uma perita... E garanto que, na

minha idade, isso é divertidíssimo.

— Também se apaixonou — disse Macarena.

Agora mãe e filha riram juntas. Quart se perguntou se as duas não estariam ruins da cabeça; aquilo parecia uma monumental gozação. Ou talvez outra razão, a sua, é que estivesse começando a fraquejar. Esta cidade me subiu à cabeça, pensou atropeladamente. É bom cair fora dela enquanto é tempo.

— Ela exagera — explicava Cruz Bruner. — O que aconteceu foi que consegui o equipamento apropriado e pouco a pouco comecei a sair. E, é verdade, me apaixonei, ciberneticamente falando. Certa noite entrei por acaso no computador de um jovem hacker de dezesseis anos... O senhor deveria olhar— se num espelho, padre. Está com a cara mais estupefata que já vi na minha vida.

— Não está esperando que ache isso tudo normal.

— Não. Suponho que não.

A anciã aproximou a mão do monte de revistas técnicas que mantinha em cima da mesa e passou o polegar pelas folhas de algumas. Depois apontou para o modem conectado à linha telefônica.

Imagine o que descobrir esse mundo significou para uma anciã de quase setenta anos... Meu amigo respondia pelo nick, apelido no jargão da informática, de Mad Mike mas às vezes também agia sob o nome de Visconde Valmont. E pela mão do meu visconde, cuja voz e cujo rosto desconheci sempre, comecei a percorrer os meandros deste mundo fascinante... Seu computador tinha uma BBS pirata, de modo que entrei em contato com outros entusiastas da alta tecnologia, com frequência rapazes que passam horas sozinhos em seus quartos, manipulando computadores alheios.

Disse aquilo com uma expressão de orgulho, como se se referisse ao clube mais fechado. O desconcerto devia refletir—se outra vez no rosto de Quart, porque Macarena sorriu de novo:

— Explique para ele o que é uma BBS pirata — disse à mãe.

— Uma espécie de painel de anúncios. — A velha dama pôs a mão sobre o teclado: — um computador com um software especializado, em conexão com um modem telefônico.

Se você o acessa, significa que chegou a certo nível na clandestinidade informática. Quando liga pela primeira vez, o que fazem é pedir o nome real do usuário e o número de telefone, e os incautos que respondem com seus dados autênticos não são aceitos... O truque consiste em introduzir um apelido e um número de telefone falsos; uma certa dose de paranóia é o melhor aval para um hacker.

— Qual é seu apelido real?

— Quer saber mesmo?... É contra as normas, mas vou lhe dizer, já que esta noite, graças a Macarena, o senhor chegou tão longe. — Ergueu a cabeça, orgulhosa e irônica.

— Rainha do Sul, é este o meu nick.

Alguma coisa pôs—se a piscar na tela, e a duquesa se interrompeu para apertar algumas teclas. Um longo texto, de apertada letra pequena, se alinhava no monitor.

Cruz Bruner olhou para a filha sem dizer nada, depois continuou falando com Quart:

— O caso — disse — é que, depois das BBS telefônicas, comecei a acesar os Sites clandestinos escondidos na Internet... Se a BBS é um painel de anúncios o Site é como uma taberna de piratas. Lá você faz amigos, se diverte e troca macetes, jogos, vírus, informações úteis, coisas assim. Pouco a pouco aprendi a navegar por todas as redes, viajar para o estrangeiro, camuflar entradas e saídas, penetrar em sistemas protegidos... Nunca fui tão feliz como no dia em que entrei na Prefeitura de Sevilha para manipular meus recibos de imposto predial.

— O que é um delito — censurou sua filha, e era evidente que não pela primeira vez. — Quando soube disso, fui correndo às repartições municipais. Tinha quitado todos os pagamentos até o ano 2005!... Tive de dizer que se tratava de um erro.

— Talvez sejam delitos — admitiu a anciã. — Mas quando você está aqui sentada, não parecem ser. Nada parece. — Sorriu a Quart com uma combinação de inocência e malícia.

— E isso é que é maravilhoso.

Falar daquilo tudo a rejuvenescia. O sorriso refrescava seus lábios e a umidade avermelhada dos olhos faiscava, maliciosa.

— Agora — prosseguiu —, além de meu visconde favorito, mantenho contato habitual com vários Sites e BBS de alto nível, e com uns vinte hackers, que na maioria não têm mais de vinte anos... Não sei seus nomes reais, nem seu sexo; só conheço os apelidos. Mas temos apaixonantes encontros cibernéticos em lugares como as Galeries Lafayette de Paris, o Imperial War Museum ou as sucursais da Confederação Bancária Russa... Que por certo são tão vulneráveis, que até uma criança poderia manipular suas contas nelas. Costumam ser usadas como pista de provas para os piratas novatos.

Então era ela. Vésperas em pessoa. Quart imaginou—a, por fim, sem esforço, debruçada noite após noite sobre o computador, viajando em silêncio pelo espaço eletrônico, encontrando—se em seu caminho com outros navegantes solitários. Encontros inesperados, fugazes, intercâmbios de informação e de sonhos, a excitação de violar segredos e transgredir os limites do proibido: uma confraria secreta em que passado e presente, o tempo, o espaço, a memória, a solidão, o triunfo ou o fracasso perdiam seu sentido tradicional para compor um espaço virtual em que tudo era possível e nada estava sujeito a limites concretos, a norma invioláveis. Uma formidável rota de escape cheia de possibilidades infinitas. A seu modo, também Cruz Bruner se vingava da Sevilha encarnada no homem bem—apessoado retratado no vestíbulo, junto da menina loura pintada por Zuloaga.

— Como conseguiu entrar no Vaticano?

— Por acaso. Um contato romano, Deus ex Machina, que suspeito seja um seminarista ou um jovem sacerdote, tinha estado passeando pelo sistema de forma periférica, por simples diversão. Simpatizamos e me deu um par de boas pistas. Faz disso uns seis ou sete meses, quando aqui se colocava com maior

gravidade o problema de Nossa Senhora das Lágrimas... Nem o Arcebispado de Sevilha nem a Nunciatura de Madri faziam caso do padre Ferro, e me ocorreu que era uma boa forma de se fazer ouvir em Roma.

— Consultou o padre Ferro?

— De maneira nenhuma. Nem mesmo minha filha, que só ficou sabendo muito mais tarde, quando se conheceu a existência de quem vocês batizaram de Vésperas... — Ao pronunciar o nome, a velha dama o fez com evidente satisfação, e Quart se perguntou que cara fariam Sua Eminência Jerzy Iwaszkiewicz e monsenhor Paolo Spada se estivessem escutando aquilo. — A princípio, minha idéia era deixar simplesmente uma mensagem no sistema central do Vaticano, esperando que caísse em boas mãos. A idéia de manipular o

computador do Papa me veio mais tarde, à medida que eu ia me aprofundando no sistema. Encontrei um arquivo inesperado, INMAVAT, muito protegido, e compreendi que guardava algo interessante. Então, fiz umas tentativas de entrada, recorri aos macetes de meus amigos mais entendidos, e uma bela noite consegui entrar... Durante uma semana visitei o INMAVAT, até que compreendi do que se tratava. Então, depois de localizar o que queria, alinhei minhas forças e lancei o assalto. O resto o senhor já conhece.

— Quem me mandou o postal?

— Oh, isso. Fui eu, naturalmente. Já que estava aqui, me pareceu uma boa idéia que começasse a ver o outro lado do problema. De modo que subi ao pombal e procurei uma coisa apropriada no baú de Carlota. O recurso foi um pouco rocambolesco, mas surtiu efeito.

Muito a contragosto, Quart pôs—se a rir.

— E como entrou no meu quarto?

A velha dama parecia escandalizada.

— Céus, não fui eu que o levou pessoalmente. O senhor me imagina na ponta dos pés pelos corredores do seu hotel?... Resolvi a coisa de maneira mais prosaica. Minha empregada deu uma propina à camareira. Virou—se um pouco para a filha. — Quando o senhor lhe mostrou o postal, ela soube na hora que tinha sido eu. Mas teve a delicadeza de não brigar muito comigo.

Quart leu a confirmação nos olhos de Macarena. Não é que precisasse que alguém confirmasse o que quer que fosse tudo era, afinal, de uma veracidade esmagadora. Olhou para a tela do computador:

— Conte—me de que se ocupa agora.

— Oh, isto. — Cruz Bruner seguiu a direção dos olhos do sacerdote. — Poderíamos chamar de um derradeiro ajuste de contas... Mas não se alarme. Não tem nada a ver com Roma, desta vez. É algo mais próximo. Mais pessoal.

Quart deu uma olhada. S&B Confidencial, pôde ler. Resumo investigação interna B.C. assunto P.T. e outros. Os nomes do Banco Cartujano e de Pencho Gavira figuravam no texto.

... Como argúcias dessa ocultação podemos assinalar: a busca frenética de novos e onerosos recursos, a contabilidade falsa com transgressão das normas bancarias e um risco qualificável de temerário que, sem a materialização da esperada venda de Puerto Targa a Sun Qafer Alley (anunciada em cerca de 180 milhões de dólares), pode produzir um descalabro de gravíssimas conseqüências para o Banco Cartujano, assim como um escândalo público que comprometa consideravelmente seu prestígio social entre os pequenos acionistas de caráter conservador que constituem seu corpo acionário.

Quanto às irregularidades diretamente atribuíveis à atual vice—presidência, a investigação detectou...

Olhou para Macarena e depois para a duquesa. Aquilo era um canhonaço na linha de flutuação do ex—marido. Por um momento lembrou—se do financista na noite anterior, no cais: a breve corrente de simpatia estabelecida entre ambos quando se dispunham a libertar o pároco.

— Que pensam fazer com isso?

Não é problema meu, dizia a expressão de Macarena. Meus ajustes de contas são coisa mais pessoal. Foi Cruz Bruner que desfez a incógnita:

— Disponho—me a equilibrar um pouco a situação. Todos fizeram muito por essa igreja. O senhor mesmo, com a missa de ontem, nos concedeu uma semana a mais de tempo... — Observou o sacerdote e, depois, sua filha. — Suponho que por isso ela acreditou que merecesse vir aqui esta noite.

— Ele não dirá nada — comentou Macarena, muito séria, olhos fixos em Quart.

— Não dirá?... Que bom. — Ficou olhando para a filha com súbita atenção, o cenho franzido, antes de dirigir outra olhada a Quart. — ... Embora aconteça comigo o mesmo que com o padre Ferro: na minha idade as coisas deixam de ter importância, e podemos nos aventurar sem temer as conseqüências. — Acariciou distraidamente o teclado do computador. — Agora, por exemplo, vou fazer justiça. Sei que não é um sentimento muito cristão, padre Quart. — Havia uma nova cadência em sua voz, cujo tom estava mais duro. Uma determinação que a ele pareceu subitamente perigosa. — Depois disso terei de me confessar, imagino. Estou a ponto de pecar contra a caridade.

— Mamãe.

— Deixe—me em paz, filha, por favor. — Dirigia—se a Quart como se esperasse dele mais compreensão do que de Macarena, mostrando—lhe o texto na tela. — Isso é o relatório de uma auditoria interna do Banco Cartujano, que põe a descoberto os problemas de Pencho e toda a sua montagem com Nossa Senhora das Lágrimas. Torná—lo público prejudicará um pouco o banco e muito a meu genro. Suponho que muitíssimo. — Um pequeno sorriso suavizou sua boca. — Não sei se Octávio Machuca vai

um dia me perdoar por isso.

— Pensa contar para ele? — perguntou Macarena.

— Naturalmente. Não vou atirar a pedra e esconder a mão. Mas ele viveu o suficiente para compreender... Além do mais, não faz o menor caso do banco. Com a idade se tornou um irresponsável.

— De onde tirou este relatório? — perguntou Quart.

Do computador do meu genro. Sua chave de segurança não é difícil. — Sacudiu a cabeça, mostrando um pesar que parecia sincero. — ... Sinto muito, de verdade, porque Pencho sempre me foi simpático. Mas é a igreja ou ele. Cada mastro deve agüentar sua vela.

Uma lâmpada—piloto piscava no aparelho de conexão com a linha telefônica, e Quart se interessou por aquilo. Cruz Bruner fitou um instante a luzinha e, depois, ao se virar para o sacerdote, todas as gerações de duques de Nuevo Extremo que descansavam em seu sangue se ergueram nela:

— É o fax — disse, com os olhos faiscando. E seus lábios apergaminhados se distenderam numa careta que Quart nunca vira antes nela: despeitosa e cruel. — Estou transmitindo o relatório a todos os jornais de Sevilha.

De pé a seu lado, o rosto na penumbra, Macarena tinha recuado e olhava o vazio. As lentas batidas do relógio inglês soaram no andar de baixo, entre os quadros de verniz escuro que montavam guarda secular nas sombras da Casa del Postigo. Toda a vida possível naquelas paredes mortas parecia refugiar—se sob a luz do abajur articulado que iluminava o teclado do computador e as mãos ossudas da anciã. E Quart teve certeza de que, nesse mesmo instante, o fantasma de Carlota Bruner sorria na torre do jardim, e as velas brancas de uma goleta deslizavam rio acima, impulsionadas pela brisa que cada noite subia do mar.

Cruz Bruner de Lebrija, duquesa de Nuevo Extremo, faleceu no começo do inverno, quando Lorenzo Quart estava havia cinco meses como terceiro secretário na Nunciatura Apostólica de Santa Fe de Bogotá. Ficou sabendo do fato por umas linhas na edição internacional do jornal ABC, acompanhadas de vim necrológico com uma longa relação nobiliária da falecida e o pedido de sua filha, Macarena Bruner, herdeira do título, para que se dissessem orações por sua alma. Poucas semanas mais tarde chegou um envelope com carimbo de Sevilha, contendo apenas um pequeno aviso de falecimento com bordas negras, repetindo mais ou menos o texto do necrológico.

Não o acompanhava nenhuma carta, mas sim o postal de Nossa Senhora das Lágrimas dirigido por Carlota Bruner ao capitão Xaloc, que Quart encontrara no seu quarto de hotel.

Com o tempo, o acaso foi trazendo mais detalhes sobre os diversos finais da história. Uma carta do padre Óscar Lobato, que seguira um complicado itinerário de um povoadozinho de Almería até Roma, sendo de lá reexpedida para Bogotá trouxe — com algumas considerações de caráter geral e retificações do conceito que Quart tivera do jovem vigário — a notícia de que Nossa Senhora das Lágrimas continuava aberta ao culto e funcionando como paróquia. Com relação a Pencho Gavira, a única coisa que Quart soube dele foi uma breve menção nas páginas econômicas da edição americana de El País onde se noticiava a aposentadoria de dom Octávio Machuca da direção do Banco Cartujano de Sevilha e a nomeação de um desconhecido como presidente do conselho de administração. A nota também registrava a demissão de Pencho Gavira e sua renúncia a todos os poderes executivos como vice—

presidente e diretor—geral do banco.

Quanto ao padre Ferro, Quart foi recebendo esporádicas notícias sobre sua estada no hospital penitenciário, o julgamento que o declarou responsável de homicídio em grau involuntário e seu posterior confinamento numa residência vigiada da diocese sevilhana destinada a sacerdotes idosos. Ali continuava, em precário estado de saúde, no final do inverno em que Vésperas morreu; e, segundo a cortês e breve carta que o diretor do centro enviou como resposta a Quart quando este pediu notícias do velho pároco, era pouco provável que vivesse até a primavera. Passava os dias em seu quarto sem se relacionar com ninguém; e, de noite, fazendo bom tempo, saía ao jardim acompanhado de um guarda para sentar—se num banco e contemplar o silêncio das estrelas.

Do resto dos personagens cujas vidas tinham se cruzado com a de Quart durante as duas semanas que passou em Sevilha, nunca soube nada mais. Desfizeram—se pouco a pouco em sua memória, unindo—se aos fantasmas de Carlota Bruner* e do capitão Xaloc, que com frequência acompanhavam seus longos passeios ao entardecer pelo bairro colonial da velha Santa Fé. Desapareceram todos, menos um, e inclusive a visão deste foi fugaz, incerta, dela nunca esteve seguro por completo. Ocorreu muito mais tarde, quando Quart, recém—transferido para outra secretaria ainda mais obscura, em Cartagena de índias, folheava um jornal local que noticiava a insurreição camponesa no estado mexicano de Chiapas. A reportagem escrita mostrava a vida num povoadozinho anônimo da zona rural sob controle da guerrilha, e na escola local um grupo de rapazes tinha sido fotografado junto da professora. A foto era confusa e, ao observá—la com uma lente de aumento, Quart não conseguiu estabelecer grande coisa, salvo a semelhança: a mulher usava jeans, tinha os cabelos grisalhos presos numa curta trança e apoiava as mãos nos ombros de seus alunos, olhando para a câmara com olhos claros e frios, desafiadores. Olhos idênticos aos que Honorato Bonafé tinha visto pela última vez, antes de cair fulminado pela ira de Deus.

La Navata, novembro de 1995



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

